PUBLICAÇÕES INTERAMERICANAS
Pacific Press Publishing Association
Mountain View, Califórnia
EE. UU. do N.A.

VERSÃO ESPANHOLA
Tradutor Chefe: Victor E. AMPUERO MATTA
Tradutora Associada: NANCY W. DO VYHMEISTER
Redatores: Sergio V. COLLINS
Fernando CHAIJ
TULIO N. PEVERINI
LEÃO GAMBETTA
Juan J. SUÁREZ
Reeditado por: Ministério JesusVoltara
http://www.jesusvoltara.com.br

Igreja Adventista dou Sétimo Dia

Os FATOS dos APÓSTOLOS

INTRODUÇÃO

1.

Título.

Da antigüidade, este livro foi conhecido com o nome de Los Fatos de os Apóstolos, embora o título não aparece no livro mesmo.

Na cópia mais antiga que temos (embora incompleta) deste livro, conhecida como Papiro 45 (ver T. V, P. 117), e no Códice Sinaítico, lhe dá simplesmente o título de "Feitos", sem mencionar aos apóstolos. Isto é razoável, pois o livro não é uma história completa de todos esses homens. Uns poucos capítulos descrevem a obra do Pedro e Juan, enquanto que o resto de livro registra a conversão e o ministério do Pablo até o momento de seu primeiro encarceramento em Roma. portanto, o livro não abrange a obra completa de nenhum dos apóstolos. Pelo contrário, guarda silêncio em quanto a quase todos eles. Dos doze, só Pedro, Santiago e Juan Jogam papéis importantes no livro; mas grande parte da narração está dedicada ao Pablo, que embora foi apóstolo não pertenceu aos discípulos originais. Por isso o título "Feitos" seria mais que suficiente.

A partir do século II começaram a aparecer muitas lendas afirmando que relatavam a vida e as vicissitudes dos apóstolos (os Atos do Juan, Pedro, Pablo, Tomam e Andrés estão entre os mais importantes; cf. Eusebio, História eclesiástica III. 25. 4-7). Estes escritos também levavam o nome de "Feitos", e possivelmente para distinguir ao livro canônico de Feitos destes apócrifos, adicionou-se ao título a palavra "apóstolos", ficando como "Feitos de todos os apóstolos" ou "Feitos dos apóstolos".

2.

Autor.

A introdução do livro de Feitos (cap.1: 1-14) põe de manifesto que o Evangelho do Lucas e o livro de Feitos foram escritos pelo mesmo autor. Um estudo detalhado da questão do autor do Lucas e Feitos aparece no T. V, pp. 170-173, 649-65 L.

A igreja primitiva nunca pôs em dúvida a canonicidad do livro, e muito em breve assegurou-se um lugar entre os escritos do NT.

3.

Marco histórico.

O Império Romano estava em seu apogeu. Augusto tinha colocado um firme fundamento administrativo sobre o qual seus melhores sucessores puderam construir, e os piores não puderam demolir. Continuavam os benefícios que a civilização romana contribuía aos habitantes do império, mesmo que o governante fora débil ou tirânico, ou ambas as coisas. Os imperadores, durante o período118 abrangido pelo livro de Feitos, C. 31-63 d. C., foram: Tiberio (14-37), Calígula (37-41), Claudio (41-54) e Nerón (54-68). Tiberio e Claudio esforçaram-se pelo bem de seus vastos territórios; em troca, Calígula e Nerón, o pouco que fizeram, fu para mau. Mas, apesar destas variações no governo se mantiveram em e império as condições favoráveis para a propagação do Evangelho. Os fatores que ajudaram na tarefa dos apóstolos foram: um governo relativamente estável, um sistema administrativo comum, a justiça romana, uma cidadania que cada vez se outorgava com mais facilidade, a paz preservada por legiões bem disciplinadas os caminhos que chegavam até cada rincão do mundo então conhecido, e seu idioma -o grego- que se entendia quase em todas partes.

Ao princípio a nova religião aproveitou sua vinculação com o judaísmo. A raça escolhida tinha sido dispersada em muitos lugares do império, e seus crenças básicas com o tempo foram toleradas pelos romanos. O cristianismo, como um desprendimento da fé mais antiga, compartilhou esta tolerância; mas depois o judaísmo caiu em desgraça. Os judeus foram expulsos de Roma durante o reinado do Claudio (Hech. 18: 2), e as veementes aspirações nacionais disso ocasionaram a rebelião na Palestina e as desastrosas guerras dos anos 66-70 d. C., que culminaram com a destruição de Jerusalém no ano 70 d. C. Quando pioro a situação do judaísmo, a posição do cristianismo se fez mais perigosa. Era uma religião não reconhecida legalmente, e seus membros não estavam amparados pela lei. Quando surgiam dificuldades, como quando Roma foi incendiada no ano 64 d. C., foi fácil lhe jogar a culpa à comunidade cristã; e a perseguição que sobreveio estabeleceu um terrível precedente que se seguiu Fielmente nos anos sucessivos.

Esta situação serve como cortina de fundo ao Lucas ao preparar sua história da igreja primitiva E ao escrever os Fatos dos Apóstolos. Um estudo mais detalhado do trasfondo histórico do NT aparece no T. V, pp. 48-74, 650-651, e no T. VI, pp. 24-35, 73-86, 91-97.

4.

Tema.

Lucas declara (Hech. 1: 1) que no "primeiro tratado" tinha relatado todas as coisas que Jesus começou a fazer e a enseñhar". Com clara visão histórica reconheceu que a obra do Jesus na terra era só um começo, o qual havia relatado em seu Evangelho. Mas sabia que sua história estaria incompleta se se

omitia a narração do que Jesus fez por meio de sua igreja nascente depois de sua ascensão. portanto, propôs-se descrever a continuação de a obra de Cristo mediante o ministério de seus discípulos. A partir da ordem registrada em Feitos 1: 8, descreve em forma ordenada os fatos dos apóstolos. Em obediência ao mandato de seu Professor, os discípulos deram testemunho (1.) em Jerusalém, (2) em toda Judea, (3) na Samaria, e (4) até o último da terra. Na descrição das atividades dos apóstolos feita pelo Lucas, em forma natural surgem estas divisões, e dessa maneira o livro registra o crescimento geográfico da igreja primitiva.

Também registra outro elemento de importância. Em seus começos, a igreja era judia, mas nunca teria podido cumprir sua missão mundial se houvesse permanecido dentro dos limites de uma religião exclusivista como o judaísmo. Precisava liberar-se desse exclusivismo. Lucas esboça os passos que levaram a essa liberação. Sua narração descreve o crescimento do cristianismo que começou sendo uma seita judia, e se converteu em uma religião internacional, até que Pablo pôde dizer que o Evangelho se pregava "em toda a criação que está debaixo do céu" (Couve. 1: 23). Lucas relata que milhares de judeus, entre eles sacerdotes, muito em breve aceitaram o Evangelho (Hech. 6: 7), e que as perseguições logo induziram ao Felipe a evangelizar a os samaritanos e ao etíope que conhecia algo do judaísmo (cap. 8). Narra como Pedro chegou até o Cornelio, o centurião romano (cap. 10). Destaca como uns homens 119 do Cirene e Chipre pregaram pela primeira vez aos que não eram judeus (cap. 11); como, uma vez abertas as portas, Pablo e seus colaboradores evangelizaram a grande número de pagãos (cap. 13-14); e como, com a ajuda de Pedro e Santiago, foi possível conseguir que os conversos gentis fossem liberados da sujeição ao ritual judeu (cap. 15). Seu relato termina com um vívido quadro da propagação do Evangelho por todo mundo romano oriental (cap. 16 a 28). Lucas vê como o cristianismo chega a ser, em grande medida, uma religião de gentis.

Lucas estava muito bem dotado para ser o historiador desse movimento. Se acredita que era gentil. Mostrou um profundo interesse pelo ministério aos que não eram judeus (ver T. V, pp. 649-650). Resultou, pois, muito apropriado que Lucas fora o escolhido para relatar a proclamação do Evangelho ao mundo gentil.

O autor dos Fatos reconhece plenamente o lugar do Espírito Santo no crescimento da nascente igreja. Desde dia em que Jesus deu "mandamentos pelo Espírito Santo aos apóstolos" (cap. 1: 2), o Espírito aparece como o conselheiro dos dirigentes e de seus colaboradores. Por meio do milagre de Pentecostés "foram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes dava que falassem" (cap. 2: 4). um pouco Ouvirá tarde os crentes também "foram cheios do Espírito Santo, e falavam com denodo a palavra de Deus" (cap. 4: 31). Os sete varões escolhidos como diáconos estavam também "cheios do Espírito Santo e de sabedoria" (cap. 6: 3), e Esteban, um dos mais destacados deles, era "varão cheio de fé e do Espírito Santo" (vers. 5). À medida que o relato prossegue, o Espírito continua guiando em situações tais como a ordenação do Saulo (cap. 9: 17), na aceitação dos gentis na igreja (cap. 10: 44-47), na consagração do Bernabé e Saulo para a obra missionária (cap. 13: 2- 4), no concílio de Jerusalém (cap. 15: 28), e nas viagens missionárias do Pablo (cap. 16: 6-7). portanto, pode dizer-se que o livro dos Fatos é o relato de uma parte do que fazia o Espírito por meio dos apóstolos e seus seguidores.

5.

Bosquejo.

I . Introdução, l: 1-11.

A. O "primeiro tratado" do Lucas, o Evangelho, l: L.

B. A comissão evangélica, 1: 2-8.

C. A ascensão de Cristo, l: 9-1 L.

II. Ministério em Jerusalém, l: 12 a 7:60.

A. Em espera do poder do Espírito, l: 12-26.

1. A volta dos apóstolos a Jerusalém, 1: 12-13.

2. O período de oração, 1: 14.

3. Morte do Judas, 1: 15-20.

4. Designação do Matías como sucessor do Judas, 1: 21-26.

B. O poder do Espírito, 2: 1-47.

1. O derramamento do Espírito, 2: 1-13.

2. Sermão do Pedro, 2: 14-36.

3. Resultados do sermão, 2: 37-41.

4. Devoção e crescimento da nascente igreja, 2: 42-47.

C. Cura do coxo, 3: 1 a 4: 3 L.

1. O milagre de cura feito em nome de Cristo, 3: 1 -1
1.

2. O sermão do Pedro, 3: 12-26.

A. Acusação contra os judeus, 3: 12-18.

B. Chamado ao arrependimento, 3: 19-26. 120

3. Arresto do Pedro e Juan, 4: 1-4.

4. Processamento e liberação dos apóstolos, 4: 5-22.

5. A reunião de louvor da igreja, 4: 23-31.

D. A comunidade cristã primitiva, 4: 32 a 6: 7.

1. Bens em comum, 4: 32 a 5: 11.

A. Os crentes compartilham suas posses, 4: 32-37.

B. Fraude e morte do Ananías e Safira, 5: 1-11.

2. Oposição das autoridades, 5: 12-40.

A. Milagres de cura, 5: 12-16.

B. Prendo, liberação e novo arresto dos apóstolos, 5: 17-28.

C. Defesa do Pedro, 5: 29-32.

d. Gamaliel aconselha moderação, 5: 33-40.

3. Predicación de casa em casa, 5: 41-42.

4. Nomeação dos diáconos, 6: 1-7.

E. Prendo e morte do Esteban, 6: 8 a 7: 60.

1. A predicación do Esteban, um dos sete diáconos, 6: 8-10.

2. Arresto e processamento do Esteban, 6: 11 a 7: 53.

A. A detenção, 6: 11-14.

B. Iluminação do Esteban, 6: 15.

C. Sua defesa, 7: 1-53.

3. Morte do Esteban, 7: 54-60.

III. Ministério na Palestina e Síria, 8: 1 a 12: 23.

A. Dispersão da igreja pela perseguição, 8: 1-4.

B. Felipe, Pedro e Juan na Samaria, 8: 5-25.

1. Ministério frutífero do Felipe, 8: 5-13.

2. Pedro repreende ao Simón e seu simonía, 8: 14-25.

C. Ministério posterior do Felipe, 8: 26-40.

1. Felipe e o etíope, 8: 26-39.

2. Felipe em Açoito e Cesarea, 8: 40.

D. Conversão do Saulo, 9: 1-31.

1. Saulo do Tarso, o perseguidor, 9: 1-2.

2. Saulo vá a Cristo em visão, e se converte, 9: 3-17.

3. Seu batismo e primeira predicación, 9: 18-22.

4. Os judeus tramam sua morte, 9: 23-24.

5. Sua fuga a Jerusalém com o Bernabé, e sua volta ao Tarso, 9: 25-30.

6. A igreja deixa de ser perseguida, 9: 31.

E. Ministério posterior do Pedro, 9: 32 a 10: 48.

1. Milagres de cura, 9: 32-42.

A. Ns curado de paralisia, 9: 32-35.

B. Dorcas é ressuscitado, 9: 36-42.

2. Conversão do Cornelio, 9: 43 a 10: 48.

A. Cornelio é dirigido para o Pedro no Jope 9: 43 a 10: 8.

B. Visão do Pedro a respeito do limpo e o imundo 10: 9-16.

C. Pedro vai a Cesarea e instrui ao Cornelio, 10: 17-43

d. Cornelio e os que estavam com ele são batizados, 10: 44-8.

F. O Evangelho aos gentis, 11: 1-30.

1. Pedro defende ante os apóstolos seu ministério entre os gentis,

11: 1-18.

2. O Evangelho aos judeus fora da Palestina, 11: 19-21.121

3. Bernabé e Pablo na Antioquía, 11: 22-26.

4. Os cristãos da Antioquía aliviam a fome da Judea, 11: 27-30.

G. Santiago e Pedro são perseguidos, 12: 1-23.

1. Herodes Agripa I encarcera e executa ao Santiago, 12: 1-2.

2. Encarceramento do Pedro e sua milagrosa liberação, 12: 3-19.

3. Morte do Herodes Agripa I, 12: 20-23.

IV. Primeira viagem missionária do Pablo, 12: 24 a 14: 28.

A. Pablo e Bernabé na Antioquía, 12: 24-25.

B. Pablo e Bernabé comissionados pelos profetas e professores de Antioquía, 13: 1-3.

C. Seu ministério, 13: 4 a 14: 28.

1. Chipre, 13: 4-12.

2. Perge; volta do Juan Marcos, 13: 13.

3. Antioquía da Pisidia, 13: 14-50.

4. Iconio, 13: 51 a 14: 5.

5. Listra, 14: 6-19.

6. Derbe e volta através da Pisidia, 14: 20-23.

7. Retorno a Antioquía, 14: 24-28.

V. O concílio de Jerusalém, 15: 1-35.

A. Dificuldades com os judaizantes, 15: 1, 5.

B Delegados ao concílio, 15: 2-4.

C. O debate, 15: 6-18.

D. A decisão, 15: 19-29.

E. A decisão se faz conhecer na Antioquía, 15: 30-33.

F. Silas, Pablo e Bernabé ficam na Antioquía, 15: 34-35.

VI. Segunda viagem missionária do Pablo, 15: 36 a 18: 22.

A. Dissensão entre o Pablo e Bernabé, 15: 36-39.

B. Pablo e Silas partem para Cilícia, 15: 40-41.

C. O chamado do Timoteo na Listra, 16: 1-3.

D. O ministério na Galacia, 16: 4-10.

1. O cuidado das Iglesias, 16: 4-5.

2. O Espírito lhes impede de ir a Ásia e Bitinia, 16: 6-7.

3. O chamado macedónico no Troas, 16: 8-10.

E. O Evangelho na Europa, 16: 11 a 18: 17.

1. Filipos, 16: 11-40.

2. Tesalónica, 17: 1-9.

3. Berea, 17: 10-14.

4. Atenas, 17: 15-34.

5. Corinto, 18: 1-17.

A. Trabalho do Pablo, 18: 1-5.

B. Expulsão da sinagoga, 18: 6-11.

C. Intervenção do Galión, 18: 12-17.

F. Retorno a Antioquía, 18: 18-22.

VII. Terceira viagem missionária do Pablo, 18: 23 a 21: 17.

A. Ministério na Galacia e Frigia, 18: 23.

B. Apolos no Efeso e Corinto, 18: 24-28.

C. Pablo rebatiza a conversos do Juan o Batista, 19: 1-7.

D. Evangelização do Efeso, 19: 8-41.

E. Ministério na Macedônia e Grécia, 20: 1-5. 122

F. Reunião no Troas no primeiro dia da semana, 20: 6-12.

G. Reunião no Mileto com os anciões do Efeso, 20: 13-38.

H. A viagem a Jerusalém, 21: 1-17.

VIII. Arresto e processamentos do Pablo, 21: 18 a 26: 32.

A. Relatório do Pablo aos apóstolos e a purificação

no templo, 21: 18-26.

B. O alvoroço, 21: 27-32.

C. Detenção do Pablo, 21: 33-39.

D. Sua defesa ante a multidão, 21: 40 a 22: 22.

E. Primeiro encarceramento do Pablo, 22: 22 a 26: 32.

1. Uma nova audiência, 22: 22-30.

2. Defesa ante o sanedrín, 23: 1-10.

3. Visão do Pablo, 23: 11.

4. Complô dos judeus contra Pablo, 23: 12-22.

5. Pablo é transladado a Cesarea, 23: 23-35.

6. Detenção sob o poder do Félix, 24: 1-27.

7. Pablo apela ao César ante o Festo, 25: 1-12.

8. Festo pede conselho ao Herodes Agripa II, 25: 13-27.

9. Defesa do Pablo ante a Agripa e Festo, 26: 1-29.

10. Sua inocência é confirmada, 26: 30-32.

IX. Viaje a Roma e encarceramento, 27: 1 a 28: 31.

A. A viagem, 27: 1 a 28: 16.

1. Da Cesarea a Olhe, 27: 1-5.

2. De Olhe a Bons Portos, 27: 6-12.

3. Em Giz e o naufrágio, 27: 13-44.

A. A tormenta, 27: 13-20.

B. Segurança do Pablo de que nenhum perecerá, 27: 21-26.

C. O naufrágio, 27: 27-44.

4. Desembarco na Melita, 28: 1-10.

5. Terminação da viagem a Roma, 28: 11-16.

B. Defesa do Pablo ante os judeus em Roma, 28: 17-29.

C. Os dois anos do Pablo em Roma 28: 30-31.

CAPÍTULO 1

1 Cristo reúne a seus apóstolos no monte dos Olivos para que contemplem seu ascensão, e lhes ordena que permaneçam em Jerusalém até que recebam o cumprimento da promessa do envio do Espírito Santo, com cujo poder devem atestar dele até o mais afastado da terra. 9 Quando Cristo ascendeu, dois anjos aconselharam aos discípulos que tivessem em sua mente segunda vinda. 12 Os discípulos retornasse a Jerusalém e, dedicando-se à oração, escolhem ao Matías como sucessor do Judas.

1 NO primeiro tratado, OH Teófilo, falei a respeito de todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar,

2 até o dia em que foi recebido acima, depois de ter dado mandamentos pelo Espírito Santo aos apóstolos que tinha escolhido;

3 a quem também, depois de ter padecido, apresentou-se vivo com muitas prova indubitables, aparecendo-se os durante quarenta dias e lhes falando sobre o reino de Deus.

4 E estando juntos, mandou-lhes que não se fossem de Jerusalém, mas sim esperassem a promessa do Pai, a qual, disse-lhes, ouviram de mí.123

5 Porque certamente batizou com água, mas vós serão batizados com o Espírito Santo dentro de não muitos dias.

6 Então os que se reuniram lhe perguntaram, dizendo: Senhor, restaurará o reino ao Israel neste tempo?

7 E lhes disse: Não lhes toca a vós saber os tempos ou as maturações, que o Pai pôs em sua só potestad;

8 mas receberão poder, quando tiver vindo sobre vós o Espírito Santo, e

serão-me testemunhas em Jerusalém, em toda Judea, na Samaria, e até o último da terra.

9 E havendo dito estas coisas, vendo-o eles, foi elevado, e lhe recebeu uma nuvem que lhe ocultou de seus olhos.

10 E estando eles com os olhos postos no céu, enquanto isso que ele se ia, hei aqui ficaram junto a eles dois varões com vestimentas brancas,

11 os quais também lhes disseram: Varões galileos, por que estão olhando ao céu? Este mesmo Jesus, que foi tirado de vós ao céu, assim virá como lhe viram ir ao céu.

12 Então voltaram para Jerusalém do monte que se chama do Olivar, o qual está perto de Jerusalém, caminho de um dia de repouso.*

13 E entrados, subiram ao aposento alto, onde moravam Pedro e Jacobo, Juan, Andrés, Felipe, Tomam, Bartolomé, Mateo, Jacobo filho do Alfeo, Simón o Zelote e Judas irmano do Jacobo.

14 Todos estes perseveravam unânimes em oração e rogo, com as mulheres, e com María a mãe do Jesus, e com seus irmãos.

15 Naqueles dias Pedro se levantou em meio dos irmãos (e os reunidos eram como cento e vinte em número), e disse:

16 Varões irmãos, era necessário que se cumprisse a Escritura em que o Espírito Santo falou antes por boca do David a respeito do Judas, que foi guia de os que prenderam ao Jesus,

17 e era contado conosco, e tinha parte neste ministério.

18 Este, pois, com o salário de sua iniqüidade adquiriu um campo, e caindo de cabeça, arrebentou-se pela metade, e todas suas vísceras se derramaram.

19 E foi notório a todos os habitantes de Jerusalém, de tal maneira que aquele campo se chama em sua própria língua, Acéldama, que quer dizer, Campo de sangue.

20 Porque está escrito no livro dos Salmos: Seja feita sua deserta habitação, E não haja quem morre nela; E 'Tome outro seu ofício'.

21 É necessário, pois, que destes homens que estiveram juntos conosco todo o tempo que o Senhor Jesus entrava e saía entre nós,

22 começando do batismo do Juan até o dia em que de entre nós foi recebido acima, a gente seja feita testemunha conosco, de sua ressurreição.

23 E assinalaram a dois: ao José, chamado Barsabás, que tinha por apelido justo, e ao Matías.

24 E orando, disseram: Você, Senhor, que conhece os corações de todos, mostra qual destes dois escolheste,

25 para que tome a parte deste ministério e apostolado, de que caiu Judas por transgressão, para ir-se a seu próprio lugar.

26 E lhes jogaram sortes, e a sorte caiu sobre o Matías; e foi contado com os

onze apóstolos.

1.

Primeiro.

Isto indica que a obra que assim começa é a segunda parte de outra anterior. É evidente que o Evangelho segundo Lucas é esse "primeiro tratado" (T. V, P. 649).

Teófilo.

Ver com. Luc. 1: 3.

Todas.

O Evangelho do Lucas é um relato essencialmente completo de "todas as coisas desde sua origem" (Luc. 1: 3). Lucas registra os fatos principais, mas não todos os detalhes (P. 118). Isto pode ver-se ao comparar o Evangelho de Lucas com o do Juan, o qual contém muita informação omitida pelo Lucas; sem embargo, Juan também omite muitas coisas (Juan 20: 30; 21: 25). Nas Escrituras a palavra "todo" ou "todas" muitas vezes se emprega em um sentido general (Mat. 2: 3; 3: 5; Hech. 2: 5; 12: 11; ROM. 11: 26; Couve. 1: 6; 1 Tim. 1: 16; Sant. 1: 2).

Começou.

Do Gr. árjomai, "começar"; verbo característico do Evangelho do Lucas, onde aparece 31 vezes. A presença deste verbo em Feitos proporciona uma evidência 124 espontânea de que Lucas foi o autor deste livro. A obra do Evangelho que Jesus começou pessoalmente é levada adiante no livro de Feitos pelo mesmo Jesus mediante a obra do Espírito Santo na igreja.

A fazer e a ensinar.

Jesus foi "capitalista em obra e em palavra" (Luc. 24: 19). As obras a que se faz referência são seus milagres (Hech. 10: 38). Tanto as palavras como as obras do Jesus tinham autoridade e poder (ver com. Luc. 4: 32). O autor insinúa que esta dobro característica também deve encontrar-se no livro que está por escrever.

2.

Até o dia.

Quer dizer, aos 40 dias de sua ressurreição (vers. 3).

Foi recebido acima.

A forma passiva do verbo que se emprega nos vers. 9 e 11 e no Luc. 24: 51, indica que a ascensão do Jesus foi uma manifestação do poder do Pai.

depois de ter dado mandamentos.

refere-se especialmente à comissão evangélica dada por nosso Senhor (Mat. 28: 18-20).

Pelo Espírito Santo.

Esta expressão pode entender-se no sentido de que o Espírito Santo guiaria aos discípulos a toda verdade (Juan 16: 13), ou que Jesus, tão antes como depois de sua crucificação, falou como um que estava poseído pelo Espírito Santo. Deve entendê-lo segundo, pois tudo o que tem que ver com a vida terrestre de Cristo foi feito pelo poder do Espírito: (a) sua concepção (Luc. 1: 35); (b) seu batismo (cap. 3: 21-22); (c) sua justificação, quer dizer, a manifestação de sua vida justa (1 Tim. 3: 16); (d) seu comportamento em sua vida de serviço (Luc. 4: 1; ver com. cap. 2: 49); (e) seus milagres (Mat. 12: 28); (f) sua ressurreição (1 Ped. 3: 18).

Apóstolos.

Gr. aposto-os, "enviado"; da preposição apó, "de", "desde", e o verbo stéllÇ, "colocar", "mandar". O verbo apostéllÇ significa "despachar", "enviar". O verbo e o substantivo são inseparáveis. No grego clássico, a palavra aposto-os freqüentemente se refere ao despacho de uma nave ou de uma expedição naval; também se emprega para designar à comandante de um esquadrão ou a um embaixador. Estas duas aplicações gerais a coisas e a pessoas aparecem também no grego koiné. Por exemplo, um papiro egípcio do século II ou III d. C. fala da "conta da nave [aposto-os] do Triadelfo" (J.H. Moulton and G. Milligan, The Vocabulary of the Greek New Testament, P. 70). Os papiros também mostram que o significado da palavra se transmitiu de a nave a sua carga, pois esta também era "enviada". Se denominava aposto-os tanto à carga como aos documentos que representavam à nave e a seu carga. De modo que aposto-os podia referir-se à ordem de despacho de uma nave, a um conhecimento de embarque, ou até à permissão de exportação. Ao mesmo tempo, tanto no koiné como no grego clássico, a palavra aposto-os podia referir-se a uma pessoa, como a emprega Josefo para designar aos embaixadores enviados pelos judeus a Roma (Antiguidades, xVII. 11. 1).

Entretanto, nenhum destes usos parece esclarecer diretamente a origem do emprego da palavra "apóstolo" tal como a usavam os cristãos primitivos. Pablo é o primeiro autor do NT que empregou este vocábulo (1 Lhes. 2: 6), e aparentemente o usou como um término exato para designar a um grupo específico de homens que com autoridade exerciam funções geralmente reconhecidas na igreja (1 Cor. 4: 9; 9: 1-2). O fato de que nos primeiros escritos da literatura cristã já se desse por sentado o sentido específico da palavra, sugere que já a tinha empregado antes. Lucas e Juan utilizaram a palavra aposto-os quando escreveram em grego, anos depois da morte de Jesus (Luc. 6: 13; 11: 49; Juan 13: 16 ["o enviado"]). Parece que a função do apóstolo na igreja primitiva surgiu da ordenação e comissão dos doze discípulos pelo Jesus.

Quando Jesus designou a seus discípulos como "apóstolos", provavelmente empregou a palavra aramaica shelijá', equivalente do particípio hebreu shalúaj, "enviado". Parece que estas palavras tiveram um uso específico tanto entre os judeus como entre os cristãos. Na literatura rabínica se emprega a palavra shalúaj, mais usualmente com a grafia shalíaj, para designar a diversos mensageiros autorizados. Justino Mártir (C. 146 d. C.) escreveu que os judeus enviavam mensageiros por todo mundo falando blasfêmias contra Cristo (Diálogo com o Trifón 17. 108). Eusebio, historiador eclesiástico do século IV, declarou que documentos que já eram antigos em seu tempo registravam que os sacerdotes e anciões dos judeus enviavam homens por todo mundo para predispor a seu povo em contra do cristianismo. Chama "apóstolos" a esses judeus, e diz que em seu próprio tempo 125 viajavam por toda a diáspora levando cartas encíclicas (Comentários ao Isaías xVIII. 1, 2). Epifanio (M. 403 d. C.) registra que esses "apóstolos" consultavam com os principais judeus

e viajavam entre os judeus fora da Palestina, restabelecendo a paz em congregações desorganizadas e recolhendo dízimos e primicias, funções muito parecidas com as do apostolado do Pablo (Hech. 11: 27-30; ROM. 15: 25-28; 1 Cor. 16: 1; Epifanio, Contra heresias I. 2., Heresia xxx. 4. 11). O Código de Teodosio (438 d. C.) assinala: "Como parte desta inútil superstição, os judeus têm chefes de suas sinagogas, ou anciões, ou pessoas a quem chama apóstolos, que são designados pelo patriarca em certa temporada para compilar ouro e prata" (Código do Teodosio xVI. 8. 14).

portanto, embora não pode provar-se que nos tempos do NT já se usava a palavra aposto-os para designar aos mensageiros judeus que foram aos da diáspora, a evidência sugere que assim ocorria, e que o uso que a igreja primitiva deu a esta palavra se derivou de um uso similar entre os judeus.

Que tinha escolhido.

Cf. Mar. 3: 13-19.

3.

apresentou-se vivo.

Ver Nota Adicional do Mat. 28.

Prova indubitables.

Gr. tekm'rion, "prova decisiva ou convincente". Estas provas eram uma demonstração segura e não evidencia circunstanciais. As "provas indubitables" foram as aparições de Cristo depois de sua ressurreição, não

os milagres que os discípulos tinham visto fazer ao Jesus (cap. 2: 22). Confirmavam o milagre culminante da ressurreição. Estas provas consistiram em: (1) que comesse e bebesse com os discípulos (Luc. 24: 41-43; Juan 21: 4-13); (2) seu corpo real, o qual Jesus permitiu que eles tocassem (Mat. 28: 5-9; Juan 20: 27); (3) suas repetidas aparições visíveis, inclusive seu aparição ante 500 pessoas reunidas (Mat. 28: 7, 10, 16-17; Luc. 24: 36-48; Juan 20: 19-29; 1 Cor. 15: 6); (4) suas instruções quanto à natureza e as doutrinas do reino (Luc. 24: 25-27, 44-47, Juan 20: 17, 21-23; 21: 15-17; Hech. 1: 8). A certeza da ressurreição deu poder dinâmico ao mensagem dos apóstolos (Hech. 2: 32, 36-37; 3: 15; 4: 10; 5: 28, 30-33). Esta foi a base do poderoso argumento do Pablo a respeito da certeza da ressurreição corporal dos redimidos (1 Cor. 15: 3-23).

Quarenta dias.

Jesus não permaneceu com eles em forma contínua, mas sim se manifestou repetidas vezes durante o período posterior à ressurreição (ver Nota Adicional do Mat. 28). Não há nenhuma contradição entre estes 40 dias e o relato extremamente breve do Lucas em seu Evangelho (Luc. 24).

Sobre o reino de Deus.

Esta frase abrange: (1) a interpretação correta das profecias messiânicas (Luc. 24: 27, 44-45); (2) a extensão da missão da igreja em todo o mundo e a admissão dos farelos de cereais ao reino por meio do batismo (Mat. 28: 19); (3) a promessa de poder sobrenatural e de amparo divino (Mar. 16: 15-18); e (4) a promessa da presença perpétua de Cristo em sua igreja (Mat. 28: 20). Ver com. Mat. 4: 17; 5: 3.

4.

Estando juntos.

Gr. sunalízÇ, que literalmente significa "pôr sal juntos", e em conseqüência, "comer juntos" ou "reunir-se". É possível que se refira a uma reunião realizada na Galilea (Mat. 28: 16-18), pois a última que tiveram, quando os discípulos viram subir ao Jesus, não aparece até o Hech. 1: 6.

Não se fossem de Jerusalém.

Deviam retornar à capital, lugar onde tantas vezes El Salvador havia ministrado, e onde finalmente sofreu, foi sepultado, e ressuscitou. Ali seus discípulos seriam investidos de poder e desde esse lugar deviam começar a dar seu testemunho (HAp 25-26).

Que esperassem.

Cf. Luc. 24: 49. A tarefa que aguardava os discípulos não podia levar-se a cabo empregando só médios humanos. Deviam esperar (1) até o momento designado, (2) no lugar designado, em Jerusalém, o sítio de maior perigo e de maiores oportunidades. Os discípulos deviam esperar e não ir-se pescar, como o tinham feito Pedro e alguns outros pouco antes (Juan 21: 3). Devia haver (1) uma expectativa reverente do grande poder de Deus; (2) um profundo desejo de receber esse poder e de estar preparados para recebê-lo; e (3) uma oração fervente e unânime para que Deus cumprisse sua promessa.

A promessa do Pai.

Quer dizer, a promessa do dom do Espírito Santo (Juan 14: 16; 16: 7-13).

De mim.

A promessa foi pronunciada pelo Jesus, mas seu cumprimento viria conjuntamente do Pai e do Filho (Juan 14: 16, 26; 15: 26; 16: 7-15).

5.

Juan certamente batizou.

Juan o Batista (Mat. 3: 1-11).

Com o Espírito Santo.

Essa classe de batismo 126 tinha sido prometida pelo Juan o Batista (Mat. 3: 11). A promessa (Hech. 1: 4) era de um batismo não com água (ver com. Mat. 3: 6, 11), a não ser com o Espírito, "não muitos dias" depois de que a promessa fora dada, quer dizer, no Pentecostés.

6.

reuniram-se.

reuniram-se em Jerusalém, em obediência à vontade do Senhor (vers. 4) e por acordo mútuo. Jesus mesmo esteve com eles, embora não se menciona nenhuma aparição inesperada ou sobrenatural. Esta foi a última reunião dos discípulos com seu Senhor, porque ocorreu o dia da ascensão (Mar. 16: 19;

Luc. 24: 50-51; 1 Cor. 15: 7).

Perguntaram-lhe.

Melhor "perguntavam-lhe", pois o tempo do verbo em grego sugere uma ação repetida.

Restaurará o reino?

Melhor "neste tempo, restaura o reino?" Ou também, É neste momento quando vais restabelecer o Reino do Israel?" (BJ). Os discípulos ainda não compreendiam a natureza do reino de Cristo. O não tinha prometido o tipo de restauração que eles esperavam (ver com. Luc. 4: 19). Pensavam que Jesus "tinha que redimir ao Israel" (Luc. 24: 21) quer dizer, liberar o dos romanos. Pedro e os outros discípulos descobriram uma redenção diferente em Pentecostés (Hech. 2: 37-39). A ascensão e a experiência no dia de Pentecostés lhes deram uma nova compreensão. Finalmente entenderam a natureza espiritual do reino de seu Senhor.

Os judeus sentiam uma fervorosa esperança messiânica. Nos Salmos de Salomón, obra apócrifa escrita pouco antes da era cristã (T. V, P. 90), se repete com freqüência esta idéia. A seguinte prece é típica. "Olhe, OH Senhor, e lhes suscite seu rei, o filho do David, no tempo que você veja, OH Deus, que possa reinar sobre o Israel seu servo. E rodeia o de força, para que possa fazer pedacinhos aos poderes ímpios e desencardir a Jerusalém das nações que a pisoteiam e a destroem... E ele desencardirá a Jerusalém, e a santificará como em tempos de antigamente, para que as nações venham dos limites de a terra a ver sua glória, trazendo como presentes a seus Filhos que haviam desacordado e para ver a glória do Senhor com a qual Deus a glorificou" (Salmos do Salomón, 17: 23-35). Pensamentos tais muito bem poderiam haver induzido aos discípulos a esperar que tivesse chegado o tempo para o estabelecimento do reino prometido, o qual motivou sua pergunta.

Israel.

Até este momento os discípulos ainda não tinham captado o conceito do reino espiritual para todas as nações (Mat. 8: 11-12), composto do verdadeiro Israel com o coração circuncidado (ROM. 2: 28-29). Tampouco compreendiam que quando a nação judia rechaçou ao Jesus se separou da raiz e do tronco do verdadeiro o Israel, no qual os conversos cristãos, fossem judeus ou gentis, deviam ser enxertados (ROM. 11). É evidente que ainda esperavam que estabelecesse-se o reino messiânico do David, na monarquia no Judá, no povo judeu literal. Ver T. IV, pp. 28-38.

Não apresenta dificuldade alguma o fato de que os discípulos empregassem a palavra "o Israel" para referir-se ao Judá". É verdade que com freqüência se emprega o nome "o Israel" para designar às dez tribos do norte e distinguir as do Judá; mas também se aplica muitas vezes ao conjunto das doze tribos e até ao Judá especificamente, assim como ao povo escolhido de Deus sem nenhuma distinção de tribo (ver com. ISA. 9: 8). O contexto deve indicar o sentido em todos os casos. portanto, não é surpreendente que em o NT sempre encontremos que se aplica o nome "o Israel" a toda a nação feijão. Embora os judeus desse tempo eram principalmente da tribo do Judá, pertencia-lhes a sucessão direta e legítima não só por ser da província postexílica do Judá (que era a continuação do anterior reino do Judá), a não ser também da nação do Israel originalmente unida.

Os judeus dos dias de Cristo eram os herdeiros da antiga teocracia que

tinha sido governada pela dinastia davídica instituída Por Deus, centrada em o culto do templo divinamente ordenado e fundada sobre o pacto nacional entre Deus e seu povo escolhido. Pablo chama a seus compatriotas judeus "israelitas", dos quais, segundo a carne, eram "a adoção, a glória, o pacto, a promulgação da lei, o culto e as promessas; de quem é os patriarcas, e dos quais, segundo a carne, veio Cristo" (ROM. 9: 4-5; cf. vers. 3; ver cap. 3: 1-2; 11: 1).

portanto, não era irrazonable que os discípulos acreditassem que as profecias e as promessas que tinham sido dadas ao Israel da antigüidade pertencessem a os judeus, sucessores do antigo reino davídico, e não ao "Israel" das dez tribos do norte que se haviam 127 separado da casa do David; pois essas tribos não só se separaram do Judá, mas também também do templo e do verdadeiro culto a Deus, e portanto do pacto nacional. À realidade da herança monárquica do Judá se somava o fato de que esta nação, do momento quando se produziu a separação nos dias do Jeroboam, havia assimilado a muitos membros das dez tribos do norte que desejavam permanecer leais ao Jehová (2 Crón. 11: 13-16; 15: 9; cf. cap. 16: 1). Estes feitos explicam o uso repetido do término o Israel para designar ao reino de Judá, e, depois do cativeiro, à comunidade judia reconstituída como província do Judá, a qual pertenciam todos aqueles que tinham retornado do exílio, sem importar de que tribo eram (Esd. 2: 70; 3: 1; 4: 3; 6: 16-17, 21; 7: 7, 13; 8: 29; 9: 1; 10: 5; Neh. 1: 6; 9: 1-2; 10: 39; 11: 3, 20; Eze. 14: 1, 22; 17: 2, 12; 37: 15-19; Dão. 1: 3; Zac. 8: 13; Mau. 1: 1).

Além disso, a nação judia do tempo do Jesus representava às outras tribos de Israel, não só em população (Luc. 2: 36) mas também em território (T. V, pp. 47-48). As seguintes pessoas empregaram o término "o Israel" para designar a a nação judia: Juan o Batista (Juan 1: 31), Simeón (Luc. 2: 32, 34), Jesus (Mat. 8: 10; Luc. 7: 9; Juan 3: 10), os discípulos e outros habitantes da Judea (Mat. 2: 20-22; 9: 33; Luc. 24: 21; Hech. 1: 6; 2: 22-23; 3: 12; 4: 8, 27; 5: 31; 21: 28), Gamaliel (Hech. 5: 35), Lucas (Luc. 1: 80) e Pablo (Hech. 13: 16-17, 23-24; ROM. 9: 4, 6, 31; 11: 1; 1 Cor 10: 18; 2 Cor. 11: 22; Fil. 3: 5).

De modo que estes discípulos continuavam procurando o reino messiânico profetizado para o Israel como restauração da soberania nacional feijão. O reino do Mesías sem dúvida teria pertencido aos judeus se não houvessem perdido seu direito ao rechaçar ao Filho do David, porque lhes ofereceu um reino de justiça universal em vez de um reino estabelecido mediante uma vitória judia. O rechaço da nação judia como povo escolhido, privilégio que do começo tinha sido condicional (Exo. 19: 5-6; Jer. 18: 6-10; Mat. 8: 11-12; 21: 33-45), era muito recente como para que os discípulos já o compreendessem. Bem sabiam que o antigo reino do norte do Israel se havia separado definitivamente do verdadeiro o Israel do pacto, exceto na medida em que seus membros individualmente preferissem unir-se de novo ao povo escolhido. O que ainda não compreendiam era que a nação judia, por haver rechaçado o governo do Filho do David, já não era mais o povo escolhido, embora individualmente os judeus podiam ser enxertados no tronco do verdadeiro o Israel, a igreja do Jesucristo (T. IV, pp. 27-40), em quem não há distinções de raça, nacionalidade, nem hierarquia (Gál. 3: 28-29; Couve. 3: 11).

7.

Disse-lhes.

Cristo não respondeu diretamente à pergunta de seus discípulos, mas sim chamou sua atenção à obra que tinham que fazer.

Os tempos ou as maturações.

Gr. jrónos e kairós. Jrónos se refere simplesmente, em forma general, ao "tempo" cronológico; kairós se aplica a momentos específicos ou culminantes em o tempo, com ênfase no que acontece. portanto, quando Jesus fala de "tempos" se refere, conforme parece, à sucessão aparentemente interminável de os séculos, e quando fala de "maturações" se refere aos acontecimentos culminantes que ocorrerão ao fim do século ou mundo (ver com. Mat. 24: 3). É como se lhes houvesse dito: "Não corresponde a vocês saber nem a data, nem a forma exata do estabelecimento do reino". Jesus, como homem entre os homens, não sabia nem o dia nem a hora de sua vinda (ver com. Mat. 24: 36). Há aqui uma suave repreensão para os que (1) não estão ainda preparados para receber um conhecimento pleno (Juan 16: 12), mas que (2) sabem o suficiente para poder levar a cabo a comissão de seu Senhor (Mat. 28: 19-20), e (3) se deixam guiar por sinais e pelo Espírito (Mat. 24: 32-33; Mar. 16: 17-18; Juan 16: 13).

Em sua só potestad.

Melhor "fixou com sua própria autoridade". A palavra grega que se traduz "potestad" ou "autoridade" é exousía, e não dúnamis, o "poder" ou "capacidade" do vers. 8 (ver com. Juan 1: 12). Deus não é servo do tempo; é seu Amo. Seu conhecimento transcende ao tempo, porque é omnisapiente, sabe todas as coisas (Sal. 139: 1-6; Prov. 15: 3; Heb. 4: 13). Seu conhecimento prévio é uma prova de sua deidade (ISA. 46: 9-10). O compartilha o que quer com os que o servem (Deut. 29: 29; Sal. 25: 14; Juan 15: 15; 16: 25).

8.

Poder.

Gr. dúnamis, "força", "capacidade", "poder" (ver com. Juan 1: 12). A palavra "dinamita" deriva de dúnamis. Lucas se refere ao poder sobrenatural que recebem unicamente aqueles sobre quem descende o Espírito Santo (ver com. Luc. 1: 35; 24: 49). 128

Este poder é para atestam Proporciona (1) poder interior, (2) poder para proclamar o Evangelho, (3) poder para levar a outros a Deus. Por meio de seus discípulos, cheios deste poder, Jesus continuaria a obra que tinha começado na terra, e se fariam obras ainda maiores (Juan 14:12). O testemunho apresentado pelo Espírito seria um sinal distintiva da igreja cristã.

Testemunhas.

Gr. mártus, que corrobora ou pode ratificar o que ele mesmo viu ou ouvido, ou sabido de qualquer outra maneira. A palavra aparece 13 vezes nos Fatos. Como "testemunhas", os apóstolos sabiam que Jesus era o Mesías da profecia e o Redentor da humanidade. Também podiam dar testemunho de sua promessa de voltar. Como testemunhas, os discípulos foram o primeiro e mais importante elo de evidência visível entre o Senhor crucificado, ressuscitado e ascendido, e o mundo; o qual, por meio do testemunho deles, poderia chegar a acreditar (ver com. Juan 1: 12). Juan escreveu: "O que vimos e ouvido, isso vos anunciamos" (1 Juan 1:3). Aos seguidores de Cristo também lhes pede hoje que dêem um testemunho pessoal das obras e ensinos do Jesus, do propósito de Deus de salvar ao mundo por meio de seu Filho, e da eficácia do Evangelho em seu próprio coração. Não pode dar um testemunho mais convincente. Sem uma experiência pessoal não pode haver um verdadeiro testemunho cristão. A valente afirmação do Pedro depois da cura do coxo (Hech. 4: 10),

é um excelente exemplo de testificación nos tempos apostólicos.

Em Jerusalém.

O plano divino era que o povo escolhido tivesse a primeira oportunidade de beneficiar-se com o ministério dos apóstolos (ver com. Luc. 14: 21-24). Durante esse breve período, milhares de judeus acreditaram (Hech. 2: 41, 47; 4: 4, 32-33; 5: 14; 6: 1, 7; Material Suplementar do EGW sobre o cap. 2: 1, 4, 14, 41). Quando os judeus desprezaram este privilegiou e apedrejaram ao Esteban (cap. 7), as boas novas foram levadas a campos mais longínquos.

Na Samaria.

Os samaritanos eram um povo misturado, sempre inimizados com os judeus (ver com. Juan 4: 9). Com referência ao ministério pessoal do Jesus para o povo da Samaria, ver com. Luc. 10: 1, 33; 17: 16; Juan 4: 39-42. Depois do apedrejamento do Esteban, receberam em primeiro lugar a visita do diácono Felipe (Hech. 6: 5; 8: 5), depois a do Pedro e do Juan, quem foi a ajudar ao Felipe (cap. 8: 14). Houve uma boa colheita de almas na Samaria.

O último da terra.

Os discípulos deviam ir "por todo mundo" (Mar. 16: 15), "a todas as nações" (Mat. 24: 14). A obra mundial a começaram representantes do Evangelho pulverizados em diferentes lugares, quem pregou aos judeus de Fenícia, Chipre e Antioquía de Síria (Hech. 8: 4; 11: 19), e Saulo do Tarso em Síria e Cilícia (Hech. 9: 15, 30; 11: 25; Gál. 1: 21, 23). Pouco depois se estendeu graças às extraordinárias viagens missionárias do Pablo (Hech. 13 a 28). Pablo se sentiu movido a afirmar que em seus dias o Evangelho se pregava "em toda a criação que está debaixo do céu" (Couve. 1: 23; cf. Tito 2: 11). Em contraste com a comissão que Cristo deu pela primeira vez quando enviou aos doze (ver com. Mat. 10: 5-6), esta obra não devia ser nacional a não ser universal. O que Lucas descreve no livro de Feitos é o começo desta obra mundial. Este livro não é uma coleção de biografias dos apóstolos, nem sequer de certos apóstolos, nem tampouco trata exclusivamente dos apóstolos, mas sim do que faziam todos os crentes para proclamar o Evangelho "até o último da terra". Quando esta obra finalmente seja terminada, Cristo virá (Mat. 24:14).

Lucas apresenta aqui o bosquejo do livro de Feitos: A proclamação do Evangelho em (1) Jerusalém e Judea (cap. 1 a 7), (2) na Samaria (cap. 8 a 10), e (3) até o último da terra (cap. 11 a 28).

9.

E havendo dito estas coisas.

Ver com. Luc. 24: 50.

Vendo-o eles.

Nenhum crente tinha visto o Salvador ressuscitar de entre os mortos, mas se permitiu aos onze discípulos e à mãe do Jesus (P 191) que o vissem subir ao céu. Deste modo se converteram em testemunhas fidedignas da realidade da ascensão.

Foi elevado.

Aqui se relata a ascensão como um singelo feito histórico. No que subtração do NT não o menciona freqüentemente, mas se aceita este fato implicitamente como uma verdade cardeal do cristianismo histórico. Jesus a havia predito (Juan 6: 62), Pedro falou novamente dela (Hech. 3: 21), e mais tarde Pablo referiu-se à mesma (1 Tim. 3: 16). A ascensão foi uma culminação apropriada do ministério terrestre de Cristo. 129 Nosso Salvador havia descendido do céu para efetuar a salvação do homem (Juan 3: 13, 15). Quando concluiu sua obra terrestre, decidiu retornar a seu lar celestial (Juan 14: 2) para mediar entre Deus e o homem (1 Tim. 2: 5; Heb. 7: 25; 8: 1-2, 6; 1 Juan 2: 1) até sua segunda vinda (Juan 14: 3).

Uma nuvem.

Esta nuvem era uma hoste de anjos (cf. DTG 771). Cristo retornará do mesmo modo: "sobre as nuvens" (Mat. 24: 30; 26: 64; Apoc. 1: 7). Inumeráveis multidões de anjos acompanharão a seu Senhor quando vier em glória (Mat. 25: 31). Jesus voltará na mesma forma em que se foi (Hech. 1: 11).

Ocultou-lhe de seus olhos.

Literalmente "recebeu-o dos olhos deles".

10.

Os Olhos postos no céu.

Melhor "estando eles olhando fixamente ao céu enquanto se ia" (BJ). Jesus ascendeu gradualmente. Não houve um desaparecimento repentino como no Emaús (Luc. 24: 31).

ficaram junto a eles.

Melhor "puseram-se junto a eles"; já estavam ali quando os discípulos advertiram sua presença.

Dois varões.

Com referência à identidade um destes dois anjos, ver com. Luc. 1: 19. Embora os chama "varões", pois apareceram em forma humana, eram anjos (DTG 771-772). Compare-se com os dois anjos vestidos de branco que saudaram a María na tumba (Juan 20: 12-13), um dos quais é chamado "um jovem" (Mar. 16: 5).

Vestimentas brancas.

Lucas descreve em seu Evangelho aos anjos que anunciaram a ressurreição como "dois varões com vestimentas resplandecentes" (Luc. 24: 4). Ver também Hech. 10: 30; cf. cap. 11: 13.

11.

Varões galileos.

Todos os discípulos, à exceção possivelmente do Judas (ver com. Mar. 3: 19), eram oriundos da Galilea, e se conheciam por sua fala galilea (cf. Mat. 26: 73; ver com. Hech. 4: 13). Mas os anjos conheciam estes homens sem necessidade de que falassem, assim como conhecem a vida de outros seres humanos (cf. cap. 10: 3-6).

por que estão olhando?

Os discípulos, extasiados, pareciam ser incapazes de apartar a vista do lugar onde seu amado Professor tinha desaparecido. Os dois anjos rompem o enfeitiço com uma pergunta: que ascendeu é Deus Filho, há-lhes dito seus planos, e voltará outra vez: "por que estão olhando ao céu?" O lhes deu uma obra que fazer como preparação para seu retorno. Compare-se com a pergunta do anjo depois da ressurreição: "por que procuram entre os mortos ao que vive?" (Luc. 24: 5). Entretanto, em certo sentido os cristãos sempre deveriam estar olhando ao céu (cf. Fil. 3: 20).

Este mesmo Jesus.

O mesmo Jesus a quem os discípulos tinham conhecido intimamente durante os três anos e meio que acabavam de transcorrer. Embora tinha ressuscitado e subido ao céu como o Filho de Deus, ainda retinha sua natureza humana (DTG 14-17).

Assim virá.

Como sucesso histórico, a segunda vinda de Cristo está indisolublemente ligada a outros acontecimentos históricos: sua ressurreição e sua ascensão. As Escrituras revelam a: (1) Cristo o Criador (Couve. 1: 16; Heb. 1: 2; ver. com. Juan 1: 1-3); (2) Cristo o encarnado (Fil. 2: 7; Heb. 2: 14-15; ver com. Juan 1: 14); (3) Cristo o crucificado (Hech. 17: 3; 1 Cor. 15: 3-4; ver com. Mat. 27: 31-56; Juan 19: 17-37); (4) Cristo o ressuscitado e subido ao céu (ROM. 1: 3-4; 1 Cor. 15: 3-22; ver com. Mat. 28: 1-15; Juan 20: 1-18, Mar. 16: 19-20; Luc. 24: 50-53; Hech. 1: 9-11); (5) Cristo o Intercessor (Heb. 4: 14-16; 7: 22; 1 Juan 2: 1); (6) Cristo o rei que vem (Mat. 24: 30; Apoc 11: 15; 19: 11-16; ver com. Mat. 25: 31). Estas revelações constituem uma apresentação em conjunto do Filho de Deus em fases relacionadas de seu grande obra redentora. Em todas elas, ele é o "mesmo Jesus", "o mesmo ontem, e hoje, e pelos séculos" (Heb. 13: 8).

Segundo essa promessa, a vinda do Jesus deverá ser: (1) pessoal: "este mesmo Jesus (DTG 771-772); visível: "como lhe viram ir"; (3) acompanhada de nuvens: "uma nuvem... ocultou-o"; (4) segura: "assim virá". Esta singela embora solene promessa dos conselheiros angélicos lhe imprime à doutrina da segunda vinda de Cristo uma completa certeza, assegurada pela realidade da ascención. Tudo -acontecimento e promessa- é verdade, ou nenhum dos dois o é. Sem a segunda vinda de Cristo, toda a obra anterior do plano de redenção seria tão vã como o seria a semeia e o cultivo sem a colheita.

12.

Voltaram.

Os discípulos se afastaram da cruz profundamente tristes e completamente frustrados. depois de cada aparição do Professor ressuscitado, ficavam perplexos embora esperançados. Entretanto, agora, depois de ter visto que seu Senhor subia ao céu, voltaram com gozo e com a firme 130 segurança de que voltaria.

A Jerusalém.

Obedecendo a ordem do vers. 4.

Do Olivar.

O lugar da ascensão. O monte dos Olivos está ao leste de Jerusalém, aproximadamente a metade de caminho a Betania (ver com. Mat. 21: 1). Betania fica a 15 estádios (Gr. stádion, T. V, P. 52), ou seja a 3 km de Jerusalém (1 Juan 11: 18). Lucas explica que depois da última reunião com os discípulos em Jerusalém, Jesus "tirou-os fora até a Betania" (Luc. 24: 50); fez-o possivelmente porque queria estar outra vez em um lugar que lhe era familiar e que tanto amava. De ali, percorrendo um curto caminho sobre "o monte que se chama do Olivar", chegariam de retorno Jerusalém.

Caminho de um dia de repouso.

Esta frase só aparece aqui na Bíblia; indica a distância que havia entre Jerusalém e o monte dos Olivos (ver com. Exo. 16: 29; T. V, P. 52). Josefo registra que a distância era de 5 ou 6 estádios (Antiguidades xX. 8. 6; Guerra V. 2. 3), ou seja pouco mais de um quilômetro. A Mishnah concorda com estas cifras, porque diz que o "limite sabático" era de 2.000 cotovelos: "Se um homem saía [mais à frente do limite sabático] para fazer um pouco permitido [dar testemunho da lua nova ou salvar uma vida] e então lhe dizia que essa ação já se tinha realizado, tem o direito de mover-se dentro de dois mil cotovelos em qualquer direção; se estava dentro do limite sabático é como se não houvesse saído, porque qualquer que sai para liberar [a um que está em perigo] pode voltar para seu lugar [de onde partiu]" (Erubin 4. 3). Havia maneiras para superar os inconvenientes causados por esse limite: "Se um homem estava de viagem [a sua casa] e o surpreendia a noite, e reconhecia uma árvore ou um cerco e dizia, 'seja meu lugar de descanso sabático debaixo dele, não há dito nada; mas se dissesse: 'seja meu lugar de descanso sabático em sua raiz, pode caminhar desde onde está até sua raiz [até a distância de] dois mil cotovelos e desde sua raiz a sua casa [até a distância de] dois mil cotovelos. Deste modo pode viajar quatro mil cotovelos depois de que tenha escurecido. Se não reconhecer [nenhuma árvore ou cerco]... e diz: 'Seja meu lugar de descanso sabático onde estou parado', seu posição lhe dá o direito a caminhar até dois mil cotovelos em qualquer direção como [se estivesse] em um círculo... Mas os sábios dizem: como [se estivesse] em um quadrado, como uma tabuleta quadrada, para que aproveite o benefício de as esquinas" (Mishnah, Erubin 4. 7-8).

"Os sábios não ordenaram a regra do limite sabático para acrescentar restrições, mas sim para que sejam menos rigorosas" (Erubin 5. 5). diz-se que a origem do limite dos dois mil cotovelos pode achar-se na tradição de que a distância da loja mais se separada do acampamento do Israel, no deserto, até a loja da reunião ou tabernáculo (Núm. 35: 5), era a maior distancia que podia caminhar um hebreu sem que se dissesse que tinha saído de seu lugar no sétimo dia (Exo. 16: 29). Mas com mais probabilidade, era a distância que Josué especificou que devia haver entre o povo e os levita que levavam o arca durante o cruzamento do Jordão (Jos. 3: 4).

Crisóstomo (Homilia III, Feitos 1:12) supunha que a ascensão teve que haver ocorrido em sábado, porque de outro modo não teria razão a menção do "caminho de um dia de repouso". Entretanto, esta conclusão não é necessária. É provável que a ascensão ocorresse uma quinta-feira (ver Nota Adicional do Mat. 28).

13.

Aposento alto.

Este aposento alto não estava no templo (Luc. 24: 53), onde os discípulos ainda rendiam culto a Deus (cf. Hech. 3: 1), a não ser no piso alto de uma casa

particular, em um lugar privado (ver com. Mat. 26: 18; Mar. 14: 15; Luc. 24: 33; Juan 20: 19).

Pedro.

Com referência à lista dos apóstolos, ver com. Mat. 10: 2-5; Mar. 3: 13-19.

14.

Perseveravam unânimes.

É notável o contraste com o espírito de rivalidade manifestado durante a último jantar (Luc. 22: 24). Quão diferente por sua calma e solene gozo foi este período de espera! Aqui começou o espírito de unanimidade que deu resultados tão maravilhosos poucos dias mais tarde (Hech. 2: 1, 41).

Em oração.

Gr. t' proseuj', "na oração". Estas palavras podem interpretar-se pelo menos em duas formas: (1) "em oração", ou (2) "no lugar de oração", sentido que têm as mesmas palavras em outra passagem (cap. 16: 16). Alguns comentadores sugerem que os discípulos não permaneceram sempre no aposento alto, mas sim foram de vez em quando ao templo, e que tais visitas estão incluídas no significado do Luc. 24: 53: "e estavam sempre no templo". 131

E rogo.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a omissão destas palavras. Sem embargo, permanece o fato da unanimidade na oração dos discípulos. Durante os dias antes do Pentecostés, os 120 (vers. 15) reverentemente suplicaram que se cumprisse a promessa de que viria o Espírito, o Consolador (Juan 14: 16), podendo (Hech. 1: 8) "dentro de não muitos dias" (vers. 5; cf. HAp 29-30). Este texto contém uma excelente fórmula para a oração eficaz: (1) o pedido: oraram; (2) a perseverança: continuaram orando; (3) a unanimidade: oraram com um mesmo espírito. Ver com. Mat. 18: 19-20; Luc. 18: 1-8.

Com as mulheres.

Literalmente "com mulheres", o qual poderia referir-se às esposas dos homens ali reunidos. Esta interpretação se apóia no fato de que "María, a mãe do Jesus", que não era a esposa de nenhum dos pressente, se menciona em outro lugar. Entretanto, a interpretação mais comum é que estas mulheres eram as que serviam ao Jesus, entre as quais estavam María Madalena, Juana, Susana, e "muitas outras" (ver Nota Adicional do Luc. 7; com. Luc. 8: 23).

María.

Esta referência à mãe do Jesus é muito significativa. Sua relação especial com o Senhor que acabava de ascender justifica que a mencione em forma especial; mas não lhe atribui nenhuma preeminencia indevida. Nesta ocasião -a última vez que se menciona nas Escrituras- María é uma das pessoas que se uniu para perseverar "unânimes em oração e rogo". As lendas que se referem a sua vida posterior e a sua posição depois de morta, não têm base nem bíblica nem histórica.

Seus irmãos.

Jacobo, José, Simón e Judas (Mat. 13: 55; ver com. Mat. 12: 46; Mar. 6: 3). Eles se tinham afastado do Jesus (Juan 7: 5; DTG 413-415), e não se os menciona entre os que se reuniram junto à cruz (Juan 19: 25-27). Mas as cenas finais da vida terrestre do Jesus os tinham convertido, e agora formavam parte de seus discípulos. Do Simón e do José não se sabe mais nada; mas Jacobo provavelmente chegou a ser dirigente na igreja (ver com. Hech. 12: 17; cf. Hech. 15: 13; 1 Cor. 15: 7; Gál. 1: 19; T. V, P. 73); e muitos pensam que foi o autor da Epístola do Santiago (ver Introdução à Epístola de Santiago, T. VII). Judas possivelmente foi o autor da breve epístola que leva seu nome (ver com. Mar. 6: 3; Introdução à Epístola do Judas, T. VII).

15.

Naqueles dias.

Entre a ascensão e Pentecostés. A ascensão ocorreu 40 dias depois da ressurreição (vers. 3). portanto, ficavam dez dias até o Pentecostés, o qüinquagésimo dia, o dia da festa das semanas (ver com. Lev. 23: 16; Hech. 2: 1). Cf. T. V, P. 223.

Pedro.

Com referência a sua chamada, posição e caráter, ver com. Mar. 3: 14-16. As lições que tinha recebido do Jesus (Luc. 22: 32; Juan 21: 15-17; DTG 752-754) agora davam bom fruto. Seus dons naturais tinham sido santificados pela conversão, e surge agora como um dirigente da igreja. Mas em seu liderança não há nada ditatorial. Estimula a seus irmãos à ação consertada, e as decisões subseqüentes procedem de todo o grupo e não de um homem. Desempenha um papel proeminente nos assuntos da igreja primitiva. Seu sermão no dia do Pentecostés é o único que se registra (Hech. 2: 14-40); outros sermões seus também recebem menção específica (cap. 3: 12-26; 4: 8-12; 10: 34-43). O, junto com o Juan, faz o primeiro milagre de cura que se registra em Feitos (cap. 3: 1-11); seu dom de fazer milagres se menciona em forma especial (cap. 5: 15; 9: 32-41), e cumpre o papel principal na repreensão do Ananías e da Safira (cap. 5: 3-11). Não há dúvida de que desempenhou uma posição destacada na igreja primitiva; mas desaparece do relato de Lucas depois do cap. 15: 7, e a partir de então este concentra a atenção no Pablo. Com referência à suposta supremacia do Pedro, ver com. Mat. 14: 28; 16: 16-19.

Os irmãos.

Estes irmãos não são unicamente os irmãos de Cristo (Hech. 1: 14), pois havia como 120 pessoas pressente. É evidente que foi uma reunião formal, convocada para escolher ao décimo segundo apóstolo em substituição do Judas Iscariote.

Cento e vinte.

A palavra "como" indica que se tratava de um número aproximado; entretanto, o grupo era suficientemente grande para constituir um alicerce firme da jovem igreja em Jerusalém. O número não inclui a todos os que haviam acreditado, porque "mais de quinhentos irmãos" tinham visto o Jesus depois de seu ressurreição (1 Cor. 15: 6).

16.

Varões irmãos.

Alguns sugeriram que Pedro se dirigiu especificamente a 132 os homens reunidos, e que só eles participaram da eleição do décimo segundo apóstolo.

Era necessário que se cumprisse.

Não se trata de que os acontecimentos foram dispostos para que coincidissem com as Escrituras, mas sim as Escrituras, inspiradas pelo Espírito Santo, predisseram os acontecimentos. Mateo emprega muitas vezes entrevistas do AT da mesma maneira (ver com. Mat. 1: 22).

A Escritura.

A Escritura que se cita no vers. 20. Note-se como, desde seu mesmo começo, a igreja apostólica apoiou sua autoridade no AT.

Espírito Santo.

Pedro revela agora a convicção dos discípulos quanto à inspiração dos salmos do David. Acreditavam que David tinha falado (ou escrito) como porta-voz do Espírito. Este ensino concorda com 2 Tim. 3: 16 e 2 Ped. 1: 21.

Judas.

Note-a maneira em que o apóstolo aplica a Escritura. O vê o cumprimento do sucesso de acordo com a predição da Escritura, e o aplica categoricamente a uma pessoa: ao Judas, embora David não menciona o nome do traidor.

Que foi guia.

Ou "que chegou a ser guia" (ver com. Mat. 26: 3, 14, 47). Que mudança tão terrível! que tinha sido ordenado para guiar aos homens a Cristo a fim de que fossem salvos, preferiu guiar aos homens a Cristo para que o Salvador fora destruído. Entretanto, note-a delicadeza com a qual se descreve ao Judas. A pesar do horror que Pedro e os outros apóstolos devem haver sentido, não há recriminações. Deixa o julgamento do Judas nas mãos de Deus.

17.

Era contado conosco.

Tinha sido do grupo apostólico (Mat. 10: 4; Mar. 3: 19; Luc. 6: 16). Não há registro algum de que fora chamado como discípulo; ofereceu-se para ser um de os doze (DTG 260-261).

Tinha.

Melhor "obteve um posto" (BJ). Destaca-se o fato de que Cristo o aceitou como discípulo.

Parte.

Gr. kl'ros, "sorte", "porção", "parte". Desta palavra deriva "clero".

Este ministério.

Gr diakonía, "serviço", "ministério", e mais tarde "diaconado". Quem trabalharam na igreja primitiva sentiram profundamente a responsabilidade do ministério (diakonía) do Evangelho (Hech. 12: 25; 20: 24; 1 Cor. 16: 15; Couve. 4: 17; 2 Tim. 4: 5).

18.

Adquiriu.

É possível que os vers. 18 e 19 sejam a explicação do Lucas intercalada no discurso do Pedro. Dificilmente teria necessitado Pedro dar aos 120 detalhes a respeito da morte do Judas. Não é necessário deduzir deste relato que Lucas acreditava que Judas tinha comprado o "campo de sangue" antes de morrer. Com o dinheiro mau tido que o Judas comprou o campo, e sua sepultura ali foi a recompensa de sua iniqüidade. O registro do Mateo é explícito: Quando Judas viu que Jesus tinha sido condenado a ser crucificado e não fazia nenhum esforço por salvar-se, sentiu remorso por sua traição. Devolveu as trinta peças de prata aos sacerdotes com quem tinha feito seu infame trato, e logo se enforcou. Com esse dinheiro os principais sacerdotes compraram o campo do oleiro -onde se atiravam os refugos das olarias-, e ali enterraram ao Judas. Por causa disto, ou devido a que o dinheiro era o preço de "sangue inocente", o lugar foi chamado "campo de sangue" (ver com. Mat. 27: 3-10; DTG 669-670). A diferença entre os relatos do Mateo e do Lucas é assunto de retórica, não de feitos. Tudo o que recebeu Judas como recompensa foi uma vergonhosa sepultura em um campo baldio.

Caindo de cabeça.

sugeriu-se que as palavras que assim se traduzem poderiam ter significado "inchado"; mas a evidência é insuficiente para apoiar tal tradução. Judas, que possivelmente foi o discípulo que teve mais ambição pessoal, havia procurado alcançar altos níveis de poder mundano identificando-se com o reino que acreditava que Jesus estabeleceria sobre a terra. Sua horrível morte parece assinalar em forma notável os trágicos resultados de uma ambição tal. Em vez de alcançar as alturas às quais traiçoeiramente ambicionava, "caindo de cabeça", pereceu.

19.

Foi notório a todos.

À medida que se divulgou o relato da traição do Judas e seu suicídio, provavelmente influiu na gente de Jerusalém em favor de Cristo, porque compreendeu que ele tinha sido a vítima das intrigas sacerdotais e da traição de um discípulo. Além disso, as cenas da crucificação tinham sido vista pelas multidões (Luc. 23: 27, 35; Juan 19: 19-20; DTG 690, 720-723). Os que ressuscitaram depois do grande terremoto, apareceram-se a muitos (Mat. 27: 52-53; DTG 730). Os acontecimentos que rodearam o sacrifício de Cristo em favor 133 dos pecadores não ocorreram em segredo; não se ocultaram em um rincão (Hech. 26: 26).

chama-se.

Alguns sugeriram que a forma verbal traduzida "chama-se", proporciona uma evidência natural de que Lucas escreveu o livro de Feitos antes da

destruição de Jerusalém no ano 70 d. C., pois logo depois disto os nomes de os lugares, salvo os mais significativos, perderam-se em grande medida.

Sua própria língua.

Melhor "seu próprio dialeto [dialéktos]". Isto sugere que o aramaico não era a língua do Lucas e que não era judeu.

Acéldama.

Uma transliteración através do grego das palavras armasse jaqel dema, "campo de sangue". A tradição associa o lugar com o Hakk ed-Dumm, na borda sul do vale do Hinom, ao sul de Jerusalém (ver com. Mat. 5: 22). No campo comprado com as trinta peças de prata se sepultava aos estrangeiros que não tivessem parentes ou amigos que os enterrassem (Mat. 27: 6-10; cf. Zac. 11: 12-13).

20.

Está escrito.

Deve se notar e mantê-la relação com o vers. 17. depois da explicação dos vers. 18-19, Pedro cita Sal. 69: 25 (da LXX, com ligeiras modificações) e Sal. 109: 8 (também da LXX). O Sal. 69 inclui imprecações sobre os inimigos do David, mas também declarações proféticas que se referem ao Mesías, como pode ver-se nos vers. 7-2 L. O vers. 25 é principalmente uma maldição sobre os inimigos do David, e por extensão sobre os do Mesías; portanto, pode aplicar-se ao Judas. O Sal. 109 também é imprecatório, com palavras ainda mais ásperas que o outro; e o vers. 8 é um rogo para que o inimigo aludido, ao qual se amaldiçoa, tenha uma vida curta e seja tirado de seu cargo (ver com. Sal. 69; 1 09). Judas e seus terríveis acione concordam com o que se descreve nestes salmos, e seu merecida sorte corresponde com a dos inimigos que se descrevem nestes passagens. Este é um tipo de exegese empregado com freqüência no NT para interpretar e aplicar o AT (cf. 1 Ped. 1: 10- 11; cf. com. Deut. 18: 15). Pedro tomou a entrevista e a aplicou ao campo que Judas comprou (ver com. vers. 18), prevendo que não seria habitado.

Tome outro seu ofício.

O apóstolo emprega Sal. 109: 8 como autoridade para a eleição de outro que ocupasse o lugar deixado vacante pelo Judas.

21.

É necessário.

Gr. dei, "é necessário" (cf. vers. 16). Parece que Pedro pensava que se devia manter o número original de discípulos. Sem dúvida, os apóstolos tinham o conceito de que o número 12 representava plenitude, seguindo o exemplo das 12 tribos do Israel. Na verdade, lhes tinha prometido 12 tronos dos quais governariam às tribos (Mat. 19: 28), promessa que recorda as 12 estrelas na coroa da igreja (Apoc. 12: 1), e os 12 alicerces dos muros da nova Jerusalém, onde estão inscritos os nomes dos 12 apóstolos (Apoc. 21: 14). Jesus tinha ordenado um grupo de 12 dos quais se tinha perdido um. Pedro pensou que era necessário ter o número completo para dar testemunho concernente a todos os aspectos da vida e das obras do Senhor. diante dos apóstolos havia uma grande tarefa, e se necessitava o número

completo de testemunhas para levá-la a cabo. O número dos 12 foi discontinuado quando Jacobo morreu como mártir ao redor do ano 44 d. C. (cap. 12: 2); mas não há registro algum de que se nomeou a outro para substitui-lo.

Estes homens.

Parece que entre os crentes havia mais de um indivíduo que tinha as qualidades imprescindíveis para ser o sucessor do Judas, mas só a gente foi escolhido.

estiveram juntos conosco.

Pedro descreve aqui as qualidades que se desejava que tivesse o candidato. Devia ter estado com os discípulos durante o ministério terrestre do Senhor, dos dias do Juan o Batista até o dia da ascensão de Cristo.

Entrava e saía.

Hebraísmo para referir-se às atividades diárias, como as que Jesus havia compartilhado com seus discípulos.

22.

Começando.

Compare-se com o "princípio" de Mar. 1: 1.

Batismo do Juan.

Poderia referir-se aos dias quando Juan batizava e pregava, ou ao dia específico quando batizou ao Jesus.

A gente seja feita testemunha.

Ou "seja constituída testemunha". Com referência ao testemunho que deveria dar, ver com. vers. 8. destaca-se o testemunho do fato histórico da ressurreição (ver com. Luc. 24: 48).

23.

Assinalaram.

É provável que quem fez este señalamiento fossem os 120, embora o contexto imediato dos vers. 21-22 possivelmente poderia sugerir que só foram os onze apóstolos.

Assinalaram a dois.

Gr. ést'são dueto, o qual poderia traduzir-se como "puseram a dois diante" ou "se puseram de pé dois". No primeiro 134 sentido, entenderia-se que José e Matías foram propostos pelos discípulos como candidatos para os quais podia tornar-se sorte. Se se entender na segunda forma, indicaria que quando Pedro teve apresentado quais eram as qualidades necessárias para que um homem ocupasse o posto do Judas, perguntou se havia entre os pressente alguém com essas qualidades, e José e Matías ficaram de pé.

José.

Nome comum judeu (ver com. Gén. 30: 24).

Barsabás.

Gr. barsabbás, transliteración do aramaico, possivelmente de bar shabba,, seja, "filho do sábado", quer dizer, a gente nascido em sábado; ou de bar Ñeba' ou bar seja'b<, ambos de significado duvidoso. Alguns trataram que identificar a este Barsabás com Bernabé, o levita do Chipre que foi companheiro do Pablo (cap. 4: 36; 9: 27; 11: 22, 24), mas não há base bíblica para fazê-lo. É possível que fora o irmão do Judas Barsabás mencionado em outra passagem (cap. 15: 22).

Justo.

Um sobrenome latino. Nos tempos dos romanos muitos judeus adotaram tais sobrenomes.

Matías.

Possivelmente uma forma abreviada do Matatías, que deriva do Heb. Mattithyah, "dom de Jehová". Fora do vers. 26 não o menciona mais no NT, nem tampouco há nenhuma tradição fidedigna quanto a sua vida posterior. Eusebio (História eclesiástica I. 12. 3; iII. 25. 6) inclui-o entre os setenta, e menciona o evangelho apócrifo que lhe atribuía. diz-se que morreu como mártir em Etiópia ou na Judea (P. 38).

24.

Orando.

Que oração deve ter sido essa, a qual brotava pura de uma fé singela e perseverante! A jovem igreja recorria espontaneamente à oração em cada momento de dificuldade. Não o faziam só por hábito, embora o hábito era bom; nem tampouco como um ritual, porque ainda não tinham organizado a liturgia da igreja, mas sim porque aos apóstolos parecia que era tão natural falar por meio da oração com seu Senhor celestial como o tinham feito cara a cara com o Jesus na terra. Assim deveria ter ocorrido sempre nas vicissitudes da igreja, e assim também deveria ocorrer hoje.

Senhor.

Posto que Jesus tinha instruído a seus discípulos que deviam dirigir seus pedidos ao Pai em seu nome, quer dizer, o do Jesus, deve supor-se que aqui o nome Senhor se refere ao Pai.

Conhece os corações.

Cf. 1 Sam. 16: 7; Sal. 139: 1-4; Juan 2: 25.

Mostra.

Os 120 tinham recorrido a seu melhor critério ao propor os nomes de Barsabás e do Matías. Agora pediram ao Senhor que fizesse a decisão final.

25.

Parte.

A evidência textual (cf. P. 10) favorece o texto "o lugar".

Este ministério e apostolado.

Os apóstolos estavam plenamente conscientes da dignidade espiritual de seu chamada (ver com. vers. 17).

Caiu... por transgressão.

Melhor "que Judas desertou" (BJ) ou "apartou-se", ou "desviou-se", como rezam outras versões.

Seu próprio lugar.

"Aonde lhe correspondia" (BJ). Lhe pedia ao Senhor que escolhesse a um para substituir ao que tinha preferido a apostasia e tinha achado "seu próprio lugar" no desastre e a morte. Tal lugar pertencia ao Judas por sua própria eleição. Os acontecimentos tinham provado o que o Senhor já tinha previsto (Juan 6: 70-71; 13: 2, 21, 26): que ao Judas não correspondia um lugar entre os doze.

26.

Jogaram-lhes sortes.

Poderia entender-se de duas formas: (1) que o grupo jogou sortes pelos dois, ou (2) que os candidatos mesmos jogaram sortes. Não importa qual fora o método empregado, foi eleito Matías. Os judeus do AT conheciam bem o método de jogar sortes como algo habitual para tomar decisões: (1) para escolher os machos caibros nas muito significativas cerimônias do dia da expiação (Lev. 16: 5-10); (2) para distribuir a terra do Canaán entre as tribos (Núm. 26: 55; Jos. 18: 10), e ao voltar do exílio (Neh. 10: 34; 11: 1); (3) para determinar casos de crímenes nos quais havia dúvida (Jos. 7: 14, 18; 1 Sam. 14: 41-42); (4) para escolher os combatentes para uma batalha (juec. 20:8-10); (5) para designar a um que devia ocupar um posto de hierarquia (1 Sam. 10: 19-21); e (6) para designar as cidades dos sacerdotes e levita (1 Crón. 6: 54-65). Em 1 Cron. 24 a 26 se vê como se aplicava este método. entendia-se que o Senhor era o que decidia quando se tornava sorte (Prov. 16: 33). Os soldados jogaram sortes no Calvário para ficar com o manto sem costura do Senhor (Mat. 27: 35; ver com. Juan 19: 23-24). Mas a eleição do Matías, jogando sortes, é o único caso do emprego deste método entre os cristãos do NT. Com referência aos perigos que implica o de 135 pender de tais métodos hoje, ver com. Jos. 7: 14; Prov. 16: 33. Até onde o indica o registro, aceitou-se sem discussão a proposta do Pedro de que se usasse o método de jogar sortes. Parece que depois do Pentecostés, a direção direta do Espírito Santo fez que o jogar sortes estivesse de mais (Hech. 5: 3; 11: 15-18; 13: 2; 16: 6-9). Na igreja posterior aos apóstolos há um caso aonde se usou o jogar sortes para escolher a um bispo no terceiro canon do Concílio de Barcelona, Espanha, no ano 599 d. C.

Foi contado.

Do Gr. sugkataps'fízomai, da Sun, "com", katá, "abaixo", e pS'fos, "piedrecita". Se refere ao antigo método de escolher a uma pessoa jogando uma piedrecita em uma urna. Pode traduzir-se "foi designado", "foi eleito por votação".

Com os onze.

Aos olhos do mundo Matías tinha ocupado uma posição muito modesta: ser um de os dirigentes de um insignificante grupo de humildes pessoas que logo seriam perseguidas. Mas para os crentes, a posição a qual Matías tinha sido comissionado representava incomensuráveis possibilidades para o futuro. Não há razão para lhe negar ao Matías sua dignidade como sucessor do Judas no corpo apostólico. Se alguém afirmar que não se diz nada na Bíblia em quanto à obra posterior do Matías, recorde-se que tampouco se menciona nada da obra posterior do Andrés, Felipe (o Felipe do cap. 8 era o diácono), Tomam, Bartolomé, Mateo, Jacobo o menor, Simón Zelote, e Judas Lebeo Tadeo.

Não se registra que os discípulos tivessem imposto as mãos ao Matías (cf. cap. 6: 6; 13: 3). Evidentemente a igreja acreditava que o Espírito Santo havia demonstrado sua aprovação na eleição mediante sortes. Nesta eleição de Matías temos importantes e antigas evidências de organização eclesiástica: (1) uma reunião oficial de crentes, (2) o tratar um importante assunto eclesiástico, (3) a decisão e sua execução. A igreja estava organizada e agora aguardava o poder divino.

Alguns fazem do Pablo o décimo segundo apóstolo. Entretanto, embora Pablo se chamou a si mesmo apóstolo vez detrás vez (ROM. 1: 1; 1 Cor. 1: 1; 2 Cor. 1: 1, e em outras epístolas), nunca pretendeu ser um dos doze, nem o designa de essa maneira em nenhuma parte. Na verdade, reconhecia e destacava que ser dos doze era uma distinção (1 Cor. 15: 5-8). Dizia claramente que não havia recebido seu conhecimento do Evangelho dos doze (Gál. 1: 11-12, 15-19), e seguiu um programa diferente ao deles (ROM. 15: 20-21). Em P 199 e HAp 84 afirma-se que Pablo ocupou o lugar do Esteban.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

3 FÉ 535; HAp 22; P 188 .

5 MeM 58

5-7 HAp 25

6-7 SR 241 7

7 Ev 509; TM 51

8 HAp 15, 25, 88; 3JT 206; MeM 48; NB 368; OE 289,

301; 7T 273; 8T 56; TM 62, 199, 27.

9 P 190

9-11 DTG 771; P 190

10-11 HAp 27; NB 56; IT 41; 2T 194

11 CS 346, 388; P 109

14 C (1967) 146; EC 101; 3JT 193; P 191; TM 168; 5TS 11

16-18 DTG 669

21-26 3JT 411

24 1JT 110 136

CAPÍTULO 2

1 Os apóstolos, cheios do Espírito Santo, falam em diversas línguas; uns admiram-nos, mas outros se burlam. 14 Pedro desaprova a estes, e lhes mostra que os apóstolos falam assim pelo poder do Espírito Santo; que Jesus ressuscitou, subiu ao céu e derramou o Espírito Santo sobre seus discípulos; que o Mesías (Jesus), um homem conhecido por eles como aprovado de Deus por seus milagres, maravilhas e sinais, não foi crucificado sem a prévia vontade e conhecimento do Pai, 37 Pedro batiza a um grande número de conversos, 41 os quais perseveram na doutrina, na caridade e a oração.
Os apóstolos fazem milagres, e cresce a igreja.

1 QUANDO chegou o dia do Pentecostés, estavam todos unânimes juntos.

2 E de repente veio do céu um estrondo como de um vento robusto que soprava, o qual encheu toda a casa onde estavam sentados;

3 e lhes apareceram línguas repartidas, como de fogo, assentando-se sobre cada um deles.

4 E foram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes dava que falassem.

5 Moravam então em Jerusalém judeus, varões piedosos, de todas as nações sob o céu.

6 E feito este estrondo, juntou-se a multidão; e estavam confusos, porque cada alguém lhes ouvia falar em sua própria língua.

7 E estavam atônitos e maravilhados, dizendo: Olhem, não são galileos todos estes que falam?

8 Como, pois, ouvimo-lhes nós falar cada um em nossa língua em que nascemos?

9 Partos, medos, elamitas, e os que habitamos na Mesopotamia, na Judea, em Capadocia, no Ponto e na Ásia,

10 na Frigia e Panfilia, no Egito e nas regiões da África além de Cirene, e romanos aqui residentes, tanto judeus como partidários,

11 cretenses e árabes, ouvimo-lhes falar em nossas línguas as maravilhas de Deus.

12 E estavam todos atônitos e perplexos, dizendo-se uns aos outros: O que quer dizer isto?

13 Mas outros, burlando-se, diziam: Estão cheios de mosto.

14 Então Pedro, ficando em pé com os onze, elevou a voz e lhes falou dizendo: Varões judeus, e todos os que habitam em Jerusalém, isto lhes seja notório, e ouçam minhas palavras.

15 Porque estes não estão ébrios, como vós supõem, posto que é a hora

terceira do dia.

16 Mas isto é o dito pelo profeta Joel:

17 E nos últimos dias, diz Deus, Derramarei de meu Espírito sobre toda
carne, E seus filhos e suas filhas profetizarão; Seus jovens verão
visões. E seus anciões sonharão sonhos;

18 E de certo sobre meus servos e sobre meus sirva naqueles dias Derramarei
de meu Espírito, e profetizarão.

19 E darei prodígios acima no céu, E sinais abaixo na terra, Sangue e
fogo e vapor de fumaça;

20 O sol se converterá em trevas, E a lua em sangue, Antes que venha o
dia do Senhor, Grande e manifesto;

21 E todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo.

22 Varões israelitas, ouçam estas palavras: Jesus nazareno, varão aprovado por
Deus entre vós com as maravilhas, prodígios e sinais que Deus fez entre
vós por meio dele, como vós mesmos sabem;

23 a este, entregue pelo determinado conselho e antecipado conhecimento de
Deus, prenderam e mataram por mãos de iníquos, lhe crucificando;

24 ao qual Deus levantou, soltos os dores da morte, por quanto era
impossível que fosse retido por ela.

25 Porque David diz dele: Via o Senhor sempre diante de mim; Porque está a
minha mão direita, não serei comovido.

26 Pelo qual meu coração se alegrou, e se gozou minha língua, E até minha carne
descansará em esperança; 137

27 Porque não deixará minha alma no Hades,

Nem permitirá que seu Santo veja corrupção.

28 Me fez conhecer os caminhos da vida;

Encherá-me de gozo com sua presença.

29 Varões irmãos, lhes pode dizer livremente do patriarca David, que
morreu e foi sepultado, e seu sepulcro está conosco até o dia de hoje.

30 Mas sendo profeta, e sabendo que com juramento Deus lhe tinha jurado que
de sua descendência, quanto à carne, levantaria o Cristo para que se
sentasse em seu trono,

31 vendo-o antes, falou da ressurreição de Cristo, que sua alma não foi
deixada no Hades, nem sua carne viu corrupção.

32 A este Jesus ressuscitou Deus, do qual todos nós somos testemunhas.

33 Assim, exaltado pela mão direita de Deus, e tendo recebido do Pai a
promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós vêem e ouvem.

34 Porque David não subiu aos céus; mas ele mesmo diz:

Disse o Senhor a meu Senhor:

Sente-se a minha mão direita,

35 Até que ponha a seus inimigos por estrado de seus pés.

36 Saiba, pois, ciertísimamente toda a casa do Israel, que a este Jesus a quem vós crucificaram, Deus lhe tem feito Senhor e Cristo.

37 Para ouvir isto, compungiram-se de coração, e disseram ao Pedro e aos outros apóstolos: Varões irmãos, o que faremos?

38 Pedro lhes disse: Arrepentíos, e batize-se cada um de vós no nome do Jesucristo para perdão dos pecados; e receberão o dom do Espírito Santo.

39 Porque para vós é a promessa, e para seus filhos, e para todos os que estão longe; para quantos o Senhor nosso Deus chamar.

40 E com outras muitas palavras atestava e lhes exortava, dizendo: Sede salvos desta perversa geração.

41 Assim, os que receberam sua palavra foram batizados; e se acrescentaram aquele dia como três mil pessoas.

42 E perseveravam na doutrina dos apóstolos, na comunhão uns com outros, no partimiento do pão e nas orações.

43 E sobreveio temor a toda pessoa; e muitas maravilhas e sinais eram feitos pelos apóstolos.

44 Todos os que tinham acreditado estavam juntos, e tinham em comum todas as coisas;

45 e vendiam suas propriedades e seus bens, e o repartiam a todos segundo a necessidade de cada um.

46 E perseverando unânimes cada dia no templo, e partindo o pão nas casas, comiam juntos com alegria e simplicidade de coração,

47 elogiando a Deus, e tendo favor com todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia à igreja os que tinham que ser salvos.

1.

Chegou.

Literalmente "ao haver-se completo". Esta forma verbal parece expressar que o dia já tinha chegado. Possivelmente se fala aqui de uma hora matutina.

Dia.

Até hoje os judeus palestinos celebram a festa do Pentecostés em um sozinho dia; mas os judeus da diáspora o celebram durante dois dias. Antigamente se fazia isto para ter a segurança de que a festa se celebrasse no dia correto.

Pentecostés.

Gr. pent'kost'- do qüinquagésimo adjetivo", o qual é uma referência aos cinqüenta dias entre o começo da festa dos pães sem levedura e a festa das primicias (festa das semanas ou Pentecostés). Até onde se saiba, esta palavra grega se usou pela primeira vez para referir-se à festa feijão das semanas no Tobías 2: 1 (escrito C. 200 A. C.) e 2 Macabeos 12: 32 (c, 120 A. C), o qual indica que se empregou entre os judeus muito antes da era cristã. comenta-se mais ampliamente a festa do Pentecostés e sua posição no calendário judeu em com. Exo. 23: 16; Lev. 23: 16; cf. T. I, p.722; T. II, pp. 109, 112; T. V, diagrama 10, P. 223. Continuando apresentamos um breve resumo dos fatos importantes relacionados com o derramamento do Espírito Santo nessa ocasião. A data do Pentecostés depende da data da páscoa. O cordeiro pascal era sacrificado o 14 de Nisán. O 15 do Nisán começava a festa dos pães sem levedura, e o 16 se balançava diante do Senhor um feixe das primicias da colheita de cevada (Lev. 23: 5-11). Desde dia 16 se contavam, de 138 acordo com o cômputo inclusivo, sete semanas e um dia, quer dizer 50 dias, até a festa das primicias da colheita do trigo, que também se chamava festa das semanas, devido às sete semanas que transcorriam (Lev. 23: 15-16). Esta era a festa que chegou a conhecer-se com o nome do Pentecostés.

Já que no ano da crucificação, o 16 do Nisán caiu em dia domingo (ver a primeira Nota Adicional do Mat. 26), Pentecostés, 50 dias mais tarde, de acordo com o cômputo inclusivo, também teria cansado em domingo esse ano. Sem embargo, este fato não lhe dá apoio bíblico à santidade do dia domingo (ver com. Mat. 28: 1).

De todas as festas judias, a do Pentecostés era a que atraía o major número de peregrinos de terras longínquas. Os perigos próprios das viagens por mar e terra a começos da primavera ou a fins do outono (Hech. 27: 9), impediam que viessem muitos de lugares longínquos para a páscoa ou para a festa dos tabernáculos. Mas a temporada do Pentecostés era favorável, e em nenhuma outra festa teriam estado presentes em Jerusalém tantos representantes de outras nações. Não havia nenhuma outra ocasião quando o dom do Espírito poderia produzir efeitos tão diretos, imediatos e abarcantes. Além disso, o tipo de oferendas, que eram principalmente de paz e de consagração, davam-lhe à ocasião um caráter de gozo. O pão era levedado, o qual indicava um novo espírito de liberação e comunhão que se manifestava em meio dos celebrantes enquanto se regozijavam juntos. A festa do Pentecostés se parecia muito a uma festa de colheita. Até o Pablo, que pouco se interessava em festividades como estas (ROM. 14: 5), tinha desejos de celebrar a festa de Pentecostés em Jerusalém apesar de suas viagens missionárias na Ásia e Grécia (Hech. 18: 21; 20: 16).

Cada aspecto da antiga festa das semanas tinha um sentido figurado, o que a fazia um símbolo da obra que estava a ponto de consumar-se. Como era a festa das primicias, era apropriado que fora a ocasião da primeira colheita dos campos que já estavam "brancos para a ceifa" (Exo. 23:16; Juan 4: 35). Quando os israelitas recordavam nesta festa que tinham sido escravos no Egito, podiam sentir outra vez a liberdade que lhes tinha dado o êxodo (Deut. 16: 9-12) e sua liberação da escravidão (Lev. 23: 21). Pelo tanto, era um momento apropriado para o derramamento do Espírito do Senhor, pois "onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade" (2 Cor. 3: 17). Esse Espírito teria que guiar à igreja na verdade, a qual certamente libera a todos os que a recebem (Juan 8: 32).

É interessante recordar que os rabinos, quem computou o intervalo entre a primeira páscoa e a entrega da lei no Sinaí, chegaram à conclusão de que Deus "falou" (expôs com palavras) a lei ao povo (Exo. 20: 1) no dia que mais tarde foi observado como Pentecostés (Talmud, Pesaj 68b). Crie-se que por meio desta tradição a festa adquiriu uma natureza comemorativa.

Pentecostés era um dia importante na vida dos israelitas, e se constituiu em um símbolo apropriado de um dia ainda mais importante, quando o Espírito de Deus descendeu sobre todos os que estavam preparados para recebê-lo.

Todos.

Provavelmente se refira aos 120 e a outros crentes que puderam haver-se unido a eles.

Unânimes juntos.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto: "estavam todos reunidos em um mesmo lugar" (BJ).

Embora no grego não se afirme que estavam "unânimes", é evidente que havia unidade entre os discípulos. O ciúmes manifestados quando não puderam sanar ao moço diabólico (Mar. 9: 14-29; DTG 394,396398), quando lutavam por os primeiros postos (Luc. 22: 24) e quando se negaram a lavar-se mutuamente os pés (Juan 13: 3-17; DTG 599-600), tinham sido eliminados de seus corações por as agonias da crucificação, a glória da ressurreição e a majestade da ascensão. Seu Professor tinha ressuscitado o dia do oferecimento do feixe de cevada balançada, que o representava a ele, as primicias. Durante 40 dias Jesus tinha estado com eles repetidas vezes. Da ascensão tinham transcorrido dez dias, durante os quais tinham aguardado "a promessa do Pai". O que os proporcionaria essa promessa? Os dez dias de espera tinham sido de fervente oração (Hech. 1: 14), elevada com espírito de unanimidade (HAp 29-30). Esta é a verdadeira unidade que deve caracterizar ao povo de Deus quando aspirar a desfrutar de uma experiência especial com seu Senhor, ou espere dele uma manifestação de poder. Tudo o que límpida tal unidade deve tirar-se para que não obstaculize a obra do Espírito, que é a 139 obra de Deus em favor de seu povo.

É provável que todos estivessem no mesmo aposento alto onde se havia celebrado o último jantar (Luc. 22: 11-14), lugar onde possivelmente também se refugiaram os discípulos depois da crucificação, e ao qual voltaram depois de que Jesus ascendeu (ver com. Hech. 1: 13). Alguns supõem que é provável que os discípulos se estivessem reunindo em um dos aposentos do templo, aos quais Josefo (Antiguidades vIII. 3. 2) chama bikoi, "casas", e que podiam ser usados por um grupo de amigos ou membros de uma fraternidade durante uma festa. Entretanto, parece pouco provável que os discípulos se tivessem arriscado a que os visse juntos em um lugar público como eram os recintos do templo.

2.

De repente.

Sem advertência, em forma inesperada. Os 120 não podiam ter nenhuma idéia de a maneira na qual teria que chegar o Consolador.

Do céu.

Do mesmo lugar de onde veio o Espírito Santo para descender sobre o Jesus quando foi batizado (Mat. 3: 16; Luc. 3: 2 1-22).

Estrondo.

Gr.' jos, "som", "ruído"; de onde deriva "eco". Lucas a usa em seu Evangelho (cap. 21: 25) para descrever o rugido das ondas do mar, e o autor de Hebreus (cap. 12: 19) para referir-se ao som da trompetista tocada no Sinaí.

Um vento robusto.

Literalmente "um vento violento levado", quer dizer, "um vento que sopra impetuosamente" (NC). Note-se que não foi um vento, mas sim "como" vento. A impressão sensorial de quem viveu essa experiência foi a de um vento forte. A palavra que se traduz "vento" (pno') aparece no NT só aqui e no cap. 17:25, onde significa "fôlego". Na LXX se usa com este mesmo sentido. Lucas possivelmente escolheu usar aqui a palavra pnoé como uma descrição do "sopro" sobrenatural que os discípulos estavam a ponto de experimentar, e que deve lhes haver recordado o que sentiram quando o Senhor "soprou, e os disse: Recebam o Espírito Santo" (Juan 20: 22). Agora sentiram uma vez mais o impacto celestial desse sopro divino que lhes inspirava temor e reverência.

Encheu.

Embora a sintaxe exige que "estrondo" seja o sujeito deste verbo, é evidente que a casa se encheu do Espírito Santo, representado no Juan 3:8 por o vento.

Toda a casa.

O lugar onde se achavam reunidos (vers. 1). Tanto o som como o vento podem encher rapidamente todos os rincões de um edifício. Assim também a vinda do Espírito encheu o lugar onde estes cristãos estavam reunidos.

Estavam sentados.

Pela manhã (vers. 15), possivelmente aguardando a hora da oração.

3.

Lhes apareceram.

Acabavam de receber uma evidência audível da vinda do Espírito (vers. 2); agora tinham uma evidência visível de que sim tinha vindo.

Línguas repartidas.

Melhor línguas "de fogo que dividindo-se" (BJ, 1966). No grego dá a idéia de um fogo que se divide em muitas línguas pequenas que logo se posam em cada membro da assembléia reunida. A figura de "línguas" é apropriada em vista do dom da fala que o Espírito concedeu aos crentes.

Como de fogo.

As línguas não eram chamas de fogo, mas sim pareciam fogo (cf. "como de vento robusto", vers. 2). A divindade e o fogo muitas vezes aparecem unidos

nas Escrituras (cf. Exo. 3: 2; Deut. 5: 4; Sal. 50: 3; Mau. 3: 2), sem dúvida, devido ao poder, o resplendor e os efeitos purificadores do fogo. Juan o Batista tinha prometido que Cristo batizaria "em Espírito Santo e fogo" (Mat. 3: 11).

Assentando-se.

No texto grego o verbo está em singular; portanto, o sujeito deve ser cada uma das línguas de fogo por separado ou o Espírito Santo (vers. 4). A forma verbal grega que se traduz "assentando-se", sugere uma ação momentânea e não contínua. Embora as línguas com aparência de fogo permaneceram sobre os crentes só brevemente, os efeitos deste acontecimento perduraram durante toda a vida dos fiéis cristãos que receberam o Espírito.

4.

Foram todos cheios.

Este é o cumprimento de "a promessa do Pai" (ver com. cap. 1:4-5) e o resultado contente dos dez dias de espera em oração. Aos discípulos se tinha-lhes ensinado a orar pedindo o Espírito (Luc. 11:13). Jesus havia soprado sobre eles a noite que seguiu à ressurreição, e lhes havia dito: "Recebam o Espírito Santo" (Juan 20:22). O Espírito prometido se empossou deles, enchendo o íntimo de seu ser e lhes insistindo a pôr em intensa atividade todas suas faculdades. Assim participaram das mesmas experiências de os profetas, pensando e falando palavras que não eram as

141 delas, a não ser inspiradas (cf. 2 Ped. 1:21).

Não deve pensar-se que este derramamento se limitou aos apóstolos. As palavras e o contexto induzem ao leitor a acreditar que todos os que estavam reunidos, sem omitir as mulheres, compartilharam a distribuição do dom do Espírito Santo. Desde não ter sido assim, Pedro dificilmente teria aplicado a profecia do Joel como o fez (Hech. 2: 16-18).

Espírito Santo.

No AT há muitas claras referências ao Espírito de Deus (Núm. 24: 2; Juec. 6: 34; 1 Sam. 16: 13; 2 Sam. 23: 2; 2 Crón. 24: 20; Sal. 51: 11; ISA. 48: 16; Eze. 11: 5; Joel 2: 28-29; etc.). Mas nenhuma manifestação do Espírito em o AT pode comparar-se com a que presenciaram os discípulos no dia de Pentecostés: (1) pela ineq uívoca identificação do Agente, (2) pela plenitude do derramamento, e (3) pelos resultados que seguiram. Pelo tanto, muitas vezes se designa esse dia como o aniversário da igreja. Os grandes episódios da vida terrestre do Jesus -seu nascimento, seu batismo e a recepção do Espírito Santo, sua crucificação, sua ressurreição, sua ascensão- foram de suprema importância e vitais para o desenvolvimento do plano de salvação. Mas o derramamento do Espírito no dia do Pentecostés veio imediatamente depois da aceitação celestial do grande sacrifício de Cristo e sua coroação com o Pai (HAp 31-32). Por meio desse derramamento a igreja ficou capacitada para fazer por Cristo o que nunca antes se havia tentado: a predicación das boas novas de salvação a todas as nações. Este não foi simplesmente um movimento do Espírito; não foi só o sopro do Espírito; foi o henchimiento dos discípulos, sua completa posse pelo Espírito Santo. A partir desse momento a igreja foi o instrumento

do Espírito. Não há nada no registro posterior que sugira que algum de os que nesse dia memorável foram poseídos pelo Espírito, perdesse alguma vez essa posse. Os cristãos, nas sucessivas gerações, cada vez mais afastados da experiência do Pentecostés, fizeram-se menos e menos receptivos ao dom divino, e sobreveio a apostasia. Os crentes de hoje podem beneficiar-se com esta realidade histórica da igreja primitiva.

Começaram.

Isto assinala o efeito imediato do descida do Espírito Santo sobre os discípulos. Não houve um período de espera nem de aprendizagem. "Começaram a falar" imediatamente.

Outras línguas.

Quer dizer "línguas diferentes" de seu próprio idioma. A palavra grega glÇssa, "língua" (aqui e no vers. 11), refere-se em primeiro lugar à língua que permite falar, e também se refere a um idioma qualquer.

A capacidade de falar outros idiomas foi um dom que se deu aos discípulos com o propósito especial de que pudessem levar a mensagem evangélica a tudo o mundo. Para a festa do Pentecostés se reuniram em Jerusalém peregrinos dos quatro pontos cardeais (ver com. vers. 9-11). Estes judeus da diáspora (ver mapa P. 140; T. V, pp. 61- 62) possivelmente entendiam suficientemente o hebreu para poder aproveitar os serviços do templo; mas possivelmente não estavam em condições de entender o aramaico, idioma cotidiano dos discípulos. Pelo bem dos discípulos e daqueles que teriam que receber a mensagem por meio deles, o Espírito Santo os capacitou para proclamar o Evangelho com fluidez nos idiomas falados por os peregrinos. Este foi um grande milagre, e cumpriu uma das últimas promessas do Senhor (ver com. Mar. 16: 17). Facilitou que houvesse uma grande colheita esse dia (Hech. 2: 41), e teve efeitos de alcance mundial nos anos que seguiram. Ver com. Hech. 10: 45-46; 1 Cor.14.

A narração não diz claramente se este dom de falar em outras línguas foi permanente, mas deveria se ter em conta que o que o Espírito fez uma vez, é capaz de repeti-lo quando for necessário (HAp 33).

Segundo o Espírito.

O Espírito deu aos discípulos não só o dom de falar em outras línguas, mas também a mensagem. Falaram movidos pela condução direta do Espírito.

Dava.

O tempo do verbo em grego sugere que o Espírito continuava dando palavras aos oradores conforme surgisse a necessidade. É possível que os discípulos se dirigiram sucessivamente aos diferentes grupos lingüísticos, e que o sermão do Pedro (vers. 14-36) ante toda a multidão resumia suas mensagens.

Que falassem.

Gr. apofthéggomai, "declarar", "dizer francamente". A LXX emprega esta palavra para descrever o ato de profetizar (1 Crón. 25: 1; Eze. 13: 19; Zac. 10: 2). Aqui se emprega para dar a idéia de expressar-se em forma clara, digna e potente, o qual levou a conversão de 3.000 pessoas em um 142 só dia. Com referência à relação entre o dia do Pentecostés e a chuva temprana, ver

com. Joel 2: 23.

5.

Moravam então em Jerusalém.

surgiu a pergunta de como pode entender-se que os estrangeiros mencionados nos vers. 9- 11 pudessem estar vivendo em Jerusalém. Há duas explicações possíveis. Estes Judeus possivelmente chegaram à cidade de seus antepassados para permanecer algum tempo possivelmente por assuntos comerciais, ou talvez, como Pablo, para estudar (cap. 22: 3), ou alguns podiam ter estado já retirados da vida ativa. Além disso, não é impossível entender que estas pessoas que "residiam" (BJ) em Jerusalém, estavam ali de passagem, especialmente porque alguns são chamados habitantes da Mesopotamia (cap. 2: 9) e "forasteiros romanos" (vers. 10, BJ).

Piedosos.

Este adjetivo se usa para descrever ao Simeón (Luc. 2: 25). Em primeiro lugar se refere à circunspeção, a maneira de ocupar-se cuidadosamente das coisas sagradas, com reverência e consagração. Este significado poderia incluir tanto aos partidários como aos que eram judeus de nascimento. A expressão "todas as nações sob o céu" faz que esta inclusão seja necessária. Este mesmo adjetivo aparece novamente no Hech. 8: 2.

De todas as nações sob o céu.

Em seu famoso discurso, pronunciado 35 anos mais tarde, e em um intento por conseguir que os judeus não se rebelassem contra os romanos, Herodes Agripa II declarou que "não há povo no mundo que não contenha parte de nossa raça" (Josefo, Guerra iI. 16. 4); e Santiago dirigiu sua epístola inspirada "às doze tribos que estão na dispersão" (Sant. 1: 1). Esta "dispersão" dos judeus se devia em primeiro lugar aos grandes cativeiros que tinham sofrido: (1) as dez tribos levadas a Assíria e a Medeia no ano 722 A. C. (2 Rei. 17: 6); (2) a tribo do Judá a Babilônia, em três deportações diferentes, começando no ano 605 A. C. (ver coro. 2 Crón. 36: 1-21; Jer. 52: 1-30; Dão. 1: 1-7); (3) o grande número de pessoas levadas ao Egito pelo Macedônia Tolomeo Sóter (Josefo, Antiguidades xII. 1.1). além dos cativos que tinham sido dispersos pelo cativeiro, milhares dos quais tinham ido a todas partes do mundo atraídos pelas atividades comerciais.

6.

Feito este estrondo.

"Ao produzir-se aquele ruído" (BJ). A palavra grega que se traduz "estrondo" é fÇn', "voz", "som". A usa no Juan 3: 8 para referir-se ao vento e para explicar os movimentos do Espírito. Aqui poderia entender-se em dois formas: (1) que se trata do estrondo que veio do céu como um vento robusto (Hech. 2: 2), (2) ou como o ruído que produziram os diferentes discursos de os discípulos (vers. 4). Mas como fÇn' aparece em singular, parece melhor relacioná-la com o som de origem divina, o qual bem pôde haver-se escutado fora da casa onde estavam os crentes; mas também pode relacionar-se com as muitas vozes do vers. 4.

A multidão.

Quer dizer, as multidões em Jerusalém, entre as quais se menciona

especialmente aos visitantes de terras longínquas.

Estavam confusos.

Gr. sugjéó "mesclar com", "confundir", "transtornar". Esta palavra só se usa nos Fatos, aonde aparece cinco vezes. A multidão naturalmente ficou surpreendida quando chegou ao lugar de onde provinha o ruído, e ouviu oradores que usavam tantas línguas diferentes.

Ouvia-lhes falar.

Algumas vezes surge a pergunta se os apóstolos receberam o dom de falar em outras línguas, ou se o dom operou nos ouvintes para que entendessem o que diziam os apóstolos. É certo que Pablo mais tarde reconheceu a existência do dom de interpretação de línguas (1 Cor. 12: 30; 14: 13, 27), mas parece ser bem claro que no dia do Pentecostés o dom foi concedido aos apóstolos, porque o Espírito foi derramado sobre eles (Hech. 2: 3-4; HAp 33; DTG 760).

Língua.

Gr. diálektos (ver com. cap. 1: 19). A lista que segue (cap. 2: 9-11) se refere a grupos lingüísticos. É provável que cada orador falasse em uma língua diferente, segundo o grupo ao que se dirigia. Os que chegavam à reunião sem dúvida procuravam em um lado e outro até encontrar o grupo onde se achava sua própria língua. Deste modo muitas nacionalidades receberam simultaneamente a mensagem.

7.

Estavam atônitos e maravilhados.

"Atônitos" se traduz de uma palavra grega que literalmente significa "estar fora de si"; refere-se ao assombro que sobreveio a quem foi testemunhas do milagre do dom de línguas. Compare-se com o uso do mesmo verbo em Mar 3: 21: "Está fora de si". "Maravilhados" tem a conotação de uma ação continuada: quanto mais ouviam, mais maravilhados ficavam.

Galileos.

Esta descrição dos mensageiros 143 evangélicos poderia referir-se em primeiro lugar aos apóstolos, que eram todos galileos (ver com. Mar. 3: 14), se se inclui o Matías como oriundo dessa província. De um modo geral, poderia dizê-lo mesmo dos 120, muitos dos quais sem dúvida eram da Galilea.

Parece que o gentilicio "galileo" se usava despectivamente porque os habitantes da Galilea não eram cultos (ver com. Mat. 2: 22; 4: 15; 26: 73; DTG 199). portanto, era muito surpreendente encontrar-se com galileos que falassem corretamente idiomas estrangeiros.

8.

Ouvimo-lhes nós falar.

Sem dúvida se trata de uma declaração composta em que o autor incorpora numerosos comentários de representantes das diversas nacionalidades que a continuação se enumeram. O fato que testemunham estes maravilhados auditores era tanto uma profecia como uma promessa de que o Evangelho seria proclamado em

todo mundo, apesar da grande diversidade de idiomas.

em que nascemos.

Muitos dos pressente, embora judeus por religião, tinham nascido em outros países e se criaram falando os idiomas de seus diferentes lugares de nascimento. A lista que segue revela a um historiador bem preparado, que tinha investigado cuidadosamente quanto às nações representadas nesta grande ocasião, quem depois assistiu pelo menos a uma festa do Pentecostés (cap. 21: 15), e que portanto conhecia a heterogênea multidão que se congregava nessa festa. Lucas segue certa seqüência ao enumerar as nações, como se tivesse uma visão panorâmica do Império Romano. Com Palestina ao centro, olhe primeiro ao este; logo, em ordem, passa ao norte, ao oeste, e ao sul. Deste modo se justifica a referência a "todas as nações sob o céu" (cap. 2: 5). Os judeus da diáspora (T. V, pp. 61-62; Juan 7: 35; Hech. 6: 1) parecem, pelo general, haver-se dividido em quatro classes. Estas classes, junto com alguns de seus componentes, aos quais se refere Lucas, são: (1) os que vinham de Babilônia e outras regiões orientais: partos, medos, elamitas; os que habitavam na Mesopotamia; (2) os de Síria e da Ásia Menor: Judea, Capadocia, Ponto, Ásia, Frigia, Panfilia; (3) os do norte da África: Egito, regiões além do Cirene; (4)os de Roma. Pelo tanto, parece que esta lista se apresenta conforme a um esquema geralmente conhecido. Com referência à situação geográfica dos diversos povos mencionados, ver mapas do T. I, P. 283; T. V, mapa frente à P. 289; T. VI, P. 140.

9.

Partos.

A lista começa pelo oriente com o grande reino parto. Partia era ainda o principal inimigo do governo romano, como o tinha sido quase um século antes nos tempos de Crasso, general romano a quem derrotou. Partia ficava ao sul do mar Caspio, do Tigris até o Indo. Ali se falava o persa, idioma que possivelmente falavam também os medos.

Medos.

Meia, ao sudoeste do mar Caspio, ao leste da região de Assíria. Alguns israelitas das dez tribos tinham sido levados cativos a Meia (2 Rei 17: 6). Ver com. Gén. 10: 2; Dão. 2: 39.

Elamitas.

Este povo vivia em um reino limítrofe com a Partia, ao este; com Meia, ao norte; e com Babilônia, ao oeste. O golfo Pérsico ficava ao sul. Ver com. Gén. 10: 22; Est. 1: 2; Dão. 8: 2. Na LXX os elamitas são chamados "persas", mas o idioma deles era diferente ao da Persia.

Os que habitamos na Mesopotamia.

Melhor "habitantes da Mesopotamia" (BJ). Mesopotamia ficava entre dois rios, é dizer, entre o Tigris e o Eufrates (ver com. Gén. 24: 10). Seus habitantes incluíam vários grupos lingüísticos que falavam diversos dialetos do aramaico (T. I, P. 34; ver com. Dão. 2: 4).

Judea.

Chama a atenção que Lucas mencione aqui a Judea. Alguns têm suposto que deveria ler-se a Índia ou Idumea. Mas era natural que o gentil Lucas mencionasse a Judea, o ponto central de seu relato. Sua presença fazia mais completa a lista. Pode entender-se que "Judea" se refere, em sentido mais amplo, a toda Palestina.

Capadocia.

Ao deslocar-se deste ao oeste, Lucas nomeia a seguir a província que ficava ao noroeste da Mesopotamia. Capadocia estava na parte central do que agora é a Turquia; limitava com Armênia pelo este e com o mar Negro (Ponto Euxino) e a província do Ponto pelo norte; com a Galacia pelo oeste, e com Cilícia, o país do Pablo (cap. 21: 39), pelo sul. Não se sabe o que idioma se falava ali. Possivelmente era similar à "língua licaónica" (Hech. 14: 11).

Ponto.

Esta região ficava na borda sul do mar Negro, ao norte da Capadocia. Como sua vizinha, estava sob a administração romana. Não se conhece sua língua nativa.

Ásia.

Não se refere ao que hoje chamamos 144 a Ásia, a não ser à província romana que ficava na parte ocidental do Ásia Menor, a qual abrangia parte do que hoje é a Turquia. A cidade principal era Efeso. Na segunda viagem missionária do Pablo, o Espírito Santo lhe impediu que entrasse nesta região; com freqüência a chamava Jonia e, quanto à população, era peculiarmente grega. As sete cartas do Apoc. 2 e 3 estão dirigidas a cidades da província da Ásia. Embora a maioria da população desta região e da zona circunvizinha falava o grego, com toda segurança o povo usava seus idiomas nativos.

10.

Frigia e Panfilia.

Dois pequenos distritos ao sudeste da província romana de "Ásia".

Egito.

Egito e os hebreus tinham tido relações por mais de mil e quinhentos anos. Jacob e sua família tinham estado ali; as tribos hebréias tinham sido pulseiras no Egito, e mais tarde os egípcios invadiram a Palestina (ver com. 1 Rei. 14: 25). Nos tempos do Jeremías havia na Judea um partido político fortemente favorável aos egípcios, e muitos, inclusive Jeremías, foram levados ao Egito enquanto Judea caía em mãos dos babilonios (Jer. 42: 13 a 43: 7). Milhares de judeus foram levados ao Egito pelo Tolomeo, e outros emigraram ali durante as lutas dos Macabeos contra os reis seléucidas. Nos tempos do Lucas, os judeus constituíam como a terceira parte da população da Alejandría, e tinham a seu próprio etnarca que os governava (Josefo, antiguidades xIV. 7. 2). O país se havia helenizado, mas seu idioma era o copto, derivado do antigo egípcio, escrito com o alfabeto grego e modificado por influências demóticas (a escritura egípcia simplificada).

Regiões da África...

Corresponde ao que hoje se conhece como Líbia. A BJ diz "a parte de Líbia fronteiriça com o Cirene". Sua cidade principal na costa do Mediterrâneo se chamava Cirene. Sua cultura era muito helenística, mas tinha uma grande colônia feijão, que era o resultado de uma deportação da Palestina nos dias de Tolomeo I (Josefo, Contra Apion iI. 4). Simón cireneo, que carregou a cruz de Jesus (Mat. 27: 32), era dali, e dessa região saíram os missionários que teriam que evangelizar a Antioquía de Síria, missionários que tiveram tanto êxito que Bernabé e Saulo do Tarso foram ajudar lhes (Hech. 11: 19-26). Ver com. Gén. 10: 13.

Romanos aqui residentes.

O grego diz hoi epidemountes rhomáioi, quer dizer, "quão romanos estavam vivendo em forma temporaria", os "forasteiros romanos" (BJ). Os rhomáioi eram pelo general os "cidadãos romanos" e não os "habitantes de Roma". portanto, estas palavras poderiam referir-se a judeus que tinham vivido por um tempo em Roma, ou a judeus romanos que estavam nesse momento em Jerusalém. Havia tantos judeus em Roma que quando Estou %parado lhes permitiu enviar uma embaixada a Augusto, aos 50 embaixadores lhes uniram 8.000 compatriotas residentes em essa cidade (Josefo, Antiguidades xVII, 11.1). Os judeus tinham sido expulsos da Itália pelo Tiberio no ano 19 d. C. Por causa desse decreto vários milhares deveram sair em busca de asilo, e é natural que muitos deles tivessem retornado a Palestina. Tiberio revogou este decreto, mas é possível que muitos judeus romanos se ficaram em Jerusalém (T. V, pp. 67).

Tanto judeus como partidários.

Estas palavras podem aplicar-se a toda a lista anterior, ou podem ler-se como uma nota explicativa que destaca a proeminência dos partidários romanos em essa multidão cosmopolita que devia render culto.

É natural que o gentil Lucas (t.V, P. 650), ao escrever ao Teófilo, também gentil (ver com. Luc.1: 3), mencionasse a quão visitantes tinham chegado de a capital do Império Romano. Com referência aos partidários, ver com. Mat. 23: 15.

11.

Cretenses e árabes.

Estes dois gentilicios parecem haver-se acrescentado à lista anterior, o qual se citou como uma ilustração da autenticidade do relato do Lucas, como se este estivesse informando o que uma testemunha ocular lhe tinha relatado. A ilha de Giz, ao sul da Grécia, tinha uma numerosa população judia. Arábia, limítrofe com a Palestina, era domicílio de muitos males de judeus.

Ao estudar a lista dos países mencionados nos vers. 9-11, nota-se a ausência de muitos nomes que se esperaria encontrar, e que, em troca, estão incluídos alguns de escassa importância. Pode considerar-se que esta é uma evidência adicional de que Lucas não inventou a lista, mas sim a recebeu de quem tinha sido testemunhas do milagre ocorrido no dia do Pentecostés. Entretanto, esta lista não deveria considerar-se como uma contagem exata de todos os que estavam em Jerusalém, mas sim mas bem um intento de descrever 145 a natureza cosmopolita da multidão a que se dirigiram os discípulos e os muitos e diversos idiomas que falavam.

As maravilhas de Deus.

Esta frase abrange as providências de Deus manifestadas no transcurso da obra e da vida do Jesus.

12.

Atônitos.

Ver com. vers. 7.

Perplexos.

Gr. diaporéÇ "estar perplexo". Lucas é o único escritor do NT que emprega esta palavra.

O que quer dizer isto?

Os auditores estavam genuinamente perplexos pelo fenômeno, e discutiam com veemência a respeito de seu significado.

13.

Outros.

Gr. héteros, "outro de classe distinta", não állos, "outro da mesma classe". Se sugere um tipo de pessoa diferente ao que se menciona nos vers. 5-12. Possivelmente estes "outros" eram os residentes oriundos de Jerusalém e Palestina, que não entendiam nenhuma das línguas faladas pelos discípulos. É provável que tivessem influenciado neles as muitas mentiras que se diziam a respeito de Jesus. Os judeus tinham atribuído alguns dos milagres do Senhor ao poder do príncipe dos demônios (Luc. 11: 15), e Festo havia dito ao Pablo que estava louco (Hech. 26: 24). Os sacerdotes se burlaram de Cristo na cruz (Mat. 27: 41-43), e eram capazes de instigar vis rumores para explicar este milagre das línguas a fim de que não se debilitasse a influência dos sacerdotes sobre o povo (cf. HAp 33).

Mosto.

Gr. gléukos, "veio doce", não "veio novo", posto que Pentecostés caía em junho e as uvas não maturavam até agosto. Parece que aqui se refere a uma bebida lhe embriaguem. A acusação destes gozadores sugere que havia certa excitação na modalidade e o tom dos discípulos. Sem dúvida teria sido estranho que tivessem falado com toda tranqüilidade, como se nada houvesse ocorrido. O grande poder de Deus os tinha sobressaltado, e seu tema era de imensa importância.

14.

Pedro.

Nas poucas semanas transcorridas desde que negou ao Jesus, produziu-se um grande mudança no apóstolo. converteu-se. Sua mente foi aberta pela instrução do Senhor para que possa compreender as Escrituras (Luc. 24: 45). foi dotado de percepção e de poder pelo Espírito Santo. E como resultado se destaca como um santificado dirigente de homens. Em vez de incerteza, há convicção; em vez de temor, ousadia; em vez de palavras apressadas como as que se encontram nos Evangelhos, apresenta um discurso detalhado e bem raciocinado. Com método e claridade expõe as profecias aproxima de Cristo. observa-se aqui uma prova natural de autenticidade. Um inventor de

contos dificilmente se teria atrevido a mostrar a mudança de caráter que Lucas mostra no Pedro.

Com os onze.

Pedro não fala em forma isolada. levanta-se como representante de seus irmãos. Em forma individual se estiveram dirigindo aos diferentes grupos nacionais; mas Pedro se dirige à multidão e termina assim esta grande reunião evangelística. A menção de "os onze" mostra que Matías é contado entre os apóstolos, e que portanto assumiu rapidamente suas responsabilidades.

Elevou a voz.

Esta expressão é um hebraísmo, embora também se encontra na LXX e no grego clássico (Gén. 21: 16; 27: 38); e sugere que Pedro clamou em alta voz, coisa que era necessária para poder fazer-se ouvir da grande multidão.

Falou-lhes.

Do Gr. apofthéggomai, "declarar" (ver com. vers. 4). O uso desta palavra dá mais ênfase ao feito de que Pedro estava falando com o dom do Espírito. O apóstolo não só falava, mas também estava declarando o que o Espírito o tinha inspirado.

Varões judeus.

Parece que Pedro se dirigiu em primeiro lugar aos judeus da Palestina (vers. 13), para fazer notar a diferença entre estes e os judeus da diáspora, de os vers. 5-11.

Habitam em Jerusalém.

Esta frase parece referir-se aos que habitavam na capital. Entretanto, as palavras do Pedro podiam abranger a toda a multidão; e pelo vers. 22 se chega à conclusão de que o apóstolo se dirigia a todo o conjunto.

Ouçam.

Literalmente "emprestem ouvido".

15.

Não estão ébrios.

Pedro apela ao sentido comum de seus ouvintes. Acaso era aceitável que os discípulos estivessem ébrios pela manhã da festa do Pentecostés? A embriaguez pertencia de noite (1 Lhes. 5: 7). Indicava uma depravação completa o levantar-se "de amanhã para seguir a embriaguez" (ISA. 5: 11; cf. Anexo 10: 16-17). Apoiando sua prática tradicional no Exo. 16: 8, os judeus comiam pão pela manhã e carne de noite (Talmud, Yoma 75a, 75b; Berakoth, 20b). Um judeu de bons maneiras não bebia vinho a não ser até perto do entardecer. 146

Como vós supõem.

O apóstolo encara com tato a infundada acusação de embriaguez, e supõe que se equivocaram e não que tenham feito uma acusação maliciosa.

terceira hora.

Quer dizer, ao redor das 9 da manhã. Com referência ao cômputo de tempo no NT, ver T. V, P. 52; com. Mat. 27: 45. A terceira hora era a hora de a oração matutina.

16.

Isto é.

Pedro não encarou seu tema com acanhamento. Sem temor identificou esta predicación como o cumprimento de uma profecia. Podia fazê-lo, pois tinha sido ensinado por o Senhor e inspirado pelo Espírito. Guiado por esta dobro direção, começou sua primeira exposição da vida e as obras do Mesías registrada da ascensão. Os versículos que seguem são uma prova poderosa do que o apóstolo era capaz de fazer agora.

Joel.

Pedro não entrou em controvérsias quanto ao Jesus. Primeiro usou as Escrituras do AT -nas quais acreditavam seus ouvintes- para demonstrar a legitimidade do fenômeno que nesse mesmo momento estavam vendo. Isto captou sua atenção, e ajudou-lhes a aceitar o raciocínio do apóstolo e os preparou para receber as prova quanto a Cristo. Alguns acreditam que o livro do Joel é o livro profético mais antigo da Bíblia (T. IV, pp. 22-23). Joel, empregando o tema do "dia do Jehová", chamou o Israel ao arrependimento e prometeu o derramamento do Espírito em um tempo futuro, que identifica só como "depois disto" (ver com. Joel 2: 28-32; T. IV, pp. 961-962). A expectativa de tal derramamento do Espírito Santo era firme entre a gente piedosa do AT (ver com. Hech. 2: 3). Os vers. 17-21 se citam do Joel 2: 28-32, e seguem muito de perto a LXX.

17.

Nos últimos dias.

Pedro sugere que o momento do cumprimento da profecia do Joel há chegado; que ante os mesmos olhos de seus ouvintes se cumpriu a profecia. Ver com. Joel 2: 28; cf. com. ISA. 2: 2.

Diz Deus.

Estas palavras não aparecem no texto do Joel. São uma inserção do Pedro para efeitos de seu sermão, e para identificar ao Doador da promessa que segue.

De meu Espírito.

Ver com. cap. 3:19.

Sobre toda carne.

Quer dizer, sobre todos os seres humanos, concedendo assim poder divino aos fracos mortais. O dom não se concentra nos judeus, nem em nenhuma classe social, nem nas pessoas de determinado sexo, embora sem dúvida o pensamento do Pedro o imitaria, nesta etapa, a seu próprio povo.

Profetizarão.

A aplicação que faz Pedro da profecia do Joel a este episódio de Pentecostés parece ligar o dom da profecia com o dom de línguas (ver com. Joel 2:28). A profecia também afirma que as mulheres e os homens receberiam o dom. Lucas registra o cumprimento desta promessa no Hech. 9: 10-16; 11: 27-28; 13: 1-3; 16: 6-7; 18: 9-10; 21: 9-11; 22: 17-18; 27: 10, 22-25. Ver com. Luc. 2: 36. Os dons do Espírito sempre se revelaram nas atividades dos servos de Deus, especialmente em momentos cruciais.

Seus jovens.

demonstrou-se vez detrás vez que os jovens têm tanto os ideais como a energia para ver o futuro e tentar o que parece impossível fazer. Parece que a maioria dos discípulos do Jesus eram jovens, ou possivelmente todos eles. Muitos movimentos religiosos e empresas políticas e cívicas tiveram a jovens como seus protagonistas.

Verão visões.

Com referência a "visões" e "sonhos", ver com. Núm. 12: 6; 1 Sam. 3: 1. Os jovens terão visões dadas pelo Espírito, com estímulo e instrução para o presente e o futuro.

Seus anciões.

No livro do Joel estes se mencionam antes que os jovens.

Sonhos.

Isto é, revelações recebidas enquanto dorme, em contraste com as visões que são revelações visuais, sem tomar-se em conta se a pessoa dorme ou não.

18.

Meus servos.

A passagem que aqui se cita (Joel 2: 29) diz "os servos", tanto no hebreu como na LXX. Assim se assegura que o Espírito de Deus não está reservado para os nobres e os capitalistas, mas sim também será recebido por homens e mulheres dos níveis mais humildes da sociedade (ver com. Joel 2: 28). Mas Pedro parece fazer neste contexto uma aplicação mais ampla destas palavras. . No vers. 17 fala de "seus filhos", "suas filhas", "seus jovens" e "seus anciões". Logo, ao começo do vers. 18 faz uma mudança sutil do texto do AT, e diz: "E de certo sobre meus servos e sobre meus sirva". Ao acrescentar ao texto do AT as palavras "de certo" e "meus", Pedro parece insinuar que considerava que os "servos" e as "sirva" não eram outra categoria mais dos que teriam que receber o Espírito, a não ser um resumo de todos os que já tinham sido mencionados. Seus filhos, filhas, jovens, e anciões, 147 em realidade todo o Israel (ver com. vers. 17), deveriam ser meus servos e sirva, verdadeiros servos de Deus.

Naqueles dias.

Quer dizer "nos últimos dias" (ver com. vers. 17).

De meu Espírito.

Ver com. cap. 3:19.

Profetizarão.

Ver com. vers. 17. Estas palavras não aparecem na passagem paralelo do Joel 2: 29.

19.

Prodígios.

Gr. téras "portento", "prodígio" (ver T. V, P. 198).

No céu.

Pedro pôde ter pensado que a aplicação imediata desta profecia era o dom do Espírito que nesse momento descendia do céu; mas a profecia de Joel também é importante para os últimos dias (ver com. vers. 20).

Sinais.

Gr. s'méion, "sinal", "milagre". Esta palavra ou seu equivalente não aparece em Joel nem no hebreu, nem na LXX; mas sim com freqüência no NT com a palavra téras (ver com. "prodígios"), em cujo caso ambas estão em plural (Juan 4: 48; Hech. 4: 30; ROM. 15: 19; etc.).

Na terra.

Poderia referir-se em forma imediata ao milagre de falar em outras línguas; mas como o mostram as afirmações seguintes, sua verdadeira importância é para os últimos dias. Os advérbios "acima' e "abaixo" não aparecem no Joel; estas palavras foram acrescentadas pelo Pedro para pôr de relevo o contraste entre "céu" e "terra".

Sangue.

Sangue, fogo e fumaça são os terríveis e inseparáveis companheiros da guerra.

Vapor.

Aqui se segue a LXX. No hebreu diz "colunas de fumaça".

20.

O sol.

Com referência ao cumprimento específico dos sinais mencionados neste versículo, ver com. Joel 2: 10; Mat. 24: 29.

Antes.

Este advérbio insinúa que os "prodígios" e os "sinais" precederão ao "dia do Senhor", e que são em si mesmos parte desse dia.

Dia do Senhor.

Ver com. ISA. 13: 6; Joel l: 15; 2: 1. Esse dia será terrível para os inimigos de Deus Joel 2: 1-2; Amós 5: 18-20; Apoc. 6: 15-17; etc.); mas grato para quem aceite o convite do Senhor (ISA. 25: 9; Joel 2: 32).

Manifesto.

Gr. epifanés "manifesto", "ilustre", "glorioso". A palavra hebréia que se usa no Joel 2: 31 significa "terrível", "temível" ' Hech. 2: 20 concorda com esse passagem do Joel como o registra na LXX.

21.

Todo aquele.

Esta promessa se aplicou em primeiro lugar aos ouvintes do Pedro; mas em seu sentido mais amplo abrange toda a humanidade e destaca a universalidade da convite evangélico.

Invocar o nome do Senhor.

"Invocar o nome do Senhor" era uma frase hebréia usualmente relacionada com os que adoravam a Deus (Gén. 12: 8; ver com. cap. 4: 26). Lucas e Pablo a utilizam (Hech. 7: 59; 9: 14; 22: 16; ROM. 10: 12; 1 Cor. 1: 2). Em Feitos se emprega o mesmo verbo com o sentido de apelar a um tribunal superior (cap. 25: 11-12, 21, 25).

A oração de fé proporcionará um espírito de tranqüila segurança em meio de os terrores do dia do Senhor, e é certo também que os que em qualquer momento sinceramente invocam o nome do Senhor encontram o caminho da salvação (cap. 4: 12).

Pedro apresenta a grande conclusão para a qual se esteve dirigindo: Jesus é o "Senhor e Cristo" (cap. 2: 36). tomou uma profecia do AT que fala do Yahweh "Jehová" (T. I. pp. 180- 182), e a aplica ao Jesus. O título kúrios, "senhor", empregado na LXX para designar ao Yahweh, lhe atribui ao Professor que subiu ao céu: é uma valente afirmação. Demonstra como a convicção de que Cristo era Deus constituía a nota chave do pensamento e de a doutrina do Pedro.

A palavra "nomeie" em relação com o Senhor aparece tantas vezes no livro de Feitos que constitui um tema guiador. O nome do Senhor se converteu para os discípulos em um símbolo do glorioso caráter e do ilimitado poder daquele com quem tinham percorrido a Palestina.

Será salvo.

Aqui há uma dobro aplicação: a salvação do homem do pecado e também de os julgamentos de Deus que cairão sobre a terra. Quanto a estes julgamentos, os cristãos do século I que obedeceram o conselho do Jesus registrado no Mat. 24: 15-20, salvaram-se de morrer durante a destruição de Jerusalém à mãos de os romanos (Eusebio, História eclesiástica iII. 5. 3; ver com. Mat. 24: 16). Os verdadeiros cristãos se salvarão das catástrofes dos últimos dias, se seguirem fielmente os conselhos do Senhor como Salvador e Rei próximo a vir; entretanto, a principal aplicação das palavras deste versículo se refere à salvação do homem do pecado.

22.

Varões israelitas.

A palavra o Israel abrange a relação de pacto de Deus com seu 148 povo (ver

com. Gén. 32: 28).

Ouçam estas palavras.

Estas impressionantes palavras constituem o ponto divisório da argumentação do Pedro. Até aqui apresentou o aspecto profético; mas agora começa a apresentar seu tema principal: a divindade do Jesus.

Jesus nazareno.

A primeira parte do título que foi posto sobre a cruz (cf. Juan 19: 19); mas sete semanas mais tarde Pedro o usa para apresentar a quem está demonstrando que é "Senhor e Cristo" (Hech. 2: 36). O uso desse título muito dificilmente poderia ter sido algo casual.

Varão.

Pedro começa sua argumentação falando do Jesus humano, o Homem que havia vivido e andado entre eles manifesta e publicamente, e tinha provado por meio de sua vida e de suas obras que era tudo o que Pedro agora afirmava que era.

Aprovado Por Deus.

Quer dizer, reconhecido Por Deus.

Maravilhas, prodígios e sinais.

As maravilhas são "obras prodigiosas" ou "milagres". Os prodígios e as sinais bem poderiam aludir às palavras do Joel citadas no vers. 19. As três palavras em certo modo são sinônimas, mas expressam diferentes aspectos do mesmo feito e não uma minuciosa classificação das obras de Cristo.

Deus fez.

Pedro afirma que Deus autorizou e aprovou os milagres do Jesus.

Vós mesmos.

Dificilmente podiam opô-los ouvintes ao que Pedro dizia, porque sabiam que era certo e se apoiava em feitos acontecidos em meio deles.

23.

A este.

Quer dizer, ao Jesus nazareno (vers. 22).

Entregue.

Isto é, traído pelo Judas. Deus, para lhe dar a Satanás a oportunidade de demonstrar a perversidade de seu governo (o de Satanás), permite que ocorram muitas coisas que são contrárias ao propósito final divino; entretanto, em seu divina sabedoria todo o represa para sua glória.

Determinado conselho.

Pedro tinha desenvolvido de tal modo sua percepção espiritual, que agora podia

compreender como Deus estava cumprindo seu propósito em harmonia com seu presciencia, nos trágicos acontecimentos relacionados com a morte de Cristo (cf. cap. 1: 16). Ver com. ISA. 53: 10; cf. Luc. 22: 22.

Prenderam.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a omissão deste verbo.

Mataram.

"Vós lhe mataram lhe cravando na cruz por mão dos ímpios" (BJ).
Pedro inclui a seus ouvintes entre os que são culpados da morte do Senhor. Esta é uma terrível acusação se se tiver em conta como conclui (vers. 36).

24.

Ao qual Deus levantou.

Provavelmente tinha circulado entre a gente o relato da ressurreição de Jesus, mas é possível que se estivesse pondo em dúvida devido ao falso relato registrado no Mat. 28: 11-15. Esta é a primeira vez que se registra que um dos seguidores do Jesus desse testemunho público de sua ressurreição.

Dolores.

Literalmente "dores de parto". Esta palavra também se usa no Mat. 24: 8.

Impossível.

A convicção do Pedro se apóia, em parte, nas seguras palavras profiéticas citadas nos vers. 25-28, aonde se prediz o triunfo do Mesías sobre a morte; mas além disso há outras razões: (1) a impecabilidade de Cristo (Juan 8:46; 1 Ped. 2: 22; ver com. Mat. 4: 1 -11; Nota Adicional do Juan 1): a morte não podia reter o Inocente; (2) o Doador da vida não podia ser sujeito indefinidamente pela morte (Juan 5:26; 10: 17-18).

25.

dele.

Sem este complemento poderia parecer que o Sal. 16 só apresenta a esperança do David de que seria sacado de seus inimigos. A ressurreição deu um novo significado às profecias, que elas mesmas não teriam sugerido, mas sem o qual eram incompletas.

Senhor.

Deus o Pai.

A minha mão direita.

Pode aludir-se à cena de uma batalha, durante a qual um soldado se situa à mão direita de seu amigo para protegê-lo contra um ataque. Também pode representar a um advogado ao lado de seu cliente. Esta entrevista destaca o apoio inquebrável que Deus dá ao Filho.

26.

Meu coração se alegrou.

Ser um com Deus é o maior motivo de felicidade.

Minha língua.

Ver com. Sal. 16: 9.

Minha carne.

Quer dizer "meu corpo".

Descansará.

Literalmente "porá loja" ou "viverá em loja" (ver com. 2 Ped. 1: 13-14). Em Sal. 16 se fala da segurança do David nesta vida, mas Pedro aplica as palavras do salmista à ressurreição.

27.

Alma.

Ver com. Sal. 16: 10; Mat. 10: 28.

Hades.

Gr. hád's, "sepulcro" (ver com. Sal. 16: 10; Mat. 11:23). A morte de Cristo foi real, mas sua ressurreição garantiu a vitória 149 sobre a morte, a qual ele tinha gostado por todos os homens (Heb. 2:9).

Santo.

Gr. hósios, "piedoso", "santo". Esta palavra transmite a idéia de piedade pessoal (Heb. 7: 26; Apoc. 15: 4), e nisso difere de hágios, "santo", que se refere à consagração ou a dedicação (Mar. 1: 24). Ver Nota Adicional do Sal. 36.

Corrupção.

No texto hebreu do versículo chamado se emprega a palavra shajath, "sepulcro" (ver com. Sal. 16: 10). Sem dúvida Lucas seguia a LXX de Sal. 16: 10, aonde se traduz "corrupção".

28.

Os caminhos da vida.

Isto concorda com a LXX, a qual apresenta uma tradução muito livre do hebreu (ver com. Sal. 16: 11).

Gozo.

Gr. eufrosún', "gozo", "alegria", "bem-estar".

Com sua presença.

Literalmente "com seu rosto" (BJ). O rosto, ou seja a presença de Deus, é o motivo de gozo e de alegria.

29.

Varões irmãos.

Pedro segue com sua forma persuasiva de dirigir-se à multidão.

Lhes pode dizer livremente.

Os que escutavam as palavras do apóstolo não podiam contradizer os sucessos da morte e sepultura do David; portanto, a profecia que se acabava de citar devia ter outra aplicação.

Patriarca.

Em sentido primário, o patriarca era o fundador de uma família ou de uma dinastia. No NT se emprega também este término para referir-se aos 12 filhos do Jacob (cap. 7: 8) e ao Abraão (Heb. 7: 4).

Seu sepulcro.

O rei David foi sepultado em Jerusalém, em "a cidade do David" (ver com. 1 Rei. 2: 10; 3: 1).

30.

Sendo profeta.

Uma estranha descrição do rei David, embora justificada porque o Sal. 16 vai mais lá da experiência pessoal do David para converter-se em um salmo messiânico.

Deus lhe tinha jurado.

Ver com. 2 Sam. 7: 12-14, 16. O juramento ao qual se refere Pedro aparece em Sal. 132: 1 1.

Quanto à carne.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a omissão da frase "quanto a a carne, levantaria o Cristo". Desse modo, o versículo se leria: "Sendo profeta, e sabendo que com juramento Deus lhe tinha jurado que sentaria a um de seus descendentes em seu trono". Isto concorda melhor com Sal. 132: 11.

31.

Vendo-o antes.

atribui-se visão profética ao David, mas não se indica que ele mesmo houvesse compreendido que a profecia se referia à ressurreição do Mesías (cf. 1 Ped. 1: 11).

Sua alma.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a omissão de "sua alma", e que só lia-se "não foi deixado no Hades". Ver com. vers. 27 com referência a "hades" e "corrupção"; com referência a "alma", ver com. Sal. 16: 10; Mat. 10: 28.

32.

Este Jesus.

Jesus do Nazaret, o crucificado, dos vers. 22-23.

Ressuscitou Deus.

Cristo se levantou o ser chamado Por Deus o Pai, quem comissionou aos anjos para que chamassem a seu Filho a fim de que saísse da tumba (Mat. 28: 2-6; ROM. 8:11; DTG 729).

Testemunhas.

Ver com. cap. 1: 8, 22.

33.

Exaltado.

Ver com. Juan 1: 1-3, 14; Nota Adicional do Juan 1.

Pela mão direita de Deus.

Ou também "à mão direita de Deus". Esta era uma posição de honra (Mat. 20: 21; 25: 33), e Pedro diz que Cristo a ocupou quando foi glorificado (Mat. 26: 64; Heb. 1: 3; cf. Hech. 2: 34).

A promessa do Espírito Santo.

Ver com. Juan 14: 16, 26; 15: 26.

34.

Não subiu.

O argumento do Pedro é claro: David tinha morrido e tinha sido sepultado (ver com. vers. 29); portanto, a declaração de Sal. 16: 10 "não deixará minha alma no Seol" (ver com. Hech. 2: 27) não podia referir-se a ele. Aqui há uma evidência de que Pedro acreditava que o homem não sobe ao céu quando morre (cf. 1 Lhes. 4: 14-17; com. 2 Sam. 12: 23; 22: 6; Job 7: 9).

Diz.

Pedro cita Sal. 110: 1. Este é o salmo mais chamado no NT (Mat. 22: 44; 1 Cor. 15: 25; Heb. 1: 13; 5: 6; 7: 17, 21; 10: 13). Os judeus consideravam que este era um salmo messiânico, e assim também o interpretou Jesus (Mat. 22: 41-46). Ver coro. Sal. 110: 1.

O Senhor.

dentro deste contexto, este título se refere a Deus o Pai (ver com. Sal. 110: 1).

Meu Senhor.

dentro deste contexto, este título se refere a Cristo (ver com. Sal. 110:

1).

Sente-se.

Estas palavras sugerem o reconhecimento de que Cristo mantém uma hierarquia única (F. 1: 20; cf. Fil. 2: 10-11).

35.

Seus inimigos.

Cristo é o vencedor na grande luta com Satanás e suas hostes. No triunfo final sobre o mal, o "último inimigo que será destruído é a morte" (1 Cor. 15: 26).

Estrado.

O poderoso rei sentado em um 150 trono seguro, põe seu pé sobre um estrado (ver com. Sal. 99: 5). Pôr a um inimigo no vergonhoso lugar de um estrado para os pés, é símbolo de um completo triunfo (ver com. Jos. 10: 24). Cristo finalmente vencerá em forma completa a todos seus inimigos, e seu reino será estabelecido com glória eterna (Apoc. 11: 15). Nesse tempo triunfal, o Filho entregará o reino universal ao Pai (1 Cor. 15: 24-28).

36.

Casa do Israel.

Pedro tem o propósito de que suas palavras vão mais à frente do círculo imediato de seus ouvintes: a todo o Israel; entretanto, até este seu momento visão evidentemente está limitada à raça judia, e o mesmo ocorria com os outros discípulos. O propósito do Pedro se faz evidente por sua experiência com o Cornelio (cap. 10: 9-16; 11: 1-18).

A este Jesus.

Melhor "a este mesmo Jesus" (cf. vers. 22-23).

Vós crucificaram.

No grego aparece o pronome "vós" (huméis) para destacar o contraste entre a forma em que os judeus tinham tratado ao Jesus e como o tinha reconhecido o Pai. No grego a forma verbal "crucificaram" aparece ao final da oração e significa uma conclusão muito solene. Pedro acusa sem temor aos judeus do crime perpetrado. Com firmeza insiste na culpabilidade deles, e desse modo prepara o caminho para os efeitos que se descrevem no vers. 37.

Senhor e Cristo.

A palavra "Senhor" reflete a idéia do salmo chamado no vers. 34. O título "Cristo" identifica ao Jesus como o Mesías (ver com. Sal. 2: 2; Mat. 1: 1). A sintaxe do grego original tem uma força que se perde com a tradução: "Tanto Senhor como Cristo fez Deus a este Jesus".

37.

Para ouvir isto.

Deus ordenou que a predicación de sua Palavra seja um dos meios mais eficazes para levar a homem à fé e à convicção de que é pecador (ROM. 10: 17; 1 Cor. 1: 21).

compungiram-se.

Do Gr. katanússomai, "transpassar", e em sentido metafórico, "causar dor mental". Esta é a profunda dor que deve acompanhar ao verdadeiro arrependimento (2 Cor. 7: 9-11).

Apóstolos.

Devem ter estado perto, apoiando ao Pedro em seu dinâmico ministério.

Varões irmãos.

Esta mesma expressão foi empregada entre os discípulos (cap. 1: 16), e Pedro já tinha-a usado ao dirigir-se à multidão (cap. 2: 29). O sermão inspirado pelo Espírito Santo impulsionou às pessoas a simpatizar com os apóstolos.

O que faremos?

O clamor genuíno dos corações arrependidos (cf. cap. 16: 30; 22: 10).

38.

Arrepentíos.

Com referência ao significado desta palavra, ver com. Mat. 3: 2; 4: 17. Esta é a mensagem que Cristo ordenou que se pregasse (Luc. 24: 47).

Batize-se.

Ver com. Mat. 3: 6; Mar. 16: 16. O batismo devia ser uma parte vital do ministério dos apóstolos (Mat. 28: 19).

Cada um.

Pedro insiste em que todos, sem exceção, devem batizar-se. Embora o batismo não salva, sim é um símbolo visível da morte à vida antiga e o começo de uma vida nova.

No nome.

Embora a evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto "sobre o nome", entendendo-se assim que se batizavam ao confessar o nome do Jesus -interpretação que corresponde ao contexto que tráfico do Jesus como "Senhor e Cristo" (vers. 36)-, não há uma verdadeira diferença entre o sentido das preposições "em" e "sobre" segundo seu uso no grego koiné.

Surge a pergunta: por que neste caso, como também em outras passagens (cap. 10: 48; 19: 5), só se menciona o nome do Jesus em relação com o batismo, e não a triplo fórmula que aparece no Mat. 28: 19? deram-se várias explicações. A mais satisfatória parece ser a que diz que Lucas não registra a fórmula batismal, a não ser a exortação do Pedro a quem está dispostos a confessar ao Jesus como o Cristo. Era lógico que algumas vezes se relacionasse o batismo cristão com um só nome, pois, das pessoas de

a Deidade, o batismo se relaciona especificamente com Cristo. Isto pode ver-se na literatura cristã primitiva, tanto no NT como depois. Por exemplo, na Didajé ou Doutrina do Senhor [pregada] pelos doze apóstolos a os [cristão-] gentis (7; 9), usa-se tanto o nome de Cristo só como também os três nomes em relação com o batismo. Esta antiga atitude foi também a do Ambrosio (M. 397 d. C.), quem declarou o seguinte quanto a a fórmula batismal: "que diz um, quer dizer a Trindade. Se se disser Cristo, designou-se também a Deus o Pai de parte de quem o Filho foi ungido, e também o Filho, o mesmo que foi ungido, e o Espírito Santo por quem foi ungido" 151 (Do Spiritu Sancto, I. 3). Os ouvintes do Pedro já acreditavam em Deus o Pai. No que a eles concernia, a verdadeira prova consistia em aceitar ao Jesus como o Mesías.

Como Cristo o tinha ensinado, o batismo se administrou "no nome"; é dizer, em relação vital com a pessoa do Jesucristo. O converso só podia ser batizado se o aceitava. Os discípulos acabavam de receber o dom do Espírito Santo, e portanto estavam em condições de reconhecer o significado da profecia do Juan o Batista de que Cristo os batizaria com "Espírito Santo e fogo" (Mat. 3:11). Com o rito do batismo se simboliza a união mística entre o crente e seu Senhor, feita real pelo Espírito.

Os pecados.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto: "seus pecados" (BJ). Deste modo o perdão se converte em um assunto muito pessoal (ver com. Mat. 1: 21; 3: 6; 26: 28; Luc. 3: 3).

O dom do Espírito Santo.

Estas palavras podem entender-se como uma identificação do dom, e pelo tanto poderiam ler-se "o dom que é o Espírito Santo". A palavra grega dÇrJa é um término geral, e se diferencia de járisma, vocábulo que se aplica aos dons mais específicos do Espírito (1 Cor. 12: 4). O apóstolo promete a presença do Espírito de Deus como uma posse pessoal para cada crente, sem necessariamente preocupar-se de que se concedam poderes especiais.

Notem-nos passos na bendita experiência de chegar a ser verdadeiro cristão, conforme se apresentam neste versículo: (1) arrependimento, (2) batismo, (3) remissão ou perdão dos pecados, (4) recepção do Espírito Santo.

39.

Para vós.

Quão mesmos tinham participado da crucificação do Senhor. Seus filhos também estavam em condições de beneficiar-se da promessa (cf. Mat. 27: 25).

Promessa.

Ver com. cap. 1: 4.

Os que estão longe.

Os judeus da diáspora (T. V, pp. 61-62), a quem o apóstolo mais tarde escreveu (1 Ped. 1: 1-2), e possivelmente também as nações pagãs entre as quais viviam os judeus dispersos (cf. F. 2: 13, 17). É possível que,

movido pela inspiração, Pedro tivesse estado prognosticando aqui a entrada dos gentis na igreja (Mat. 28: 19).

O Senhor nosso Deus.

Deus o Pai, a quem os judeus afirmavam que serviam.

Chamar.

Melhor "chamar a si". O convite de Deus é para todos. Todos têm a oportunidade de ser salvos. Segundo o convite, chamado-los" são muitos; mas os "escolhidos" são só os que respondem à chamada (ver com. Mat. 22: 14). Estes últimos são, em sentido essencial ou básico, os "chamados" (ver com. ROM. 8: 28-30).

40.

Outras muitas palavras.

Neste versículo Lucas resume o resto do discurso do Pedro, citando só seu exortação final (cf. com. Juan 21: 25).

Atestava.

"Advertia" ou "conjurava". No grego o pretérito imperfeito sugere, como em castelhano, repetição da ação.

Sede salvos.

Note-se que não diz "lhes salve". Os homens não podem salvar-se a si mesmos, mas sim podem aceitar ou rechaçar as provisões que Deus oferece para a salvação.

Perversa.

"Torcida", "inescrupulosa". A mesma palavra aparece no Luc. 3: 5; Fil. 2: 15. Cf. com. Deut. 32: 5.

41.

acrescentaram-se.

adicionaram-se aos que já confessavam a Cristo (ver com. cap. 1: 15).

Três mil.

Devido ao grande número de pessoas que pediram o batismo, sugeriu-se que o rito se administrou por aspersão e não por imersão. Mas não é necessário supor que foi assim (ver com. Mat. 3: 6). Em Jerusalém e em suas proximidades havia suficiente água para batizar a um grande número de pessoas. Estavam os lagos da Betesda (ver com. Juan 5: 2), do Siloé (ver com. Juan 9: 7) e os do Salomón. Além disso, não deve pensar-se que só os doze administraram o rito. Os capítulos seguintes mostram que se converteram muitos de entre os judeus helenísticos que estavam presentes na festa (Hech. 6: 1) e que muito poucos conversos pertenciam às classes governantes locais (cap. 4: 1). Alguns destes conversos retornaram a seus lugares de origem, e bem podem ter sido os fundadores desconhecidos do Iglesias em cidades como Damasco, Alejandría ou até Roma.

42.

Perseveravam.

Gr. proskarteréÇ, "perseverar", "atenerse a", "emprestar atenção constante a". Este verbo estende a narração mais à frente do dia do Pentecostés, abrangendo a ação dos crentes nos dias que seguiram (ver com. cap. 3: 1).

Doutrina.

Quer dizer, o ensino. Os recém batizados tinham escutado o sermão de Pedro, e os diferentes grupos se beneficiaram com as mensagens apresentados em 152 muitos idiomas. Essa primeira instrução seria reforçada em dias futuros por novas lições a respeito de Cristo. Toda esta instrução está compreendida no término "doutrina", ou seja ensino. É difícil pensar que os apóstolos já tivessem redigido algo que se assemelhasse a um credo.

Comunhão.

Gr. koinónía, "comunhão", "associação", "participação". A RVR traduz geralmente "comunhão" (1 Cor. 1: 9; 10: 16; 2 Cor. 13: 14; Fil. 1: 5; 1 Juan 1: 3, 6-7; etc.); mas a mesma palavra se usa em ROM. 15: 26; 2 Cor. 9: 13; Heb. 13: 16 para referir-se a contribuições com fins de caridade, e se traduz, respectivamente, "oferenda", "contribuição", "ajuda mútua". Fica claro dentro do contexto do Hech. 2 que a palavra se refere à irmandade que existiu entre os apóstolos e seus conversos.

O partimiento do pão.

É provável que este término abranja tanto o Jantar do Senhor (1 Cor. 10: 16) como as comidas habituais em conjunto (pp. 46-47; Hech. 2: 44, 46).

A expressão "partimiento do pão" ou sua equivalente, aparece no Mat. 14: 19; 15: 36; Mar. 8: 6, 19; Luc. 24: 30, 35 para referir-se a comidas que evidentemente não eram a celebração do Jantar do Senhor. "Partimiento do pão" era uma frase idiomática, feijão equivalente a "comer". No Mat. 26: 26; Mar. 14: 22; Luc. 22: 19; 1 Cor. 10: 16; 11: 24 se emprega especificamente para referir-se ao Jantar do Senhor; mas no Hech. 2: 42, 46; 20: 7, 11 poderia ter qualquer dos dois sentidos. Não se menciona a taça em relação com o pão, mas isto não necessariamente exclui a possibilidade de que se faça referência a o Jantar do Senhor. Embora o contexto não justifica uma conclusão dogmática, poderia destacar-se que a expressão "partimiento do pão" aparece em um conjunto que descreve atividades religiosas. O vers. 41 fala de que os crentes tinham recebido a palavra, tinham sido batizados, e acrescentados à igreja. portanto, poderia ser lógico supor que o "partimiento do pão" que nos ocupa também teve um significado religioso específico. Ver com. Hech. 20: 7; 1 Cor. 11: 20-21.

Orações.

Ver com. cap. 1: 14. Hei aqui quatro elementos básicos na vida da nova sociedade cristã: (1) os crentes acreditavam no conhecimento da verdade por meio do ensino dos apóstolos; (2) eram conscientes de sua comunhão com Cristo e com seus irmãos por meio de cultos em conjunto e em bondade e caridade mútuas; (3) participavam do "partimiento do pão, o qual provavelmente incluía o Jantar do Senhor; e (4) oravam com freqüência, tanto em privado como em público.

43.

Sobreveio.

Melhor "sobrevinha-lhes".

Temor.

Reverência, não medo.

Toda pessoa.

O temor reverente teve que ter sobrevindo tanto aos crentes como aos não crentes. Durante os meses que acabavam de passar, Jerusalém havia experiente momentos difíceis. A obra do Jesus tinha chegado a seu culminação, e a atenção do público se concentrou nele. Tinha sido crucificado e se levantou dos mortos. Os discípulos sem temor tinham proclamado sua ressurreição e ascensão. Logo tinham transcorrido os notáveis sucessos do dia do Pentecostés. O derramamento do Espírito Santo tinha sido apresentado como uma prova de que Cristo tinha sido aceito no céu. O impacto da comunidade cristã sobre os incrédulos havia resultado na conversão e o batismo de milhares. Havia muitos motivos para que houvesse um reverente temor no coração dos habitantes de Jerusalém.

Maravilhas e sinais.

Havia um motivo mais para maravilhar-se. O Espírito se manifestou dando aos apóstolos grande poder, não só para pregar, mas também também para fazer milagres, tal como Jesus o tinha prometido (ver com. Mar. 16: 14-18).

44.

Juntos.

Poderia referir-se à reunião literal dos crentes ou a sua unidade espiritual.

Tinham em comum todas as coisas.

"Tener,en comum todas as coisas" não era desconhecido na vida cotidiana disso tempo. Quem chegava a Jerusalém para celebrar as festas anuais recebiam o que necessitavam de seus amigos nessa cidade; entretanto, é claro que a afirmação do Lucas sugere mais que isto. Os cristãos tinham que depender de si mesmos, e isso deu lugar a uma nova forma de vida cristã; sem embargo, isto não significa que se instituiu o que se chama "socialismo cristão". Era possivelmente a continuação e a ampliação da "bolsa" comum do Juan 12: 6; 13: 29. Os novos conversos estavam mais dispostos a compartilhar suas posses materiais por causa do novo amor que tinham achado em Cristo e em seus irmãos, e sua fervente espera do logo retorno do Senhor (Hech. 1: 11). Não estavam obrigados 153 a compartilhar nada (cap. 5: 4). Era o cumprimento literal das palavras de nosso Senhor (Luc. 12: 33), e uma atitude muito natural em uma sociedade fundada, não sobre a lei do interesse próprio e da competência, a não ser sobre a lei da simpatia e da abnegação. O Espírito de Deus estava manifestando seu poder não só em dons específicos, a não ser em forma de amor.

Não há evidência alguma de que esta forma de vida tivesse contínuo na

igreja por muito tempo, salvo na generosa caridade que a igreja sem dúvida mostrou em toda oportunidade possível. Entretanto, ao mesmo tempo a igreja aprendeu a discriminar em sua maneira de proceder (2 Lhes. 3: 10; 1 Tim. 5: 8, 16). A igreja de Jerusalém repetidas vezes teve que depender da generosidade das Iglesias gentis, conforme se vê no Hech. 11: 29; entretanto, não devesse pensar-se que a igreja de Jerusalém ficou reduzida à pobreza por ter praticado excessivamente a caridade em seus primeiros anos, a não ser devido a as duras perseguições e fomes a que foi submetida (ver com. Hech. 11: 27-30; ROM. 15: 26; 1 Cor. 16: 1-3).

45.

Vendiam.

As vendas se faziam quando se apresentavam situações difíceis que exigiam o gasto de recursos para ajudar aos necessitados.

Suas propriedades e seus bens.

Gr. ktéma, "bens raízes", e húparxis, "posses", "bens móveis".

Repartiam-no.

Distribuíam o que juntavam pela venda de suas posses.

A todos.

Quer dizer, a todos os crentes.

Segundo a necessidade de cada um.

Estas palavras implicam uma judiciosa discriminação. A ajuda dependia do grau de necessidade. Logo ficou preparado o caminho para a ajuda sistemática (ver com. cap. 6: 1-6).

46.

Perseverando... cada dia.

Os novos crentes eram constantes em seu culto público.

Unânimes.

Ver com. cap. 1: 14.

No templo.

Poderia pensar-se que os seguidores daquele a quem os dirigentes haviam condenado a morte, teriam deixado de ir ao templo; ao contrário, o freqüentavam até antes do dia do Pentecostés (Luc. 24: 53). Teve que ser agora para eles um lugar mais precioso que nos dias em que não sabiam que seu Senhor era o Mesías. Por meio dele tinham aprendido a conhecer na verdade ao Deus do templo. Também poderá parecer estranho que lhes permitisse render culto e ensinar no templo, porque mais tarde lhes proibiu fazê-lo. Mas deve recordar-se que os átrios do templo estavam abertos a todo israelita que não alterasse a ordem; isto se devia possivelmente, em parte, a que havia no sanedrín pessoas como Gamaliel, Nicodemo e José da Arimatea, que estavam a ponto de aceitar a Cristo. Também é possível que a igreja tivesse adquirido certa

popularidade pela santidade da vida de seus membros e a liberalidade de seus esmolas. Quanto aos discípulos, estes não concebiam que sua religião significasse que tinham apostatado do judaísmo, mas sim era mas bem o cumprimento de este. portanto, os cristãos rendiam culto com seus irmãos de sangue judeus (Hech. 3: 1), não só por costume e por desejo, a não ser também com a esperança de ganhá-los para o Evangelho. Ver com. cap. 3: 1.

Partindo o pão.

Ver com. vers. 42.

Nas casas.

Os cristãos rendiam culto no templo, mas os rasgos distintivos de seu vida em comum, o partimiento do pão e o compartilhar o alimento se praticavam nas casas.

Comiam juntos.

É evidente que o partimiento do pão era uma prática habitual dos cristãos (ver com. Hech. 2: 42; 1 Cor. 11: 20-22).

Com alegria.

Gr. agallíasis, "gozo", "exaltação". Regozijavam-se pelo privilégio de ser cristãos.

Simplicidade.

Gr. afelót's, que literalmente significa "livre de pedras", quer dizer, chão liso; aqui se refere a simplicidade de caráter, à benevolência pura e a generosidade. É natural que estas emoções fossem evidentes entre os primeiros cristãos.

47.

Elogiando a Deus.

Esta frase é empregada com freqüência pelo Lucas (Luc. 2: 13, 20; 19: 37; Hech. 3: 8-9). O gozo que sentiam em sua nova fé naturalmente os induzia a elogiar ao Pai. O verdadeiro filho de Deus sempre acha suficiente razão para elogiar ao Senhor.

Favor.

Jesus tinha sido bem recebido pelo povo. Agora a igreja gozou de um favor similar, possivelmente porque seus membros elogiavam a Deus e eram caridosos.

O Senhor.

A igreja reconhecia que o aumento do número de quem aceitava a fé se devia ao Senhor e não a ela mesma.

Acrescentava.

O pretérito imperfeito do verbo sugere a idéia de continuidade depois do dia do Pentecostés, idéia que se reforça por 154 médio do complemento do

verbo: "cada dia".

À igreja.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a omissão desta frase; sem embargo, aparece a frase epí to autó, expressão idiomática que segundo alguns deveria entender-se como "à comunidade" (BJ).

Os que tinham que ser salvos.

A frase grega diz hoi sÇzoménoi, "os que estavam sendo salvos". A tradução "tinham que ser salvos" possivelmente reflita a idéia teológica dos tradutores, mas não representa corretamente o que diz o grego.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-47 HAp 29-38; SR 241-247; 5TS 270

1 DTG 767; Ed 90; 1JT 495; MeM 59; MM 201

1-2 Ed 90; Ev 505; HAp 31-32; PVGM 90-91; 5T 252; TM 168

1-4 CS 11; SR 242; TM 63; 5TS 11

2 3JT 193

2-4 3JT 206; MeM 61

3-5 HAp 32

4 DTG761; 3JT 193; P 24;8T 26

5 HAp 72

5-8 SR 243

6-8, 13 HAp 33

13-16 TM 63

14-18 HAp 33

17 CS 669; P 78

19 PP 100

21 CS 669; MeM 63

22-25 HAp 34

23 FÉ 535

25-27 SR 244

26-27, 29 HAp 34

29 CS 602

30 1JT 74

31-32 HAp 34

34 CS 602

36 HAp 134

37-38 SR 245

37-39 HAp 35

38 DC 21

38-39 CS 11

39 8T 57

41 Ev 30, 507; DTG 240, 715, 767; HAp 19, 36; 3JT 206, 211; MeM 62; PVGM 91; SR 245; 8T 26

41-47 MB 285

43 Ev 30

46 HAp 37

46-47 DMJ 116; 2JT 81

47 CS 419; P 174; PVGM 92; 5TS 12

CAPÍTULO 3

1 Pedro prega às pessoas que deve ver ao coxo sanado, e 12 declara que a cura de este não foi por seu poder ou o do Juan, mas sim pelo de Deus e de seu Filho Jesus, mediante a fé em seu nome. 13 Além disso, repreende-o isso por ter crucificado ao Jesus, 17 o qual fizeram devido a sua ignorância das Escrituras; mas que ainda assim cumpriram as profecias divinas das Escrituras. 19 Os precatória ao arrependimento e à fé para alcançar o perdão de seus pecados e a salvação no nome do Jesus.

1 Pedro e Juan subiam juntos ao templo à hora novena, a da oração.

2 E era gasto um homem agarro de nascimento, a quem punham cada dia à porta do templo que se chama a Formosa, para que pedisse esmola dos que entravam no templo.

3 Este, quando viu o Pedro e ao Juan que foram entrar no templo, rogava-lhes que lhe dessem esmola.

4 Pedro, com o Juan, fixando nele os Olhos, disse-lhe: nos olhe.

5 Então ele lhes esteve atento, esperando receber deles algo.

6 Mas Pedro disse: Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho te dou; no nome do Jesucristo do Nazaret, te levante e anda.

7 E tomando pela mão direita lhe levantou; e ao momento lhe afirmaram os

pés e tornozelos; 155

8 e saltando, ficou em pé e andou; e entrou com eles no templo, andando,
e saltando, e elogiando a Deus.

9 E todo o povo lhe viu andar e elogiar a Deus.

10 E lhe reconheciam que era o que se sentava a pedir esmola à porta do
templo, a Formosa; e se encheram de assombro e espanto pelo que lhe havia
acontecido.

11 E tendo agarrados ao Pedro e ao Juan o coxo que tinha sido sanado, todo o
povo, atônito, concorreu a eles ao pórtico que se chama de Salmão.

12 Vendo isto Pedro, respondeu ao povo: Varões israelitas, por que vos
maravilham disto? ou por que põem os Olhos em nós, como se por
nosso poder ou piedade tivéssemos feito andar a este?

13 O Deus do Abraham, do Isaac e do Jacob, o Deus de nossos pais, há
glorificado a seu Filho Jesus, a quem vós entregaram e negaram diante
do Pilato, quando este havia resolvido lhe pôr em liberdade.

14 Mas vós negaram ao Santo e ao Justo, e pediram que lhes desse um
homicida,

15 e mataram ao Autor da vida, a quem Deus ressuscitou que os mortos,
do qual nós somos testemunhas.

16 E pela fé em seu nome, a este, que vós vêem e conhecem, há-lhe
confirmado seu nome; e a fé que é por ele deu a este esta completa
sanidade em presença de todos vós.

17 Mas agora, irmãos, sei que por ignorância o têm feito, como também
seus governantes.

18 Mas Deus cumpriu assim o que havia antes anunciado por boca de todos seus
profetas, que seu Cristo tinha que padecer.

19 Assim, arrepentíos e convertíos, para que sejam apagados seus pecados;
para que venham da presença do Senhor tempos de refrigério,

20 e ele envie ao Jesucristo, que foi antes anunciado;

21 a quem de certo é necessário que o céu receba até os tempos da
restauração de todas as coisas, de que falou Deus por boca de seu Santos
profetas que foram desde tempo antigo.

22 Porque Moisés disse aos pais: O Senhor seu Deus lhes levantará profeta
de entre seus irmãos, como a mim; a ele ouvirão em todas as coisas que vos
fale;

23 e toda alma que não ouça aquele profeta, será desarraigada do povo.

24 E todos os profetas desde o Samuel em adiante, quantos falaram, também
anunciaram estes dias.

25 Vós são os Filhos dos profetas, e do pacto que Deus fez com
nossos pais, dizendo ao Abraham: Em sua semente serão benditas todas as

famílias da terra.

26 A vós primeiro, Deus, tendo levantado seu Filho, enviou-o para
que lhes benzesse, a fim de que cada um se converta de sua maldade.

1.

Pedro e Juan.

Não se diz nada quanto ao tempo que pôde ter transcorrido desde dia de Pentecostés. A passagem do Hech. 2: 42-47 provavelmente resume um progresso gradual sem que se produzira algum episódio extraordinário, e bem poderia abranger um período de vários meses. É digno de notar que Lucas, quem lhe dá tanta importância aos dados cronológicos no Evangelho (Luc. 3: 1; 6: 1), não faça o mesmo em Feitos.

O fato de que Pedro e Juan apareçam juntos, liga estreitamente o relato de os Evangelhos com o de Feitos. Ambos os apóstolos tinham estado relacionados pessoalmente desde muito tempo atrás. Tinham pescado juntos no mar de Galilea (Luc. 5: 10). Com o Jacobo, tinham gozado de uma amizade íntima com o Senhor (Mar. 5: 37; 9: 2; 13: 3; 14: 33). Tinham sido enviados juntos para que preparassem a páscoa que Jesus desejava comer com seus discípulos (Luc. 22: 8). A noite do julgamento do Jesus, Juan, que era conhecido por quem compunha a casa do supremo sacerdote, levou ao Pedro ao palácio desse líder (Juan 18: 15-16). Juan e Pedro seriam enviados mais tarde para ajudar ao Felipe em seu ministério na Samaria (Hech. 8: 14), e com o Jacobo aprovariam a obra feita por Pablo e Bernabé entre os gentis (Gál. 2: 9). portanto, o fato de que agora apareçam juntos é uma conseqüência direta da camaradagem entre os dois apóstolos.

Subiam.

Este episódio ocorreu enquanto os dois apóstolos se dirigiam ao templo a render culto.

Ao templo.

Gr. hierón, "templo", que não só incluía o santuário, mas também também o átrio 156 e todos os edifícios do prédio do templo (ver com. Mat. 4: 5). Os apóstolos "estavam sempre no templo, elogiando e benzendo a Deus" (Luc. 24: 53; Hech. 2: 46). Os judeus que se convertiam ao cristianismo não tinham edifícios de igreja onde reunir-se, e ainda não tinham compreendido que os serviços do templo já não tinham um significado espiritual especial para os cristãos.

A hora novena, a da oração.

Corresponde às 15 horas, quer dizer, as 3 da tarde (ver com. cap. 2: 15; T. V, P. 52). Esta era a hora do sacrifício vespertino (Josefo, Antiguidades xIV. 4. 3). conhecia-se como "a hora da oração" e como "a hora do incenso" (Luc. 1: 9-10). Os sacrifícios da manhã e da tarde se ofereciam com incenso à terceira hora e à hora novena (ao redor das 9 e as 15 respectivamente); nessas horas os piedosos oravam nos átrios do templo. Parece que alguns, pelo menos, acostumavam orar também a meio-dia (Sal. 55: 17; ver com. Dão. 6: 10; Hech. 10: 9). sabe-se que no século II d. C. se fazia uma terceira oração diária perto de pôr-do-sol, e é possível que este costume fora anterior a esse período. Os escritos rabínicos sugerem que havia certa liberdade quanto à hora precisa de

estas orações. A prática de orar três vezes ao dia aparece com segurança na igreja cristã já no século II; provavelmente, tirou-se da sinagoga judia (Didaje 8). A começos do século III, parece que muitos cristãos oravam durante três períodos diários (Clemente da Alejandría, Stromata, vII. 7).

2.

Era gasto.

Como nesses dias não havia hospitais nem asilos, o coxo tinha que ser posto por seus amigos onde a gente de boa vontade pudesse vê-lo e ajudá-lo (Mar. 10: 46; Luc. 16: 20; 18: 35). As multidões que foram ao templo podiam sentir-se inclinadas a socorrê-lo devido ao sentimento religioso do momento.

Coxo de nascimento.

A informação exata da duração do sofrimento deste coxo é característica do Lucas (cap. 9: 33; 14: 8). O coxo tinha 40 anos de idade quando foi sanado (ver com. cap. 4: 22).

Porta... a Formosa.

Não aparece uma porta com este nomeie em outra passagem bíblica nem na literatura judia. Os eruditos não concordam quanto a se esta porta puder identificar-se com a de Suas, no muro exterior, ao leste da zona do templo, ou com a porta do Nicanor, a qual possivelmente comunicava o átrio dos gentis com o átrio das mulheres. Alguns localizaram a porta do Nicanor entre o átrio das mulheres e o dos homens. Desde que se realizaram as últimas escavações da área do templo, sugeriu-se que a porta "a Formosa" é a triplo porta que dava ao lado sul, a qual se subia por uma magnífica escalinata.

Que a porta "a Formosa" tenha formado parte do muro exterior, ou que estava entre os átrios, é algo que parece depender em grande medida da rota que se acredita que seguiram os apóstolos durante esta narração. Lucas registra que chegaram à porta, sanaram ao coxo, entraram no templo e, ao parecer, depois de ter orado se encontraram com uma multidão atraída pelo milagre ocorrido no pórtico do Salomón. Como parece que este pórtico estava dentro do muro exterior oriental (ver com. vers. 11), é possível que a porta "a Formosa" pudesse ter sido uma porta exterior, porque se tivesse sido interior, entre os átrios, os apóstolos teriam que ter passado por ela de novo para chegar ao pórtico do Salomón. Muitos eruditos preferem supor que os apóstolos saíram de novo pela porta "a Formosa" antes de encontrar-se com a multidão no pórtico do Salomón, e que esta porta é a do Nicanor, situada provavelmente entre o átrio dos gentis e o átrio das mulheres. Josefo descreve esta porta da seguinte maneira: "Uma, a que estava fora do santuário, era de bronze corintio, e tinha um valor muito maior que o de as que estavam revestidas de prata e adornadas de ouro" (Guerra V. 5. 3). Com em relação à mesma porta, a Mishnah afirma: "Todas as portas foram trocadas por portas de ouro exceto a porta do Nicanor, porque com ela tinha ocorrido um milagre; de qualquer modo, alguns dizem que seu bronze brilhava como ouro" (Middoth 2. 3). Considerando a evidência, é impossível precisar de que porta se trata.

Para que pedisse esmola.

É provável que nos arredores do templo, como ocorre hoje em muitas

mesquitas e Iglesias, houvesse muitos cegos, coxos, inválidos e mendigos.

3.

Entrar no templo.

O fato de que os apóstolos estavam por entrar no templo, provavelmente para render culto, sem dúvida fez pensar ao coxo que eram homens piedosos de quem podia esperar uma esmola.

Rogava-lhes que lhe dessem esmola.

Devido 157 a sua pobreza, não podia ver além de suas necessidades e dos recursos materiais que lhe faziam falta. Pode ser que até o mais piedoso, como chegou a sê-lo o coxo depois que foi curado (vers. 8), não reconheça, devido a suas deficiências físicas imediatas, de onde ou como vem o poder divino. Por sua aparência, Pedro e Juan não demonstravam que eram instrumentos do poder celestial. Por outra parte, este coxo, testemunha diária dos serviços do templo, e possivelmente também conhecedor do que ali se comentava, dificilmente podia ignorar os comovedores acontecimentos que haviam acompanhado a recente crucificação e ressurreição do Jesus.

4.

Fixando nele os olhos.

Ou "fixou nele o olhar" (BJ). Ver com. Hech. 10: 10; Luc. 4: 20.

nos olhe.

Pedro e Juan não estavam insinuando que o coxo devia pensar que eles possuíam poder em si mesmos para saná-lo (vers. 6); mas sim procuraram que o coxo fixasse sua atenção neles para poder conduzi-lo a Cristo.

5.

Esperando.

A esperança do coxo era receber algo para satisfazer uma necessidade física temporário, para o qual teria bastado um pouco de dinheiro.

6.

Prata nem ouro.

sabe-se que os apóstolos administravam os recursos encomendados aos dirigentes da igreja pela generosidade dos membros da comunidade cristã (cap. 2: 45; 5: 2). Poderia entender-se que Pedro e Juan não tinham dinheiro próprio, mas por que não lhe deram ao coxo da tesouraria da igreja? Ou não tinham consigo nada desse dinheiro no momento, ou por alguma razão acreditavam que esses recursos deviam reservar-se para ajudar aos conversos cristãos. Mas tinham mais que dinheiro para dar: um dom que a igreja com seu posterior riqueza demonstrou não possuir. relata-se uma notável anedota em quanto a uma visita de Tiram do Aquino à batata Inocencio IV, em uma ocasião quando este tinha diante de si uma grande quantidade de dinheiro sobre a mesa. Disse a batata: "Tomam, como pode ver, a igreja não pode dizer o mesmo que disse a igreja primitiva: 'Não tenho prata nem ouro' ". Ao qual Tiram do Aquino respondeu: "É verdade, Santo Pai; mas tampouco pode dizer como lhe disse Pedro

ao coxo: 'te levante e anda"'.

O que tenho.

Lucas já se referiu antes deste episódio (cap. 2: 43) às "maravilhas e sinais" feitas pelos apóstolos; portanto, este milagre não necessariamente foi o primeiro do Pedro depois do Pentecostés. Nesta passagem Pedro fala com firme certeza. Frente a este notável episódio, cada cristão deve perguntar-se o que tenho eu para dar? Um nem pode dar o que não recebeu, nem pode dar sinceramente se seu coração é mesquinho. Não pode dar de Cristo se não possuir a Cristo; mas quando tem a Cristo, sabe, e não pode esperar antes de compartilhar seu precioso dom com outros.

No nome.

O nome Jesucristo, El Salvador ungido, contém a descrição da personalidade e do caráter de seu divino Portador. A reverente invocação de este nome deu por resultado a demonstração do poder de Cristo. O reconhecimento e a invocação do poder deste nome é freqüente no livro dos Fatos (cap. 4: 10, 12; 9: 14; 16: 18; 19: 5, 13; 22: 16). A plena confiança com a qual Pedro pronunciou este nomeie antes de sanar ao coxo, foi a expressão de uma singela fé na promessa de seu Professor (Mar. 16: 18). Ver com. Hech. 3: 16.

Jesucristo do Nazaret.

É provável que este nome não fora desconhecido para o inválido. Um cego tinha recebido antes a vista no lago do Siloé (Juan 9: 7-8), e possivelmente este coxo sabia da cura do paralítico no lago da Betesda (Juan 5: 2-9), que padecia uma enfermidade parecida com a sua.

Nazaret era um lugar de má fama (Juan 1: 46). Segundo Juan, no letreiro que ficou sobre a cruz (cap. 19: 19) aparecia a palavra "nazareno", gentilicio dos do Nazaret. Para os judeus não só era uma pedra de tropeço que Jesus fora de origem galileo (cap. 7: 40-42), mas também que fora de Nazaret. Para o coxo teve que ter sido uma grande prova de fé responder à convite do Pedro, pois apenas umas poucas semanas antes Jesucristo do Nazaret tinha morrido vergonhosamente sobre a cruz como se tivesse enganado ao povo. Mas o pronunciar esse nomeie com fé abriu o caminho para que obrasse o poder de Deus. "Tão logo se menciona o nome do Jesus com amor e ternura, os anjos se aproximam a fim de enternecer e subjugar o coração" (CM 112).

te levante e anda.

A evidência textual sugere (cf. P. 10) que o texto dizia assim; mas admite que também poderia ter sido simplesmente "anda". Se este homem caminhou alguma vez, fez-o com grande dificuldade, pois era coxo de nascimento (vers. 2). A ordem de 158 Pedro tinha que ser obedecida confiando no poder de Deus, sem tomar em conta as condições. A obediência com fé significa cura.

7.

levantou-se.

O proceder do Pedro foi como uma ajuda bondosa à fé infantil e possivelmente incipiente do coxo. Foi uma ajuda provisória que salvou o abismo que se interpunha entre o último momento de invalidez do homem e o primeiro momento de sua aceitação pela fé do fato de que se obrou nele um milagre.

Os filhos de Deus devem também fazer o que fez Pedro: "Fortaleçam as mãos cansadas, afirmem os joelhos débeis" (ISA. 35: 3).

Lhe afirmaram.

Os fracos e flácidos músculos e tendões ficaram fortes e ativos.

Tornozelos.

Lucas era médico (Couve. 4: 14); portanto, é um escritor com experiência médica o que descreve com precisão o que lhe ocorreu ao coxo.

8.

Saltando, ficou em pé e andou.

Provavelmente seria melhor traduzir "começou a caminhar", em vez de "andou". Quando recebeu força, deu um salto e foi capaz de ficar de pé por primeira vez em sua vida. Caminhou passo detrás passo, alternando um e outro com saltos de gozo.

No templo.

Quanto terá desejado este homem durante anos poder entrar caminhando no templo como o faziam outros! Agora que era capaz de fazê-lo, entrou imediatamente. Nessa hora da oração os átrios do templo estavam cheios de quem ia a render culto. Qual não deve ter sido a admiração da multidão quando o viu "andando, e saltando, e elogiando a Deus"!

9.

Todo o povo lhe viu.

Este milagre não ocorreu às escondidas. As testemunhas desta cura foram numerosos, e entre eles teve que haver muitos que durante anos sabiam que esse homem era coxo. As autoridades judias estiveram dispostas a admitir isto (cap. 4: 16).

O relato detalhado e minucioso do Lucas é convincente. Sem dúvida se apoiou em as narrações de testemunhas oculares com quem falou, e foi autenticado por a Inspiração. O Deus que criou pode voltar a criar, e o faz a vontade.

10.

Reconheciam-lhe.

A gente sabia com segurança que o homem tinha sido coxo, e que não era impostor; agora viam que estava são. Podiam ver que tinha entrado no templo, saltando e regozijando-se são e elogiando a Deus.

À porta... a Formosa.

Ver com. vers. 2.

11.

Tendo agarrados.

Um MS do século VI diz: "Quando Pedro e Juan saíram, ele [o coxo sanado] saiu sustentando-se neles; e os que estavam assombrados se achavam no pórtico chamado de Salmão". Esta variante, embora não é de grande autoridade, ajuda a se localizar a porta "a Formosa" e a identificá-la com a porta de Nicanor (ver com. vers. 2).

Atônito.

Jesus tinha pregado a respeito dos obra de Deus só uns poucos meses antes desde "o pórtico do Salomón", durante a festa da dedicação (Juan 10: 22-23). A lembrança do que então disse, teve que ter permanecido no pensamento dos discípulos. A gente se queixou porque Jesus não havia

declarado com franqueza se era o Cristo ou não (Juan 10: 24-26); entretanto estiveram preparados para lhe apedrejar quando disse que era um com o Pai (Juan 10: 30-33). Mas agora a gente ouviu que Jesus era proclamado "Santo e justo", "Autor da vida", o Cristo, o Mesías da profecia (Hech. 3: 14-15, 18).

Pórtico.

Gr. stoá, "pórtico", "galeria". No ralato original da construção do primeiro templo não se encontra nenhuma menção de um "pórtico que se chama de Salomón". Josefo (Antiguidades xX. 9. 7) localiza-se este pórtico ao lado oriental do prédio do templo. Diz que se distinguia por duas fileiras de colunas de 12 m de alto (Guerra V. 5. 2). O chamou "pórtico do Salomón" possivelmente porque nele havia restos do edifício anterior ao tempo do Zorobabel. Quando Herodes Agripa I estava completando a obra de seu avô, a gente procurou persuadir o de que derrubasse este pórtico e o reconstruíra, mas se negou a fazê-lo.

12.

por que lhes maravilham?

Esta pergunta é similar a do anjo: "por que estão olhando ao céu?" (cap. 1: 11). Em ambos os casos a idéia é que as testemunhas do milagre não deveriam estar tão assombrados pelo acontecimento como evidentemente o estavam.

por que põem os olhos em nós?

Ver com. cap. 1: 10. Não devia atribuir o milagre a homens como Pedro e Juan, a não ser só ao poder divino.

Piedade.

As palavras do Pedro fazem recordar a teoria popular de que se uma pessoa for suficientemente piedosa, Deus a ouvirá e se produzirão grandes resultados (Juan 9: 31) 159 O apóstolo rechaça esta idéia. Nenhuma pureza própria lhe haveria servido ao Pedro. Só o poder de Deus manifestado no nome do Jesus de Nazaret podia efetuar o milagre.

13.

O Deus do Abraham.

Este é um eco do ensino e da forma de falar de nosso Senhor (Mat. 22: 32), embora a frase é do AT (Exo. 3: 6, 15). Quando Pedro asseverou que

Jesus era Filho do Deus do Abraão, assegurou a seus ouvintes judeus que não estava pregando um novo Deus, mas sim relacionava ao Jesus com o Deus dos pais deles.

Filho.

Gr. páis, palavra que pode significar "filho", "menino" ou "servo". A LXX emprega a palavra país neste terceiro sentido nos últimos capítulos de Isaías para designar ao "servo do Jehová". Na verdade, esta passagem se parece muito a ISA. 52: 13. No NT se aplica país a Cristo no Mat. 12: 18; Hech. 3: 26; 4: 27, 30. Estas passagens sugerem que Mateo e Lucas compreendiam que o servo sufriente do Isaías era uma figura que podia aplicar-se a Cristo. Ver com. ISA. 41: 8.

Entregaram.

Pedro é franco e valente ao culpar aos judeus da morte do Jesus, e assim fizeram-no sempre os apóstolos a partir desse momento.

Negaram.

Cf. Juan 19: 15.

Resolvido.

Ou "decidido". Pilato tinha decidido com plena justiça deixar em liberdade a Jesus por ser inocente (Juan 19: 4); mas os judeus, para sua culpa e vergonha, persuadiram-lhe que o condenasse a morte.

14.

Santo.

Este notável qualificativo possivelmente não era novo para os ouvintes do Pedro, pois aparece na literatura judia do período intertestamentario (ver com. Juan 6: 69). O diabólico o tinha usado ao dirigir-se a Cristo (Mar. 1: 24). Jesus tinha sido achado inocente de toda acusação durante o julgamento a que foi submetido (Mar. 15: 10; Luc. 23: 4). Tanto Pilato como sua esposa tinham dado um claro testemunho de que Jesus era inocente (Mat. 27: 19, 24). O mesmo fizeram o ladrão arrependido (Luc. 23: 41) e o centurião (vers. 47). Ver com. Hech. 2: 27.

Justo.

Ver 1 Ped. 3: 18; 1 Juan 2: 1; com. Hech. 7: 52.

Pediram... um homicida.

Quer dizer, a Diabinho (Mar. 15: 7; Luc. 23: 19).

15.

Autor da vida.

Gr. ARJ'gós t's zó's, "autor ou originador da vida" (cf. Heb. 2: 10; 12: 2). "Em Cristo há vida original, que não provém nem deriva de outra" (DTG 489). O autor da vida e da salvação é Aquele de quem fluem vida e salvação. apresenta-se a Cristo claramente como o Criador de toda vida. O

mesmo o afirmou repetidas vezes (Juan 3: 14-15; 5: 26, 40; 6: 48, 51). Os judeus tinham preferido deixar com vida a um homicida, a um assassino, e matar ao Autor e Doador da vida.

Deus ressuscitou.

No NT se afirma repetidas vezes que o Pai foi quem levantou cristo de os mortos (Hech. 2: 24; ROM. 6: 4; 8: 11). Ao mesmo tempo, Jesus afirmou que tinha poder de pôr sua vida e voltá-la para tomar (Juan 10: 18). Estas dois declarações quanto à ressurreição não são contraditórias, pois embora Cristo tinha vida em si mesmo, como o Filho encarnado que tomou a "forma de servo" (Fil. 2: 7), não podia "fazer nada por si mesmo" (Juan 5: 19). Jesus usava seu poder divino só por ordem do Pai; por isso, embora "El Salvador saiu da tumba pela vida que havia nele" (DTG 729), fez-o quando Deus, seu Pai, chamou-o.

Do qual.

Quer dizer, "do qual" ou "de quem". Pedro assevera de novo o fato básico de que os apóstolos sabiam do que estavam falando. Tinham conhecido ao Senhor, o tinham visto morrer, e o tinham visto ressuscitado.

16.

Seu nome.

Repetidas vezes no NT, e especialmente em Feitos, apresenta-se o nome de Jesus como o meio pelo qual se fazem milagres e se obtém a salvação (Hech. 3: 6; 4: 10, 12, 17-18; 16: 18; Mar. 9: 38; Luc. 10: 17). O emprego de a palavra "nomeie" neste sentido deve entender-se tendo em conta o rico significado do término no NT. Ver com. Hech. 2: 21.

Os eruditos destacaram que nos tempos antigos se acreditava que certos nomes tinham especial santidade e particular eficácia; portanto, entre os judeus do período posterior ao exílio, a maneira de pronunciar o nome divino Yahweh era mantida em segredo, conhecida só pelo supremo sacerdote; finalmente se perdeu de tudo. acreditava-se que a menção de outros nomes era especialmente capitalista para que se efetuassem milagres. Josefo relata haver visto um tal Eleazar que pretendia jogar fora demônios usando o nome de Salomón (Antiguidades vIII. 2.5). Os sete filhos da Esceva tentaram em Efeso usar o nome do Jesus com o mesmo propósito (cap. 19: 13-14). Pensaram que havia um poder mágico em só mencionar 160 o nome. Sem dúvida muitos dos que observaram os milagres realizados pelos discípulos no nome do Jesus, pensaram que a eficácia desses milagres consistia no emprego de um nome mágico. Ver T. I, pp. 179-182.

Mas fica fora de toda dúvida que os discípulos ao fazer milagres não empregaram o nome de Cristo com a idéia de que havia poder mágico na pronúncia desse nome. No AT, a palavra hebréia shem, "nome", algumas vezes se emprega com o sentido de "caráter" (Jer. 14: 7, 21), e pode ser quase um sinônimo da pessoa mesma (Sal. 18: 49). Esta estreita relação entre o nome e o caráter se ilustra com a abundância de nomes do AT que indicam o caráter de quem os tinha ou a antecipação que os pais expressavam em relação à personalidade de seus filhos. É provável que a mesma idéia de "caráter" seja a que corresponda com a palavra "nomeie" no livro pseudoepigráfico do Enoc (cap. 48: 7), onde se diz do Filho do Homem: "Porque em seu nome [os justos] são salvos".

Outro aspecto disto pode ver-se em tempos do NT, quando a palavra grega ónoma, "nome", pode significar "pessoa". Por isso, em um papiro egípcio do ano 13 d. C. aparece a frase "de parte do nome escrito debaixo", o qual significa, "de parte do assinado". Um uso similar aparece no Hech. 1: 15; Apoc. 3: 4; 11: 18.

Tudo isto indica que ao pronunciar o nome do Jesus para realizar milagres e para proclamar salvação, os apóstolos declaravam que o poder de sanar e de salvar se empregava em uma relação vital com a pessoa e o caráter de Jesucristo. A declaração do Pedro nesta passagem, "confirmou-lhe seu nome", era uma afirmação de que Cristo mesmo era quem tinha feito o milagre, e não que um encanto mágico tivesse atuado automaticamente sobre o coxo. O poder de Cristo está ao alcance de todos, mas deve ser aceito mediante uma fé viva nele.

Vós vêem e conhecem.

Não havia nada oculto neste milagre, nenhuma possibilidade de fazer armadilhas. Não substituiu-se ao colho com um homem são para fazer acreditar que o inválido havia sido sanado. Todos conheciam homem que tinha sido coxo, e agora viam que estava curado.

Por ele.

Quer dizer, por meio de Cristo. Cf. 1 Ped. 1: 21. A fé que houve tanto no Pedro o curador como no homem sanado, dependeu em cada um deles do poder de Cristo. Pedro recebeu o poder de Deus por meio da fé; o homem também recebeu fé, pela qual pôde ser sanado seu corpo. A fé curadora é em si mesma um dom (ROM. 12: 3; 1 Cor. 12: 9).

17.

Por ignorância.

A ignorância é tão perigosa no aspecto espiritual como em outros assuntos. pode-se pecar por ignorância, como ocorreu no caso que aqui se apresenta; mas a ignorância não é uma desculpa válida para justificar o pecado. Até em o governo humano, o não conhecer uma lei não é razão para desculpar-se de seu transgressão. É necessário arrepender-se com tanta sinceridade de um pecado de ignorância como de qualquer outro pecado. São especialmente culpados os que são ignorantes porque permitem que o prejuízo e seus sentimentos lhes impeçam conhecer as coisas das quais a razão e a consciência dão testemunho. Cf. Luc. 23: 34.

18.

cumpriu assim.

Esta é a culminação de todo o exposto pelo Pedro e a base de seu exortação ao arrependimento. A força de sua lógica residia no fato de que estava pregando uma profecia cumprida.

Profetas.

Cf. Luc. 24: 25-27. Como se registra no Hech. 1: 16; 2: 23, Pedro também destaca o fato de que os profetas do AT predisseram a obra de Cristo. O propósito de todas as Escrituras é expor o plano esboçado para a salvação do homem por meio do sofrimento redentor de Cristo. A partir da

primeira promessa evangélica (Gén. 3: 15) continuou um testemunho através do AT que destaca a expiação vigária por meio do Jesucristo. Neste sentido são de especial importância no AT as passagens que se encontram em Sal. 22: 18 (cf. Mat. 27: 35); Dão. 9: 26; Zac. 11: 13 (cf. Mat. 27: 9-10); ISA. 53.

Que seu Cristo tinha que padecer.

Até onde se saiba, os judeus nunca aplicaram ao Mesías a profecia do Isaías respeito ao servo sufriente. A doutrina de um Mesías sufriente discrepava muitíssimo com as opiniões dos judeus na idade apostólica, e quase não foi compreendida pelos mesmos discípulos de Cristo até depois de seu ressurreição. Pedro mesmo protestou quando Cristo expôs claramente a seus discípulos os sofrimentos que padeceria, e foi severamente repreendido porque vacilava em aceitar essa perspectiva (Mat. 16: 21-23). Esta passagem de Feitos revela uma mudança notável na compreensão de 161 Pedro; agora afirma que os sofrimentos de Cristo harmonizavam com o plano divino. Sem dúvida os apóstolos tinham recebido esta instrução por meio do ensino do Jesus depois de a ressurreição (Luc. 24: 44-48) e pela iluminação do Espírito Santo em Pentecostés. Pedro mais tarde demonstrou que compreendia esta doutrina fundamental quando escreveu sobre o Salvador que tinha levado "ele mesmo" os pecados (1 Ped. 2: 23-24).

19.

Arrepentíos.

Gr. metanoéÇ, "trocar de opinião", e no sentido espiritual, "arrepender-se" (ver com. Mat. 3: 2). Esta exortação ao arrependimento é a culminação lógica da dura repreensão do Pedro a quem o tinha desafiado. Não teria muito sentido tal repreensão se não tivesse o propósito de produzir arrependimento. Isto é o que deve acontecer com toda predicación evangélica.

Convertíos.

Gr. epistréfÇ, "dar-se volta". Na LXX se emprega com freqüência esta palavra para traduzir o vocábulo hebreu shub "voltar", término que muitas vezes tem o sentido espiritual de voltar para Deus (ver com. Eze. 18: 30). O verbo epistréfÇ descreve apropiadamente a mudança que ocorre em uma pessoa quando aceita a Cristo como Salvador e Rei, e Lucas o emprega freqüentemente neste sentido (Hech. 9: 35; 11: 21; 26: 20). A conversão é a base de uma experiência cristã genuína. distingue-se do novo nascimento (Juan 3: 3, 5) só em que pode considerar-se como o ato do homem que se separa de seu velha vida de pecado, enquanto que o novo nascimento ou regeneração é a obra do Espírito Santo que atua sobre o homem simultaneamente com seu conversão. Nenhuma das duas fases desta experiência pode cumprir-se sem o Espírito Santo; mas o Espírito Santo não pode fazer sua obra enquanto a pessoa não esteja disposta a permitir que Deus se emposse de sua vida (Apoc. 3: 20).

Apagados.

Ou "limpos". Na Bíblia o perdão do pecado muitas vezes se representa como um lavamiento (Juan 13: 10; Apoc. 1: 5; ver com. Apoc. 22: 14). A idéia de tirar ou lavar o pecado é similar. A imagem que bem pode associar-se com as palavras aqui expressas é a de uma acusação que define os pecados do penitente, que são absolvidos pelo amor perdonador do Pai (ISA. 43: 25; Couve. 2: 14; ver com. Mat. 1: 21; 3: 6; 26: 28; Luc. 3: 3).

O resultado imediato para os que aceitaram a exortação do Pedro ao arrependimento foi o perdão de seus pecados. Neste sentido pode considerar-se que esses pecados foram apagados imediatamente; entretanto, a eliminação definitiva do pecado ocorrerá precisamente antes da segunda vinda de Cristo e em relação com o fim da obra do Salvador como Supremo Sacerdote (ver com. imediato, "para que"). A culpa por pecados específicos fica cancelada quando são confessados e perdoados, e serão apagados do registro no dia do julgamento (cf. Eze. 3: 20; 18: 24; 33: 13; CS 539).

Para que.

Gr. hópÇs an, "para que", "a fim de que". Esta frase expressa propósito. A conversão dos pecadores tem o poder de acelerar o cumprimento dos propósitos de Deus e, portanto, de apressar a vinda de seu reino em seu plenitude. A tradução "porque virão" (RVA) não é precisa.

Nesta passagem Pedro parece assinalar uma certa seqüência de acontecimentos. Insistiu a seus ouvintes a arrepender-se e a converter-se. Disse que estas atitudes seriam seguidas por (1) o perdão de seus pecados, (2) a vinda dos "tempos de refrigério", e (3) o glorioso advento do Jesucristo.

Em qualquer estudo da seqüência de sucessos implicados nas palavras de Pedro, deveriam se ter em conta dois pontos: (1) Pedro, como os outros discípulos, não conhecia "os tempos ou as maturações" (Hech. 1: 7; cf. Juan 21: 20-23); sua visão do futuro não era de comprimento alcance, e esperava gozosamente o muito em breve retorno de seu Senhor (ver Nota Adicional de ROM. 13). (2) Por inspiração divina Pedro se deu conta que certas profecias dos últimos dias se estavam cumprindo em seu tempo. Na verdade, essa inspiração bem pôde lhe haver permitido ver só esse cumprimento imediato, que resultou ser limitado, embora este ponto não é essencial neste estudo. Por exemplo, no dia do Pentecostés, afirmou que a profecia do Joel, de que em "os últimos dias" Deus derramaria seu Espírito sobre toda carne, estava-se cumprindo então (Hech. 2: 14-18). Verdadeiramente houve um cumprimento limitado da profecia de um derramamento divino; e também é certo, como já se disse, que em certo sentido os pecados dos convertidos foram então apagados, porque foram talheres pelo sangue redentor do Jesucristo. 162

Mas de acordo com a perspectiva dos planos no céu até seu segunda vinda. planos de Deus que se levavam a cabo, especialmente em relação com o cumprimento da profecia, agora podemos ver que em um sentido mais literal e completo "os últimos dias" são nossos dias, e que é agora quando realmente podemos esperar a vinda de Cristo. Do mesmo modo vemos que o grande derramamento do Espírito de Deus -os "tempos do refrigério"- se referem especificamente a nossos dias: os dias da chuva tardia (ver com. Joel 2: 23). Assim também podemos e devemos considerar que o perdão de os pecados corresponde com nosso tempo. por que temos que separá-lo tanto dos outros dois acontecimentos que disse Pedro que ocorreriam? Em verdade, quando estudamos este tema do perdão dos pecados dentro do âmbito da obra de Cristo no santuário celestial (ver com. Dão. 8: 14), descobrimos que os pecados serão finalmente apagados nos últimos dias da história desta terra, imediatamente antes da vinda de Cristo (PP 371-372; CS 472-475; ver com. Eze. 18: 24).

É, pois, evidente que a afirmação do Pedro (vers. 19), tomada em conjunto, implica um elemento temporário definido. Falando por inspiração, e pelo quanto mais lá de sua própria compreensão limitada, Pedro se refere claramente a dois grandes acontecimentos dos últimos dias da história deste mundo: (1) O grande derramamento do Espírito de Deus, e (2) a eliminação final de

os pecados dos justos. Estes acontecimentos estão ligados com um terceiro acontecimento culminante: a segunda vinda de Cristo.

Da presença.

Literalmente "do rosto". O "refrigério" vem diretamente do trono de Deus.

20.

O envie.

O tema dominante dos escritores do NT é o retorno de Cristo. Ver com. vers. 19.

Foi antes anunciado.

Melhor "foi antes designado", "tinha-lhes sido destinado" (BJ). Para Deus o plano da redenção existe da eternidade (Mat. 25: 34; F. 1: 4; Apoc. 13: 8), e ficou em marcha apesar da resistência de Satanás e dos pecadores. Subtração que os que estão implicados no plano cumpram seus condicione mediante sua obediência (cf. Luc. 22: 42; Heb. 10: 7).

21.

O céu receba.

Os discípulos tinham sido testemunhas da ascensão de Cristo (cap. 1: 9-10), e compreendiam que Cristo devia permanecer no céu até sua segunda vinda. Jesus havia dito a seus discípulos que era necessário que ele os deixasse (Juan 14: 1-6), mas um ainda então não o compreenderam, até que o viram ascender e se deram conta de que deviam esperar sua volta.

Restauração.

Cristo morreu como Redentor do mundo, e portanto a restauração prometida foi possível por sua crucificação.

Aqui Pedro apresenta um resumo da idéia que desenvolve plena e cabalmente em 2 Ped. 3: 7-13. Os céus novos e a terra nova desta passagem são uma restituição, uma restauração frente ao pecado e a degradação, que, como resultado da queda do homem no pecado, destruíram a formosura e a perfeição da criação original (ver com. ISA. 65: 17-25; Miq. 4: 8).

Esta passagem não ensina, como pensaram alguns, que finalmente se salvarão todos. A Escritura não ensina tal doutrina; mas sim expressa a idéia de um estado final no qual a justiça, e não o pecado, terá domínio sobre um mundo redimido e recreado. Apresenta uma meta de elevadísimo valor para a experiência cristã, que resulta do verdadeiro arrependimento e da conversão, e oferece uma esperança ainda mais ampla para o possível crescimento em sabedoria e em santidade no mundo vindouro que o que os cristãos algumas vezes estiveram dispostos a destacar.

De que falou Deus.

Esta frase pode referir-se a "os tempos da restauração", quer dizer, ao ato divino da restauração, predito proféticamente, ou a "todas as coisas", em cujo caso se refere ao cumprimento das promessas de Deus por meio de

os profetas. Aqui há uma clara asseveração de que as declarações dos profetas são as mensagens de Deus. Foi Deus quem falou por meio dos profetas (2 Ped. 1: 21). Esta passagem é virtualmente idêntica ao Luc. 1: 70.

Desde tempo antigo.

Estas palavras abrangem as muitas e imutáveis promessas manifestadas por meio dos profetas que fomentaram as esperanças do povo de Deus através de os séculos. Zacarías viu o começo do cumprimento destas promessas no nascimento de seu filho Juan (Luc. 1: 70). O plano de salvação existiu desde antes do "princípio do mundo" (Apoc. 13: 8).

22.

Moisés disse.

A linhagem de profetas verdadeiros sugerido aqui e no vers. 24, revela a esperança da vinda de algum profeta 163 que sobrepujaria a todos os outros, tal como se revela na pergunta que fizeram ao Juan o Batista: "É você o profeta?" (Juan 1: 21). Nenhum dos dirigentes posteriores ao Moisés foi exatamente como ele (ver Deut. 18: 15; com. Hech. 3: 22, "como a mim"). Seu obra assinalou uma nova época: a manifestação da glória de Deus por meio de uma teocracia, com sua lei e seus serviços de culto divinamente ordenados. A vinda do Jesus assinalou o começo de outra nova época: seu reino foi estabelecido no coração "novo" dos homens (Jer. 31: 31-34; Heb. 8: 8-12).

Aos pais.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a omissão desta frase.

Como a mim.

Aqui lhe faz citar ao Moisés a promessa de Deus de que o profeta que viria seria como ele (Deut. 18: 18); mas o paralelo não é completo, porque Moisés não foi o Filho unigénito de Deus nem quem pagou o preço da expiação em forma vigária; e Jesus foi ambas as coisas.

A ele ouvirão.

Quer dizer, obedecerão-lhe (ver com. Juan 6: 60).

Fale-lhes.

Aqui Pedro modifica algo a entrevista do Deut. 18: 18 para convertê-la em uma ordem para seus ouvintes.

23.

Alma.

Gr. psujé (ver com. Mat. 10: 28; cf. Hech. 2: 41).

Será desarraigada.

A passagem que Pedro cita (Deut. 18: 19), embora não literalmente, diz, "eu o pedirei conta". As palavras que Pedro coloca em seu lugar são um eco da frase comum no AT: "será talhado o tal varão de entre seu povo" (Lev. 17:

4, 9; cf. Exo. 12: 15, 19).

24.

Desde o Samuel.

É provável que se nomeie aqui ao Samuel porque os profetas do primeiro Israel aparecem em relação com ele como um grupo, especialmente no que se refere a as escolas dos profetas. No século III d. C., Juda-há-Nasi, redator de a Mishnah, referiu-se ao Samuel como "o major dos profetas" (Talmud palestino Hagigah, 77a). Isto bem poderia representar uma posição aceita em os dias do Pedro.

Estes dias.

Não é claro se Pedro se referir aqui a "os tempos da restauração" (vers. 21) ou aos notáveis momentos nos quais viviam ele e seus ouvintes. Bem pôde ter pensado nos dois, acreditando que os acontecimentos que estava presenciando finalmente seriam o começo das cenas finais (cf. cap. 2: 17).

25.

Filhos dos profetas.

Os profetas e suas mensagens foram enviadas especialmente aos israelitas (ROM. 3: 2).

Do pacto.

Pedro identifica aqui o pacto abrahánico (Gén. 12: 3) com o pacto da salvação, assim como o faz Pablo (Gál. 3: 8). Apesar da luz espiritual e dos privilégios de que gozavam os judeus, não tinham reconhecido ao Jesus como o Mesías. Em todas as idades, e sobre tudo agora, quem goza de privilégios espirituais especiais podem ser culpados do mesmo engano.

Em sua semente.

Refiriéndose ao Gén. 12: 3, Pablo diz que Cristo é a "semente" e que todos os fiéis em Cristo são herdeiros do Abraão (Gál. 3: 16, 29). O uso que Pedro lhe dá à passagem não é tão explícita, mas ao citá-lo é evidente que o aplica a Cristo.

26.

A vós primeiro.

É digno de notar-se esta prioridade do judeu como receptor do Evangelho. Pedro não sabia ainda as condições nas quais o Evangelho seria pregado a os pagãos, mas suas palavras implicam que entendia claramente que a mensagem tinha que ir primeiro aos judeus. Esta seqüência também foi empregada por Pablo: "Ao judeu primeiro, e também ao grego" (ROM. 1: 16; cf. cap. 2: 9-10). Empregou tanto esta seqüencia em seu predicación do Evangelho, que se converteu em uma fórmula (Hech. 13: 46; cf. cap. 9: 19-20;14: 1; 17: 1-3). Cf. T. IV, pp. 31-32.

Filho.

Gr. páis (ver com. vers. 13).

Para que lhes benzesse.

A bênção da qual se fala aqui segue à ressurreição, e implica o poder de Cristo que capacita ao homem para apartar do pecado e entrar em uma nova vida em El Salvador. Esta nova vida do crente é possível por meio da ressurreição de nosso Senhor (F. 2: 4-6; Couve. 2: 12-13).

converta-se.

Gr. apostréfo, "voltar-se", que como o verbo afim epistréfo, aparece com freqüência na LXX como tradução do verbo hebreu shub (ver com. vers. 19). Esta passagem é ambígua. Pode entender-se que Jesus aparta aos homens da iniqüidade ou que os benze quando se separam dela. Mas em certo sentido ambas as coisas são certas. As bênções da salvação só podem receber-se por meio do poder restaurador do Espírito Santo, que obra no transgressor o imprescindível lugar retirado do pecado, com arrependimento e conversão. 164

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE.

1-26 HAp 47-49; SR 248-250

1-2 HAp 47

1-6 SR 248

2 P 192

4-11 HAp 47

7-10 SR249

8-9 P 192

12 HAp 48; SR 249

12-16 P 192

14-15 TM 272

14-19 HAp 48

15 HAp 50

16-18 SR249

19 C 21; CN 203; CRA 37; CS 671; Ev 509; 1JT 63; 3JT 214, 355, 416; MeM 59; MJ 71; P 71, 86, 271; PP 372; St 103; 9T 216

19-20 CS 539, 670

21 CS 346; DTG 714

22 DTG 25-36, 163

22-23 FÉ 405

CAPÍTULO 4

1 Os governantes judeus se ofendem pelo sermão do Pedro, 4 e embora milhares se convertem, encarceram ao Pedro e ao Juan. 5 Despus de ser interrogados, Pedro declara corajosamente que o coxo foi sanado no nome do Jesus, e que só em seu nome podemos ter vida eterna. 13 Os governantes ordenam ao Pedro e a Juan que não preguem mais no nome do Jesus e os ameaçam; 23 então a igreja se dedica a orar. 31 Como sinal de que escutou suas orações, Deus faz tremer o lugar onde estão reunidos, e aprova a sua igreja lhes enviando o dom do Espírito Santo e inspirando-os à caridade e o amor mútuos.

1 FALANDO eles com povo, vieram sobre eles os sacerdotes com o chefe de o guarda do templo, e os saduceos,

2 ressentidos de que ensinassem ao povo, e anunciassem no Jesus a ressurreição de entre os mortos.

3 E lhes jogaram mão, e os puseram no cárcere até o dia seguinte, porque era já tarde.

4 Mas muitos dos que tinham ouvido a palavra, acreditaram; e o número dos varões era como cinco mil.

5 Aconteceu ao dia seguinte, que se reuniram em Jerusalém os governantes, os anciões e os escribas,

6 e o supremo sacerdote Anás, e Caifás e Juan e Alejandro, e todos os que eram da família dos supremos sacerdotes;

7 e pondo-os no meio, perguntaram-lhes: Com que potestad, ou em que nome, fizeram vós isto?

8 Então Pedro, cheio do Espírito Santo, disse-lhes: Governantes do povo, e anciões do Israel:

9 Posto que hoje nos interroga sobre o benefício feito a um homem doente, de que maneira este tenha sido sanado,

10 seja notório a todos vós, e a todo o povo do Israel, que no nome do Jesucristo do Nazaret, a quem vós crucificaram e a quem Deus ressuscitou dos mortos, por ele este homem está em sua presença são.

11 Este Jesus é a pedra reprovada por vós os edificadores, a qual há vindo a ser cabeça do ângulo.

12 E em nenhum outro há salvação; porque não há outro nome sob o céu, dado aos homens, em que possamos ser salvos.

13 Então vendo o denodo do Pedro e do Juan, e sabendo que eram homens sem letras e do vulgo, maravilhavam-se; e lhes reconheciam que tinham estado com Jesus.

14 E vendo o homem que tinha sido sanado, que estava em pé com eles, não podiam dizer nada em contra.

15 Então lhes ordenaram que saíssem do concílio; e conferenciavam entre si,

16 dizendo: O que faremos com estes homens? Porque de certo, sinal
manifesta foi feita por eles, notória a todos os que moram em Jerusalém,
e não o podemos negar.

17 Entretanto, para que não se divulgue mais entre o povo, lhes ameacemos para
que não falem daqui em diante com homem algum neste nome.

18 E chamando-os, intimaram-lhes que em nenhuma maneira falassem nem ensinassem em
o nome de Jesús.165

19 Mas Pedro e Juan responderam lhes dizendo: Julguem se for justo diante de
Deus obedecer a vós antes que a Deus;

20 porque não podemos deixar de dizer o que vimos e ouvido.

21 Eles então lhes ameaçaram e lhes soltaram, não achando nenhum modo de
lhes castigar, por causa do povo; porque todos glorificavam a Deus pelo que
feito-se,

22 já que o homem em quem se feito este milagre de sanidade, tinha mais
de quarenta anos.

23 E postos em liberdade, vieram aos seus e contaram tudo o que os
principais sacerdotes e os anciões lhes haviam dito.

24 E eles, havendo-o ouvido, elevaram unânimes a voz a Deus, e disseram:
Soberano Senhor, você é o Deus que fez o céu e a terra, o mar e tudo
o que neles há;

25 que por boca do David seu servo disse: por que se amotinam as gente, E
os povos pensam coisas vões?

26 Se reuniram os reis da terra,

E os príncipes se juntaram em um Contra o Senhor, e contra seu Cristo.

27 Porque verdadeiramente se uniram nesta cidade contra seu santo Filho Jesus,
a quem ungiu, Herodes e Poncio Pilato, com os gentis e o povo de
Israel,

28 para fazer quanto sua mão e seu conselho haviam antes determinado que
acontecesse.

29 E agora, Senhor, olhe suas ameaças, e concede a seus servos que contudo
denodo falem sua palavra,

30 enquanto estende sua mão para que se façam sanidades e sinais e prodígios
mediante o nome de seu santo Filho Jesus.

31 Quando tiveram orado, o lugar em que estavam congregados tremeu; e todos
foram cheios do Espírito Santo, e falavam com denodo a palavra de Deus.

32 E a multidão dos que tinham acreditado era de um coração e uma alma; e
nenhum dizia ser seu próprio nada do que possuía, mas sim tinham todas as
costure em comum.

33 E com grande poder os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e abundante graça era sobre todos eles.

34 Assim não havia entre eles nenhum necessitado; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendiam-nas, e traziam o preço do vendido,

35 e o punham aos pés dos apóstolos; e se repartia a cada um segundo seu necessidade.

36 Então José, a quem os apóstolos puseram por apelido Bernabé (que traduzido é, Filho de consolação), levita, natural do Chipre,

37 como tinha uma herdade, vendeu-a e trouxe o preço e o pôs aos pés de os apóstolos.

1.

Falando eles.

Nesse tempo e constantemente depois, as atividades dos apóstolos preocupavam profunda e desagradablemente às autoridades judias. É evidente que a notícia da cura do coxo se difundiu rapidamente pela cidade; e pela primeira vez depois da crucificação, os dirigentes do sanedrín, que tinham condenado ao Senhor, ocupavam-se novamente do cristianismo. Tinham transcorrido só umas poucas semanas da crucificação. Durante esse tempo, os dirigentes judeus sem dúvida se haviam congratulado por haver-se liberado do Jesus para segurança da nação, tal como Caifás o tinha aconselhado (Juan 11: 49-50). Sabiam que a tumba do Jesus tinha sido achada vazia, e negando-se a acreditar na ressurreição se haviam ocupado em fazer circular a versão de que os discípulos tinham roubado seu corpo (Mat. 28: 13-15). Não se sabe se alguns dos dirigentes judeus haviam estado pressente o dia do Pentecostés, mas tiveram que haver-se informado de os acontecimentos desse dia e do crescimento da nova igreja. E agora tinham encontrado a dois dos principais porta-vozes dos cristãos ensinando publicamente nos mesmos portais do templo.

Vieram sobre eles.

Com o propósito de capturá-los.

Sacerdotes.

Estes eram os que se ocupavam dos serviços do templo (1 Crón. 24: 1-19), e naturalmente foram os primeiros em sentir-se molestos por causa das multidões que, atônitas, tinham presenciado a cura do coxo.

O chefe.

Parece que era um dos funcionários que tinham estado presentes no arresto do Jesus (Luc. 22: 52). O AT menciona a um magistrado cujo título era "príncipe da casa de Deus" (BJ, 1 Crón. 9: 11; 2 Crón. 31: 13; Neh. 11: 11). Em 2 Macabeos 3: 4 aparece um benjamita como "administrador do 166 Templo" (BJ). Lucas menciona repetidas vezes aos "chefes do guarda do templo" (Luc. 22: 52; Hech. 5: 24, 26), e Josefo também se refere a esse magistrado (Guerra iI. 17. 2; Antiguidades xX. 9. 3). É evidente que o funcionário mencionado pelo Josefo é o mesmo do qual fala Lucas, e poderia ser o mesmo que se menciona no AT e em 2 Macabeos. Nos escritos judeus posteriores aparecem vários funcionários que poderiam corresponder com este "chefe da

guarda do templo". Um deles era o 'ish har habbáyith, ou "magistrado do monte do templo" (Mishnah Middoth 1.2). Este não era um dos soldados, a não ser supervisor do guarda de sacerdotes e levita que cuidavam o templo, sobre tudo de noite. Como inspetor fazia suas rondas noturnas visitando todas as portas e despertando aos guardas que dormiam. Parece ter tido que ver especialmente com o átrio exterior, lugar onde Pedro acabava de pronunciar seu discurso. Outro magistrado que com maior probabilidade pode identificar-se com o "chefe do guarda" é o sigam hakkohanim, "prefeito de os sacerdotes". Ocupava o cargo de ajudante do supremo sacerdote, com quem cooperava em suas funções oficiais, e era o responsável pelos serviços do templo e de manter a ordem em toda a área do templo.

Saduceos.

Ver T. V, pp. 54-55. Os saduceos não se mencionam freqüentemente no relato evangélico; mas no Hech. 23: 8 se registra que ensinavam que "não há ressurreição, nem anjo, nem espírito". Quando Jesus e seus apóstolos ensinavam a doutrina da ressurreição e da vida futura, os saduceos se os opunham, conforme se registra aqui e no Mat. 22: 23-33.

Quando acharam aos discípulos do Jesus pregando a ressurreição, os saduceos reagiram como o tinham feito ante o mesmo Jesus, e se converteram em perseguidores da igreja. Não se registra no NT que nenhum saduceo tivesse aceito o Evangelho. Não pode dizê-lo mesmo dos fariseus, alguns dos quais manifestaram ser crentes (Hech. 15: 5; cf. cap. 23: 6).

2.

Ressentidos.

"Molestos" (BJ). O verbo de onde deriva este particípio é empregado para descrever a reação do Pablo quando uma mulher no Filipos o seguia gritando (cap. 16: 18). Os dirigentes dos judeus estavam desgostados porque os discípulos ensinavam a doutrina da ressurreição -tão oposta aos conceitos dos principais sacerdotes que eram saduceos-, e também porque pregavam sem preparação nem autorização para fazê-lo, algo semelhante ao caso do Jesus (Juan 7: 14-15). aconteceu freqüentemente que quem tem autoridade eclesiástica se hão oposto ao ministério de quem não tem sido comissionados por eles. Quem tem certo poder facilmente se imaginam que só eles podem instruir a outros quanto à forma em que devem atuar em público.

De que ensinassem.

Uma das objeções que sem dúvida apresentaram as autoridades contra os apóstolos, foi que eram "homens sem letras e do vulgo" (vers. 13), e pelo tão não estavam capacitados para ensinar ao povo.

Anunciassem no Jesus a ressurreição.

Os apóstolos pregavam a doutrina da ressurreição "no Jesus", quer dizer, ensinavam que esta ressurreição era uma prova irrefutável da ressurreição general dos mortos, doutrina que os saduceos rechaçavam. Cf. cap. 23: 8. Pablo mais tarde destacou que a ressurreição de Cristo é uma garantia de que todos os justos ressuscitarão no dia final (1 Cor. 15: 16-23; Fil. 3: 10-11).

3.

No cárcere.

"Sob guarda" (BJ). Com este episódio começa a primeira perseguição dos apóstolos.

Tarde.

Deve recordar-se que o caso da cura do coxo tinha começado como às 15 horas (ver com. cap. 3: 1). depois da cura desse homem, Pedro tinha apresentado seu discurso, e então ele e Juan foram presos. Para então, já era "tarde", sem dúvida como a décima segunda hora, muito perto da posta do sol. Aos judeus estava proibido ditar sentença em uma sessão noturna, e como seu dia terminava à décima segunda hora já era muito tarde para levar a cabo um procedimento judicial (ver a segunda Nota Adicional do Mat. 26). Os rabinos impunham esta restrição aos julgamentos noturnos por causa do Jer. 21: 12, que diz: "Casa do David, assim disse Jehová: Façam de amanhã julgamento". Aplicavam isto até às deliberações quanto a a proclamação da festa da lua nova (Mishnah Rosh Hashanah 3. 1).

4.

Mas.

Os novos crentes não se acovardaram por causa da detenção dos apóstolos.

Muitos. . . acreditaram.

Acreditaram no Jesus, a quem Pedro tinha apresentado como o profeta 167 aproxima do qual Moisés tinha escrito. Tudo o que acreditou se converteu em parte da crescente hoste de conversos que se incorporavam à igreja.

Varões.

Gr. an'r, "varão". Esta palavra se emprega só para o sexo masculino; não é a palavra genérica "homens". Parece que só se contaram os varões (ver com. Mat. 14: 21).

Como cinco mil.

Ou "chegou a uns cinco mil" (BJ). É provável que Lucas tivesse querido dizer aqui que o número total dos discípulos alcançou a cinco mil, e não que esse dia se converteram cinco mil. Três mil se converteram no Pentecostés, e desde esse momento diariamente se acrescentaram membros à igreja (cap. 2: 47).

5.

Ao dia seguinte.

Esta foi a primeira oportunidade que tiveram os dirigentes judeus de fazer uma investigação judicial (ver com. vers. 3).

reuniram-se.

Evidentemente a reunião tinha sido citada, como a do Mat. 26: 3-4, para estudar o que se podia fazer frente à nova crise. É obvio, esta reunião incluía tanto a fariseus como a saduceos; mas estes dominavam o sanedrín nessa época.

Os governantes.

É provável que este término designe aos "sacerdotes" e ao "chefe da guarda do templo" do vers. 1.

Anciões.

Sem dúvida estes eram os que em hebreu eram designados como zeqenim, "anciões". Representavam o elemento laico do sanedrín, em contraste com os escribas e os sacerdotes.

Escribas.

O terceiro grupo que compunha o sanedrín era o dos escribas, quem era os juristas profissionais e eram reconhecidos como intérpretes da lei (T. V, P. 57). É compreensível que estivessem ressentidos por este novo ensino apresentada por homens que aparentemente não tinham preparação (cf. Mat. 7: 29).

6.

Anás.

Anás (chamado Ananus pelo Josefo), filho de Set, foi designado como supremo sacerdote ao redor do ano 6 d. C. pelo governador romano Quirino (Cirenio), e foi deposto ao redor do ano 14 d. C. (Josefo, Antiguidades xVIII. 2. 1-2). Cristo tinha sido levado primeiro ante o Anás (Juan 18: 13), e logo este enviou-o ao Caifás, o supremo sacerdote. Isto indicaria que, embora não era então o supremo sacerdote, Anás tinha uma grande influencia entre os judeus. Isto é muito fácil de entender pelo fato de que Caifás era genro do Anás. Provavelmente seja impossível agora definir exatamente quais eram as funções do Anás e do Caifás. Parece que era costume que aqueles que uma vez haviam exercido o supremo sacerdócio seguissem empregando o título depois de deixar de desempenhá-lo. Quando morreu Anás cinco de seus Filhos já tinham sido supremos sacerdotes (Vão. xX. 9. 1); mas sua velhice se viu perturbada pelas atrocidades cometidas no templo pelos insurgentes durante a guerra dos anos 66 a 73 d. C. (Josefo, Guerra iV. 3. 78).

Caifás.

Caifás tinha sido renomado ao redor do ano 18 ou 19 d. C., e foi deposto ao redor do ano 36 d. C. Nos Evangelhos aparece como político e hábil administrador (Juan 18: 14. Ver com. "Anás").

Juan.

Possivelmente tenha sido Johanán (quer dizer, Juan) Ben Zakkai, dirigente judeu de quem se diz que esteve no apogeu de sua influência 40 anos antes da destruição do templo no ano 70 d. C. depois da guerra entre judeus e romanos, foi o fundador e o presidente do Concílio da Jamnia (T. V, P. 79); entretanto, esta identificação não é muito segura. Outra possibilidade, sugerida por um antigo manuscrito no que se lê "Jonatán", é que este era Jonatán, filho do Anás, quem foi supremo sacerdote por um curto período depois do Caifás, e novamente em tempos do Félix (aproximadamente do ano 52 aos 60 d. C.).

Alejandro.

Não há nenhuma identificação segura deste personagem.

A família dos supremos sacerdotes.

O Talmud (Pesahim 57a) menciona a várias destacadas famílias das quais em esse tempo se nomeavam aos supremos sacerdotes. Caifás, que exercia então o supremo sacerdócio, tinha vários parentes que ocupavam postos elevados (ver com. "Anás"), e é provável que vários deles estivessem presentes em o julgamento do Pedro e do Juan que se registra aqui. Ver com. Mat. 2: 4.

7.

No meio.

Os membros do sanedrín se sentavam em semicírculo (Mishnah Sanhedrin 4. 3), e, ao parecer, Pedro e Juan foram colocados no centro.

Com que potestad?

Gr. em póia dunámei, "com que classe de poder?" A palavra dúnamis, "força", "capacidade", empregada aqui se aplica com freqüência aos milagres de Cristo ("milagres", Mat. 11: 20; "poderes", Mar. 6: 14; "maravilhas", Luc. 19: 37). Os dirigentes dos judeus aceitavam que o coxo havia 168 sido curado por uma maravilhosa manifestação de poder. Isso era muito evidente para negá-lo (ver com. Hech. 4: 16); mas sua pergunta insinuava uma suspeita de que tratava-se de um poder demoníaco, acusação similar a que se lançou contra Jesus (Luc. 11: 15; Juan 8: 48).

Em que nome?

"Em que classe de nome?" Ver com. cap. 3: 16. Os dirigentes judeus sem dúvida sabiam que Pedro e Juan tinham sanado ao coxo no nome do Jesus. Mas para eles Jesus era um homem que fazia pouco tinha sido crucificado como criminal; por isso sua pergunta é tão depreciativa.

8.

Pedro.

Poucas semanas antes, Pedro tinha tremido ante os servos e os soldados no pátio da casa do supremo sacerdote, e tinha negado a seu Senhor; mas desde então tinha recebido o Espírito de Deus que o havia "mudado em outro homem" (ver com. 1 Sam. 10: 6; cf. Mat. 10: 19-20). Em pé diante do mais alto tribunal dos judeus, fala, certamente em forma respeitosa, mas com firme valor. Com amargo pranto Pedro se arrependeu de ter negado a seu Senhor (Luc. 22: 54- 62). Uma evidência do verdadeiro arrependimento é procurar como reparar o mal produzido por uma falta da qual alguém se arrependeu. Pedro tinha desonrado a seu Professor e a sua causa em presença dos judeus. Agora, na mesma cidade, em presença das mesmas pessoas que haviam participado da condenação do Jesus, Pedro deu contente seu testemunho da missão divina do Salvador a quem uma vez tinha negado. Aqui demonstrou a validez de sua posterior admoestação: "Estejam sempre preparados para apresentar defesa com mansidão e reverência acima de tudo o que lhes demande razão da esperança que há em vós" (1 Ped. 3: 15).

Governantes do povo.

Compare-se esta respeitosa saudação com o mais familiar do Pablo: "Varões

irmãos" (cap. 23: 1, 6). Sem dúvida Pablo conhecia pessoalmente a vários membros do tribunal, e portanto sentia menos temor ante eles (ver com. cap. 9: 1). Ao cristão lhe ordena que respeite a quem ocupa postos de autoridade (Mat. 22: 21; ROM. 13: 7; 1 Ped. 2: 13-17).

Anciões do Israel.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pela omissão da frase "de Israel". Ver com. vers. 5.

9.

Nos interroga.

Gr. anakrínô, "examinar", que muitas vezes tem o sentido específico de fazer uma interrogação judicial, como no Luc. 23: 14. No NT só empregam este verbo Pablo e Lucas (Hech. 12: 19; 24: 8; 1 Cor. 2: 14-15; 4: 3-4).

Benefício.

No grego poderia ler-se "uma boa obra feita em favor de um fraco", pois nenhum dos substantivos tem artigo. Pedro põe de relevo o "benefício" indubitável que o Senhor tinha feito por meio do Juan e dele; e ao fazê-lo, sublinhava que o julgamento que agora se o fazia a ele e ao Juan era irrazonable. Suas palavras poderiam indicar que previa a possibilidade de que também o fizessem outras acusações devido a seu sermão (cap. 3: 12-26), como ocorreu em o caso do Esteban, quem foi acusado de blasfêmia "contra este lugar santo [o templos] e contra a lei" (cap. 6: 13).

Este.

O uso deste pronome poderia indicar que o que tinha sido sanado também estava presente no sanedrín (vers. 14).

Sanado.

Gr. sózô, "salvar", já fora física ou espiritualmente. Esta palavra sugere decididamente uma restauração tão espiritual como física (Mar. 10: 52; Luc. 7: 50).

10.

A todo o povo.

Pedro desejava que todos ouvissem o importante testemunho que estava a ponto de dar aos dirigentes e ao povo (cf. cap. 2: 14).

No nome.

Ver com. cap. 3: 16.

A quem vós crucificaram.

Esta declaração pressupõe uma decidida intrepidez. Pedro não vacila em afirmar que embora Pilato tinha pronunciado a sentença oficial, eles -os mesmos que estavam-no interrogando- tinham sido os que crucificaram a seu próprio Rei Não tinha tratado de evitar confessar ao Nazareno como o Mesías. Pedro proclamou que Cristo tinha ressuscitado dos mortos e que seguia sanando como o havia

feito quando estava na terra.

11.

A pedra.

Este versículo é uma entrevista não literal de Sal. 118: 22. Alguns membros do sanedrín, a quem Pedro se dirigia, tinham ouvido quando Jesus tinha chamado estas palavras e feito a aplicação das mesmas aos judeus céticos (Mat. 21: 42-44). Sua cegueira lhes tinha feito pensar então que podiam desafiar a advertência e exortação de Cristo. Por sua hierarquia eram edificadores da igreja do Israel (ver com. Hech. 7: 38), mas haviam rechaçado a pedra que Deus tinha escolhido como cabeça do ângulo (F. 2: 20). Esta mesma idéia é a nota dominante em uma das epístolas do Pedro: que a igreja está 169 construída de pedras vivas sobre o fundamento de Jesucristo como "cabeça do ângulo" (1 Ped. 2: 6-8).

12.

Em nenhum outro há salvação.

Pedro afirma que a cura física do coxo é a manifestação externa do poder do Jesus para a salvação da alma, salvação que o inválido também tinha recebido. devido aos resultados produzidos pela ordem: "te levante e anda", as testemunhas oculares deviam deduzir que o mesmo poder era capaz de trazer consigo a bênção maior da salvação espiritual (Mat. 9: 5). A salvação da qual Pedro estava falando era exatamente o que os dirigentes diziam que procuravam. A afirmação do Pedro de que Cristo é o único Salvador concordava exatamente com o que Jesus mesmo afirmava: que só nele há salvação (Juan 3: 16; 14: 6).

Não há outro nome.

Ver com. cap. 3: 16. Pedro tinha aprendido a unir à idéia do nome toda a personalidade e o poder de quem possuía o nome. Para os que haviam conhecido e aceito a Cristo, o nome do Jesucristo do Nazaret era a única verdadeira fonte de liberação e salvação.

Possamos ser salvos.

Cristo é o único caminho, e necessariamente por ele devemos procurar a salvação se desejamos ser salvos (Juan 14: 6; 17: 3). O plano de salvação devotado por meio do Jesucristo (1) glorifica a Deus como governante moral; (2) enaltece a lei de Deus como regra de governo; (3) dá evidência de que sua origem é a revelação divina; (4) por meio da expiação vigária satisfaz as necessidades dos pecadores, quem de outro modo está sob a condenação de Deus. Cristo é o único mediador entre o homem e Deus (1 Tim. 2: 5).

13.

Então vendo.

O verbo grego implica mais que ver levianamente; inclui contemplar e considerar.

Denodo.

Gr. parr'era, "valor", "valentia"; das palavras pão, "tudo" e rh'sis,

"fala". portanto, "liberdade de falar", ou seja "valor" ou "Esta temeridade
palavra sugere uma prontidão para falar que não se espera de um que não se há
preparado para o ensino. A parr'era tinha sido característica da
ensino do Senhor, a qual se repartiu "claramente" (Mar. 8: 32).
a partir de agora em adiante também seria um rasgo distintivo da obra dos
apóstolos; aqui no caso do Pedro, e também no do Pablo (Hech. 28: 31; 2
Cor. 7: 4). A parr'era era uma característica do Juan na confiança que
demonstrava ao aproximar-se de Deus (1 Juan 4: 17; 5: 14).

Do Pedro e do Juan.

Até onde se registre, Juan não tinha falado, mas sem dúvida seu porte e seu
aparência, e possivelmente suas palavras não registradas nesta passagem, revelaram
evidentemente um valor similar.

Sem letras.

Gr. agrámmatos, "sem letras", quer dizer, sem educação, pelo menos no que a
as letras e as tradições dos judeus se referia. Por outra parte, um
escriba era um grammatéus, "homem de letras". Os dirigentes dos judeus,
sabendo que Pedro e Juan não tinham a educação dos escribas, naturalmente
chegariam à conclusão de que tais ignorantes não estavam qualificados para
ser professores de religião.

Do vulgo.

Gr. idiÇt's, de ídios, "próprio de um". A palavra se refere a uma pessoa
comum, a um cidadão particular, em contraste com o que tinha um cargo
oficial. Os discípulos não tinham uma hierarquia conhecida como professores de
religião. Careciam do posto e da preparação que se requeriam para um
cargo tal. A palavra idiÇt's tem uma história posterior curiosa. Passou ao
latim quase com a mesma grafia, idiota; e logo aos idiomas ocidentais
modernos como um término que equivale a ignorância e incapacidade. Lucas empregou
esta palavra não para significar que Pedro E Juan careciam de inteligência, a não ser
mas bem que não eram figuras públicas reconhecidas. Os membros do sanedrín
estavam enfurecidos porque os apóstolos tentavam fazer a obra dos
professores de religião.

Reconheciam.

Pedro já tinha declarado ante o sanedrín que seu poder emanava do Jesus de
Nazaret. Neste momento, quando os dirigentes judeus procuravam explicar-se
de onde provinha a valentia dos apóstolos para ensinar, apesar de que os
faltava a preparação acadêmica para fazê-lo, compreenderam que o modo de
falar do Pedro era também o do Jesus. Não só seu poder para sanar, mas também
também sua mensagem e a maneira de sua apresentação derivavam de Cristo. Para o
sanedrín teve que ter sido como se Jesus estivesse de novo vivo ante seus
olhos na pessoa de seus dois discípulos. Assim deveria ocorrer sempre com
todos os que verdadeiramente seguem a Cristo. Para o cristão que fala em
representação de seu Professor, o major poder e a maior convicção
provêm de que tenha estado com o Jesus em oração, em meditação e em
companheirismo em 170 todas as atividades da vida. Esta classe de comunhão
com o divino Senhor proporciona um privilégio inestimável, um poder
transformador e uma séria responsabilidade para o serviço de Cristo.

14.

Não podiam dizer nada.

"Não podiam replicar" (BJ). Quer dizer, "não tinham nada que contradizer". A evidência era irrefutable,Los. dirigentes judeus não podiam acusar os de engano como o tinham tentado fazer quanto à ressurreição do Senhor, porque a pessoa sanada estava frente a eles (vers. 16). A julgar pelo que segue, é provável que nessa augusta assembléia houvesse homens que pensavam que Deus estava obrando por meio dos apóstolos. Pouco depois deste acontecimento Gamaliel sugeriu essa possibilidade (cap. 5: 34-39). Não é difícil que também houvesse outros que, embora sem dizer nada, temessem que também fossem "achados lutando contra Deus" (cap. 5: 39; cf. vers. 40).

15.

Concílio.

Quer dizer, o sanedrín. Os dois discípulos e possivelmente também o que tinha sido coxo, foram tirados da sala do concílio enquanto os membros do sanedrín discutiam o que devia fazer-se.

16.

O que faremos?

Esta pergunta não teria por que haver-se debatido. O sanedrín funcionava como um tribunal e, conforme correspondia, deveria haver-se pronunciado o veredicto em favor ou em contra do acusado. O coxo já não era um inválido. Viam-no sanado. Os dois homens que tinham sido os instrumentos humanos de seu restauração tinham estado diante deles, e agora aguardavam sua decisão. Os membros do sanedrín não atuaram como Juizes, e começaram a debater entre sim o que deveriam fazer frente às claras circunstâncias. Todo este proceder é muito característico do Caifás (Juan 11: 49-50).

Sinal.

Gr. s'méion, "sinal", e por extensão, "milagre" (ver T. V, P. 198; com. ISA. 7: 14). As autoridades judias admitiram que se feito um sinal inegável em meio deles.

Notória a todos.

O coxo, que mendigava à porta do templo, era tão ampliamente conhecido, que só podia pensar-se em duas razões para que se considerasse que os apóstolos eram dignos de castigo: (1) ou que o milagre era uma impostura, coisa que nenhum do concílio acreditava nem se atrevia a insinuar; ou (2) que o milagre tinha sido feito por alguma classe de magia ou por algum outro meio ilegal (Deut. 13: 1-5). Pergunta-a do sanedrín, "Com que potestad . . . têm feito vós isto?" poderia sugerir a segunda possibilidade; mas do mesmo começo Pedro (Hech. 3: 13) tinha atribuído o milagre ao "Deus do Abraham, de Isaac e do Jacob", e tinha insistido em que Deus, por meio do Jesucristo, tinha sanado ao homem; portanto, não lhes podia fazer nenhuma acusação.

Não o podemos negar.

A construção desta oração sugere não só o desejo de negar o milagre, mas também que admitiam que em tais circunstâncias careciam de poder para fazê-lo. Viam a evidência, mas se negavam a examiná-la imparcialmente e a aceitar ao Cristo que tinha manifestado o poder. Este tipo de rechaço é pior que não conhecer nunca a verdade.

17.

Para que não se divulgue.

Os dirigentes judeus temiam que o relato do milagre se divulgasse por toda a cidade e seus arredores e então acontecesse que a gente pudesse aceitar a Jesucristo como o Mesías e o divino Filho de Deus. Este seria o resultado lógico, e sem dúvida desse modo muitos foram conduzidos à fé no Jesus.

Neste nome.

Ou "a respeito deste nome" ou" devido a este nome" (ver com. cap. 3: 16). Os discípulos não deviam pregar mais a respeito do Jesus ou por sua autoridade.

18.

Chamando-os.

Chamaram o Pedro e ao Juan à sala do concílio para lhes informar quanto a os resultados da deliberação.

Em nenhuma maneira falassem.

Nem sequer deviam pronunciar o nome do Jesus.

No nome.

Ver com. vers. 17.

19.

Pedro e Juan.

Os dois apóstolos se uniram agora para expressar sua determinação de fazer pública a vida, a morte e a ressurreição de Cristo. É possível que o concílio tivesse admoestado a cada um por separado para que desistissem, e cada um confirmou sua determinação de seguir adiante apesar da advertência do concílio. Há uma expressão similar de firmeza de judeus fiéis em 2 Macabeos 7: 30.

Julguem.

Aqui se sugere um princípio importante. Estas palavras introduzem uma afirmação do direito de consciência para desobedecer à autoridade humana quando esta se opõe à autoridade divina. A declaração enfática dos apóstolos -"Julguem se for justo"- mostra que reclamavam este direito como algo axiomático. Entretanto, em 171 a prática, muitas vezes surge a dificuldade de estabelecer se o que pretende possuir tal autoridade divina realmente a tem. Em casos como este, quando o problema se refere ao testemunho dos feitos, se os homens sentem que são enviados Por Deus para declarar tais feitos, que não se atrevam a modificar a verdade, nem sequer por temor de ofender aos homens.

Quando houver uma disputa com a autoridade civil, que tem convicções religiosas deve aceitar a responsabilidade de provar que suas convicções se apóiam na autoridade divina. Se deseja que seu caso possa triunfar, débito convencer a seus ouvintes de que suas convicções são corretas. Pedro e Juan

sabiam que tinham a autoridade do Espírito Santo, já demonstrada por milagres e conversões. Tinham a convicção permanente da verdade, e a demonstravam em seu predicación e em seus resultados. Nessa situação não podiam consentir em obedecer aos homens antes que a Deus (cap. 5: 29). Os apóstolos haviam recebido de Cristo a ordem de pregar. O também lhes dava o poder que tinham. Em tal situação nenhuma outra consideração podia ter validez (HAp 55-57).

Quando um homem tem que escolher entre sua honrada convicção a respeito da vontade de Deus para com ele e as leis dos homens, só deve seguir o que acredita que é a vontade de Deus. Se tenta servir a dois senhores não poderá satisfazer a nenhum dos dois, e venderá sua alma por tentar beneficiar-se pessoalmente. Mas se sempre reconhece que Deus tem direito a lhe pedir seu completa lealdade, ninguém poderá chamá-lo desonesto, e sua alma estará a salva.

Se for justo.

Em vista da evidência irrefutável de sua inocência, os apóstolos intrépidamente desafiaram aos dirigentes judeus a que reconhecessem os feitos. Que o sanedrín deixasse em liberdade ao Pedro e ao Juan sem castigá-los, é um reconhecimento tácito de que não eram culpados.

20.

Não podemos deixar de dizer.

No grego diz: "não podemos nós", o que dá ênfase ao pronome. Como apóstolos do Jesus, Pedro e Juan tinham recebido a missão especial de dar testemunho dele (Mat. 28: 19-20; Hech. 1: 8).

Vimos e ouvido.

O testemunho dos apóstolos se apoiava em suas experiências pessoais, as quais tinham desfrutado com o Jesus. Muitos anos depois, tanto Pedro como Juan destacaram em suas epístolas a importância de ter sido testemunhas oculares de as verdades que ensinavam (2 Ped. 1: 16-18; 1 Juan 1: 1-3). A experiência íntima da presença de Cristo na vida do cristão constitui uma das evidências mais convincentes da realidade prática da verdade cristã.

21.

Ameaçaram-lhes.

O sanedrín não se atreveu a fazer mais que isto, porque todos sabiam que o coxo tinha sido sanado e que não podia fazer-se aos apóstolos nenhuma acusação que merecesse castigo. Já que o coxo sanado era conhecido por todos, não podiam negar que o relato do milagre fora certo. E, além disso, como era uma boa obra, confirmada sem lugar a dúvidas, não podia aplicar um castigo. Tampouco podiam justificar o castigo dos apóstolos por ter afirmado que tinham sanado ao coxo no nome do Jesus.

lhes castigar.

É indubitável que alguns dos dirigentes judeus se inclinavam a favorecer a os apóstolos (ver com. vers. 14), entretanto, em geral havia um sentimento de decepção porque não tinham sido capazes de encontrar algum pretexto para aplicar um castigo sem enfurecer às pessoas. Neste caso a conveniência parece ter sido um fator importante, tanto no raciocínio dos

dirigentes como em sua decisão (cf. Juan 11: 49-50).

Glorificavam a Deus.

Uma descrição da maneira como reagiu a gente ante o milagre. Em seu discurso no templo Pedro tinha apresentado claramente qual era a fonte do poder por meio do qual o homem tinha sido sanado (cap. 3: 12-16).

22.

Tinha mais de quarenta anos.

Ao comparar esta passagem com o cap. 3: 2, vê-se que o homem tinha estado coxo durante todos esses anos. Uma incapacidade tão larga fez que o milagre fora até mais notável. Lucas assinala repetidas vezes a duração de uma enfermidade ou de uma doença física que foi curada em forma milagrosa (Luc. 8: 42-43; 13: 11; Hech. 9: 33; 14: 8). Seria exagerado dizer que todas estas alusões possam atribuir-se a que Lucas era médico (Couve. 4: 14) -embora em alguns casos sim poderia ser certo-, pois isto mesmo fizeram outros autores alheios à medicina ao relatar curas milagrosas (Mar. 5: 25; 9: 21; Juan 5: 5; 9: 1). É provável que os autores do NT apresentassem esta informação principalmente porque ajudava a mostrar a magnitude do milagre realizado. 172

23.

Os seus.

Gr. hoi ídioi, "os seus". Os autores judeus ao escrever em grego empregavam esta expressão para referir-se a companheiros de armas e a compatriotas. Pablo a usou para referir-se a parentes (1 Tim. 5: 8; cf. Hech. 24: 23), uso que também aparece nos papiros. Juan a usa para referir-se aos discípulos de Jesus (Juan 13: 1). "Os seus" sem dúvida se refere nesta passagem aos outros crentes. Parece que não tinham um lugar fixo onde reunir-se. No dia de Pentecostés provavelmente se juntaram no aposento alto (Hech. 1: 13; 2: 1). À medida que a igreja crescia, reuniam-se diariamente no templo, e também em suas casas (cap. 2: 46; 12: 12). portanto, é fácil que Pedro e Juan achassem reunidos aos outros apóstolos e aos crentes.

Contaram tudo.

O relatório se apresentou para glória de Deus e não dos apóstolos que relataram o episódio (cf. cap. 15: 3-4).

Os principais sacerdotes e os anciões.

Ver com. vers. 1.

24.

Elevaram unânimes a voz.

Ao escutar o relatório dos apóstolos, os cristãos reunidos elevaram seus vozes em louvor e adoração ao Deus que tão maravilhosamente havia intervindo. As palavras que seguem sugerem que houve um canto de louvor diferente à linguagem comum. É provável que fora um hino, e pode que haja sido recitado ou cantado pelo Pedro enquanto os outros diziam "amém", ou podem havê-lo repetido depois dele, frase detrás frase. Mas é duvidoso que a comunidade cristã já tivesse composto e aprendido de cor um hino tal

como parte de sua liturgia. Esta passagem, apoiado no Exo. 20: 11 e Sal. 146: 6, destaca-se por ser a primeira manifestação que se registra do culto público na história cristã.

Soberano Senhor.

Gr. despót's, "amo", "senhor", em contraste com um servo. Esta palavra se emprega no NT seis vezes para referir-se ao Senhor (ver com. Luc. 2: 29). É interessante notar que aparece duas destas vezes nos escritos 'do Pedro e de Juan (2 Ped. 2: 1; Apoc. 6: 10), os discípulos que sem dúvida dirigiram este ato de adoração e culto.

Deus.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a omissão da palavra "Deus", e o uso de só o pronome "você". Entretanto, tal omissão não troca o fato de que Deus é o criador e que isto é base eterna para o louvor e a obediência de suas criaturas (ISA. 44: 23-27; Heb. 1: 1-5).

O céu e a terra, o mar.

Como ocorre com muitos salmos, esta atribuição a Deus do louvor começa com a exposição da glória do Muito alto como Criador.

25.

Por boca.

Os manuscritos mais antigos desta passagem apresentam uma construção grega confusa e ao parecer errônea. Nos manuscritos posteriores se apreciam variantes que dão a impressão de ser intentos dos copistas por emendar o texto. O MS mais antigo que temos (Sinaítico, século IV) pode traduzir-se de a seguinte forma: "Você falou por boca do Espírito Santo, por meio de nosso pai David, seu servo".

amotinam-se as gente.

A entrevista dos vers. 25-26 é de Sal. 2: 1-2, que sem dúvida se aplicou em primeiro lugar a alguma revolta contra um rei do Israel. Durante o reinado de David se mencionam conflitos com os sírios, os moabitas, os amonitas e outros que em vão tentaram rebelar-se (2 Sam. 8). Aqui se apresenta o salmo como um paralelo com a luta dos dirigentes judeus contra o Senhor da igreja. Uma antiga aplicação judia do Sal. 2: 1, provavelmente proveniente do século II d. C., interpreta que as "gente" eram Gog e Magog, que de acordo com o pensamento judeu se oporiam ao Mesías quando viesse (Talmud, Abodah Zarah 3b). Se tal aplicação deste versículo era conhecida nos tempos dos apóstolos -coisa que bem pôde ter sido -, é fácil entender que os apóstolos aplicassem Sal. 2: 1 com toda propriedade aos que já se opunham ao Mesías.

26.

Os reis.

Neste caso, os romanos (ver com. vers. 27).

Cristo.

Gr. jristós, "ungido". A LXX emprega esta palavra para traduzir o Heb. mashíaj, "ungido", que se aplicava no AT a reis (Sal. 18: 50; ISA. 45: 1), sacerdotes (Lev. 4: 3), e sobre tudo ao Salvador que teria que vir. A palavra mashíaj se translitera "Mesías". Os que seguiam ao Jesus reconheciam que era El Salvador esperado, e portanto o chamavam jristós, "Cristo". Esta passagem é uma entrevista da LXX, por isso é provável que a palavra jristós deva traduzir-se com o sentido que lhe dá o AT: "ungido".

dentro de sua aplicação primária, a palavra mashíaj de Sal. 2: 2 sem dúvida se refere ao rei do Israel; mas o fato de que também pudesse empregar-se para referir-se ao Mesías, fazia que esta passagem movesse aos apóstolos a aplicar-lhe a Cristo. Que o empregavam assim em forma consciente se vê pelo Hech. 4: 27, 173 onde falam de Cristo como o que tinha sido ungido.

27.

Filho.

Gr. páis, palavra que pode significar "filho", "menino" ou "servo" (ver com. cap. 3: 13). Usa-se também no vers. 25 para referir-se ao David; a RVR a traduz "servo". Possivelmente seja melhor traduzi-la aqui também como "Servo" se entende assim, recorda ao servo do Jehová da ISA. 52: 13.

Herodes.

Os dois governantes ante os quais Jesus foi julgado, Herodes o rei, e Pilato o governador, aparecem como exemplos destacados dos "reis" e "príncipes" do vers. 26 (Sal. 2: 2). Com referência ao Herodes Antipas, ver T. V, pp. 65-66. É interessante assinalar que Lucas, autor deste relato, é também o único evangelista que registra o papel do Herodes no julgamento do Jesus (Luc. 23: 7-15).

Poncio Pilato.

Com referência a este governador romano, ver T. V, pp. 67-68.

Gentis.

Sem dúvida se trata de quão romanos compartilharam com os judeus a culpabilidade pelo crime da crucificação.

O povo do Israel.

A seqüência do Herodes, Pilato, os gentis e o povo do Israel, completa o paralelismo com a seqüência anterior de gente, povos, reis e príncipes (vers. 25-26). Este é um paralelismo investido, forma característica da poesia hebréia (ver T. III, pp. 25-29).

28.

Para fazer.

Os apóstolos tinham chamado do Sal. 2, e o tinham aplicado à crucificação de Cristo. Aqui reconhecem que os judeus e os romanos, até em seu pecado contra o Filho de Deus, tinham ajudado a cumprir o propósito que Deus tinha para Cristo em sua obra de salvação. No governo deste mundo e na salvação das almas se manifesta a obra da vontade divina. Isto não exclui o livre-arbítrio do homem. A história, sobre tudo a história

sagrada, atesta que a vontade de cada pessoa é livre, e que cada um permanece ou cai segundo a parte que tenha desempenhado no desenvolvimento do plano da redenção. Ver com. Dão. 4: 17.

que se entrega a Deus se esforça por cumprir a divina vontade; mas o que não se rende a ele, descobre que está obrando contra Deus, quem, apesar de a desobediência do homem, cumpre sua vontade divina e final. Os rebeldes, os ímpios e os desobedientes ajudam a Deus: "Certamente a ira do homem lhe elogiará" (Sal. 76: 10).

29.

Senhor, olhe.

O contexto mostra que a prece da igreja está dirigida a Deus o Pai. Os apóstolos não se desanimaram frente às ameaças dos dirigentes judeus, mas sim se aproximaram do Deus que podia ajudá-los em qualquer perigo ao que tivessem que fazer frente. As ameaças dos judeus estavam dirigidas depois de tudo contra Deus (ver com. cap. 9: 4-5).

Servos.

Gr. dóulos, "escravo".

Denodo.

Gr. parr'era, "valor" (ver com. vers. 13). Os apóstolos tinham demonstrado "denodo" ao falar ante o sanedrín (vers. 13), e agora em sua oração, como se demonstrassem que reconheciam sua debilidade natural, pedem que lhes aumente este dom do valor (cf. Luc. 21: 15). Compreendiam que agora o necessitavam mais que nunca para si mesmos e também para toda a igreja.

Falem sua palavra.

Não basta que o cristão viva piedosamente como um testemunho do poder de Cristo; a doutrina da salvação no Jesucristo também deve ser proclamada (ROM. 10: 13-17).

30.

Estende sua mão.

Era Deus quem para as maravilhas das quais este milagre era um exemplo. Nicodemo, que era membro do sanedrín, havia dito que ninguém podia fazer tais obras se Deus não estava com ele (Juan 3: 2).

Sinais e prodígios.

Com referência a estas palavras, ver T. V, P. 198; com. Hech. 2: 19; 4: 16; 2 Cor. 12: 12.

Mediante o nome.

Ver com. cap. 3: 16.

Filho.

Melhor "servo". Ver com. cap. 3: 13; 4: 27.

31.

Tiveram orado.

A igreja orava constantemente (cap. 1: 14, 24; 2: 42; 6: 4).

O lugar. . . tremeu.

Em vista de outras notáveis manifestações da poderosa presença do Espírito de Deus, pode deduzir-se que este sacudimiento não se deveu a um terremoto, a não ser a um acontecimento sobrenatural. Foi a renovação do prodígio do dia do Pentecostés, mas ao parecer não se viram as línguas de fogo. Deste modo os cristãos compreenderam imediatamente que estava entre eles o Deus de toda a natureza, ao qual se dirigiram (vers. 24). Deus viu sua necessidade, e lhes respondeu imediatamente como sinal de que tinha ouvido suas preces.

Todos foram cheios. Ver com. cap. 2: 4. Como tinha ocorrido no dia de Pentecostés, os discípulos outra vez foram cheios do poder do Espírito. Receberam a segurança de que podiam falar com valor as palavras 174 que se tinha-lhes ordenado proclamar. O fato de que os discípulos tivessem recebido o Espírito no Pentecostés não queria dizer que não pudessem receber uma nova unção em momentos futuros de necessidade especial. Na verdade, o primeiro derramamento do Espírito os tinha preparado para receber novos derramamentos. O mesmo ocorre com o cristão. A vida que começa no Espírito, como o indica o batismo, depende da comunhão constante e de uma provisão de graça continuamente renovada.

Falavam com denodo.

Cheios de valor por meio do poder do Espírito, pelo qual tinham orado, de ali em adiante os apóstolos proclamaram o Evangelho em todas as ocasiões e em todos os lugares onde achavam a oportunidade de fazê-lo, sem fazer caso de qualquer tipo de ameaças que lhes fizesse.

32.

Um coração e uma alma.

O Códice de Lábia inferiora grossa (século VI) acrescenta: "e não havia entre eles diferencia alguma". Como ocorre com outros grupos de palavras análogas, o sentido de "coração" e "alma" se sobrepõem, e deveriam entender-se aqui como a totalidade do caráter sem fazer distinções sutis. No pensamento hebreu, ser "de um coração" indicava completo acordo (Jer. 32: 39; cf. 1 Crón. 12: 38). E não foram nada mais Pedro, Juan e os outros apóstolos quem participou neste comum acordo, a não ser além toda a multidão de crentes.

Nenhum dizia.

Cada um sentia que suas posses pertenciam a Deus, e que as devia entregar quando fossem pedidas. Isto só podia provir do profundo amor mútuo, predito por Cristo como uma identificação de seus verdadeiros discípulos (Juan 13: 35). Os idealistas que se esforçaram por descrever teoricamente uma sociedade perfeita, como o fez Platón em sua obra A República ou Tomam Mouro em sua Utopia, têm proposto como condição de sua sociedade perfeita uma comunidade de bem-estar similar a que se praticava na igreja primitiva. Para alcançar o êxito, tal sociedade exige a perfeição de seus componentes. A

esperança dos crentes de que seu Senhor logo voltaria, junto com sua unidade de pensamento e sentimento, sem dúvida os fazia estar dispostos a desprender-se de suas posses materiais. Entretanto, como no caso de Ananías (Hech. 5: 4), não estavam obrigados a fazê-lo.

Todas as coisas em comum.

Esta declaração corresponde com uma passagem paralelo (cap. 2: 44). Em realidade, os vers. 32-35 deste capítulo repetem em términos gerais o que apareceu antes (cap. 2: 43-45). É provável que Lucas tenha repetido esta afirmação para preparar o caminho para o relato da liberalidade do Bernabé (vers. 36-37) e do egoísmo do Ananías (cap. 5: 1-11). Ao Lucas agrada deter-se em a descrição da comunidade de bens como uma expressão ideal da igualdade e fraternidade manifestadas na igreja primitiva. Movidos pela lei do amor, os membros da comunidade cristã renunciavam voluntária e espontaneamente a seus direitos de propriedade pessoal. Sua generosidade era genuína, completa, sem esperança de recompensa material. Não se consideravam possuidores para benefício próprio, a não ser mordomos para o bem de outros.

33.

Com grande poder.

O testemunho dos apóstolos foi apresentado não com sua própria força a não ser com um poder que nunca poderiam ter produzido dentro de si mesmos. que os dava energia era o Espírito divino.

Davam.

Gr. apodídÇmi, "entregar [o que se deve]". Os apóstolos seguiam dando o testemunho que já tinham dado no Pentecostés e no templo. Sentiam uma motivação íntima de dar testemunho. Tinham visto as maravilhosas obras de Jesus; tinham-no visto morrer; tinham visto o que não tinham acreditado que pudesse ocorrer: que o Senhor ressuscitasse de entre os mortos. Este milagre supremo constituía o ponto culminante da predicación evangélica. Os apóstolos podiam relatar esse fato como testemunhas oculares do Senhor ressuscitado, e o narraram "com grande poder".

Graça.

Gr. járis (ver com. ROM. 3: 24), que pode entender-se aqui como "favor" (como no Luc. 2: 52), e assim indica que o favor do povo para os cristãos ainda continuava. Entretanto, como o contexto destaca o dom espiritual do poder que tinham recebido, provavelmente seja melhor dar a járis seu sentido mais específico de "graça divina", como no Luc. 2: 40.

34.

Necessitado.

O grego parece unir este versículo com o anterior por meio da conjunção gar, "porque", que a RVR traduz "assim". Gar sugere que havia uma estreita relação entre a liberalidade dos cristãos e a graça da qual desfrutavam (ver com. vers. 33). 175

Possuíam herdades.

Alguns dos novos cristãos tinham abundantes recursos. O genuíno de seu

amor fraternal se manifestou em sua abnegação pelo bem-estar de seus irmãos menos afortunados.

Vendiam-nas, e traziam.

A construção verbal sugere que isto se repetiu várias vezes à medida que os crentes se foram desfazendo, um após o outro, de suas posses para o bem comum da igreja. Os motivos que os moviam eram o amor e o impulso a dadivosidad. Embora Loucas não o menciona, também existe a possibilidade de que os cristãos estivessem impressionados com as advertências de seu Senhor de que viriam guerras e dificuldades (Mat. 24: 5-12), e portanto que as posses terrenas são instáveis. As terras e as propriedades na Palestina certamente perderam seu valor quando sobrevieram as dificuldades que o Senhor tinha profetizado. Jeremías tinha demonstrado sua fé na futura restauração de seu povo a Palestina, mediante sua compra de um terreno em Anatot (Jer. 32: 6-15); mas os cristãos mediante uma ação oposta -a venda de suas propriedades- mostraram sua fé na segurança da mensagem do qual eram testemunhas.

35.

Punham-no aos pés.

Pôr o valor da venda aos pés dos discípulos era um ato significativo, pois mostrava que davam aos apóstolos o pleno manejo do dinheiro. Em Sal. 8: 6 se emprega em forma similar esta expressão. Cicerón usa a mesma figura ao falar de dons que se colocam "aos pés do pretor" (Pró Flacco xxvii. 68). Parece que estas palavras refletem o costume de que quando se faziam presentes ou oferendas a um rei, um sacerdote, ou um professor, não se colocava-as em suas mãos, a não ser a seus pés.

A cada um segundo sua necessidade.

Melhor "segundo qualquer tivesse necessidade". Sem dúvida muitos dos cristãos não estavam necessitados, e se mantinham sem ajuda. Ajudado-los eram os que não podiam ganhá-la vida por estar doentes ou possivelmente por ter perdido seu emprego por ter trocado sua fé religiosa (cf. Juan 9: 22: os que aceitaram a Cristo foram ameaçados com excomunhão), as viúvas e os recém chegados que ainda não estabeleceram-se na cidade. Também podem ter estado entre os que recebiam ajuda porque, conforme acreditavam os apóstolos, eram merecedores de apoio material por sua atividade espiritual na propagação da fé, embora Lucas não o menciona especificamente. Aqui se vê um ministério prudente e bem organizado para satisfazer as necessidades materiais, ministério que sempre foi para bem da igreja em qualquer lugar que assim o desempenhou (1 Tim. 5: 5-16, 21).

36.

Bernabé.

Esta é a primeira vez que se menciona ao Bernabé, quem mais tarde viajaria com o apóstolo Pablo em sua primeira viagem missionária. Lucas interpreta o nome Bernabé como huiós parakl'seÇs, "filho de consolação" ou "filho de exortação". Os eruditos não estão de acordo quanto às palavras hebréias ou aramaicas representadas por esta tradução. Possivelmente fora um bar nebu'ah, "filho de profecia". Em todo caso, seu sobrenome parece indicar que Bernabé se caracterizava por seu dom de exortação (cf. cap. 11: 23). Não se sabe quando converteu-se ao cristianismo. Como era levita pôde ter participado do

serviço do templo e ter ouvido o Senhor ou aos apóstolos quando pregavam ali. Era parente do Juan Marcos (Couve. 4: 10), quem vivia em Jerusalém (Hech. 12: 12). Uma tradição consignada por Clemente da Alejandría (Stromata iI. 20) afirma que Bernabé foi um dos setenta enviados pelo Jesus (Luc. 10: 1; ver com. Hech. 9: 27).

Existe uma epístola que leva o nome do Bernabé que, conforme acreditavam Clemente da Alejandría e Orígenes -autores cristãos do século III-, havia sido escrita por este apóstolo. Entretanto, o conteúdo da epístola mostra que não é assim. A epístola consiste principalmente em interpretações antijudías e alegóricas dos relatos do AT. A epístola se opõe à observância do sétimo dia, sábado, e está em favor da observância do "oitavo dia", domingo. É provável que fora escrita por um desconhecido a mediados do século II d. C.

Chipre.

Esta ilha está situada no extremo oriental do mediterrâneo. Ali se radicaram judeus pelo menos dos tempos dos Macabeos (1 Macabeos 15: 23). Os professores cristãos fugiram de Jerusalém ao Chipre durante a perseguição em que foi morto Esteban (Hech. 11: 19). Pablo e Bernabé visitaram a ilha do Chipre em sua primeira viagem missionária, provavelmente por pedido do Bernabé.

37.

Uma herdade.

Melhor "um campo" (BJ). Segundo a dispensa hebréia, levita-os não tinham propriedade privada mas sim viviam em cidades e em propriedades comuns, e se sustentavam 176 tinham com os dízimos que entregava a gente (Núm. 18: 20-2 l). Mas o caso do Jeremías (Jer. 32: 7-12) indica que não havia nada que impedisse que um sacerdote ou levita adquirisse terra por meio de uma compra ou de uma herança. Além disso, Bernabé pôde ter adquirido sua propriedade ao casar-se. Não se informa em onde estava situado o campo que Bernabé vendeu. María, tia de Bernabé, também tinha uma propriedade, e embora não vendeu sua casa, pô-la a disposição da comunidade cristã (Hech. 12: 12).

Parece que Bernabé teve que trabalhar mais tarde para ganhá-la vida, como também o fez Pablo (1 Cor. 9: 6). É possível que Bernabé tivesse sido escolhido como exemplo da liberalidade dentro da igreja cristã primitiva, porque tinha algo de extraordinário o tipo de sua dádiva ou a natureza do sacrifício que fez.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE.

1-37 HAp 49-59; SR 250-253

1-2 HAp 49

1-3 SR 250

3 HAp 50

3-6 P 193

5-6 HAp 51

5-7 SR 250

7 HAp 52

8 SR 251

10-12 HAp 52; P 193; SR 251

11 HAp 52

12 DC 17; CM 50; CS 80; DMJ 125; DTG 147, 747; HAp 475; MC 134; PP 61, 459; PVGM 208

13 DC 75; CM 366, 391; DMJ 28; DTG 215, 321; Ed 90; Ev 502; FÉ 242, 456, 514; HAp 37, 52, 169, 462; 1JT 595; 2JT 102,190; MC 410; MJ 126; P 193; PVGM 100; 2T 343; 4T 378; 5T 225; 6T 70, 421; 8T 174, 191l; 9T 146

13-16 SR 252

16 P 194

18-20 ECFP 80; 2JT 320

18-21 SR 253

19 HAp 56-57

19-20 HAp 54; 3JT 46; P 194

21 HAp 54

22 HAp 47

24-30 HAp 55

29-31 P 24

31 HAp 59

31-32 CS 429; EC 101

32 Ed 90; Ev 506; HAp 37, 58; MB 285

32-33 3JT 210-211; PVGM 120-121

32-34 DMJ 116; DTG 505

33 HAp 40, 55; MeM 62; TM 64

34-35 HAp 58

36 HAp 135

CAPÍTULO 5

1 Ananías e Safira morrem por ter mentido ao Espírito Santo. 12 Os apóstolos fazem muitos sinais e prodigiosos, 14 e aumenta em grande quantidade o número de os convertidos. 17 Os apóstolos são de novo encarcerados, 19 mas são

liberados por um anjo, quem lhes ordena que preguem publicamente a todos. 21 Os apóstolos pregam no templo 29 e diante do concílio. 33 Os sacerdotes, enfurecidos, tentam matá-los, mas são liberados pelo conselho de Gamaliel, um respeitável professor dos judeus. 40 Os apóstolos são açoitados, mas glorificam a Deus e não cessam nem um só dia de pregar e ensinar.

1 MAS certo homem chamado Ananías, com a Safira sua mulher, vendeu uma herdade,

2 e sustrajo do preço, sabendo-o também sua mulher; e trazendo só uma parte, pô-la aos pés dos apóstolos.

3 E disse Pedro: Ananías, por que encheu Satanás seu coração para que mentisse ao Espírito Santo, e sustrajeses do preço da herdade?

4 Retendo-a, não ficava a ti? e vendida, não estava em seu poder? Por o que pôs isto em seu coração? Não mentiste aos homens, a não ser a Deus.

5 Para ouvir Ananías estas palavras, caiu e expirou. E veio um grande temor sobre todos os que o ouviram. 177

6 E levantando-os jovens, envolveram-no, e tirando-o, sepultaram-no.

7 Passado um lapso como de três horas, aconteceu que entrou sua mulher, não sabendo o que tinha acontecido.

8 Então Pedro lhe disse: me diga, vendeu em tanto a herdade? E ela disse: Sim, em tanto.

9 E Pedro lhe disse: por que convieram em tentar ao Espírito do Senhor? Hei aqui à porta os pés dos que sepultaram a seu marido, e lhe tirarão ti.

10 Imediatamente ela caiu aos pés dele, e expirou; e quando entraram os jovens, acharam-na morta; e a tiraram, e a sepultaram junto a seu marido.

11 E veio grande temor sobre toda a igreja, e sobre todos os que ouviram estas coisas.

12 E pela mão dos apóstolos se faziam muitos sinais e prodígios no povo; e estavam todos unânimes no pórtico do Salomón.

13 De outros, nenhum se atrevia a juntar-se com eles; mas o povo os elogiava grandemente.

14 E os que acreditavam no Senhor aumentavam mais, grande número assim de homens como de mulheres;

15 tanto que tiravam os doentes às ruas, e os punham em camas e leitos, para que ao passar Pedro, ao menos sua sombra caísse sobre algum deles.

16 E até das cidades vizinhas muitos vinham a Jerusalém, trazendo doentes e atormentados de espíritos imundos; e todos eram sanados.

17 Então levantando o supremo sacerdote e todos os que estavam com ele, isto é, a seita dos saduceos, encheram-se de ciúmes;

18 e jogaram mão aos apóstolos e os puseram no cárcere público.

19 Mas um anjo do Senhor, abrindo de noite as portas do cárcere e
tirando-os, disse:

20 Vão, e postos em pé no templo, anunciem ao povo todas as palavras de
esta vida.

21 Tendo ouvido isto, entraram de amanhã no templo, e ensinavam. Entre
tanto, vieram o supremo sacerdote e os que estavam com ele, e convocaram ao
concílio e a todos os anciões dos filhos do Israel, e enviaram ao cárcere
para que fossem gastos.

22 Mas quando chegaram os oficiais, não os acharam no cárcere; então
voltaram e deram aviso,

23 dizendo: Por certo, o cárcere achamos fechada com toda segurança, e
os guardas para fora de pé ante as portas; mas quando abrimos, a ninguém
achamos dentro.

24 Quando ouviram estas palavras o supremo sacerdote e o chefe do guarda do
templo e os principais sacerdotes, duvidavam no que deveria parar aquilo.

25 Mas vindo um, deu-lhes esta notícia: Hei aqui, os varões que puseram
no cárcere estão no templo, e ensinam ao povo.

26 Então foi o chefe do guarda com os oficiais, e os trouxe sem
violência, porque temiam ser apedrejados pelo povo.

27 Quando os trouxeram, apresentaram-nos no concílio, e o supremo sacerdote os
perguntou,

28 dizendo: Não lhes mandamos estritamente que não ensinassem nesse nome? E
agora enchestes a Jerusalém de sua doutrina, e querem jogar sobre
nós o sangue desse homem.

29 Respondendo Pedro e os apóstolos, disseram: É necessário obedecer a Deus
antes que aos homens.

30 O Deus de nossos pais levantou o Jesus, a quem vós mataram
lhe pendurando em um madeiro.

31 A este, Deus exaltou com sua mão direita por Príncipe e Salvador, para dar a
Israel arrependimento e perdão de pecados.

32 E nós somos suas testemunhas destas coisas, e também o Espírito Santo,
o qual deu Deus aos que lhe obedecem.

33 Eles, ouvindo isto, enfureciam-se e queriam matá-los.

34 Então levantando-se no concílio um fariseu chamado Gamaliel, doutor de
a lei, venerado de todo o povo, mandou que tirassem fora por um momento a
os apóstolos,

35 e logo disse: Varões israelitas, olhem por vós o que ides fazer
respeito a estes homens.

36 Porque antes destes dias se levantou Teudas, dizendo que era alguém. A
este se uniu um número como de quatrocentos homens; mas ele foi morto, e
todos os que lhe obedeciam foram dispersados e reduzidos a nada.

37 depois de este, levantou-se Judas o galileo, nos dias do censo, e levou em detrás de si a muito povo. Pereceu também ele, e todos 178 os que o obedeciam foram dispersados.

38 E agora lhes digo: lhes aparte destes homens, e deixem; porque se este conselho ou esta obra é dos homens, desvanecerá-se;

39 mas se for de Deus, não a poderão destruir; não sejam talvez achados lutando contra Deus.

40 E convieram com ele; e chamando os apóstolos, depois de açoitá-los, eles intimidaram que não falassem no nome do Jesus, e os puseram em liberdade.

41 E eles saíram da presença do concílio, contentes de ter sido tidos por dignos de padecer afronta por causa do Nome.

42 E todos os dias, no templo e pelas casas, não cessavam de ensinar e pregar ao Jesucristo.

1.

Mas.

Há um agudo contraste entre a bondosa generosidade do Bernabé (cap. 4: 36-37) e a avareza do Ananías e Safira (cap. 5: 1-11).

Certo homem.

Só um narrador veraz relataria a história do Ananías e da Safira a esta altura do relato. Assim como houve um Judas entre os doze discípulos, assim também na nascente igreja, pura e ativa, houve dois que preferiram a mesquinharia à generosidade, e a hipocrisia à honestidade. Mas apesar de tudo se apresenta o relato tranqüila e imparcialmente, e o leitor aprende e se comove pela narração dos fatos tais como aconteceram.

Ananías.

Significa "Jehová é benigno". Era um nome comum. Também se chamava assim o que ajudou ao Saulo do Tarso quando este se converteu (cap. 9: 10-17), e um supremo sacerdote (cap. 23: 2; 24: 1). É o mesmo nome que aparece no Jer. 28: 1 ("Hananías") e Dão. 1: 6-7.

Safíra.

É provável que este nome derive do aramaico shappira', "formosa", embora alguns sugerem que seria do grego sápfeiros, "safira" ou "lapislázuli".

Herdade.

Ver com. cap. 2: 45. Sem dúvida se tratava de um terreno (cap. 5: 3).

2.

Sustrajo.

Gr. nosfizomai, "guardar para a gente mesmo". No Tito 2: 10 se traduz "defraudando". Na LXX se emprega no Jos. 7: 1 o mesmo verbo para descrever

o pecado do Acán ("cometeram uma prevaricação", RVR). O fato de que Ananías retivera parte do preço da propriedade não era em si mesmo um pecado, pois em realidade não estava obrigado a dar nada. Havia dito que daria, mas não lhe era imperioso dar uma quantidade específica. O dinheiro lhe pertencia, e podia dá-lo tudo ou só uma parte; mas apresentou a parte como se fora o tudo. Este foi o engano. Sua ação foi uma mentira.

A forma sincera como Lucas narra a abnegação do Bernabé provavelmente reflita a aprovação da igreja. Ananías possivelmente também pensou que podia conseguir essa mesma aprovação, mas fazendo um menor sacrifício. O desejo de agradar a outros não foi suficientemente forte para alcançar uma vitória total sobre a avareza; mas a cobiça sim foi mais que suficiente para triunfar sobre a honradez. O impulso a vender provinha do Espírito de Deus; portanto era mau o impulso de reter parte do preço. Este ato foi um intento de servir ao mesmo tempo a Deus e a Mamão. Este pecado foi em certo sentido similar ao do Giezi (ver com. 2 Rei. 5: 20-27); mas tendo em conta os milagres do Pentecostés e o extraordinário progresso da igreja sob a condução do Espírito, foi mais repulsivo e recebeu um castigo mais severo.

Sua mulher.

Evidentemente Safira se emprestou para ser cúmplice do plano. Sua falta foi premeditada.

3.

Pedro.

Aqui o porta-voz da igreja.

por que . . . ?

Se Ananías o tivesse desejado, poderia ter resistido a tentação. Se assim o fizesse, o tentador se teria afastado dele (Sant. 4: 7).

Encheu Satanás seu coração.

Pedro assinalou a origem do mal. Seu conhecimento do que tinham feito Ananías e Safira lhe vinha do dom de discernir (1 Cor. 2: 14; 12: 10). Mas em triste contraste com este discernimento, Ananías tinha aberto seu coração a Satanás até que sua mente se encheu de cobiça e de engano.

Espírito Santo.

O Espírito tinha sido dado para guiar aos crentes a toda verdade (Juan 16: 13), mas Ananías estava na verdade tentando enganar ao Espírito de verdade (ver com. Juan 14: 17, 26; 16: 13).

4.

Retendo-a.

Ninguém tinha obrigado ao Ananías a vender a propriedade. Só se esperava 179 que honestamente entregasse o produto do que tinha prometido. O que Pedro disse indica que a igreja não obrigava a ninguém a contribuir para o fundo comum, mas se uma pessoa prometia dar, devia entregar o que tinha prometido. Ananías esteve sempre livre de fazer o que melhor lhe parecia. É possível que

a parte que reteve não fora grande, e poderia haver-se guardado muito mais se o fizesse em forma honrada. Mas este tento de obter fama de ser generoso sem fazer realmente um sacrifício o fez culpado de sacrilégio.

Pôs isto.

No texto grego diz "pôs esta ação". Isto implica um plano premeditado do Ananías. Não se tratava de ter cedido a uma tentação repentina, mas sim de ter acariciado um plano que nunca foi correto, e que resultou em um mau ato. Satanás tinha entrado em seu coração com este plano, e Ananías nunca o rechaçou.

Mentido . . . a Deus.

Não significa que Ananías não tivesse mentido aos homens, mas sim seu pecado em primeiro lugar consistia em que tinha tratado de enganar a Deus. Em última instância, tudo pecado é contra Deus, embora também afeta muito aos homens. David reconheceu isto quando disse: "Contra ti, contra ti solo hei pecado" (Sal. 51: 4). Ananías ou não teve em conta a Deus, ou pensou que podia enganá-lo assim como esperava enganar a seus irmãos na fé. Seja como for, estava pecando contra Deus, e com justiça Pedro destaca isto.

O emprego da palavra "Deus" esclarece ensino bíblico referente ao Espírito Santo. No Hech. 5: 3 se diz que o pecado do Ananías foi mentir "ao Espírito Santo"; aqui se diz que mentiu "a Deus". Esta relação sugere a unidade que existe entre o Espírito e o Pai, e serve para advertir ao cristão quanto a pecaminosidad de uma santidade fingida (ver com. Mat. 12: 31).

5.

Expirou.

Gr. ekpsújÇ, "expirar", "morrer", que aparece também na literatura médica grega. A morte do Ananías não foi uma simples coincidência. Houve uma estreita relação entre a recriminação do Pedro contra o pecado e a morte do pecador. Qualquer dúvida que pudesse haver quanto a isto desaparece ao considerar a morte da Safira (vers. 7-10), a qual foi predita pelo Pedro depois de pôr em claro o engano. Compare-se isto com o castigo do Nadab e Abiú (Lev. 10: 2) e do Acán (Jos. 7: 20-26); ver com. 2 Crón. 22: 8. Cf. Mat. 27: 50.

Este foi um castigo terrível, mas não devemos nos assombrar. Ananías e Safira eram membros da nascente igreja. aproximaram-se de Deus. Indubitavelmente tinham gostado de alguns dos dons celestiales da salvação. Possivelmente tinham recebido alguns dos dons do Espírito; mas, seguindo a um espírito falso, tinham cometido um ato sacrílego. Se não recebiam um castigo visível e notório nesses primeiros dias da igreja, tais atos de engano poderiam ter escavado a obra dos apóstolos. Deus interveio neste caso para salvar a sua igreja de maiores males e perigos. Este episódio encerra uma lição para nós: se uma pessoa assistir a um serviço religioso e canta com ardor,

"Meu espírito, alma e corpo,

meu ser, minha vida inteira,

qual viva, Santa oferenda

entrego a ti, meu Deus",

quando em realidade não entregou tudo, comete o pecado do Ananías e Safira.

Grande temor.

Lucas muitas vezes associa os milagres com o temor que sentiram quem o contemplavam (Luc. 1: 12, 65; 5: 26; 7: 16; 8: 37; Hech. 2: 43; 19: 17); mas aqui é evidente que há mais que o temor reverente que se apresenta no Hech. 2: 43. Em um grupo grande bem poderia haver outras pessoas desonradas quem puderam haver sentido certo terror Deve haver-se apoderado de outros uma maior reverencia para o Deus que podia destacar deste modo a justiça divina. O temor foi imediato. estendeu-se entre os crentes antes de que Safira se inteirasse da morte de seu marido. Este tipo de temor deveria ser saudável para qualquer que não seja completamente sincero em sua vida cristã.

6.

Os jovens.

Com mais precisão, "os mais jovens".

Envolveram-no.

Possivelmente no manto que tinha posto nesse momento. Era costume envolver o corpo em uma mortalha e enterrá-lo imediatamente fora dos muros da cidade. Para os judeus o contato com um cadáver causava a contaminação cerimonial (ver com. Núm. 19: 11). Isto, mais o desejo de evitar custosos métodos de embalsamamento, requeria um enterro imediato.

Sepultaram-no.

Como pode ver-se pelos relatos do enterro do Lázaro (ver com. Juan 11: 38) e do Jesus (ver com. Mat. 27: 60), os 180 mortos eram colocados em covas ou tumbas cuja entrada se fechava com grandes pedras. necessitou-se, pois, pouco tempo para enterrar ao Ananías. Com referência aos aspectos dos ritos funerários judeus, ver com. Hech. 8: 2.

7.

Lapso como de três horas.

É possível que este lapso foi o que transcorreu até a seguinte hora de oração. Houve suficiente tempo para retirar o corpo do Ananías, mas Safira ainda não se tinha informado.

Entrou.

Entrou onde estavam Pedro e o resto da congregação que acabavam de ser testemunhas da morte e enterro de seu marido.

8.

Disse-lhe.

Pedro não fez esta pergunta para apanhar a um cúmplice, a não ser para lhe dar a Safira a oportunidade de manifestar arrependimento. Possivelmente ela houvesse podido impedir o pecado de seu marido, mas não o tinha feito. Agora se o apresentava a oportunidade de confessar seu pecado e deixar poda sua consciência. Não tinha aproveitado bem a oportunidade anterior; agora fracassou de novo.

me diga.

Pergunta-a direta do Pedro poderia ter advertido a Safira que seu engano já era conhecido; entretanto, seguiu afirmando a mentira que tinha convencionado com seu marido, e respondeu sem vacilar: "Sim, em tanto". Possivelmente Pedro lhe disse a soma que Ananías tinha entregue.

9.

Convieram.

A falta era especialmente detestável porque implicava um engano premeditado.

Tentar ao Espírito.

Quer dizer "pôr a prova" (BJ) ao Espírito para saber se realmente podia discernir os segredos do coração humano. É provável que se empregue a expressão "Espírito do Senhor" com o sentido que lhe dá no AT: "Espírito do Jehová" (cf. 2 Rei 2: 16; ISA. 61: 1; etc.). A frase "Espírito do Senhor" aparece só aqui no NT e em 2 Cor. 3: 17.

Tirarão-lhe ti.

Pedro não fala como juiz mas sim como profeta. O Espírito Santo já os havia condenado. Neste caso se prediz o castigo vindouro, e seu anúncio apenas precedeu a sua execução. O dom de discernir mostrou ao Pedro que os jovens, cujas pisadas ouvia quando retornavam de enterrar ao Ananías, muito em breve teriam que fazer outra tarefa similar

10.

Imediatamente.

Sua morte foi tão imediata como a de seu marido.

Acharam-na morta.

Isto ocorreu em cumprimento da profecia do Pedro.

Sepultaram-na.

Em outras ocasiões se prodigalizavam cuidados especiais aos mortos (cf. Luc. 23: 55-56); mas nesta dobro tragédia não houve nenhuma cerimônia fúnebre.

11.

Grande temor.

Ver com. vers. 5.

A igreja.

Esta é a primeira vez que se usa a palavra "igreja" no livro de Feitos, com exceção de sua duvidosa inclusão no cap. 2: 47. Sua utilização sugere que já há certo desenvolvimento na organização. Ver com. Mat. 18: 17. A sorpresivo morte do Ananías e da Safira dava um novo significado a sorte sociedade e a seus dirigentes.

Todos os que ouviram.

Estes estavam fora da igreja, mas ouviram do poder que atuava entre seus membros.

12.

Pela mão.

É possível que esta seja uma forma hebréia de expressar o instrumento que executa a ação (cf. Exo. 35: 29; Lev. 8: 36; etc.). Mas no NT as mãos de Jesus muitas vezes aparecem como o instrumento de seus milagres (Mar. 6: 2, 5; Luc. 4: 40; etc.). A promessa para os seguidores de Cristo foi: "Sobre os doentes porão suas mãos, e sanarão" (Mar. 16: 18). portanto, esta expressão pode tomar-se em forma literal, embora no Hech. 5: 15 se mostra que a gente acreditava que também podiam fazer-se curas sem que os apóstolos usassem as mãos.

Sinais e prodígios.

Ver com. Mar. 16: 17-18; Juan 14: 12; Hech. 2: 22. A igreja primitiva surgiu dentro de um ambiente de milagres, assim como tinha transcorrido o ministério de Cristo. A tragédia do Ananías e Safira foi seguida por milagres de cura e de bênção.

Unânimes.

Ver com. cap. 1: 14; 4: 24. Ao Lucas agrada destacar a unidade dos discípulos. Como menciona "o pórtico do Salomón", é possível que esta descrição se refira às reuniões dirigidas pelos apóstolos às horas acostumadas da oração, ao redor das 9 da manhã e as 3 da tarde.

O pórtico do Salomón.

Ver com. Juan 10: 23 e Hech. 3: 2, 11. Este pórtico parece que era um lugar de reunião preferido pelos professores para congregar-se com seus ouvintes; sem embargo, não há nenhuma prova de que os cristãos tivessem ocupado este pórtico como um lugar acostumado para seu culto exclusivo (cf. cap. 3: 11).

13.

De outros.

Note o contraste entre 181 estas pessoas e os que segundo o vers. 12 sim

eram crentes. Os comentadores sugeriram diversas explicações para este passagem. O aparente contraste entre "o povo" -última parte do versículo- e "outros", poderia sugerir que estes pertenciam à classe alta, aos dirigentes.

Nenhum se atrevia.

O temor de compartilhar a sorte do Ananías e da Safira apartou aos que não estavam dispostos a seguir de todo coração ao Jesucristo.

A juntar-se.

Gr. kolláÇ "apegar-se", "unir-se". Cf. com. cap. 9: 26.

Mas.

destaca-se a reação favorável do "povo".

Elogiava-os grandemente.

Melhor "o povo falava deles [os apóstolos] com elogio" (BJ).

14.

Aumentavam mais.

Melhor "Cada vez em maior número se aderiam ao Senhor" (BJ). As conversões aconteciam-se quase diariamente.

Homens . . . mulheres.

O fato de que se mencione especificamente às mulheres sugere que muitas de elas entravam na igreja. Quanto à importância que se dá às mulheres nos relatos do Lucas, ver com. Luc. 8: 2. Lucas também menciona mulheres que sofreram durante a perseguição que se desatou depois da morte do Esteban (Hech. 8: 3).

15.

Tanto que.

Este pensamento segue ao que se expressa na primeira parte do vers. 12, depois de várias orações que são uma espécie de parêntese.

Tiravam os doentes.

Cf. Mar. 1: 32-34. Não bastava que os discípulos sanassem em lugares públicos e nas casas. Os parentes dos doentes os tiravam a rua para que pudessem ser atendidos com maior rapidez. A maravilhosa obra de cura se levava a cabo na maneira mais pública possível. As notícias das extraordinários trabalhos dos apóstolos e de seus irmãos na fé, chegaram não só a toda a cidade de Jerusalém mas também também às aldeias vizinhas (Hech. 5: 16), e foi grande a colheita de almas.

Sua sombra.

Aqui só se menciona ao Pedro, e é possível que ele tivesse feito a maior parte das curas. Entretanto, no vers. 12 se diz claramente que todos

os apóstolos participavam da realização de milagres. Os que eram sanados tinham fé, mas não no Pedro nem em seus companheiros, a não ser em Deus, a quem os apóstolos representavam.

16.

A Jerusalém.

Melhor "Também acudia a multidão das cidades vizinhas a Jerusalém" (BJ). A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo texto da BJ. Não era que necessariamente os traziam para Jerusalém, mas sim a gente vinha das cidades vizinhas a Jerusalém. É possível que este versículo descreva o ocorrido durante um período relativamente largo, durante o qual os apóstolos bem poderiam ter visitado muitas "das cidades vizinhas" a Jerusalém.

Atormentados.

O verbo grego que se traduz "atormentados" no NT só se encontra aqui e no Luc. 6: 18, mas aparece com freqüência nas obras dos autores médicos gregos. É uma palavra que evidentemente bem poderia encontrar-se nos escritos do médico Lucas.

Espíritos imundos.

Ver com. Mat. 12: 43-44. Cristo deu a seus discípulos poder para expulsar esses espíritos imundos (Mat. 10: 1). Os setenta já tinham exercido esse poder (Luc. 10: 17), e os doze, sem dúvida, faziam milagres parecidos. Mas agora, com o poder pleno do Espírito Santo, estavam fazendo as obras "maiores" que Jesus tinha prometido (Juan 14: 12; Mar. 16: 17).

Todos eram sanados.

Cf. Mat. 8: 16; 12: 15; DTG 208, onde se descrevem resultados similares do ministério médico de Cristo. Quão extraordinário deve ter sido ver famílias, e possivelmente até comunidades inteiras, livres de enfermidades. A fama da igreja e de seus dirigentes se estendeu por toda parte.

17.

Então.

Melhor "mas". Se apresenta o contraste entre as multidões que iam aos discípulos em busca de cura e o supremo sacerdote que se preparava para perseguir os discípulos pela segunda vez.

Supremo sacerdote.

Anás (ver com. cap. 4: 6).

Todos os que estavam com ele.

Possivelmente seja esta uma expressão mais lhe abranjam que a que se emprega no cap. 4: 6: "Todos os que eram da família dos supremos sacerdotes" (ver com. sobre "a família dos supremos sacerdotes"). A oposição tinha tido tempo para fortalecer-se.

Seita.

Gr. háiresis, "eleição", "opinião escolhida"; por extensão, "partido" ou "facção". Desta palavra deriva "heresia", palavra que originalmente não tinha o sentido pejorativo que as autoridades eclesiásticas lhe deram depois. Em outras passagens (cap. 15: 5 e 26: 5) emprega-lhe háiresis, "seita", para referir-se aos 182 grupo dos fariseus, sem que se note um tom depreciativo; entretanto, quando se usa para identificar aos nazarenos (cristãos) em cap. 24: 5 e 28: 22, bem poderia ter uma conotação depreciativa.

Os saduceos.

Ver com. cap. 4: 1.

Ciúmes.

Gr. z'os, "ciúmes", "inveja".Houve um intenso broto de fundos sentimentos partidistas. Havia preocupação pelo que pudessem fazer os seguidores do Nazareno, e tanto os fariseus como os saduceos podiam estar dominados por essa emoção. Havia ressentimento em ambos os grupos porque os apóstolos iletrados se atreviam a ensinar às pessoas; mas os saduceos estavam especialmente contrariados porque os apóstolos ensinavam que havia uma vida futura, crença que eles rechaçavam. O fato de que os fariseus concordassem com os apóstolos nesta doutrina, desagradava aos saduceos (ver T. V, pp. 53-55).

18.

Jogaram mão.

As autoridades saduceas estavam extremamente indignadas e os apóstolos -possivelmente todos- foram capturados. Isto esclarece que embora Lucas só mencionou os discursos do Pedro e tem feito alguma referência às atividades do Juan, o resto dos apóstolos também tinha estado trabalhando publicamente.

No cárcere público.

A frase grega pode também entender-se: "publicamente, no cárcere"; sem embargo, a tradução da RVR é a mais acertada. O uso rabínico posterior apóia a tradução da RVR.

19.

Mas.

destaca-se aqui um contraste com o vers. 18. As autoridades encarceraram a os apóstolos; mas o anjo os libertou. Parece como se fora um protesto divina contra o proceder dos saduceos, que ensinavam que não havia "nem anjo, nem espírito" (cap. 23: 8).

Anjo.

Lucas evidentemente registra o que considera algo sobrenatural. Os que não aceitam essa posição, e entretanto desejam conservar a historicidade do relato, vêem-se obrigados a sugerir que o "anjo" era algum discípulo valente e ciumento, e que os apóstolos, na escuridão da noite e emocionados por seu liberação, erroneamente atribuíram seu resgate à intervenção de um anjo. Entretanto, é impossível explicar adequadamente as palavras do Lucas se for que não se aceitam como a narração de um fato milagroso. A ajuda de Gamaliel em um momento posterior e quase imediato, registra-se em forma clara e

manifesta (vers. 34-39); mas a liberação se descreve aqui como evidentemente sobrenatural. Embora os apóstolos foram presos de novo umas poucas horas depois (vers. 26), Deus tinha demonstrado seu poder. Os apóstolos tinham sido reconfortados pela intervenção celestial em seu favor, e os saduceos tinham recebido a oportunidade de dar-se conta que estavam lutando contra poderes sobrenaturais. Indubitavelmente os anjos são "espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que serão herdeiros da salvação" (Heb. 1: 14).

De noite.

Melhor "durante a noite".

Abrindo . . . as portas.

Para os anjos de Deus as portas, até as mais hermeticamente fechadas de um cárcere, não constituem problema algum. Os apóstolos foram tirados diante dos mesmos olhos de seus guardiães, já fora rodeados de profunda escuridão ou porque os olhos dos guardas estivessem fechados (cf. cap. 12: 6-7). As portas foram fechadas e sem dúvida trancadas de novo, deixando tudo como tinha estado antes de que chegasse o anjo do Senhor (cf. cap. 5: 23).

Tirando-os.

Cf. cap. 12: 10.

20.

Postos em pé.

Lhes ordenou que deviam apresentar-se publicamente e com toda decisão, porque o templo era o lugar mais público. Ali tinham sido presos (cap. 3: 1, 11; 4: 1-3).

As palavras desta vida.

esta adjetivo" é significativo. refere-se à vida que os apóstolos estavam proclamando: a vida de Cristo. Essa vida começa neste mundo e continuará pela eternidade (cf. Juan 17: 3). Este ensino era especialmente inaceitável para os saduceos porque não acreditavam na vida futura. Ver T. V, P. 54.

21.

Tendo ouvido isto.

Note-a obediência imediata dos apóstolos.

Desde amanhã.

Melhor "ao amanhecer" (BJ). A Mishnah indica que os sacrifícios começavam a oferecer-se no templo assim que o céu começava a clarear pela manhã (Talmud, Yoma 3.1; Tamid 3.2).

Ensinavam.

Isto era precisamente o que os saduceos tinham proibido no concílio que fizessem os apóstolos (cap. 4: 17-18). Esses orgulhosos dirigentes estavam

cheios de ira porque uns galileos indoctos e sem autorização estivessem ensinando; que ensinassem que havia ressurreição e que dessem testemunho de que Jesucristo depois de ser crucificado 183 se levantou de entre os mortos. Mas os apóstolos obedeciam ordens divinas. A igreja tem uma missão que cumprir: apresentar o Evangelho do Senhor Jesus Cristo a um mundo doente de pecado. Esta tarefa nunca deve descuidar-se.

Vieram.

O supremo sacerdote e os anciões chegaram à sala de sessão do concílio para decidir o que devia fazer-se com os apóstolos encarcerados. O concílio ainda não tinha recebido a notícia de sua misteriosa liberação.

Os que estavam.

Ver com. vers. 17.

Concílio.

Quer dizer, o sanedrín (ver T. V, P. 68). O caso que tinham diante deles evidentemente era considerado tão importante, que não economizaram esforços para reunir a tantos membros como fora possível. A presença do Gamaliel indica que foram convocados a esta reunião não só os saduceos mas também também os fariseus e outros mais (cf. vers. 34).

Os anciões.

Gr. gerousía, "conselho dos anciões", palavra que se aplicou ao conselho de os anciões da Esparta. Esta palavra também designa ao sanedrín de Jerusalém (T. V. P. 68). Aqui se refere a um grupo oficial de anciões, qualificados por sua idade e sua experiência para aconselhar em ocasiões especiais. É possível que fora uma assembléia equivalente a "os anciões" (cap. 22: 5).

Cárcere.

Gr. desmÇt'rion, "lugar onde se guardam os detentos". Embora seja uma palavra diferente da que se emprega no vers. 18, pode referir-se ao mesmo lugar.

22.

Os oficiais.

Gr. hup'rét's, que serve a um superior, "servo", "ajudante". Aqui e em Luc. 4: 20 se refere a funcionários que estavam às ordens do sanedrín.

Não os acharam.

Não havia nenhuma evidência visível de sua fuga da prisão (ver com. vers. 19, 23).

23.

achamos fechada.

Se o anjo abriu as portas, fechou-as de novo depois de libertar aos apóstolos. Os que vigiavam as portas parece que não se deram conta da fuga dos detentos. Compare-se com a liberação do Pedro (cap. 12: 6-10); mas note o contraste com a agitação que rodeou o episódio do Pablo

e Silas no Filipos (cap. 16: 25-30).

24.

Estas palavras.

Ou seja o relatório dos oficiais.

O supremo sacerdote.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a omissão desta frase.

O chefe do guarda.

Ver com. Luc. 22: 4; Hech. 4: 1.

Os principais sacerdotes.

Gr. "os supremos sacerdotes". Provavelmente fossem os principais dos 24 grupos de sacerdotes. Não devem confundir-se com o supremo sacerdote.

Duvidavam.

Melhor "perguntavam-se perplexos" (BJ). Não sabiam o que fazer nem como entender o que tinha ocorrido. Os esforços repressivos dos dirigentes judeus haviam fracassado; um milagre tinha liberado a suas vítimas, e progredia a difusão do cristianismo.

25.

Vindo um.

Já era tarde. O sanedrín tinha sido convocado e se reuniu, mas ainda não sabiam onde estavam os apóstolos. Enquanto isso a notícia a respeito das atividades destes se difundiu por toda parte, e chegou ao sanedrín.

Que puseram no cárcere.

Isto foi como uma brincadeira para os dirigentes judeus. Tinham encarcerado aos apóstolos, mas agora estavam no templo fazendo exatamente o que se os tinha proibido que fizessem em qualquer lugar.

Estão no templo.

No grego diz, "estão no templo em pé e ensinando". Os apóstolos seguiram estritamente as instruções do anjo (vers. 20). Atuavam como homens que sabiam qual era a obra que deviam fazer, obra que só tinha sido brevemente interrompida, mas que deviam reatar logo que os fora possível. Aos saduceos irritava muito que ensinassem ao povo. Se os apóstolos só se conformaram rendendo culto, guardando-se para si seu nova fé, poderiam haver-se liberado de moléstias; mas tinham recebido uma comissão, e se sentiam impulsionados a levá-la a cabo. Deviam propagar sua fé. O sofrer perseguição por compartilhar o tesouro da fé é muito melhor que sofrer uma má consciência por havê-la escondido "debaixo de um almud" (Mat. 5: 15).

26.

O chefe do guarda com os oficiais.

Ver com. cap. 4: 1; 5: 22.

Sem violência.

Os apóstolos deram exemplo de submissão, não opuseram resistência, embora sem dúvida o sentimento popular estava em seu favor e facilmente poderia haver-se levantado um tumulto popular. Seus recentes milagres e sua conduta irrepreensível tinham-lhes ajudado a ganhar amigos para a nova fé. Sua atitude de não opor resistência foi uma imitação do exemplo de seu Professor. Quando compareceram pacificamente ante o sanedrín 184 tiveram uma excelente oportunidade de proclamar o Evangelho a seus membros, quem de outro modo possivelmente nunca tivessem ouvido a mensagem de salvação.

Temiam ser apedrejados pelo povo.

Cf. com. Mat. 21: 26, 46. Há muitas provas da estimativa que tinha o povo pelos crentes nesse momento. Aparentemente a gente estava tão disposta a apedrejar aos oficiais como o estavam os sacerdotes para apedrejar aos apóstolos.

27.

O supremo sacerdote lhes perguntou.

Até onde o assinala o relato do Lucas, o sanedrín evitou discutir o tema de a liberação dos apóstolos: ou não acreditaram que houve uma intervenção sobrenatural, ou se negaram a fazer referência à mesma. Sua atitude não surpreende, pois já se negaram a acreditar em um milagre maior: na ressurreição daquele a quem tinham crucificado.

28.

Não lhes mandamos estritamente?

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo texto como aparece na RVR. Entretanto, em vários MSS se lê como na BJ: "Proibimo-lhes severamente". A frase grega "com mandato lhes mandamos" parece ser a reprodução da construção hebréia enfática com o infinitivo absoluto, o qual poderia sugerir que Lucas está traduzindo algo que originalmente foi dito em aramaico. A ordem de não pregar tinha sido dada só ao Pedro e ao Juan (cap. 4: 18), mas os doze já a conheciam. Os apóstolos tinham declarado que não obedeceriam essa ordem, e tinham seguido pregando com valor (cap. 4: 19-20, 31). Estavam obedecendo a seu Senhor, à Autoridade Suprema (Mat. 28: 19-20; Hech. 1: 8).

Que não ensinassem nesse nome.

Cf. com. cap. 3: 16; 4: 17. Este era o grande delito dos apóstolos. Os judeus tinham ordenado que nem sequer se mencionasse esse nome, o nome de Aquele a quem eles sabiam que tinham crucificado, e que agora se proclamava que estava vivo, e cujos seguidores estavam fazendo prodígios que não podiam ser negados. Este nome, e a atividade que se centrava nele, eram o objeto do ataque dos saduceos.

enchestes a Jerusalém.

Este é um testemunho inconsciente dos inimigos dos apóstolos de que estes tinham trabalhado fielmente e com êxito para cumprir a primeira parte de a ordem de Cristo (cf. cap. 1: 8): proclamar primeiro o Evangelho em Jerusalém.

Doutrina.

Melhor "ensino"; a mesma palavra se traduz também "doutrina" no Mat. 7: 28. Entretanto, esse "ensino" rapidamente estava adquirindo as características e o significado de uma "doutrina", com seu sentido moderno, como se vê em 1 Tim. 4: 16.

Querem.

Isto não era certo. Pedro queria a salvação deles e não sua condenação.

O sangue desse homem.

Evitaram mencionar o nome do Jesus. Isto pôde ter ocorrido porque desprezavam ao Galileo crucificado, ou porque se sentiam culpados devido a seu participação em sua morte, ou pelo temor que tinham, pois sabiam quão poderoso era esse nome. Em ocasiões anteriores, e sem vacilação, Pedro os tinha acusado de crucificar a este Jesus (cap. 2: 36; 3: 13-15; 4: 10), fazendo vão o desprezo deles e razoável seu temor. Se o que sustentavam tivesse sido justo, estes Juizes sacerdotais teriam pronunciado sentenças; mas se encontravam na situação de ser uns culpados que aguardavam uma acusação. Em seus ouvidos deve ter divulgado o terrível clamor da multidão ante o Pilato: "Seu sangue seja sobre nós, e sobre nossos filhos" (Mat. 27: 25). Eles mesmos tinham feito que "o sangue desse homem" caísse agora sobre eles,

29.

Pedro e os apóstolos.

Esta ordem não significa que Pedro fora superior aos apóstolos nem que estivesse excluído do grupo. Tinha sido sem dúvida o mais ativo em tudo o que tinha acontecido até então, e é natural que seu nome e sua personalidade sobressaiam neste relato.

É necessário obedecer a Deus.

É imprescindível (cf. cap. 1: 16) que assim o façamos. Esta é uma afirmação até mais contundente que outra que Pedro e Juan faziam anteriormente (cap. 4: 19), com uma maior ênfase no fato de que não podiam escolher outra coisa a não ser obedecer a Deus, não importa quais pudessem ser as conseqüências. Haviam recebido a ordem do Jesus na grande comissão e a exortação a ser testemunhas dele (cap. 1: 8), e mais tarde, o mandato explícito do anjo (cap. 5: 20). Jesus tinha estabelecido o princípio de que se devia obedecer ao César e a Deus. devia-se obedecer ao César no que se refere às leis de direito comum, e a Deus no que lhe corresponde (Mat. 22: 21). Mas o cristão não pode servir a dois senhores (Mat. 6: 24; Luc. 16: 13). Como há só 185 um Senhor a quem se deve render por sobre tudo a lealdade máxima, esse Senhor deve ser Deus. Pedro apresenta com toda claridade este princípio básico. Os dirigentes do sanedrín não se dignaram mencionar o nome do Jesus, portanto Pedro tampouco enuncia os nomes dos dirigentes na declaração deste princípio. Simplesmente diz "homens"; homens de autoridade como aqueles diante dos quais se achava. Considera os membros do sanedrín como

homens que uma vez foram instrumentos de Deus, mas que agora perderam que vista seu dever para com Deus.

Na dieta do Worms, Lutero declarou: "Se não me convence com testemunhos bíblicos, ou com razões evidentes, e se não me persuade com os mesmos textos que eu citei, e se não sujeitarem minha consciência à Palavra de Deus, eu não posso nem quero me retratar de nada, por não ser digno de um cristão falar contra sua consciência. me haja aqui; não me é possível fazer de outro modo. Que Deus ajude-me! Amém!" (CS 170-171). Estas valentes palavras ilustram um princípio nobre, e revelam uma nobre experiência. Tomara que os cristãos pudessem imitá-la!

30.

O Deus de nossos pais.

Os apóstolos não se separaram do Israel. Estavam servindo ao mesmo Deus ao qual os membros do sanedrín afirmavam que serviam (cf. cap. 3: 13).

Levantou.

Há duas possíveis interpretações desta palavra: ou pode referir-se ao dom de Deus -Cristo encarnado (cf. cap. 3: 22)-, ou ao ato de Deus ao ressuscitar a Cristo de entre os mortos (cf. cap. 10: 40; 13: 37). Ambas as interpretações são aceitáveis.

Vós mataram.

Em grego o pronome é enfático, e assinala o contraste com o que o Senhor fazia. Esta expressão insinúa que a culpabilidade dos judeus pela crucificação era tão grande como se eles mesmos tivessem matado ao Jesus.

lhe pendurando.

Melhor "lhe havendo pendurado". Descreve-se a forma romana de crucificação, e não o feijão. Esta mesma expressão aparece na LXX no Deut. 21: 23 onde se emprega com um sentido mais amplo, para incluir castigos tais como o enforcamento e o empalamiento. Os judeus penduravam só aos que já estavam mortos (Deut. 21: 22-23; Jos. 10: 26). O "madeiro" é evidentemente a cruz, mas o grego emprega a palavra que se traduz "árvore" (ver com. Hech. 16: 24), a qual pode referir-se a algo feito de madeira. Pedro usa a frase "pendurado de um madeiro" no Hech. 10: 39 e alude ao mesmo em 1 Ped. 2: 24: "levou ele mesmo nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro". No Gál. 3: 13 faz-se referência à maldição do Deut. 21: 23, que recaía sobre o que era pendurado de um madeiro (cruz ou árvore).

Mas o pecador que procura a seu Senhor sabe que não se pode jogar a culpa da morte do Jesus sobre judeus ou romanos, porque compreende que são seus próprios pecados os que mataram a seu Senhor. Cristo, que não conhecia pecado, fez-se pecado por nós, para que por meio de um transação imensamente bondosa pudéssemos receber a justiça de Deus por meio dele (2 Cor. 5: 21).

31.

exaltou.

Gr. hupsóÇ, literalmente "levantar" (Juan 3: 14; 12: 32), e em seu sentido

figurado "exaltar". No Hech. 2: 32-33, e novamente aqui, Pedro fala de que Deus ressuscitou ao Jesus e o exaltou; e a seguir descreve essa exaltação.

Com sua mão direita.

Ou "a sua mão direita" (ver com. Hech. 2: 33). Na Bíblia a "mão direita" se emprega usualmente para representar autoridade e poder (cf. Exo. 15: 6).

Príncipe.

Ver com. cap. 3: 15. O título de soberania está estreitamente ligado ao que promete salvação. Cristo deseja governar aos homens para poder ser seu Salvador. Não pode ser nosso Salvador a menos que nos governe; e se governa nossas vidas, salvará-nos. Essas duas funções do Senhor são inseparáveis.

Salvador.

Com referência ao significado deste título, ver com. Mat. 1: 21.

Para dar ao Israel arrependimento.

Note-se como concordam o ensino dos apóstolos com a do Juan o Batista e a do Jesus (ver com. Mat. 3: 2; 4: 17). O registro do ensino apostólica apresenta uma revelação mais completa da maneira na qual se ordenou que o perdão fora mediante a morte vigária do Salvador.

Perdão de pecados.

A palavra grega que se traduz "perdão" vem de um verbo que significa "despedir", "soltar", e se refere ao ato de tirar os pecados (ver com. Hech. 2: 38). O arrependimento é uma introdução necessária para que haja perdão. O perdão é um presente conjunto do Pai e do Filho (ver com. Mar. 2: 7-11). Um Deus justo e santo não pode aceitar em sua presença a um pecador, a menos de que este conheça por fé 186 ao Jesucristo como o que leva seus pecados (1 Ped. 2: 24) e o aceite como Salvador pessoal (ROM. 3: 23-26). Por meio da obra de Cristo como o que carrega com os pecados, as transgressões do que se arrepende são perdoadas (ver com. Juan 1: 29), e o pecador fica justificado diante de Deus.

32.

Testemunhas deles.

Alguns MSS antigos dizem "testemunhas dele"; outros poucos, "testemunhas nele (ou por ele)". Mas a evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo texto mais curto: "somos testemunhas destas coisas". Ver com. cap. 1: 8. "Estas coisas" são os grandes feitos da salvação: a morte, o enterro e a ressurreição do Jesus, tal como se mencionam (cap. 5: 30-31).

E também o Espírito Santo.

Quando Cristo esteve na terra declarou que o Espírito Santo atestaria de ele Juan 15: 26; ver com. Juan 16: 13-14). O Espírito Santo atestou de Jesus recordando aos discípulos todo o ocorrido (Juan 14: 26), e lhes dando entendimento quanto à maneira em que a vida de Cristo tinha completo as profecias; mas além disso o Espírito Santo também estava dando testemunho de Cristo mediante as faculdades que tinham recebido os apóstolos do

derramamento do Pentecostés. O Espírito também deu um testemunho íntimo de a ressurreição no coração dos crentes. Ver com. Hech. 4: 33.

deu Deus.

Os apóstolos entendiam que o Espírito provinha do Pai (ver com. Juan 14: 26; 15: 26; Hech. 1: 4).

Aos que lhe obedecem.

O Espírito é dado não só aos apóstolos, mas também a todos os que sinceramente deixam-se dirigir Por Deus, e portanto lhe obedecem. obediência da criatura a seu Criador, emprestada de todo coração e com amor, é o fundamento e a essência de uma relação correta com Deus. Os anjos obedecem a Deus (Sal. 103: 20-21), mas por amor, não com um formalismo frio e legal (DMJ 90). Os homens devem obedecer (Sal. 103: 17-18; Anexo 12: 13), mas movidos pelo amor (Juan 14: 15). A obediência é melhor que qualquer sacrifício (1 Sam. 15: 22). Deve-se obedecer à verdade (ROM. 2: 8), à doutrina correta (ROM. 6: 17) e ao Evangelho (2 Lhes. 1: 8; 1 Ped. 4: 17). A salvação eterna, oferecida por graça e recebida por fé (F. 2: 5, 8), está a disposição dos que obedeçam e se submetam à vontade de Deus (Heb. 5: 9). Cf. com. Hech. 5: 29. A verdadeira obediência se manifesta observando com amor os Santos mandamentos de Deus (1 Juan 5: 3).

33.

enfureciam-se.

Gr. diapríÇ "cortar em dois", em forma figurada, "enfurecer". Neste NT verbo só se usa aqui e no Hech. 7: 54. A BJ traduz: "consumiam-se de raiva". Sua fúria era um eloqüente testemunho do efeito da verdade das valentes acusações dos apóstolos.

Queriam.

Alguns MSS gregos e a RVA dizem, "consultavam"; mas a evidência textual se inclina (cf. P. 10) pela palavra "queriam". Já eram responsáveis pela sangue do Jesus, e agora "queriam" tirar a vida a seus doze principais seguidores.

matá-los.

Desejavam matar aos apóstolos porque tinham desobedecido ao sanedrín e o acusavam de ter dado morte a Cristo.

34.

Então.

Melhor "mas" (cf. com. vers. 13).

Fariseu.

Os fariseus eram um partido religioso oposto ao do supremo sacerdote, que era saduceo (vers. 17).

Gamaliel.

Heb. Gamli'o, "Deus recompensou". Gamaliel era neto do famoso Hillel (T. V, P. 98), mas ele também era um renomado professor e um destacado fariseu. A responsabilidade do Hillel parece ter cansado sobre seus ombros; exerceu a direção de sua partida desde aproximadamente o ano 25 até o 50 d. C. Não há suficiente base para afirmar que foi um de quatro presidentes do grande sanedrín de Jerusalém, posto que nos anos anteriores à destruição do templo o cargo supremo sempre era ocupado pelo supremo sacerdote (vers. 27). Mas não há dúvida de que foi um homem de grande influencia e muito estimado pelos judeus. Foi o primeiro que recebeu o título do Rabban, o que sugere a alta estima em que lhe tinham seus compatriotas. A tradição judia o destaca como o fariseu ideal, digno representante da escola do Hillel, que era mais tolerante e menos legalista que a escola do Shammai. Pablo teve o privilegio de estudar com o Gamaliel (cap. 22: 3). É possível que possa ver-se a influência do professor na trajetória de seu famoso aluno. Este Gamaliel era conhecido como "Gamaliel o major", para distinguir o de seu neto "Gamaliel o menor", quem se destacou ao redor do ano 90 d. C.

Doutor.

Quer dizer, professor.

Apóstolos.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a palavra "homens" e não 187 "apóstolos". É provável que Gamaliel tivesse empregado essa palavra (como no vers. 35) e não ,"apóstolos". Gamaliel queria que os apóstolos saíssem da sala onde estavam reunidos os membros do sanedrín, enquanto ele e seus colegas discutiam livremente o que devia fazer-se. Parece que era comum deliberar em ausência do acusado (cf. cap. 4: 15). O relatório do ocorrido enquanto os apóstolos estiveram fora da sala pôde haver chegado a Lucas mediante algum membro do concílio, possivelmente por meio do Nicodemo (HAp 85-86).

35.

Varões israelitas.

Uma maneira familiar e simpática de dirigir-se a iguais (cf. cap. 2: 22). Note-se, como contraste, a modalidade do Pedro ao dirigir-se ao mesmo grupo (cap. 4: 8).

Olhem por vós.

Quer dizer "olhem bem" (BJ) ou "tomem cuidado". Não se trata de advertir de um perigo iminente, mas sim de indicar a necessidade de pensar antes de atuar. Compare-se com a maneira em que Jesus (Mat. 6: 1; 7: 15; 10: 17) e Pablo (1 Tim. 1: 4; 4: 13; Tito 1: 14) utilizaram este mesmo recurso.

36.

Teudas.

Provavelmente seja a forma abreviada de algum nome grego do qual forma parte a palavra theós, "deus". Este nome aparece em manuscritos gregos. Josefo relata uma insurreição dirigida por um tal Teudas que afirmava ser profeta. Esse caudilho persuadiu a muitos a que o seguissem ao Jordão, cujas águas prometia dividir para facilitar seu passo. O procurador Fado (44- 46 d.

C.) rapidamente pôs fim ao levantamento, capturou a seu cabeça e enviou seu cabeça a Jerusalém (Antiguidades xX. 5. 1).

Segundo Gamaliel, chamado pelo Lucas, Teudas se levantou antes que "Judas o galileo" (vers. 37), quem se rebelou "nos dias do censo", ou seja no ano 6 ou 7 d. C., e o discurso do Gamaliel foi pronunciado ao redor do ano 40 d. C. portanto, não é possível fazer coincidir os relatos do Josefo e do Lucas em o mesmo sucesso. Poucos eruditos atribuiriam engano ao Josefo neste assunto, e tampouco há razão válida para atribuir-lhe ao Lucas. Lucas, citando ao Gamaliel, diz que "quatrocentos homens" seguiram ao Teudas; mas Josefo afirma especificamente que "uma grande parte do povo" seguiu a este falso profeta. Alguns viram nesta discrepância que ambos os escritores se referem a diferentes sucessos.

37.

depois de este.

Quer dizer, depois da rebelião do Teudas.

Judas o galileo.

Josefo fala de um rebelde chamado Judas. Em uma passagem (Antiguidades xVIII. 1. 1) diz que era do Golán; em outros, que era da Galilea (Antiguidades xX. 5. 2; Guerra iI. 8. 1). Judas, que se rebelou contra a dominação romana, propôs-se obter a independência do Israel, e sua revolução foi de grandes proporcione. O e seus seguidores proibiram o pagamento de impostos ao César. Josefo descreve a insurreição como uma guerra religiosa na qual podia usar-se qualquer arma. Judas e seus seguidores estavam filiados aos fariseus e seu movimento. Seu caudilho foi derrotado e morto, mas isto deu origem à seita ou partida dos zelotes (T. V, P. 56).

Censo.

Ver com. Luc. 2: 1. Este não é o censo mencionado no Luc. 2: 2. A revolução do Judas ocorreu mais tarde, ao redor do ano 6 d. C. Josefo, Antiguidades xVIII. 1. 1; cf. T. V, P. 232). Judas declarou que esse imposto era o começo da escravidão, e insistiu a toda a nação a proclamar sua liberdade.

Muito povo.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto "povo". O adjetivo foi acrescentado posteriormente.

Pereceu.

Josefo não diz qual foi o fim do Judas e de seus seguidores, mas Gamaliel bem pôde ter sabido como terminaram seus dias e estava em condições de dar os detalhes que estão neste versículo.

38.

lhes aparte.

O argumento do Gamaliel era perfeitamente lógico. Resistir ao movimento representado pelos apóstolos era desnecessário ou inútil. Se era desnecessário, para que gastar energias em combatê-lo? Se era inútil para que enfrentar dificuldades para combatê-lo?

Desvanecerá-se.

"Destruirá-se" (BJ) ou "será destruído". Para dar maior ênfase à idéia, se repete o mesmo verbo no vers. 39.

39.

De Deus.

O conselho do Gamaliel, tipicamente rabínico, dá lugar à possibilidade de que a obra dos apóstolos fora de origem divina.

Lutando contra Deus.

Gr. theomájos, "quem luta contra Deus".

40.

Convieram.

Os saduceos possivelmente teriam preferido uma ação mais enérgica, mas havia muitos fariseus no sanedrín e se decidiu adotar uma atitude menos radical, depende tinha-o recomendado Gamaliel.

Chamando os apóstolos.

Fizeram-nos retornar à sala do concílio.

depois de açoitá-los.

Provavelmente com 39 açoites (ver com. Deut. 25: 1-3; 2 Cor. 11: 24), 188 um castigo muito doloroso. Evidentemente o sanedrín julgou que os apóstolos eram dignos de castigo, já porque tinham desobedecido a ordem do Hech. 4: 18, ou por causar distúrbios públicos com seu predicación no templo (cap. 5: 25), ou por haver-se fugido do cárcere, ou por todas estas razões juntas. Parece que esta foi a primeira vez que a igreja teve que sofrer um castigo físico.

Que não falassem.

A mesma proibição anterior (cap. 4: 18), mais o acréscimo do castigo físico para lhe dar maior realce.

No nome.

Ver com. cap. 2: 38; 3: 6, 16; 4: 12. Os dirigentes judeus estavam começando a temer o poder que acompanhava a esse nome.

41.

Saíram.

Não voltaram para o cárcere, mas sim saíram livres.

Contentes.

Demonstraram o espírito da última bem-aventurança (Mat. 5: 11-12). Seu reação frente à dor não foi a habitual, mas sim se sentiram felizes de

sofrer, sentiram-se honrados por padecer pela causa de Cristo. Este mesmo espírito animou a muitos mártires que os seguiram. Os doze estavam preparados para este trato; devem ter recordado o que o Professor lhes havia advertido no Mat. 10: 17-20.

42.

No templo.

Note o valor dos apóstolos. Voltaram para lugar onde tinham sido presos em duas ocasiões (cap. 3: 11; 4: 3; 5: 26).

Pelas casas.

É provável que esta frase se refira à obra missionária feita em forma privada e às reuniões cristãs que se celebravam nos lares.

Não cessavam.

Não necessitavam que ninguém lhes animasse a dar seu testemunho.

Ensinar e pregar.

A construção grega insinúa continuidade: continuamente estavam ensinando e pregando. O grego diz que ensinavam e "evangelizavam"; esta última palavra se emprega no Hech. 8: 4, 12, 25; ROM. 10: 15.

Jesucristo.

Literalmente "a Cristo Jesus". Ensinavam e pregavam que o Mesías havia vindo na pessoa do Jesus do Nazaret. Este era constantemente o conteúdo da mensagem apresentada pela igreja primitiva.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE.

1-42 HAp 59-71

1-2 1JT 542; 2T 128

1-4 CS 48; HAp 59

1-11 CMC 326, 349; SR 255

3 1JT 550; 2JT 16

3-4 1JT 543

4-5, 7-11 HAp 60

8 1T 221

12 HAp 64

14 TM 65

14-18 HAp 64

16 MC 99

17-18 TM 65

17-20 2JT 320

18 ECFP 81

18-19 P 194

19-20 HAp 66; TM 66

19-21 SR 255

20 ECFP 81; 3JT 67; TM 272

20-21 HAp 66

20-23 P 194

20-26 TM 68

22-23 HAp 67

25-28 HAp 67; P 195; SR 256

27-34 TM 69

28-33 DTG 626; OE 301; TM 272

29 CS 216, 651; HAd 265; 1JT 73; 3JT 49

29-32 P 195; SR 257

29-34 HAp 67

31 DC 24; DTG 147; PVGM 91, 208; TM 16

35-39 SR 257

35-41 HAp 68

38-40 TM 69

38-42 P 195; SR 258; TM 20

41 DTG 469; 1JT 387; 2JT 68; 5T 87 189

CAPÍTULO 6

1 Os apóstolos, desejosos de satisfazer as necessidades materiais dos pobres, mas de uma vez não querendo deixar de pregar a Palavra, 3 aconselham a a igreja que escolha a sete varões de bom testemunho para que sirvam como diáconos. 5 E um destes é Esteban, um homem cheio de fé e do Espírito Santo, 12 que apresenta as Escrituras com grande poder e confunde a seus opositores; 13 mas é falsamente acusado de blasfêmia contra a lei e contra o templo.

1 NAQUELES dias, como crescesse o número dos discípulos, houve falação

dos gregos contra os hebreus, de que as viúvas daqueles eram desatendidas na distribuição diária.

2 Então os doze convocaram à multidão dos discípulos, e disseram: Não é justo que nós deixemos a palavra de Deus, para servir às mesas.

3 Procurem, pois, irmãos, de entre vós a sete varões de bom testemunho, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, a quem encarregue deste trabalho.

4 E nós persistiremos na oração e no ministério da palavra.

5 Agradou a proposta a toda a multidão; e escolheram ao Esteban, varão cheio de fé e do Espírito Santo, ao Felipe, ao Prócoro, ao Nicanor, a Leme, ao Parmenas, e ao Nicolás partidário da Antioquía;

6 aos quais apresentaram ante os apóstolos, quem, orando, impuseram-lhes as mãos.

7 E crescia a palavra do Senhor, e o número dos discípulos se multiplicava grandemente em Jerusalém; também muitos dos sacerdotes obedeciam à fé.

8 E Esteban, cheio de graça e de poder, fazia grandes prodígios e sinais entre o povo.

9 Então se levantaram uns da sinagoga chamada dos libertos, e dos do Cirene, da Alejandría, de Cilícia e da Ásia, disputando com o Esteban.

10 Mas não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que falava.

11 Então subornaram a uns para que dissessem que lhe tinham ouvido falar palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus.

12 E instigaram ao povo, aos anciões e aos escribas; e arremetendo, arrebataram-lhe, e lhe trouxeram para o concílio.

13 E puseram testemunhas falsas que diziam: Este homem não cessa de falar palavras blasfemas contra este lugar santo e contra a lei;

14 pois lhe ouvimos dizer que esse Jesus do Nazaret destruirá este lugar, e trocará os costumes que nos deu Moisés.

15 Então todos os que estavam sentados no concílio, ao fixar os olhos em ele, viram seu rosto como o rosto de um anjo.

1.

Naqueles dias.

Quer dizer, nos dias descritos no cap. 5: 41-42. Lucas dirige com notável soltura os dados históricos. mostrou o crescimento da igreja sob o poder do Espírito Santo e a grande afluência de novos crentes. mostrou como a administração da igreja, pelo menos por um tempo, foi a de uma comunidade fraternal. O cap. 6 mostra algumas das dificuldades que surgiram desse modo de vida, mas também serve como introdução para o caso do Esteban, episódio estreitamente relacionado com a conversão do Saulo do Tarso e suas atividades missionárias posteriores. O relato é puramente histórico. A narração do cap. 6 está muito relacionada com a do cap. 5: 14,

mas não se sabe quanto tempo transcorreu entre os dois acontecimentos.

Crescesse.

"Ao multiplicá-los discípulos" (BJ). Era evidente que um grande crescimento traria novos problemas. Tinha sido fácil atender as necessidades da família apostólica com o que havia na bolsa que levava Judas. Foi mais complicado, embora não impossível, atender ao primeiro grupo de crentes em Pentecostés. Mas os membros da sociedade cristã agora tinham aumentado de tal modo que o cuidado dos precisados ocupava todo o tempo dos apóstolos, lhes impedindo de atender deveres mais importantes.

Discípulos.

Primeira vez que aparece nos Fatos esta palavra para descrever aos cristãos. Os discípulos dos Evangelhos se 190 converteram em apóstolos, e o término "discípulo" se emprega para referir-se aos crentes em general.

Falação.

Não foi uma queixa suave, a não ser um protesto suficientemente forte como para merecer séria preocupação. O registro não culpa de nada aos apóstolos, porque não tinham a menor culpa. O rápido crescimento da paróquia havia superado os recursos da igreja, e tinha criado um problema.

Gregos.

Gr. hell'nist s, "helenista", quer dizer judeus que falavam grego. No NT se distingue cuidadosamente entre o hellínistás e e1 héll'n, pessoa de língua e de raça grega (Juan 12: 20). Os helenistas eram os judeus da diáspora odispersión (ver T. V, pp. 61-62; ver com. Juan 7: 35; Hech. 2: 8), que não só falavam o grego mas sim também tinham absorvido, até certo ponto, a cultura grega. Também podiam ser judeus nascidos em lugares onde usualmente se falava grego, e portanto não sabiam hebreu nem aramaico, e que, em vez de participar dos serviços religiosos celebrados em hebreu em Palestina, tinham suas próprias sinagogas em Jerusalém. Poderiam também haver sido partidários que falavam grego. De todos os modos, eram conversos do judaísmo, porque até este momento o Evangelho não tinha sido pregado aos gentis. Muitos dos conversos do dia do Pentecostés devem haver pertencido a este grupo, entre eles Bernabé (cap. 4: 36) e outros cujos nomes se mencionam especificamente no relato (cap. 6: 5).

Estes judeus helenistas liam o AT na versão grega dos LXX, versão que com maior freqüência se cita no NT. Pelo general eram mais ferventes que os judeus da Palestina. Com grande sacrifício deviam render culto nos lugares sagrados de Jerusalém, enquanto que para os judeus da Palestina os recintos do templo com muita freqüência eram considerados comuns (cf. cap. 21: 27-28). A tradição rabínica permitia que se pronunciasse em grego a shema' ou confissão hebréia de fé no Jehová (Deut. 6: 4; ver T. V, P. 59).

Hebreus.

Eram os judeus que a diferença dos helenistas, tinham nascido na Palestina, que viviam ali e falavam aramaico, chamado hebreu no NT (cf. cap. 22: 2; ver T. I, P. 34).

As viúvas daqueles.

Como os judeus palestinos constituíam a maioria dos membros na nascente igreja -o qual não significa que houvesse má vontade para os helenistas-, quão necessitados havia entre estes bem poderiam ter ficado desatendidos devido a diferenças de idioma e de costumes. Nas Escrituras destaca-se a importância da atenção das viúvas (ver com. Exo. 22: 22; Deut. 14: 29; ISA. 1: 17; Luc. 18: 3). É possível que aqui haja uma referência à atenção que se devia emprestar a todos os pobres e necessitados. É evidente que a administração da igreja como uma comunidade fraternal exigia algum tipo de supervisão organizada do fundo comum que se criou (Hech. 4: 32). Mais tarde a igreja estabeleceu regras para o cuidado de seus viúvas (1 Tim. 5: 3-16).

Distribuição.

Gr. diakonía, "serviço", que se traduz "assistência" na BJ, e "socorro" em Hech. 11: 29 (RVR). Esta palavra deriva da mesma raiz de diákonos, "diácono", "que serve". Esta ajuda se dava diariamente sem dúvida porque as necessidades eram prementes. É provável que constantemente estivessem chegando dádivas e possivelmente as repartisse desde vários pontos da cidade. Esta obra deve ter tirado muito tempo aos apóstolos; mas não há nenhum indício de que eles fossem culpados de discriminação ou negligência, nem de que houvesse ressentimento contra eles.

2.

Os doze.

Matías era evidentemente o décimo segundo apóstolo (ver com. cap. 1: 24-26).

Convocaram à multidão.

Quando os apóstolos escutaram as queixa e compreenderam sua seriedade, aparentemente não trataram de desculpar-se; atuaram com prontidão. Podem haver recordado o precedente estabelecido pelo Moisés (Exo. 18: 25) e, como ele, resolveram compartilhar sua autoridade. A expressão "multidão dos discípulos" não deve fazer pensar que cada um dos cristãos de Jerusalém e de seus arredores foi chamado a uma reunião, mas sim mas bem se fez uma convocação especial, a qual assistiram todos os que puderam e na qual apresentaram os apóstolos o problema e o plano que tinham esboçado para resolvê-lo. Muitos tinham contribuído para o fundo a respeito de cuja distribuição se tinham levantado queixa, e portanto era justo que se consultasse a muitos. Este método de consultar aos irmãos, usado em várias oportunidades (Hech. 1: 15, 21-22; 11: 2-18; 15: 2-20), serve para desbaratar os esforços de Satanás por 191 obter que houvesse dissensões (HAp 78-79).

Não é justo.

Melhor "não é apropriado", "não parece bem" (BJ). Os apóstolos não deviam passar tanto tempo atendendo assuntos materiais e financeiros.

Deixemos.

Gr. kataléipÇ- "abandonar". Este verbo é enfático e sugere que já os apóstolos tinham dedicado muito tempo a atender aos necessitados.

A palavra.

Os doze reconheciam que sua primeira responsabilidade era o ministério da Palavra de Deus mediante a predicación e o ensino.

Servir às mesas.

Quer dizer, atender às necessidades materiais dos pobres.

3.

Procurem.

Os doze colocaram sobre os crentes a responsabilidade de escolher de entre eles a quem devia escolher.

Sete varões.

Era razoável que os apóstolos pensassem no número sete. Entre os judeus respeitava-se esse número. Em tempos posteriores eram sete os que estavam encarregados dos assuntos públicos das aldeias judias (Talmud, Megillah 26a). Ou simplesmente pode ter sido porque nesse momento se necessitavam sete pessoas.

No NT não se chama "diáconos" a estes sete que foram escolhidos, e quando se volta-os a mencionar no cap. 21: 8 são "os sete", como se constituíram um grupo especial. Entretanto, com eles se originou a função dos "diáconos" (HAp 73-74), e é claro que os diáconos descritos pelo Pablo cumpriam com funções análogas (1 Tim. 3: 8-13). Em algumas Iglesias, como em Roma, fixou-se mais tarde em sete o número de diáconos (Eusebio, História eclesiástica vi. 43. 11). O concílio da NeoCesarea (ano 314 d. C.; canon 14) indicou que devia haver sete diáconos em cada lugar. Muitos comentadores pensam que os sete escolhidos aqui correspondem com os "anciões" que aparecem no Hech. 11: 30; 14: 23, e em adiante. Ver P. 27; HAp 73-74.

De bom testemunho.

Literalmente "de quem se deu testemunho"; "de boa fama" (BJ) entre seus irmãos (cf. 1Tim. 5: 10). A situação da igreja não melhoraria a menos que se atribuísse a tarefa de distribuir equitativamente os recursos a homens de reputação irrepreensível. Deviam ser pessoas honradas e eficientes, aceitáveis ante seus irmãos. Com referência à contagem inspirada de qualidades que deviam ter tanto os diáconos como os anciões (bispos), ver 1 Tim. 3: 1-14; Tito 1: 5-11.

Cheios do Espírito Santo.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto: "cheios de espírito". Sem embargo, no vers. 5 se diz que Esteban, um dos sete, era cheio do Espírito Santo. portanto, é razoável pensar que o espírito deste versículo é o Espírito Santo. Era muito importante que nesta primeira expansão da organização eclesiástica, além dos apóstolos, se escolhesse a pessoas aptas. além de ter boa reputação se esperava que cada um estivesse cheio do Espírito Santo. É evidente que os apóstolos entendiam que a obra do Espírito incluía mais que o dom de profecia e de línguas.

Sabedoria.

Os varões escolhidos não só deviam atender as necessidades espirituais dos

pobres, a não ser manifestar prudência, discrição, capacidade administrativa e sabedoria em sua obra. Pablo inclui a sabedoria entre os dons do Espírito (1 Cor. 12: 8). Santiago diz que é dom de Deus (Sant. 1: 5) que deve ser acompanhado de "boa conduta" (Sant. 3: 13). O único outro personagem do que diz-se especificamente em Feitos que teve "sabedoria" é Esteban (Hech. 6: 10), e a palavra só aparece em seu discurso (cap. 7: 10, 22). Também se diz do Esteban que estava "cheio de fé" (cap. 6: 5).

A quem encarregue.

Os apóstolos estavam dispostos a nomear aos que fossem escolhidos pelos irmãos. Esta atitude promovia a confiança mútua entre os dirigentes e os irmãos.

4.

E nós.

destaca-se a diferença entre a obra dos apóstolos e a dos sete.

Persistiremos em.

A mesma palavra se emprega várias vezes para descrever a conduta cheia de piedade dos primeiros cristãos (cap. 1: 14; 2: 42, 46).

A oração.

Estes homens piedosos, em cuja lembrança era patente a vida de oração de Cristo, colocavam a oração em primeiro lugar. Entretanto, devesse recordar-se que a oração inclui o culto público da igreja além disso do culto privado.

Ministério.

Gr. diakonía, a mesma palavra que aparece no vers. 1. Os sete deviam ocupar-se da administração dos recursos materiais, enquanto que os doze deviam ficar livres para ocupar do ministério dos benefícios espirituais derivados da Palavra de Deus. Isto o tinham que fazer mediante a predicación e diversas formas de ensino. Aqui se explica claramente o que 192 significa "deixemos a palavra de Deus" (vers. 2).

5.

Agradou.

É evidente que não tinha havido nenhuma intenção de excluir a ninguém nem de descuidar a ninguém, e se produziu então um regozijo geral porque se fez frente ao problema e se apresentou uma solução aceitável.

Escolheram.

Ver com. vers. 3. Os nomes dos sete que foram escolhidos são gregos, e é possível que fossem helenistas (ver com. vers. 1); entretanto, muitos judeus tinham nomes gregos, entre eles apóstolos como Andrés e Felipe (ver com. Mar. 3: 18). Além disso, não há evidência alguma de que os sete houvessem limitado seu ministério aos crentes helenistas. depois disto, só se tem notícias da obra do Esteban e do Felipe.

Esteban.

Gr. Stéfanos, "coroa de vitória", refere-se geralmente a que se fazia com folhas, às vezes de louro. Este nome é relativamente comum e aparece em inscrições antigas.

Segundo a tradição, Esteban e Felipe estiveram entre os setenta que foram enviados a todas as cidades e aldeias para anunciar que o Mesías havia chegado (Luc. 10: 1-11). É possível que tivessem desempenhado seu ministério em Samaria (ver com. Luc. 10: 1), pois é provável que os judeus helenistas fossem melhor recebidos na Samaria que os judeus da Palestina. Isto poderia explicar por que se enviou ao Felipe como evangelista entre os samaritanos (Hech. 8: 5).

Felipe.

Gr. Fílippos, "aficionado aos cavalos" (ver com. Mar. 3: 18). Um dos doze tinha este nome, e assim também se chamavam dois dos filhos do Herodes o Grande. Foi um nome freqüente na casa real da Macedônia em séculos anteriores. Nada se sabe a respeito do que tinha feito Felipe antes; a tradição afirma que foi um dos setenta (ver com. "Esteban"). Pablo o visitou na Cesarea (Hech. 21: 8), e é provável que fora por muito tempo dirigente da igreja nessa cidade. O fato de que Felipe tivesse quatro filhas já majores quando Pablo o visitou, sugere que já estava casado quando foi renomado como um dos sete.

Ao Prócoro, ao Nicanor, a Leme, ao Parmenas.

Destes quatro nada se sabe, nem há apóie para fazer conjeturas.

Nicolás.

Gr. Nikólaos, "vencedor do povo". Este foi o primeiro cristão não judeu cujo nome se registra.

Partidário.

Sem dúvida Nicolás era um "partidário de justiça", quer dizer um que havia aceito plenamente o judaísmo, e como tal conhecia bem a religião judia. Ver T. V, P. 64. Com referência à tradição de que este Nicolás foi o fundador da seita dos nicolaítas, ver T. VI, pp. 59-60 e com. Apoc. 2: 15.

Antioquía.

Esta cidade síria (ver mapa, P. 226) tinha estreitas relações com a Palestina devido a seus muitos habitantes judeus.

Herodes o Grande construiu nela uma esplêndida colunata a todo o comprido de a rua principal. É de especial interesse notar que Nicolás era da Antioquía, pois ali foi onde os cristãos foram chamados por este nome (cap. 11: 26). A cidade mais tarde se converteu em uma sede da primeira obra missionária da igreja (ver com. cap. 11: 19).

6.

Aos quais apresentaram.

Possivelmente os apresentaram para que fossem examinados, instruídos e, sem dúvida,

ordenados.

Orando.

A igreja primitiva não dava um só passo importante sem antes orar (ver com. cap. 1: 14, 24; 2: 42).

Impuseram-lhes as mãos.

Esta é a primeira vez que se menciona esta cerimônia no NT. No AT se a menciona em relação com o ato de benzer (ver com. Gén. 48: 13-14), de consagrar aos sacerdotes (ver com. Núm. 8: 10), e na dedicação do Josué à liderança (ver com. Núm. 27: 18, 23). portanto, os fiéis judeus não desconheciam o significado deste ato. Para os cristãos estava o fato adicional de que Jesus muitas vezes sanava pondo as mãos sobre os doentes (Mar. 6: 5; Luc. 4: 40; 13: 13; cf. Mar. 16: 18), e do mesmo modo benzeu aos meninos (Mat. 19: 15). Por tudo isto, os apóstolos tinham um bom precedente para pedir uma bênção sobre os sete e consagrá-los mediante a imposição de mãos. Seguiram fazendo isto em situações similares, como pode ver-se no Hech. 8: 17; 13: 3; 19: 6. Na igreja apostólica, os que foram ser ministros, eram ordenados mediante a imposição de mãos (1 Tim. 4: 14; 5: 22; 2 Tim. 1: 6). Segundo Heb. 6: 2, a imposição de mãos era um procedimento eclesiástico acostumado. Este costume devia significar uma estreita relação espiritual entre o Senhor e o que era assim consagrado (HAp 130-131).

7.

E crescia.

Melhor "ia crescendo" (BJ), ou seguia crescendo, o qual indica um crescimento gradual, mas contínuo. Esta declaração implica mais que o aumento numérico 193 que se menciona na frase seguinte. Era a palavra de Deus o que aumentava. A "palavra do Senhor" refere-se aqui aos ensinos de Cristo tal como eram expostas pelos apóstolos. Os versículos seguintes mostram que os sete estavam muito ativos na obra do Senhor. A obra dos diáconos, e especialmente a do Esteban, assinala uma clara expansão, um evidente desenvolvimento da proclamação da mensagem cristã (cf. cap. 6: 8; 8: 5).

O número dos discípulos.

O crescimento da igreja tinha sido extraordinário: "acrescentaram-se aquele dia como três mil pessoas" (Hech. 2: 41); "o Senhor acrescentava cada dia à igreja" (vers. 47); "muitos... acreditaram; e o número dos varões era como cinco mil" (cap. 4: 4); "os que acreditavam no Senhor aumentavam mais, grande número" (cap. 5: 14). A quantidade de membros de igreja "multiplicava-se grandemente em Jerusalém".

Muitos dos sacerdotes.

Esta declaração é muito significativa. Até onde se saiba, nenhum dos seguidores íntimos de Cristo era sacerdote, nem tampouco se nomeia a nenhum sacerdote entre os primeiros conversos. Era de esperar-se que algumas das claros ensinos dos apóstolos e dos diáconos tivessem produzido a profunda inimizade de todos os sacerdotes. Muitos destes sem dúvida eram hostis, mas o poder do Espírito Santo atraiu a "muitos" deles a Cristo por meio da predicación.

Obedeciam.

O tempo do verbo grego sugere continuidade: as conversões de sacerdotes seguiam produzindo-se. Com referência à necessidade de obedecer, ver com. cap. 5: 32.

Fé.

Há opiniões divergentes quanto à correta interpretação de "obedeciam à fé". A posição literal sustenta que a "fé" se refere ao conjunto de doutrinas cristãs ao qual os sacerdotes assentiam e pelas quais regiam suas vidas (cf. Hech. 13: 8; 14: 22; 16: 5; Gál. 1: 23). Entretanto, muitos comentadores pensam que aqui se emprega a palavra "fé" em um sentido subjetivo, e que Lucas diz que os sacerdotes manifestavam fé no Jesus. Isto harmoniza com uma forma comum de expressar-se no NT (cf. Hech. 24: 24; ROM. 1: 5; 16: 26; Gál. 3: 2). Uma fé tal compreende a doutrina cristã, porque esta é a que permite que os homens tenham uma fé inteligente no Jesus. Cf. com. ROM. 1: 5.

8.

De graça e poder.

Esta "graça" não só era o atributo divino (cf. com. Juan 1: 14, 16), a não ser a graça e a formosura de espírito com as quais apresentava a mensagem evangélico (cf. Luc. 4: 22). O "poder" era a virtude de fazer milagres. Parece que Esteban tinha tantos dons do Espírito como os doze.

Prodígios e sinais.

Ver com. cap. 2: 19. Estes milagres demonstravam o poder do qual estava investido Esteban. Não se sabe quanto tempo transcorreu entre a ordenação de Esteban como diácono e seu martírio; mas é provável que não tivesse sido um lapso prolongado.

9.

levantaram-se.

Ver com. cap. 5: 17.

Sinagoga.

Ver. T. V, pp. 57-59. Uma sinagoga podia ser estabelecida por dez adultos. Em tempos posteriores houve 12 sinagogas no Tiberias, e a tradição, possivelmente exagerando muito, diz que em Jerusalém havia 480. Embora esta última cifra não é digna de confiança, mostra que na capital havia grande número de sinagogas.

Libertos.

Palavra de origem latina que se usava para referir-se aos escravos que adquiriam sua liberdade. acredita-se que estes "libertos" eram judeus que haviam sido escravos no Império Romano, possivelmente descendentes de judeus levados cativos a Roma pelo Pompeyo no 63 A. C., e que depois foram postos em liberdade pelos romanos.

É difícil saber exatamente se havia uma ou mais sinagogas de libertos. O grego permite entender que havia uma, e que seus membros provinham de diferentes países. Também permite interpretar que eram dois: uma de cireneos e alexandrinos (cabe assinalar que nesses lugares havia grandes colônias de judeus), e outra dos de Cilícia e da Ásia. Alguns interpretam que havia cinco sinagogas: de libertos, de cireneos, de alexandrinos, dos da Ásia e de os de Cilícia; entretanto, é difícil sustentar esta última posição.

Os descobrimentos arqueológicos mostram que antes do ano 70 d. C. havia em Jerusalém pelo menos uma sinagoga dedicada especificamente para que se congregassem os judeus helenistas. Em Jerusalém tirou o chapéu uma inscrição em grego que relata a construção de uma sinagoga feita por um tal Teodoto, a qual era especialmente para o uso dos judeus da dispersão. A inscrição diz:

"Teodoto, [filho de] Veteno, sacerdote e dirigente da sinagoga, filho do chefe da sinagoga, neto de um chefe da sinagoga, construiu 194 a sinagoga para a leitura da lei e para o ensino dos mandamentos; e a câmara de visitas, e as habitações, e a provisão de água, para alojar ali aos estrangeiros que a necessitam, a qual [sinagoga] os pais dele e os anciões e Simónides fundaram" (Chamado no Seventh-day Adventist Bible Dictionary, baixo "Freedmen").

Embora não pode provar-se, é possível que esta fora a sinagoga dos libertos que se menciona nesta passagem. Seja como for, esta inscrição é um testemunho da existência de uma sinagoga helenista em Jerusalém, similar a aquela com cujos membros Esteban entrou em conflito.

os do Cirene.

Havia grande número de judeus no Cirene, na costa norte da África, entre Egito e Cartago. Josefo (Antiguidades xIV. 7. 2) cita ao Estrabón, geógrafo clássico, quem diz que no Cirene havia quatro classes de habitantes, das quais uma era de judeus. Os judeus do Cirene se destacaram pelas generosas oferendas que enviaram ao templo de Jerusalém, e tinham procurado a ajuda do César Augusto para que os protegesse das irregularidades nos impostos que lhes exigiam os governadores da província, quem havia procurado apoderar-se de suas dádivas (Vão. xVI. 6. 5). Simón cireneo, quem levou a cruz de Cristo, parece ter sido um desses judeus (ver com. Mat. 27: 32). Houve judeus do Cirene que estiveram presentes no Pentecostés (Hech. 2: 10), e no Hech. 11: 20 aparecem varões do Cirene pregando o Evangelho a os gentis na Antioquía.

Da Alejandría.

Provavelmente em nenhuma cidade do império, exceto Jerusalém, houvesse uma comunidade judia mais numerosa e influente que na Alejandría (ver T. V, P. 61). calcula-se que nesse tempo havia 100.000 judeus na Alejandría. Tinham sua própria seção, que formava um dos cinco distritos em que se dividia a cidade da Alejandría. Eram governados por seu próprio etnarca (Josefo, Antiguidades xIV 7. 2), como se tivessem formado uma república autônoma. Os governantes romanos os reconheciam como cidadãos (Vão. xIV. 10. 1). Em Alejandría se tinha traduzido o AT ao grego (ver T. I, P. 43); Filão, filósofo e escritor judeu, viveu ali durante o primeiro século da era cristã, e na Alejandría foi onde nasceu Apolos (cap. 18: 24).

De Cilícia.

No extremo sudeste da Ásia Menor. Uma das principais cidades de Cilícia era Tarso, onde nasceu Pablo. Ali viviam muitos judeus descendentes de 2.000 famílias que Antíoco o Grande tinha levado a Ásia Menor (Josefo, Antiguidades xII. 3. 4), para assegurá-la lealdade da província e possivelmente para ajudar a defendê-la. Por isso se diz em outra passagem (cap. 7: 58-60) é evidente que Saulo do Tarso estava em Jerusalém neste tempo, e parece que foi um dos que disputava com o Esteban. Os irrefutáveis argumentos de Esteban sem dúvida produziram no Saulo uma intensa oposição, embora se sugere que inconscientemente sentiu uma inquietante convicção (HAp 83).

Da Ásia.

Nos tempos do NT a Ásia era a província romana situada no que agora se conhece como a Ásia Menor. Compreendia as regiões que antes se chamavam Luta e Jonia. Efeso era sua cidade principal. No Pentecostés tinham estado pressente judeus da Ásia (cap. 2: 9). Alguns judeus provenientes da Ásia demonstraram mais tarde seu zelo pela defesa da santidade do templo (cap. 21: 27).

Disputando.

Literalmente "procurando juntos", ou seja "discutindo" ou "disputando". A disputa iniciaram-na judeus da dispersão. Eram homens piedosos que tinham vindo a Jerusalém com profundo espírito de consagração, porque quanto mais longe estão as pessoas do centro de sua devoção tão mais ciúmas revistam ser. Teve que haver algo no ensino do Esteban que os fazia pensar que estava diminuindo, ou possivelmente tratando de lhe tirar a singular importância espiritual do templo de Jerusalém (ver com. cap. 6: 13; 7: 1). Os que disputavam na sinagoga devem ter estado bem preparados para discutir temas teológicos com os cristãos.

10.

Não podiam resistir.

Neste episódio se cumpriu a promessa de Cristo feita a seus seguidores (Luc. 21: 15).

Sabedoria.

Cf. com. vers. 3. Nos Evangelhos lhe atribui sabedoria a Cristo (Mat. 13: 54; Luc. 2: 40, 52), e no Mat. 12: 42 se fala de "A sabedoria do Salomón". Mas Esteban foi o primeiro professor da nova sociedade a quem lhe atribuiu especificamente sabedoria. Se se tiver em conta a precisão com que descreve Lucas, esta palavra deve ter um significado específico; sugere que Esteban possuía uma visão singularmente clara da verdade e a capacidade para destacar verdades que antes não se percebiam.

Espírito.

Em primeiro lugar, faz-se referência à energia inspirada com a qual falava 195 Esteban. Compare-se este caso com o do Juan o Batista, quem obrava "com o espírito e o poder do Elías" (Luc. 1: 17).

11.

Subornaram.

Gr. hupobállIÇ- literalmente "jogar debaixo", com o sentido de "subornar",

"instigar secretamente". Este término se usa às vezes para referir-se à ação de empregar, instigar ou instruir a um agente secreto.

Palavras blasfemas.

Ver com. Mat. 12: 31. A acusação é mais clara no Hech. 6: 13. Esta se apoiava em uma distorção da verdade, assim como tinha ocorrido no caso de Jesus. Cristo foi acusado de blasfemar (ver com. Mat. 26: 65) porque se havia chamado a si mesmo Filho de Deus, "fazendo-se igual a Deus" (Mat. 26: 63-64; Juan 5: 18), e, conforme se afirmava, fava ameaçado com "derrubar o templo" (Mat. 26: 61). Cada uma destas acusações se apoiava em declarações feitas pelo Jesus. Esteban bem pôde haver dito o que aparentava dar fundamento a as acusações. Pôde ter ensinado que já não havia necessidade de que existisse o templo (Cf. Hech. 7: 48), assim como o tinha insinuado Jesus ao falar com a mulher samaritana (Juan 4: 21). Isto teria significado atacar as raízes mesmas do judaísmo e, naturalmente, despertou uma forte oposição. Frente a tal ensino, os saduceos e os fariseus se uniram para opor-se a ela. A blasfêmia era castigada com pena de morte mediante apedrejamento (Lev. 24: 16).

Moisés.

Quer dizer, contra os sistemas que Moisés tinha instituído e que se registraram no Pentateuco. Note-se que se menciona ao Moisés junto com Deus; isto assinala a grande importância que lhe dava ao caudilho dos hebreus, e sugere que o que se dizia contra Moisés se dizia contra Cristo.

12.

Instigaram.

"Amotinaram" (BJ), "puseram em movimento". Por meio destas falsas acusações encolerizaram às pessoas entre a qual Esteban fazia milagres (vers. 8).

Anciões.

Estes já tinham estado desgostados contra os apóstolos (cap. 4: 5-7) e não necessitavam que os incitasse muito para atacar ao Esteban.

Arremetendo.

"Vieram de improviso" (BJ), assim como o tinham feito os escribas e os fariseus com o Jesus no templo (Luc. 20: 1).

Concílio.

Este julgamento diante do concílio, assim como tinha ocorrido com o Jesus, foi o prelúdio de um fim violento (cap. 7: 57). Note-se quão parecido é o paralelismo entre o martírio do Esteban e o de seu Professor.

13.

Testemunhas falsas.

Ver com. vers. 11.

Este homem.

Estas palavras foram pronunciadas em forma depreciativa e sarcástica.

Palavras blasfemas.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto: "palavras". Omite-se o adjetivo.

Contra este lugar santo.

Quer dizer, contra o templo e seus imediatos arredores (ver com. cap. 3: 1).

A lei.

Esteban teve que ter insistido, como o tinha feito Jesus (Mat. 5: 17-19) e posteriormente o fez Pablo (Hech. 24: 14-16; 25: 8), que o cristianismo não estava introduzindo nenhuma mudança nos princípios morais básicos da lei que os judeus tanto amavam. Entretanto, era claro que a proclamação concernente ao Cordeiro de Deus equivalia ao fim do sistema de sacrifícios que explicava-se na lei. Tal predicación se interpretava como destruidora de quase tudo o que os judeus valoravam.

14.

Ouvimo-lhe dizer.

O ensino pôde ter sido mal entendida pelos sinceros de coração, e evidentemente foi mal aplicada pelos desonestos. Isto ocorre com relativa freqüência nos assuntos que acendem disputas religiosas.

Esse Jesus.

Outra referência depreciativa, embora nos lábios de um cristão este nome deve ter sido formoso (cf. cap. 2: 22). Note-se como as testemunhas falsas o atribuem ao Esteban a continuação da predicación de Cristo.

Destruirá este lugar.

Cf. com. Mat. 24: 2; 26: 61; 27: 40. As palavras de Cristo, possivelmente repetidas pelo Esteban, evidentemente tinham feito uma profunda e duradoura impressão na mente dos acusadores. Embora acreditavam que Cristo havia morto, estavam preocupados porque destruiria o templo e trocaria seus costumes em algum momento futuro.

Trocará os costumes.

É possível que esta acusação pudesse ter sido feita pelos fariseus, já que tem que ver com "costumes" (ver T. V, pp. 53-54). Embora era feita contra Esteban, ainda está unida ao Jesus do Nazaret e seus ensinos. Já tinham acusado ao Esteban quanto ao templo e a lei (vers. 13); agora o acusavam em relação com os "costumes" que tinham surto quanto ao templo e a lei. Afirmavam que 196 Moisés lhes tinha dado estas leis, mas tal asseveração não era válida. impuseram-se restrições difíceis, a maior parte de elas depois do retorno do exílio no ano 536 A. C., quase mil anos depois dos dias do Moisés (ver com. Mar. 7: 1-23, especialmente o vers. 3). Jesus tinha condenado fortemente estas tradições (Mat. 15: 1-13).

15.

Ao fixar os olhos. Este verbo é emprega com freqüência pelo Lucas (ver com. Hech. 1: 10). Era natural que os acusadores do Esteban o olhassem fixamente, perguntando-o que diria para defender-se. Os membros do concílio se assombraram pelo que viram e ouviram.

O rosto de um anjo.

Não basta dizer que o olhar do Esteban se devia a uma natural dignidade de expressão, ou que Esteban estava admiravelmente tranqüilo e sereno frente aos graves perigos que o ameaçavam. Sem dúvida seu rosto se iluminou com um brilho divino. O resplendor dos mensageiros angélicos se descreve vez detrás vez em as Escrituras. Por exemplo, no caso do "jovem" de Mar. 16: 5. O rosto do Moisés brilhou quando descendeu do monte Sinaí onde tinha estado na mesma presença de Deus (Exo. 34: 28-35). O rosto do Esteban também estava iluminado porque estava muito perto de Cristo, e pela luz da visão que estava por receber do Jesus, que está à mão direita de Deus (Hech. 7: 56).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE.

1-15 HAp 72-81; 3JT 53; SR 259-264

1 HAp 72

1-4 SR 259

1-6 MB 289

2 4T 356

2-7 HAp 73

3 HAp 75

4 Ev 71

7 DTG 231

7-8 P 197; SR 260

8-10 HAp 80; SR 262

11 SR 263

12-13 P 197

13 HAp 81

14-15 HAp 81; P 197

15 DMJ 32; ECFP 120; HAp 95; PP 340; PVGM 172; SR 263

CAPÍTULO 7

1 Permite ao Esteban responder contra a acusação de blasfêmia, 2 e demonstra que Abraão adorou a Deus corretamente, e como Deus escolheu aos patriarcas 20 antes de que nascesse Moisés e de que o tabernáculo e o templo fossem construídos; 37 que Moisés atestou de Cristo, 44 e que todas as

cerimônias externas foram ordenadas de acordo com o modelo celestial, para existir só por um pouco de tempo. 51 Repreendem sua rebelião e o ter dado morte a Cristo, o justo, de quem os profetas predisseram que viria ao mundo. 54 Esteban, que é apedrejado, encomenda seu espírito ao Jesus, e ora por seus inimigos.

1 O SUPREMO sacerdote disse então: É isto assim?

2 E ele disse: Varões irmãos e pais, ouçam: O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraham, estando na Mesopotamia, antes que morasse em Farão,

3 e lhe disse: Sal de sua terra e de sua parental, e vêem a terra que eu lhe mostrarei.

4 Então saiu da terra dos caldeos e habitou em Farão; e dali, morto seu pai, Deus transladou a esta terra, na qual vós habitam agora.

5 E não lhe deu herança nela, nem mesmo para assentar um pé; mas lhe prometeu que a daria em posse, e a sua descendência depois dele, quando ele ainda não tinha filho.

6 E lhe disse Deus assim: Que sua descendência seria estrangeira em terra alheia, e que os reduziriam a servidão e os maltratariam, por quatrocentos anos.

7 Mas eu julgarei, disse Deus, à nação da qual serão servos; e depois de isto sairão e me servirão neste lugar.

8 E lhe deu o pacto da circuncisão; e assim Abraham engendrou ao Isaac, e o circuncidou ao oitavo dia; e Isaac ao Jacob, e Jacob aos doze patriarcas.

9 Os patriarcas, movidos por inveja, 197 venderam ao José para o Egito; mas Deus estava com ele,

10 e lhe liberou de todas suas tribulações, e lhe deu graça e sabedoria diante de Faraó rei do Egito, o qual o pôs por governador sobre o Egito e sobre toda sua casa.

11 Veio então fome em toda a terra do Egito e do Canaán, e grande tribulação; e nossos pais não achavam mantimentos.

12 Quando ouviu Jacob que havia trigo no Egito, enviou a nossos pais a primeira vez.

13 E na segunda, José se deu a conhecer seus irmãos, e foi manifestado a Faraó a linhagem do José.

14 E enviando José, fez vir a seu pai Jacob, e a toda sua parental, em número de setenta e cinco pessoas.

15 Assim descendeu Jacob ao Egito, onde morreu ele, e também nossos pais;

16 os quais foram transladados ao Siquem, e postos no sepulcro que a preço de dinheiro comprou Abraham dos Filhos do Hamor no Siquem.

17 Mas quando se aproximava o tempo da promessa, que Deus tinha jurado a Abraham, o povo cresceu e se multiplicou no Egito,

18 até que se levantou no Egito outro rei que não conhecia o José.

19 Este rei, usando de astúcia com nosso povo, maltratou a nossos pais,
a fim de que expor à morte a seus meninos, para que não se propagassem.

20 Naquele mesmo tempo nasceu Moisés, e foi agradável a Deus; e foi criado
três meses em casa de seu pai.

21 Mas sendo exposto à morte, a filha de Faraó lhe recolheu e lhe criou
como a filho dele.

22 E foi ensinado Moisés em toda a sabedoria dos egípcios; e era poderoso
em suas palavras e obras.

23 Quando teve completo a idade de quarenta anos, veio-lhe ao coração o visitar
a seus irmãos, os Filhos do Israel.

24 E ao ver um que era maltratado, defendeu-o, e hiriendo ao egípcio, vingou
ao oprimido.

25 Mas ele pensava que seus irmãos compreendiam que Deus lhes daria liberdade por
emano dela; mas eles não o tinham entendido assim.

26 E ao dia seguinte, apresentou-se a uns deles que brigavam, e os punha em
paz, dizendo: Varões, irmãos são, por que lhes maltratam o um ao outro?

27 Então o que maltratava a seu próximo rechaçou, dizendo: Quem te há
posto por governante e juiz sobre nós?

28 Quer você me matar, como matou ontem ao egípcio?

29 Para ouvir esta palavra, Moisés fugiu, e viveu como estrangeiro em terra de
Madián, onde engendrou dois filhos.

30 Passados quarenta anos, um anjo lhe apareceu no deserto do monte
Sinaí, na chama de fogo de uma sarça.

31 Então Moisés, olhando, maravilhou-se da visão; e aproximando-se para
observar, veio a voz do Senhor:

32 Eu sou o Deus de seus pais, o Deus do Abraham, o Deus do Isaac, e o
Deus do Jacob. E Moisés, tremendo, não se atrevia a olhar.

33 E lhe disse o Senhor: Tira o calçado de seus pés, porque o lugar em que
está é terra Santa.

34 Certamente vi a aflição de meu povo que está no Egito, e ouvi
seu gemido, e descendi para liberá-los. Agora, pois, vêem, enviarei a
Egito.

35 A este Moisés, a quem tinham rechaçado, dizendo: Quem te pôs por
governante e juiz?, a este o enviou Deus como governante e libertador por mão
do anjo que lhe apareceu na sarça.

36 Este os tirou, fazendo prodígios e sinais em terra do Egito, e em
o Mar Vermelho, e no deserto por quarenta anos.

37 Este Moisés é o que disse aos Filhos do Israel: Profeta lhes levantará o

Senhor seu Deus de entre seus irmãos, como a mim; a ele ouvirão.

38 Este é aquele Moisés que esteve na congregação no deserto com o anjo que lhe falava no monte Sinaí, e com nossos pais, e que recebeu palavras de vida que nos dar;

39 ao qual nossos pais não quiseram obedecer, mas sim lhe desprezaram, e em seus corações se voltaram para o Egito,

40 quando disseram ao Aarón: nos faça deuses que vão diante de nós; porque a este Moisés, que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe haja acontecido.

41 Então fizeram um bezerro, e ofereceram sacrifício ao ídolo, e nas obras de 198 suas mãos se regozijaram.

42 E Deus se apartou, e os entregou a que rendessem culto ao exército do céu; como está escrito no livro dos profetas:

Acaso me ofereceram vítimas e sacrifícios

No deserto por quarenta anos, casa do Israel?

43 Antes bem levaram o tabernáculo do Moloc,

E a estrela de seu deus Renfán,

Figuras que lhes fizeram para as adorar.

Transportarei-lhes, pois, além de Babilônia.

44 Tiveram nossos pais o tabernáculo do testemunho no deserto, como tinha ordenado Deus quando disse ao Moisés que o fizesse conforme ao modelo que tinha visto.

45 O qual, recebido a sua vez por nossos pais, introduziram-no com o Josué ao tomar posse da terra dos gentis, aos quais Deus jogou da presença de nossos pais, até os dias do David.

46 Este achou graça diante de Deus, e pediu prover tabernáculo para o Deus do Jacob.

47 Mas Salomón lhe edificou casa;

48 embora o Muito alto não habita em templos feitos de mão, como diz o profeta:

49 O céu é meu trono,

E a terra o estrado de meus pés. Que casa me edificarão? diz o Senhor;

Ou qual é o lugar de meu repouso?

50 Não fez minha mão todas estas coisas?

51 Duros de nuca, e incircuncisos de coração e de ouvidos! Vós resistem sempre ao Espírito Santo; como seus pais, assim também vós.

52 A qual dos profetas não perseguiram seus pais? E mataram aos que anunciaram de antemão a vinda do Justo, de quem vós agora hão sido entregadores e matadores;

53 vós que receberam a lei por disposição de anjos, e não a guardaram.

54 Ouvindo estas coisas, enfureciam-se em seus corações, e rangiam os dentes contra ele.

55 Mas Esteban, cheio do Espírito Santo, postos os olhos no céu, viu a glória de Deus, e ao Jesus que estava à mão direita de Deus,

56 e disse: Hei aqui, vejo os céus abertos, e ao Filho do Homem que está à mão direita de Deus.

57 Então eles, dando grandes vozes, tamparam-se os ouvidos, e arremeteram a uma contra ele.

58 E lhe jogando fora da cidade, apedrejaram-lhe; e as testemunhas puseram seus roupas aos pés de um jovem que se chamava Saulo.

59 E apedrejavam ao Esteban, enquanto ele invocava e dizia: Senhor Jesus, recebe meu espírito.

60 E posto de joelhos, clamou a grande voz: Senhor, não tome neste conta pecado. E havendo dito isto, dormiu.

1.

É isto assim?

Pergunta-a do supremo sacerdote serve para interromper a admiração com que pressente-os contemplavam o rosto do Esteban; mas era uma maneira normal para começar um julgamento, e é análoga à pergunta que fez ao Jesus (Mat. 26: 62). Com ela lhe pedia ao acusado que admitisse ou negasse seu culpabilidade. A defesa do Esteban se apresenta a seguir.

2.

O disse.

A resposta do Esteban foi uma declaração de fé e também uma recriminação para seus acusadores. Ver a primeira Nota Adicional ao final deste capítulo.

Varões irmãos e pais.

O discurso do Esteban está cheio de dignidade, mas tem um tom mais familiar que o do Pedro (cf. cap. 4: 8). O acusado se dirige aos dirigentes judeus como a irmãos, mas mostra respeito pelos anciões. Pablo utilizou as mesmas palavras quando se dirigiu à multidão dos degraus da fortaleza (cap. 22: 1).

Deus da glória.

Quer dizer, o Deus manifestado ao Israel na glória da coluna de fogo e de nuvem, e a glória visível sobre o arca (Exo. 13: 21-22; 40: 34-35). A glória de Deus é seu caráter (ver com. Exo. 34: 6), glória que se revelou em forma impressionante na vida e obras do Jesucristo (ver com. ISA. 40: 5; Juan 1: 14; cf. Sant. 2: 1). A frase "Deus da glória" constitui um sábio começo para o discurso do Esteban. Refuta a acusação de blasfêmia, e prepara o caminho para um novo conceito de Deus, a quem os judeus afirmavam adorar.

Apareceu.

Isto mostra que Deus se manifestou antes de que existisse o templo. No 199 livro de Gênese se enumeram cinco manifestações divinas dadas ao Abraão, além das que se relacionaram com as exortações para que deixasse seu família e saísse de sua terra (cap. 12: 1-3; 15: 7): a promessa (cap. 12: 7), o pacto (cap. 13: 14-17), a ratificação do pacto (cap. 15), o pacto da circuncisão (cap. 17: 10) e a renovação do pacto no Mamre (cap. 18: 1).

Mesopotamia.

Quer dizer, a região entre o Tigris e o Eufrates (cf. com. Gén. 24: 10). Esteban parece limitar Mesopotamia à zona sul, junto ao golfo Pérsico. A cidade de onde Abraão era oriundo é chamada "Ur dos caldeos" (Gén. 11: 31; cf. Hech. 7: 4), da qual se diz que estava "ao outro lado do rio" (Jos. 24: 2-3), quer dizer, mais à frente do Eufrates. A cidade do Ur se há identificado e escavado (ver com. Gén. 11: 28).

Farão.

Ver com. Gén. 11: 31. Esteban parece distinguir entre Farão e Mesopotamia, embora esta cidade estava na parte noroeste do que, em términos generais, chama-se Mesopotamia.

3.

Sal de sua terra.

Esteban cita Gén. 12: 1, mas omite a frase "da casa de seu pai", provavelmente porque aplica esta passagem à saída do Abraão junto com a família de seu pai desde o Ur, em tanto que Gênese o refere ao momento quando Abraão deixou a seus parentes em Farão.

4.

A terra dos caldeos.

Corresponde aproximadamente com Babilônia (ver com. Gén. 10: 22).

Morto seu pai.

Ver com. Gén. 11: 26 onde se apresenta a relação entre esta declaração e Gén. 11: 26, 32; 12: 1. Taré morreu à idade de 205 anos; Abraão tinha então 75 anos.

Deus lhe transladou.

Quer dizer, Deus dirigiu sua migração; "Deus lhe fez emigrar" (BJ).

5.

Não lhe deu herança.

Como a posse de um sepulcro dificilmente pode chamar-se herança, o fato de que Abraão comprasse a cova da Macpela para enterrar a seus mortos (Gén. 23) confirma este fato em vez de contradizê-lo. Se tivesse herdado a terra não teria necessitado comprar uma tumba. Abraão utilizou as terras de pastoreio, principalmente incultas, da zona central e sul do Canaán para seus grandes rebanhos; mas estas terras não eram exclusivamente delas, e de nenhum modo podiam chamar-se "herança".

Mas lhe prometeu.

Cf. Gén. 12: 7; 13: 15-16.

Não tinha filho.

Abraão tinha 75 anos quando saiu de Farão (Gén. 12: 4), e 100 anos quando nasceu Isaac (Gén. 21: 5).

6.

Disse-lhe Deus.

Estas palavras são, em essência, as que aparecem no Gén. 15: 13-14, (LXX).

Em terra alheia.

Segundo a cronologia adotada por este Comentário, refere-se tanto ao Canaán como ao Egito (ver com. Gén. 15: 13).

Quatrocentos anos.

Ver com. Gén. 15: 13; Exo. 12: 40; T. I, P. 203-205.

7.

Sairão.

dentro da liberdade natural de uma narração, Esteban combina a promessa para Abraão com uma versão aproximada da promessa dada ao Moisés (Exo. 3: 12).

8.

O pacto da circuncisão.

Quer dizer, o pacto do qual a circuncisão era o sinal (ver com. Gén. 17: 10-14).

Engendrou ao Isaac.

O nascimento do Isaac foi uma evidência visível de que Deus cumpriria seu pacto com o Abraão. Ao circuncidar ao Isaac, Abraão seguiu cumprindo seus responsabilidades do mesmo pacto.

Patriarcas.

Com referência a este término, ver com. cap. 2: 29. Aqui a palavra se aplica aos doze filhos do Jacob, cada um dos quais foi fundador de uma família.

9.

Movidos por inveja.

Diz o relato que os irmãos do José "aborreciam-lhe" (Gén. 37: 4-5) e "o tinham inveja" (vers. 11). Este foi o primeiro argumento no tema de Esteban, de que os mensageiros de Deus sempre tinham sofrido a oposição de aqueles que em determinado tempo tinham sido os representantes da nação hebréia.

Venderam ao José para o Egito.

José foi vendido a uns mercados madianitas e a ismaelitas que se dirigiam a Egito (Gén. 37: 25, 28), e ali o venderam como escravo; portanto não têm validez as objeções contra esta forma com que se expressa Esteban. José mesmo disse a seus irmãos que eles o haviam "vendido para cá" (Gén. 45: 5), ao Egito.

Deus estava com ele.

Isto reflete o relato do Gén. 39: 2, 21, 23. A presença de Deus não está'e limitada a nenhum lugar, pois o Senhor estava com o José até no Egito pagão. A lembrança deste fato deve ter sido consolador para o Esteban durante seu julgamento.

10.

Liberou.

Gr. exairéÇ, que em sua voz medeia significa "resgatar", "libertar", "escolher para si". José não foi liberado do Egito mas sim de suas aflições no Egito. O mesmo ocorre quando 200 Deus libera a seu povo: dá-lhe força para triunfar sobre suas provas e aflições.

Governador.

Cf. Gén. 41: 38-45.

11.

Não achavam mantimentos.

A palavra que se traduz "mantimentos" é a que está acostumado a empregar-se para descrever a forragem do gado (Gén. 24: 25, 32, LXX). Mas a fome abrangeu mais que a comida dos animais, pelo qual é apropriado considerar que se faz referência a mantimentos para animais e para pessoas.

12.

Trigo.

Gr. sitíon, diminutivo de sítos, "trigo". Sitíon se emprega no plural, como aqui, para referir-se ao alimento feito de cereais.

Nossos pais.

Quer dizer, os dez filhos do Jacob enviados na primeira ocasião ao Egito (Gén. 42: 1-3). Esteban faz aqui algo mais que desenvolver uma seqüência histórica, pois está procurando mostrar que quão mesmos afligiram ao José, mais tarde dependeram da abundância que veio como fruto de sua sabedoria. Assim também os judeus dos dias do Esteban deviam procurar seu alimento espiritual em Jesus, a quem tinham aflito.

13.

Na segunda.

Cf. Gén. 45:1-4.

A linhagem do José.

Gr. génos, "raça", 'linhagem". José não tinha procurado ocultar sua origem hebréia (Gén. 41: 12), mas quando ocorreu esta crise foi de conhecimento geral, e foi manifestada ao mesmo Faraó (Gén. 45: 16).

14.

Sua parental.

Gr. suggéneia, "parental", "familiares", palavra que também aparece no vers. 3 e no Luc. 1: 61.

Setenta e cinco pessoas.

Ver com. Gén. 46: 26-27. Há várias tradições judias quanto ao número de pessoas que foram ao Egito (Talmud, Baba Bathra 123a, 123b).

15.

Descendeu Jacob.

Aqui começam os 215 anos da permanência dos hebreus no Egito (ver com. Gén. 15: 13; Exo. 12: 40; T. I, pp. 201-202), fora da terra prometida. Morreu ele. Alguns comentadores hão dito que se fala aqui da morte do José, mas o texto grego não permite esta interpretação.

16.

Foram transladados.

Exceto o enterro dos ossos do José no Siquem (Gén. 50: 25; Exo. 13: 19; Jos. 24: 32), não há nenhum registro bíblico de que se levou os corpos dos patriarcas ao Canaán. Josefo diz: "Seus corpos foram levados algum tempo depois por seus descendentes e os filhos destes ao Hebrón, onde foram enterrados" (Antiguidades iI. 8. 2). Uma antiga tradição judia

sustenta que os corpos dos patriarcas foram tirados do Egito durante o êxodo.

Comprou Abraham.

A compra da cova da Macpela, ao leste do Mamre, junto ao Hebrón, é a única transação deste tipo registrada no relato do Abraão (ver com. Gén. 23: 3-20). Aqui foram sepultados Abraão, Sara, Isaac, Blusa de lã e Leoa; entretanto, Abraão se tinha estabelecido primeiro no Siquem quando chegou ao Canaán, e tinha construído ali um altar (Gén. 12: 6-7). Possivelmente comprou terreno para que servisse como sepultura, mas não há nenhum registro da compra.

Compra-a do campo no Siquem é o único transação comercial registrado em o relato do Jacob na qual aparecem os filhos do Hamor como vendedores (Gén. 33: 19). Ali se erigiu um altar (Gén. 33: 20) e ali se enterraram os ossos do José; mas não há registro algum de que ali tivessem enterrado a seus irmãos ("nossos pais", Hech. 7: 15). Jerónimo, autor cristão do século IV, afirma (Epístola 108. 13) que em seus tempos se identificavam as tumbas de os 12 patriarcas. Isto corresponde com uma tradição samaritana conservada por muitos séculos. Possivelmente também coincida com alguma informação conhecida pelo Esteban, mas que não conhecemos hoje.

No Siquem.

Aqui se faz referência a Siquem do AT (ver com. Gén. 12: 6).

17.

O tempo da promessa.

Quer dizer, o tempo de seu cumprimento no êxodo dos israelitas do Egito (ver com. Gén. 15: 13-14; Exo. 12: 40; ver T. 1, pp. 198-204). Os pais morreram "sem ter recebido o prometido, a não ser olhando-o de longe" (Heb. 11: 13).

Cresceu e se multiplicou.

Ver com. Exo. 1: 7; 12: 37.

18.

levantou-se no Egito outro rei.

Não era outro da mesma linhagem, a não ser um rei muito diferente (ver com. Exo. 1: 8), que em forma definida tinha outra atitude para os hebreus.

Não conhecia.

Quer dizer, não tinha conhecido; o qual pode significar que o novo monarca desconhecia os grandes serviços emprestados pelo José ao Egito, ou que queria desconhecê-los (compare-se com o uso de "conhecer" no Mat. 7: 23; 25: 12).

19.

Astúcia.

Ver com. Exo. 1: 10.

Maltratou.

Josefo (Antiguidades iI. 9. 1) diz 201 que os egípcios obrigaram aos israelitas a fazer canais e diques na zona do Nilo.

A fim de que.

Melhor "obrigando-os a expor a seus meninos". Alude-se aqui ao que fez Faraó com os odiados hebreus (ver com. Exo. 1: 22).

20.

Naquele mesmo tempo.

Quer dizer, quando se estava expondo ao perigo aos meninos para que morreram.

Agradável a Deus.

Ver com. Exo. 2: 2. Josefo (Vão. iI. 9. 6) diz que a formosura do menino Moisés era tal que os que o viam o olhavam de novo para admirá-lo.

21.

Sendo exposto.

Jocabed, mãe do Moisés, cumpriu com a ordem do rei, mas ao mesmo tempo executou seu próprio plano (ver com. Exo. 2: 3).

Recolheu.

O verbo grego significa literalmente "levantar"; em sentido figurado, significa "escolher", e assim é usado no Fil. 1: 22. Seu sentido nesta passagem fica claro pela frase que segue.

Filho dele.

Ver com. Exo. 2: 5, 10. Josefo (Antiguidades iI. 9. 7) afirma que segundo a tradição judia o faraó que então reinava não tinha filho, e Moisés foi eleito para ser o herdeiro.

22.

Foi ensinado.

Também poderia traduzir-se "educado" ou "instruído". O AT não o diz especificamente, mas o sugere ao descrever a relação do Moisés com a casa de Faraó.

A sabedoria dos egípcios.

Ver com. Exo. 2: 11; 1 Rei. 4: 30. Há muitas lendas quanto aos primeiros quarenta anos da vida do Moisés. Filão apresenta detalhes dos cursos que estudou Moisés (Vida do Moisés I. 5), mas a Bíblia nada diz sobre este tema.

Poderoso em suas palavras.

Isto se aplica em primeiro lugar à maneira como falava Moisés enquanto era um

grande magistrado na corte egípcia, e não contraria sua declaração posterior: "sou demoro para a fala e torpe de língua" (ver com. Exo. 4: 10), a qual fez depois de seus quarenta anos no Madián. Também pode entender-se como um resumo da obra do grande líder.

E obras.

Embora não há registro bíblico dos fatos do Moisés de seus primeiros quarenta anos, seria estranho que um que depois demonstrou ter tantos dons não os tivesse manifestado já em sua juventude (ver com. Exo. 2: 11). Josefo (Antigüedaes iI. 10) narra sua campanha vitoriosa contra os etíopes.

23.

Quando teve completo a idade de quarenta anos.

O AT não dá nenhuma informação precisa quanto à idade que tinha nesta ocasião. indica-se que Moisés tinha 80 anos quando foi enviado ao Faraó (Exo. 7: 7) e 120 quando morreu (Deut. 34: 7). A antiga tradição judia divide a vida do Moisés em três períodos de quarenta anos cada um (Midrash Rabbah com. Gén. 50: 22). Esteban emprega uma divisão similar: (1) 40 anos no Egito, (2) 40 anos como pastor no deserto, (3) 40 anos enquanto conduziu a seu povo do Egito até as fronteiras do Canaán.

Visitar.

Gr. episképtomai, "olhar", com o sentido de preocupar-se com o bem-estar de uma pessoa, "vigiar" (cf. Exo. 4: 31; Luc. 7: 16; Sant. 1: 27). Moisés estava empenhado em ajudar a seus compatriotas (ver com. Exo. 2: 11).

24.

Era maltratado.

Com golpes (cf. Exo. 2: 11).

Hiriendo ao egípcio.

Matou-o (ver com. Exo. 2: 12).

Vingou ao oprimido.

Literalmente "defendeu ao que era atormentado". Iniciou assim a obra que deveria ter deixado ao Senhor.

25.

Mas ele pensava.

Deu por sentado que os hebreus entenderiam o que tinha feito e por que o fazia; mas logo se desiludiu. O que se diz neste versículo não aparece em forma explícita no AT, mas o Espírito Santo pôde haver-lhe revelado a Esteban. Es posible que Esteban estuvier sugiriendo una comparación revelado ao Esteban. É possível que Esteban estivesse sugiriendo uma comparação entre o Moisés e Jesus, ambos rechaçados pela gente a quem tinham procurado ajudar.

Por mão dela.

Parece que ao Moisés tinha sido revelado que ele teria que liberar ao Israel; mas acreditava erroneamente que a obra se faria com os mesmos meios que usualmente empregavam os egípcios para fazer respeitar sua autoridade.

Não o tinham entendido assim.

Esta declaração singela mas expressiva destaca a dureza de coração do povo escolhido. Com muita freqüência o povo de Deus não compreende e não está preparado para aceitar os atos de liberação de Deus (compare-se com a atitude dos judeus para com Cristo, Juan 1: 11).

26.

Deles.

Os que brigavam eram dois hebreus (Exo. 2: 13).

Punha-os em paz.

Quer dizer, tratava de conseguir que se reconciliassem.

Varões, irmãos são.

O sentido de fraternidade que acabava de surgir no Moisés era tão poderoso, que não podia tolerar coisa alguma 202 que não fora unidade fraterna entre os hebreus que sofriam juntos.

27.

Quem te pôs por governante?

Como se destaca no vers. 35, Esteban põe de relevo este primeiro desafio à autoridade do Moisés para mostrar que os mensageiros de Deus, enviados para o bem da nação, tinham sido rechaçados em toda a história do Israel. O repudio contra Jesus foi a culminação desses rechaços.

28.

Quer você?

Ver com. Exo. 2: 14.

29.

Moisés fugiu.

No breve bosquejo apresentado pelo Esteban se passa por cima o fato de que Faraó se inteirou do ocorrido e procurou capturar ao Moisés. Josefo diz que Moisés teve que fugir por causa do ciúmes dos egípcios, quem temia que encabeçasse uma revolta (Antiguidades iI. 11. 1).

Madián.

Gr. Madiám; Heb. midyan. Ver com. Exo. 2: 15-16.

Engendrou dois Filhos.

Gersón e Eliezer. Sua mãe foi Séfora, filha do Jetro (ver com. Exo. 4: 20; 18: 2-4).

30.

Quarenta anos.

Somando os 40 anos do vers. 23, chega-se aos 80 que tinha Moisés quando foi chamado para liberar o Israel (ver com. Exo. 7: 7).

Um anjo.

A referência que faz Esteban ao episódio do Moisés junto à sarça ardente, foi indiretamente uma resposta à acusação de que tinha falado contra Moisés, pois lhe atribui a devido honra por ter tido uma experiência pessoal com Deus. Com referência à identificação desse anjo com o Senhor, ver com. Exo. 3: 2.

Chama de fogo.

Ver com. Exo. 3: 2.

Uma sarça.

Gr. bátos, "espinheiro", "sarça". É impossível identificar com precisão esta planta.

31.

maravilhou-se.

Cf. Exo. 3: 3.

Voz do Senhor.

Ver com. Exo. 3: 2.

32.

Deus do Abraham.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pela omissão das palavras "o Deus de" antes do Isaac e do Jacob. Se Esteban, como o indica a tradição, foi (ver com. cap. 6: 5) um dos setenta, sem dúvida tinha ouvido o Jesus citar estas palavras como testemunho contra a incredulidade dos saduceos assim que à ressurreição (Mat. 22: 32). Se alguns desses mesmos saduceos estiveram no concílio, teriam recordado essa referência quando Esteban se dirigia a eles. Essas palavras majestosas teriam trazido para sua memória a promessa da ressurreição e como esta ficou comprovada com a ressurreição do Jesus.

33.

Tira o calçado de seus pés.

No Exo. 3 esta ordem lógicamente precede ao momento quando Deus se dá a conhecer ao Moisés, quem dificilmente teria necessitado receber instruções uma vez que tivesse reconhecido a presença de Deus. O fato de que Esteban usasse este episódio fazia destacar seu verdadeiro respeito pelos lugares Santos, e mostrava

que a presença de Deus não se limitava aos recintos do templo de Jerusalém (ver com. Exo. 3: 5).

34.

Vi.

Este versículo é um resumo do Exo. 3: 7-8, 10.

Enviarei-te.

Esteban possivelmente empregou este versículo para sugerir a seus ouvintes a maneira em que Cristo, como Moisés, tinha sido enviado em resposta à oração para aliviar a aflição e liberar a seu povo (ver com. vers. 35).

35.

A este Moisés.

Esta frase expressa com ênfase que Moisés foi honrado Por Deus, pois a ele se o apareceu.

A quem tinham rechaçado.

destaca-se de novo que Moisés foi rechaçado pelo povo hebreu, embora tinha tão bom testemunho como mensageiro de Deus. Talvez Esteban insinuava que seus ouvintes tinham atuado do mesmo modo ao rechaçar ao Jesucristo.

Libertador.

Gr. lutrÇt's, "libertador", "redentor". Esta palavra só aparece aqui no NT, mas na LXX se usa como tradução do término hebreu go'o (ver com. Sal. 19: 14; cf. com. Rut 2: 20). Embora tenha o sentido básico de "libertador", no uso bíblico suporta o significado mais amplo associado a a idéia hebréia do parente redentor. Moisés libertou, e portanto redimiu a seu povo do Egito; mas Cristo libera ou redime a seu povo do pecado e da morte.

Por mão.

Esta frase faz notar que a obra do Moisés foi feita em cooperação com os poderes celestiales. Quanto à identidade do anjo ver com. Exo. 3: 2; cf. com. Hech. 7: 30.

36.

Tirou-os.

Moisés pôde fazê-lo, pois dispunha do poder de Deus (ver com. Exo. 3: 12).

Prodígios e sinais.

Ver com. cap. 2: 19, 22; 6: 8; cf. T. V, P. 198.

Mar Vermelho.

Este é o nome que lhe davam os gregos ao mar que os hebreus chamavam mar dos Canos (ver com. Exo. 10: 19). Não se sabe exatamente por que recebia

esses dois nomes. 203

Quarenta anos.

Cf. Núm. 14: 33; Deut. 29: 5.

37.

Profeta.

Esteban, quão mesmo Pedro (ver com. cap. 3: 22), refere-se à profecia de Deut. 18: 15-18, e como Pedro, entende que essa profecia se cumpriu em Jesus. Agora decide confrontar ao sanedrín com este profeta -Jesus- a quem eles tinham crucificado.

A ele ouvirão.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a omissão destas palavras, mas estabelece sua inclusão no Hech. 3: 22 onde se cita a mesma passagem do AT.

38.

A congregação.

Gr. ekkl'era, "assembléia", "congregação" (ver com. Mat. 18: 17).

No deserto.

Esteban se está refiriendo à assembléia da nação hebréia no monte Sinaí antes de que lhe desse a lei (Exo. 19).

Com o anjo.

Como no vers. 35, o anjo é o Senhor mesmo, assim como no vers. 31 a voz que falou foi "a voz do Senhor".

Palavras de vida.

Gr. lógia z^nta, "ditos viventes". Em grego, lógion é diminutivo de lógos, "palavra", e se emprega para referir-se ao que diz uma pessoa, sobre tudo o que diz um deus, quer dizer, um oráculo. Na LXX se aplica esta palavra aos "ditos" de Deus (Núm. 24: 4, 16), e Filão (ver T. V. P. 93) aplica-a ao Decálogo. A RVR sempre traduz "palavra" ou "palavras" (ROM. 3: 2; Heb. 5: 12; 1 Ped. 4: 11). Aqui se emprega esta frase para descrever a lei recebida por Moisés e transmitida a gerações sucessivas. Estes oráculos são considerados "vivos", quer dizer, que permanecem de geração em geração (cf. Heb. 4: 12; 1 Ped. 1: 23).

39.

Não quiseram obedecer.

Esta rebelião dos Filhos do Israel ocorreu um mês depois de sua liberação em o mar Vermelho e antes de que chegassem ao Sinaí (Exo. 16: 2-3). Enquanto Moisés esteve no monte, o descontentamento deles os levou a apostasia (Exo. 32: 1), tal como o diz Esteban nos versículos seguintes; e, por dedução, apresenta um paralelo entre o proceder dos israelitas para com o Moisés e o dos judeus para com o Jesus. A gente de ambas as épocas desobedeceu ao que era

seu redentor. Quanto à obediência, ver com. Hech. 5: 32.

Em seus corações.

Não retornaram ao Egito fisicamente, a não ser desejavam intensamente desfrutar de os mantimentos que tinham comido no país de seu cativeiro (ver com. Exo. 16: 3; cf. com. Núm. 11: 4-6). " esposa do Lot também olhou atrás para a Sodoma, e morreu (Gén. 19: 26). O Senhor desaprova ao que põe sua mão no arado, e logo olhe atrás (Luc. 9: 62).

voltaram-se.

Esteban se refere às vicissitudes registradas no Exo. 16: 2-3; 32: 1-6; mas houve muitas outras similares (Exo. 17: 1-3; Núm. 11: 1-5; 14: 1-4; etc.).

40.

nos faça deuses.

Ver com. Exo. 32: 1. Esteban mostra como a falta de fé dos israelitas em a direção do Moisés os levou a uma das piores forma de pecado: a idolatria.

41.

Fizeram um bezerro.

Ver com. Exo. 32: 4-5. Os hebreus provavelmente tinham visto os egípcios adorar ao touro Mnevis no Heliópolis, ou ao boi APIs no Menfis, e desejavam ter uma imagem similar para representar ao grande Deus do universo.

Ido-o.

Os hebreus proclamaram que o bezerro de ouro era um deus (Exo. 32: 4), mas Esteban o chama com toda correção um "ídolo".

As obras de suas mãos.

A adoração de um ídolo não só é a negação de Deus, mas também, o que é ainda pior, coloca a um objeto feito pelo homem no lugar do Senhor. O idólatra dá-lhe as costas a seu Fazedor, e em vez de inclinar-se ante ele, inclina-se ante o que ele mesmo tem feito. Cf. Ouse. 6: 6.

regozijaram-se.

Melhor "regozijavam-se"; quer dizer, continuavam na idolatria e nas orgias que a acompanhavam. O verbo descreve a alegria de um festim, como no Luc. 15: 23-24, 29 (cf. com. Exo. 32: 5-6). Moisés não ouviu gritos de guerra, a não ser "voz de cantar" (Exo. 32: 18).

42.

E Deus se apartou.

Israel se tinha afastado do Moisés, representante de Deus, e agora Deus se separou-se deles (cf. Jos. 24: 20).

Deus abandona aos seres humanos só quando estes chegam a uma condição

espiritual terrível (ver com. Ouse. 4: 17; 5: 6). Pablo descreve esta catastrófica situação em ROM. 1: 24, 26, 28.

Que rendessem culto.

Gr. latréuÇ, "servir"; no NT se usa com referência ao serviço religioso, ou seja "render culto".

Exército do céu.

Ver com. Deut. 4: 19; Sof. 1: 5. Ao Israel lhe tinha advertido que tal culto era uma forma de idolatria (Deut. 4: 19; 17: 3). Mas tanto os historiadores (2 Rei. 17: 16; 23: 5; 2 Crón. 33: 3, 5) como os profetas (Jer. 8: 2; 19: 13; Sof. 1: 5) registram que a advertência foi dada em vão. Este culto dos astros se conhece como sabeísmo.204

O livro dos profetas.

Quer dizer, os profetas do AT (ver com. Luc. 24: 44). Os judeus geralmente consideravam que os escritos dos doze profetas menores formavam um sozinho livro. Seguindo o costume da época, Esteban não identifica ao autor do que entrevista.

Acaso me ofereceram?

Com ligeiras modificações, a entrevista corresponde com o Amós 5: 25-26 (LXX). Desde o ponto de vista histórico deve responder-se com uma afirmação, pois no deserto se ofereceram sacrifícios a Deus; mas espiritualmente a resposta é negativa, porque muitos dos israelitas, apesar de oferecer sacrifícios a Deus, estavam também adorando deuses falsos e o Senhor rechaçou seu culto compartilhado.

43.

Antes bem.

Melhor "e". Com ligeiras variações, este versículo é uma entrevista do Amós 5: 26 (LXX), que difere bastante do texto masorético hebreu. Esta passagem relaciona o culto inaceitável do Israel com sua devoção aos ídolos. Enquanto o Israel ia pelo deserto só deveria ter levado o tabernáculo do Senhor, mas muito freqüentemente também levou o tabernáculo de uma imagem pagã.

Moloc.

Um deus a quem se ofereciam sacrifícios humanos. Ver com. Lev. 18: 21; 20: 2; Jer. 7: 31. Nestes textos se proíbe totalmente o culto ao Moloc, mas a proibição tinha sido em vão (2 Rei. 16: 2-3; 23: 10; Jer. 7: 31; 32: 35; Eze. 23: 37; etc.).

Renfán.

Nos MSS gregos a grafia deste nome varia muito. No Amós 5: 26 (LXX), de onde se toma esta entrevista, lê-se raifán, palavra que parece ter sido considerada como equivalente do hebreu kiyyun (ou kewan), que possivelmente seja um de os nomes babilônicos de Saturno. De todos os modos é claro que Amós, a quem cita Esteban, condenação o culto aos astros. portanto, Esteban tem toda a razão ao condenar aos antigos judeus como idólatras.

além de Babilônia.

No Amós 5: 27, de onde está tomado este versículo, tanto o hebreu como a LXX dizem "Damasco". Até os tempos do Amós, Síria, representada por Damasco, tinha sido um sério inimigo tanto do Israel como do Judá. O cativeiro babilônico ainda não tinha tido lugar, mas Esteban olhando para trás, vê que Babilônia sobressai como o inimigo máximo dos judeus, e sem dúvida por essa razão disse Babilônia e não Adamascado. Nos vers. 37-43 Esteban destacou as apostasias dos hebreus, quem se separou de Deus ao apartar-se do Moisés, e em seus dias se rebelaram contra Deus ao opor-se ao Jesus.

44.

O tabernáculo do testemunho.

Ver com. Exo. 25: 8; Núm. 9: 15.

Quando disse.

Melhor "como mandou o que disse ao Moisés" (BJ). Ver com. Exo. 25: 8-9.

Conforme ao modelo.

Ver com. Exo. 25: 9. A argumentação do Esteban equivale a dizer que o santuário celestial é o mais importante e central, e por isso destaca a natureza passageira do tabernáculo terrestre como a sede central da adoração a Deus.

45.

Recebido a sua vez.

Receberam o tabernáculo de seus pais. A geração seguinte a do êxodo foi a que levou o tabernáculo ao Canaán, porque todos os que saíram de Egito, exceto Caleb e Josué, morreram no deserto.

Josué.

Gr. I'sóus, "Jesus", equivalente ao Heb. yehoshua'(ver com. Mat. 1: 1).Uma clara referência ao Josué, quem introduziu no Canaán aos israelitas e o tabernáculo.

Gentis.

Quer dizer "nações", ou "pagãos", refiriéndose especificamente aos cananeos.

Aos quais Deus arrojou.

Ver com. Deut. 9: 3; Sal. 44: 2.

Os dias do David.

Esta frase pode ter duas aplicações: (1) que a população cananea nativo da Palestina não foi totalmente conquistada até os dias do David, (2) que o tabernáculo foi o centro do culto israelita inclusive durante o reinado de David. O templo substituiu ao tabernáculo depois do reinado deste rei.

46.

Achou graça.

David, favorecido Por Deus, quis construir o templo; mas Deus não se o permitiu (ver com. 2 Sam. 7: 1-17; 1 Crón. 22: 6-10).

Prover tabernáculo.

O grego diz "encontrar um tabernáculo". Esta expressão parece ser um pouco sente saudades dentro do contexto. É uma entrevista de Sal. 132: 5 (LXX). A palavra grega que se traduz "tabernáculo" é sk'nÇma, que possivelmente possa traduzir-se melhor como "morada" (BJ), posto que o tabernáculo (sk'n') tinha existido dos tempos do Moisés, e David desejava construir um templo permanente.

Deus do Jacob.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo texto: "casa do Jacob". Sal. 132: 5 (LXX), de onde Esteban cita esta passagem, diz "Deus do Jacob".

47.

Salomón lhe edificou casa.

Ver com. 1 Rei. 6: 1. 205

48.

Embora.

"Embora" (BJ). Destaca-se um contraste. com os versículos anteriores que falam do tabernáculo e do templo como lugares onde Deus se encontra com os homens, e os vers. 48-49 que destacam o fato de que Deus não mora em edifícios feitos pelo homem.

O Muito alto.

Quanto a esta maneira de chamar deus, ver com. Gén. 14: 18 .

Não habita.

No grego diz que Deus não habita em "coisas fabricadas por mão". Se subentende a palavra "templos" (RVR) ou "casas" (BJ). Ver com. Heb. 9: 11, 24. Aos judeus não teria por que haver lhes recordado a onipresença de Deus, pois lhes tinha instruído bem quanto a este aspecto da natureza divina (ver com. 1 Rei 8: 27; Sal. 139: 7-13); mas se haviam concentrado tanto na verdade de que o Senhor tinha prometido favorecer ao tempero com sua presença, que limitavam ao Muito alto a este edifício. E o que era pior, tinham chegado a reverenciar mais o edifício que a Aquele para quem tinha sido construído. Isto os incapacitou para reconhecer e receber a Deus "manifestado em carne" (1 Tim. 3: 16) quando se encarnou e viveu entre eles.

Pablo, que tinha escutado a defesa do Esteban, empregou um argumento similar ao falar com os filósofos de Atenas (Hech. 17: 24-25).

Diz o profeta.

A entrevista é do Isaías, o profeta evangélico (cap. 66: 1-2), quem viu deus em seu templo celestial (cap. 6: 1-7).

49.

O céu é meu trono.

Esteban cita a LXX quase textualmente. Ver com. ISA. 66: 1-2. Isaías destaca que o Muito alto não pode reduzir-se aos limites humanos, mas deseja viver com quebrantado-los e humildes de coração (cap. 57: 15). Estas palavras foram um reprove para quão judeus as escutavam. Seu culto estava centralizado no templo terrestre, e portanto estavam longe de ser humildes de coração. Esteban os precatória a aceitar ao Ser divino que tinha caminhado entre eles com tanta humildade, e lhes tinha mostrado o formoso caráter do Pai celestial. Muitos dos sacerdotes já tinham aceito o Evangelho (Hech. 6: 7); outros o fariam depois. Estes conversos que tinham deixado o antigo sistema simbólico, estavam construindo um templo espiritual no coração dos homens.

51.

Duros de nuca!

Esta repentina mudança de tom no discurso do Esteban deve atribuir-se, sem dúvida, à ira crescente do sanedrín e o ressentimento causado pelas palavras do mártir (cf. HAp 82; Mat. 26: 65). Parece que Esteban, ao compreender que se aproxima seu fim, e que nenhum argumento adicional poderá trocar a situação, pronuncia uma dura reprimenda. Os adjetivos que usou já haviam sido aplicados aos israelitas de antigamente: "duros de nuca" (Exo. 33: 3, 5; 34: 9), e "incircuncisos de coração"(Lev. 26: 41). No Ezequiel 44: 7 se aplica esta frase aos "estrangeiros". além de lhes dizer que sua veneração do templo era excessiva e inútil, Esteban os compara com os gentis. Não poderia haver-se arrojado um pior insulto contra essa gente furiosa.

Resistem sempre ao Espírito Santo.

Este foi um resumo histórico exato, porque dos dias do Moisés -a quem seus pais tinham desobedecido- até os dias do Jesucristo -a quem haviam crucificado-, os israelitas tinham resistido ao Espírito Santo. A palavra grega que se traduz "resistir" (antipíptÇ), implica uma resistência ativa e intensa.

52.

A qual dos profetas?

Este é um eco das palavras do Jesus mesmo (Mat. 5: 12; Luc. 11: 47; 13: 34). Quanto à história da perseguição dos profetas, ver com. Mat. 5: 12; 23: 37 (cf. 1 Lhes. 2: 15; com. 2 Crón. 36: 16).

Justo.

Este excelso título se aplica ao Jesus no Hech. 3: 14; 22: 14. Na literatura feijão este nome se aplicou ao Mesías esperado (Enoc 38: 2) sugerido possivelmente pela ISA. 11: 4-5. A esposa do Pilato empregou esta palavra para referir-se ao Jesus (Mat. 27: 19). A igreja primitiva parece ter aceito este título. Um exemplo de sua aplicação pode ver-se em 1 Juan 2: 1 onde Jesus é chamado "justo". Cristo, que tinha sido condenado como malfeitor, destacava-se entre todos os homens como "o justo". E como ele, Esteban tinha recebido esta mesma justiça, e se destacava em contraste com os que, movidos por sua ímpia fúria, estavam a ponto de matá-lo.

fostes.

Melhor "chegastes a ser".

Entregadores e matadores.

Esteban vendo no rosto de seus perseguidores a sorte que logo o tocaria, recorda-lhes o que tinham feito com o Jesus.

53.

Por disposição de anjos.

Quer dizer "mediante anjos" ou tal como Deus deu instruções aos anjos para que a dessem. 206 Foi Cristo, o Filho de Deus, quem deu a lei no monte Sinaí (ver com. Exo. 20: 2). O era também o Anjo do pacto (ver com. Exo. 23: 20). Mas com o Senhor houve uma hoste de anjos no monte Sinaí (cf. com. Deut. 33: 2; Sal. 68: 17; Gál. 3: 19; Heb. 2: 2). No Deut. 33: 2, ao descrever o momento quando Deus deu a lei, diz-se que "veio de entre dez milhares de Santos, com a lei de fogo a sua mão direita". A LXX traduz: "a sua direita anjos com ele". Josefo (Antiguidades xV. 5. 3) apresenta a mesma idéia.

Não a guardaram.

Esta afirmação é um agudo contraste com a anterior: "receberam a lei". Teve que ter sido um rude golpe para os que escutavam: não tinham guardado nem a letra nem tampouco o espírito da lei. A lei, dada por anjos, poderia ter sido a glória do Israel; mas sua perversão estava precipitando seu vergonha e destruição.

54.

enfureciam-se em seus corações.

Ver com. cap. 5: 33. "Seus corações se consumiam de raiva" (BJ). Esta não é a mesma emoção do cap. 2: 37; não produziu arrependimento, a não ser ira e fúria.

Rangiam os dentes contra ele.

Esta expressão aparece em mais de uma ocasião no NT (Mat. 8: 12; 13: 42; etc.); mas aqui é uma manifestação literal de ira. Os judeus haviam permitido que sua irritação fora além dos limites de seu domínio próprio. Mudos de ira, queriam fazê-lo pedaços assim como as bestas ferozes rasgam seu presa com os dentes.

55.

Mas Esteban.

Note o contraste entre o Esteban e seus furiosos inimigos.

Cheio.

Isto não indica uma repentina inspiração, a não ser contínua. Esteban tinha estado nas mesmas condições tanto ao princípio (cap. 6: 5) como ao final: estava "cheio do Espírito Santo".

Postos os olhos.

Ver com. cap. 1: 10.

No céu.

Esteban viu "os céus abertos" (Hech. 7: 56; cf. com. ISA. 6: 1). Nenhum de pressente-os viu a glória dos céus abertos; portanto, esta afirmação do Esteban de que via essa glória agravava, segundo eles, seu culpabilidade. Mas só os profetas podem nos dizer se o que virem o contemplam com o olho interior espiritual, ou mediante uma aguda penetração do sentido físico (cf. Mat. 3: 16; 2 Cor. 12: 2-6).

Viu a glória de Deus.

Cf. com. Gén. 3: 24; Exo. 13: 21; Juan 1: 14; Hech. 7: 2. O discurso de Esteban começou com uma referência ao "Deus da glória", e concluiu descrevendo uma visão de glória divina que brilhava em sua mente. Quão absorto deve ter estado contemplando essa glória! Esqueceu os perigos de morte desse momento, e entregou inteiramente à visão celestial.

Estava.

Melhor "que estava em pé à mão direita de Deus" (BJ). Pelo general, diz-se que Cristo está sentado à mão direita de Deus.

A mão direita de Deus.

Ver com. Mat. 26: 64. A visão do Pai e do Filho fortaleceu a seu fiel e sufriente servo.

56.

Filho do Homem.

além dos Evangelhos, este título só aparece aqui e no Apoc. 1: 13; 14: 14. Esteban pôde ter ouvido de lábios do Jesus ou dos apóstolos, pois apresentou seu discurso antes de que se escrito algum Evangelho. É provável que os membros do sanedrín recordassem que Jesus mesmo havia empregado este título quando foi julgado ante eles (Mat. 26: 64). Então tinham catalogado como blasfêmia essa declaração do Jesus. Quanto a este título, ver com. Mar. 2: 10; cf. t.V. pp. 894-895.

57.

Dando grandes vozes.

Gritaram para silenciar ao Esteban, e não escutá-lo nem reconhecer sua falta na presença da glória de Deus.

tamparam-se os ouvidos.

Consideraram que as palavras do Esteban eram blasfemas, e não quiseram escutar mais. Desta maneira demonstraram que mereciam o que se estava dizendo deles no vers. 51. Os blasfemos eram eles, não Esteban.

Arremeteram a uma contra ele.

Satanás tinha conseguido que houvesse no sanedrín o tipo de unidade requerido pela lei (Deut. 13:9-10) quando terei que executar a uma pessoa. Não foi necessário esperar que se desse um veredicto oficial. Seu desejo e sua decisão foram unânimes. Com referência aos aspectos judiciais deste procedimento, cf. com. Mat. 26:59.

58.

lhe jogando fora.

Segundo Lev. 24: 14, que ia ser apedrejado tinha que ser levado fora do acampamento, o que nos dias do Esteban equivalia a ser levado fora dos muros de Jerusalém.

Apedrejaram-lhe.

Melhor "apedrejavam-lhe". O tempo do verbo grego sugere que enquanto o mártir orava (vers. 59- 60), seguiam lhe apedrejando. Segundo a lei mosaica, a morte por apedrejamento era o castigo pela blasfêmia (Lev. 24: 14-16; ver com. Juan 8: 7); ateram-se a esta lei, mas sob o governo 207 romano não tinham autoridade para aplicar a pena de morte, sobre tudo se Esteban era cidadão romano (ver com. Hech. 6: 5). Entretanto, era possível subornar a os funcionários romanos para que guardassem silêncio (HAp 80, 83). Pilato, que ainda era procurador (ver. T. V, pp. 68-69), bem pôde ter estado ausente da cidade nesse momento; mas dificilmente teria querido impedir o atropelo contra Esteban depois de seu episódio humilhante no julgamento do Jesus. O feito de que os membros do sanedrín não cumprissem a lei romana nem tampouco seus próprios regulamentos legais (ver a segunda Nota Adicional do Mat. 26), sugere que a fúria do momento pôde ter dominado à turfa, sem pensar que a morte do Esteban tinha que ajustar-se a uma determinada lei.

Puseram suas roupas.

A lei mosaica exigia que o acusador lançasse a primeira pedra contra o acusado (Deut. 17: 7; cf. com. Juan 8: 7). Os mantos largos e folgados que levavam teriam impedido a livre ação dos braços dos verdugos, e por o tanto os tiraram (cf. Hech. 22: 20).

Um jovem.

Gr. neanías, "jovem". Esta palavra se usava para referir-se a homens que estavam entre os 20 e os 40 anos; portanto, este vocábulo não ajuda para determinar a cronologia da vida do Pablo (cf. com. File. 9). Com referência a uma possível data para o martírio do Esteban ver P. 102.

Saulo.

Quanto ao significado deste nome, ver com. 1 Sam. 9: 2. Na segunda Nota Adicional deste capítulo apresenta a vida do Saulo antes deste episódio, sua presença no martírio do Esteban e sua seguinte mudança de nome.

59.

Invocava.

O texto não diz explicitamente quem era invocado, mas a oração do Esteban

indica claramente que se dirigia ao Senhor Jesus, a quem acabava de ver a mão direita de Deus (vers. 56).

Recebe meu espírito.

Ver com. Mat. 27: 50; Luc. 8: 55; Hech. 7: 60. Note-se que Lucas registra uma oração similar do Jesus quando estava a ponto de morrer (Luc. 23: 46).

60.

Posto de joelhos.

prostrou-se para adorar e implorar a Aquele a quem tinha visto a mão direita de Deus, embora seja indubitável que o apedrejamento o obrigou a tomar esta posição.

Não tome em conta.

Pouco era o que Esteban podia fazer em relação com os pecados passados de seus perseguidores, mas tinha o direito de pedir perdão por este pecado. Este rogo por eles revela quão plenamente estava imbuído do espírito perdonador que tinha caracterizado a seu Professor (cf. Luc. 23: 34).

Dormiu.

Ver com. Mar. 5: 39; Juan 11: 11. A conduta do Esteban em toda sua defesa foi muito diferente da de seus acusadores. Eles estavam cheios de fúria e ódio, mas ele conservou uma tranqüilidade como a de Cristo no pretorio. Lucas conclui seu registro do ministério deste mártir, conservando essa sagrada atmosfera com a última palavra: "dormiu". concluiu a batalha; a vitória foi ganha; o fiel guerreiro de Deus abandona o tumulto, e silenciosamente dorme até o dia da ressurreição. Os capítulos seguintes demonstram que sua morte não foi em vão.

NOTAS ADICIONAIS DO CAPÍTULO 7

Nota 1

O discurso do Esteban apresenta algumas dificuldades quanto a seu propósito, seu conteúdo e alguns dados históricos. Ao estudar estes problemas, deveria se ter em conta o seguinte: (1) O discurso se apresenta não como Lucas poderia ter recordado seu conteúdo e entender seu significado 30 anos mais tarde quando escreveu o livro de Feitos, a não ser provavelmente como o foi contado por um ou mais dos que o ouviram, possivelmente pelo Pablo ou alguns de os sacerdotes convertidos (cap. 6: 7). É obvio, nesse processo não deve descartá-la obra inspiradora do Espírito Santo. (2) O discurso nunca concluiu, pois os que o ouviam arremeteram com fúria contra Esteban, o levaram fora da cidade, e o apedrejaram até matá-lo. (3) O discurso de Esteban foi histórico, como tinham sido antes os do Pedro (cap. 2; 3) e logo os do Pablo (cap. 13; 22; 26), e neste sentido a dissertação do Esteban registra pouco do pensamento teológico de seu autor. Os conceitos teológicos que Esteban tinha chegado a formar devem ver-se no que se deduz do esboço histórico que apresentou e nas acusações de seus inimigos. (4) Seu discurso foi sem dúvida uma continuação da mensagem evangelístico apresentado pelos sete depois de sua ordenação (cap. 6: 7-10) e 208 da apresentação evangélica que Esteban fazia nas sinagogas dos helenistas (ver com. vers. 9). portanto, sua defesa dava por sentados muitos pontos que hoje não conhecemos e que seriam de ajuda para analisar e avaliar essa defesa. (5) Alguns dos problemas históricos e exegéticos que surgem de seu discurso -que

Abraão não partisse de Farão até depois da morte Taré (cap. 7: 4), as 75 pessoas que descenderam ao Egito com o Jacob (vers. 14), a parcela que Abraão comprou no Siquem (vers. 16), o enterro do Jacob nessa parcela (vers. 15-16), a entrevista do Amós 5: 26-27, na qual Esteban diz "Babilônia" em vez de "Damasco" e os nomes das deidades pagãs que se mencionam (Hech. 7: 43)-, podem dever-se em parte ou totalmente a que não temos hoje toda a informação que Esteban pôde ter conhecido.

Do discurso podem inferir-se três objetivos relativamente claros:

1. Ganhar a aprovação, ou pelo menos diminuir a desaprovação, do sanedrín, mostrando que ele conhecia a história hebréia, e apresentar os fundamentos de sua ortodoxia.

2. Mostrar historicamente como Deus tinha procurado guiar aos hebreus, e como com tanta persistência eles tinham rechaçado essa condução dada mediante Moisés, os profetas e o Mesías, quem tinha sido predito com muchísima antecipação.

3. Mostrar a natureza e o significado do culto que Deus tinha ordenado para os patriarcas e para seu povo escolhido, como devia reconhecer-se em relação com a obra que Cristo acabava de começar à mão direita de Deus. Possivelmente deva considerar-se que este era o objetivo mais importante, embora seja o que aparece menos claramente expresso. Em relação com ele devem destacar-se quatro fatos:

A. Quando os diáconos, dos quais Esteban surge como o principal evangelista, começaram seu ministério público, "muitos dos sacerdotes obedeciam à fé" (cap. 6: 7). Este pôde ter sido o resultado de algum ênfase específica na predicación do Evangelho apresentado pelo Esteban e os outros diáconos.

B. Ao Esteban lhe tinha feito a grave acusação de que ensinava o que era contrário "a este lugar santo", quer dizer, o templo, a "lei" e as "costumes" (cap. 6: 13-14).

C. Esteban fez insistência na chamada do Abraão e o cuidado providência de Deus para com o Jacob e seus descendentes (cap. 7: 2-17), na liberação de os hebreus do Egito sob a condução do Moisés (vers. 18-36), no testemunho do Moisés quanto a um profeta futuro para a congregação no deserto (vers. 37-38), no culto falso e os sacrifícios desprovidos de consagração dos hebreus (vers. 39-43), na construção do tabernáculo do deserto segundo o modelo mostrado ao Moisés (vers. 44-45), no templo de Salomón (vers. 46-47), e no fato de que Deus não necessita templos feitos por mãos humanas (vers. 48-50). Esta ênfase no culto poderia sugerir que Esteban se propunha chegar ao tema do ministério de Cristo nos céus.

d. No caso do Esteban se pode perceber uma relação com a profecia das 70 semanas (Dão. 9: 24-27), a qual começou no ano 457 A. C., em cuja última semana se tiraria a vida ao Mesías "mas não por si", e o sistema simbólico de sacrifícios terrestres terminaria como um meio eficaz de intercessão, com o qual também terminaria o sacerdócio terrestre. Este Comentário adota a posição de que a crucificação ocorreu no ano 31 d. C. (ver T. V, pp. 242-258), "na metade da semana". portanto, a última das 70 semanas proféticas devia terminar no ano 34 d. C. Deste modo pode considerar-se que o ministério do Esteban simboliza dramaticamente a chamada de Deus a seu povo escolhido durante a última semana profético, antes de que se

apresentasse o Evangelho aos gentis. Por isso parece razoável se localizar o martírio do Esteban no ano 34 d. C., posto que sua morte pode entender-se como o último ato do rechaço do Evangelho de parte dos judeus como nação.

Quando o discurso do Esteban se projeta sobre esta cortina de fundo, percebe-se como um episódio dramático e vital em um período crítico da história da igreja primitiva.

Nota 2

O jovem Saulo, apresentado neste relato (cap. 7: 58), joga um papel tão importante no cenário do NT, que merece nossa melhor atenção desde que menciona-se seu nome pela primeira vez. São escassos os detalhes biográficos diretos, mas as referências indiretas permitem reconstruir com certa segurança os primeiros anos de sua carreira.

As Escrituras não dizem nada a respeito de seus pais, exceto uma menção passageira a sua 209 mãe (Gál. I: 15) e de referências gerais seus antepassados hebreus (Hech. 24: 14; Gál. I: 14; 2 Tim. 1: 3). Segundo Hech. 23: 16 não era filho único, pois ali aparece "o filho da irmã do Pablo". É possível que sua família considerou-o um apóstata quando se converteu ao cristianismo e rompeu toda relação com ele (Fil. 3: 8), e que este fato lhe fizesse penoso falar dos deles, embora por ROM. 16: 7 poderia entender-se que alguns de seus parentes eram cristãos.

Uma tradição do século II, registrada pela primeira vez pelo Jerónimo, afirma que os pais do Saulo viveram originalmente na Giscala da Galilea. Diz também que ao redor do ano 4 A. C. foram levados como escravos ao Tarso, principal cidade de Cilícia no Ásia Menor, onde finalmente obtiveram sua liberdade, prosperaram e se fizeram cidadãos romanos. Mais tarde lhes nasceu ali um filho, Saulo.

A vida do Saulo começou no Tarso (Hech. 22: 3), onde ao oitavo dia foi circuncidado (Fil. 3: 5) e, segundo o costume, recebeu seu nome (ver com. Luc. I: 59). Posto que era da tribo de Benjamim (ROM. 11: 1; Fil. 3:5), pôde ter recebido o nome do Saulo em honra do primeiro rei do Israel, também dessa tribo.

Desde seu nascimento teve certos privilégios invejáveis. Era cidadão romano de nascimento (Hech. 22: 28). No século I d. C. a cidadania romana era muito cobiçável, e é provável que a família do Saulo fora de certa linhagem e de uma riqueza mais que comum. O possuidor de tal cidadania tinha ampla razão para orgulhar-se, e naturalmente sentiria afeto pelo Império Romano. Além disso, Santo era leal a sua própria e distinguida cidade; era cidadão do Tarso (cap. 21: 39). Isto significa que não só residia ali, mas também possuía direitos de cidadão. É provável que tivesse este privilegio por serviços emprestados por sua família à cidade.

Mas por cima destes privilégios sociais, Saulo valorava sua herança racial e religiosa. glorificava-se descrevendo-se como "hebreu de hebreus" (Fil. 3: 5; cf. 2 Cor. 11: 22), e era ciumento das tradições de seus antepassados. Este orgulho era plenamente compatível com o que sentia por sua cidadania, tanto romana como do Tarso, porque até o ano 70 d. C., quando Vespasiano aboliu os direitos legais dos judeus, eles podiam conservar seu nacionalidade peculiar, até dentro do ambiente da Roma pagã. A esta satisfação de trasfondo religioso, Saulo acrescentava um orgulho especial por ser fariseu. Vivia como fariseu, "conforme a mais rigorosa seita" da religião

feijão (Hech. 26: 5; cf. cap. 23: 6; Fil. 3: 5). Alguns comentadores sugerem que este fariseísmo foi herdado de seu pai; mas é igualmente possível que se fizesse fariseu por causa de sua educação sob a tutela do Gamaliel (cf. com. Hech. 5: 34).

Quando era ainda jovem, possivelmente aos 12 anos, Saulo foi enviado a Jerusalém (cap. 26: 4) para ser educado pelo famoso Gamaliel I (cap. 22: 3; ver com. cap. 5: 34). Foi instruído "estritamente conforme à lei", "acreditando todas as coisas que na lei e nos profetas estão escritas", chegando a ser "ciumento de Deus", e "muito mais ciumento das tradições de" seus "pais" (Hech. 22: 3; 24: 14; Gál. l: 14). Parece que chegou a ser um partidário mais fanático de seu seita que seu mesmo professor (cf. com. Hech. 5: 34). Deste modo pôs o fundamento para sua futura e enérgica cruzada contra a igreja cristã (cap. 8: 1, 3; 22: 4-5; 26: 9-12). Com este trasfondo e dentro destes antecedentes, Saulo se introduz no relato do livro de Feitos (cap. 7: 58). Como membro ciumento da seita mais estrita do judaísmo, apresenta seu apoio e dá assentimento com sua presença à morte do Esteban, quem parece condenar ao judaísmo. Sua presença sugere que Saulo tinha seguido vivendo em Jerusalém; portanto, estaria bem informado do ministério e da morte de Cristo, e do posterior testemunho apostólico cada vez mais poderoso. Mas posto que menciona só seu encontro sobrenatural com o Jesus no caminho a Damasco (Hech. 22: 7-8; 26: 14-15; 1 Cor. 15: 8), é pouco provável que alguma vez o tivesse visto pessoalmente. Contudo, Saulo estava bem preparado para ser perseguidor dos cristãos, e não há nada de estranho em que houvesse participado da morte do primeiro mártir.

debateu-se muito quanto à mudança de nome que ocorre na metade do livro de Feitos. fala-se do Saulo, que também é Pablo" (cap. 13: 9). Por o que teria que apresentar-se aqui um segundo nome quando se empregou o nomeie "Saulo" 18 vezes (cap. 7: 58 a 13: 9)? Dos dias do Jerónimo o novo nome se relacionou com o do Sergio Paulo, procónsul do Chipre. Se há 210 sugerido que Saulo tomou o nome do Pablo nessa ocasião em honra à conversão do procónsul ao cristianismo. Tal explicação parece pouco provável, porque há razões de peso para supor que Saulo teve desde sua infância mais de um nome.

Saulo nasceu em um mundo poliglota; em uma população heterogêneo que falava uma multidão de idiomas diferentes, mas cada grupo tinha sua língua vernácula. Por em cima de tudo, estava o grego, língua franco do mundo civilizado (ver T. V, P. 104), e o latim, idioma oficial do Império Romano. Por isso muitas pessoas falavam grego e latim, além de sua língua vernácula. Por esta razão muitos tinham mais de um nome ou possivelmente diferentes forma do mesmo nome, segundo o idioma ou a sociedade em que o usasse. Em outros casos tinham nomes sem relação lingüística entre si; quer dizer, não eram traduções de um idioma a outro. No caso do Saulo, pode ter acontecido o seguinte: quando foi circuncidado recebeu um nome judeu, Saulo, mas como vivia em uma comunidade gentil lhe deu também um nome latino relativamente comum: Paulus. Podem destacar-se muitos casos de pessoas que tiveram dois nomes: Beltsasar-Daniel, Ester-Hadasa, Juan Marcos (ver Hech. 1: 23; 13: 1; Couve. 4: 11). Lucas mostra que sabia que o apóstolo tinha dois nomes: Saulo e Pablo. antes do Hech. 13: 9 descreve-o dentro de um ambiente principalmente hebreu, e portanto usou seu nome hebreu, Saulo. Posteriormente (cap. 13: 9), Lucas o vê frente a frente com um funcionário romano, quem naturalmente lhe teria perguntado seu nome, sua procedência, etc. Um cidadão romano não teria respondido: "Sou Saulo, fariseu de Jerusalém", a não ser "Sou Pablo, cidadão romano do Tarso". Pelo tanto, o uso do segundo nome do protagonista do relato do Lucas é extremamente apropriado dentro das circunstâncias, e quase não necessita nenhuma outra explicação. daqui em diante, Lucas emprega o nome gentil, exceto

em três referências ao Saulo de tempos passados (cap. 22: 7, 13; 26: 14), o que mostra com quanta precisão Lucas registrou os discursos do Pablo. Isto é muito apropriado, porque o ministério do apóstolo na segunda metade do livro de Feitos foi quase inteiramente em meio dos gentis. Dessa maneira o nome do Pablo está entretecido com sua missão para os gentis. Isto está corroborado pelo uso quase invariável do nome do Pablo em suas epístolas (ROM. 1: 1; 1Cor. l: 12; 2 Cor. 10: 1; Gál. 5: 2; Couve. 4: 18; etc.).

Outra interpretação merece ser considerada. A palavra latina paulus, cujo equivalente grego é páuros significa "pequeno" ou "menino", e se há interpretado como uma descrição da estatura do Saulo. Esta idéia tem o apoio do livro apócrifo de Feitos do Pablo e Tecla, que data aproximadamente de 160-180 d. C., e embora não é digno de confiança possivelmente reflita uma tradição genuína referente à aparência pessoal do grande apóstolo. A passagem em questão diz que Pablo era: "Um homem pequeno de estatura, calvo, estevado, fornido, cejijunto, de nariz bastante largo, cheio de graça, pois algumas vezes parecia ser um homem e outras vezes tinha o rosto de um anjo". Sem embargo, deve reconhecer-se que esta explicação requer que se aceite que Pablo recebeu esse nome quando era grande, uma vez que se destacaram seus características físicas.

Seja qual for a origem do segundo nome do apóstolo, era um nome romano muito apropriado para seu propósito final de levar o Evangelho à capital imperial (cf. com. Hech. 19: 21; ROM. 1: 15). Além disso, quando Lucas apresenta o tema central de seu livro -o ministério do Pablo para os gentis-, usa sempre o nome romano do apóstolo.

Ver nas pp. 100-105 uma cronologia lhe sugiram da vida do Saulo, chamado com mais freqüência, Pablo.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-60 HAp 81-84; SR 264-267

4 PP 119

5 PP 166

6 8T 207

22 CM 311, 319; CV 84; Ed 58; FÉ 342,

360, 393; MC 376; PP 250; SR 108

23-25 CM 312

25 PP 253

29-30 FÉ 360, 423; MC 406

37 HAp 81

44 PP 370

48 P 197

48-50 HAp 82; SR 264 211

51-52 P 198

51-55 HAp 82

51-56 SR 265

55 HAp 95

55-56 ECFP 120; P 198, 208

56 HAp 95; MeM 69; MJ 111; SR 270

56-60 HAp 83

57-58 P 198

58-60 PR 515

59 HAp 459, 477; 3TS 376

59-60 MeM 69; SR 206

60 DMJ 32; P 198

CAPÍTULO 8

1 Por causa da perseguição em Jerusalém, a igreja é estabelecida em Samaria 5 pela predicación do Felipe, o diácono, quem pregava, fazia milagres e batizava a grandes multidões, inclusive ao Simón o mago, quem enganava a muitos. 14 Pedro e Juan chegam para confirmar e aumentar a igreja mediante a oração e a imposição das mãos. 18 Simón oferece comprar o dom do Espírito Santo; 20 Pedro o repreende duramente por sua hipocrisia e avareza, e lhe aconselha que se arrependa de seu pecado; logo, retornam a Jerusalém. 26 O anjo do Senhor envia ao Felipe a ensinar e a batizar ao eunuco etíope.

E SAULO consentia em sua morte. Naquele dia houve uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram pulverizados pelas terras da Judea e da Samaria, salvo os apóstolos.

2 E homens piedosos levaram a enterrar ao Esteban, e fizeram grande pranto sobre ele.

3 E Saulo assolava a igreja, e entrando casa por casa, arrastava a homens e a mulheres, e os entregava no cárcere.

4 Mas os que foram pulverizados foram por toda parte anunciando o evangelho.

5 Então Felipe, descendendo à cidade da Samaria, pregava a Cristo.

6 E a gente, unânime, escutava atentamente as coisas que dizia Felipe, ouvindo e vendo os sinais que fazia.

7 Porque de muitos que tinham espíritos imundos, saíam estes dando grandes vozes; e muitos paralíticos e coxos eram sanados;

8 assim havia grande gozo naquela cidade.

9 Mas havia um homem chamado Simón, que antes exercia a magia naquela cidade, e tinha enganado às pessoas da Samaria, fazendo-se passar por algum grande.

10 A este ouviam atentamente todos, do mais pequeno até o maior, dizendo: Este é o grande poder de Deus.

11 E lhe estavam atentos, porque com suas artes mágicas lhes tinha enganado muito tempo.

12 Mas quando acreditaram no Felipe, que anunciava o evangelho do reino de Deus e o nome do Jesucristo, batizavam-se homens e mulheres.

13 Também acreditou Simón mesmo, e havendo-se batizado, estava sempre com Felipe; e vendo os sinais e grandes milagres que se faziam, estava atônito.

14 Quando os apóstolos que estavam em Jerusalém ouviram que Samaria havia recebido a palavra de Deus, enviaram lá ao Pedro e ao Juan;

15 os quais, tendo vindo, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo;

16 porque ainda não tinha descendido sobre nenhum deles, mas sim somente tinham sido batizados no nome do Jesus.

17 Então lhes impunham as mãos, e recebiam o Espírito Santo.

18 Quando viu Simón que pela imposição das mãos dos apóstolos se dava o Espírito Santo, ofereceu-lhes dinheiro,

19 dizendo: me dêem também este poder, para que qualquer a quem eu impusiere as mãos receba o Espírito Santo.

20 Então Pedro lhe disse: Seu dinheiro pereça contigo, porque pensaste que o dom de Deus se obtém com dinheiro.

21 Não tem você parte nem sorte neste assunto, porque seu coração não é reto diante de Deus.

22 Te arrependa, pois, desta sua maldade, e roga a Deus, se possivelmente te seja perdoado o pensamento de seu coração;

23 porque em fel de amargura e na prisão de maldade vejo que está.

24 Respondendo então Simón, disse: 212

Roguem vós por mim ao Senhor, para que nada disto que hão dito venha sobre mim.

25 E eles, tendo atestado e falado a palavra de Deus, voltaram-se para Jerusalém, e em muitas populações dos samaritanos anunciaram o evangelho.

26 Um anjo do Senhor falou com o Felipe, dizendo: te levante e vê para o sul, pelo caminho que descende de Jerusalém a Gaza, o qual é deserto.

27 Então ele se levantou e foi. E aconteceu que um etíope, eunuco, funcionário do Candace reina dos etíopes, o qual estava sobre todos seus tesouros, e

tinha vindo a Jerusalém para adorar,

28 voltava sentado em seu carro, e lendo ao profeta Isaías.

29 E o Espírito disse ao Felipe: te aproxime e te junte a esse carro.

30 Acudindo Felipe, ouviu-lhe que lia ao profeta Isaías, e disse: Mas entende o que os?

31 O disse: E como poderei, se algum não me ensinar? E rogou ao Felipe que subisse e se sentasse com ele.

32 A passagem da Escritura que lia era este:

Como ovelha à morte foi levado;

E como cordeiro mudo diante do que o tosquia,

Assim não abriu sua boca.

33 Em sua humilhação não lhe fez justiça;

Mas sua geração, quem a contará?

Porque foi tirada da terra sua vida.

34 Respondendo o eunuco, disse ao Felipe: Rogo-te que me diga: de quem diz isto profeta; de si mesmo, ou de algum outro?

35 Então Felipe, abrindo sua boca, e começando desde esta escritura, o anunciou o evangelho do Jesus.

36 E indo pelo caminho, chegaram a certa água, e disse o eunuco: Aqui há água; o que impede que eu seja batizado?

37 Felipe disse: Se crie de todo coração, bem pode. E respondendo, disse: Acredito que Jesucristo é o Filho de Deus.

38 E mandou parar o carro; e descenderam ambos à água, Felipe e o eunuco, e batizou-lhe.

39 Quando subiram da água, o Espírito do Senhor arrebatou ao Felipe; e o eunuco não lhe viu mais, e seguiu contente seu caminho.

40 Mas Felipe se encontrou em Açoito; e passando, anunciava o evangelho em todas as cidades, até que chegou a Cesarea.

1.

Saulo consentia.

Alguns sugerem que a primeira oração do versículo corresponde em realidade ao final do cap. 7, para unir o relato do martírio do Esteban com uma nota a respeito da atitude que Saulo adotou frente a esse fato. Saulo estava de acordo com o que se feito, embora ele mesmo não tomou parte pessoalmente no apedrejamento. O intrépido testemunho do Esteban sem dúvida comoveu a Saulo mais profundamente do que ele se dava conta. Isto lhe produziu um conflito íntimo entre seu próprio fanatismo farisaico e sua convicção de que

Esteban representava uma causa justa. A conseqüência deste conflito foi que se acentuasse o rancor do Saulo contra os cristãos, que se intensificasse sua perseguição (HAp 83-84, 92-93). Como recompensa pela parte que havia tido no martírio do Esteban, Saulo foi recebido como membro do sanedrín (HAp 84; ver com. 1 Cor. 7:7). Mas mais tarde, arrependido, confessou a parte que tinha desempenhado na morte do Esteban (cf. Hech. 22:20).

Naquele dia.

O apedrejamento do Esteban assinalou o começo de uma perseguição organizada em contra da igreja. depois de ter chegado até o ponto de matar a Esteban, os dirigentes judeus deram rédea solta a sua ira contra todos os cristãos.

Grande perseguição.

A igreja foi perseguida uma vez mais pelas autoridades judias, como já o tinha sido em uma escala menor depois da cura do coxo (cap. 4:1-7) e da morte do Ananías e Safira (cap. 5:17-18). Esta perseguição se distingue das anteriores por ser "uma grande perseguição", maior em extensão e severidade. Ver mapa, P. 214.

Segundo o vers. 3 e a descrição feita mais tarde pelo Pablo (cf. cap. 22:4; 26: 10-11), deduz-se que esta perseguição produziu muitos sofrimentos e encarceramentos.

A igreja.

Quer dizer, a congregação que se formou na cidade capital desde Pentecostés (ver com. Mat. 18:17). Isto sugere que a igreja tinha outras ramos fora 213 de Jerusalém, o qual indica um crescimento animador.

Pulverizados.

Gr. diaspeirÇ, "pulverizar"; especificamente se refere a semeia ao voleo. A ira dos inimigos só obteve deste modo que a igreja cumprisse o que Cristo havia predito (cap. 1:8). Não necessariamente deve entender-se que "todos" os membros da nascente igreja foram pulverizados (ver com. cap. 1: 1), a não ser só os que sentiram mais temor, ou possivelmente os mais ativos em pregar, ou os que eram conhecidos pessoalmente pelos perseguidores. Mas na cidade ficaram crentes de ambos os sexos (cap. 8:3).

Da Judea e da Samaria.

É possível que cidades e aldeias como Hebrón, Gaza, Lida e Jope pudessem haver servido de refugio para os cristãos. A existência de comunidades cristãs em alguns destes lugares pôde dever-se a esta dispersão de cristãos e a predicación do Felipe (vers. 40; cf. cap. 9:32, 36). Alguns fugiram a Samaria sem dúvida por causa do ódio desse povo contra os judeus; que fugia dos sacerdotes e dirigentes de Jerusalém provavelmente era bem recebido ali. A segunda região mencionada no cap. 1:8 já estava sendo alcançada. Isto pôde ter servido como o primeiro passo para desfazer a antipatia contra os samaritanos, e finalmente contra os gentis.

Salvo os apóstolos.

assinalaram-se três possíveis raciocine para que ficassem os apóstolos: (1) Os doze tinham aprendido de seu Professor que "o assalariado foge, porque é

assalariado" (Juan 10:13), e se negavam a abandonar suas responsabilidades. (2) Os doze desejavam permanecer em Jerusalém apesar de toda a perseguição, porque essa cidade era considerada como o centro das atividades dos cristãos, e os fugitivos deviam procurar ali conselho e ajuda. (3) Esta perseguição parece haver-se dirigido especialmente contra aqueles que, como Esteban, ensinavam que os costumes às quais os fariseus davam tanta importância eram transitivas (ver com. Hech. 6:14). Parece que os apóstolos seguiram rendendo culto no templo mantendo-se ceremonialmente limpos (cap. 10: 14), e permaneciam afastados dos gentis (vers. 28). É provável que a maioria do povo os considerasse com bastante favor e respeito; pelo tanto, é possível que a perseguição se dirigiu mas bem contra os discípulos helenistas. Este grupo foi o que em forma mais ativa iniciou o seguinte grande passo na expansão da igreja. Entretanto, não pode adotar-se nenhuma posição dogmática quanto a uma ou outra das três razões apresentadas por comentadores e historiadores eclesiásticos.

2.

Piedosos.

Gr. eulab's, "que toma bem", "cuidadoso", "piedoso" (ver com. cap. 2:5). Ananías, quem batizou ao Pablo é qualificado de "piedoso" (cap. 22:12). Só Lucas emprega esta palavra (Luc. 2:25; Hech. 2:5; 8:2; 22:12). Sugeriu-se que "piedosos" se refere a um grupo de pessoas que enterraram ao Esteban, sem defender plenamente a verdade que este tinha apresentado enquanto vivia, assim como o tinham feito Nicodemo e José da Arimatea depois da crucificação de Cristo. Este versículo é a conclusão do cap. 7.

Grande pranto.

Cf. Mat. 9:23; com. Mar. 5:38-39. Os que participaram do enterro tiveram que ter muito valor para cumprir com os ritos funerários, pois Esteban tinha cansado ante a ira do sanedrín. O habitual era que uma pessoa que tinha sido acusada de blasfêmia e apedrejada, não tivesse direito a funerais (Mishnah, Sanhedrin 6. 5-6). A lamentação dos piedosos em público pôde ter tido um tom de protesto contra os que tinham causado a morte de Esteban.

3.

Saulo assolava a igreja.

continua-se o relato começado no vers. 1. O verbo "assolar", é tradução do grego lumáinÇ, "destroçar", "destruir", "assolar". Em Sal. 80:13 (LXX) este verbo descreve o destroço que faz um javali. O tempo aqui empregado sugere uma perseguição continuada. Pablo afirma: "perseguia eu este Caminho até a morte" (Hech. 22:4; cf. cap. 26:10). Conforme o confessou mais tarde (cap. 26:11), em sua violência parecia haver uma extrema ferocidade.

Igreja.

a de Jerusalém. Ver com. vers. 1; cf. cap. 26: 10.

Casa por casa.

Por isso se diz posteriormente (cap. 26:11), parece que Saulo ia em primeiro lugar às sinagogas em busca de vítimas, e depois perseguia os cristãos de casa em casa. É possível que essas casas fossem seus lugares de

reunião.

A homens e a mulheres.

A menção de que havia mulheres entre os perseguidos, sugere que elas eram proeminentes na igreja (cf. com. Luc. 8:2-3; Hech. 1:14). As mulheres hão demonstrado ser fiéis nas perseguições

MINISTÉRIO DO Felipe

215 através da história da igreja.

4.

Foram por toda parte.

Gr. diérjomai, "atravessar", palavra predileta do Lucas para referir-se à obra missionária (cf. Luc. 9:6; Hech. 8:40; 9:32; 11:19; 13:6). Neste caso o tento de raspar a nova lhe deu um campo de ação mais amplo, assim como o Senhor o tinha desejado (Hech. 1:8), e obrigou à igreja a ir além dos limites que de outro modo a teriam detido durante um período de espera muito mais largo. Então -como aconteceu depois-, o sangue dos mártires foi a semente da igreja.

Anunciando o evangelho.

Gr. euaggelízomai, "evangelizar", "anunciar boas notícias". Esta era a tarefa dos cristãos perseguidos: anunciar o Evangelho, ou seja as boas novas (ver com. Mar. 1:1) nos muitos lugares onde eram pulverizados.

O grego diz "evangelizando a palavra", quer dizer, anunciando as boas novas da Palavra. Esta palavra era tudo o que se referia a Cristo. Boa parte dessa "palavra" provinha do AT. A maioria do que se apresentava de a história do Jesus ainda não tinha sido escrita, e se apoiava nas mensagens orais dos diligentes evangelistas.

5.

Felipe.

Não pode referir-se ao Felipe o apóstolo, pois no vers. 1 se diz especificamente que os apóstolos permaneceram em Jerusalém; portanto, deve referir-se ao diácono que levava esse mesmo nome (ver com. cap. 6:5). Posto que teve uma parte importante nestes primeiros esforços de evangelização, o conheceu depois como Felipe o evangelista (cap. 21:8).

Cidade da Samaria.

Samaria era a região; "a cidade da Samaria" referia-se lógicamente à cidade capital da região; entretanto, não se sabe se Lucas se referia a Sebaste, conhecida antes como Samaria, ou ao Neápolis, a Nablús atual, ou possivelmente a alguma outra cidade (cf. com. vers. 9). Tampouco se sabe por que não deu o nome preciso da cidade. Não importa qual fora essa cidade, a semente já se havia semeado na Samaria (ver com. Juan 4:4-42). Como resultado os campos estavam já "brancos para a ceifa" (Juan 4:35).

Pregava.

Gr. k'rússÇ, "proclamar", o que implica uma predicación mais formal e organizada que a dos crentes. utiliza-se esta palavra para referir-se tanto a predicación do Juan o Batista como a de Cristo (Mat. 3:1; 4:17). O tempo do verbo indica que Felipe pregava constantemente.

Cristo.

Melhor "o Cristo", o Ungido, o Mesías. No Juan 4:25 se vê que entre os samaritanos, como entre os judeus, havia muita expectativa quanto ao Mesías, e que portanto a obra do Felipe foi proclamar que Aquele a quem portanto tempo tinham esperado já tinha vindo, e que Jesus do Nazaret era o Cristo, o Filho de Deus.

6.

A gente.

Melhor "as multidões", refiriéndose a multidões.

Unânime.

Ver com. cap. 1:14.

Escutava.

Gr. proséjÇ, "aplicar a mente a", "atenerse a"; quer dizer, "ouvir atentamente" (Hech. 8:10-11; 16: 14; 1 Tim. 1:4; 3:8; 4:1, 13; 2 Ped. 1:19). O texto implica que multidões aceitaram o novo ensino. A prontidão com que acreditaram mostra que apesar da influência adversa do Simón o Mago (Hech. 8:9-11), a qual se feito sentir depois de que Cristo ensinou ali, a obra do Professor não tinha sido em vão.

Ouvindo.

Os samaritanos tinham acreditado no princípio simplesmente como resultado de ouvir pregar a Cristo (Juan 4:39-42), sem que então se produziram "sinais" (cf. Mat. 12:38-42). Os milagres que agora se faziam não eram a base de sua fé, mas sim a fortaleciam. Os milagres tiraram toda dúvida sobre o poder que atuava por meio do Felipe. Sem dúvida também serviram para rebater a influência do Simón o Mago (Hech. 8:9-11).

7.

Espíritos imundos.

Note-se como Lucas, o médico, distingue entre os que estavam endemoninhados e os que sofriam de outras enfermidades. Com referência aos "espíritos imundos", ver com. cap. 5:16; a Nota Adicional de Mar. 1.

8.

Grande gozo.

O gozo desta cidade samaritana mostra quão favoravelmente foi recebida a obra dos mensageiros cristãos pela gente da Samaria.

9.

Simón.

Ver com. Juan 1:42. Este Simón usualmente é chamado Simón o Mago. Depende, Justino Mártir, nasceu no Gitto, aldeia da Samaria (Primeira apologia 26). Relatos posteriores dos tempos dos pais da igreja, descrevem-no como um constante inimigo do Pedro, a quem seguiu a Roma para opor-se a seu ensino. Estas lendas carecem de autoridade. Simón era um exemplo típico de certo grupo de Judeus que dependiam do prestígio de sua raça e da credulidade de os pagãos. Tais foram Elimas do Chipre (Hech. 13:8), os exorcistas "ambulantes" 216 judeus do Efeso (cap. 19:13), e Simón do Chipre, a menos que este fora a mesma desta passagem (Josefo, Antiguidades xX. 7. 2). Ver T. V,p.890; T. VI, P. 36.

Antes exercia a magia.

A "magia" a praticavam os "magos". Ambas as palavras derivam de mágos, nome que davam os gregos aos membros de uma tribo de medos que exerciam funções sacerdotais entre os iranianos; entretanto, deve admitir-se que não sabemos exatamente quais eram as artes mágicas que praticava Simón. Os magos que vieram do Oriente a ver o menino Jesus (ver com. Mat. 2:2) eram homens piedosos e eruditos; mas se sabe que os "magos" também se dedicavam à astrologia, à interpretação de sonhos e à adivinhação. Em relação com os "magos" de Babilônia, ver com. Dão. 1:20. Indubitavelmente, Simón era um homem ardiloso e sabia enganar aos crédulos do povo, mas seu êxito não se deveu exclusivamente a inteligência humana, mas sim trabalhava com a ajuda de os demônios (CS 570; cf. com. Exo. 7:11).

Aquela cidade.

Ver com. vers. 5. Muitos comentadores acreditam que deveria ler-se "uma cidade" e não "a cidade". Aqui Samaria parece referir-se de novo à região e não a uma cidade.

Tinha enganado às pessoas.

Melhor "tinha atônito ao povo da Samaria" (BJ). Os habitantes da Samaria eram supersticiosos, e por isso ficaram impressionados pelos supostos milagres do grande Simón o Mago.

Algum grande.

O vers. 10 explica com mais claridade a natureza do que pretendia ser. Quando o povo exclamava que Simón era "o grande poder de Deus", sem dúvida não fazia mais que repetir o que ele mesmo afirmava, pois de uma ou outra maneira pretendia ser a encarnação do poder divino. É possível que se identificasse como o Mesías. As esperanças messiânicas feijões favoreciam aos impostores e ajudavam-lhes a conseguir adeptos. Note o contraste com o Felipe (vers. 5) que pregava a Cristo, e não chamava a atenção para si mesmo.

10.

Ouviam atentamente todos.

Ver com. vers. 6. Seus enganos tinham obtido muito êxito, porque todo tipo de gente acreditava nele. Jesus advertiu que se levantariam pessoas que fariam "grandes assinale e prodígios" para enganar, (cf. Mat. 24:24; 2 Lhes. 2:9).

Este é o grande poder de Deus.

Segundo o grego, o pronome "este" só pode representar ao Simón. Refiriéndose ao Simón o Mago, Ireneo, bispo do Lyon, diz que "era glorificado por muitos como se fora um deus... Em uma palavra, se fazia passar como o mais elevado de todos os poderes" (Contra heresias I. 23).

11.

Estavam atentos.

Gr. proséjÇ (ver com. vers. 6).

Tinha-lhes enganado.

Ver com. vers 9. Alguns sugeriram que Simón tinha atuado na Samaria durante vários anos, possivelmente desde pouco tempo depois que Jesus visitou essa região, uns seis ou sete anos antes. Entretanto, não se sabe quanto abrangeu o "muito tempo" deste versículo.

12.

Anunciava o evangelho.

"Anunciava a Boa Nova do Reino"(BJ). Assim como então, também agora os homens são salvos pela predicación do Evangelho (ver com. 1 Cor. 1:21). O poder da mensagem do Felipe foi muito mais capitalista que a fascinação da magia do Simón.

Reino de Deus.

Ver com. Mat. 4:17; Luc. 17:20-21; Hech. 1:6. À medida que se estendia o campo do trabalho evangélico, a mensagem dos discípulos se fazia mais claro. Era lhe abranja e específico; levava a batismo a quem o escutava.

Nome do Jesucristo.

Ver com. cap. 2:21; 3:16.

batizavam-se.

Ver com. Mat. 3:6. O tempo do verbo grego denota um contínuo crescimento devido aos que se foram batizando e se acrescentavam à igreja.

13.

Também acreditou Simón mesmo.

Sem dúvida ficou impressionado pelos milagres que fazia Felipe (vers. 6). Se sentia como se estivesse ante a presença de um poder imensamente maior que o seu, e aceitou o que Felipe dizia a respeito da morte e da ressurreição de Cristo sem que maturasse nele uma fé pessoal. Sua fé era da classe que fala Santiago (Sant. 2:14, 19). No Juan 8:31 se descreve uma fé similarmente imperfeita; alguns judeus acreditaram no Jesus, mas como se explica nos versículos seguintes, sua crença não era aquela que salva. Entretanto, Simón compreendeu o suficiente para ser batizado embora, conforme o mostrou seu atitude posterior, seu batismo não significou um novo nascimento que o conduzisse a uma vida superior. Ainda permanecia em "prisão de maldade" (Hech. 8:23). Lucas destaca a diferença entre a crença dos samaritanos 217 e

a do Simón: a gente foi ganha pela predicación do Felipe, mas Simón foi simplesmente atraído pelas maravilhas que viu. Entretanto, Deus não rechaçou esta fé imperfeita; aceitou-a como uma base para construir uma fé mais aceitável. Quando Simón errou, Pedro o animou (vers. 22) a arrepender-se e a pedir perdão em oração.

Vendo... estava atônito.

Ver com. vers. 9. Os papéis se investiram. O mago, que tinha mantido atônita às pessoas, cedeu ante maravilhas superiores às suas, e também ficou atônito ao contemplar o poder que acompanhava à proclamação do Evangelho.

14.

Os apóstolos.

Tinham ficado em Jerusalém (vers. 1) dirigindo as atividades da igreja. O Senhor tinha fixado um limite geográfico para a predicación da mensagem do reino (Mat. 10: 5); mas tinha eliminado esses limites por meio da comissão evangélica (Mat. 28:19-20) e mediante a instrução dada no Hech. 1:8. A notícia do êxito do Felipe na Samaria foi para os doze uma prova de que em verdade se tinham eliminado esses limites. Tinha chegado o momento de atestar de Cristo na Samaria.

Ouviram.

Apesar da perseguição, parece que se mantiveram as comunicações entre os operários pulverizados e o quartel geral.

Samaria.

A mensagem do Felipe foi levado através de toda a região por suas entusiastas conversos.

Palavra de Deus.

Lucas emprega esta expressão, tão aqui como em seu Evangelho, para resumir tudo o Evangelho de Cristo (cf. Luc. 5:1; 8:11, 21).

Pedro Y.. Juan.

Evidentemente nesses primeiros tempos não lhe atribuía nenhuma preeminencia especial a nenhum dos doze. Por decisão de todos os apóstolos, Pedro e Juan foram enviados em missão a Samaria. Era lógico que escolhessem a estes dois, pois tinham sido os mais ativos em começar a obra da igreja (cf. cap. 1:15; 2:14; 3:1; 4:8; etc.). Aqui não há evidência alguma da supremacia de Pedro; estava sob a direção do corpo apostólico. O e Juan foram enviados por esse grupo para cumprir esta missão. Juan, que uma vez havia desejado que descendesse fogo do céu sobre os samaritanos (Luc. 9:54), agora devia levá-los com amor ao batismo do Espírito Santo e de fogo (Mat. 3:11). É difícil afirmar que este Juan seja na verdade Juan Marcos (ver com. Hech. 13:5, 13). Se Juan Marcos tivesse passado pelas vicissitudes descritas em os versículos seguintes, dificilmente mais tarde teria deixado de acompanhar a Pablo e Bernabé (cap. 13:13).

15.

Oraram.

Este foi o primeiro ato dos dois apóstolos. Não concederam o Espírito Santo aos crentes samaritanos recentemente batizados, mas sim imploraram ao Senhor que lhes concedesse o Espírito como resultado de seu batismo (cf. cap. 2:38), e como evidência de que tinham sido aceitos Por Deus.

16.

Ainda não tinha descendido.

Neste versículo se faz uma clara distinção entre o batismo de água administrado pelo Felipe, e a recepção do Espírito Santo por meio do ministério do Pedro e do Juan. O verbo que se traduz "tinha descendido", é o mesmo que se traduz como "caiu", no Hech. 10: 44 e 11:15.

Somente tinham sido batizados.

Felipe os tinha batizado com água, mas não receberam os dons do Espírito até que chegaram Juan e Pedro.

No nome.

Isto indica o estreito vínculo com o qual os novos conversos à fé estavam ligados a Cristo por meio do batismo.

17.

Impunham-lhes as mãos.

Ver com. cap. 6:6.

Recebiam.

Note-os três passos que capacitaram aos samaritanos para receber o Espírito Santo: (1) Sua própria confissão de fé por meio do batismo (vers. 12), (2) a oração dos apóstolos (vers. 15), e (3) a imposição das mãos dos apóstolos (vers. 17).

18.

Viu Simón.

Simón tinha sido batizado pelo Felipe assim como o tinham sido os outros samaritanos; mas as mãos dos apóstolos não tinham sido postas sobre ele, e não tinha recebido o Espírito que generosamente tinha sido dado aos outros crentes. Sem dúvida houve alguma razão para isto; a verdadeira natureza de Simón possivelmente tinha sido claramente percebida. Entretanto, a diferença que se fez entre ele e seus compatriotas, despertou seu desejo. Viu a evidência de que tinham recebido o Espírito. Eram pessoas transformadas que possivelmente tinham começado a falar em línguas e a profetizar. Era evidente que o Espírito Santo tinha penetrado na vida deles.

Ofereceu-lhes dinheiro.

Simón viu que seus 218 companheiros estavam sendo dotados de faculdades muito mais grandes que as que ele tinha. Embora não possuía o Espírito Santo desejava o

poder que receberia com ele; portanto, ofereceu dinheiro ao Pedro e ao Juan, esperando poder comprar o que não tinha recebido gratuitamente. Esta conduta revelou os enguiços de sua fé e descobriu os motivos que o dominavam. Seu oferecimento de dinheiro deu seu nome a toda uma série de enganos eclesiásticos. Qualquer tento de comprar um poder de ordem espiritual ou eclesiástico se chama "simonía",

19.

me dêem.

Agora se revelou plenamente o caráter do Simón. Não desejava ter o Espírito Santo como um dom espiritual para selar seu batismo, a não ser para poder usar o poder para dominar a outros. Queria o poder externo sem ter experiente o mudança interna que justificasse a posse de tal dom. É possível que tivesse a intenção de ganhar dinheiro com a faculdade de repartir a seu desejo o Espírito Santo a outros.

20.

Seu dinheiro pereça contigo.

Ou "vá seu dinheiro à perdição e você com ele" (BJ). Pedro expressa seu desgosto pela oferta do Simón. Compreendeu que se Simón não trocava, seria destruído. Mas não considerou que não havia mais esperança para o Simón, porque no vers. 22 registra-se que o insistiu a arrepender-se para que fora perdoado.

Dom de Deus.

A atitude do Simón mostrava uma incompreensão fundamental do caráter de Deus e dos dons do Espírito. Ainda tinha que aprender que as coisas mais preciosas da vida não podem comprar com dinheiro.

21.

Não tem você parte.

Esta não é uma declaração arbitrária, a não ser uma sentença apoiada no estado evidente do coração do Simón. Não pertencia na verdade à família de Deus, e portanto não estava em condições de compartilhar seus privilégios e responsabilidades. Com referência a "sorte", ver com. cap. 1:26.

Este assunto.

"Este assunto" é evidentemente o tema que se estava discutindo: o poder de repartir o Espírito Santo por meio da imposição de mãos (vers. 19).

Reto.

Gr. euthús, "reto", tanto no sentido literal como no moral. Aparece 8 vezes no NT: 4 vezes nos Evangelhos (Mat. 3:3; Mar. 1:3; Luc. 3:4-5), 3 em Feitos (cap. 8:21; 9:11; 13: 10), e uma em 2 Ped. 2:15.

22.

te arrependa.

Ver com. Mat. 3:2. O arrependimento é a primeira condição para alcançar o

perdão e evitar o castigo merecido. Note-se que embora a atitude do Simón é denominada "maldade", a exortação do Pedro mostra que ainda havia salvação para ele.

Roga a Deus.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto: "Roga ao Senhor". Embora os judeus usualmente chamavam "Senhor" a Deus, é possível que aqui Pedro o dissesse ao Simón que devia orar ao Senhor Jesus.

Se possivelmente.

Isto implica dúvida, não de que Deus não estivesse disposto a perdoar, mas sim de que Simón estivesse preparado para arrepender-se. Pedro também pôde ter pensado que o pecado do Simón se aproximava do pecado imperdoável contra o Espírito Santo (ver com. Mat. 12:31). Cristo tinha dado aos apóstolos tanta autoridade para disciplinar (Juan 20:23), que estas palavras em lábios do Pedro indicariam a gravidade da situação.

Pensamento.

Gr. epínoia, "intenção", pensamento"; sugere a idéia de um pouco premeditado. Isto faz que o pecado fora ainda mais grave. O apóstolo viu que a mente de Simón se tinha entregue plenamente a seu plano, e embora não queria afirmar que não havia esperança para ele, sua cobiça, que raiava em idolatria, fazia que o arrependimento fora quase impossível. Deus está sempre disposto a perdoar, mas muitas vezes o homem não está preparado para ser perdoado (ver com. Sal. 32:1; 130:4).

23.

Fel de amargura.

Pedro compreendeu que Simón estava submerso em amargura e encadeado em iniqüidade. Tinha permitido que a inveja e a cobiça amargurassem sua alma, e que a iniqüidade se convertesse em um hábito, de modo que estava detento nestes maus.

Vejo.

Pedro pôde entender nitidamente o que havia no coração do Simón.

24.

Roguem vós por mim.

Pela forma em que Simón fez sua petição se vê que não tinha sido impulsionado por um arrependimento genuíno. Não manifestava tristeza. Não parecia preocupar-se pelo devido desenvolvimento de seu caráter. Só pedia que o liberasse da ameaça do castigo. Seu rogo pode comparar-se com o pedido de Faraó, que repetiu em várias ocasiões ao Moisés: "Orem ao Jehová" (Exo. 8:8, 28; 9:28; 10:17), que só refletia seu temor, mas que não produziu nenhuma mudança em seu conduta. Não se registra posteriormente nenhum arrependimento de 219 Simón, e portanto pode supor-se que seguiu sem converter-se.

Aqui termina o relato do Simón no livro de Feitos, mas a igreja primitiva conservou muitas lendas a respeito dele. Nestas aparece como um usurpador que presidia uma corrupta seita pseudocristiana que constantemente

lutou contra a reta doutrina. As informações a respeito do Simón o Mago aparecem nas Homilias pseudoclementinas iI. 1839; Reconhecimentos clementinos iI. 5-16; Justino Mártir, Primeira apologia 26, 56; Ireneo, Contra heresias I. 23; Eusebio, História eclesiástica iI. 13. 3-18; 14. 1-6; 15. 1. Em estes escritos se descreve ao Simón como precursor dos hereges gnósticos, um professor cujo sistema se apoiava principalmente na astrologia e a angelología, e uma obstinada crença em seus próprios poderes divinos. Ver P. 36; T. V, P. 890.

25.

E eles.

Sem dúvida se refere aos apóstolos Pedro e Juan.

Tendo atestado.

Gr. diamartúromai, "apresentaram um testemunho solene".

voltaram-se.

Em sua viagem de volta a Jerusalém pregaram o Evangelho em muitas aldeias samaritanos. Aqui termina o relato inspirado do progresso do cristianismo em Samaria. Depois não há mais que uma menção passageira (cap. 15:3).

26.

Um anjo.

Lucas assinala repetidas vezes o ministério dos anjos (cf. Luc. 1:38 e Hech. 10:7; Luc. 2:9 e Hech. 12:7; Luc. 24:4 e Hech. 1:10; 10:30). É possível que esta chamada sobrenatural fora mediante uma visão (compare-se com o caso do Cornelio, Hech. 10:3).

Gaza.

Esta é a transliteración grega do hebreu 'azzah, de uma raiz que significa "ser forte". Gaza era uma cidade da fronteira sul dos antigos cananeos (Gén. 10:19). Foi ocupada primeiro pelos aveos e depois pelos caftoreos (Deut. 2:23). Josué não pôde subjugá-la (Jos. 10:41; 11:22). Judá a ocupou por um curto tempo (Juec. 1:18), mas logo a perdeu e ficou de poder dos Filisteus (Jos. 13:3; Juec. 3:3), e estes a converteram na mais austral de suas cinco grandes cidades. Foi o cenário da humilhação e morte do Sansón (Juec. 16), e continuou em poder dos filisteus em tempos de Samuel e até depois (1 Sam. 6:17). Atacaram-na Salomón (1 Rei. 4:21, 24) e mais tarde Ezequías (2 Rey.18: 8). Resistiu ao Alejandro Magno durante cinco meses, mas finalmente foi conquistada e se converteu em um importante centro militar durante as lutas entre os Tolomeos e os Seléucidas, e nas guerras dos Macabeos (1 MAC. 11:61).

Gaza foi destruída ao redor do ano 96 A. C., e seus habitantes foram massacrados pelo Alejandro Janeo (Josefo, Antiguidades xIII. 13. 3); mas foi reconstruída pelo Gabinio, general e governador de Síria (Vão. xIV. 5. 3), embora diz-se que a cidade restaurada estava mais perto do mar que a antiga. Havia mais de um caminho de Jerusalém a Gaza, a 80 km ao sudoeste. A rota do norte passava perto da Lida, depois corria paralelamente à costa para o sul, passando por Açoito, até a Gaza. A outra rota corria para o sul até perto do Hebrón, e depois para o oeste pelo deserto até a cidade de Gaza. Esta segunda é a rota mais provável para este relato.

Deserto.

O grego diz "este é deserto". Não fica claro se o anjo incluiu em seus este instruções detalhe sobre o deserto, ou se se trata de uma explicação acrescentada pelo Lucas. No grego, o "deserto" poderia ser tanto o caminho como a cidade; mas o mais provável é que se refira ao caminho, pois Gaza era uma cidade, e o anjo lhe havia dito que fora "pelo caminho... a Gaza", e não à cidade. Felipe devia ir com fé singela pelo caminho menos freqüentado, menos promissor, de Jerusalém a Gaza, e sem saber que no caminho se encontraria com um viajante cuja conversão chegaria a ser tão memorável.

27.

levantou-se e foi.

Sua imediata obediência revela que não tinha dúvida alguma quanto à autenticidade da mensagem que tinha recebido.

Etíope.

Etiópia, chamada Qs (Heb. kush) no AT (Gén. 2:13; Est. 1:1; etc.), se refere à região ao sul da primeira catarata do Nilo. Também se denominou Nubia a este país que hoje se conhece como Suam. Não equivale à Etiópia de hoje. Em sua parte norte estava o grande reino do Meroé, no vale do alto Nilo, que foi governado por rainhas durante um comprido período. É muito provável que o eunuco procedesse deste reino. A relação desta nação com o povo judeu apresenta muitos pontos interessantes. Segundo a Carta do Aristeas 13, durante o reinado do faraó chamado Samético (possivelmente Samético II, 594-588 A. C.), um exército de judeus foi enviado ao Egito para ajudar em uma campanha militar contra Etiópia. Indubitavelmente as 220 influências judias se haviam deixado sentir nessa região durante séculos. Isto pode refletir-se no valente proceder do eunuco etíope Ebed-melec em tempos do Jeremías (cap. 38: 7-13; 39: 15-18). Ainda antes se diz no Salmo 68: 31, que Etiópia (kush) estenderia suas mãos para Deus.

Eunuco.

Ver com. Est. 1: 10, 2: 3; Mat. 19: 12.

Funcionário.

Gr. dunást's, "homem poderoso", "príncipe"; "alto funcionário" (BJ). A lei excluía especificamente aos eunucos do santuário de Deus (ver com. Deut. 23: 1), mas é indubitável que na prática os aceitava. No Isaías se registra a promessa de que se admitiria no povo de Deus aos eunucos que guardassem na sábado (cap. 56: 4). Nem hierarquia, nem raça, nem defeitos físicos impedem a aceitação na família de nosso Pai celestial (Gál. 3: 28-29; Couve. 3: 10-11).

Candace.

Parece que este era um título dinástico, como Faraó, ou Tolomeo no Egito, ou César entre os romanos, e não o nome de uma determinada reina. Este nome aparece no Estrabón, Geografia xVII. 1. 54, e Dión Casio, Historia liv. 5. 4-6. Segundo Eusebio (C. 325 d. C.), em seus dias Etiópia ainda estava sob o governo de uma rainha (História eclesiástica iI. 1. 13).

Tesouros.

Gr. gáza, "tesouro real", "tesouraria", palavra de origem persa usada pelos autores clássicos a partir de 300 anos A. C. Os tradutores da LXX a empregaram no Esd. 5: 17; 6: 1; 7: 21; ISA. 39: 2. No NT só aparece aqui em sua forma simples, e em uma forma composta em relação com a tesouraria do templo (Luc. 21: 1). Felipe encontrou a um homem que administrava o tesouro real; mas o evangelista ajudou a este tesoureiro a encontrar um tesouro até maior, assim como o homem da parábola do Mat. 13: 44 achou um grande tesouro quando o buscou com toda diligência.

Para adorar.

Parece que este eunuco era um partidário judeu (ver T. V, P. 64) que tinha ido a Jerusalém para adorar no templo. Partidários e judeus viajavam a Jerusalém com este propósito, como pode ver-se pela contagem dos que estavam presentes na celebração do Pentecostés (Hech. 2: 10). De acordo com o Juan 12:20, uns gregos também foram às festas celebradas em Jerusalém. O eunuco tinha ido a Jerusalém procurando uma bênção, mas antes de retornar a sua casa receberia uma bênção que ultrapassaria todas suas expectativas. Ver T. IV, pp. 29-32.

28.

Voltava.

Retornava de Jerusalém a Etiópia, depois de ter visitado Jerusalém para adorar no templo.

Lendo.

Parece que lia em voz alta (vers. 30), como era a prática habitual no antigo Próximo Oriente. O etíope possivelmente acabava de comprar o cilindro de Isaías em Jerusalém. Se assim foi, as maravilhosas expressões do profeta evangélico devem lhe haver parecido novas e deleitosas. Segundo os vers. 32 e 33 é evidente que lia no capítulo 53 do Isaías, versão dos LXX.

29.

O Espírito disse.

Cf. com. vers. 26. O Espírito fala e lhe dá ao evangelista instruções explícitas, já seja por meio de uma impressão interior ou de uma voz audível.

te junte.

Este funcionário real sem dúvida era acompanhado por uma grande comitiva, e era natural que um que viajava sozinho por um caminho deserto se unisse a seu caravana.

30.

Acudindo Felipe.

Melhor "Felipe correu até ele" (BJ). Reagiu imediatamente em resposta a a ordem do Espírito. Os cristãos deveriam imitar esta rápida resposta. Quem o faça, encontrarão mais gente preparada para escutar uma

conversação sincera, centrada em Cristo, pelo que usualmente esperariam achar.

Entende?

Felipe inicia a conversação muito habilmente; começou aonde encontrou ao homem, e adaptou sua apresentação aos interesses do etíope. Isto proporciona um exemplo para cada operário cristão. A pergunta do Felipe se referia ao significado, não às palavras. No grego a forma interrogativa sugere que esperava uma resposta negativa. É possível que o eunuco tivesse ouvido algumas exposições judaicas desta passagem; mas provavelmente não tinha nenhuma noção de que estas palavras se referiam ao Jesucristo. Mas Felipe conhecia seu significado, e foi impulsionado pelo Espírito para que explicasse ao eunuco o sentido que tinham.

31.

Como poderei?

Pergunta-a insinúa que não podia compreender porque não era versado na interpretação das Escrituras.

Ensinar.

Gr. hod'géÇ, "guiar pelo caminho", "conduzir". Jesus empregou a mesma palavra para referir-se à condução do Espírito Santo (Juan 16: 13). O eunuco retornava a Etiópia, aonde estaria separado de quem até aqui o haviam guiado em Jerusalém; 221 sentia que precisava receber instruções adequadas a respeito desta passagem difícil. Sua pergunta sugere que lia esta passagem por primeira vez, ou que ao lê-lo de novo o Espírito o estava gravando nele com renovada ênfase.

Rogou.

Esta palavra indica um pedido fervente e indica que o eunuco estava desejoso de receber mais instruções. Note-se com quanta naturalidade se cumpre a ordem do Espírito (vers. 29). Felipe se aproxima, e o eunuco convida ao evangelista a subir a seu carro e ir com ele.

32.

A passagem.

Gr. perioj', "contido", que o, equivale ao hebreu parashah ou haftarah, ou seja a "passagem" escolhida para a leitura pública na sinagoga (ver T. V, P. 59). Esta palavra a usavam usualmente os gregos, e Cicerón a incorporou em seu forma grega em uma carta escrita em latim, lhe dando o sentido que lhe davam os judeus (Cartas a Apartamento de cobertura xIII. 25). A passagem chamada é Isaías 53: 7-8; é idêntico ao grego da LXX, não ao hebreu.

Como ovelha.

Quanto a esta passagem, ver coro. ISA. 53: 7-8; deve recordar-se que esta entrevista não é uma tradução do texto hebreu mas sim do texto grego da LXX.

33.

Em sua humilhação.

No grego diz literalmente: "em sua humilhação seu julgamento foi tirado", o qual pode interpretar-se de diversas formas: ou que sua condenação foi tirada, quer dizer, que por quanto se humilhou, depois foi exaltado, ou que em seu humilhação lhe negou a justiça, o que indubitavelmente ocorreu durante seu julgamento. O hebreu da ISA. 53: 8 diz: "Por opressão e por julgamento foi tirado", isto é: foi vítima de um assassinato, judicial.

Sua geração.

A esta frase lhe deram diversas interpretações. (1) Quem declarará o número dos que compartilharam a vida dele e em certo modo surgiram dele? Quer dizer, quem pode contar seus discípulos fiéis? (2) Quem de seu geração foi suficientemente sábio para tomá-lo em conta? (3) Quem declarará a maldade da geração torcida e perversa na qual viveu? Cf. com. ISA. 53: 8.

Foi tirada... sua vida.

O texto hebreu da ISA. 53: 8 sugere que El Salvador foi levado em forma apressada a uma morte violenta. A LXX expressa a mesma idéia, e não faz referência alguma a que Jesus houvesse partido da terra na ascensão.

34.

Rogo-te.

O breve encontro do eunuco com o Felipe, servo de Deus, deve lhe haver impressionado muito favoravelmente, porque imediatamente mostrou confiança na capacidade do Felipe para responder suas perguntas. Nesta forma lhe apresentou ao Felipe a oportunidade que procurava. O cristão com freqüência se surpreenderá da maneira como surgem oportunidades quando está preparado e disposto a as utilizar.

De quem?

O eunuco era suficientemente perspicaz para fazer a pergunta mais importante a respeito do que lia. A quem se referiam as palavras do Isaías? A pergunta não tinha sido respondida claramente em seus dias, e ainda se segue discutindo (ver com. ISA. 41: 8; 42: 1; 52: 13; 53: 1). Felipe não tinha nenhuma duvida quanto ao tema, e nós tampouco devêssemos tê-la. A pergunta proporcionou ao Felipe o texto básico para apresentar ao etíope um sermão a respeito do Jesus.

35.

Abrindo sua boca.

Sempre que aparece esta frase no NT, significa que está a ponto de pronunciar um discurso e não umas poucas palavras (cf. Mat. 5: 2; 13: 35; Hech. 10: 34).

Esta escritura.

Felipe começou seu discurso pela passagem que o eunuco estava lendo. Nesse momento não havia um melhor ponto para começar. Deve começar-se com aqueles passagens que interessam aos ouvintes.

Anunciou-lhe o evangelho do Jesus.

É possível que o eunuco tivesse ouvido em Jerusalém do ensino do Jesus. A obra dos discípulos tinha captado a atenção de toda a cidade (cap. 2: 41; 4: 33; 5: 12-14; 6: 7-8); mas em muitas das discussões que tinha ouvido sem dúvida se tinha classificado ao Jesus como impostor, e é pouco provável que houvesse entendido ISA. 53 à luz da predicación dos apóstolos. Entretanto, esta profecia é uma das apresentações mais claras do AT quanto à morte do Jesucristo como sacrifício e substituto do pecador, como a única maneira de salvar-se dos efeitos do pecado: a condenação que traz consigo e o poder destrutivo que o acompanha. O que acontece a seguir mostra que o ensino do Felipe abrangia não só a aplicação da profecia a Jesucristo, mas também instruções quanto ao que significava unir-se ao companheirismo com os discípulos de Cristo. O NT estabelece claramente que tais instruções eram repartidas antes de que o candidato fora submerso nas águas batismais. 222

Pregar ao Jesus é a obra de todo pregador evangélico e também de tudo cristão, já seja mediante a palavra ou por fiel testemunho da vida diária. Não importa qual seja o tema do sermão que se presente, seu centro sempre deve ser Jesucristo.

36.

Indo pelo caminho.

Felipe e o eunuco tiveram que ter viajado juntos certo tempo, porque o instrutor não só apresentou os pontos básicos da salvação em Cristo Jesus de acordo à luz da ISA. 53, mas sim prolongou a instrução até tal ponto que o eunuco compreendeu o significado do batismo, e desejou recebê-lo.

Certa água.

A região do caminho a Gaza é árida, e não é fácil encontrar água. Segundo o mapa da Medeba (provavelmente do século VI), o eunuco etíope foi batizado perto do Bet-sul, ao noroeste do Hebrón. Outros pensam que foi em algum manancial do Wadi o-Hesi, entre o Eleuterópolis e Gaza.

O que impede?

É exemplar o desejo do eunuco por completar sua preparação para ser membro na igreja do Senhor que acabava de achar. A iniciativa foi dela. Felipe não precisou animá-lo a que o fizesse. Tinha aprendido do Salvador e recebido o perdão de seus pecados. Tinha sido instruído quanto no Nome e ao Caminho (cf. Hech. 4: 12; Juan 14: 6). Que razões podiam dar-se para lhe negar o rito do batismo?

37.

Se crie.

A crítica textual tende a confirmar (cf. P. 10) a omissão deste versículo. É possível que fora uma explicação marginal, tirada de uma antiga confissão batismal que se incorporou ao texto. Entretanto, deve notar-se que a verdade expressa no vers. 37 aparece em diversas formas em outras passagens bíblicas (cf. Juan 3: 16; Hech. 2: 38; 16: 30-31).

38.

Mandou.

A comitiva se deteve. Seus membros tiveram que ter contemplado com interesse o batismo; é possível que alguns deles formassem o núcleo da primeira congregação cristã de Etiópia. A tradição afirma que o eunuco proclamou o Evangelho entre seus compatriotas.

Descenderam ambos à água.

Se só aparecesse esta frase, não se poderia saber se Felipe e o etíope "descenderam" até a borda, ou se entraram na água. Mas a dúvida se limpa no vers. 39.

39.

Subiram da água.

O texto grego diz que subiram de dentro da água. Se não houvessem descendido [entrado] ambos na água, não poderiam ter saído de dentro de ela. Aqui sem dúvida apresenta um batismo por imersão. Ver com. Mat. 3:6; Mar. 16: 16; ROM. 6: 3-6. Esta é uma clara ilustração do método de batismo que utilizava a igreja primitiva, embora fora em uma situação inesperada, e desprovida de toda cerimônia.

O Espírito.

O Espírito tinha iniciado o encontro do Felipe com o eunuco, e depois de que teve alcançado um resultado positivo, o Espírito apresentou outra vez a Felipe novas possibilidades de serviço.

Arrebatou.

Gr. harpázÇ, "arrebatar" "levar-se pela força". O mesmo verbo se emprega em forma similar em 1 Lhes. 4: 17; Apoc. 12: 5. Os sentimentos poderiam haver levado naturalmente ao evangelista a ficar para completar sua tarefa com o eunuco e instrui-lo completamente; mas Felipe foi afastado de seu companheiro de viaje por meio de um poder sobrenatural (cf. 1Rey. 18: 12; 2 Rei. 2: 16; Eze. 3: 12, 14).

E seguiu.

Melhor "porque seguiu". Assim se explica por que o eunuco não viu mais ao Felipe; e também sugere que o eunuco aceitou o desaparecimento do Felipe como um ato sobrenatural, e portanto não dedicou tempo procurando inutilmente a quem o tinha ensinado e batizado, mas sim seguiu seu caminho, continuando a viagem que interrompeu-se.

Contente.

Esta expressão parece ser típica do Lucas (cf. Luc. 15:5; 19:6). O eunuco acreditou que Felipe estava nas mãos de Deus, e não se preocupou com ele a não ser prosseguiu sua viagem regozijando-se na nova luz que tinha recebido. Eusebio diz que o eunuco retornou a sua terra natal e ali pregou "o conhecimento do Deus do universo e a vida de nosso Salvador que dá vida aos homens", e deste modo cumpriu as palavras de Sal. 68:31: "Etiópia se apressará a estender suas mãos para Deus" (História eclesiástica ii.1. 13). Embora muitas vezes se diz que o eunuco foi o primeiro missionário ao país que

conhecemos como Etiópia, deve recordar-se que este funcionário do Candace era de o que hoje se chama Suam (ver com. Hech. 8: 27). Parece que o Evangelho entrou em Etiópia ao redor do século IV.

40.

encontrou-se em Açoito.

O texto grego não sugere que o tenham procurado, mas sim de repente "apareceu" em Açoito, a qual correspondia com a Asdod do AT (1 Sam. 5:1-7). Era uma de as cinco principais cidades de 223 os filisteus, a 5 km do mar, a metade de caminho entre a Gaza e Jope. Açoito, como Gaza, sofreu assédios sucessivos: pelos assírios (ISA. 20: 1); pelos egípcios (Herodoto, Os nove livros de a história il. 159; ver com. Jer. 47: 1), e pelos Macabeos (1 MAC. 5: 68; 10: 84). Foi reconstruída no ano 55 A. C. pelo general romano Gabinio. Felipe não permaneceu ali, mas sim "passando, anunciava o evangelho em todas as cidades" (ver com. Hech. 8: 4).

Anunciava.

O notável episódio do Felipe com o eunuco não interrompeu as outras atividades do diácono como pregador do Evangelho.

Em todas as cidades.

É provável que sua rota passasse pela Lida e Jope, e os efeitos de seus trabalhos sem dúvida puderam ver-se nas florescentes comunidades cristãs que mais tarde se estabeleceram em ambas as cidades (cap. 9: 32, 36).

Cesarea.

Cesarea estava junto ao caminho de Tiro ao Egito, e alcançou em tempos dos romanos grande importância histórica. Originalmente a cidade se chamou Torre de Estrato, e era só um lugar onde se tiravam as barcos a terra. Herodes o Grande a construiu em 12 anos, dotando a de um porto tão grande como o Do Pireo, perto de Atenas, e a chamou Cesarea em honra de Augusto César. Depois que Arquelao foi deposto, converteu-se em residência oficial do governador romano (6-41 e 44-66 d. C.) e capital da Palestina (Hech. 23:23-24). Tácito chama a Cesarea "metrópole da Judea" (Histórias il. 78). Sua população era principalmente pagã, mas também viviam ali muitos judeus, o que a fazia um centro promissor para a obra missionária. Cesarea foi uma cidade importante em a história da igreja, pois nos capítulos seguintes de Feitos se a menciona 15 vezes. pode-se deduzir (cap. 21: 8) que Felipe fez desta cidade o centro de sua obra evangelística. Mais tarde viveu ali Orígenes de Alejandría (C. 184-254 d. C.), e Eusebio (C. 260-340 d. C.), historiador da igreja primitiva, foi seu bispo. Hoje ficam só ruínas do que foi uma grande cidade. Desde 1959 se realizaram na Cesarea importantes escavações arqueológicas que deixaram ver a magnitude e a magnificência da antiga cidade (ver National Geographic, fevereiro, 1987, pp. 261-279).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-40 HAp 85-91

1 HAp 83, 85, 105; 2JT 546; P 198; PVGM 250

3 HAp 85, 93; P 198

4 C (1967) 86; CS 233; DTG 201; EC 464; HAp 87, 93, 135; 2JT 546; OE 403; PR 515; 3T 413; 8T 57

4-5 CS 375

5-8 HAp 87; MC 99

9 CS 570

9-10 CS 682

14 8T 57

17 P 101

18-19 9T 217

20 CS 137

23 2T 563

26-28 HAp 88

26-40 8T 57

29 MC 375

29-40 HAp 88

CAPÍTULO 9

Enquanto Saulo se dirige a Damasco, 4 uma luz celestial o prostra em terra. 10 O Senhor o chama para o apostolado; 18 Ananías o batiza. 20 Saulo prega corajosamente a Cristo. 23 Os judeus procuram matá-lo, 29 e também os gregos; mas ele escapa de ambos. 31 As Iglesias desfrutam de paz. Pedro cura a Ns, o paralítico, 36 e ressuscita a Tabita (Dorcas).

1 SAULO, respirando ainda ameaça e morte contra os discípulos do Senhor, veio ao supremo sacerdote,

2 e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que se achasse alguns homens ou mulheres deste Caminho, trouxesse-os detentos a Jerusalén.224

3 Mas indo pelo caminho, aconteceu que ao chegar perto de Damasco, repentinamente lhe rodeou um resplendor de luz do céu;

4 e caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegue?

5 O disse: Quem é, Senhor? E lhe disse:

Eu sou Jesus, a quem você persegue; dura

coisa te é dar coices contra o aguilhão.

6 O, tremendo e temeroso, disse: Senhor, o que quer que eu faça? E o Senhor disse-lhe: te levante e entra na cidade, e te dirá o que deve fazer.

7 E os homens que foram com o Saulo se pararam atônitos, ouvindo a verdade a voz, mas sem ver ninguém.

8 Então Saulo se levantou de terra, e abrindo os olhos, não via ninguém; assim, lhe levando pela mão, meteram-lhe em Damasco,

9 onde esteve três dias sem ver, e não comeu nem bebeu.

10 Havia então em Damasco um discípulo chamado Ananías, a quem o Senhor disse em visão: Ananías. E ele respondeu: me haja aqui, Senhor.

11 E o Senhor lhe disse: te levante, e vá à rua que se chama Direita, e busca em casa do Judas a um chamado Saulo, do Tarso; porque hei aqui, ele ora,

12 e viu em visão a um varão chamado Ananías, que entra e lhe põe as mãos em cima para que recupere a vista.

13 Então Ananías respondeu: Senhor, ouvi que muitos a respeito deste homem, quantos males tem feito a seu Santos em Jerusalém;

14 e até aqui tem autoridade dos principais sacerdotes para prender a todos os que invocam seu nome.

15 O Senhor lhe disse: Vê, porque instrumento escolhido me é este, para levar meu nomeie em presença dos gentis, e de reis, e dos filhos do Israel;

16 porque eu lhe mostrarei quanto lhe é necessário padecer por meu nome.

17 Foi então Ananías e entrou na casa, e pondo sobre ele as mãos, disse: Irmano Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinha, enviou-me para que receba a vista e seja cheio do Espírito Santo.

18 E ao momento lhe caíram dos olhos como escamas, e recebeu imediatamente a vista; e levantando-se, foi batizado.

19 E tendo tomado alimento, recuperou forças. E esteve Saulo por alguns dias com os discípulos que estavam em Damasco.

20 Em seguida pregava a Cristo nas sinagogas, dizendo que este era o Filho de Deus.

21 E todos os que lhe ouviam estavam atônitos, e diziam: Não é este o que assolava em Jerusalém aos que invocavam este nome, e a isso veio para cá, para levá-los detentos ante os principais sacerdotes?

22 Mas Saulo muito mais se esforçava, e confundia a quão judeus moravam em Damasco, demonstrando que Jesus era o Cristo.

23 Passados muitos dias, os judeus transformaram em conselho lhe matar;

24 mas suas armadilhas chegaram a conhecimento do Saulo. E eles guardavam as portas de dia e de noite para lhe matar.

25 Então os discípulos, tomando de noite, desceram-lhe pelo muro,
lhe desprendendo em uma cesta.

26 Quando chegou a Jerusalém, tratava de juntar-se com os discípulos; mas todos
tinham-lhe medo, não acreditando que fosse discípulo.

27 Então Bernabé, tomando, trouxe-o para os apóstolos, e lhes contou como
Saulo tinha visto no caminho ao Senhor, o qual lhe tinha falado, e como em
Damasco tinha falado valorosamente no nome do Jesus.

28 E estava com eles em Jerusalém; e entrava e saía,

29 e falava denodadamente no nome do Senhor, e disputava com os gregos;
mas estes procuravam lhe matar.

30 Quando souberam isto os irmãos, levaram-lhe até a Cesarea, e lhe enviaram
ao Tarso.

31 Então as Iglesias tinham paz por toda Judea, Galilea e Samaria; e eram
edificadas, andando no temor do Senhor, e se acrescentavam fortalecidas por
o Espírito Santo.

32 Aconteceu que Pedro, visitando todos, veio também aos Santos que
habitavam na Lida.

33 E achou ali a um que se chamava Ns, que fazia oito anos que estava em
cama, pois era paralítico.

34 E lhe disse Pedro: Ns, Jesucristo lhe sã; te levante, e faz sua cama. E em
seguida se levantou.

35 E lhe viram todos os que habitavam na Lida e no Sarón, os quais se
converteram ao Senhor. 225

36 Havia então no Jope uma discípula chamada Tabita, que traduzido quer
dizer, Dorcas. Esta abundava em boas obras e em esmolas que fazia.

37 E aconteceu que naqueles dias adoeceu e morreu. depois de lavada, a
puseram em uma sala.

38 E como Lida estava perto do Jope, os discípulos, ouvindo que Pedro estava
ali, enviaram-lhe os homens, a lhe rogar: Não demore para vir a nós.

39 Levantando-se então Pedro, foi com eles; e quando chegou, levaram-lhe a
sala, onde lhe rodearam todas as viúvas, chorando e mostrando as túnicas e
quão vestidos Dorcas fazia quando estava com elas.

40 Então, tirando todos, Pedro ficou de joelhos e orou; e voltando-se para
corpo, disse: Tabita, te levante. E ela abriu os olhos, e ao ver o Pedro, se
incorporou.

41 E ele, lhe dando a mão, levantou-a; então, chamando os Santos e às
viúvas, apresentou-a viva.

42 Isto foi notório em toda Jope, e muitos acreditaram no Senhor.

43 E aconteceu que ficou muitos dias no Jope em casa de um certo Simón,

curtidor.

1.

Saulo.

Ver a segunda Nota Adicional do cap. 7.

Respirando.

Gr. empnéÇ, "respirar", "inspirar" ou "exalar ar". A detenção e matança de os cristãos eram, falando figuradamente, o ar que respirava Saulo. Os povos semíticos freqüentemente associavam com o fôlego a emoção causada pela ira.

Ainda.

Gr. éti, "ainda". Relaciona-se o relato do cap. 9 com o cap. 8:3. A igreja seguia estendendo-se fora de Jerusalém (cap. 8:4-40), mas Saulo seguia perseguindo-a na capital e seus arredores.

Ameaças e morte.

Melhor "ameaça e homicídio". O zelo do perseguidor se intensificou. Estava disposto a chegar a qualquer extremo para arrancar de raiz a odiada ensino. Pablo o reconheceu posteriormente (cap. 22:4; 26:9-11). Não tentou diminuir sua importância no terrível papel que desempenhou no asolamiento da igreja. Alguns dos antigos pais da igreja encontraram um paralelismo semiprofético entre as palavras do Jacob, "Benjamim é lobo arrebatador; à manhã comerá a presa, e à tarde repartirá os despojos" (Gén. 49:27), e a atuação de que sentia orgulho de ser membro de a tribo de Benjamim (Fil. 3:5) e levava o nome do grande herói real dessa tribo.

Contra os discípulos.

Não se dão os nomes das vítimas desta perseguição contínua; mas a confissão posterior do Pablo, "quando os mataram, eu dava meu voto" (Hech. 26: 10), indica que Esteban não foi o único morto nesse período. O zelo manifestado durante a morte do Esteban fez que Saulo fora eleito membro do sanedrín (HAp 84), e imediatamente foi investido de autoridade pelos principais sacerdotes para procurar com afã aos cristãos em Jerusalém. Quando se soube em Jerusalém que se admitiram samaritanos na igreja (ver com. cap. 8:1), o ódio dos judeus indubitavelmente se intensificou,

Supremo sacerdote.

Anás ou Caifás (ver com. cap. 4:6), ambos os saduceos, enquanto que Saulo se glorificava de ser um estrito fariseu (cap. 26:5). Entretanto, esta estranha aliança (T. V, pp. 53-54) não foi um impedimento para o contumaz perseguidor. A aliança de saduceos e fariseus que antes se formou contra Jesus (Mat. 26:3), renovou-se contra seus seguidores.

2.

Cartas.

As cartas que Saulo pediu eram uma prova da "comissão" e os "poderes"

(cap. 26:12) que lhe tinham sido concedidos. Parece que Roma cooperava com as autoridades judias, lhe dando ao supremo sacerdote a autoridade de capturar aos fugitivos judeus. É provável que este poder começasse desde aproximadamente o ano 56 A. C. (Josefo, Antiguidades xIV. 8. 5; cf. 1 MAC. 15:15-24).

Sinagogas.

A cidade era cosmopolita, e é provável que vivessem ali pessoas de muitas nações. Como acontecia em Jerusalém (ver com. cap. 6:9), era natural que os diferentes grupos estabelecessem suas próprias sinagogas. calcula-se que nesse tempo pôde haver em Damasco entre 30 e 40 sinagogas. Sem dúvida os cristãos ainda assistiam fielmente à sinagoga, e Saulo se propunha proceder contra eles.

Damasco.

Damasco é uma das cidades mais antigas do mundo que ainda é habitada. Josefo (Antiguidades I. 6. 4) diz que foi fundada pelo Uz, neto do Sem (ver T. I, P. 282). Damasco aparece no relato do Abraão 227

A VIDA DO Pablo

como o lugar onde nasceu Eliezer, seu mordomo (Gén. 15:2). David pôs guarnições nela (2 Sam. 8:6); mas nos dias do Rezón a cidade se converteu em um centro de oposição contra Salomón (1 Rei. 11:23-25). Seus rios, Abana e Farfar, segundo a opinião do Naamán, o general sírio que sofria de lepra, eram melhores que os rios do Israel (2 Rei. 5:12). Damasco era o centro do reino sírio (aramaico), e alternadamente foi aliada e inimizade de Israel e do Judá (2 Rei. 14:28; 16:9-10; Amós 1:3, 5). Comercializava com Tiro vendendo vinho e lã branca, como o afirma Ezequiel (cap. 27:16, 18). Parmenio, geral macedonio, no ano 333 A. C., tomou a cidade em nome de Alejandro Magno. Foi conquistada de novo pelo Pompeyo, general romano, no ano 64 A. C. Quando Saulo se converteu, Damasco estava sob a jurisdição de Vitelio, então governador romano de Síria. Quando Tiberio morreu no ano 37 d. C., Vitelio foi a Roma, e Aretas IV, rei dos nabateos, dominou a Damasco e a governou mediante um representante dele. Tal era a situação quando Saulo escapou desta cidade (2 Cor. 11: 32).

Damasco está situada em um oásis no deserto de Síria. O rio Abana, alimentado pelas neves das montanhas do Antilíbano, rega os arredores e lhe dá muita fertilidade. Com razão se descrevia a cidade como "uma capital predestinada à prosperidade". Sua população era principalmente aramaica, mas na cidade havia uma numerosa coletividade judia. O relato do Hech. 9 sugere que ali havia muitos "discípulos do Senhor" (vers. 1). Destes, muitos podem ter sido refugiados que tinham fugido da perseguição de Jerusalém e seus arredores. Sem dúvida nas sinagogas locais se deu a ordem de fazer respeitar o decreto do sanedrín de Jerusalém. Lucas não explica por que Saulo preferiu levar a cabo sua obra de perseguição contra a igreja de esse lugar; entretanto podem sugerir-se algumas raciocine: (1) como já se assinalasse, os cristãos se refugiaram ali, a bastante distância de Judea; (2) havia conversos oriundos desse lugar; (3) é possível que Damasco se tivesse convertido em um núcleo secundário da crescente igreja; (4) Saulo pôde ter conhecido às autoridades judias do lugar e contado com seu cooperação contra os cristãos.

Homens ou mulheres.

A inclusão de mulheres entre suas possíveis vítimas destaca a fúria com que

atuou Saulo contra os cristãos (cf. cap. 22:4).

Deste Caminho.

O essencial "caminho" aparece como sinônimo do cristianismo em suas primeiras décadas (cf. cap. 19:9, 23; 22:4; 24:14, 22). Compare-se com a maneira em que Loucas usa alguns outros términos: "o Nome" (cap. 5:41), "a palavra" (cap. 4:4; 8:4; 14:25), "o caminho de salvação" (cap. 16:17), "o caminho do Senhor" (cap. 18:25). Possivelmente este término surgiu da declaração do Jesus de que ele era o "caminho" (Juan 14:6), ou da referência que fez ao "caminho" estreito (Mat. 7:14).

Presos a Jerusalém.

A missão do Saulo implica que o delito dos cristãos não pertencia à jurisdição dos tribunais locais (ver com. Mat. 10: 17), e devia ser referido ao sanedrín (ver T. V, P. 68) de Jerusalém. O poder dos sacerdotes era tão grande (ver com. "cartas"), que as autoridades judias podiam capturar a quem desejasse, até em países estrangeiros.

3.

Indo.

Não se sabe por que caminho foram Saulo e seus companheiros; mas dispunham pelo menos de duas possíveis rotas. Alguém era o caminho principal das caravanas, que ia do Egito a Damasco, e que corria paralelamente com a costa da Palestina até cortar o vale do Jordão, ao norte do mar da Galilea. O outro caminho passava pela Samaria e cruzava o Jordão ao sul do mar da Galilea, e depois de passar pela Gadara seguia ao nordeste para Damasco. Era possível percorrer os 240 km de distância em uma semana.

Perto de Damasco.

Não se sabe onde teve Saulo a visão. Há pelo menos quatro tradições, mas contraditórias e sem base histórica. Não há dúvida de que foi perto da cidade, pois os que foram com ele "lhe levando pela mão, meteram-lhe em Damasco" (vers. 8; cf. HAp 93-94).

O livro de Feitos registra três versões do que ocorreu perto de Damasco. Com referência às pequenas variantes entre relatos bíblicos paralelos, ver a Nota Adicional do Mat. 3. A comparação das três versões que se apresenta a seguir, destaca os pontos principais dos três relatos.

Rodeou-lhe um resplendor de luz.

Em outras passagens (cap. 22:6; 26:13) diz-se que a visão teve lugar ao meio-dia. Não importa quão brilhante fora a luz do sol do meio-dia, Pablo disse que a luz que viu do céu "ultrapassava o resplendor do sol" (cap. 26:13). Em 228 meio desse fulgor viu tão claramente ao Cristo glorificado, que depois se incluiu entre os que tinham tido o privilégio de contemplar ao Senhor depois de sua ressurreição (Hech. 9: 17; 1 Cor. 9: 1; 15: 8; HAp 94). Quanto à forma da visão, é natural que fora similar a que havia contemplado Esteban (ver com. Hech. 7: 55-56). As palavras do mártir: "Vejo os céus abertos, e ao Filho do Homem que está à mão direita de Deus", tinham sido como uma blasfêmia frente ao fogoso zelo do Saulo, o fariseu. Agora Saulo mesmo viu o Filho do homem, na glória do Pai. Seus companheiros ouviram a voz, mas não distinguiram as palavras (cap. 22: 9; cf.

com. cap. 9: 7). Viram a luz (cap. 22: 9), mas não perceberam a forma de Aquele que falou (ver com. Juan 12: 29). Estes detalhes provam que foi um sucesso real.

4.

E caindo.

A luz do céu os afligiu de tal maneira que todos os viajantes caíram ao chão (cap. 26: 14), embora Lucas só menciona ao Saulo. Não há indicação alguma de que tivessem ido a cavalo.

OS TRÊS RELATOS DA CONVERSÃO DO Pablo

229

Ouviu uma voz.

Ao comparar esta passagem com os outros (cap. 9: 7 e 22: 9) entende-se que Saulo ouviu e compreendeu a voz que lhe falou, enquanto que seus companheiros ouviram seu som, mas não entenderam o que se disse (ver com. cap. 9: 7).

Saulo.

Até o cap. 9:1 apareceu o nome do Saulo em sua forma grega: Sáulos; mas aqui e em outras passagens (cap. 9: 17; 22: 7, 13; 26: 14) usa-se Saóul, forma hebréia deste nome. Isto provavelmente reflita as palavras que foram sortes (1) pelo Jesus, quem falava em língua aramaica ou hebréia (cap. 26:14; ver T. I, P. 34), e (2) pelo Ananías, que provavelmente era judeu e portanto falava hebreu (aramaico). Com referência à repetição do nome de uma pessoa nas comunicações divinas, cf. Gén. 22: 11; 1Sam. 3: 10; Mat. 23: 37; Luc. 10: 41; 22: 31.

por que me persegue?

Cristo lhe faz uma pergunta penetrante ao perseguidor. Sacudiu a base de seu conduta, e demonstrou que não conhecia que tão implacavelmente perseguia. Cristo -note-se- identifica-se de tal modo com seus discípulos, que os sofrimentos destes se convertem nos dele (HAp 95-96). "Em toda angústia deles ele foi angustiado"(ISA. 63: 9) e "que vos touca, toca à menina de seu olho" (Zac. 2: 8). O Senhor considera que o que fazem a seus discípulos é como se o fizessem a ele (Mat. 10: 40).

5.

Quem é, Senhor?

Dificilmente Pablo teria usado a palavra "Senhor" em toda a plenitude do sentido que lhe dá no NT. Sua resposta natural era de temor e respeito (ver com. Juan 1: 38); entretanto, Saulo sentia vagamente a presença divina, e mostrou-o pronunciando o título "Senhor".

Eu sou Jesus.

Uns poucos manuscritos acrescentam "do Nazaret", mas a evidência textual afirma a omissão dessas palavras (cf. P. 10) que aparecem no Hech. 22: 8, no relato do Pablo. Jesus do Nazaret é o nome que usaram despectivamente os acusadores do Esteban (cap. 6: 14). Era o mesmo nome que Saulo tinha estado

obrigando aos discípulos a repudiar (cap. 26: 11; cf. vers. 9). Ao aplicar-se a si mesmo esse nome, o Ser celestial que aparece ao Saulo se identifica inequivocamente como Jesucristo. O perseguidor se rende. A compreensão de que Jesus era o Cristo assinalou o momento da conversão do Saulo e o fim de sua fúria perseguidora. viu-se obrigado a reconhecer o que seu professor Gamaliel já tinha sugerido (cap. 5: 39): que era inútil lutar "contra Deus". Ver com. cap. 22: 8; 26: 15.

A quem você persegue.

No grego os pronomes "você" e "eu" são enfáticos. estabelece-se então um agudo contraste entre Cristo: amor, poder, glória, e Saulo: perseguidor, mas agora rendido e temeroso.

Dura coisa.

A evidência textual tende a confirmar a omissão (cf. P. 10) da frase "dura coisa te é dar coices contra o aguilhão"; entretanto, estabelece seu presencia no cap. 26: 14. Esta declaração aparece em vários manuscritos latinos, mas não nos gregos. Aparece na RVR porque Erasmo (ver T. V, pp. 142-143) traduziu-a do latim e a incorporou ao texto de seu NT em grego. Em quanto a esta declaração, ver com. Hech. 26: 14.

6.

O, tremendo e temeroso.

A evidência textual tende a confirmar (cf. P. 10) a omissão de "O, tremendo e temeroso, disse: Senhor, o que quer que eu faça? E o Senhor o disse". Entretanto, estabelece-se a inclusão da pergunta do Pablo: "O que farei, Senhor?", na passagem paralelo (cap. 22: 10). Esta passagem, assim como a última parte do vers. 5 (ver com. "dura coisa"), não se encontra nos manuscritos gregos. Parece que se introduziu na RVR através da inserção (apoiando-se na Vulgata) que fez Erasmo quando preparou seu NT em grego.

te levante.

Saulo permanecia em terra aonde tinha cansado.

Entra na cidade.

Isto sugere que Saulo e os que lhe acompanhavam estavam perto de Damasco (cf. vers. 3).

Te dirá.

Posteriormente Pablo dá um relatório mais detalhado das instruções que recebeu de Cristo (cap. 26: 16-18). O relato do Lucas aqui é mais breve. Se deram-lhe instruções mais amplas por meio do Ananías (vers. 15-17).

7.

Os homens.

Ao Saulo não só lhe tinha dado autoridade para levar adiante sua obra de perseguição, mas também vários ajudantes. Conforme parece, tinham o plano de desarraigar por completo o cristianismo da cidade de Damasco.

pararam-se.

Também tinham cansado em terra (cap. 26: 14). Possivelmente se levantaram antes que Saulo.

Atônitos.

A experiência, embora menos intensa para eles que para seu caudilho, deixou-os assombrados.

Ouvindo a verdade a voz.

Na RVA há uma aparente oposição entre esta afirmação 230 e outra que é paralela: "não ouviram a voz" (cap. 22:9). A RVR interpreta bem o grego, e traduz aqui "ouvindo a voz", e no cap. 22:9 que, embora a ouviram. O verbo grego akóuÇ pode significar "ouvir", "escutar" ou "entender". A diferença está no caso gramatical da palavra a qual se refere o verbo. Nesta passagem, no grego diz akoúontes... t's fÇn's, e a palavra traduzida "voz" está em caso genital, pelo qual se pode traduzir "ouviram a voz". No Hech. 22:9 diz t'n ... fon'n ouk 'kousan, e a palavra que se traduz "voz" está no caso acusativo, pelo qual é perfeitamente possível traduzir "não entenderam a voz". Os que acompanhavam ao Saulo viram uma luz resplandecente, e ouviram uma voz mas não compreenderam o que dizia, nem tampouco puderam distinguir a nenhuma pessoa.

Sem ver ninguém.

Viram a luz celestial (cap. 22:9), mas não perceberam a forma divina que Saulo viu envolta nessa luz.

8.

Abrindo os olhos.

Abriu os olhos, mas nada viu; estava cego.

Não via ninguém.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto: "não via nada". Saulo tinha ficado cego pela deslumbrante glorifica da luz celestial (cf. cap. 22:11). Sua cegueira provava que o que tinha visto não era uma alucinação. Para o Saulo a cegueira bem pôde ter tido um significado espiritual. Se tinha considerado como "guia dos cegos", gabando-se de que via claramente (cf. ROM. 2:19). Agora devia aceitar sua cegueira por um tempo, até que a luz interior e também a exterior, voltassem a iluminá-lo.

Alguns comentadores acreditam que os efeitos deste enceguecimiento foram permanentes na vista do apóstolo, porque geralmente ditava suas cartas (cf. 2 Lhes. 3:17), quando escrevia o fazia com letras grandes (ver com. Gál. 6:11), e porque não reconheceu ao supremo sacerdote que ordenou que o golpeassem (Hech. 23:2-5). A mais razoável das várias teorias sobre o "aguilhão" em a "carne" do Pablo, é que se tratava de uma deficiência da vista, o que possivelmente implicava ataques de aguda dor (ver com. 2 Cor. 12:7). Esta possibilidade daria um significado especial ao desejo dos gálatas de tirar-se os olhos, se isso tivesse sido possível, para dar-lhe ao apóstolo (ver com. Gál. 4:15).

lhe levando.

A vista dos companheiros do apóstolo não ficou muito afetada. Possivelmente não haviam cuidadoso tão diretamente a deslumbrante glorifica, ou a radiação plena não havia brilhado sobre eles. Seja como for, puderam guiar ao Saulo; levaram da emano ao que tinha sido seu caudilho. O orgulho do Saulo se converteu em humilhação. Sua missão já era conhecida em Damasco, e os sacerdotes esperavam ansiosamente sua chegada enquanto que os cristãos a temiam. Saulo chega, mas sua missão fracassou, e as cartas para as sinagogas sem dúvida nunca foram entregues.

9.

Três dias.

O conflito na alma do Saulo deve ter sido terrível, e foi necessário que transcorressem os três dias até que desfrutasse de paz. O Espírito de Deus utilizou esses três dias de cegueira para iluminar a mente do afetado. Na tranqüila escuridão Saulo pôde recordar as profecias messiânicas, pôde as aplicar ao Jesus do Nazaret e examinar seu próprio passado tendo em conta suas novas convicções. Quão grande deve ter sido sua angústia, quão ferventes suas preces em procura de perdão; quão doce a dádiva do perdão de Cristo! Ver HAp 96-98.

Não comeu nem bebeu.

Este jejum não foi só um ato de arrependimento. Por um tempo a angústia mental foi maior que o apetite normal. Os três dias de cegueira foram um período de introspecção e arrependimento.

10.

Ananías.

Com referência ao significado deste nome, ver com. cap. 5: 1. Ananías era um nome comum entre os judeus. Não se menciona mais a este discípulo no NT, exceto no cap. 22:12, onde Pablo o descreve como um "varão piedoso segundo a lei, que tinha bom testemunho de todos os judeus que... moravam" em Damasco. É possível que, de acordo a estas qualidades, fora o dirigente de a comunidade cristã e estivesse preparado para ser o mensageiro do Senhor para o Saulo. Não se sabe como chegou a ser cristão. Possivelmente seguiu ao Salvador durante seu ministério terrestre; pôde ter estado entre os conversos judeus de Pentecostés ou ter aceito depois o cristianismo. Possivelmente se viu obrigado a fugir de Jerusalém devido às perseguições depois da morte de Esteban; mas estas são só conjeturas. Por outra parte, as palavras com que Ananías expressa sua vacilação em visitar o Saulo (cap. 9:13-14), indicam que ainda recebia notícias de Jerusalém, porque conhecia o desastre que tinha causado o perseguidor e também o propósito de sua missão em Damasco. 231

Em visão.

Ananías foi preparado mediante uma visão para visitar o Saulo, e também Saulo foi preparado do mesmo modo para receber a visita do Ananías (vers. 12). Com referência a esta preparação mediante visões e seu parecido com a preparação do Pedro e Cornelio (cap. 10:1-18), os comentadores Conybeare e Howson fazem notar: "A preparação simultânea dos corações do Ananías e de Saulo, e a preparação simultânea do Pedro e Cornelio -a dúvida e vacilação do Pedro e também a do Ananías-: um duvidando se devia estabelecer

relacione com os gentis, e o outro vacilando se devia aproximar-se do inimigo da igreja; a resolvida obediência dos duas quando a vontade divina os foi claramente revelada e o estado mental no qual se encontravam o fariseu e o centurião, aguardando ambos para ver o que o Senhor poderia lhes dizer, é uma estreita analogia que não será esquecida por quem leia reverentemente os dois capítulos consecutivos (9 e 10) dos Fatos dos Apóstolos, onde se narram os batismos do Saulo e do Cornelio" (The Life and Epistles of the Apostle Paul, P. 94).

me haja aqui, Senhor.

Estas palavras expressam a prontidão do Ananías para levar a cabo as instruções do Senhor. Compare-se com os exemplos do Samuel (1 Sam. 3: 1-10) e Isaías (ISA. 6:8).

11.

Rua.

Gr. rhúm', "rua estreita", "beco". Esta estreita passagem entre as casas seria considerado muito estreito em comparação com as ruas modernas.

Direita.

A rua que tradicionalmente se denomina "a Direita" é a Sultaniyeh, que tem como 3 km de comprimento e vai de nordeste a sudoeste. Posto que seu nível atual está por cima do nível da rua dos dias do Pablo, é impossível identificar nenhuma casa. Escavações realizadas nela mostram que em tempos antigos tinha magníficas colunatas; hoje grande parte de sua extensão está ocupada por um imenso bazar.

Judas.

Não se dá nenhuma informação quanto a este Judas nem porquê levaram a Saulo a sua casa. O relato mostra quão detalhados são tanto o conhecimento como os planos de Deus.

Saulo, do Tarso.

Nesta passagem se destaca pela primeira vez o lugar de nascimento do Saulo (ver a segunda Nota Adicional do cap. 7; mapa P. 226). Sua posição geográfica garantia a importância do Tarso. Embora estava a 15 km do mar, havia um porto seguro entre a cidade e o mar, e as embarcações pequenas podiam chegar até a cidade. além dela se elevavam os Montes Touro, a través dos quais o estreito desfiladeiro conhecido como portas de Cilícia conduzia ao interior do Ásia Menor. Mas a antiga cidade era famosa não só por sua posição estratégica; destacava-se além como centro educativo, e algumas vezes era chamada a Atenas do Ásia Menor. Seus eruditos eram respeitados por seus conhecimentos científicos, e entre seus filósofos havia muitos renomados estóicos, os quais podem ter influenciado algo na forma de pensar do Saulo. Quanto aos ofícios, é significativo que se desse importância à fabricação de lojas, o ofício do Saulo (cap. 18:3).

Ora.

Aqui se nota o contraste entre as ameaças e a morte que respirava o perseguidor ao aproximar-se de Damasco, e o espírito de oração do humilde arrependimento que agora o embargava. As orações do Saulo incluiriam a

súplica de perdão por seu passado, e luz e sabedoria para o futuro, força para a obra a qual o chamava, e intercessão em favor daqueles a quem tinha estado perseguindo.

12.

Em visão.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pela omissão das palavras ,"em visão", entretanto, é muito provável que Deus se comunicou com o Saulo deste modo. Não é de sentir saudades que o Senhor que se revelou no caminho a Damasco, agora assegurasse o êxito de seus planos dando visões quase simultâneas a quem desejava que se encontrassem.

Um varão.

Jesus lhe fala com o Ananías para pô-lo a par do que já sabe Saulo. Depende esta descrição feita ao Ananías, é claro que Saulo ainda não o conhecia.

Que entra.

Note-a forma indireta em que o Senhor dá instruções ao Ananías. O relata a visão e espera que este a faça uma realidade encontrando ao Saulo e lhe restaurando a vista.

13.

ouvi que muitos.

Ananías sente muita inquietação pela ordem que lhe dá. Seu espírito obediente, mas humano, vacila em ajudar a alguém como Saulo, que tem uma fama tão terrível. Com todo respeito discute com o Senhor. As palavras mostram que Ananías tinha estado vivendo em Damasco, que não acabava de chegar de Jerusalém (cf. 232 com. vers. 10). Também indicam quanto se propagou entre os cristãos a fama da violência dos ataques do Saulo contra a igreja. Informe-os tinham sido tristemente confirmados pelos refugiados que tinham chegado a Damasco procedentes de Jerusalém.

Quantos maus.

Ver com. cap. 8: 1, 3; 9: 1.

Santos.

Com referência ao trasfondo hebreu desta palavra, ver com. Sal. 16: 3; e em quanto a seu significado entre os cristãos, ver com. ROM. 1: 7. É interessante notar que este uso cedo da palavra "Santos" no NT (cf. Mat. 27: 52) corresponda ao Ananías, o mensageiro enviado para ser o instrutor do Saulo, e que este mesmo vocábulo tivesse sido usado tantas vezes pelo apóstolo (ROM. 1: 7; 15: 25; 16: 2; 2 Cor. 1: 1; F. 1: 1; Fil. 1: 1; etc.).

14.

Autoridade.

A autorização oficial e escrita que Saulo tinha conseguido pessoalmente(vers. 1-2).

Todos os que invocam.

Invocar o nome de Cristo é acreditar nele. Ver com. cap. 2: 21; cf. Hech. 9: 21; 1 Cor. 1: 2; 2 Tim. 2: 22.

15.

Vê.

Ananías estava perplexo porque ignorava qual era a verdadeira situação; mas o Senhor conhecia todas as circunstâncias do caso, e dirigiu a seu servo de acordo com seu conhecimento.

Instrumento.

Gr. skéuos, "copo", "implemento". No NT se emprega esta palavra com uma grande variedade de sentidos (Mat. 13: 48; Luc. 8: 16; Juan 19: 29; Hech. 10: 11; ROM. 9: 21; 2 Cor. 4: 7; 1 Lhes. 4: 4). Utilizavam-na os autores clássicos para referir-se aos servos úteis e dignos de confiança. Com este sentido o Senhor aplica o término ao Saulo: usaria-o como instrumento para cumprir sua vontade entre os gentis.

Para levar meu nome.

Este foi o propósito do Senhor ao chamar o Saulo; este levaria o nome de Cristo ou manifestaria seu caráter (ver com. cap. 3: 16).

Gentis.

Os gentis aparecem em primeiro lugar na contagem, pois o rádio de ação do Saulo devia ser especialmente entre eles (ver com. ROM. 1: 13-14; 11: 13). Isto deve ter sido uma revelação surpreendente para o Ananías, quem, como piedoso judeu, não tinha compreendido ainda que todo mundo devia ouvir de Cristo. Mas agora vê no homem do qual só tinha ouvido que era um grande perseguidor, a um que foi escolhido e capacitado mais que todos os outros para a obra de estender o Evangelho por todo mundo.

Reis.

Estas palavras acham um cumprimento suficiente, embora possivelmente não exclusivo, em o discurso do Pablo ante a Agripa (cap. 26: 1-2) e ante o Nerón (ver com. 2 Tim. 4: 16).

Os filhos do Israel.

Embora Pablo foi o apóstolo para os gentis, pregou aos judeus em todas as oportunidades que teve (cap. 13: 5; 14: 1; 17: 1, 10; 18: 4, 19; 19: 8).

16.

Eu lhe mostrarei.

Isto sugere que Saulo recebeu instruções especiais de Cristo, possivelmente em visão (cf. cap. 20: 23). A perspectiva de ter que sofrer influi para que algumas pessoas vacilem em empreender determinada empresa; mas para o Saulo do Tarso tal perspectiva era só um desafio. Isto o capacitaria, se não a expiar seu passado, pelo menos a produzir frutos dignos de arrependimento. O

cumprimento da predição de sofrimentos se registra em 2 Cor. 11: 23-28, e com menos detalhe em 2 Cor. 6: 4-5. Cf. com. Mat. 5: 10-12; Hech. 14: 22; ROM. 8: 17; 2 Tim. 2: 12.

17.

Foi então Ananías.

Aceitou o que Deus lhe disse, e obedeceu imediatamente.

Pondo sobre ele as mãos.

Nesta ação havia um dobro propósito: (1) sanar (cf. Mar. 16: 18), e (2) conceder o Espírito Santo (cf. com. Hech. 6: 6). Este ato serve para confirmar a visão do Saulo (cap. 9: 12) e para identificar a seu visitante enviado pelo céu.

Irmano Saulo.

que fora perseguidor se apartou das autoridades judias e, aparentemente, tinha poucas esperanças de ser aceito pelos cristãos. O feito de que Ananías usasse a palavra "irmano" deve lhe haver inspirado confiança e dissipado seus temores. Ananías usa a forma hebréia (aramaica) do nome (Saóul) que Jesus já tinha empregado na visão do caminho a Damasco (ver com. vers. 4).

Senhor Jesus.

Esta forma composta combina o título que Saulo já tinha usado para dirigir-se a seu interlocutor celestial (vers. 5) e a maneira como Cristo se havia identificado: Jesus (vers. 5). Isto também deve ter sido animador para Saulo.

Que te apareceu.

O fato de que Ananías, a quem Saulo não tinha visto até então, já conhecesse a revelação do caminho a Damasco, teve que ter confirmado em Saulo a certeza do que tinha visto e ouvido.

Enviou-me.

Isto vincula a visão de 233 Pablo no caminho com a visita do Ananías. Saulo agora podia esperar que receberia a instrução prometida (vers. 6), de a qual se dá um relatório mais completo no cap. 22: 14-16.

Receba a vista.

Ou "recupere a vista" (BJ). Vê-se aqui uma estreita relação entre a imposição de mãos, a recuperação da vista e o henchimiento com o Espírito Santo.

Seja cheio.

Cf. com. Hech. 2: 4; 4: 31; F. 5: 18.

18.

Escamas.

Gr. lepís, "escama", palavra que usa a LXX para designar as escamas de peixes. Médico e Hipócrates a usaram para referir-se a um pouco parecido às escamas que podem desprender-se da pele ou dos olhos. É possível que Lucas empregue a palavra como um término médico. Posto que a cegueira do Saulo era resultado de uma manifestação sobrenatural, é inútil tratar de identificar exatamente seu doença com términos médicos modernos. Entretanto, é compreensível que Lucas empregasse um término médico para descrever a situação do Saulo.

Imediatamente.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a omissão destas palavras; sem embargo, esclarece que a cura foi imediata.

Foi batizado.

O relato posterior mais completo (cap. 22: 16) mostra que Ananías exortou a Saulo a que participasse do rito. É claro que se considerava que o batismo era uma condição necessária para a admissão na igreja (ver com. Mat. 3:6; Hech. 22:16). Nenhuma visão nem revelação do Senhor, nenhuma convicção pessoal por intensa que fora, podia eximir ao Saulo de ser batizado. Provavelmente o batismo se celebrou no rio Abana ou no Farfar, que aparecem no relato do Naamán (2 Rei. 5: 8-14). Elena do White dá a entender que Ananías, como representante de Cristo, administrou o batismo (HAp 99-100).

19.

Tendo tomado alimento.

Em certo modo esta frase parece corresponder melhor como parte do vers. 18. Não cabe a menor duvida de que Saulo estava fraco depois de jejuar três dias.

Recuperou forças.

"Não fortaleceu seu corpo com mantimentos até que sua alma teve recebido forças" (Juan Calvino, Commentaries, Hech. 9: 19). Então o corpo e a alma se fortaleceram para desempenhar a obra que estava por diante.

Alguns dias.

Lucas emprega também esta frase no Hech. 10: 48; 15: 36; 16: 12; 24: 24; 25: 13, e em todos esses casos indica um período breve. Descreve o tempo que esteve Pedro com o Cornelio, o curto lapso que passaram Pablo e Bernabé em Antioquía, a curta permanência do Pablo no Filipos, o breve tempo que Pablo esteve detido na Cesarea antes de que fora ouvido pelo Félix, e um período similar entre a chegada do Festo e a visita que Agripa lhe fez para saudá-lo como novo governador. destaca-se por contraste com a expressão "muitos dias" (cap. 9: 23), que parece indicar um período mais largo. A forma como se refere aos "discípulos" faz pensar que provavelmente já havia em Damasco muitos cristãos nesses primeiros anos da proclamação do cristianismo.
Receberam ao Saulo, não como inimigo, mas sim como um irmão. A obra do fiel Ananías termina aqui, e não aparece mais no livro dos Fatos.

20.

Em seguida.

Cristo sanou ao Saulo "imediatamente" (vers. 18), e Saulo começou a apresentar seu

testemunho "em seguida". Em ambos os casos se usa no grego a mesma palavra.

Pregava a Cristo.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto: "pregava ao Jesus", o que ainda não era tão comum. A proclamação de que Jesus do Nazaret era o Cristo, o tão desejado Mesías, era o conteúdo principal da mensagem do apóstolo aos judeus. A predicación do Saulo, como a do Pedro (ver com. cap. 2: 16), certamente tinha uma firme base profética (HAp 101-102).

Nas sinagogas.

Saulo foi às sinagogas como o tinha feito Jesus (ver com. Luc. 4: 16), pois eram os lugares mais apropriados para que se reunisse a gente a escutar sua proclamação evangélica. Como observador do sábado, ia à sinagoga o sábado; como apóstolo, proclamava ali o Evangelho. Em vez de entregar aos dirigentes das sinagogas as cartas que tinha recebido dos chefes de Jerusalém (Hech. 9: 2), proclamava-lhes o Evangelho que tinha recebido de uma autoridade muito superior a dos principais sacerdotes. Quanto à costume do Pablo de pregar aos "filhos do Israel" nas sinagogas, ver com. vers. 15.

O Filho de Deus.

Com referência ao significado deste título, ver com. Luc. 1: 35. Esta é a única vez que se utiliza nos Fatos para referir-se ao Jesus. O que Pablo proclamava era (1) que Jesus era verdadeiramente o Filho de Deus assim como era filho do David, e 234 (2)que se tinha demonstrado que Jesus do Nazaret era o Cristo. Isto era não só motivo de perplexidade para os judeus (cf. com. Mat. 22: 41-46), mas sim lhes parecia uma pretensão blasfema. Aos judeus os parecia extremamente difícil aceitar a mensagem de que Jesus era Filho de Deus.

21.

Atônitos.

Ver com. cap. 2: 7. Este assombro é fácil de entender se se recorda que Saulo tinha uma terrível fama de perseguidor dos cristãos. É possível que as autoridades das sinagogas tivessem recebido instruções de lhe emprestar a Saulo sua cooperação na obra que devia fazer. Por isso segue se vê claramente que sua fama era bem conhecido entre os judeus de Damasco.

Assolava.

"Perseguia encarnizadamente" (BJ). Pablo emprega o mesmo verbo para descrever suas ações do passado (Gál. 1: 13, 23). Esta forte expressão explica claramente que a matança de cristãos em Jerusalém não se limitou só ao apedrejamento do Esteban.

Invocavam este nome.

Ver com. cap. 2: 21; 3: 16; 4: 12.

Veio.

Melhor "tinha vindo", indicando assim Saulo tinha desistido do propósito que tinha-o movido ao ir a Damasco.

22.

Saulo muito mais se esforçava.

Melhor "fortalecia-se". Ia aumentando sua experiência e sua eficácia. A medida que passava o tempo, o Espírito Santo lhe dava cada vez mais poder. Nos anos posteriores a idéia de "força" e "fortalecer" foi proeminente no pensamento do Pablo: "Tudo o posso em Cristo que me fortalece" (Fil. 4: 13). Compreendia que o poder que se aperfeiçoava "na debilidade" (2 Cor. 12: 9) era de Cristo; que era Cristo quem o tinha fortalecido para cumprir seu ministério (1 Tim. 1: 12), e quem o "deu forças" nas provas finais de sua vida (2 Tim. 4: 17).

Confundia.

Gr. sugjúnÇ, "confundir", "aturdir". Ao Pablo o ajudou muito a preparação que tinha recebido do Gamaliel. Podia empregar seu completo conhecimento do judaísmo para apoiar suas novas convicções. Seus métodos faziam que sua fé fora aceitável para aqueles judeus que estavam procurando com sinceridade a Esperança do Israel; mas infelizmente eles não seriam mais que uma pequena parte de seus ouvintes; o resto dos judeus ficavam confundidos. Escutavam a uma pessoa culta e instruída que aplicava suas próprias Escrituras à vida de Jesus. Seguiam rechaçando ao Salvador, mas ainda não se atreviam a atacar a Saulo.

Demonstrando.

Gr. sumbibázÇ, "unir", "chegar a uma conclusão", "demonstrar". Saulo unia todas as provas com grande habilidade, apresentava as profecias messiânicas e concluía que se cumpriam no Jesus do Nazaret. Assim demonstrava que Jesus era o Cristo, o Ungido, o Mesías.

23.

Muitos dias.

Esta frase aparece também no vers. 43 onde se refere ao tempo que Pedro passou no Jope; ao tempo que Pablo ficou em Corinto depois de ser ouvido por Galio (cap. 18: 18), e também ao lenta viagem do Pablo a Roma (cap. 27: 7). Por o tanto, parece que representam um tempo relativamente largo, de duração indefinida. Como contraste, "alguns dias" refere-se a um tempo curto (ver com. cap. 9: 19).

Esta distinção é muito importante ao tratar de reconstruir este período da carreira do apóstolo. Os "alguns dias" do vers. 19 e os "muitos dias" de este versículo parecem referir-se a dois períodos de residência em Damasco. O primeiro foi breve e concluiu quando Saulo confundiu aos judeus (vers. 22); o segundo foi mais largo, e terminou quando fugiu de Damasco (vers. 23-25). O viaje a Arábia (Gál. 1: 15-18) pode situar-se entre estes dois períodos (HAp 102-105). Lucas não fala desta viagem, mas Pablo afirma que foi a Arábia pouco depois de sua conversão, antes de que retornasse a Damasco e voltasse para Jerusalém (Gál. 1: 15-18). depois da crise do caminho a Damasco, Pablo necessitava repouso, isolamento e tranqüila comunhão com Deus para preparar-se para os anos de árduo trabalho que tinha por diante. Se se contarem os três anos do Gál. 1: 18 a partir da conversão do Saulo, ambas as permanências em Damasco estariam dentro desse período, e a viagem a Arábia e os "muitos dias" na cidade não teriam sido muito compridos.

Não se sabe onde estava a "Arábia" a qual foi Saulo. Entretanto, o fato de que Damasco por esse tempo estivesse ocupada pelas tropas do Aretas, rei da Arábia Pétrea ou Nabatea (ver T. V., mapa frente à P. 353), faz provável que Saulo fora a essa região. Mas era uma região tão grande, das fronteiras do Egito até as imediações de Damasco, que não pode saber-se com certeza o lugar específico. Tampouco há dados exatos quanto ao tempo de sua viagem. Na p.103 se apresenta uma série de 235 dados cronológicos importantes.

É provável que durante a ausência do Saulo a comunidade cristã de Damasco tivesse crescido muito, com um tipo de disciplina e um culto similares aos que havia em Jerusalém. Até onde se saiba, ainda não se tinham admitido e a igreja conversos gentis e a predicación do Evangelho ainda estava restringida aos judeus. Com profundo afeto por quem era seus irmãos segundo a carne (ROM. 10:1), Saulo entregou totalmente à obra da evangelização entre eles, até que a aberta oposição o obrigou a partir de Damasco. Saulo estava sofrendo agora o mesmo ódio manifestado contra Esteban.

Transformaram em conselho.

O desgosto das autoridades os impulsionou a conspirar contra Cristo devido ao êxito de seu ministério (ver com. Mat. 15: 21; 19: 3; Juan 5: 16). A obra de Saulo induziu também aos judeus a uma oposição homicida. Sua avaliação do testemunho do novo apóstolo pode estimar-se pelas medidas drásticas que tomaram em seus intentos por destruir ao Saulo.

24.

Suas armadilhas.

Gr. epiboul', "complô". Esta palavra só aparece em Feitos (cap. 20: 3, 19; 23: 30). Implica uma oposição cuidadosamente planejada, cujo objeto era a morte do Saulo. Este se inteirou do complô possivelmente por meio de um de seus próprios discípulos (ver com. cap. 9: 25). O fato de que fora advertido mostra que tinha amigos na cidade, e que estavam dispostos a lhe ajudar em a emergência que surgiu.

Guardavam.

Em 2 Cor. 11: 32-33 se dão os detalhes deste episódio da vida do apóstolo. O etnarca (governador) da cidade tomou parte ativa no complô contra Saulo. Este etnarca representava ao nabateo Aretas, rei da Arábia Pétrea, cuja capital estava na Petra, no antigo país do Edom, e era pai da mulher de quem Herodes Antipas se divorciou para casar-se com o Herodías (ver T. V, pp. 40, 65-66). Com referência à maneira em que Aretas tinha chegado a dominar a cidade de Damasco, ver com. Hech. 9: 2. acharam-se moedas damascenas com os nomes de Augusto e do Tiberio, mas não se encontrou nenhuma com os nomes dos sucessores do Tiberio, Calígula e Claudio. Tiberio tinha sido amigo do Herodes Antipas e o respaldava em sua oposição contra Aretas; mas é possível que Calígula tivesse trocado sua política e criado uma nova etnarquía para benefício do Aretas, a cujos predecessores havia pertencido Damasco (Josefo, Antiguidades xIII. 15. 2). Parece que o etnarca queria granjear o favor da numerosa população judia, e acreditando que Saulo estava perturbando a paz pública tomou medidas para capturá-lo e condená-lo. A julgar pelo que diz Lucas, parece que os judeus participaram bastante em os esforços por capturar ao Pablo. O relato do Pablo (2 Cor. 11: 32) concorda com isto, e adiciona que tinham o apoio do Aretas. Para impedir que Saulo escapasse, evidentemente puseram sentinelas em todas as portas da

cidade por onde um fugitivo poderia tratar de fugir.

25.

Os discípulos.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto: "os discípulos dele". Isto concorda com as aplicações da frase "muitos dias" do vers. 23. Em sua segunda visita a Damasco, Saulo permaneceu suficiente tempo como para rodear-se de um grupo de seguidores que o aceitaram como seu professor e estavam dispostos a arriscar sua vida para protegê-lo.

Uma cesta.

Gr. spurís, uma cesta mas bem pequena, como aparece no Mat. 15: 37. Mas em 2 Cor. 11: 33 Pablo emprega a palavra sargán', uma cesta feita de soga, suficientemente grande para que coubesse uma pessoa. Pablo menciona este episódio em relação com seus "debilidades" (entre as quais pode haver-se incluído sua tradicional pequena estatura), das quais estava contente de glorificar-se (2 Cor. 11: 30). Pablo escapou por uma abertura ou "janela" do muro da cidade (2 Cor. 11: 33; compare-se com a fuga dos espiões da casa de Rahab, Jos. 2:15 e do David de sua própria casa, 1 Sam. 19: 12). Saulo parece ter compreendido que se achava em uma situação muito peculiar: estavam-no salvando em uma forma pouco elegante as mesmas pessoas a quem tinha vindo a destruir.

26.

A Jerusalém.

Este viaje a Jerusalém seguiu ao período de três anos na Arábia (Gál. 1: 17-18); portanto, esta seria sua primeira visita à capital desde que saiu para Damasco. Provavelmente os cristãos de Jerusalém o conhecessem principalmente como a um antigo inimigo.

Tratava de juntar-se.

O verbo que se traduz "juntar-se" (kolláÇ) emprega-se em grego para descrever um companheirismo muito íntimo, como o de marido e mulher, ou entre irmãos ou entre amigos (cf. com. Mat. 19: 5; Luc. 15: 15). Saulo procurava um completo 236 companheirismo com os discípulos. Se Saulo tivesse ido como judeu a Alejandría ou a alguma outra cidade onde havia muitos judeus, seu primeiro impulso teria sido o de procurar seus irmãos na fé. Em Jerusalém procurou unir-se com a comunidade cristã; mas a igreja lhe tinha desconfiança. Seus membros só conheciam o Saulo por suas terríveis perseguições. Suspeitavam que ainda poderia ter a intenção de destrui-los. Desejavam ser cautelosos até estar seguros de sua sinceridade. O fato de que não soubessem da autenticidade de seu conversão pode explicar-se de duas maneiras: (1) a ausência de "três anos" (ver com. Hech. 9: 23) dava pouca base para receber notícias certas de sua atitude para o cristianismo; (2) as comunicações entre os cristãos desta cidade e os de Jerusalém.

Mas todos lhe tinham medo.

Possivelmente seria melhor traduzir "e todos lhe tinham medo". Isto faz menos agudo o contraste entre o desejo do Saulo de unir-se com os irmãos e a atitude de eles. No passado o medo dos discípulos tinha sido bem baseado. Como não estavam seguros de que havia razão para modificar sua reação, seguiram

lhe temendo. Podiam haver-se perguntado se só estava encobrindo sua verdadeira natureza para espiá-los e lhes causar mais dificuldades.

Não acreditando.

Isto indica que alguém tinha informado aos discípulos quanto à conversão do Saulo, mas que não tinham estado dispostos a aceitar a notícia de um milagre tal. Queriam ter uma evidência fidedigna da mudança ocorrida em ele antes de aceitá-lo em sua companhia. Nessas circunstâncias sua cautela era natural, e correta do ponto de vista humano.

27.

Bernabé.

por que recebeu Bernabé ao Saulo enquanto que os outros discípulos lhe temiam? A resposta pode achar-se no caráter do Bernabé, que parece ter sido amável e generoso (ver com. cap. 4: 36-37). Muitos comentadores sugerem que Bernabé advogou pelo Saulo porque o conhecia desde antes. Se isto fosse certo, podemos entender que Bernabé, fundando-se na confiança que tinha na sinceridade do Saulo, acreditou que tinha ocorrido o milagre da conversão, e com regozijo o recomendou aos apóstolos. Este ato bondoso também sugere que Bernabé tinha uma posição de influência dentro da igreja apostólica.

Aos apóstolos.

Trouxe-o para os apóstolos que estavam então em Jerusalém no relato mais detalhado do Gál. 1: 18-19, Saulo diz que foi a Jerusalém "para ver o Pedro" e que o único outro dirigente a quem viu foi "ao Jacobo o irmão do Senhor". Embora tinha recebido sua comissão diretamente do Jesus, desejava escutar a respeito de seu Senhor de quem tinha observado pessoalmente sua vida terrestre e seu ministério. Como solo se menciona ao Pedro e ao Jacobo, é possível que os outros apóstolos não estivessem em Jerusalém nesse tempo. Também é possível que depois de ter conhecido à igreja não fizesse nenhum esforço por lhes impor sua presença. Mais tarde escreveria que "não era conhecido de vista a as Iglesias da Judea" (Gál. 1: 22); entretanto, esta expressão poderia significar que não era conhecido nas pequenas Iglesias da Judea, embora se o era pessoalmente pelos crentes de Jerusalém. Em vista de sua intensa atividade evangelística em Jerusalém (Hech. 9: 28-29), é difícil que houvesse seguido sendo desconhecido pela igreja nessa capital. Por outra parte seu visita só durou 15 dias (Gál. 1: 18), e terminou porque se atentou contra seu vida (Hech. 9: 29-30).

Contou-os.

"Narrou-lhes". Bernabé apresento a história do que lhe tinha acontecido ao Saulo. Isto pressupõe que já Saulo lhe tinha narrado com detalhes o que lhe havia ocorrido, e que logo Bernabé repetiu o admirável relato aos apóstolos.

Visto no caminho ao Senhor.

Em nenhum outro registro da conversão do Saulo no caminho a Damasco (cap. 9: 3-9; 22: 6-11; 26: 12-18) diz-se especificamente que ele viu o Senhor Jesus. Entretanto, afirma-se que o Senhor apareceu ao Saulo (cap. 9: 17; 26: 16), e Ananías disse que Saulo tinha visto "ao Justo" (cap. 22: 14). Agora Bernabé afirma claramente que Saulo "tinha visto no caminho ao Senhor". Isto concorda com o que Pablo mais tarde afirmou: "Não vi ao Jesus o Senhor nosso?", e "apareceu-me [o Senhor] a mim" (1 Cor. 9: 1; 15: 8).

Tinha-lhe falado.

Era importante que os apóstolos soubessem que Cristo verdadeiramente havia falado a aquele por quem advogava Bernabé. Eles tinham recebido sua comissão diretamente do Senhor (ver com. Mar. 3: 14; Mat. 28: 19-20; etc.), e os impressionaria muito saber que Saulo também tinha recebido 237 pessoalmente sua comissão do mesmo Professor.

Tinha falado valorosamente.

Gr.parr'siázomai,"falar com liberdade", "expressar-se sem temor" (cf. cap. 9: 29; 14: 3; 18: 26; etc.). Esta era a prova de que a conversão do Saulo havia sido genuína. Defendia corajosamente a causa que uma vez tinha decidido destruir. Bernabé se dava conta que a notícia do valoroso ministério de Saulo causaria uma profunda impressão na mente dos apóstolos e os induziria a recebê-lo como a um deles.

O nome do Jesus.

Ver com. cap. 3: 6, 16.

28.

Estava com eles.

Isto sugere uma estreita comunhão.

Entrava e saía.

Não significa que Saulo saía e entrava constantemente da cidade, mas sim se movia livremente em Jerusalém (ver com. cap. 1: 21).

29.

Falava denodadamente.

Ver com. vers. 27.

Nome.

Ver com. cap. 2: 21; 3: 6, 16.

Disputava.

Melhor "falava também e discutia com os helenistas" (BJ). A palavra grega que se traduz "disputava" é a que Lucas emprego para descrever o debate de Esteban com os gregos (ver com. cap. 6: 9); entretanto, há uma diferença notável: os helenistas tinham disputado com o Esteban, mas agora Saulo disputava com eles, e como judeu oriundo do Tarso, estava bem preparado para o debate (ver com. cap. 9: 11). Os helenistas foram dominados por um furor desenfreado. A vida do apóstolo esteve em perigo duas vezes em poucas semanas: primeiro em Damasco (vers. 24) e agora em Jerusalém.

Os gregos.

Quer dizer, os judeus helenistas (ver com. cap. 6: 1).

lhe matar.

Saulo estava preparado para fazer frente à morte como Esteban, mas o Senhor tinha outros planos para seu valente servo. A visão de advertência e de instrução pode situar-se neste momento (ver com. cap. 22: 17-21; cf. HAp 106).

30.

Souberam isto os irmãos.

Tinham chegado a conhecer o Saulo e estavam inteirados do complô que havia para matá-lo. Levaram-no a costa, de onde pôde fugir do país.

Cesarea.

Porto marítimo a 100 km ao noroeste de Jerusalém. Ali poderia embarcar-se para o Tarso ou seguir o caminho que ia para o norte bordeando a costa de Síria. Na Cesarea pôde haver-se encontrado com o Felipe. Ambos - Felipe e Pablo- o amigo e o antigo inimigo do Esteban, respectivamente, encontrariam-se como irmãos. Ver com. cap. 8: 40.

Enviaram-lhe.

"Fizeram-lhe partir" (BJ); despacharam-no. Isto parecesse sugerir que o enviaram por mar ao Tarso. Não há discrepância entre esta afirmação e o que Pablo disse mais tarde: "Depois fui às regiões de Síria e de Cilícia" (Gál. 1: 21), pois Síria e Cilícia formavam nesse tempo uma mesma província romana, e ao viajar ao Tarso passou por essa região. Também se sugeriu que o navio em o qual viajava Saulo tocou em portos de Síria ao dirigir-se ao Tarso, ou que Saulo foi primeiro ao Tarso e depois fez viagens missionárias a lugares próximos em Cilícia e em Síria. Esta última sugestão poderia explicar a presença de Iglesias cristãs nessa região, as quais tiveram que ter sido estabelecidas em outro momento que na primeira viagem missionária do Pablo (ver com. Hech. 15: 36, 41).

Tarso.

A cidade natal do Saulo (ver com. vers. 11) pôde não ter sido o refúgio mais cômodo para o apóstolo. Provavelmente o dito do Jesus de que um "profeta não tem honra em sua própria terra" (Juan 4: 44) foi uma difícil realidade para Saulo. Não só retornava a sua terra natal, mas também o fazia como judeu que tinha apostatado da fé de seus pais, como dirigente da desprezada e perseguida seita dos cristãos. É de imaginar-se qual foi a recepção que lhe deu. Isto ajudará a entender o silêncio que guarda quanto a seu família. A partir daqui se deixa o relato da vida do Saulo, e o retoma a quando Bernabé o busca para levar a cabo um ministério mais extenso (Hech. 11: 25).

31.

Então.

A seqüência dos acontecimentos relatados nos vers. 29-32 é similar a a do cap. 8: 3-5. Saulo tinha açoitado antes à igreja, e portanto os crentes foram pulverizados; mas tinham pregado a palavra, com o que aberto-se o caminho para que Felipe levasse o Evangelho a Samaria. Agora Saulo é açoitado, retira-se ao Tarso, a igreja desfruta de certo

pausa, que usa provechosamente, e Pedro evangeliza as zonas da costa.

Iglesias.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) o texto: "a igreja". Faz-se referência a todo o conjunto de cristãos e não a congregações locais. Isto destaca a unidade 238 das Iglesias locais dentro do conjunto da igreja. A palavra "igreja" parece empregar-se aqui em sentido universal e não local.

Paz.

É possível que a pausa tivesse sido motivado pela partida do Pablo. Quando se foi, desapareceu o espinho que tanto irritava aos judeus. Também poderia ter havido paz porque a atenção se enfocou no intento do imperador Calígula de pôr sua estátua no templo de Jerusalém (P. 80), tento do qual desistiu, segundo Josefo (Antiguidades xVIII. 8. 2-8), devido a a resolvida oposição dos judeus, aos fervorosos rogos do rei Herodes Agripa que nesse tempo vivia na cidade de Roma, e pelas petições de Petronio, governador de Síria. Segundo Josefo, o governador de Síria havia ficado impressionado por chuvas que tinham cansado de um céu claro, depois de uma larga seca, quando os judeus oraram por elas.

Toda Judea.

Esta breve nota cobre uma grande parte da história da igreja primitiva, e é de grande importância. É a primeira indicação de que existiam comunidades religiosas organizadas nos povos e as aldeias da Palestina. Não se nomeia nenhuma igreja local, mas devem ter surto muitas como resultado final do ministério pessoal do Jesus. Além disso deve tomar-se em conta a obra do Felipe, Pedro e Juan (ver com. cap. 8:5-6, 14, 25). Mas seja qual for a origem de estas Iglesias da Palestina, este versículo afirma sua existência e demonstra que a ordem de Cristo (cap. 1:8) estava-se obedecendo fielmente.

Eram edificadas.

Gr. oikodoméÇ, "construir uma casa", e por extensão, "construir" ou "edificar". A paz que se menciona no versículo anterior fez possível que a igreja se fortalecesse tanto em sua organização como em seu desenvolvimento espiritual. Este verbo aparece com freqüência no vocabulário do Pablo (Hech. 20: 32; ROM. 15: 20; 1Cor. 8: 1; Gál. 2: 18; etc.).

O temor do Senhor.

Esta frase é comum no AT para descrever a reverência ante Deus (ver com. Job 28: 28; Sal. 19: 9; Prov. 1: 7). No NT é pouco comum.

acrescentavam-se fortalecidas pelo Espírito Santo.

Melhor é traduzir "aumentavam pela consolação ou o estímulo do Espírito Santo". A palavra parákl'sis pode traduzir-se "consolação", ou "exortação", ou "estímulo" (ver com. Mat. 5: 4; Luc. 6: 24; Juan 14: 16). A idéia é que a igreja prosperava devido ao temor e ao estímulo do Espírito Santo. Os membros da igreja temiam ao Senhor e eram guiados pelo Espírito. Toda seu vida estava sob o controle divino, e como resultado deste alto estado espiritual da igreja, aumentou o número de membros e também o das congregações. Assim acontece sempre. A profunda vida espiritual do cristão dará como fruto a salvação dos perdidos. Este fruto poderá observar-se tanto

na vida dos laicos como no ministério dos que dirigem a igreja.

32.

Aconteceu que.

Ver com. Luc. 1: 8. Expressão característica do estilo do Lucas. Emprega-a pelo menos 39 vezes em seu Evangelho e 14 em Feitos. Está acostumado a indicar uma transição no relato.

Pedro.

A partir deste ponto e até o cap. 11: 25, o relato deixa ao Saulo e se ocupa da obra do Pedro. Por esta razão esta parte é chamada algumas vezes "Feitos do Pedro". Entretanto, é evidente que Lucas apresenta esta descrição do ministério do Pedro, não como uma biografia parcial desta coluna da igreja, mas sim como parte de seu plano literário general de descrever a conversão dos gentis. Quando, por meio da obra do Pedro, esta nova fase do serviço cristão está bem encaminhada, o autor volta para a carreira missionária do Pablo e se concentra em seus trabalhos entre os gentis.

O relato do Lucas (Hech. 8: 25) tinha deixado ao Pedro e Juan pregando o Evangelho nas aldeias samaritanas, ao retornar a Jerusalém. Nesta cidade Pedro recebeu a visita do Saulo durante 15 dias (Gál. 1: 18). Mas é claro que os apóstolos não se enclausuraram em Jerusalém, mas sim saíram e ministraron a grupos de crentes recém estabelecidos. Tais visitas ajudavam a unificar a nascente igreja e a promover seu equilibrado crescimento.

Visitando todos.

Melhor "percorrendo todos os lugares" (BJ); do Gr. diérjomai, "passar por", "percorrer". Com referência a seu significado missionário, ver com. cap. 8:4; cf. Luc. 9:6.

Santos.

Ver com. vers. 13.

Lida.

Lod no AT (1 Crón. 8: 1,12; Esd. 2: 33; Neh. 7: 37; 11: 35), e novamente Lod sob o governo israelense. A cidade foi fundada por membros da tribo de Benjamim (1 Crón. 8: 1, 12) na rica planície do Sarón. encontrava-se a uns 15 km ao sudeste do Jope e a um dia de viagem a pé ao noroeste de Jerusalém. 239 Por pedido do Judas Macabeo, Demetrio Soter transferiu a posse da Lida da Galilea a Judea (1 MAC. 11: 32-34). Pouco depois da morte de Julho César, Casio, famoso por sua crueldade, reduziu-a à escravidão junto com outras cidades (Josefo, Antiguidades xIV. 11. 2). Parece que a cidade recuperou seu anterior prosperidade, pois Josefo (Vão. xX. 6. 2) descreve-a como aldeia "não menor que uma cidade quanto a seu tamanho". No tempo ao qual se refere este capítulo parece ter existido ali uma comunidade cristã florescente. Nas guerras que precederam à destruição de Jerusalém (66 d. C.), Lida foi incendiada pelo Cestio Galo quando a maioria de seus habitantes se achavam na festa dos tabernáculos em Jerusalém (Josefo, Guerra iI. 19. 1). Foi ocupada pelo Vespasiano no ano 68 d. C. (Vão. iV. 8. 1). Quando Lida foi reedificada, possivelmente em tempo do Adriano (C. 130 d. C.), recebeu o nome de Dióspolis (cidade do Zeus). Mais tarde foi sede de um dos bispados mais importantes da igreja de Síria. Parece que sua característica sobressalente

era a pobreza. O rabino Natán (160 d. C.) disse no comentário Midrash Rabbah, Est. 1: 3, P. 30: "No mundo há dez porções de pobreza; destas nove estão na Lida e a outra em todo mundo". É muito provável que a fé cristã fora arraigada nessa cidade pelo Felipe o evangelista, pois estava junto à rota que este teve que percorrer quando passou por todas as cidades entre Açoito e Cesarea (ver com. Hech. 8: 40).

33.

Ns.

Gr. ainéas, antigo nome grego que não deve confundir-se com ainéias, famoso herói da Troya. Este nome se dá a um judeu (Antiguidades xIV. 10. 22); por o tanto, este Ns bem pôde ser um judeu helenista (ver com. cap. 6: 1). Não diz-se que era discípulo, mas pode deduzir-se que estava entre os "Santos". A exatidão com que Lucas registra que Ns tinha estado paralítico em cama por oito anos, poderia refletir seu minuciosidad profissional (cf. Luc. 13: 11; Hech. 3: 2; 4: 22; 14: 8). Com referência ao interesse do Lucas em assuntos médicos, ver com. Hech. 3: 7; 9: 18; 28: 8. Com respeito a "paralítico", ver com. Mat. 4: 24; Mar. 2: 3. Não podia duvidar-se de que esta cura era milagrosa.

34.

Jesucristo.

Note-se com quanto cuidado Pedro evita afirmar que houvesse nele algum poder pessoal para curar ao inválido (cf. cap. 3: 6, 12; 4: 9-10).

Você sã.

O uso do tempo presente sugere que a cura foi imediata (cf. "em seguida se levantou").

te levante.

O Senhor empregou esta ordem em casos similares (Mat. 9: 6; Juan 5: 8).

Faz sua cama.

Agora devia fazer o que por tantos anos outros tinham feito por ele.

35.

Viram-lhe todos.

Na região se sabia perfeitamente que Ns tinha estado em cama paralítico durante oito anos. Ver curado a um que tinha sofrido uma invalidez tal débito ter atraído tanta atenção como a cura do coxo no templo (cf. cap. 3). Sem dúvida muitos perguntaram como tinha sido sanado. Viram-no todos os que quiseram, pois era um fato de conhecimento público e não havia nada oculto.

Sarón.

Em grego tem artigo, "o Sarón"; sem dúvida do Heb. Sharon. Não se conhece nenhuma aldeia nem povo deste nome. O artigo sugere que se faz referência à planície do Sarón entre as montanhas do centro da Palestina e

o mediterrâneo, que se estendia pela costa desde o Jope até o monte Carmelo. Era proverbial por sua formosura e fertilidade (ver com. ISA. 35: 2; 65: 10).

converteram-se ao Senhor.

O milagre da restauração corporal de Ns despertou fé no poder de Jesucristo para sanar espiritualmente. Deste modo se estendeu ainda mais o círculo de crentes. estava-se preparando o caminho para a proclamação do Evangelho a quão gentis viviam nessa zona costeira.

36.

Jope.

Gr. Iópp'; Heb. yafo, "formosura"; hoje Yafo, que significa "formosa". Ver com. Jos. 19: 46; 2 Crón. 2: 16; Jon. 1: 3. Esta cidade aparece em inscrições egípcias do Tutmoses III (século XV A. C.), nas Cartas de Amarna e em inscrições fenícias. Segundo a mitologia grega, Andrómeda havia estado encadeada ali até que a liberou Perseo (Estrabón, Geografia xVI. 2. 28; cf. Josefo, Guerra iII. 9. 3). Era o porto mais próximo a Jerusalém, e embora era perigoso e de difícil acesso, neste lugar se desembarcou a madeira do Líbano que foi usada pelo Salomón e pelo Zorobabel para construir o templo (1 Rei. 5: 9; 2 Crón. 2: 16; Esd. 3: 7). Desde este porto partiam as naves para o Tarsis (Jon. 1:3). Durante o período dos Macabeos se restauraram o porto e as fortificações (1 MAC. 14: 5). Augusto (Octavio) deu a cidade a Herodes o Grande, e mais tarde ao Arquelao 240

MINISTÉRIO DO Pedro

241 (Josefo, Antiguidades xV. 7. 3; xVII. 11. 4). Quando Arquelao foi deposto, a cidade passou a formar parte da província romana de Síria. Apesar disto seguiu sendo fanáticamente judia, e durante as revoluções dos anos 66 a 70 d. C. permaneceu leal ao judaísmo. Embora não era um bom porto, ou possivelmente por isto mesmo, Jope se converteu em um centro de piratas; mas Vespasiano pôs fim a essas atividades (Josefo, Guerra iII. 9. 2-4). Como na Lida (ver com. Hech. 9: 32), é provável que a igreja cristã surgisse pela obra do Felipe (ver com. cap. 8: 40).

Uma discípula.

Gr. math'tria, "discípula".

Tabita.

Transliteración do nome aramaico tabyetha, "gazela". Equivale no nome hebreu tsibyah (Sibia em 2 Rei. 12:1; 1 Crón. 8: 9; 2 Crón. 24: 1, RVR). A forma grega, dorkás, significa também "gazela". O fato de que se dê o nome de esta discípula em dois idiomas poderia sugerir que de algum jeito estava relacionada com helenistas e com judeus, ou que Lucas simplesmente quis dar a tradução grega de seu nome para que se entendesse seu significado.

Abundava em boas obras.

Alguns pensam que Dorcas era diaconisa da igreja do Jope. Se foi assim, poderia refletir a influência do Felipe, um dos sete primeiros diáconos (cap. 6: 3, 5), quem pôde ter levado a organização da igreja de Jerusalém às Iglesias que ele mesmo estabelecia. Dorcas poderia deste modo

ter estado encarregada da atenção da viúvas da igreja (cf. cap. 6:
1; 9: 39).

Esmolas.

Gr. l'mosún', "obra de caridade", especialmente o dar esmolas. A bondade de Dorcas se expressava de duas maneiras principais: emprestava serviços em "boas obras" e dava de seus recursos em "esmolas". Não se conformava com que outros fizessem suas obras de caridade, mas sim se dava a si mesmo junto com seus posses.

37.

E aconteceu.

Ver com. vers. 32.

Adoeceu e morreu.

Os detalhes que se dão a respeito do que se fez com o corpo do Dorcas demonstram que verdadeiramente tinha morrido. Os críticos muitas vezes tentam fazer duvidar da realidade dos milagres de ressurreição alegando que a pessoa simplesmente estava em estado de vírgula.

depois de lavada.

O costume de lavar o cadáver era comum entre os povos da antigüidade. Entre os judeus lhe dava o nome de "purificação dos mortos". Na Mishnah (Shabbath 23. 5) diz-se que em dia sábado "pode fazer-se tudo o que requeira o morto; pode ser ungido com azeite e lavagem". As mulheres da igreja fizeram em favor de sua amada Dorcas o que exigia o costume.

Puseram-na.

Os judeus lavavam e ungiam o corpo, e depois acostumavam lhe acrescentar especiarias e envolvê-lo em tecidos (Juan 19: 39-40). O morto era velado, a vezes com o acompanhamento de chorosas (Mat. 9: 23). O enterro se efetuava poucas horas depois do falecimento (ver com. Hech. 5: 6, 10, geralmente dentro do mesmo dia e antes de 24 horas. No caso do Dorcas os preparativos não se completaram segundo o costume. Os irmãos, em vez de fazê-lo, mandaram procurar o Pedro que estava na Lida e acabava de curar a Ns.

38.

Perto do Jope.

Lida se encontrava a só 18 km ao sudeste do Jope, pelo qual não era de sentir saudades que os irmãos estivessem inteirados da cura de Ns.

Não demore.

É possível que os mensageiros saíssem do Jope antes de que morrera Dorcas, com a esperança de que o apóstolo pudesse chegar a tempo para evitar sua morte; mas se partiram depois da morte do Dorcas, o que parece mais provável, a igreja tinha fé em que, pelo poder de Deus, era possível a ressurreição. Em um ou outro caso apressava o tempo: ou para salvar uma vida ou para impedir o enterro.

39.

Levantando-se então Pedro.

Pedro estava preparado para responder a qualquer convite que lhe chegasse, sobre tudo se se tratava de uma chamada tão urgente como o dos cristãos de Jope.

Todas as viúvas.

Lucas parece mostrar especial simpatia pelas mulheres (ver com. Luc. 8: 2-3). Menciona a viúvas 9 vezes no Evangelho e 3 vezes em Feitos. As viúvas da igreja recebiam uma atenção especial (ver com. Hech. 6: 1).

As túnicas e os vestidos.

As palavras gregas empregadas são jitÇn e himátion, respectivamente, Ver com. Mat. 5: 40.

Fazia.

Dorcas tinha o costume de fazer vestidos para os necessitados (ver com. vers. 36).

40.

Tirando todos.

Pedro seguiu o exemplo de seu Senhor quando ressuscitou à filha do Jairo (ver com. Mar. 5: 39-40), do qual tinha sido testemunha. Na habitação onde estava 242 o corpo da Tabita se ouvia o ruído de grandes lamentos (Hech. 9:39). Pedro sentiu a necessidade de ter silêncio para comunicar-se com Deus. Compare-se com o que fez Elías com o filho da viúva (1 Rei. 17: 17-23) e o procedimento do Eliseo ao ressuscitar ao filho da sunamita (2 Rei. 4: 33). Note-se como os servos de Deus evitam um espetacular desdobramento de poder.

Orou.

Pedro se ajoelhou e orou fervientemente, pois compreendia que só o poder divino poderia fazer o milagre desejado. A oração demonstrou ser de novo o médio pelo qual a jovem igreja obtinha poder (cf. com. cap. 1: 14, 24; 6: 4, 6; 8: 15; 9: 11; 10: 2; etc.). Neste caso se manifestou claramente a humildade, a consagração e o ardor do Pedro (cf. com. cap. 3: 1).

Voltando-se.

Logo depois de ter orado, recebeu a segurança de que sua oração tinha sido escutada. Compreendia sua completa dependência do poder sobrenatural; mas quando lhe assegurou que o teria não vacilou em atuar.

Corpo.

O uso desta palavra não deixa dúvida quanto ao milagre que seguiu. Dorcas estava morta (ver com. vers. 37). Pedro se voltou para o corpo inerte.

te levante.

A brevidade da ordem do Pedro demonstra sua fé firme em que sua oração

receberia uma resposta afirmativa.

incorporou-se.

Gr. anakathízÇ, "sentar-se". Esta palavra é empregada pelos autores médicos para referir-se a um paciente que se sinta na cama, e Lucas também o usa em seu Evangelho (cap. 7: 15). A breve descrição da ressurreição de Dorcas é extraordinariamente real: abriu seus olhos, como se tivesse estado dormindo; viu inesperadamente ao Pedro, a quem possivelmente não conhecia; e, dramaticamente, levantou-se como uma pessoa que tinha estado morta. Tais detalhes concordam bem com os conhecimentos médicos do Lucas.

41.

lhe dando a mão.

Aceitou a mão que lhe estendia porque já estava consciente, a diferença de a filha do Jairo a quem Jesus tirou da mão (Mat. 9: 25). Alguns hão pensado que este milagre é só o eco do que se relata no Mat. 9. Sem embargo, deve entender-se que se trata de dois episódios parecidos, mas inteiramente diferentes.

Os Santos.

Ver com. vers. 13. Não se sugere necessariamente que as viúvas não fossem santas, quer dizer, cristãs, embora seja possível que algumas das mulheres a quem Dorcas tinha ajudado não fossem membros da igreja.

Apresentou-a viva.

Pedro se assegurou de que este milagre de Deus recebesse seu devido reconhecimento; reuniu primeiro aos que conheciam pessoalmente ao Dorcas e podiam dar testemunho do fato de sua morte, e depois a apresentou publicamente ante os que estavam reunidos. Deste modo se assegurou de que houvesse um amplo testemunho do fato de que se efetuou um grande milagre.

42.

Muitos acreditaram.

A notícia deste milagre se propagou rapidamente. Toda a zona do Jope se interessou, e a predicación do Evangelho recebeu um grande impulso.

43.

E aconteceu.

Ver com. vers. 32.

ficou.

Não se sabe quanto tempo ficou Pedro no Jope. Com referência à frase "muitos dias", ver com. vers. 23.

Simón, curtidor.

Lucas manifesta interesse nos nomes dos personagens de menor importância

de seu relato (cf. cap. 9: 11, 33, 36; 12: 13; 21: 16; etc.), e em seus ocupações (cf. cap. 8: 27; 10: 1; 16: 14;18: 3; 19: 24). Aos judeus ortodoxos lhes repugnava o ofício de curtidor, possivelmente pelo contato com os couros de animais mortos, o que implicava impureza cerimoniosa (Lev. 11: 24-25), ou, em geral, porque era um ofício desagradável. Na Mishnah (Kethuboth 7. 10) declara-se que se um curtidor que estava a ponto de casar-se ocultava a sua prometida qual era seu ofício, esse encobrimento era considerado como uma fraude e ficava invalidado o compromisso.

A casa do curtidor estava "junto ao mar" (Hech. 10: 6). Durante sua larga permanência com o humilde e hospitalar Simón, ao Pedro teria resultado fácil voltar para sua antiga ocupação de pescador para ganhá-la vida. O fato de que estivesse disposto a viver com um curtidor indica que o apóstolo já tendia a abandonar os prejuízos judeus. Até nisto Deus estava preparando a seu servo para dar o passo maior de lhe pregar ao Cornelio o gentil (ver com. cap. 10).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-43 HAp 92-108

1-2 SR 268 243

1-5 HAp 93

1-13 P 200

1-22 SR 268-275

3-5 Ed 61; 1JT 392; OE 59; SR 269

4-6 HAp 95

6 C (1949) 52; C (1967) 62; CMC 357;

CS 659; ECFP 18; FÉ 127,216; HAp 98;

1JT 392, 396; 2JT 229, 252, 403; 3JT

54, 78, 367; MJ 203; MM 325, 333; NB

295; SR 270-271; 1T 45; 2T 166; 4T 54;

5T 220; 8T 94

7 HAp 94

8 HAp 96

8-9 1JT 393; SR 271

9 HAp 96

10-15 HAp 99; SR 272

11 1JT 393-394

15 DMJ 32; HAp 98-99, 129, 132, 1JT 392, 394,396;

OE 59; P 199, 222; 6T 415

15-18 P 200; IT 78

17 HAp 99; 1JT 396

17-18 1JT 394; SR 272

18 HAp 99

18-20 SR 273

19-20 HAp 101

21 HAp 102; P 201

21-22 SR 274

22 HAp 102; P 201

22-26 SR 276

23-29 P 202

25-26 HAp 105

26-27 SR 277

27,29 HAp 105

29-30 SR 279

30 HAp 106

32-39 HAp 107

34-40 SR 281

36-37 MB 71,148

40 HAp 108; OE 187; PR 34

40-41 MB 148; SR 282

CAPÍTULO 10

1 Um anjo ordena ao Cornelio, um gentil devoto, 5 que mande a procurar o Pedro, 11 a quem o Senhor lhe ensina em uma visão 15, 20 que não deve rechaçar aos gentis. 34 Ao pregar a respeito de Cristo ao Cornelio e a suas hóspedes, 44 o Espírito Santo descende sobre eles e 48 são batizados.

1 HAVIA na Cesarea um homem chamado Cornelio, centurião da companhia chamada a Italiana,

2 piedoso e temeroso de Deus com toda sua casa, e que fazia muitas esmolas ao povo, e orava a Deus sempre.

3 Este viu claramente em uma visão, como à hora novena do dia, que um anjo de Deus entrava onde ele estava, e lhe dizia: Cornelio.

4 O, lhe olhando fixamente, e atemorizado, disse: O que é, Senhor? E lhe disse: Vocês orações e suas esmolas subiram para memória diante de Deus.

5 Envia, pois, agora homens ao Jope, e faz vir ao Simón, que tem por apelido Pedro.

6 Este posa em casa de certo Simón curtidor, que tem sua casa junto ao mar; ele te dirá o que é necessário que faça.

7 Ido o anjo que falava com o Cornelio, este chamou dois de seus criados, e a um devoto soldado dos que lhe assistiam;

8 aos quais enviou ao Jope, depois de lhes haver contado tudo.

9 Ao dia seguinte, enquanto eles foram pelo caminho e se aproximavam da cidade, Pedro subiu ao terraço para orar, perto da sexta hora.

10 E teve grande fome, e quis comer; mas enquanto lhe preparavam algo, o sobreveio um êxtase;

11 e viu o céu aberto, e que descendia algo semelhante a um grande tecido, que maço das quatro pontas era baixado à terra;

12 no qual tinha que todos os quadrúpedes terrestres e répteis e aves do céu.

13 E lhe veio uma voz: te levante, Pedro, arbusto e come.

14 Então Pedro disse: Senhor, não; porque nada comum ou imunda hei comido jamais.

15 Voltou a voz a segunda vez: O que Deus limpou, não o você chame comum.

16 Isto se fez três vezes; e aquele tecido voltou a ser recolhido no céu.

17 E enquanto Pedro estava perplexo dentro 244 de si sobre o que significaria a visão que tinha visto, hei aqui os homens que tinham sido enviados por Cornelio, os quais, perguntando pela casa do Simón, chegaram à porta.

18 E chamando, perguntaram se morava ali um Simón que tinha por apelido Pedro.

19 E enquanto Pedro pensava na visão, disse-lhe o Espírito: Hei aqui, três homens lhe buscam.

20 Te levante, pois, e descende, e não duvide de ir com eles, porque eu os hei enviado.

21 Então Pedro, descendendo aonde estavam os homens que foram enviados pelo Cornelio, disse-lhes: Hei aqui, eu sou o que procuram; qual é a causa por a que viestes?

22 Eles disseram: Cornelio o centurião, varão justo e temeroso de Deus, e que tem bom testemunho em toda a nação dos judeus, recebeu

instruções de um santo anjo, de fazer vir a sua casa para ouvir vocês palavras.

23 Então, lhes fazendo entrar, hospedou-os. E ao dia seguinte, levantando-se, foi com eles; e lhe acompanharam alguns dos irmãos do Jope.

24 Ao outro dia entraram na Cesarea. E Cornelio os estava esperando, havendo convocado a seus parentes e amigos mais íntimos.

25 Quando Pedro entrou, saiu Cornelio a lhe receber, e prostrando-se a seus pés, adorou.

26 Mas Pedro lhe levantou, dizendo: te levante, pois eu mesmo também sou homem.

27 E falando com ele, entrou, e achou a muitos que se reuniram.

28 E lhes disse: Vós sabem quão abominável é para um varão judeu juntar-se ou aproximar-se de um estrangeiro; mas me mostrou Deus que a nenhum homem chame comum ou imundo;

29 pelo qual, ao ser chamado, vim sem replicar. Assim pergunto: por que causa me têm feito vir?

30 Então Cornelio disse: Faz quatro dias que a esta hora eu estava em jejumas; e à hora novena, enquanto orava em minha casa, vi que ficou diante de mim um varão com vestido resplandecente,

31 e disse: Cornelio, sua oração foi ouvida, e suas esmolas foram recordadas diante de Deus.

32 Envia, pois, ao Jope, e faz vir ao Simón o que tem por apelido Pedro, o qual mora em casa do Simón, um curtidor, junto ao mar; e quando chegar, ele falará-te.

33 Assim logo enviei por ti; e você tem feito bem em vir. Agora, pois, todos nós estamos aqui na presença de Deus, para ouvir tudo o que Deus mandou-te.

34 Então Pedro, abrindo a boca, disse: Na verdade compreendo que Deus não faz acepção de pessoas,

35 mas sim em toda nação se agrada do que lhe teme e faz justiça.

36 Deus enviou mensagem aos filhos do Israel, anunciando o evangelho da paz por meio do Jesucristo; este é Senhor de todos.

37 Vós sabem o que se divulgou por toda Judea, começando desde a Galilea, depois do batismo que pregou Juan:

38 como Deus ungiu com o Espírito Santo e podendo ao Jesus do Nazaret, e como este andou fazendo bens e sanando a todos os oprimidos pelo diabo, porque Deus estava com ele.

39 E nós somos testemunhas de todas as coisas que Jesus fez na terra de Judea e em Jerusalém; a quem mataram lhe pendurando em um madeiro.

40 A este levantou Deus ao terceiro dia, e fez que se manifestasse;

41 não a todo o povo, a não ser às testemunhas que Deus tinha ordenado de antemão, a nós que comemos e bebemos com ele depois que ressuscitou dos mortos.

42 E nos mandou que pregássemos ao povo, e atestássemos que ele é o que Deus pôs por juiz de vivos e mortos.

43 De este dão testemunho todos os profetas, que todos os que nele acreditarem, receberão perdão de pecados por seu nome.

44 Enquanto ainda falava Pedro estas palavras, o Espírito Santo caiu sobre todos os que ouviam o discurso.

45 E os fiéis da circuncisão que tinham vindo com o Pedro ficaram atônitos de que também sobre os gentis se derramasse o dom do Espírito Santo.

46 Porque os ouviam que falavam em línguas, e que magnificavam a Deus.

47 Então respondeu Pedro: Pode acaso algum impedir a água, para que não sejam batizados estes que receberam o Espírito Santo também como nós?

48 E mandou lhes batizar no nome do Senhor Jesus. Então lhe rogaram que ficasse por alguns dias. 245

1.

Cesarea.

Ver com. Hech. 8: 40. Cesarea era a capital da província romana da Judea e residência habitual do procurador romano. Sem dúvida era uma cidade cosmopolita e importante centro comercial. Ver mapa da P. 240.

Cornelio.

Possivelmente Lucas conheceu os detalhes deste relato durante as vezes que esteve na Cesarea (cap. 21: 8; 23: 33; 24: 27). A conversão do Cornelio assinalou uma nova etapa na expansão do crescimento da igreja. Cornelio, oficial romano, não era totalmente pagão. Era "piedoso e temeroso de Deus" e dava "esmolas ao povo" (ver com. cap. 10: 2). De todos os modos, depende os judeus era um gentil e incircunciso; portanto, sua admissão na igreja marca uma nova etapa na expansão do cristianismo. Pode entender-se portanto que os apóstolos de Jerusalém emprestassem atenção especial a este caso (cap. 1l: 1-18). As notáveis circunstâncias sobrenaturais da conversão do Cornelio tiveram que ser um fator importante que induziu aos apóstolos a aceitar o fato de que um gentil não circuncidado podia chegar a ser cristão. Entretanto, a igreja demorou vários anos mais antes de chegar a compreender plenamente que os gentis deviam estar exatamente no mesmo nível dos judeus e desfrutar dos mesmos privilégios deles (Hech. 15: 1-31; Gál. 2: 12).

Centurião.

Ver com. Luc. 7: 2. Um centurião tinha sob seu mando aproximadamente a cem homens. Era considerado como um oficial ajudante que tinha a responsabilidade de vigiar que seus soldados cumprissem com seus deveres e mantiveram a disciplina. Os centuriões pelo general não subiam a hierarquias mais elevadas no exército romano. O mais provável é que Cornelio

fora cidadão romano.

Da companhia.

O grego indica claramente que Cornelio era da companhia, mas não diz que fora sua comandante. A "companhia" -unidade administrativa das forças auxiliar romanas-, tinha 500 ou 1.000 homens.

A Italiana.

É provável que esta fora a Cohors II. Itálica, a qual esteve em Síria durante a guerra entre judeus e romanos. Parece que estava desde antes, depende pode-se deduzir por este relato. pensa-se que a companhia a Italiana estava composta principalmente de libertos, ou pelo menos de pessoas que não eram de origem romana. Era uma companhia auxiliar de arqueiros.

2.

Temeroso de Deus.

Esta frase, o adjetivo "piedoso" e o verbo "temer" aparecem em Feitos em relação com Deus (cap. 10: 22, 35; 13: 16, 26, 50; 16: 14; 17: 4, 17; 18: 7) para referir-se a gentis que, como Cornelio, tinham aceito o judaísmo e adoravam ao Jehová. Em alguns casos também significava que guardavam o sábado e se abstinham de mantimentos proibidos pela lei. Mas estes gentis não se tinham identificado plenamente com o judaísmo, pois não se haviam submetido à circuncisão nem guardavam minuciosamente tudo o que devia observar um judeu piedoso. Ver T. V, pp. 63-64.

As expressões mencionadas foram muito debatidas entre os eruditos. Em 2 Crón. 5: 6 (LXX) aparecem, além da congregação do Israel, "os que temiam", o qual induz a pensar que estes não eram considerados como membros da congregação dos judeus. Josefo (Antiguidades xIV. 7. 2) fala também dos judeus e de "adoradores de Deus" que enviavam suas oferendas ao templo desde todas partes do mundo.

sugeriu-se além que os que "temiam a Deus" ou "adoravam a Deus", que aparecem em Feitos, são os "partidários da porta", de quem se diz que eram meio partidários porque embora adoravam ao Jehová e observavam parte da lei judia não tinham sido circuncidados, e portanto não eram considerados completamente judeus. Alguns duvidam desta explicação.

Por isso poderia dizer-se que as expressões "temeroso de Deus" ou "adorador de Deus" podem ter sido frases convencionais no período do NT para referir-se a um determinado grupo de semiprosélitos do judaísmo, quem, como muitas vezes se sugeriu, eram reconhecidos até certo ponto na sinagoga. É possível que um término similar, "temerosos do céu", pudesse ter representado ao mesmo grupo no judaísmo posterior. Os que temiam a Deus dificilmente poderiam ter sido reconhecidos formalmente dentro da comunidade judia, e sua relação com o judaísmo não deve ter tido um caráter legal; entretanto, o fato de que existissem esses varões piedosos em todo o Império Romano proporcionava aos pregadores cristãos um público de gentis que, embora não estavam atados ao legalismo judeu, eram sinceros buscadores de Deus e conheciam algo das Escrituras dos judeus 246 (especialmente a LXX) e as crenças judias.

Com toda sua casa.

Cornelio não estava satisfeito tendo encontrado uma verdade superior, a não ser que procurava repartir-lhe a sua família, a seus servos e aos que estivessem sob sua influência. O soldado que foi enviado a procurar o Pedro é chamado "devoto" (vers. 7).

Muitas esmolas.

Cornelio era generoso como o outro centurião de quem os judeus disseram:

"ama a nossa nación,y edificou uma sinagoga" (Luc. 7: 5).

Ao povo.

O povo judeu, não os gentis.

Orava.

A combinação da generosidade e a oração era comum em cl judaísmo e também no cristianismo primitivo (cf. Mat. 6: 2, 5; Hech. 10: 4; 1 Ped. 4: 7-8; Tobías 12: 8).

A visão que se relata a seguir indubitavelmente pode considerar-se como uma resposta às orações do Cornelio, por esta razão é lógico pensar que ele estava procurando como conhecer mais ampliamente a vontade de Deus (cf. Hech. 1l: 14).

3.

Uma visão.

Gr. hórama, "o que se vê", e especialmente, como aqui, o que a Divindade permite que se veja. O artigo não aparece em grego; poderia traduzir-se simplesmente: "em visão". Ver com. 1 Sam. 3: 1.

A hora novena.

As 3 da tarde era a hora da oração vespertina no templo (ver com. Mat. 27: 45; Hech. 3: 1). Conforme parece, Cornelio se tinha habituado às horas judias de oração, pois estava orando quando foi dada esta visão (cap. 10: 30).

4.

Atemorizado.

Cornelio descreveu ao anjo como "um varão com vestido resplandecente" (vers. 30; cf. cap. 1: 10). A repentina aparição do anjo atemorizou ao Cornelio ao começo. Os soldados romanos que vigiavam a tumba do Jesus, mas que não tinham a experiência espiritual do Cornelio, tremeram e ficaram como mortos ante a presença da resplandecente glorifica do anjo da ressurreição (Mat. 28: 2, 4; cf., Dão. 10: 7-11).

O que é?

Esta pergunta do Cornelio indicava que a visão implicava mais do que ele podia compreender; e suas palavras dão a entender que estava preparado para seguir a condução divina. Compare-se com a resposta de Santo quando Cristo se o apareceu perto de Damasco (cap. 9: 6).

Senhor.

A palavra grega kúrios, "senhor", não é mais que um título de cortesia quando aplica-se às pessoas (cap. 16: 30); entretanto, os judeus usavam o término kúrios para referir-se ao Jehová, e os cristãos o utilizaram para indicar a soberania e a divindade do Jesus. Não se sabe se Cornelio usou este término como uma expressão de respeito, ou se compreendeu que estava falando com um ser celestial e o usou como um sinal de devoção e piedade. A segunda interpretação é mais provável.

Minhas orações e suas esmolas.

Ver com. vers. 2. As esmolas do Cornelio eram uma expressão concreta da sinceridade de sua vida espiritual íntima, fortalecida por seus constantes orações.

subiram.

A oração se considera como um incenso que sobe ao trono de Deus (Apoc. 5: 8; 8: 3-4) ou como a fumaça do holocausto que em hebreu era chamado 'olah, "o que sobe". Esta expressão era especialmente apropriada para referir-se a uma oração oferecida à hora do sacrifício vespertino (ver com. Hech. 10: 3).

Memória.

Gr. mn'mósunon, "memória", palavra que se usa repetidas vezes na LXX para referir-se à parte da oferenda de grãos que o sacerdote queimava sobre o altar (Lev. 2: 2, 9, 16; 5: 12; 6: 15). A fumaça que subia da oferenda queimada representava as orações do Israel. A mesma palavra aparece em Tobías 12: 12, LXX: "Era eu o que apresentava e lia ante a Glória do Senhor o memorial de suas petições" (BJ). As orações do Cornelio eram aceitáveis a Deus, pois seguia "aquela luz verdadeira, que ilumina a tudo homem" (Juan 1: 9), e compartilhava essa fé que da fundação do mundo abriu o caminho à justificação: a fé de que o verdadeiro Deus existe "e que é galardonador dos que lhe buscam" (Heb. 11: 6).

5.

Envia, pois, agora homens.

Deus desejava que Cornelio fizesse um esforço intenso para obter o conhecimento do Evangelho. As verdades que se aprendem como resultado da busca pessoal, muitas vezes são consideradas mais preciosas que as que se ensina-nos a aceitar.

Faz vir ao Simón.

Sem dúvida, o centurião poderia ter descoberto que Simón o apóstolo estava agasalhado com o Simón o curtidor; mas Deus, o Omnisapiente, sabia onde estava Pedro e deu ao Cornelio a direção exata. Deus conhece os detalhes mais íntimos da vida de cada pessoa. Quando o homem 247 compreende isto se sente convencido de que não deve pecar; mas ainda mais: sente-se animado a viver uma vida piedosa. Deus conhecia as aventuras e as tristezas do salmista (Sal. 56: 8). O Senhor se dá conta até da queda de um pajarillo e tem contados os cabelos de cada pessoa (Mat. 10: 29-31). É notável o paralelo que há entre os casos do Cornelio, do Ananías e do Saulo (Hech. 9: 10-12).

6.

Simón curtidor.

Ver com. cap. 9: 43.

O te dirá.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a omissão da última frase do versículo. Entretanto, esta idéia está implícita no relato que fez Pedro de sua visita ao Cornelio: "ele te falará palavras pelas quais será salvo você, e toda sua casa" (cap. 11: 14). Este é um de vários casos que aparecem em alguns manuscritos tardios de Feitos, onde aparentemente se tentou apresentar uma narração completa nos primeiros capítulos juntando e cotejando declarações que apareciam originalmente só em capítulos posteriores (cf. cap. 9: 6).

Em relação à posição dos partidários e dos "temerosos de Deus", que tinham aceito parcialmente a fé judia, ver T. V, P. 63-64.

7.

Um devoto soldado.

O adjetivo "devoto" sugere que este homem era, como o centurião que o mandava, adorador do verdadeiro Deus; mas é difícil pensar que já fora um partidário circuncidado (ver T. V, P. 64).

8.

Ao Jope.

Da Cesarea ao Jope havia 50 km. Jope era a cidade de onde fugiu Jonás quando foi chamado a pregar às gentis uma mensagem que os salvou. Nesta ocasião se chama o Pedro nesta mesma cidade para que fora a pregar o Evangelho aos gentis.

lhes haver contado tudo.

É evidente a confiança que Cornelio tinha em quem estava sob seu mando, pois lhes contou franco e imediatamente todo o relacionado com sua visão. Sem dúvida já conheciam suas esperanças e orações, e agora estavam preparados para compartilhar a resposta prometida. Tudo isto projeta luz sobre o caráter de Cornelio e indica que, até onde foi possível fazê-lo, tinha tratado de compartilhar com os que estavam ao alcance de sua influência a verdade que o tinha levado a ele a uma vida melhor.

9.

aproximavam-se.

Os acontecimentos que precederam à visão do Pedro ocorreram de tal modo que a culminação da visão se produziu justamente quando chegaram os mensageiros (vers. 17-20).

O terraço.

Gr. dôma, "casa", "edifício". Estar "sobre a casa" (dôma), como diz no

grego, equivalia a estar sobre o teto da casa, quer dizer, no "terraço" ou "terrado" (BJ), pois os tetos estavam acostumados a ser planos. Este era um lugar apropriado para a oração e a meditação. Em uma cidade como Jope e na casa de um curtidor, o terraço era possivelmente o único lugar apropriado para um propósito tal. Em 1 Sam. 9: 25; 2 Rei. 23: 12; Jer. 19: 13; Sof. 1: 5; Mat. 10: 27 aparecem outros usos que se dava aos terraços.

A sexta hora.

A meio-dia. Entre os judeus esta não era provavelmente uma das horas regulares de oração; a literatura judia mais antiga nada diz a respeito. É possível que as pessoas muito piedosas pudessem havê-la observado (Sal. 55: 17), e possivelmente possa interpretar-se que assim ocorria no caso do Pedro (ver com. Hech. 3: 1); entretanto, também são possíveis outras explicações. A oração matutina, que regularmente se oferecia às 9 da manhã podia elevar-se em qualquer momento antes do meio-dia; portanto, Pedro poderia muito bem ter estado fazendo a oração matutina. Um regulamento judeu que se remonta pelo menos ao século III d. C. sugere outra possibilidade interessante: Se uma pessoa não tinha comido até meio-dia, então devia oferecer primeiro sua oração vespertina antes de comer, porque a oração vespertina (normalmente ao redor das 3 da tarde) não devia pronunciar-se pouco depois de haver comido. Como se diz que Pedro tinha "grande fome" (cap. 10: 10), é possível que esse dia ainda não tivesse comido, e portanto possivelmente estava oferecendo seu oração vespertina em uma hora temprana.

Qualquer que seja a explicação que se dê ao feito de que Pedro estava orando a essa hora, é claro que sua meditação e sua devoção abriram a porta para que recebesse a visão exatamente no momento apropriado que o prepararia para receber aos mensageiros enviados pelo Cornelio, um gentil.

10.

Grande fome.

Pedro não estava jejuando porque tinha intenções de comer. O apetite que sentiu antes de meio-dia o preparou para receber a ordem de comer que lhe seria dada em relação com sua visão. Nestas circunstâncias a ordem tinha um significado especial.

Um êxtase.

Gr. éktasis, tem a idéia de estar fora de si, indica que a mente se há afastado de seu ambiente natural. No cap. 22: 17 248 Lucas emprega de novo a palavra êxtase para descrever o que Pablo viu no templo. A LXX usa este mesmo vocábulo para descrever o sonho profundo do Abraão (Gén. 15: 12). Durante o êxtase se apresenta um estado no qual a captação natural dos sentidos fica em suspense, de modo que a visão é só mental, como em sonhos (cf. 2 Cor. 12: 3). O êxtase do Pedro foi um meio para receber a revelação da vontade divina.

11.

O céu aberto.

Isto indica que a visão e sua mensagem eram de Deus (cf. cap. 7: 56).

Algo.

"Uma coisa" (BJ). Gr. skéuos, "vasilha", "vaso", palavra empregada para descrever muitos tipos de utensílios. Aqui é um término geral que descreve algum tipo de recipiente.

Pacote.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo texto: "era descido das quatro pontas". No grego se fala de "os quatro começos do tecido", e lógicamente se entende que são suas pontas. Parece que o que o apóstolo viu foi um tecido estendido que baixava sustenido por suas quatro pontas, o que poderia comparar-se com os quatro extremos ou pontos cardeais do céu aberto.

12.

De todos os quadrúpedes.

Na visão havia toda classe de animais, tanto os que eram permitidos comer aos judeus como os que lhes eram proibidos, mas os comiam os gentis.

13.

Arbusto e come.

Pedro tinha fome, e o que seu apetite o impulsionava a fazer foi confirmado por uma voz do céu. Pedro se negou a comer por causa de sua consciência; ainda não tinha aprendido que a distinção entre judeu e gentil tinha sido eliminada em Cristo (Gál. 3: 28-29). E é evidente que Pedro não o aprendeu plenamente nem até depois desta visão, pois mais tarde na Antioquía procedeu hipócritamente, e Pablo teve que repreendê-lo em forma pública (Gál. 2:9-21).

14.

Senhor, não.

A enfática negação do Pedro até ante a ordem do céu, concorda bem com seu caráter (cf. Mat. 16: 22; Juan 13: 8). Esta sua exclamação recorda a do Ezequiel quando viu o Israel comendo mantimentos imundos (cap. 4: 14). Abster-se das carnes imundas era uma das características mais resaltantes dos judeus, e uma distinção a qual se atiam rigorosamente. Este tinha sido um dos problemas básicos entre judeus e sírios durante a guerra dos Macabeos (2 MAC. 6: 18-31), e por cumpri-lo-os judeus mais fiéis tinham estado dispostos a sacrificar suas vidas.

Entretanto, a distinção entre animais limpos e imundos, apresentada claramente no Lev. 11, era anterior à nação judia. Esta distinção foi estabelecida Por Deus e respeitada pelo Noé quando fiscalizou a entrada dos animais no arca (Gén. 7: 2; cf. cap. 8: 20). A alimentação original do homem se compunha de frutas, cereais e leguminosas (Gén. 1: 29). Antes que a carne se acrescentasse a este regime alimentá-lo (Gén. 9: 2-3), já se havia apresentado claramente a distinção entre animais limpos e imundos; pelo tanto, não tem uma base sólida a posição de que a proibição dos mantimentos imundos foi tirada quando a lei cerimoniosa feijão terminou na cruz. Na visão do Pedro estas restrições alimentares se referiam em forma simbólica às distinções que faziam os judeus, entre eles e os gentis, e a abrogación dessas distinções. Esta diferença era o que estava-se destacando nesse momento (ver com. Gén. 9: 3; Lev. 11; Hech. 10: 15; Nota Adicional do Lev. 11).

Comum.

O uso da palavra "comum" para referir-se ao "impuro" segundo a lei mosaica, refletia a atitude judia para os gentis. considerava-se que todos os que não eram judeus eram gente "comum" que estava excluída do pacto de Deus. As práticas desses emparelha espirituais, diferentes das do povo escolhido, eram chamadas "comuns" e como estas coisas "comuns" eram geralmente as que proibia a lei, tudo os costumes ou atos proibidos denominavam-se "comuns". Quando as mãos de uma pessoa estavam ceremonialmente impuras também as chamava "mãos comuns" (em Mar 7: 2 literalmente em grego, "imundas").

15.

O que Deus limpou.

Note-se que na visão todos os animais -limpos e imundos- estavam em um mesmo nível, pois os tinha feito descender do céu em um mesmo tecido. Representavam uma mescla geral, da qual nenhuma parte devia chamar-se "comum ou imunda". Ao interpretar a visão, deve reconhecer-se que embora foi dada quando Pedro sentiu verdadeira fome (vers. 10), entretanto não tinha nada que ver com comida a não ser com pessoas. Pedro devia chegar a sentir fome por as almas das pessoas de toda raça e lugar depois de ter aprendido esta lição, ao menos em parte, Pedro declarou: "Mostrou-me Deus 249 que a nenhum homem chame comum ou imundo" (vers. 28). Os gentis, a quem estava acostumado a considerar-se "imundos", estavam aguardando o ministério espiritual do Pedro. O não devia vacilar em lhes brindar esse ministério. Já não deviam ser considerados "imundos".

16.

fez-se três vezes.

A visão se repetiu três vezes, sem dúvida para que pudesse ser fixada na mente do apóstolo. O sonho de Faraó também lhe repetiu duas vezes (Gén. 41: 32), e Jesus tinha repetido ao Pedro três vezes a ordem de alimentar seus "cordeiros" e seus "ovelhas"(Juan 21: 15-17), ordem que agora devia cobrar um significado novo e mais amplo para o apóstolo.

17.

Estava perplexo.

Esta mesma expressão se emprega para descrever a perplexidade do Herodes quando a gente dizia de Cristo que era Juan o Batista que tinha ressuscitado (Luc. 9: 7). Quando Pedro sai do êxtase, não sabe como aplicar o que viu e ouvido; mas os enviados pelo Cornelio, que nesse momento o chamam, trazem-lhe a resposta. Ver Hech. 10: 28.

Chegaram à porta.

Ao Cornelio lhe tinha dado em términos gerais a direção da casa de Simón (vers. 6). Quando os mensageiros comprovaram que os detalhe eram corretos, sem dúvida sentiram confiança em que sua missão teria êxito. Não foi por coincidência que Cornelio recebesse a visão com o momento exato de antecipação, para que a chegada dos mensageiros à casa do Pedro depois de caminhar 50 km -(ver com. vers. 8)-, coincidisse com o momento preciso

da visão de este.

19.

Pedro pensava.

Pedro meditava em sua dificuldade e se perguntava o que era o que Deus havia querido lhe ensinar mediante a visão. Enquanto estava nesta condição, veio a resposta.

Disse-lhe o Espírito.

Pedro já não estava em êxtase. O Espírito divino lhe falou no mais íntimo de sua alma. Estas instruções implicavam que Pedro devia relacionar a chegada da delegação que o buscava com a visão que tinha tido.

Três homens.

Os dois servos e o soldado a quem Cornelio tinha enviado (vers. 7). Algumas versões dizem: "dois homens"; entretanto a evidência textual se inclina (cf. p.10) pelo texto "três".

20.

Descende.

Pedro estava ainda no terraço.

Não duvide.

"Vê com eles sem vacilar" (BJ).Como em uma ocasião anterior, Pedro ainda não sabia o que estava fazendo seu Senhor, mas logo o conheceria (Juan 13: 7). O e os mensageiros do Cornelio atuavam movidos pelo Espírito Santo. Na visão não lhe tinha ordenado ao Pedro que devia fazer uma viagem; mas agora se informou-lhe que tinha que fazê-lo, e compreendeu que a ordem "não duvide em ir" significava que ao viajar não devia fazer diferenças de nenhuma classe entre judeus e outras pessoas. portanto, a visão se fez pouco a pouco mais compreensível e se dissipou sua perplexidade.

21.

Que foram enviados pelo Cornelio.

Embora é certo que os homens tinham sido enviados pelo Cornelio, a evidencia textual estabelece (cf. P. 10) a omissão desta frase.

Qual é a causa?

O Espírito havia dito ao Pedro que os homens o aguardavam e que devia ir com eles; mas não lhe tinha informado quanto à razão pela qual tinham vindo. Era, pois, natural que seu primeira pergunta se referisse ao propósito da visita deles.

22.

Cornelio o centurião.

A descrição que dão os mensageiros pareceria implicar que Cornelio não era

de tudo desconhecido no Jope. Pedro bem pôde ter recordado aquele outro centurião cujo nome não se registra, que estava na guarnição do Capernaúm e tinha construído uma sinagoga para os judeus (Luc. 7: 5). Ao recordar esse caso também puderam vir a sua mente as palavras de seu Professor quando elogiou a fé do centurião, e disse que viriam "muitos do oriente e do ocidente" e sentariam-se "com o Abraham e Isaac e Jacob no reino dos céus" (Mat. 8: 11).

Temeroso de Deus.

Ver com. vers. 2.

Que tem bom testemunho.

Tinha bom testemunho pelas esmolas que tinha dado e por seu evidente reverencia para o verdadeiro Deus. A piedade do Cornelio não só era conhecida pela população da Cesarea, mas também entre todos os judeus.

recebeu instruções.

Gr. jr'matízÇ, "advertir", usa-se com freqüência para assinalar as instruções dadas Por Deus. Os autores pagãos o empregam para referir-se aos oráculos das divindades pagãs. Josefo o usa várias vezes para indicar que Deus fala com as pessoas. No NT se aplica para descrever as advertências dadas aos magos (Mat. 2: 12) e ao José (Mat. 2: 22), para a revelação dada ao Simón (Luc. 2: 26) e as mensagens 250 divinos enviados ao Moisés (Heb. 8: 5) e ao Noé (Heb. 11: 7).

Para ouvir suas palavras.

Quer dizer, para aprender do Pedro o que Deus queria que Cornelio fizesse (cap. 11: 14).

23.

lhes fazendo entrar.

Quando Pedro convidou a estes gentis a entrar na casa, deu o primeiro passo para a eliminação dos escrúpulos que os judeus tinham contra os gentis.

Ao dia seguinte.

Ao redor do meio-dia "Pedro subiu ao terraço para orar"; portanto, a chegada dos mensageiros, depois da visão, deve ter ocorrido nas primeiras horas da tarde. Como já era muito tarde para que chegassem esse mesmo dia a Cesarea, a 50 km de distância, Pedro não empreendeu a viagem em seguida. Além disso, sem dúvida os mensageiros precisavam descansar de sua viagem até o Jope.

Alguns dos irmãos.

Segundo o relato do apóstolo (cap. 11: 12) foram seis os irmãos, sem dúvida cristãos judeus (vers. 45), que o acompanharam. É provável que Pedro recordasse as palavras de Cristo: "Toma ainda contigo a um ou dois, para que em boca de duas ou três testemunhas conste toda palavra" (Mat. 18: 16). Desejava que eles informassem à igreja de algo que ele fizesse. No Hech. 11: 12 se alude à utilidade do testemunho que mais tarde deram em Jerusalém.

Certamente Pedro lhes informou de sua visão e da mensagem que haviam trazido os servos do Cornelio. A boa reputação do Cornelio teve que ter sido de importância para eles e os impulsionou a ir com o Pedro.

24.

Ao outro dia.

Parece que Pedro e seus companheiros se hospedaram em algum lugar entre o Jope e Cesarea, o que também puderam ter feito os mensageiros do Cornelio quando viajavam ao Jope (vers. 7-9, 17). O caminho corria ao longo da costa do Mediterrâneo.

Estava-os esperando.

Os preparativos do Cornelio demonstram quão convencido estava de que sua visão tinha sido real e que Deus estava a ponto de dar resposta a suas orações.

Seus parentes e amigos mais íntimos.

Indubitavelmente, entre estes tinha soldados que estavam sob o mando de Cornelio, que mais ou menos simpatizavam com sua crença religiosa, e também amigos da comunidade; e procurou que a nova luz que estava por receber, chegasse a tantos como fora possível.

25.

Adorou

Gr. ProskunéÇ, significa "ajoelhar-se diante". Pode significar "render comemoração" ou "adorar", conforme seja o caso e o objeto da comemoração. A BJ traduz literalmente: "Caiu prostrado a seus pés". Cair aos pés de alguém era a forma mais apropriada de lhe render comemoração. Assim se prostraram Jairo (Mat. 9: 18) e Juan (Apoc. 22: 8) diante do Jesus e do anjo, respectivamente. Esta atitude do Cornelio, oficial romano, demonstra que aceitava ao Pedro como um mensageiro de Deus. Um ato tal sem dúvida não era comum entre os soldados romanos, e muito menos para com um judeu.

26.

Levantou-lhe.

A resposta do Pedro indica que a comemoração e a adoração devem reservar-se só para Deus. Nunca é correto que uma pessoa exija ou receba tal comemoração de parte de outro ser humano. As palavras do Pedro são similares às de Pablo na Listra (cap. 14: 15). Ao adorar aos Santos ou até aos anjos se felpa a distinção que sempre deve existir entre Deus e o homem (Apoc. 22: 9).

27.

Falando com ele.

O que segue indica que Cornelio lhe disse ao apóstolo muitas costure que não se mencionam especificamente no texto.

Entrou.

Parece que a recepção teve lugar perto da entrada da casa do Cornelio.
A ação do Cornelio ao sair a receber ao Pedro mostrava algo do espírito do centurião que disse ao Jesus: "Não sou digno de que entre sob meu teto" (Luc. 7: 6).

Muitos.

A personalidade e a conduta do Cornelio lhe tinham ganho muitos amigos. Seu entusiasmo e sua fé o tinham induzido a reuni-los para que vissem e escutassem a um homem sobre o qual ele nada sabia (ver com. vers. 24).

28.

Quão abominável é.

O apóstolo deu por sentado que quem lhe escutava sabiam que um judeu não podia juntar-se com um gentil. Os autores clássicos conheciam o exclusivismo judeu. Juvenal (60?- 122 d. C.) escreveu: "Eles, acostumados a desobedecer as leis de Roma, aprendem, e praticam, e reverenciam a lei judia, e todo o que Moisés lhes entregou em seu tomo secreto, lhes proibindo que assinalem o caminho a qualquer que não adore os mesmos ritos e que não conduzam a ninguém à fonte desejadas a não ser aos circuncidados" (Sátiras xIV. 100-104). Tácito escreveu algo similar: "Os judeus são extremamente leais o um com o outro, e sempre estão 251 preparados para mostrar compaixão; mas para contudo outro povo não sentem a não ser ódio e inimizade. sintam-se à parte nas comidas, e dormem à parte" (Historia V. 5).

É obvio, Pedro falava do ponto de vista do fariseísmo tradicional e não da lei em si; mas se fazia amplo alarde de tais sentimentos e se manifestavam nas rigorosas formas cada vez que se relacionavam judeus e pagãos. Um judeu estrito vacilaria em viver em casa de um gentil. Na Mishnah se lê: "Morada-las dos pagãos são imundas" (Oholoth 18. 7). Em um antigo comentário judeu sobre o Levítico, aparece um notável exemplo de contaminação cerimoniosa por contato com um gentil. "relata-se que Simeón, filho do Kimjith saiu a falar com um rei árabe, e um chorrillo de saliva da boca de este caiu sobre as vestimentas daquele e o poluiu. [Então] seu irmano Judas entrou, e ministró como supremo sacerdote em seu lugar" (Midrash Rabbah, Lev. 20: 11). O sistema hindu de castas, segundo o qual as castas superiores não devem ter nada que ver com as inferiores -algo que vai desaparecendo lentamente sob a pressão da lei e os sentimentos liberais-, apresenta um paralelo moderno muito semelhante ao sentimento judeu para com os gentis.

Juntar-se.

Quer dizer, ter contato direto. Ver com. cap. 9: 26. Embora o trato da vida diária obrigava aos judeus a estar constantemente em companhia dos gentis, deviam evitar um estreito contato para não poluir-se do ponto de vista cerimonioso.

A nenhum homem chame comum.

O apóstolo mostrou desta maneira que tinha aprendido o ensino da visão. A humanidade tinha sido redimida pela encarnação, o sacrifício e a ascensão de Cristo, e até o pagão mais humilde já não era comum ou imundo. Deus estava disposto a receber a todos os homens, e por meio do Jesus o segue fazendo. O pecado é quão único pode separar ao homem de Deus (ISA. 59: 2). A impureza deve considerar-se como uma mancha moral, não física nem

racial. O seguidor de Deus deve aprender a ver em cada pecador a possibilidade de que chegue a ser uma pessoa justificada, santificada e redimida. Posto que cada pessoa pode chegar a experimentar esta magnífica transformação, deve ser respeitada como alguém em quem a imagem de Deus não apagou-se totalmente e em quem pode restaurar-se (1 Ped. 2: 17). O orgulho de classe social que só se apóia em diferenças de cultura ou de oportunidade, e se manifesta em feitos e palavras de desprezo, é, desde certo ponto de vista, até menos desculpável que as diferenças que têm uma apóie religiosa. Estas últimas têm mais possibilidades de remediar-se.

Deste versículo se deduz claramente que a lição que Deus ensinou a Pedro tinha que ver com gente e não com animais. O Evangelho devia alcançar a todas as pessoas. Finalmente seriam imundos só quem rechaçasse os esforços de Deus para sua salvação.

29.

Sem replicar.

Pedro tinha ido a Cesarea sem vacilar, e sem discutir a ordem que havia recebido; tinha seguido por fé a condução do Espírito embora só via vislumbres do que Deus queria que fizesse.

30.

Faz quatro dias.

Este é um claro exemplo de cômputo inclusivo (ver. T. I, pp. 191-192; T. II, pp. 139-141; T. V, pp. 240-241). Cornelio recebeu a visão e enviou a seus servos o primeiro dia (vers. 3, 7-8); chegaram ao Jope ao segundo dia (vers. 9, 17); e junto com o Pedro e seus companheiros partiram do Jope ao terceiro dia (vers. 23); e todos chegaram a Cesarea ao quarto dia (vers. 24). Posto que se encontraram com o Cornelio aproximadamente à mesma hora em que tinha tido seu visão (ver com. "a esta hora"), o período total dificilmente teria sido major de 72 horas. Entretanto, como nesse lapso se incluíam partes de quatro dias, Cornelio disse que tinham transcorrido "quatro dias".

Estava em jejumas.

A evidência textual sugere (cf. P. 10) a omissão desta frase.

À hora novena.

Este versículo aparece nos manuscritos antigos em diversas formas. No grego diz: "estava orando a novena", quer dizer, a oração da hora novena. Possivelmente a forma mais singela de traduzir esta passagem seja a seguinte: "Faz quatro dias, ao redor desta mesma hora, estava eu orando a [oração da hora] novena em minha casa".

Com vestido resplandecente.

Cf. cap. 1:10. A frase grega aqui empregada é a mesma que se traduz como "roupa esplêndida" no Sant. 2: 2-3. O mesmo adjetivo é empregado pelo Juan para descrever a vestimenta "resplandecente" dos anjos (Apoc. 15: 6) e da esposa (Apoc. 19: 8).

31.

Sua oração.

Na passagem paralelo (vers. 4) fala-se de "orações" em plural; aqui 252 aparece em singular. Se insinúa aqui que Cornelio tinha apresentado um pedido específico, que tinha orado por um pouco definido. Sem dúvida nessa oração havia pedido maior luz e um conhecimento mais pleno da verdade (ver com. vers. 2).

Suas esmolas.

Ver com. vers. 4.

foram recordadas.

No grego aparece aqui uma forma verbal do substantivo que se traduz "memória" na passagem paralelo (ver com. vers. 4).

32.

Jope.

Ver com. cap. 9: 36; 10: 8.

Simón, um curtidor.

Ver com. cap. 9: 43.

33.

Você tem feito bem.

Cornelio expressa não só aprovação mas também profunda gratidão (ver Fil. 4: 14).

Todos nós estamos aqui.

Estas palavras indicam que os amigos reunidos com o Cornelio compartilhavam seu ansiedade por ampliar seu conhecimento da verdade, e estavam dispostos a cumprir com qualquer condição que os fora revelada como a vontade de Deus.

Para ouvir.

Esta expressão inclui também a intenção de acreditar e de obedecer (ver com. Juan 5:24). O centurião esperava escutar do Pedro palavras por meio das quais ele e toda sua casa pudessem ser salvos.

34.

Abrindo a boca.

Expressão que se usa como introdução para ditos importantes (ver com. cap. 8: 35).

Acepção de pessoas.

Gr. prospolémptes, "que recebe a cara", quer dizer, um que distingue entre as pessoas segundo as aparências externas. Em hebreu se encontra um paralelo interessante na frase naÑa´fanim "levantar o rosto", que no uso comum significava fazer distinções injustas entre os homens. Ver T. V, P.

108. Pedro tinha visto que seu Senhor não fazia "acepção de pessoas", quer dizer, não tomava em conta distinções nem de posição social, nem de conhecimento, nem de riqueza. Isto o admitiram até seus inimigos (Mat. 22: 16). Santiago sublinha este mesmo rasgo de caráter como algo essencial em todos os que querem ser verdadeiros discípulos de Cristo (cap. 2: 1-9). Pedro necessitava aprender que a total aplicação deste grande princípio exigia que os cristãos judeus aceitassem aos de outras raças como iguais a eles. Pablo, paladín do cristianismo entre os gentis, destaca este principio em ROM. 2:9-11. Pedro estava aprendendo da visão do Cornelio, semelhante a que ele mesmo tinha tido, que Deus se faz conhecer de todos os que aspiram à justiça, já sejam judeus ou gentis, cf. Deut. 10: 17; 1 Sam. 16: 7.

35.

Em toda nação.

Pedro vagamente compreendia que o cristianismo não devia ser uma religião nacional. Em seu trato com o Cornelio começou a compreender como poderia ocorrer isto, embora ainda não o entendia cabalmente. Pablo declararia pouco depois que diante de Deus não importam nem raça, nem sexo, nem posição social (Gál. 3:28; Couve. 3: 10-11). Os judeus tinham chegado a considerar-se como o povo exclusivo do interesse, do cuidado e da misericórdia de Deus. Antes do cativeiro babilônico tinham amoldado sua vida, suas crenças e práticas religiosas às das nações pagãs que os rodeavam (ver T. IV, P. 33); mas quando retornaram do cativeiro se esforçaram até o máximo por isolar-se de seus vizinhos gentis. desenvolveu-se neles um espírito de exclusivismo que os levou a desprezar aos que não eram israelitas e a negar que pudessem ser aceitos Por Deus.

Ao princípio este espírito exclusivista constituiu o principal obstáculo para o avanço do Evangelho entre os que não eram judeus. Se o cristianismo tivesse seguido sendo só uma seita judia -conforme o concebiam os primeiros cristãos de origem judia- nunca poderia haver-se difundido entre toda classe de gente, por toda parte. portanto, a primeira grande tarefa da igreja foi romper as estreitas ataduras do judaísmo. Por meio da conversão de Cornelio, o Espírito Santo fez que a nascente igreja desse seu primeiro passo importante nessa direção.

agrada-se.

"É-lhe grato" (BJ). Deus aceita a todos. Já não tem uma raça ou um povo escolhido. O chama a todos que se arrependam, e aceita aos que o fazem com sinceridade.

Teme-lhe.

Pode pensar-se que esta frase e a seguinte abrangem, respectivamente, as duas pranchas da lei: a primeira, referente ao dever do homem para com Deus; a segunda, a seu dever para com seus próximos. Ver com. Miq. 6: 8; Mat. 22: 34-40.

36.

Mensagem.

Esta era a mensagem do Mesías, que trazia paz à terra por meio de um Salvador, Cristo o Senhor (Luc. 2: 14). Esta mensagem foi pregado em primeiro lugar ao Israel como povo escolhido de Deus; mas nesta ocasião Pedro

reconheceu que Deus perdoa os pecados de todos os que acreditam nele (Hech. 10: 43). A mensagem de paz não só seria 253 dado Por Deus à raça escolhida, mas também aos gentis.

Anunciando o evangelho.

Gr, euaggelízomai, "dar boas novas"; no sentido cristão, "pregar o Evangelho" (cf. ISA. 52: 7).

Paz.

diz-se que Deus dá paz ao que está longe como também ao que está perto, tanto ao gentil como ao judeu (ver com. ISA. 57: 19; cf. cap. 49: 6). Cristo pregou esta paz entre Deus e todas as nações sem distinção (Mat. 8: 11; Juan 12: 32; cf. Mat. 28: 19). Os apóstolos levaram estas boas novas ao mundo. Falando com os gentis, Pablo disse: "Vós que em outro tempo estavam longe, fostes feitos próximos pelo sangue de Cristo" (F. 2: 13). Os apóstolos sempre pregavam que não havia outro nome debaixo do céu, fora do de Cristo, pelo qual possam ser salvos os homens (Hech. 4: 12), e que para os judeus e também para os gregos, Cristo era o tudo e em todos (Couve. 3: 11). portanto, nesta doutrina da paz por meio de Cristo, há harmonia entre o AT e o NT, entre profetas e apóstolos. Cristo é Senhor de todos (ROM. 3: 29).

A paz que se prometeu não é em primeiro lugar paz entre os homens, a não ser entre Deus e cada pessoa, e a obtém quando se recebe a expiação por meio do Jesucristo pela fé (ROM. 3: 24-26; 5: 1). Jesucristo é o mensageiro de paz; a base da paz é sua obra expiatório; os términos da paz são a fé; a bênção da paz é a remissão dos pecados; o fruto da paz é a santidade.

Senhor de todos.

Posto que Jesucristo é Senhor de todos, ante ele cada pessoa deve ser considerada como igual. Ao dizer isto, também Pedro queria evitar que Cornelio pensasse que o Jesus a quem ele considerava como Mesías era só profeta e professor.

37.

O que se divulgou.

Quer dizer, todas as novas de salvação mediante Cristo que se pulverizaram depois da predicación do Juan o Batista a respeito do Jesus. Parece que Cornelio e seus amigos conheciam estas coisas, possivelmente por meio do ensino que já tinha chegado a Cesarea (cap. 8: 40). O conteúdo deste ensino era que embora Jesus tinha vivido como homem no Nazaret, era o Ungido de Deus, o Mesías, e o comprovavam as maravilhas que tinha feito (cap. 10: 38). Isto demonstra que a história do Jesus era ampliamente conhecida, que as novas a respeito dele tinham sido divulgadas em forma fervorosa e efetiva por apóstolos e laicos.

Começando desde a Galilea.

Depois que Jesus foi batizado no Jordão, começou a pregar na Galilea (Mar. 1: 14).

38.

Ungiu.

Gr. jríÇ, "ungir"; deste mesmo verbo deriva a palavra jristós, "ungido", ou seja Mesías ou Cristo (ver com. cap. 4: 26). Como esta palavra está pouco depois da referência do Pedro a Cristo (cap. 10: 36), parece implicar que foi durante seu batismo quando Jesus recebeu o Espírito e se converteu no Mesías em forma pública e oficial (Mat. 3: 16-17), no "Ungido", embora era o "Cordeiro que foi imolado desde o começo do mundo" (Apoc. 13: 8).

Espírito Santo

Jesus foi ungido em seu batismo, não com azeite, a não ser com o Espírito Santo (Mat. 3: 13-17).

podendo.

Quando o Filho de Deus se humilhou na encarnação, deixou a um lado o exercício independente de seus atributos como a Segunda Pessoa da Deidade (cf. T. V, pp. 895-896). Tudo o que realizou na terra o fez, como devem fazê-lo todos os homens, dependendo do poder do alto (ver DTG 117; cf., Juan 5: 19, 30; 8: 28).

Andou fazendo bens.

A vida do Jesus foi um exemplo conseqüente de dedicação ao serviço da humanidade (cap. 2: 22; DTG 51).

Oprimidos pelo diabo.

Toda enfermidade e todo sofrimento em certo sentido vêm de Satanás; até o espinho que Pablo tinha na carne era um "mensageiro de Satanás" que o esbofeteava (2 Cor. 12: 7). Além disso, também existe a posse demoníaca específica, não sempre reconhecida como tal pelo diagnóstico médico moderno. Esta posse se manifestou com todo seu espanto e horror durante os primeiros anos da proclamação do Evangelho. Jesus venceu esta força todas as vezes que lhe fez frente. Vez detrás vez jogou fora demônios. Ver Nota Adicional de Mar. 1.

Deus estava com ele.

Nicodemo confessou: "Não pode fazer estes sinais que você faz, se não estar Deus com ele" (Juan 3: 2).

39.

Nós somos testemunhas.

Pedro tinha estado com o Jesus desde o começo de seu ministério (Juan 1: 40-42). O apóstolo reconhecia que o objetivo principal de sua missão era ser testemunha de Cristo ante os homens, assim como o Senhor o tinha ordenado (Hech. 1: 8, 21-22; cf. Mat. 28: 19-20; Luc. 24: 48).

A terra da Judea.

Melhor "a região dos judeus". A palavra grega jóra significa 254 "distrito", ou algumas vezes "campina", fazendo notar a distinção entre campo e cidade. Provavelmente aqui possa dar-se o este segundo significado (cf. Luc.

2: 8; Hech. 26: 20).

Mataram lhe pendurando.

Ver com. cap. 5: 30.

Como o fizesse antes (cap. 2: 23), Pedro apresenta a crucificação principalmente como um ato dos dirigentes e do povo de Jerusalém, e não do governador romano.

40.

Ao terceiro dia.

Este é um exemplo de cômputo exclusivo. Este método de computar o tempo se estuda no T. I, P. 191; t, II, pp. 139-141; T. V, pp. 240-241; cf. com. vers. 30. com referência ao tempo que passou Cristo na tumba, ver Mat. 16: 21; Luc. 23: 53 a 24: 6.

Fez que se manifestasse.

Jesus não se deixou de ver de todos(vers. 41), mas mediante muitas prova foi claro para os que o viram que era o mesmo Jesus, agora vivo e glorificado, que tinha estado pendurado na cruz.

41.

Não a todo o povo.

Os judeus em geral, que não tinham reconhecido ao Jesus como o Mesías predito nas profecias do AT, dificilmente teriam sido testemunhas voluntárias de seu ressurreição (Luc. 16: 31). O fato de que até alguns de seus discípulos ao princípio não estiveram dispostos a aceitar ao Cristo ressuscitado (Mat. 28: 17; Mar. 16: 14), ilustra de quão pouco valor teria sido uma apresentação pública ante todos os judeus.

Testemunhas que Deus tinha ordenado.

Os discípulos tinham sido escolhidos desde o começo não só para ajudar a Jesus em seu ministério, a não ser ainda mais: para ser testemunhas do que tinham visto e ouvido depois que ele se fora (Mat. 28: 19-20; Juan 17: 6-8; Hech. 1: 8; 2 Ped. 1: 16-18).

A nós.

Cf. Hech. 1: 3; 1 Cor. 15: 5-8.

Comemos e bebemos.

Luc. 24: 42-43; Juan 21: 13-15. O fato de que Jesus comesse e bebesse era uma prova segura de que não era um fantasma fruto da imaginação de seus discípulos.

42.

Mandou-nos que pregássemos.

Esta ordem está implícita no Mat. 28: 18-20 e também nas instruções de

Hech. 1: 8 dar testemunho do reino de Deus (cf. cap. 1: 2).

Deus pôs.

Sob as condições do pacto eterno, Cristo efetuaria a salvação do homem. Por isso é apropriado que também fora o juiz dos homens, em pleno cumprimento do pacto.

Vivos.

Pablo (cap. 17: 31) concorda com o Pedro ao relacionar a ressurreição com a segurança de que o que tinha ressuscitado seria o futuro juiz de todos os homens. O fato de que Jesus fora homem, mas um homem vitorioso sobre o pecado e a morte, e de que ao mesmo tempo era Deus, o autor da lei pela qual os homens serão julgados, fazem que seja lógico e apropriado que ele seja quem julga a todos os homens (ver com. Juan 5: 22, 27).

43.

Todos os profetas.

Pedro, como o tinha feito em seus discursos anteriores (cap. 2:16, 30; 3: 18), aqui também revela que compreende o significado das profecias do AT em quanto a Cristo e a sua obra. Sem dúvida grande parte desta compreensão era o resultado do ensino que ele e os outros apóstolos tinham recebido de Cristo no intervalo entre a ressurreição e a ascensão (Luc. 24: 27, 44). Nesta ocasião é provável que Pedro se estivesse refiriendo a passagens como ISA. 49: 6; Joel 2: 32. O fato de que Pedro empregasse as Escrituras do AT para reforçar seu argumento é uma evidência de que sabia que Cornelio e sua casa conheciam esses escritos. Todos os que nele acreditarem. Esta é a promessa de Juan 3: 16. Pedro a repete como o fará Pablo mais tarde (Hech. 16: 31). A salvação se obtém pela aceitação da graça de Deus por meio de Jesucristo (F. 2: 5, 8), e não por meio das obras da lei (Gál. 2: 16, 20-21). As obras são o fruto de receber a dádiva da salvação (F. 2: 10; Fil. 2: 12-13).

Perdão de pecados.

Cf. cap. 2: 38; 3: 19.

Por seu nome.

Estas palavras devem ter impressionado profundamente aos que atentamente escutavam ao Pedro. Esta era a resposta a suas dúvidas e perplexidades. Deviam encontrar a salvação sem submeter-se à circuncisão, nem às tradições de os judeus, nem a tudo o que estas obrigações implicavam, a não ser mediante o singelo ato de fé em Cristo e no poder de seu nome (ver com. cap. 3: 16). A salvação deles dependia do poder dos atributos divinos de Cristo, dos quais seu nome era um pleno símbolo. Por meio do Jesucristo de Nazaret, eles, apesar de ser gentis, receberiam o perdão de seus pecados. Sua consciência sensibilizada lhes ensinaria que essa era a condição necessária para ter paz com Deus. A satisfação de seus anteriores desejos os colocaria na condição espiritual apropriada para participar do maravilhoso acontecimento que se vai a 255 narrar no versículo seguinte.

44.

O Espírito Santo caiu.

O descida do Espírito Santo sobre o gentil Cornelio e sua família antes de que fossem batizados cumpriu diretamente ante os companheiros do Pedro a promessa de Cristo de que o Espírito Santo os guiaria "a toda a verdade" (Juan 16: 13). Apesar da visão do Pedro, "os fiéis da circuncisão" ainda não estavam preparados para aceitar plenamente aos gentis na igreja (Hec. 10: 45), até que o derramamento do Espírito Santo demonstrou que os gentis eram aceitos Por Deus.

Muitos cristãos afirmam que a recepção do Espírito Santo vem depois do batismo. Ensinam que o batismo tem uma virtude sacramental e que, pelo tanto, é um rito que produz graça divina no que o recebe. Mas Cornelio e sua família receberam o dom do Espírito Santo antes de ser batizados, o que demonstra que a recepção do Espírito não depende do batismo (ver com. vers. 47). O batismo mas bem é um símbolo visível de uma regeneração espiritual interior, e deriva seu significado dessa experiência (ver pp. 44-46; com. Mat. 3: 6; ROM. 6: 3-6).

45.

Os fiéis da circuncisão.

Quer dizer os seis cristãos judeus já mencionados (cap. 11: 12; cf. cap. 10: 23) que acompanharam ao Pedro. Seu assombro é uma prova da realidade do dom que receberam Cornelio e sua família. Os cristãos tinham suposto até este momento que se os gentis tinham que ser cristãos, deviam, em primeiro lugar, converter-se em partidários judeus. É provável que o eunuco etíope batizado pelo Felipe não fora uma exceção a esta regra; mas Cornelio e sua família eram gentis e os companheiros do Pedro, cristãos judeus, não puderam entender como tais pessoas podiam receber o dom do Espírito Santo sem antes haver sido partidários judeus. Outra razão mais pela quais estivessem atônitos possivelmente possa sugeri-la o Talmud, o qual diz que o rabino José havia afirmado que nos dias do Mesías não se formariam no Israel mais partidários (Talmud Abodah Zarah 3b). Como os companheiros do Pedro acreditavam que os tempos do Mesías tinham chegado, bem puderam haver sentido a influência de tal atitude exclusivista para os partidários.

Sobre os gentis.

Os companheiros do Pedro, cristãos de origem judia, viram o claro cumprimento da visão do apóstolo. Cornelio e sua família, cheios do Espírito Santo, demonstravam que desde esse momento ninguém devia chamar os gentis comuns ou imundos. Sem dúvida esta evidência foi suficiente para os cristãos que acompanhavam ao Pedro.

46.

Falavam em línguas.

Nesta ocasião se viu uma manifestação dos dons de Deus, similar a que viu-se em Jerusalém no dia do Pentecostés (ver com. cap. 2: 4). Estas palavras implicam uma repentina emoção de gozo e elogio espiritual que se manifestou em um estalo de louvor espontâneo. Na história da igreja apostólica há vários casos registrados da manifestação do Espírito Santo por meio do dom de línguas (cf. Hech. 19: 6; cf. cap. 2: 4; ver com. 1 Cor. 14). Este dom foi dado com um propósito útil. No dia do Pentecostés permitiu que os apóstolos pregassem o Evangelho às multidões reunidas para a festa, que não falavam aramaico. Em

o caso dos conversos do Apolos que foram rebatizados pelo Pablo no Efeso, é razoável supor que isto os preparou para uma eficiência cristã mais ampla (ver com. Hech. 19:6). Do mesmo modo, neste caso o dom de línguas foi um sinal e um testemunho para os companheiros do Pedro que não estavam preparados para receber aos gentis na igreja.

47.

Então respondeu Pedro.

Não se registra a pergunta que Pedro respondeu, mas é evidente que seus palavras respondem as perguntas dos atônitos cristãos de origem judia em quanto ao que devia fazer-se já que o gentil Cornelio e sua família tinham recebido o Espírito Santo. Pedro tinha seguido a direção de Deus ao viajar a Cesarea a lhes pregar; atreveria-se também a batizá-los agora?

Impedir a água.

Podia negar-se os a estes gentis o sinal visível, quando a graça invisível e espiritual a qual simbolizava tinha sido concedida Por Deus tão direta e manifiestamente? Como tinha ocorrido no caso dos samaritanos (cap. 8: 15-17), o batismo pelo general era seguido pela imposição das mãos, acompanhada pelo dom do poder espiritual. Mas neste caso o dom do Espírito tinha sido concedido primeiro, e o único que ficava era realizar o ato visível de fazer que estes crentes formassem parte da sociedade da igreja. Este acontecimento mostrou que Deus dá seus dons em forma direta e na medida em que os homens 256 estejam preparados para recebê-los (ver com. cap. 10: 44). Mas demonstrou de forma igualmente clara que nenhum dom espiritual, não importa quão maravilhoso seja, faz desnecessário seguir certas formas visíveis, tais como o batismo. Na verdade, o dom excepcional foi concedido para que tirasse qualquer escrúpulo que pudessem ter os da circuncisão assim que a batizar a esses gentis. O dom do Espírito abriu o caminho e seguiu o batismo.

Também como nós.

Pedro reconhecia que Deus tinha escolhido aos gentis tanto como aos judeus e concedido a ambos a mesma graça.

48.

Mandou lhes batizar.

A construção sintática desta frase parece sugerir que Pedro não batizou a estes conversos. Jesus (Juan 4: 1-2) e Pablo (1 Cor. 1: 14-16) não batizaram a seus conversos, e conforme parece, Pedro fez o mesmo nesta ocasião. Pablo afirma que, pelo general, não batizava para que não surgissem diferentes grupos e se rompesse a unidade cristã, pois os conversos se dividiam segundo que os tinha batizado. Esta também pôde ter sido a razão que moveu a Pedro neste caso (cf. 1 Cor. 1: 12).

Não se diz quem foi o que batizou. Possivelmente batizaram os companheiros do Pedro. É possível que já houvesse uma congregação organizada na Cesarea como resultado da obra do Felipe, e os anciões ou diáconos desta congregação, ou Felipe mesmo, podem ter atuado seguindo instruções do Pedro.

Senhor Jesus.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo texto: "Jesucristo".

Que ficasse.

É provável que Pedro tivesse aceito o convite (cf. cap. 11: 3), e de este modo tivesse mostrado que estava preparado para atuar de acordo com a ensino de sua visão. Pedro deve haver-se juntado sem trava alguma com os novos conversos, comendo e bebendo com eles (vers. 2-3), sem temor de poluir-se. Lucas lhe dá tanta importância ao episódio do Pedro na Cesarea, que deve considerar-se como um momento decisivo na vida do apóstolo, quem demonstrou que, em essência, concordava com o Pablo. Embora Pedro mais tarde vacilou em seu trato com os gentis cristãos (Gál. 2: 11-13), e foi repreendido por Pablo, o relato dessa dura repreensão demonstra que Pedro tinha abandonado em grande parte seus prejuízos judeus; mas tinha atuado assim porque foi pressionado pela influência de certos judeus muito estritos que tinham ido de Jerusalém a Antioquía.

Alguns dias.

Ver com. cap. 9: 19.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-48 Ev 406; HAp 108-115; P 79; SR 282-290

1-2 SR 282

2 CN 246; MC 160

2-5 HAp 108

4 1JT 386; 7T 216

4-6 SR 283

5,7-8 HAp 109

9-16 HAp 110

11-13 SR 306

11-16 SR 284

15 HAp 157; SR 307

17-20 HAp 111

17-24 SR 286

19-20 MC 375

21-23 HAp 111

24 HAp 112

25-26 HAp 112

25-29 SR 287

27-29 HAp 112

33 FÉ 108; 1JT 526; PVGM 39

33-34 HAp 112

33-35 SR 288

34 CMC 139, 168; 3JT 84; MB 114; PP 444; PR 21, 226, 274;

1T 475, 536; 4T 423

34-45 CRA 452

38 DC 10; CH 498; CS 22, 375; DTG 208; Ed 76; 1JT 209;

2JT 483; 3JT 298; MB 57, 60; MeM 121, 134,171,234; NB 95; PR 530;

PVGM 342; 1T 482; 2T 337; 3T 217; 4T 139, 268; 6T 415; 7T 221; 8T 208; 3TS 269

43 DTG 182

44-48 HAp 113; SR 289

46-47 SR 306 257

Palestina SOB o HERODES AGRIPA I

CAPÍTULO 11

1 Pedro é acusado de juntar-se com os gentis, 5 mas apresenta sua defesa, 18
e é aceita. 19 O Evangelho é pregado em Fenícia, Chipre e Antioquía.
Bernabé é enviado para que confirme aos crentes. 26 Os discípulos são
chamados "cristãos" pela primeira vez. 27 Há fome, e os discípulos enviam
socorro aos irmãos da Judea.

1 OUVIRAM os apóstolos e os irmãos que estavam na Judea, que também os
gentis tinham recebido a palavra de Deus.

2 E quando Pedro subiu a Jerusalém, disputavam com ele os que eram da
circuncisão,

3 dizendo: por que entraste em casa de homens incircuncisos, e comeste
com eles?

4 Então começou Pedro a lhes contar por ordem o acontecido, dizendo:

5 Estava eu na cidade do Jope orando, e vi em êxtase uma visão; algo
semelhante a um grande tecido que descendia, que pelas quatro pontas era baixado
do céu e vinha até mim.

6 Quando fixei nele os olhos, considerei e vi quadrúpedes terrestres, e feras,
e répteis, e aves do céu.

7 E ouvi uma voz que me dizia: te levante, Pedro, arbusto e come.

8 E pinjente: Senhor, não; porque nada comum ou imunda entrou jamais em meu

boca.

9 Então a voz me respondeu do céu pela segunda vez: O que Deus limpou,
não o você chame comum.

10 E isto se fez três vezes, e voltou tudo para ser levado acima ao céu.

11 E hei aqui, logo chegaram três homens à casa onde eu estava, enviados a
mim desde a Cesarea.

12 E o espírito me disse que fosse com eles sem duvidar. Foram também comigo
estes seis irmãos, e entramos em casa de um varão,

13 quem nos contou como tinha visto em sua casa um anjo, que ficou em pé e
disse-lhe: Envia homens ao Jope, e faz vir ao Simón, que tem por
apelido Pedro;

14 ele te falará palavras pelas quais será salvo você, e toda sua casa.

15 E quando comecei a falar, caiu o Espírito Santo sobre eles também, como
sobre nós ao princípio.

16 Então me lembrei do dito pelo Senhor, quando disse: Juan certamente
batizou em água, mas vós serão batizados com o Espírito Santo.

17 Se Deus, pois, concedeu-lhes também o mesmo dom que a nós que havemos
acreditado no Senhor Jesus Cristo, quem era eu que pudesse estorvar a Deus?

18 Então, ouvidas estas coisas, calaram, e glorificaram a Deus, dizendo: De
maneira que também aos gentis deu Deus arrependimento para vida!

19 Agora bem, os que tinham sido pulverizados por causa da perseguição que
houve com motivo do Esteban, passaram até Fenícia, Chipre e Antioquía, não
falando com ninguém a palavra, a não ser só aos judeus.

20 Mas havia entre eles uns varões do Chipre e do Cirene, os quais,
quando entraram na Antioquía, falaram também com os gregos, anunciando o
evangelho do Senhor Jesus.

21 E a mão do Senhor estava com eles, e grande número acreditou e se converteu ao
Senhor.

22 Chegou a notícia destas coisas para ouvidos da igreja que estava em
Jerusalém; e enviaram ao Bernabé que fosse até a Antioquía.

23 Este, quando chegou, e viu a graça de Deus, regozijou-se, e exortou a todos
a que com propósito de coração permanecessem fiéis ao Senhor.

24 Porque era varão bom, e cheio do Espírito Santo e de fé. E uma grande
multidão foi adicionada ao Senhor.

25 Depois foi Bernabé ao Tarso para procurar o Saulo; e lhe achando, trouxe-lhe para
Antioquía.

26 E se congregaram ali todo um ano com a igreja, e ensinaram a muita gente;
e aos discípulos lhes chamou cristãos pela primeira vez na Antioquía.

27 Naqueles dias uns profetas descenderam de Jerusalém a Antioquía.

28 E levantando-se um deles, chamado Agabo, dava a entender pelo Espírito, que viria uma grande fome em toda a terra habitada; a qual aconteceu em tempo do Claudio. 258

29 Então os discípulos, cada um conforme o que tinha determinaram enviar socorro aos irmãos que habitavam na Judea;

30 o qual em efeito fizeram, enviando-o aos anciões por mão do Bernabé e do Saulo.

1.

Na Judea.

Ou "pela Judea" (BJ). O contexto implica que enquanto Pedro permaneceu em Cesarea a notícia de sua entrevista com o Cornelio se pulverizou, provavelmente primeiro pelo Jope e Lida, e logo por Jerusalém.

Os gentis.

A notícia da conversão dos gentis deve ter causado um grande impacto na igreja de Jerusalém. Até onde se saiba, esta foi a primeira vez em que se batizaram gentis incircuncisos e os recebeu na igreja.

2.

A Jerusalém.

Onde ainda estava a sede central da igreja (ver com. cap. 8: 14).

Disputavam.

Gr. diakrínÇ, "separar", "vacilar", "duvidar"; "distinguir", "fazer distinção", "discriminar"; "opor-se", "disputar com" (cap. 10: 20; 11: 12; 15: 9); o que significa que se separaram do Pedro com hostilidade; opunham-se a ele e disputavam com ele. Os que disputavam insistiam em que a diferença entre judeus e gentis ainda devia manter-se; quer dizer, que os cristãos deviam ter relações só com os que se feito partidários do judaísmo e que observavam estritamente a lei ritual. Cornelio não tinha sido recebido na comunidade de judeus da Cesarea (cap. 10: 2), e o ativo sentimento judaizante na igreja tendia a impedir que fora aceito na comunidade cristã.
Isto era compreensível devido ao prejuízo que se foi acumulando entre os judeus através de gerações de ritualismo. É impossível fazer que toda uma nação troque radicalmente seu modo de pensar em curto tempo.

Também deve destacar-se que o fato de que as idéias e a conduta do Pedro pudessem ser atacadas violentamente, demonstra que não o considerava como cabeça da igreja, nem chefe dos apóstolos.

Da circuncisão.

Não há indicação alguma de que esta expressão descreva a uma classe especial de cristãos de origem judia, porque quando isto ocorreu todos os conversos eram judeus ou partidários. portanto, o protesto deve haver-se levantado em toda a igreja. Entretanto a narração do Lucas foi escrita posteriormente, quando "os da circuncisão" converteram-se em uma partida separada, e sua influência estava causando uma clara divisão nas congregações

cristãs. Por sorte razão, deve considerar-se significativo o uso que lhe dá Lucas a esta expressão. Ver com, vers. 3.

Os judeus de nascimento, e que não tinham ouvido a respeito da visão do Pedro nem tinham visto o derramamento do Espírito Santo sobre o Cornelio e sua casa, devem ser perdoados se seus escrúpulos os faziam duvidar do proceder do Pedro. depois de que escutaram seu relato, ficaram satisfeitos (cf. vers. 18); mas muitos cristãos de origem judia seguiram debatendo este assunto em outras partes (Hech. 15: l; Gál. 2: 11-14).

3.

entraste.

Ver com. cap. 10: 28.

Incircuncisos.

Em lábios disto judeu expressava o máximo desprezo. Em realidade indica o profundo sentimento que se despertou contra Pedro. Os homens com os quais tinha tido trato não são chamados gentis, a não ser "incircuncisos", palavra de amarga recriminação em lábios de um judeu piedoso.

comeste.

Pedro tinha comido com homens entre os quais, pelo general, não se tinha em conta a classe de alimento que se servia nem a forma de prepará-lo, coisas muito importantes para o judeu. Esta acusação era em essência o problema. Compare-se com as acusações dos fariseus contra Cristo (Luc. 5: 30; 15: 1-2; etc.). A atitude dos judeus quanto a comer com os gentis se vê claramente em uma passagem do livro dos jubileus, escrito possivelmente a fins do século III A. C.:

"E você, meu filho, Jacob, recorda minhas palavras, e observa os mandamentos de Abraão, seu pai: te separe das nações, e não coma com eles"(Jubileus 22: 16).

4.

Começou Pedro a lhes contar.

Esta repetição do relato do cap. 10, quase palavra por palavra, a primeira vista parece não concordar com o gentil estilo literário do Lucas. Alguns comentadores explicam que Lucas se informou do que apresenta na primeira narração pelo que lhe contaram os discípulos com quem se encontrou em Cesarea, e que o segundo relato o contaram os discípulos 259 em Jerusalém; e compreendeu que sua semelhança confirmava o episódio. Lucas faz o mesmo com as narrações do acontecido ao Pablo em Damasco (cap. 9; 22; 26), deixando as ligeiras variantes como uma prova de que eram relatos independentes e como testemunho de diferentes testemunhas.

Se quer saber algo mais detalhado do que se apresenta nos vers. 5-17, ver com. cap. 10: 9-48. Mais adiante se verão só os pontos que não se trataram no cap. 10 (ver com. cap. 11: 5- 17). As variações entre o relato do cap. 10 e do cap. 11 são pequenas e de pouca importância.

5.

Vinha até mim.

Esta é uma vívida pincelada que evoca uma lembrança pessoal na descrição do tecido que baixa do céu e se aproxima do Pedro.

6.

Considerei.

Melhor "estava considerando". Outro vívido detalhe. O apóstolo recorda a atento e ofegante olhar com que tinha contemplado a estranha visão.

9.

Não o você chame comum.

A advertência se refere ao julgamento do Pedro quanto aos homens e não em quanto aos animais (ver com. cap. 10: 28).

10.

Voltou tudo para ser levado.

apresenta-se aqui uma descrição algo mais detalhada que a do relato paralelo (cap. 10: 16.)

11.

Onde eu estava.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo texto: "onde nós estávamos" (BJ). Assim ficariam incluídos os seis companheiros.

12.

O Espírito me disse.

Pedro, guiado pelo Espírito, não tinha apresentado obstáculos como o estavam fazendo agora os "da circuncisão", quem se estava opondo ao que o Espírito tinha ordenado ao Pedro que fizesse.

Estes seis irmãos.

Os seis tinham acompanhado ao Pedro na viagem a Cesarea, e este também os tinha levado a Jerusalém para que suas declarações apoiassem o relato dele, e para que dissessem à igreja o que tinham visto.

14.

Será salvo.

Estas palavras não aparecem como parte do que disse o anjo (cap. 10: 4-6), mas estão implícitas em sua declaração. Cornelio desejava a salvação, e quando em resposta a sua oração lhe disse que mandasse a procurar um que poderia lhe explicar, compreendeu que ouviria sobre o caminho da salvação.

15.

Comecei.

O Espírito Santo estava preparado para manifestar-se sobre o Cornelio e sua família logo que todos os pressente estivessem preparados psicológica e espiritualmente para apreciar o que estava por acontecer. Sem dúvida as primeiras palavras do sermão do Pedro (cap. 10: 34-43) influíram para que seus ouvintes participassem deste derramamento. O Espírito sempre está preparado para benzer, cada vez que os homens estejam dispostos a lhe receber.

Ao princípio.

Quer dizer, no dia do Pentecostés. Estas palavras de defesa foram pronunciadas diante dos apóstolos e os discípulos que tinham compartilhado com ele o dom do dia do Pentecostés. Pedro atestou que o que tinha visto na Cesarea era tão certamente obra do Espírito como o que os discípulos tinham experiente "ao princípio".

16.

Lembrei-me.

Quão maravilhosa experiência deve ter sido a de permitir que o Espírito os recordasse as coisas que Jesucristo lhes tinha ensinado. Jesus tinha prometido que isto ocorreria (Juan 14: 26).

O dito pelo Senhor.

A promessa específica a qual Pedro faz referência é a que se registra em o cap. 1: 5, referente ao batismo do Espírito Santo. Quando foi dada, aos discípulos lhes pareceu que só se referia a eles. Agora Pedro via o dom do Espírito com uma perspectiva mais ampla, como algo que também seria concedido aos que não eram do Israel. Posto que o batismo do Espírito Santo lhes tinha sido concedido também , portanto lhes correspondia também o batismo de água, assim como o major inclui o menor.

17.

Mesmo dom.

Os gentis receberam o dom do Espírito Santo quão mesmo os cristãos de origem judia.

Que acreditamos.

Aqui se estabelece um paralelo entre "eles", os gentis, e "nós", os que já antes tínhamos acreditado (vers. 15). Porque assim como a fé do Pedro e de os apóstolos existia antes de que fora concedido o dom do Espírito, assim também, antes de que recebessem o dom, tinha existido no Cornelio e seus companheiros certa medida de fé (ver com. cap. 10: 35). No caso de "eles", esta medida de fé foi suficiente para capacitá-los para receber maiores dons, e assim foram feitos aptos para o batismo e para que pudessem ter comunhão com a igreja.

18.

Calaram, e glorificaram a Deus.

O derramamento do Espírito Santo sobre o Cornelio e sua casa era evidentemente

de grande importância em relação com o conflito que 260 logo surgiria entre Pablo e os judaizantes (Hech. 15; Gál. 2). O Espírito Santo guiou no primeiro passo para a livre admissão dos gentis na igreja mediante Pedro, e se acrescentou a aprovação formal dos apóstolos e dos outros cristãos de origem judia de Jerusalém.

Aos gentis.

Os judeus tinham uma elevadísima opinião de si mesmos, como se as bênções de Deus tivessem sido destinadas só para eles, e as outras nações houvessem sido abandonadas a sua desventura. Este exclusivismo parece refletir-se em um passagem do livro pseudoepigráfico de 2 Esdras, escrito a começos do século II d. C.: "Você fez o mundo por amor a nós. Quanto às outras nações... você há dito que não são nada, que são como um cusparada, e há comparado à multidão deles com uma gota em um balde" (2 Esdras 6: 55-56). divulgou-se a crença de que o Mesías salvaria aos judeus e os converteria em um povo glorioso, mas que ao mesmo tempo destruiria às outras nações ou as submeteria aos judeus. Para liberar a crescente igreja cristã deste arrogante exclusivismo, o Senhor fez algo espetacular ao conceder seu Espírito ao Cornelio e aos que lhe acompanhavam.

A lição que a igreja aprendeu com o caso do Cornelio foi que Deus desejava que a "parede intermédia de separação" (F. 2: 14) entre judeus e gentis fora derrubado. Pablo sabia que o Evangelho de Cristo devia ser o meio de destrui-la. As cerimônias simbólicas concluíram com a morte de Cristo. Seu graça salvadora e sua divina força, repartidas ao crente a fim de capacitá-lo para que observe a lei, liberam ao pecador da condenação da lei (ROM. 8: 1-4). Não há diferença, posto que assim se beneficiam tanto gentis como judeus: todos estão condenados, mas todos os que acreditam em Deus são salvos (Gál. 3: 27-29; Couve. 3: 10-11). Ambos os grupos são reconciliados com Deus e postos em harmonia com o Pai celestial (F. 2: 11-22).

Este é o "mistério" que agora se revelou (F. 3: 1-12). A graça de Deus tinha descansado sobre o Israel; mas os israelitas não tinham reconhecido que Deus tinha o propósito de que essa graça se estendesse também às outras nações. Agora, em Cristo todo se esclarece. Os gentis podem entrar em "a dispensa do mistério" (F. 3: 9) de justiça, que inclui a todos no mesmo grande plano de salvação.

deu Deus arrependimento.

Deus dá arrependimento. A fé é um dom de Deus (ROM. 12: 3) e também o é o arrependimento que lhe segue (ROM. 2: 4; 2 Tim. 2: 25). Deus, por meio de seu Espírito, não só tinha dado a esses gentis a oportunidade de arrepender-se, a não ser tinha feito que sentissem o arrependimento. E com seu coração transformado (cf. Jer. 24:7; Eze. 11: 19; 36: 26), arrependidos e perdoados, foram aceitos Por Deus, Como podia Pedro opor-se a Deus?

19.

Tinham sido pulverizados.

O que segue é uma continuação do que vinha relatando-se no cap. 8: 1-4.

faz-se uma digressão para narrar a obra do Felipe com os samaritanos e o etíope, a obra do Saulo em Damasco e no Tarso de Cilícia (cap. 9: 27-30), e a do Pedro com o Cornelio e sua casa. Esta digressão prepara ao leitor para o que segue, que é o relato da conversão dos gregos ao Evangelho.

Perseguição.

Ou "tribulação" (BJ). Alude-se à perseguição na qual Saulo tinha tomado uma parte ativa (cap. 8: 1; 9: 1-2).

Com motivo do Esteban.

A morte do mártir foi seguida por uma terrível perseguição dos cristãos em Jerusalém (cap. 8: 1-4). Isto causou a dispersão de muitos crentes. Felipe trabalhou na Samaria e na Cesarea; outros foram a Fenícia, às cidades de Tiro, Sidón e Tolemaida, e provavelmente ajudaram a fundar as Iglesias mencionadas em outras passagens (cap. 21: 3-7; 27: 3). No Chipre se preparou o caminho para a obra posterior do Bernabé e Saulo (cap. 13: 4-13; ver mapa, P. 264).

Até Fenícia.

Fenícia era o território aonde se achavam as importantes cidades de Tiro e Sidón (ver T. II, pp. 69-71).

Chipre.

Ver com. cap. 13: 4.

Antioquía.

Este é o primeiro contato que se menciona entre a nascente igreja cristã e a capital de Síria. depois de Roma, Alejandría e Efeso, Antioquía era a cidade maior do Império Romano. Durante comprido tempo foi um importante centro do cristianismo. Nicolás, partidário da Antioquía (cap. 6: 5), possivelmente tinha retornado ali a proclamar sua nova fé. A penetração do cristianismo na Antioquía foi de grande importância. Estava situada à beira do rio Orontes, a 25 km do porto da Seleucia, e tinha sido fundada pelo Seleuco Nicator ao redor do ano 300 A. C., quem lhe deu seu nome em honra de seu pai o rei Antíoco. A cidade havia 261 alimentado em riqueza e em poder até chegar a ser a principal cidade da Ásia. O mundo aclamava a seus eruditos e literatos. Cicerón dedicou um famoso discurso ao Arquías, escritor antioqueño. Juvenal reconheceu a influência da Antioquía sobre a vida e o gosto dos romanos, quando escreveu: "Que parte de nosso sedimento vem da Grécia; O Orontes de Síria a muito tempo desembocou no Tíber, trazendo consigo seu idioma, suas maneiras, suas flautas e suas liras de cordas diagonais" (Sátiras iII. 62-64).

Na Antioquía havia uma numerosa colônia judia em cuja honra Herodes o Grande fez construir uma colunata de mármore que atravessava a cidade. Antioquía era a sede do prefeito, ou propretor romano de Síria. Na Antioquía o cristianismo se relacionou mais intimamente com a cultura grega que em Jerusalém ou na Cesarea. Aqui também teve que enfrentar-se com o paganismo em suas formas mais sedutoras e degradantes. Os bosques do Dafne eram famosos por seu culto cheio de voluptuosidad e idolatria. Uma grande vitória foi a que fez possível que a igreja convertesse a Antioquía em uma de seus principais sede.

A não ser só aos judeus.

Naturalmente isto era de esperar-se de quem tinha saído de Jerusalém antes da conversão do Cornelio ou antes de que se divulgasse essa notícia. Não tinham sido informados, como em troca o tinha sido Pedro, de que havia

chegado o momento de levar a missão profética de Cristo até seu mais completa extensão (cap. 1: 8). Parece que se destaca o fato de que se pregava só aos judeus como um contraste com o relato anterior a respeito de Pedro e do Cornelio, e o que segue quanto aos trabalhos missionários.

20.

Varões do Chipre e do Cirene.

No caso destes homens, de procedência mais cosmopolita, é provável que houvesse menos vacilação em mesclar-se gentis que a que houve entre os judeus da Palestina, centro da nação judia e baluarte de seus prejuízos. Só pode conjeturar-se quanto à identidade destes varões: possivelmente Lucio do Cirene, que aparece na lista de profetas do cap. 13: 1; possivelmente Simón do Cirene, quem provavelmente foi discípulo do Jesus (ver com. Mat. 27: 32; cf. Mar. 15: 21). Os fundadores da igreja de Antioquía seguem no anonimato.

Na Antioquía.

Ver com. vers. 19.

Falaram.

O verbo grego se traduz melhor "falavam" (BJ), o que indica uma ação repetida.

Os gregos.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo texto "helenistas" (hell'nistás) e não "helenos", quer dizer gregos (héllenas). O problema não é só textual, mas sim além disso aumenta devido à controvérsia quanto à identidade dos "helenistas" (ver com. cap. 6: 1). Geralmente se entende que os "helenistas" eram pessoas de outros povos que tinham adotado a língua e a maneira de viver dos gregos. No Hech. 6: 1 parece aplicar-se este término aos judeus cujo idioma era o grego e que não tinham nascido em Palestina. Se assim se entendesse, então os evangelistas anônimos de Antioquía pregaram a pessoas de cultura e língua grega, mas não de raça grega, entre os quais os judeus gregos ocupavam um lugar destacado. Em certo sentido, os helenistas seriam o elo entre os judeus e os helenos ou gregos.

Entretanto, e apesar de que o peso da evidência dos antigos manuscritos gregos se inclina pelo texto "helenistas", muitos sugerem que deve entender-se "helenos", ou seja "gentis". Afirmam que: (1) se não se tratasse de helenos gentis, não teria sentido a distinção que faz Lucas entre os judeus do vers. 19 (entre os quais poderiam perfeitamente estar os judeus que falavam grego) e os gentis do vers. 20; (2) já que havia judeus de fala grega em Jerusalém, não seria uma novidade que os mencionasse especificamente na Antioquía; (3) seria completamente natural diferenciar a judeus de helenos (cf. cap. 14: 1; 18: 4), e registrar o progresso que fazia a igreja ao estender-se além dos limites do povo judeu; (4) referências posteriores assinalam a presença de cristãos de origem gentil na Antioquía de Síria (cap. 15: 1, 28- 31; HAp 126-131, 153); (5) o fato de que fossem helenos não significa que fossem pagãos idólatras antes de converter-se, e que possivelmente, como Cornelio, alguns deles já temiam a Deus (ver com. cap. 10: 2) e assistiam à sinagoga (compare-se com os corintios, Hech. 18: 4).

Não se sabe se a conversão dos helenistas que se registra neste capítulo precedeu ou seguiu à conversão do Cornelio. É provável que por muito tempo se tivesse trabalhado na Antioquía entre os judeus, tão gregos como palestinos ou sírios, e que os varões de 262 o Chipre e do Cirene chegassem depois de que a história do Cornelio tivesse posto em ação força que permitiram proclamar a mensagem do Evangelho além dos limites da raça judia.

21.

A mão do Senhor.

Esta expressão aparece com freqüência no AT para referir-se à intervenção direta de Deus nos assuntos da terra. Ver Exo. 14: 31, onde o "feito que Jehová executou" em hebreu é a mão (yad) do Jehová". Compare-se também com a frase "mão do Jehová" no Exo. 9: 3; Rut 1: 13; 1 Sam. 7: 13; Neh. 2: 8; etc. que faz destacar a verdade de um Deus pessoal.

Grande número acreditou.

Aqui há novos sinais do maravilhoso crescimento da igreja. Cf. cap. 2: 47; 4: 4; 5: 14; 6: 7; 8: 6, 12; ver com. cap. 9: 31; 11: 24.

22.

A notícia destas coisas.

Quer dizer, o relatório a respeito dos conversos da Antioquía. Se, como é provável, os novos conversos eram gentis, a recepção favorável que teve em Jerusalém a notícia de sua conversão sem dúvida se deveu a que Cornelio já tinha sido aceito.

Igreja que estava em Jerusalém.

Ver com. cap. 8: 14.

Enviaram ao Bernabé.

Enviaram-no para que fortalecesse a obra na Antioquía e para lhe dar o apoio e a aprovação da igreja de Jerusalém, assim como se enviou ao Pedro e a Juan a Samaria (cap. 8: 14). Possivelmente se escolheu ao Bernabé porque se sabia que simpatizava com a obra que se estava fazendo na Antioquía. Era amigo de Saulo, a quem tinha apresentado a alguns dos discípulos em Jerusalém (cap. 9: 27), e deve ter conhecido as convicções do Saulo e suas esperanças em quanto aos gentis. portanto, sentiria-se feliz de ter a oportunidade de trabalhar desse mesmo modo. Também era vantagem o fato de que era do mesmo país de alguns de quão missionários estavam trabalhando na Antioquía.

Até a Antioquía.

É possível que Bernabé tivesse visitado outras congregações enquanto se dirigia a Antioquía.

23.

A graça de Deus.

Ver com. ROM. 3: 24.

regozijou-se.

Bernabé viu na nova obra só o que era digno de sua aprovação, e o fato de que mais membros se estivessem acrescentando à igreja foi para ele motivo de profundo gozo. Na verdade, toda a experiência e o programa do cristão deveria ser sempre motivo de gozo contínuo.

Exortou.

Melhor "exortava" (BJ); o verbo grego expressa ação repetida ou contínua.

Propósito de coração.

"Com coração firme"(BJ).

Permanecessem fiéis ao Senhor.

A lealdade deve ser para o Senhor Jesus Cristo, a qual deve permanecer nele com "coração firme", como o indica a frase anterior. Bernabé tinha visto o resultado da ação da graça de Deus nos conversos da Antioquía, mas sabia, como sabe tudo verdadeiro pastor, que a vontade do homem ou a falta desta pode frustrar a graça. Não é certo que o que aceitou a Cristo nunca mais pode perder-se, pois a gente pode apartar-se de Cristo. É necessário que a vontade do homem coopere com Deus para que se complete a obra da santificação.

24.

Bom.

Quer dizer, reto (cf. Luc. 18: 18-19). Em relação com o Bernabé, isto significa um grande elogio, e sem dúvida expressava a opinião pessoal do Lucas respeito a ele. É possível que usasse este louvor em sua narração porque pouco depois se referia à luta que separou ao Bernabé do Saulo do Tarso, amigo e companheiro de trabalhos do Lucas (Hech. 15: 39).

Cheio do Espírito Santo.

Um homem de bom caráter como Bernabé, destacado entre os judeus gregos de Antioquía, teria uma grande influencia entre judeus e gregos nessa cidade. Esteban tinha a mesma característica (cap. 6: 5). como resultado da perseguição que seguiu à morte do Esteban, os missionários tinham ido a Antioquía. Alguns deles podem ter sido helenistas ativos na obra pela qual foi apedrejado Esteban.

Uma grande multidão.

Esta frase sugere um grande incremento, superior ao que se registra no vers. 2l. A aprovação do que se estava fazendo em Jerusalém, tal como o expressavam o gozo e a exortação do Bernabé, o "filho de consolação", sem dúvida serviria para aumentar o zelo destes ferventes operários de Cristo.

25.

Foi Bernabé ao Tarso.

Isto é importante, pois pressupõe que Saulo aprovava a obra que se estava

fazendo na Antioquía, e demonstra a confiança do Bernabé em que Saulo era a pessoa apta para ajudar na obra ali. Também sugere que tinha havido comunicação com o Saulo, já fora mediante um mensageiro ou por carta, depois de que este saiu de Jerusalém. pode-se deduzir que 263 Saulo tinha permanecido no Tarso ou em seus arredores, pregando o Evangelho e também nas aldeias vizinhas de Cilícia (ver pp. 104-105; com. cap. 15: 41).

Para procurar o Saulo.

Agora pede ao Saulo, a quem o Senhor lhe tinha aparecido e tinha sido famoso como "instrumento escolhido" (cap. 9: 15) para levar o nome de Cristo aos gentis, que se uma ao Bernabé nesta nova tarefa de pregar a os gentis da Antioquía. Saulo aceitou o convite, pois sem dúvida já havia ouvido dos resultados do poder de Deus ali.

26.

Todo um ano.

Aqui se menciona o tempo preciso, a diferença de casos anteriores. Saulo, arriscando sua vida, tinha pregado em Damasco e em Jerusalém. Na igreja da Antioquía achou certa tranqüilidade e amplas oportunidades adequadas a seu ardor.

Com a igreja.

Ou "na igreja". Não se trata de um edifício, pois a igreja não teve edifícios a não ser até o século III; refere-se à congregação. Os interessados se reuniam com os crentes e eram incorporados na igreja tão logo como aceitavam plenamente a mensagem evangélica.

Ensinaram a muita gente.

Ver com. vers. 21, 24.

Lhes chamou cristãos.

Juliano, o imperador romano chamado o apóstata (361-363 d. C.), fez notar que a população da Antioquía de seu tempo se caracterizava pela tendência de inventar apelidos satíricos. Parece que esta tendência existia quando o cristianismo apareceu nessa cidade. A primeira sílaba da palavra jristianós vem do vocábulo grego jristós, "Cristo", enquanto que a última parte se parece mais ao latim, e se assemelha a palavras como pompeiani, nome dado aos seguidores do Pompeyo. Nos Evangelhos aparece um vocábulo similar: "herodianos" (h'rÇdianós Mat. 22: 16), que parece refletir certa relação com Roma. Também é possível que os pagãos tivessem dado o nome aos cristãos para ridicularizá-los, assim como 15 séculos mais tarde os inimigos do Lutero usaram o término lutherani para burlar-se dos seguidores do reformador.

Evidentemente, os discípulos de Cristo não ficaram a si mesmos este nome. Como seu uso indicava que os que o levavam eram seguidores do Mesías, o Cristo, não podia ser um nome inventado pelos judeus. É clara a razão por a qual apareceu este novo nome. À medida que os novos conversos gentis uniam-se à igreja na Antioquía, nenhum dos nomes anteriores servia para abranger a todo esse conjunto cosmopolita. Já não eram todos nazarenos, nem galileos, nem judeus gregos. Para os habitantes da Antioquía deve haver parecido uma estranha mescla. portanto, a palavra híbrida "cristão",

apoiada em um término grego com terminação latina, parecia ser adequada. E o que em um princípio foi uma brincadeira, mais tarde se converteu em um nome no qual glorificar-se: "Se algum padecer como cristão, não se envergonhe" (1 Ped. 4: 16).

Existe uma antiga tradição, por certo não digna de muito crédito, de que foi Evodio, primeiro bispo da Antioquía, quem começou a usar o término "cristão". Um dos primeiros documentos cristãos que emprega este vocábulo é a Didajé (12. 4), de começos do século II.

27.

Naqueles dias.

Ver segunda Nota Adicional do cap. 12.

Uns profetas descenderam.

Cumprimento da profecia do Joel, a qual Pedro se referiu em seu sermão de Pentecostés (cap. 2: 17), de que na jovem igreja haveria profetas (Hech. 13: 1-2; F. 2: 20). Entretanto, não é possível apreciar no NT uma descrição clara do que era a tarefa do "profeta". Se tratava de pessoas que possuíam um dom do Espírito, que algumas vezes se ocupavam em pregar e explicar a Palavra de Deus, e em outras ocasiões tinham a capacidade de predizer acontecimentos futuros, como o fez Agabo (Hech. 13: 1; 15:32; 19: 6; 21: 9-10; ROM. 12: 6; 1 Cor. 12: 10, 28-29; 13: 2; 14: 6, 29-37). A missão dos profetas evidentemente deve ser considerada como outra amostra de aprovação dada pela igreja em Jerusalém à obra que Saulo e Bernabé estavam realizando na Antioquía.

28.

Agabo.

Este mesmo profeta aparece depois na Cesarea (cap. 21: 10-11). Corresponde assinalar que no Códice de Lábia inferiora grossa se lê neste versículo o seguinte texto: "E havia ali grande gozo. E reunidos nós, um deles, de nomeie Agabo falou". Se este foi o texto original, teria-se aqui a primeira passagem no qual Lucas, o médico amado, emprega a primeira pessoa do plural (ver com. cap. 16: 10). Em relação com isto é interessante notar que segundo uma antiga tradição cristã Lucas era oriundo da cidade da Antioquía. 265

PERSEGUIÇÃO E PULVERIZAÇÃO

Dava a entender pelo Espírito.

Cf. cap. 21: 11.

Uma grande fome.

É provável que seja a fome mencionada pelo Josefo (Antiguidades xX. 2. 5), quem relata que Helena, reina do Adiabene, país situado ao leste do Tigris, estando de visita em Jerusalém, socorreu às pessoas lhe conseguindo cereais de Alejandría e figos secos do Chipre. Pode entender-se que esta fome foi um cumprimento parcial da profecia do Jesus do Mat. 24: 7. Quanto a seu relação com a cronologia do NT, ver pp. 101, 103; primeira Nota Adicional do cap. 12.

A terra habitada.

Gr. oikoumén', vocábulo corretamente traduzido pela RVR. No Luc. 2: 1; 4: 5 e em outras passagens do NT se emprega esta palavra para designar ao Império Romano.

Claudio.

O reinado do Claudio durou desde ano 41 até o 54 d. C. Foi um período notável por suas freqüentes fomes (Suetonio, Claudio xVIII. 2; Tácito, Anais xII. 43).

29.

Então os discípulos.

Quer dizer, os membros da igreja da Antioquía.

Cada um conforme ao que tinha.

Quer dizer, "conforme a suas possibilidades financeiras", "conforme era prosperado". Esta coleta parece que se fez como resultado da profecia, antes de que viesse a fome. Sem dúvida Saulo e Bernabé ativamente procuraram que os gentis apoiassem esta coleta. Foi primeira das coletas "para os pobres" que havia "entre os Santos" de Jerusalém (ROM. 15: 25-26). Posteriormente foram tão importantes no trabalho do Pablo (cf. Hech. 24: 17; 1 Cor. 16: 1; 2 Cor. 9; Gál. 2: 10), que o apóstolo as considerava como um laço de união entre os setores judeus e gentis da igreja. A liberalidade dos conversos de Jerusalém no brilho de seu primeiro amor (Hech. 2: 45), junto com a perseguição que depois sofreram (cap. 8: 1), provavelmente os tinha empobrecido mais que a outros. Por isso, quando houve fome possivelmente tiveram que depender em grande medida da ajuda das Iglesias que estavam em zonas não afetadas pela fome. A igreja da Antioquía deu um digno exemplo às outras Iglesias.

30.

Os anciões.

Gr. presbúteros, "maior" [em idade], portanto, "ancião", "presbítero". Esta é a primeira notícia que se tem de um cargo tal na igreja cristã. É provável que não se refira aos apóstolos, porque em outro passagem (cap. 15: 2, 4, 6) os apóstolos e os anciões se apresentam como dois grupos diferentes. daqui em adiante, os anciões aparecem como um elemento importante na organização eclesiástica. O término "ancião" e até certo ponto o posto na igreja ao qual se refere, tinha as raízes de sua origem tanto nos antecedentes dos gentis como dos judeus. Alguns papiros do Egito mostram que os "anciões" desempenhavam um papel importante na vida econômica dos aldeãos. A eles lhes pedia que decidissem quanto a questões de aluguel de terra e o pagamento de impostos (J. H. Moulton e G. Milligan, The Vocabulary of the Greek Testament, P. 535). Este término se empregava no Ásia Menor para designar aos membros de uma corporação; e no Egito, para referir-se aos sacerdotes de um templo (A. Deissmann, Bible Studies, pp. 156, 233). Entre os judeus a palavra "ancião" (presbúteros) era empregada para designar ao dirigente de uma sinagoga local, como se vê na inscrição do Teodoto (ver com. cap. 6: 9). Os membros do sanedrín também são chamados "anciões" (Heb. zeqenim; ver com. cap. 4: 5). portanto, pode ver-se que o término era conhecido, e facilmente pôde haver

sido adotado para designar a quão dirigentes desempenhavam as responsabilidades principais em suas congregações locais. além de levar essas responsabilidades nas congregações, os anciões da igreja de Jerusalém podem também ter estado em um nível algo similar ao dos zeqenim do sanedrín judeu, pois eles, como os apóstolos, aparecem no cap. 15 como quem tinha certa autoridade que transcendia os limites de seus próprias congregações. Neste caso os recursos compilados na Antioquía foram enviados mediante Bernabé e Saulo aos anciões de Jerusalém, para que fossem distribuídos entre os pobres.

Na igreja primitiva também lhe dava o nome de episkopos ao ancião. Esta palavra significa "supervisor", e passou ao castelhano como "bispo". Historicamente, pelo menos do século III d. C., o "ancião" (presbítero) e o "bispo" exerceram funções diferentes dentro da igreja. Entretanto, a evidência do NT indica claramente que nos tempos apostólicos os dois términos se aplicavam indistintamente (cf. 1 Tim. 3: 2-7 e Tito 1: 5-9; ver com. Hech. 20: 28; cf. Fil. 1: 1). Clemente de Roma (C. 96 d. C.) parece fazer equivaler aos dois (Epístola aos 266Corintios 44), e Crisóstomo (M. 407 d. C.) declarou: "Em tempos antigos, os anciões [presbíteros] eram chamados bispos e diáconos de Cristo; e os bispos, anciões [presbíteros]" (Comentário sobre a Epístola aos Filipenses 1).

Segundo a epístola do Santiago, um dos deveres do ancião é visitar os doentes, orar ao Senhor para que lhes devolva a saúde e ungi-los com azeite para seu cura (cap. 5:14). Em relação à evolução posterior do cargo de ancião e de bispo, ver pp. 28, 39-44.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-4 HAp 114; SR 290

12 HAp 112; SR 290

15-17 HAp 115, 157; SR 290

18 HAp 115; SR 291

19 HAp 126

20 HAp 135

20-25 HAp 126; SR 301

26 HAp 127; SR 301

27-30 2JT 509

CAPÍTULO 12

1 O rei Herodes persegue os cristãos, mata ao Santiago e aprisiona a Pedro; mas a igreja ora, e este é liberado. 20 Herodes, cheio de orgulho, atribui-se a honra que pertence só a Deus; é ferido por um anjo e morre devorado pelos vermes. 24 Despues de sua morte, a palavra de Deus avança.

1 NAQUELE mesmo tempo o rei Herodes jogou mão a alguns da igreja para lhes maltratar.

2 E matou a espada ao Jacobo, irmão do Juan.

3 E vendo que isto tinha agradado aos judeus, procedeu a prender também a Pedro. Eram então os dias dos pães sem levedura.

4 E havendo tomado preso, pô-lhe no cárcere, lhe entregando a quatro grupos de quatro soldados cada um, para que lhe custodiassem; e se propunha lhe tirar o povo depois da páscoa.

5 Assim Pedro estava custodiado no cárcere; mas a igreja fazia sem cessar oração a Deus por ele.

6 E quando Herodes lhe ia tirar, aquela mesma noite estava Pedro dormindo entre dois soldados, sujeito com duas cadeias, e os guardas diante da porta custodiavam o cárcere.

7 E hei aqui que se apresentou um anjo do Senhor, e uma luz resplandeceu na cárcere; e tocando ao Pedro no flanco, despertou, dizendo: te levante logo. E as cadeias lhe caíram das mãos.

8 Lhe disse o anjo: te rodeie, e te ate as sandálias. E o fez assim. E lhe disse: te envolva em seu manto, e me siga.

9 E saindo, seguia-lhe; mas não sabia que era verdade o que fazia o anjo, mas sim pensava que via uma visão.

10 Tendo acontecido o primeiro e o segundo guarda, chegaram à porta de ferro que dava à cidade, a qual lhes abriu por si mesmo; e saídos, passaram uma rua, e logo o anjo se separou dele.

11 Então Pedro, voltando em si, disse: Agora entendo verdadeiramente que o Senhor enviou seu anjo, e me livrou que a mão do Herodes, e de todo o que o povo dos judeus esperava.

12 E tendo considerado isto, chegou a casa da María a mãe do Juan, que tinha por apelido Marcos, onde muitos estavam reunidos orando.

13 Quando chamou Pedro à porta do pátio, saiu a escutar uma moça chamada Rode,

14 a qual, quando reconheceu a voz do Pedro, de gozo não abriu a porta, a não ser que correndo dentro, deu a nova de que Pedro estava à porta.

15 E eles lhe disseram: Está louca. Mas ela assegurava que assim era. Então eles diziam: É seu anjo!

16 Mas Pedro persistia em chamar; e quando abriram e lhe viram, ficaram atônitos.

17 Mas ele, lhes fazendo com a mão sinal de que calassem, contou-lhes como o Senhor o 267 tinha tirado do cárcere. E disse: Façam saber isto ao Jacobo e a os irmãos. E saiu, e se foi a outro lugar.

18 Logo que foi de dia, houve não pouco alvoroço entre os soldados sobre o que tinha sido do Pedro.

19 Mas Herodes, lhe havendo buscado sem lhe achar, depois de interrogar aos guardas, ordenou levá-los a morte. Depois descendeu da Judea a Cesarea e ficou ali.

20 E Herodes estava zangado contra os de Tiro e do Sidón; mas eles vieram de acordo ante ele, e subornado Blasto, que era garçom maior do rei, pediam paz, porque seu território era abastecido pelo do rei.

21 E um dia famoso, Herodes, vestido de roupas reais, sentou-se no tribunal e lhes arengou.

22 E o povo aclamava gritando: Voz de Deus, e não de homem!

23 Ao momento um anjo do Senhor lhe feriu, por quanto não deu a glória a Deus; e expirou comido de vermes.

24 Mas a palavra do Senhor crescia e se multiplicava.

25 E Bernabé e Saulo, completo seu serviço, voltaram de Jerusalém, levando também consigo ao Juan, que tinha por apelido Marcos.

1.

Naquele mesmo tempo.

O que aqui se relata deve ter ocorrido pouco antes da morte do Herodes Agripa I (cf. vers. 20-23). Posto que este rei morreu no ano 44 D.C., os acontecimentos da primeira parte deste capítulo possivelmente possam se localizar-se em o ano 43 ou a começos do 44 d. C.

O rei Herodes.

Herodes Agripa I era filho do Aristóbulo e Berenice, e neto do Herodes o Grande e da princesa asmonea Mariamna; era também irmão da Herodías que aparece no relato do Juan o Batista (ver T. V, P. 40). Seu nome era o do estadista que foi primeiro-ministro de Augusto. depois de que seu pai foi vítima dos receios de seu avô Herodes o Grande, no ano 7 A. C., (ver T. V, P. 43), foi enviado a Roma em parte como refém e também para que não fora comprometido em intrigas políticas. Ali se fez amigo da Calígula e de Claudio, os quais mais tarde chegaram a ser imperadores. Quando Herodes Antipas se casou com o Herodías, irmã do Herodes Agripa, este foi renomado como supervisor do mercado do Tiberias, mas logo brigou com o Antipas e partiu a Roma. Ali sofreu o desagrado do Tiberio por ter expresso imprudentemente o desejo de que seu amigo Calígula pudesse ser imperador. Foi encarcerado por Tiberio e permaneceu na prisão até a morte desse imperador. Quando Calígula aconteceu ao Tiberio no trono, encheu de honras a seu amigo Agripa; primeiro lhe deu a tetrarquía do Felipe e depois a do Lisanias (Luc. 3: 1), e concedeu-lhe o título de rei Quando Antipas foi deposto (ver T. V, P. 66), Agripa passou a governar seus territórios, além dos que já tinha. No T. V, pp. 69, 224 há mais detalhe a respeito de seu reinado.

lhes maltratar.

Posto que Agripa desejava que o considerassem como um judeu piedoso, pôde ser facilmente incitado pelos judeus para que atacasse aos cristãos. Pelo tanto, começou a perseguir à igreja, "despojando de casas e bens aos crentes" (HAp 116).

2.

Matou a espada ao Jacobo.

Se este apóstolo tivesse sido achado culpado de blasfêmia ou de heresia, o sanedrín o teria sentenciado a morte por apedrejamento. Como ocorreu com Juan o Batista (Mat. 14: 10), o fato de que Jacobo fora decapitado demonstra que sua morte foi decretada por um governante civil que empregava métodos romanos de castigo (cf. Mat. 20: 23). Só pode conjeturar-se em quanto à razão pela qual Herodes escolheu ao Jacobo como a primeira de seus vítimas. É possível que na predicación do Evangelho, Jacobo houvesse seguido ocupando o lugar destacado que tinha compartilhado com o Pedro e Juan no relato evangélico. Possivelmente se distinguia por sua eloqüência natural, pois o chamavam filho "do trovão" (Mar. 3: 17). Em uma tradição procedente de Clemente da Alejandría e conservada pelo Eusebio (História eclesiástica iI. 9), relata-se que o que acusou ao Jacobo, converteu-se ao contemplar a fé e a paciência de sua vítima.

Segundo a cronologia que se conhece dos Fatos, Jacobo desempenhou um curto ministério de só 13 anos depois da ascensão de Cristo. Foi o primeiro dos apóstolos em morrer, enquanto que Juan, seu irmão, foi provavelmente o último em falecer.

Os romanos aplicavam a pena de morte por decapitação. Posteriormente, como o 268 declara a Mishnah (Sanhedrin 7. 3), os judeus a empregaram algumas vezes.

3.

Tinha agradado aos judeus.

O objetivo da Agripa era agradar aos judeus. Josefo também assinala isto. Quando compara a Agripa com o Antipas, diz que este último se mostrava mais amigável gregos que com os judeus; mas que Agripa não o era (Antiguidades xIX. 7. 3).

Na Mishnah (Sotah 7. 8) relata-se um caso que mostra quão sensível era o rei ante os louvores ou a censura popular. Certa vez, o rei Agripa lia em o livro da lei durante a festa dos tabernáculos em um ano sabático. Quando chegou às palavras do Deut. 17: 15, onde diz, "não poderá pôr sobre ti a homem estrangeiro, que não seja seu irmão", lhe encheram os Olhos de lágrimas ao pensar em sua origem idumeo. O povo viu que chorava, e pensando este mas bem em sua ascendência asmonea, exclamou: "Nosso irmão! Nosso irmão é você!", com o qual o coração do rei se sentiu confortado.

A menos que fora aos dirigentes dos judeus a quem Agripa desejava agradar em primeiro lugar, este relato dá a entender que se obrou um grande mudança de sentir no povo, pois é evidente que havia um sentimento popular em favor dos apóstolos (cap. 2: 47; 5: 26). Esta mudança foi causado sem dúvida pelo rápido aumento da paróquia da igreja.

Também ao Pedro.

depois de encarcerar e matar ao Jacobo, fez prender ao Pedro, quem era uma figura destacada entre os doze e constituía um branco lógico do ataque de Herodes.

Dias dos pães sem levedura.

refere-se a toda a festa da páscoa, o qual pode deduzir-se do Luc. 22: 1: "A festa dos pães sem levedura, que se chama a páscoa".

4.

Pô-lhe no cárcere.

Para o ter aí até que terminasse a festa.

Quatro grupos de quatro soldados cada um.

É provável que dois soldados estivessem encadeados ao Pedro e dois estivessem guardando a porta (ver com. vers. 10). Eram necessários quatro grupos para que fossem rodando-se.

lhe tirar o povo.

Agripa queria apresentá-lo ante o povo para julgá-lo e condená-lo, assim como Pilato tinha levado ao Jesus ante o tribunal (Juan 19: 13).

Páscoa.

faz-se referência a toda a festa da páscoa, e não só a um dia. Pedro foi detido ao começar a festa da páscoa (o jantar pascal se comia a noite que dava começo ao dia 15 do Nisán), e o rei queria sentenciá-lo e castigá-lo-nos dia 21, depois de que terminasse a festa.

5.

Estava custodiado.

A frase grega sugere que esteve no cárcere alguns dias.

Sem cessar.

Gr. ektenÇs, "insistentemente" (BJ), "fervorosamente". Esta palavra se usa também para descrever a oração do Jesus no Getsemaní: "intensamente" (Luc. 22:44, RVR). Em 1 Ped. 4: 8, traduz-se "fervente". Pelo que se sabe quanto à situação geral da igreja cristã, pode conjeturar-se que estas orações eram oferecidas por grupos de cristãos reunidos em casas particulares (Hech. 12: 12), porque devido à perseguição da Agripa era perigoso celebrar publicamente os cultos cristãos, como ocorreu muitas vezes nos primeiros dias do cristianismo.

6.

Lhe ia tirar.

Isto indica que tinha transcorrido certo tempo desde seu encarceramento ao começo da festa da páscoa, até que fora executado depois de terminar sorte festa.

Estava Pedro dormindo.

É uma inspiração e uma exortação para a fé notar o tranqüilo descanso do apóstolo, que dorme como um a quem Deus lhe concedeu o sonho de seus amados (Sal. 127: 2), sem ser turbado pelo temor do iminente sofrimento ou da morte.

Guardas.

Provavelmente os dois soldados do grupo de quatro (vers. 4) que não estavam encadeados ao detento.

7.

apresentou-se.

Gr. efist'meu, literalmente, "ficar em cima". É o mesmo verbo que se emprega ao falar da aparição dos anjos aos pastores (Luc. 2: 9).

Uma luz resplandeceu.

Assim como "a glória do Senhor.. rodeou de resplendor" aos pastores, a presença do anjo introduziu a glória do céu no escuro cárcere.

O cárcere.

Gr. oik'MA, "moradia", "habitação"; aqui, "cela". Os atenienses usavam este substantivo como um eufemismo para referir-se à "cárcere".

As cadeias lhe caíram.

Pedro estava encadeado a dois soldados, e apesar de que as cadeias se o caíram dos tornozelos e as bonecas, os soldados não despertaram.

8.

te rodeie.

Pedro certamente se afrouxou o cinturão e se tirou as sandálias para dormir. "Ater-se" poderia 269 se referir literalmente a atar um cinto; mas além disso tinha a idéia mais ampla de "vestir-se" (Juan 2 1: 18), ou a idéia figurada de preparar-se como para uma viagem (Luc. 12:35).

Manto.

Gr. himátion, manto exterior, não a túnica interior (ver T. V, P. 49). É provável que Pedro tivesse estado dormindo envolto neste manto.

me siga.

O anjo não deu nenhuma explicação mas sim simplesmente liberou ao Pedro de seus cadeias, e este ato foi suficiente para que o apóstolo o seguisse com confiança.

9.

Não sabia.

Ao Pedro possivelmente pareceu agora que a situação era parecida com a que tinha experiente ao receber a visão narrada no cap. 10. Deve haver pensado que ao despertar encontraria ainda encadeado aos dois soldados, como quando ao voltar em si depois da anterior visão ainda se encontrava no terrado da casa.

10.

Guarda.

Gr. fulak', "guarda". Poderia referir-se aos guardas apostados junto à porta interior do cárcere e em alguma porta a certa distância, ou possivelmente aos guardas que estavam encadeados com o Pedro e aos outros de a porta (vers. 4). Pedro possivelmente tinha sido encerrado em uma cela interior, e portanto tinha que sair atravessando dois pátios.

À cidade.

Evidentemente o cárcere estava dentro da cidade. Pôde ter estado situada na torre Antonia (ver T. V, P. 215; cf. com. "saídos", neste versículo).

Por si mesmo.

Nenhum ser humano abriu a porta; sem dúvida, abriu-a um anjo invisível. Note-a forma singela e natural como Lucas narra este milagre.

Saídos.

O Códice de Lábia inferiora grossa acrescenta: "descenderam os sete degraus Y..", logo continua o texto. Embora a evidência textual estabelece (cf. P. 10) a omissão desta frase, a mesma poderia sugerir um conhecimento mais detalhado da cidade de Jerusalém que a que hoje temos. Possivelmente se apóie na tradição de que Pedro foi encarcerado na torre Antonia, a qual parece que se entrava por uma escalinata (cap. 21: 34-35, 40).

Rua.

Gr. rhúm', "rua", até melhor "rua estreita".

O anjo se separou dele.

Quando Pedro já não necessitava a ajuda sobrenatural, o anjo o deixou para que fizesse o que era necessário para escapar.

11.

Voltando em si.

Pedro se encontra livre em uma rua da cidade de Jerusalém, envolto no ar fresco da noite.

O Senhor.

Pedro não tinha nenhuma dúvida quanto à origem de sua tão oportuna liberação.

Livrou-me.

O Senhor do Pedro tinha enviado como antes (cap. 5: 19) a seu anjo para liberá-lo. Já não havia duvida quanto à autenticidade de sua liberação.

12.

Tendo considerado isto.

"Consciente de sua situação" (BJ). Pedro tinha estado em um primeiro momento como em um sonho (vers. 9; cf. Sal. 126: 1); mas ao fim pôde compreender a

maravilhosa verdade e entrou em ação. Então compreendeu as circunstâncias de seu liberamiento e se deu conta o que devia fazer.

María.

Esta María era parienta do Bernabé (cf. Couve. 4: 1 0, onde se chama o Juan Marcos "sobrinho do Bernabé", embora a palavra grega significa mas bem "primo"). Posto que não se menciona ao pai do Marcos, poderia-se supor que María era viúva. Ao igual a Bernabé (Hech. 4: 36-37), parece que tinha certos recursos, já que dispunha de uma casa suficientemente grande que servia como lugar de oração da igreja.

Juan.

Pedro chama "filho" ao Marcos (1 Ped. 5: 13), portanto, é possível que o jovem tivesse sido um converso do apóstolo. O nome latino Marcus sugere que havia alguma relação com romanos ou judeus romanos.

Reunidos orando.

Estas reuniões provavelmente eram comuns na casa da María. No mesmo momento em que Pedro era liberado do cárcere, o grupo estava orando fervientemente (vers. 5) por sua vida, pois estavam conscientes de que a igreja se enfrentava a uma grande crise.

13.

Chamou Pedro.

Quando o anjo abriu as portas do cárcere, o poder sobrenatural interveio para ajudar em uma necessidade extraordinária; mas Pedro, uns minutos depois do milagre de sua liberação, teve que bater na porta de uma casa para poder entrar em forma normal.

Porta.

Gr. pulón; ver com. Mat. 26: 71.

A escutar.

O fato de que Rode tenha saído "a escutar", dá a entender que havia um sentimento de perigo por causa da perseguição que sofriam os discípulos motivada pelo zelo da Agripa a favor do judaísmo. Saulo tinha entrado antes nas casas (cap. 8: 3) para levar homens e mulheres ao cárcere; agora existia a possibilidade de um perigo similar. Por esta razão Rode não abriu a 270 porta até que soube quem pedia permissão para entrar.

Moça.

Gr. paidísk', "moça" ou "faxineira".

Rode.

Nome grego que significa "rosa". Rode se menciona aqui; mas são poucas as moças de serviço tão bem conhecidas como ela. A Rode, como ao ladrão em a cruz, a María a que lavou os pés do Jesus e a viúva anônima que pôs as dois brancas no cofre das oferendas do templo, conheceram-na por quase 20 séculos todos os leitores da Bíblia.

14.

a voz do Pedro.

O amor cristão desta jovem pelo piedoso e valente soldado da cruz, sem dúvida a tinha impulsionado a escutar atentamente ao Pedro em anteriores ocasiões, e por isso conhecia sua voz. Além disso, Pedro falava com acento galileo, razão pela qual outra faxineira o reconheceu em uma ocasião anterior (Mat. 26: 73).

De gozo.

Não foi por falta de fé que Rode não abriu em seguida a porta ao Pedro, a não ser devido ao profundo gozo que sentia. Ela tinha compartilhado a preocupação que os irmãos sentiam pelo Pedro, e tinha participado das preces oferecidas em seu favor. Seu intenso desejo de contar as boas novas da liberação de Pedro fez que perdesse sua serenidade. Lucas também registra que os discípulos, ao reconhecer ao Jesus na tarde do dia da ressurreição, "de gozo, não acreditavam" (Luc. 24: 41).

15.

Está louca.

Quando Rodar deu a notícia de que Pedro estava à porta, os irmãos não podiam lhe acreditar. Não tinham suficiente fé para acreditar que Deus tinha respondido suas orações; portanto, pensaram que a jovem devia ter perdido a razão.

Seu anjo.

No Heb. 1: 14 se expressa interrogativamente a crença dos judeus assim que aos anjos: "Não são todos espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que serão herdeiros da salvação?" Os judeus acreditavam que cada pessoa desde seu nascimento tinha um anjo guardião (Sal. 91: 13-15; jubileus 35: 17; Tobías 12: 12). Quando Jesus falou dos anjos dos meninos (Mat. 18: 10), referia-se a algo familiar para os judeus. Depois do exílio, e possivelmente pela influência pagã, a angelología judia foi tornando-se cada vez mais complicada. Na literatura rabínica os anjos têm funções mais explícitas que na Bíblia.

16.

Persistia em chamar.

Pedro persistia tanto em bater na porta como tinham persistido os crentes em suas orações rogando por sua liberação.

ficaram atônitos.

É difícil encontrar uma melhor ilustração da incapacidade, até de gente boa, para acreditar que suas orações são respondidas definitiva e especificamente. Quando Pedro esteve diante deles, custou-lhes admitir que era , entretanto, Jesus tinha dado a seus seguidores a mais plena segurança de que suas orações de fé seriam respondidas (Juan 14: 13-14).

17.

Tinha-lhe tirado.

Quando foi liberado do cárcere e voltou em si, exclamou: "O Senhor enviou seu anjo" (vers. 11). Agora atesta outra vez que tinha sido o Senhor o que tinha-o liberado.

Façam saber.

Gr. apaggéllÇ, "anunciar", "declarar".

Jacobo.

Sem dúvida o mesmo que presidiu o concílio de Jerusalém, no qual se discutiu o tema da circuncisão, e pronunciou sua decisão quanto a esse assunto (cap. 15: 13). Isto faz pensar que, de uma maneira ou outra, era a pessoa principal da igreja de Jerusalém e, portanto, era natural que Pedro queria que Jacobo se inteirasse imediatamente de sua liberação.

É possível que este Jacobo fora o filho do Alfeo, ou o Jacobo que era irmão do Senhor. Os irmãos do Jesus só acreditaram nele quando sua vida terrestre chegava a seu fim, muito depois de que os doze foram escolhidos. Pablo chama "irmão do Senhor" (Gál. I: 19; cf. cap. 2: 9) ao mesmo Jacobo que era uma de as colunas da igreja de Jerusalém depois da morte do Jacobo, filho de Zebedeo. É provável que este seja o Jacobo ao qual Pedro se refere aqui. Eusebio (História eclesiástica iI. 23) chama-o bispo de Jerusalém, e entrevista o quinto livro da Commentaria do Hegesipo, que embora não necessariamente contém dados exatos, pode conter alguns elementos de verdade: "Recebeu o governo da Igreja, junto com os apóstolos, Santiago irmano do Senhor, quem já dos tempos de Cristo até nossa idade foi chamado o Justo.
Pois certamente existiram muitos que se chamavam com o nome do Santiago mas este foi santo do ventre de sua mãe. Nunca bebeu vinho nem suco de tâmaras; absteve-se totalmente das carnes de animais. Nunca se cortou a cabeleira, nem acostumava a ungir nem a banhar seu corpo. Era o único entre todos que tinha o 271 direito e a faculdade de entrar no santuário íntimo do templo. Não usava vestimenta de lã mas sim de linho. Acostumava a entrar só no templo e orar ali intercedendo ante Deus de joelhos pelos pecados do povo, até o ponto de que seus joelhos tivessem calejado como as do camelo, quando venerando a Deus assiduamente se prostrava no estou acostumado a fazendo votos pela salvação do povo" (tradução do Luis M. Cádiz [Buenos Aires: Editorial Nova, 1950], pp. 88-89). Logo segue o relato de seu martírio. De acordo com a tradição, Jacobo foi levado ao topo do templo, e como seguiu afirmando sua fé no Jesus, foi arrojado ao vazio, o apedrejaram, e finalmente um batanero o matou a pauladas (ver T. V, P. 73). Segundo Josefo, morreu apedrejado (Antiguidades xX. 9.1). Ver a Introdução do livro do Santiago.

A outro lugar.

A viagem do Pedro a outro lugar harmonizava com a ordem que o Senhor tinha dado aos doze (Mat. 10: 23). Não se sabe aonde escapou Pedro. Alguns autores católicos dizem que foi a Roma, e que depois de fundar ali a igreja, retornou a Jerusalém para assistir ao concílio que se registra no Hech. 15. Outros sugeriram que foi a Antioquía, o que parece mais provável; mas não há rastros de sua presença nessa cidade a não ser até depois do concílio de Jerusalém (a menos que Gál. 2: 1-10 corresponda com o Hech. 11: 30; ver a primeira Nota Adicional do cap. 15; cf. Gál. 2: 12). Bem pôde lhe bastar com refugiar-se em uma cidade mais próxima, como Jope ou Lida. O fato de que não se

dê o nome do lugar sugere que para o registro do Lucas era um detalhe relativamente de pouca importância.

18.

Não pouco alvoroço.

Os guardas, que estavam encadeados com o Pedro, ao despertar devem haver-se dado conta que seu prisioneiro tinha escapado. Estavam conscientes de que mereciam a pena de morte porque o prisioneiro lhes tinha escapado.

A partir deste momento Pedro só aparece quando participa do concílio de Jerusalém (Hech. 15: 7). Pablo o menciona em Gál.1: 18; 2:7-8, 11, 14) e se sabe algo de suas atividades pelo que ele mesmo diz em suas epístolas (1 Ped. 1: 1; 5:12-13; 2 Ped. 1: 14). O NT não diz nada mais quanto a ele. A tradição sim diz muito; mas o que afirma não sempre pode aceitar-se ou rechaçar-se com segurança. Jerónimo afirma em sua paráfrase do Crónicon de Eusebio, que Pedro pregou durante 25 anos em Roma; mas isto é muito duvidoso, pois esteve no concílio de Jerusalém (Hech. 15), e depois esteve em Antioquía -possivelmente depois do concílio (Gál. 2: 11-14; ver Nota Adicional do Hech. 15)-.Além, Pedro mesmo insinúa que trabalhou na zona noroeste do Ásia Menor (1 Ped. 1: 1; Eusebio, História eclesiástica iII. 1). Segundo Hech. 8-12, tudo isto teve que ter ocorrido depois de que Pedro foi liberado da cárcere ao redor do ano 44 d. C.

19.

levá-los a morte.

O carcereiro do Filipos esteve a ponto de suicidarse quando acreditou que todos seus prisioneiros se tinham escapado, pois sabia que seria condenado a morte, depende ordenava-o a lei (Hech. 16: 27; cf. Hech. 27: 42). Parece que era lei, ou por o menos costume, que o carcereiro era responsável pelos detentos que o tinham sido confiados. Uma lei romana, promulgada ao redor do ano 529 d. C., diz: "A custódia e o cuidado das pessoas encarceradas, é dever carcereiro, quem não deve pensar que um desprezível e vil subordinado será responsável se, de algum modo, escapa um detento; porque [em tal caso] desejamos que ele sofra o mesmo castigo que se demonstre que deveria haver sofrido o detento que escapou (Justiniano, Código iX. 4. 4).

A Cesarea.

Agripa, e não um governante romano, era quem governava na Cesarea neste tempo, porque Josefo diz que tinha recebido do Claudio a jurisdição de Judea e da Samaria, além da dos distritos que tinha governado nos dias da Calígula (Antiguidades xIX. 8. 2).

20.

Estava zangado.

"Estava... fortemente irritado" (BJ). Estava muito irado contra eles.

Atiro Y.. Sidón.

Estas duas cidades fenícias, sedes da indústria marítima, não estavam submetidas a Agripa. Em certo sentido eram cidades autônomas, embora estavam sob o controle de Roma. A simpatia da Agripa pela gente do Berito, hoje

Beirut, outro porto marítimo fenício um pouco ao norte do Sidón, possivelmente pôde ter estado relacionada com sua irritação contra a gente dessas duas cidades mais antigas. Josefo descreve os esplêndidos edifícios construídos pela Agripa em Beirut (Antiguidades 7. 5; cf. T. V, P. 70). É claro que a ira do rei se fez sentir de algum modo, e foi um obstáculo para a prosperidade comercial de Tiro e do Sidón.

Vieram.

As duas cidades se uniram 272 para enviar uma embaixada comum que as representasse, e para tratar de apaziguar a ira do Herodes.

Subornado.

No grego diz, "tendo persuadido ao Blasto". Não é estranho que a cooperação do Blasto se obteve mediante um suborno.

Blasto.

Nada mais se sabe deste personagem. O "garçom" era o encarregado do dormitório do rei. O mesmo título aparece em inscrições do período bizantino. O "garçom", que depois se denominou "camarlengo" ou "chambelán", era um funcionário de alta hierarquia, algumas vezes secretário pessoal ou encarregado dos assuntos especiais do rei.

Pediam paz.

Isto não significa que Agripa estivesse em guerra com Tiro e Sidón, mas sim não tinha boas relações com elas. Israel tinha tido boas relações comerciais com Atiro desde muito tempo atrás (1 Rei. 5: 11). No Eze. 27: 12-25 se descreve o comércio da cidade de Tiro com diversas nações.

Era abastecido.

O domínio do Herodes Agripa era amplo (ver T. V, pp. 70, 224), e se favorecia a outro porto e desviava o tráfico de Tiro e Sidón, podia prejudicar seriamente seu comércio.

21.

Um dia famoso

Josefo diz (Antiguidades xIX. 8. 2) que era um dia festivo dedicado para fazer votos pelo bem-estar do César.

sentou-se.

Josefo descreve com detalhes este episódio em Antiguidades xVIII. 6-8. Ver a primeira Nota Adicional deste capítulo.

22.

O povo.

Gr. d'mos, "a massa do povo", o povo pagão reunido em um lugar público. Só Lucas usa esta palavra e o faz dentro de um contexto que não é judeu.

Voz de Deus!

Provavelmente deva entender-se no sentido de culto ao imperador, e não de adoração a um ser celestial ou um deus pagão (ver com. vers. 21).

23.

Feriu-lhe.

No vers. 7 um anjo tocou ao Pedro para despertá-lo e liberá-lo; mas aqui, em agudo contraste, um anjo toca ao Herodes para destrui-lo. Ser golpeado por um agente divino equivale geralmente a um severo castigo (1 Sam. 25: 38; 2 Rei. 19: 35; Hech. 23: 3).

Não deu a glória a Deus.

Estas palavras não necessariamente significam que Agripa só tinha falhado em render a Deus o louvor que corresponde a ele, e só a ele. Dar glória a Deus sempre implica proceder de tal forma que se glorifique seu nome a pesar das circunstâncias. "Dar glória a Deus" algumas vezes significou confessar os pecados e as debilidades, como no Jos. 7: 19 (cf. com. Juan 9: 24).

Comido de vermes.

Josefo não menciona em seu relato paralelo a enfermidade em forma específica. É possível que a descrição mais detalhada do Lucas responda a seus conhecimentos médicos, embora dificilmente possa considerar-se que a frase "comido de vermes" represente a descrição literal de uma enfermidade específica. Este foi um castigo divino. Os antigos consideravam que o ser comido de vermes era um castigo celestial porque era uma morte espantosa. Na história se registram vários casos: Feretime, reina do Cirene (Herodoto, História iV. 205); Antíoco Epífanes (2 MAC. 9: 5-10); Herodes o Grande (Josefo, Antiguidades xVII. 6. 5), e Galerio, inimigo da igreja nos tempos da perseguição do Diocleciano, 303-313 d. C. (Lactancio, Da maneira que morreram os perseguidores, 33). Há um relato similar quanto à morte do Felipe II, rei da Espanha. Agripa morreu no ano 44 d. C., no sétimo ano de seu reinado, aos 53 anos de idade.

24.

A palavra do Senhor crescia e se multiplicava.

Cf. cap. 6: 7; 19: 20; ver com. cap. 11: 24. "A semente é a palavra de Deus" (Luc. 8: 11), disse Cristo. Lucas, o historiador cristão, refere que a palavra foi como semente: quando era semeada em forma diligente, crescia e dava fruto. Esta declaração descreve uma expansão contínua. A morte de Agripa, principal perseguidor, deixou aos pregadores do Evangelho em liberdade para proclamar sua mensagem, e não foram tardos para aproveitar esta oportunidade.

25.

Bernabé e Saulo... voltaram.

Retornaram de sua visita a Jerusalém (cap. 11: 27-30) para seguir trabalhando entre os gentis da Antioquía (ver com. "de Jerusalém"; também a segunda Nota Adicional deste capítulo).

De Jerusalém.

A evidência textual sugere (cf. P. 10) o texto "a Jerusalém", como se os apóstolos tivessem retornado desde a Antioquía a Jerusalém. Entretanto, os redatores de manuscritos gregos posteriores, tomando em conta o contexto, e considerando que o vers. 25 é a conclusão do relato que começa no vers. 27, cap. 11, puseram "de Jerusalém", como se lê na RVR e na BJ. Além disso, existe a possibilidade de que no 273 texto grego, que não tinha pontuação, pudesse haver-se lido "Bernabé e Saulo voltaram havendo completado seu ministério em Jerusalém".

Serviço.

Literalmente "seu diaconado"; quer dizer, seu "ministério". A palavra grega é a mesma que se traduz como "socorro" no cap. 11: 29. Bernabé e Saulo completaram a missão que lhes tinha crédulo a igreja da Antioquía.

Levando também consigo ao Juan.

Ver com. vers. 12. Esta eleição se explica, em parte, pelo parentesco de Juan Marcos com o Bernabé (Couve. 4: 10); mas também demonstra que Juan Marcos entrava totalmente na obra de converter aos gentis. Ver Hech. 13: 5, 13; 15: 37-39; 2 Tim. 4: 11. Evidentemente, até este momento tinha estado vivendo em sua casa em Jerusalém.

NOTAS ADICIONAIS DO CAPÍTULO 12

Nota 1

Ao comparar os relatos do Lucas e do Josefo, parece provável que os delegados de Tiro e do Sidón estiveram entre os que clamaram "voz de Deus, e não de homem", e acrescentaram, como o informa Josefo, "tenha misericórdia de nós". Note o agudo contraste entre a atitude do Pedro, quem se negou a receber o comemoração do Cornelio, e a da Agripa, que aceitou a lisonja blasfema da multidão na Cesarea. O relato do Josefo concorda com o do Lucas nos seguintes detalhes: (1) Entre a multidão que lisonjeava a Agripa havia alguns que estavam procurando recuperar seu favor. (2) A festa se celebrou em um "dia famoso". (3) Herodes estava vestido de roupas reais. (4) A lisonja consistiu em chamá-lo "deus". (5) O rei não os repreendeu por isso. (6) Caiu doente imediatamente, e foi levado a seu palácio. Josefo acrescenta que Agripa reconheceu que o castigo era de Deus por aceitar os elogios blasfemos, e que todos esperavam que morrera em seguida. Quanto à última parte do relato do Josefo onde diz que a dor violenta aumentou rapidamente, e ao relato do NT que diz que Agripa foi comido de vermes, deve destacar-se que no relato da morte do Antíoco Epífanes se descrevem em forma separada estes dois mesmos feitos como características da mesma enfermidade: "Mas o Senhor Deus do Israel que todo o vê, feriu-lhe com uma chaga incurável e invisível: apenas pronunciada esta frase, apoderou-se de suas vísceras uma dor irremediável, com agudos retortijones internos,... até o ponto que do corpo do ímpio pululavam vermes, caíam a pedaços suas carnes, até estando com vida, entre dores e sofrimentos, e seu infecto fedor emprestava todo o exército" (2 MAC. 9: 5, 9, BJ). Josefo, quem apoiava decididamente a Agripa, só descreveu os primeiros sintomas da enfermidade do rei e omitiu os repugnantes detalhes do relato da morte de quem, em sua opinião, era um grande rei. No livro de Feitos se dá uma apresentação mais detalhada, porque o objetivo de seu autor era destacar em toda sua gravidade o pecado pelo qual, como o relata Josefo, Agripa sabia que tinha sido castigado. Os pontos de concordância entre os

dois relatos são tantos, e as diferenças tão pequenas e tão facilmente explicadas, que deve considerar-se que o relato do Josefo é um tributo à precisão e aos cuidados do Lucas como historiador.

Nota 2

Ao Final do cap. 12 surge a pergunta quanto a se a visita do Bernabé e de Saulo, para levar socorro aos cristãos de Jerusalém (cap. 11: 27-30) ocorreu antes ou depois do encarceramento do Pedro e da morte do Herodes Agripa I, pois o último vers. do cap. 12 é evidentemente a conclusão do relato que começa no cap. 11: 27. Este problema aparece porque a evidência cronológica sugere que a morte do Herodes ocorreu antes da missão do Bernabé e do Saulo, seqüência que parece investir-se no relato de Lucas.

Ao considerar este problema deve reconhecer-se que Lucas não sempre procura apresentar os acontecimentos em estrita ordem cronológica, nem em seu Evangelho nem em Feitos. Em seu Evangelho menciona a "muitos" que haviam "tratando de pôr em ordem a história das coisas que entre nós foram muito certos" (Luc. 1: 1). Lucas escolheu do que aqueles tinham registrado, tal como lhe havia "parecido.... depois de ter investigado 274 com diligência todas as coisas desde sua origem", aqueles acontecimentos que proporcionavam uma narração coerente de determinadas fases da história primitiva (cap. 1: 3). depois de ter seguido as atividades de um personagem (principalmente Pedro, Hech. 1-12), ou de ter apresentado um quadro coerente de um aspecto da marcha da obra (a predicación do Evangelho na Palestina, até o cap. 1l: 18), Lucas se ocupa de outro personagem ou outro aspecto do trabalho missionário, e o segue até chegar a outra culminação ou conclusão lógica (ver a transição, cap. 11: 18-19). A ordem cronológica a vezes é menos importante para o Lucas que outras classes de apresentação ordenada, por exemplo a apresentação por determinado tema ou por área geográfica. Esta atitude é característica da literatura de sua época, como também do AT (ver com. Gén. 25: 19; 27: 1; 35: 29; Exo. 16: 33, 35; 18: 25).

As frases "naqueles dias" (cap. 11: 27) ou "naquele mesmo tempo"(cap. 12: 1) empregam-se como acontece com freqüência nos Evangelhos, só como frases rotineiras que indicam uma transição, mas não necessariamente com o fim de assinalar um momento cronológico específico. É muito possível que os acontecimentos do cap. 12: 1-24 tivessem ocorrido entre os vers. 26 e 27 do cap. 11; o cap. 12: 25 segue lógicamente aos 11: 30. O "serviço" do cap. 12: 25 parece referir-se ao "socorro" enviado pelos irmãos da Antioquía a os irmãos da Judea (cap. 11: 29). portanto, a visita devida à fome pôde ter ocorrido depois de que Pedro foi encarcerado, milagrosamente liberado e partiu de Jerusalém, e depois da morte do Herodes Agripa, que teve lugar no ano 44 d. C.

Seguindo o método histórico já descrito, Lucas relatou o começo da obra em favor dos gentis na Antioquía. Ao concluir esse relato, seus heróis, Bernabé e Saulo, são enviados a Jerusalém para levar aos anciões de a igreja o socorro necessário por causa da fome. Em vista desta mudança de cenário, Lucas tem que relatar o que enquanto isso esteve ocorrendo em Jerusalém (cap. 12: 1): a perseguição da igreja, a morte do Jacobo, o encarceramento do Pedro e o terrível fim do Herodes o perseguidor. Depois retoma seu relato na Antioquía, e narra o envio de Bernabé e do Saulo como missionários ordenados (cap. 13: 1-3). Mas primeiro, deve fazer voltar para seus personagens principais a Antioquía, dizendo que "completo seu serviço voltaram de Jerusalém" (cap. 12: 25). Também se vale desta oportunidade para introduzir a um novo personagem: Juan Marcos (já

mencionado de passagem em Jerusalém, vers. 12), porque Marcos acompanhará a dois missionários de mais idade na viagem que Lucas descreve a seguir (cap. 13: 4 a 14: 27): a primeira viagem do Pablo.

Se se tiver em conta o método habitual do Lucas para organizar seu material, este pequeno deslocamento carece de importância, e não é necessário que se faça um reajuste especial dos dois acontecimentos ou do registro dos mesmos, como se faz quando se seguem certos pontos de vista (ver a primeira Nota Adicional do cap. 15).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-25 Ev 422-423; HAP 116-125; SR 292-300

1-3 HAp 116; SR 292

2 HAp 477

2-3 P 185

4-5 HAp 117

5-6 SR 293

6-7 HAp 118

6-10 CN 40

6-11 2Jt 345

7 HAp 123; P 185

7-8, 10 SR 295

8-10 HAp 119

11 SR 296

11-15 HAp 120

13-17 SR 296

16-19 HAp 120

19 SR 297

21 HAp 121

21-23 P 185

22 SR 298

22-23 HAp 122

23 HAp 123; SR 299 275

CAPÍTULO 13

1 Pablo e Bernabé são escolhidos para pregar aos gentis. 7 Sergio Paulo e Elimas o mago. 14 Pablo prega na Antioquía que Jesus é o Cristo. 42 Os gentis acreditam, 45 mas os judeus contradizem e blasfemam; 46 portanto, Pablo e Bernabé se dirigem aos gentis. 48 Acreditaram todos os que estavam ordenados para vida eterna.

1 HAVIA então na igreja que estava na Antioquía, profetas e professores: Bernabé, Simón o que se chamava Niger, Lucio do Cirene, Manaén o que se havia criado junto com o Herodes o tetrarca, e Saulo.

2 Estes Ministrando ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: me apartem a Bernabé e ao Saulo para a obra a que os chamei.

3 Então, tendo jejuado e orado, impuseram-lhes as mãos e os despediram.

4 Eles, então, enviados pelo Espírito Santo, descenderam a Seleucia, e dali navegaram ao Chipre.

5 E chegados a Salamina, anunciavam a palavra de Deus nas sinagogas dos judeus. Tinham também ao Juan de ajudante.

6 E tendo atravessado toda a ilha até o Pafos, acharam a certo mago, falso profeta, judeu, chamado Bar Jesus,

7 que estava com o procónsul Sergio Paulo, varão prudente. Este, chamando a Bernabé e ao Saulo, desejava ouvir a palavra de Deus.

8 Mas resistia Elimas, o mago (pois assim se traduz seu nome), procurando separar-se da fé ao procónsul.

9 Então Saulo, que também é Pablo, cheio do Espírito Santo, fixando nele os Olhos,

10 disse: OH, cheio de todo engano e de toda maldade, filho do diabo, inimigo de toda justiça! Não cessará de transtornar os caminhos retos do Senhor?

11 Agora, pois, hei aqui a mão do Senhor está contra ti, e será cego, e não verá o sol por algum tempo. E imediatamente caíram sobre ele escuridão e trevas; e andando ao redor, procurava quem lhe conduzisse da mão.

12 Então o procónsul, vendo o que tinha acontecido, acreditou, maravilhado de a doutrina do Senhor.

13 Tendo zarpado de Paus, Pablo e seus companheiros atracaram ao Perge de Panfilia; mas Juan, apartando-se deles, voltou para Jerusalém.

14 Eles, passando do Perge, chegaram a Antioquía da Pisidia; e entraram na sinagoga um dia de repouso* e se sentaram.

15 E depois da leitura da lei e dos profetas, os principais da sinagoga mandaram a lhes dizer: Varões irmãos, se tiverem alguma palavra de exortação para o povo, falem.

16 Então Pablo, levantando-se, feito sinal de silêncio com a mão, disse. Varões israelitas, e os que temem a Deus, ouçam:

17 O Deus deste povo do Israel escolheu a nossos pais, e enalteceu ao

povo, sendo eles estrangeiros em terra do Egito, e com braço levantado os tirou dela.

18 E por um tempo como de quarenta anos os suportou no deserto;

19 e tendo destruído sete nações na terra do Canaán, deu-lhes em herança seu território.

20 Depois, como por quatrocentos e cinqüenta anos, deu-lhes Juizes até o profeta Samuel.

21 Logo pediram rei, e Deus deu ao Saúl filho do Cis, varão da tribo de Benjamim, por quarenta anos.

22 Tirado este, levantou-lhes por rei ao David, de quem deu também testemunho dizendo: achei ao David filho do Isaí, varão conforme a meu coração, quem fará tudo o que eu quero.

23 Da descendência de este, e conforme à promessa, Deus levantou o Jesus por Salvador ao Israel.

24 antes de sua vinda, pregou Juan o batismo de arrependimento a todo o povo do Israel.

25 Mas quando Juan terminava sua carreira, disse: Quem pensam que sou? Não sou eu ele; mas hei aqui vem atrás de mim um de quem não sou digno de desatar o calçado dos pés.

26 Varões irmãos, filhos da linhagem do Abraham, e os que entre vós temem a 276 Deus, a vós é enviada a palavra desta salvação.

27 Porque os habitantes de Jerusalém e seus governantes, não conhecendo o Jesus, nem as palavras dos profetas que se lêem todos os dias de repouso,* as cumpriram ao lhe condenar.

28 E sem achar nele causa digna de morte, pediram ao Pilato que se o matasse.

29 E tendo completo todas as coisas que dele estavam escritas, tirando-o do madeiro, puseram-no no sepulcro.

30 Mas Deus lhe levantou dos mortos.

31 E ele se apareceu durante muitos dias aos que tinham subido junto com ele da Galilea a Jerusalém, os quais agora são suas testemunhas ante o povo.

32 E nós também lhes anunciamos o evangelho daquela promessa feita a nossos pais,

33 a qual Deus cumpriu aos filhos deles, a nós, ressuscitando a Jesus; como está escrito também no segundo salmo: Meu filho é você, eu te hei engendrado hoje.

34 E quanto a que lhe levantou dos mortos para nunca mais voltar para corrupção, disse-o assim: Darei-lhes as misericórdias fiéis do David.

35 Por isso diz também em outro salmo: Não permitirá que seu Santo veja corrupção.

36 Porque à verdade David, tendo servido a sua própria geração segundo a vontade de Deus, dormiu, e foi reunido com seus pais, e viu corrupção.

37 Mas aquele a quem Deus levantou, não viu corrupção.

38 Saibam, pois, isto, varões irmãos: que por meio dele lhes anuncia perdão de pecados,

39 e que de todo aquilo de que pela lei do Moisés não puderam ser justificados, nele é justificado todo aquele que crie.

40 Olhem, pois, que não venha sobre vós o que está dito nos profetas:

41 Olhem, OH menospreciadores, e lhes assombre, e desapareçam; Porque eu faço uma obra em seus dias, Obra que não acreditarão, se alguém lhes contar isso.

42 Quando saíram eles da sinagoga dos judeus, os gentis lhes rogaram que o seguinte dia de repouso* lhes falassem destas coisas.

43 E despedida a congregação, muitos dos judeus e dos partidários piedosos seguiram ao Pablo e ao Bernabé, quem lhes falando, persuadiam a que perseverassem na graça de Deus.

44 O seguinte dia de repouso* se juntou quase toda a cidade para ouvir a palavra de Deus.

45 Mas vendo os judeus a multidão, encheram-se de ciúmes, e rebatiam o que Pablo dizia, contradizendo e blasfemando.

46 Então Pablo e Bernabé, falando com denodo, disseram: A vós à verdade era necessário que lhes falasse primeiro a palavra de Deus; mas posto que a desprezam, e não lhes julgam dignos da vida eterna, hei aqui, nos voltamos para os gentis.

47 Porque assim nos mandou o Senhor, dizendo: Pu-te para luz dos gentis, A fim de que seja para salvação até o último da terra.

48 Os gentis, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e acreditaram todos os que estavam ordenados para vida eterna.

49 E a palavra do Senhor se difundia por toda aquela província.

50 Mas os judeus instigaram a mulheres piedosas e distinguidas, e aos principais da cidade, e levantaram perseguição contra Pablo e Bernabé, e expulsaram-nos de seus limites.

51 Eles então, sacudindo contra eles o pó de seus pés, chegaram a Iconio.

52 E os discípulos estavam cheios de gozo e do Espírito Santo.

1.

A igreja... na Antioquía.

Cf. cap. 11: 26. A partir do cap. 13, o centro geográfico do relato se traslada de Jerusalém a Antioquía, como se antecipou (cap. 11: 19-30). Foi

desde a Antioquía que Pablo, como apóstolo aos gentis, empreendeu seus três grandes gira missionárias. O registro destas três viagens ocupa a maior parte dos capítulos restantes do livro de Feitos; portanto, é apropriado que o ponto central do relato se translade a Antioquía. Ali, por primeira vez, muitos gentis tinham entrado na igreja. 277 Ver pp. 30-31; com. cap. 11: 19-20, 26.

Profetas e professores.

Esta é a primeira vez que se mencionam na administração da igreja pessoas que possuíam dons espirituais específicos. Não se dá nenhuma indicação concreta quanto à organização formal da igreja de Antioquía, embora sem dúvida existia. Em todo caso, é claro que homens dotados do Espírito trabalhavam em forma ativa. Ver pp. 28, 39-41.

No NT se fala de tais homens como se constituíram um grupo reconhecido, embora não aparecem organizados oficialmente. reconhecia-se a uma pessoa como membro deste grupo, não só porque era espiritual ou piedosa (Gál. 6: 1), mas sim porque demonstrava que possuía um dom do Espírito Santo em ação. Mais tarde, na literatura cristã do século II, estas pessoas aparecem como pneumatikói, "espirituais". Finalmente desapareceram, injustamente desacreditadas pela aparição de "falsos profetas" (1 Juan 4: 1) e pela pressão dos dirigentes escolhidos, os anciões ou bispos (ver pp. 28, 39). Uma apresentação mais detalhada dos dons do Espírito, aparece em com. 1 Cor. 12.

As diferentes relacione e atividades das pessoas que aqui se mencionam, indicam que na igreja da Antioquía havia um grupo cosmopolita de dirigentes. Bernabé era cipriota; Lucio, cirenio; Manaén, parece que era um aristocrata palestino; e Saulo, um rabino do Tarso de Cilícia.

Bernabé.

Ver com. cap. 4: 36; cf. cap. 9: 27; 11: 22.

Simón.

Simón é nome judeu. Niger é um adjetivo latino que significa "negro", e pode haver-se referido a sua tez escura. Os judeus, além de seu nome próprio, freqüentemente tinham outro de origem gentil, como se vê nos casos do Juan Marcos, Simón Pedro, José Bernabé e Saulo "também chamado Pablo" (ver com. vers. 9). É possível que ao Simón lhe tivesse dado este segundo nome para distinguir o de outras pessoas que se chamavam do mesmo modo.

Lucio do Cirene.

O fato de que Lucio fora do Cirene, sugere que poderia ter sido um dos judeus que abundavam nessa província, e possivelmente um dos "varões do Chipre e do Cirene" (cap. 11: 20) que tinham estado entre os primeiros em evangelizar a os gentis da Antioquía. Possivelmente seja o mesmo Lucio que aparece em ROM. 16: 21. Alguns autores, apoiando-se que no Cirene havia uma famosa escola de medicina e na evidência das inscrições que indica que o nome Lucio usava-se como um sinônimo do Lucas, identificaram a este homem com o Lucas, o médico, autor dos Fatos. Entretanto, tal identificação poderia aceitar-se com extrema cautela, já que o nome Lucio era muito comum entre os romanos, e bem pôde chamar-se assim mais de um dos cristãos destacados.

Manaén.

Forma grega do nome hebreu Menahem.

criou-se... com.

Gr. súntrofos, palavra que poderia indicar que Manaén era irmão adotivo de Herodes, possivelmente para significar que a mãe do Manaén amamentou ao Herodes, ou que foi criado com ele, ou, simplesmente, que de algum modo se relacionou com a corte do Herodes. "Herodes o tetrarca" deve ser Herodes Antipas (Mat. 14: 1; Luc. 3: 19; 23: 7-12; ver T. V, pp. 65-66), a quem Jesus uma vez chamou "aquela zorra" (Luc. 13: 32). Josefo (Antiguidades xV. 10. 5) menciona a um esenio chamado Menahem ou Manaén, que predisse que Herodes o Grande seria rei. No Talmud aparece um Menahem que se supõe esteve ao serviço do Herodes o Grande (Jagigah 16b). Tudo isto parece sugerir que Manaén era um nome predileto de quem mantinha boas relações com a casa do Herodes. Herodes Antipas e seu irmão Arquelao se educaram em Roma, e é possível que Manaén, quem aqui aparece na Antioquía, pudesse havê-los acompanhado ali. Não sabe-se como nem quando chegou a acreditar no Jesus como Cristo. Sua atividade como professor cristão na Antioquía apresenta um notável contraste com a carreira de Herodes Antipas, o rei que matou ao Juan o Batista, burlou-se do Jesus, e alguns anos antes do momento deste relato foi banido em forma vergonhosa às Galias.

Saulo.

Saulo do Tarso se encontra "entre os profetas" com resultados muito melhores que o rei Saúl, mil anos antes (1 Sam. 10: 11-12). O nome do Saulo é o último da lista. A construção desta passagem em grego poderia sugerir, embora não necessariamente, que os primeiros três que se mencionam eram profetas, e os dois últimos, professores. É possível que ainda não se manifestou no Saulo o dom profético.

2.

Ministrando.

Gr. leitourgéÇ, "ministrar", "servir", palavra grega para descrever o serviço emprestado por um funcionário do Estado 278 e tanto na LXX como em o NT, para referir-se ao ministério dos sacerdotes e levita no santuário (Núm. 18: 2; Heb. 10: 11). Pablo a empregou em forma figurada para descrever seu ministério aos gentis, comparando-se com um sacerdote que apresentava aos gentis como oferenda a Deus (ROM. 15: 16).

Ao Senhor.

O ministério dos profetas e professores da Antioquía -sua obra de oração, exortação e ensino-, estava dedicado a Deus (cf. ROM. 14: 18; Couve. 3: 24).

Jejuando

Foi um solene ato de devoção dos varões da Antioquía quando fizeram frente à obra que lhes esperava. há-se dito com razão que um estômago cheio não estuda com diligência nem ora com ardor. Ver com. Mat. 4: 2-3

Disse o Espírito Santo.

Sem dúvida o Espírito Santo expressou sua vontade por meio dos lábios dos

profetas, como no cap. 20: 23.

me apartem.

No grego a partícula d' segue a este verbo, para indicar que se trata de uma ordem precisa que deve cumprir-se imediatamente. Bernabé e Saulo deviam ser apartados para uma nova obra.

Ao Bernabé e ao Saulo.

Com referência ao companheirismo que já existia entre o Saulo e Bernabé, ver cap. 9: 27; 11: 25-26. Saulo foi designado do começo como "instrumento escolhido" (cap. 9: 15), pois Deus o tinha destinado a emprestar grandes serviços missionários. devido a sua prévia amizade era lógico que Bernabé fora eleito como colaborador do Saulo. Os dois tinham estado até este momento entre os profetas e professores da igreja; mas agora, sob a autorização de uma ordem inspirada, seriam enviados em uma missão diferente, e foram consagrados para a obra do apostolado entre os gentis.

Para a obra.

A ordem básica provinha do Espírito Santo, pelo qual é de supor-se que seria ele quem dirigiria em términos gerais aos apóstolos na trajetória de sua primeira viagem missionária. Não há indicação alguma de que a igreja foi a que estudou os planos para esta viagem missionária.

3.

Tendo jejuado e orado.

A repetição destas palavras sugerem que o jejum (vers. 2) continuava. A ordem que se acabava de dar demandava uma vida espiritual fervente, da qual o jejum era o começo, jejum que deveriam praticar com freqüência. Se deduz que o jejum concluiu com um solene serviço de consagração.

Impuseram as mãos.

Ver com. cap. 6: 6. Os apóstolos tinham posto as mãos sobre os sete. Assim também os profetas e os professores da igreja da Antioquía reconheceram a divina comissão confiada ao Saulo e ao Bernabé, e imploraram para eles a bênção divina.

4.

Enviados.

Aqui começa a primeira viagem missionária do Saulo (Pablo); ver mapa P. 280. Pablo e Bernabé foram enviados sob a direção direta do Espírito Santo, evidentemente com instruções específicas procedentes dessa fonte divina. Ver P. 3 L.

Como se sustentariam esses missionários? Não há explicação alguma de que receberiam salário, nem de que lhes tivesse dado dinheiro. É provável que Pablo, como o fez mais tarde (cap. 18: 3-4), trabalhasse em seu ofício durante a semana, e pregasse nas sinagogas o dia sábado. Anos depois, escrevendo aos filipenses, Pablo declarou que tinha recebido pouco sustento financeiro (Fil. 4: 15-18). Conforme parece, a jovem igreja ainda não tinha pensado que o dízimo, que sempre foi entregue aos levita, podia usar-se corretamente para pagar

os gastos dos consagrados missionários cristãos. Mas deve recordar-se que ainda não havia uma organização de homens dedicados só ao ministério.

A Seleucia.

Esta cidade que estava perto da desembocadura do rio Orontes, e que distava 25 km da Antioquía, era o porto marítimo desta. Levava o nome de seu fundador, Seleuco Nicator (M. 280 a.C.), o general do Alejandro que estabeleceu o império seléucida. Ver mapa frente a p.33.

Navegaram ao Chipre.

Sob a direção do Espírito, os missionários decidiram começar sua tarefa missionária no Chipre, provavelmente porque ali tinha nascido Bernabé. A população da ilha era principalmente grega, e sua deusa patrã era Vênus ou Afrodita. Seu principal centro de culto se encontrava no Pafos, cidade conhecida pela libertinagem das sacerdotisas prostitutas do templo dessa deusa. Muitos comentadores acreditam que o antigo nome da ilha foi Quitim (Gén. 10: 4; ISA. 23: 1, 12; ver T. I, P. 285). No Chipre havia minas de cobre, em latim cuprum, de onde deriva seu nome. Situadas a curta distância da costa de Síria, tinham atraído a muitos judeus ao Chipre. É provável que o Evangelho já tivesse sido pregado entre 279 eles pelos primeiros evangelistas cristãos (cap. 11: 19). Também é provável que alguns cipriotas que se converteram o dia do Pentecostés tivessem levado a mensagem cristã a seu pátria quando retornaram.

5.

Salamina.

Situada no extremo oriental da ilha, era o porto cipriota mais próximo a Seleucia.

Anunciavam.

Pregaram diretamente das Escrituras do AT, proclamando a mensagem do Mesías crucificado e ressuscitado (cf. vers. 12).

As sinagogas.

O plural "sinagogas" sugere que havia uma numerosa população judia. Seguindo seu costume de pregar primeiro aos judeus (vers. 46), é natural que os apóstolos começassem sua obra nas sinagogas. Os serviços da sinagoga proporcionavam excelentes oportunidades para que pregassem visitantes como Saulo e Bernabé (ver T. V, pp. 57-59).

Juan.

Juan Marcos, "sobrinho do Bernabé" (ver com. Couve. 4: 10).

Ajudante.

Gr. hup'rét's, "subordinado" de qualquer classe (ver com. Hech. 5: 22; Luc. 4: 20). No NT se emprega esta palavra para referir-se ao funcionário que executa a sentença imposta por um juiz (Mat. 5: 25), ao jazzan da sinagoga (ver T. V, P. 58), e aos funcionários sob o mando dos dirigentes judeus (Juan 7: 32). Lucas emprega este término duas vezes mais para designar a ministros do

Evangelho (Luc. 1: 2; Hech. 26: 16). Não se mencionam os deveres específicos do Marcos, mas evidentemente era um ajudante general no ministério dos dois apóstolos.

6.

Toda a ilha.

É provável que Pablo e Bernabé tivessem ensinado em vários lugares a medida que cruzavam a ilha.

Pafos.

A cidade do Pafos estava no extremo ocidental da ilha. Houve uma antiga cidade do Pafos, famosa por seu santuário dedicado a Afrodita; mas em os dias do Pablo se construiu uma nova cidade a 11 km ao noroeste. Nela estava a sede do governador romano do Chipre. Pablo e Bernabé foram a essa cidade nova.

Mago.

Gr. mágos, palavra de origem persa, empregada em um princípio para designar a certa classe de medos que desempenhavam funções sacerdotais na religião de Ormuz. Estes magos eram pessoas dignas e respeitáveis. Os "magos" que vieram a Presépio a ver o menino Jesus eram desta classe de pessoas (ver com. Mat. 2: 1). Mas no século V A. C. o término já se aplicava também ao "feiticeiro". O poeta grego Sófocles faz que Edipo se burle do Teiresias chamando-o "mago", uma pessoa que praticava magia (Edipo Rei 387). Em relação com o Simón, o mago da Samaria, Lucas emprega o verbo da mesma raiz (Hech. 8: 9). Parece que aqui usa o vocábulo magos em um sentido geral em relação com "falso profeta", para indicar que Barjesús, embora ocupava um posto de influência perto do governador, não era digno de confiança.

Falso profeta.

A decadência na prática da verdadeira revelação produz falsos profetas, quem a sua vez aceleram a decadência.

Judeu.

Parece que entre os judeus não era estranho que aparecessem pessoas que se dedicavam à magia (Simón o mago, Hech. 8; os sete filhos da Esceva, cap. 19: 13-15; ver também um exemplo no Talmud Berakoth 59a). Trabalhavam apoiando-se em parte no prestígio religioso de sua raça; gabavam-se além de que seus livros sagrados de encantamentos e feitiços os tinham recebido de Salomón.

BarJesús.

Este nome aparece escrito de diferentes maneiras nos manuscritos gregos, entretanto é evidente que se trata de um nome judeu. Embora não se sabe com segurança a ortografia grega, não há dúvida de que o significado do nome seja "filho do Josué" (ver com. Mat. 1: 1).

7.

Procónsul.

Gr. anthúpatos, equivalente ao título romano "procónsul". Augusto dividiu as províncias romanas em duas classes (27 A. C.). As que necessitavam controle militar estavam sob o imperador como comandante das legiões, e eram governadas por propretores e procuradores; as províncias mais pacíficas eram regidas pelo senado, e estavam governadas por procónsules. Chipre tinha sido uma província imperial (Estrabón, Geografia xIV. 6. 6); mas mais tarde foi atribuída de novo ao senado (Dión Casio, Historia romana iII. 12. 7), e, pelo tanto, nos dias do Pablo era governada por um procónsul. que se hajam encontrado moedas do Chipre dos dias do Claudio, e que dêem o título de procónsul ao Cominio Procio, governador local, é outra demonstração de que na ilha havia um governo proconsular. Como em outras passagens, Lucas toma cuidado de usar os títulos corretos dos funcionários que aparecem em seu relato (ver com. Hech. 23: 24; cf. com. Mau. 27: 2; Luc. 2: 2). 281

PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DO Pablo

Sergio Paulo.

Este nome aparece em vários manuscritos e inscrições da antigüidade, mas não pode afirmar-se que algum deles se refira ao Sergio Paulo deste relato. Em uma inscrição latina do ano 35 d. C., na qual aparece um grupo de irmãos Arval, sacerdotes guardiães do rio Tíber, figura o nome L[ucius] Sergius Paullus. Embora não é possível identificá-lo definidamente com o Sergio Paulo de Feitos, existe a possibilidade de que tivesse sido sacerdote em Roma antes de ser enviado ao Chipre. Outra inscrição achada no Soli, Chipre, diz que foi escrita em tempos do Paulus, procónsul". Alguns eruditos quiseram identificar a este procónsul com o Sergio Paulo de Feitos; mas sua data não concorda com a da primeira viagem missionária do Pablo. Provavelmente se refira a um procónsul que governou várias décadas antes. Se pensou que Plinio o Velho, quem escreveu ao redor do ano 90 d. C., apresentava como principal autoridade para alguns dados de sua História natural a um tal Sergio Paulo; mas ao estudar cuidadosamente os manuscritos se chega a a conclusão de que a pessoa que ali se menciona é Sergius Plautus. Por o tanto, fora do registrado pelo Lucas, nada se sabe com certeza sobre o Sergio Paulo de Feitos.

Varão prudente.

Este adjetivo destaca inteligência e discernimento, como no Mat. 11: 25; Luc. 10: 21; 1 Cor. 1: 19. A presença do Elimas junto ao Sergio Paulo significa que o procónsul era um homem de mente inquisitiva. Esta característica a demonstrou, sem dúvida, quando desejou ouvir o Bernabé e ao Saulo; e demonstrou seu prudência quando reconheceu a superioridade do caráter dos missionários. É, pois, difícil que tivesse estado sob o domínio do mago.

8.

Elimas.

conjeturou-se muito quanto ao significado deste nome; mas os eruditos não chegaram a nenhuma conclusão. É possível que seja uma palavra semítica da mesma raiz da palavra árabe que se traduz como "feiticeiro"

('alim), em cujo caso "Elimas" não seria uma tradução de "Bar Jesus" a não ser uma identificação de este como feiticeiro. Alguns pensam que este feiticeiro é o mesmo que aparece em Antiguidades xX. 7. 2; mas este se chama Simón nascido no Chipre.

O mago.

Ver com. vers. 6.

Procurando apartar.

O feiticeiro temia perder a influência que acreditava exercer sobre o procónsul. Via que sua vítima estava por liberar-se ao deixar de acreditar na feitiçaria para exercer fé no Evangelho. Elimas estava decidido a impedir essa mudança. Janes e Jambres também se opuseram ao Moisés (2 Tim. 3: 8) em circunstâncias muito similares e com o mesmo afã satânico.

Até este momento Sergio Paulo não tinha aceito a doutrina de Cristo, embora é provável que ele e Elimas tivessem ouvido muitos informe sobre o mensagem de os apóstolos desde que estes chegaram a Salamina. O mago viu que se havia despertado o interesse do procónsul, e queria desviar sua atenção para que não enviasse a procurar o Bernabé e ao Saulo. Mas o procónsul estava resolvido, e fez que os apóstolos se apresentassem diante dele.

9.

Também é Pablo.

Aqui se emprega pela primeira vez o nome pelo qual se conhece melhor ao apóstolo dos gentis. Na segunda Nota Adicional do cap. 7 se apresenta um estudo dos nomes Saulo e Pablo.

Cheio do Espírito Santo.

O tempo do particípio grego que se emprega aqui sugere que Pablo súbitamente foi cheio do Espírito Santo para que pudesse fazer frente à crise desse momento. Assim pôde apreciar bem o caráter do Elimas. Sentiu Santa indignação e previu o castigo divino que devia ser aplicado. O Espírito evidentemente lhe revelou ao apóstolo o castigo que cairia sobre o Elimas. Deus também revelou ao Pablo que se cumpriria o que estava a ponto de dizer.

Fixando nele os olhos.

Gr. atenízÇ, "olhar fixamente". Sugeriu-se que um olhar tal era necessária porque a vista do Pablo ficou afetada pela deslumbrante luz que viu no caminho a Damasco; mas Lucas emprega este verbo repetidas vezes para referir-se ao olhar fixo de pessoas com vista normal, que contemplavam com assombro ou em forma escrutinadora (Hech. 3: 4; Luc. 4: 20; 22: 56). Era necessário observar ao Elimas, porque estava preparado para cm picar qualquer meio possível a fim de desacreditar aos apóstolos. Pablo o olhou com fixidez e o repreendeu duramente.

10.

De todo engano e de toda maldade.

A palavra traduzida como "maldade" só aparece aqui no NT. Seu sentido primitivo é "facilidade de obrar", mas fora do NT a usa para referir-se a "maldade", "engano". "falta de escrúpulos". Pablo foi explícito e direto em sua condenação ao Elimas. Cheio 282 do Espírito Santo, condenou ao mago com dureza e com razão. Muitos pensam que um cristão cheio do Espírito deve mostrar só os frutos relativamente passivos do Espírito, que são enumerados pelo Pablo no Gál. 5: 22-23. Mas o Espírito também faz que seus mensageiros

identifiquem e definam francamente o pecado e o condenem com palavras bem claras. Pablo, cheio do Espírito, fez isto no caso do Elimas.

Filho do diabo.

Ver com. Juan 8: 44. O diabo é o pai da mentira, e Elimas, que se ocupava de enganar, também merecia este duro qualificativo. Se o nome Barjesús significa "filho do Josué" (nome este que significa "Jehová é salvação"; ver com. vers. 6; com. Exo. 17: 9), então a forma em que Pablo qualifica-o estabelece um notável contraste.

Inimigo de toda justiça.

Pablo se deu conta que o procónsul tinha um fervente desejo de conhecer a verdade, e sua ira se acendeu contra Elimas por estar estorvando esse desejo.

Transtornar os caminhos retos.

A influência do Elimas impedia e torcia o caminho de Deus; os caminhos retas de Deus as estava convertendo nas veredas torcidas da astúcia humana. Era algo completamente oposto ao que descreveu Isaías (cap. 40: 4) como a verdadeira preparação do caminho do Senhor, que consiste em endireitar o torcido.

11.

A mão do Senhor.

Ver com. Hech. 11: 21; cf. Exo. 9: 3; Juec. 2: 15. É provável que Sergio Paulo tivesse estado perguntando ao Elimas quanto à fé Judia; mas em vez de lhe ensinar ao procónsul a conhecer deus, tinha-o extraviado com seus enganos. A mão do Senhor, cujos caminhos Elimas tinha pervertido, estava a ponto de cair sobre ele.

Será cego.

Era um castigo muito apropriado, pois Elimas tinha lutado contra a luz da verdade. Seu castigo apresenta um agudo contraste com a experiência prévia do apóstolo. Pablo tinha ficado cego fisicamente, mas interiormente tinha sido dominado pela luz do céu (ver com. cap. 9: 9). Elimas, cego e às escuras por um tempo, poderia também receber a Luz que ilumina a todos os homens (Juan 1: 9).

Por algum tempo.

A cegueira, só transitiva, significa que não era apenas um castigo, mas sim também devia servir como remédio. O castigo do Elimas foi menor que o de Ananías e Safira, porque a conduta destes, se continuava, teria arruinado à igreja. O pecado do Ananías e Safira foi cometido contra uma luz maior que a que tinha recebido o mago do Chipre.

Escuridão e trevas.

No texto grego a primeira palavra indica uma escuridão menor que a seguinte, por isso alguns sugeriram que se trata de uma progressão: que a vista do Elimas se foi obscurecendo pouco a pouco. Mas também se pode entender como um paralelismo, para destacar a idéia de escuridão ou de trevas. A palavra que se traduz como "escuridão" se emprega na

literatura médica para referir-se a obscurecimento da vista, o qual tem feito pensar que Lucas empregou esta palavra como médico (ver Couve. 4: 14; cf. com. Hech. 9: 18).

Quem lhe conduzisse.

Elimas tinha utilizado em forma egoísta e enganosa o conhecimento que tinha, para extraviar a outros, para sua própria vantagem. Agora devia procurar a outros para que o guiassem; mas caminhou a provas porque um homem como ele não quereria demonstrar até que ponto se cumpriram as palavras do apóstolo contra ele.

12.

O procónsul.

O procónsul viu o milagre, e escutou as palavras que Pablo havia pronunciado. Acreditou que os apóstolos tinham demonstrado um poder maior, e aceitou sua mensagem, que evidentemente era muito superior ao que Elimas lhe havia estado ensinando.

Maravilhado.

"Pasmado". Se emprega a mesma palavra que no Mat. 7: 28, para descrever a emoção de quem escutava felizes o Evangelho.

A doutrina do Senhor.

Quer dizer, o ensino a respeito do Jesucristo.

13.

Pablo e seus companheiros.

Literalmente "os que rodeavam ao Pablo". A partir deste momento Pablo é reconhecido como o líder da missão, e o apóstolo aos gentis se converte na figura central de quase todas as cenas do livro dos Fatos.

Perge da Panfilia.

Panfilia era uma pequena região na parte central da costa sul do Ásia Menor. No ano 43 d. C., pouco antes da visita do Pablo, foi unida com Licia, sua vizinha ocidental, para formar uma província imperial. Perge era a cidade principal, e estava se localizada a 12 km do mar, à beira do rio Cestro. Lucas não registra que nessa ocasião se fizesse alguma obra evangelística no Perge, possivelmente porque ali não havia sinagogas. Possivelmente a aflição por causa 283 da partida do Juan Marcos fizesse que Pablo e Bernabé seguissem sua viagem. Mas a sua volta pregaram no Perge (cap. 14: 25). Ver mapa P. 280.

Juan... voltou.

Quer dizer, Juan Marcos (ver com. vers. 5). Não se diz qual foi a razão pela qual Juan Marcos se foi. Provavelmente temia os perigos e as dificuldades que se apresentariam no interior da Ásia Menor.

É provável que Juan Marcos seja o que escreveu o segundo Evangelho. Mais tarde se converteu em um fervente operário de Cristo. Pablo falou mais tarde com

afeto a respeito dele (Couve. 4: 10), e desejou vê-lo durante seu último encarceramento (2 Tim. 4: 11). Se Lucas sabia a razão pela qual Juan Marcos se foi, é possível que o respeito pelo êxito de seus trabalhos posteriores tivesse feito que desistisse de mencioná-la.

14.

Passando do Perge.

Ou "passando pelo Perge". A rota do Pablo e do Bernabé levava ao norte, à província da Galacia, possivelmente ao longo de um dos braços do rio Cestro. Para chegar a Antioquía cruzaram toda Panfilia e a parte sudoccidental de Galacia. Ver mapa P. 280.

Antioquía.

Pisidia era nada mais que uma região nos dias do Pablo; converteu-se em província só a fins do século III d. C. Esta Antioquía não estava na Pisidia, a não ser perto, na região da Frigia. No ano 39 A. C. tinha sido conquistada pelo rei da Pisidia, e após foi conhecida como Antioquía da Pisidia para distinguir a de outras cidades do mesmo nome. Nos tempos do NT formava parte da província da Galacia.

Antioquía era uma das muitas cidades construídas pelo Seleuco Nicator (M. C. 280 A. C.), quem lhe pôs o nome em honra de seu pai Antíoco. A cidade estava nos contrafortes inferiores dos Montes Touro, a uma altura de algo mais de 1.000 m sobre o nível do mar. No tempo de Augusto se havia concedido a seus habitantes uma forma de cidadania romana. É provável que em Antioquía houvesse uma população judia considerável, o que aparentemente havia feito que os gentis se interessassem no judaísmo (vers. 42).

Neste viaje Pablo e seus companheiros possivelmente estiveram expostos a "perigos de ladrões", dos quais fala em 2 Cor. 11: 26. Pisidia, por onde deviam cruzar para chegar a Antioquía, era um território montanhoso. Estrabón (M. C. 24 d. C.) escreveu: "a gente da Panfilia não se abstém totalmente da pirataria" (Geografia xII. 7. 2).

A sinagoga.

Embora Pablo era o apóstolo dos gentis, sempre ia primeiro às sinagogas (ver com. cap. 13: 5, 14), onde com freqüência lhe brindava a oportunidade de falar com os visitantes (ver T. V, pp. 57-59). A organização da sinagoga excluía todo tipo de cerimônia sacerdotal e a predicación de os laicos era habitual para os que estivessem preparados para efetuá-la. Nem os anciões nem os escribas da sinagoga tinham que ser da tribo do Leví, o que era necessário para ser sacerdotes no templo.

Um dia de repouso.

Pablo, como seu Senhor (Luc. 4: 16), tinha o costume de assistir aos serviços da sinagoga em dia sábado (Hech. 13: 42-44; 17: 2; 18: 4; cf. cap. 16: 13). É evidente que nisto o apóstolo Pablo tinha um dobro propósito: desejava ter um contato espiritual eficaz com os judeus (ver com. "sinagoga"), e guardar o dia sábado "conforme ao mandamento" (Luc. 23: 56).

15.

A leitura da lei.

Em relação à leitura da lei e dos profetas nos serviços da sinagoga, ver T. V, P. 59. Estas leituras eram freqüentemente a base do sermão que seguia. Embora não é possível assegurar quais foram as leituras deste sábado em particular, é interessante notar que nos vers. 17 e 18 se encontram certas palavras chaves que também estão na ISA. 1: 2 e Deut. 1: 31, passagens que ainda se lêem juntos na sábado no serviço da sinagoga (ver com. Hech. 13: 17-18). Isto parece sugerir que estas duas passagens, nos quais se encontram temas parecidos, também puderam haver-se lido juntos em os tempos do Pablo. Entretanto, como não há nenhuma evidência de que no momento de ocorrer o que aqui se relata existisse já um ciclo fixo para as leituras sabáticas (ver Nota Adicional do Luc. 4), é duvidoso qualquer intento de determinar o tempo do ano citando Pablo esteve na Antioquía, apoiando-se em a data na qual estas passagens se liam juntos.

Os principais da sinagoga.

Gr. arjisunágÇgos, término empregado por pagãos e também pelos judeus. Em Tracia tirou o chapéu uma inscrição pagã na qual se aplica este título ao presidente de uma associação de cabeleireiros. Nos círculos judeus, esta designação correspondia com a frase hebréia ro´sh hakkenéseth, "cabeça da assembléia", funcionário que era um dos principais 284 dirigentes da comunidade judia. Seu principal dever, como se reflete aqui, era fazer os acertos necessários para a celebração dos cultos na sinagoga. Escolhia aos que tinham que oferecer as orações, ler as Escrituras e apresentar o sermão (ver T. V, P. 58). A prática comum parece ter sido ter só um destes funcionários em cada congregação; entretanto, nesta passagem se insinúa que em alguns casos havia um grupo de ditos funcionários para dirigir os assuntos da sinagoga.

"Os principais da sinagoga" sem dúvida viram o Pablo e ao Bernabé na congregação, e possivelmente ao inteirar-se de que Pablo tinha preparação rabínica, convidaram ao apóstolo a falar, já que era parte de seus deveres oficiais o estender tais convites.

Varões irmãos.

Era uma forma cortês de dirigir-se ao público. Cf. cap. 1: 16; 2: 37.

Exortação.

Esta palavra também equivale a "consolação". Bernabé era chamado "filho de consolação" [ou de "exortação", BJ] (ver com. cap. 4: 36). Usa-se aqui a mesma palavra.

16.

Sinal de silêncio com a mão.

Ver Hech. 12: 17.

Varões israelitas.

Quando se toma em conta o público, o conteúdo e o propósito, não é de surpreender-se que este discurso do Pablo na Antioquía, o do Pedro em Pentecostés e a defesa do Esteban, sejam similares. Pablo tinha ouvido a defesa do Esteban, e suas visões em Damasco (cap. 9: 3-7) e em Jerusalém (cap. 22: 17-21), tinham confirmado as verdades que Esteban tinha pronunciado.

Pablo fala agora com confiança a respeito da verdade da ressurreição.

Os que temem a Deus.

Entre o público que escutava ao Pablo parecem ter estado pressente gentis, ou pelo menos partidários (ver com. cap. 10: 2; cf. cap. 13: 42).

17.

O Deus deste povo.

Pablo começou seu discurso em uma forma muito similar a do Esteban. O enfoque judeu da religião era mas bem histórico que teológico. Por isso Pablo começa com não resumo dos principais feitos da história do Israel, tema que os judeus nunca se cansavam de escutar. Este enfoque também demonstrava que os apóstolos reconheciam que os hebreus eram o povo escolhido de Deus.

Enalteceu.

Gr. hupsóÇ, "enaltecer", "exaltar", "engrandecer". Este mesmo verbo aparece em a LXX na ISA. 1:2. Neste caso possivelmente fora não eco da haftarah, a porção que se lia dos profetas e que possivelmente acabava de ser escutada (ver com. Hech. 13: 15; cf. com. vers. 18).

Com braço levantado.

Quer dizer, com demonstração de poder.

18.

Quarenta anos.

O tempo que transcorreu desde que os hebreus saíram do Egito até que chegaram ao Canaán (Exo. 16: 35; Núm. 14: 33-34; Deut. 8: 2-4).

Suportou-os.

Embora a evidência textual sugere (cf. P. 10) o texto "suportou-os", muitos MSS dizem "cuidou-os". A diferença no grego entre os dois verbos é mínima. A mesma variante aparece nos MSS da LXX no Deut. 1: 31, onde o hebreu diz "levou-os". É possível que Pablo se estivesse refiriendo mas bem ao cuidado que teve Deus para com o Israel e não à paciência divina. A aparente relação entre este versículo e Deut. 1: 31 pode não ser uma coincidência, posto que esta passagem pôde ter estado na parte da lei (parashah) que se tinha lido antes de que Pablo começasse a falar (ver T. V, P. 59; com. Hech. 13: 15; cf. com. vers. 17).

19.

Sete nações.

No Deut. 7: 1 se enumeram as sete nações que o Israel deveria deslocar ou destruir: haja-os lhe vos hititas), os gergeseos, os amorreos, os cananeos, os ferezeos, os heveos e os jebuseos.

20.

Quatrocentos e cinqüenta anos.

A evidência textual sugere (cf. P. 10) o texto: "Deu-lhes sua terra como herdade como quatrocentos e cinqüenta anos. E depois lhes deu Juizes até Samuel o profeta". Com referência à importância desta passagem para a reconstrução da cronologia hebréia, ver T. I, P. 203.

Juizes.

O primeiro plano de Deus para o governo de seu povo no Canaán foi o de Juizes itinerantes. Quando os israelitas se rebelaram contra esse plano divino foi que Deus lhes deu um rei como "todas as nações" (1 Sam. 8: 5-9).

21.

Pediram rei.

Os antepassados dos ouvintes judeus do Pablo rechaçaram a Deus quando fizeram isto (1 Sam. 8: 7). O apóstolo logo lhes diria (Hech. 13: 23-28) que seus compatriotas também tinham rechaçado ao Jesus como o Mesías. A expectativa de um Mesías rei, a quem os judeus dos dias do Pablo esperavam em vão, tinha-os feito cometer um pecado similar ao de seus antepassados.

Saúl.

Pablo, que lhes falava, também se 285 chamava Saúl (Saulo), e era da tribo de Benjamim (cf. Fil. 3: 5).

Quarenta anos.

No AT não se dá a duração do reinado do Saúl, mas Isboset, filho menor de Saúl (ver com. 1 Crón. 8: 33), tinha 40 anos quando morreu Saúl (2 Sam. 2: 10), e este era jovem quando o escolheram rei (1 Sam. 9: 2). Josefo (Antiguidades vi. 14. 9) diz que Saúl reinou 18 anos antes da morte do Samuel e 22 anos depois desse momento, o que concordaria com a afirmação do Pablo. Ver com. 1 Sam. 13: 1.

22.

achei ao David.

Aqui Pablo faz uma entrevista composta, ao estilo rabínico, de Sal. 89: 20 e 1 Sam. 13: 14.

Conforme a meu coração.

Ver 1 Sam. 13: 14. David foi ungido rei porque era um varão conforme ao coração de Deus. O propósito de seu coração era servir a Deus (Sal. 57: 7; 108: 1), e quando pecou, arrependeu-se sincera e humildemente (Sal. 32: 5-7; 51: 1-17). "O caráter se dá a conhecer, não pelas obras boas ou más que de vez em quando se executam, mas sim pela tendência das palavras e dos atos na vida diária" (DC 58).

Fará tudo o que eu quero.

Esta frase recorda o que se diz do Ciro na ISA. 44: 28. Aqui se apresenta o requisito básico para ser aceito Por Deus como servo útil (cf. Luc. 22: 42; Juan 14: 15; Heb. 10: 9). que entre no reino dos céus não será o

que faça grandes obra, a não ser o que cumpra a vontade do Pai celestial (Mat. 7: 21-23).

23.

Conforme à promessa.

Uma referência geral às promessas messiânicas, e possivelmente mais especificamente a passagens como 2 Sam. 22: 51; Sal. 132: 11; cf. Hech. 2: 30.

Levantou.

A evidência textual (cf. P. 10) favorece o texto "trouxe" ou "conduziu", é dizer, "suscitou", e não "levantou", com o sentido de "ressuscitou".

Jesus por Salvador ao Israel.

O nome Jesus significa "Jehová é salvação" (ver com. Mat. 1: 1). Deste modo Pablo podia apresentá-lo em forma muito apropriada como Salvador. É provável que o nome do Jesus não fora inteiramente desconhecido, até nas distantes regiões da Pisidia. Qualquer judeu que tivesse ido a uma festa em Jerusalém em anos recentes teria ouvido a respeito do Jesus. Pela forma de falar, Pablo parece ter suposto que seus ouvintes tinham pelo menos um conhecimento vago do Jesus, e ofereceu lhes dar uma maior instrução.

24.

Batismo de arrependimento.

Ver Mat. 3: 1-12. A mensagem do Juan era essencialmente uma exortação ao arrependimento, como preparação para a vinda do Mesías; portanto, seu batismo significava arrependimento e perdão do pecado (Luc. 3: 3). Assim que à distinção entre o batismo do Juan e o conhecimento espiritual dos que eram batizados por ele, em comparação com o batismo no nome de Jesus, ver Hech. 19: 1-7.

25.

Quem pensam?

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto "o que pensam que sou?" Esta pergunta não se encontra nos Evangelhos. As palavras do Juan aparecem no Mat. 3: 11; Mat. 1: 7; Luc. 13: 16; Juan 1: 20-21, 27.

26.

Varões irmãos.

Ver com. vers. 15.

Linhagem do Abraham.

"Raça do Abraham" (BJ)

Os que... temem a Deus.

Ver com. vers. 16.

A vós.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) o texto "a nós". Isto concordaria com a frase "Deus... escolheu a nossos pais" (vers. 17). É evidente que em todo este discurso Pablo procurou não ferir a sensibilidade religiosa dos judeus. Sempre que podia fazê-lo com honestidade, colocava-se no mesmo lugar de seus ouvintes.

Esta salvação.

Em relação com o vers. 23, o adjetivo demonstrativo faz claro que a salvação que Pablo pregava estava apoiada sobre a obra do Jesucristo e se obtinha mediante a união com ele.

27.

Não conhecendo o Jesus.

Ver cap. 3: 17. Pablo dá a entender que agora estava pregando aos gentis e aos judeus da dispersão, porque o oferecimento de salvação tinha sido rechaçado por quem normalmente deveria havê-la aceito, e que de havê-lo feito assim se teriam convertido em testemunhas para os que estavam "longe" (F. 2: 17) tão geográfica como espiritualmente.

lêem-se todos os dias de repouso.

Ver com. vers. 15. Pablo recorreu às leituras que se faziam cada sábado em a sinagoga para que atestassem do Mesías sufriente, quem não era outro que Jesus. O pensamento de um Mesías tal se opunha diametralmente ao conceito de um Mesías rei, o qual impedia aos judeus a aceitar o Evangelho.

Cumpriram-nas.

Pablo usa as Escrituras hebréias para convencer aos judeus de que haviam pecado ao crucificar a Cristo. Afirma que os judeus mesmos tinham feito cumprir 286 as profecias messiânicas. Cf. com. Luc. 24: 26-27, 32.

28.

Causa digna de morte.

O sanedrín tinha condenado ao Jesus pelo suposto delito de blasfêmia (Mat. 26: 65-66); mas não pôde apresentar provas concludentes para fundamentar a acusação (vers. 59-60). Quando vieram diante do Pilato, vacilaram em apresentar essa acusação e se conformaram dizendo, em términos gerais, que tinham-no condenado como malfeitor (Juan 18: 30). Depois, em presença do vacilante Pilato, acrescentaram que segundo sua lei devia morrer porque se feito Filho de Deus (Juan 19: 7), e que, além disso, ao fazer-se rei tinha atuado contra o imperador (Juan 19: 12). Entretanto, Pilato disse que não tinha achado em ele "nenhum delito digno de morte" (Luc. 23: 22). Cristo "não fez pecado" (1 Ped. 2: 22).

29.

Tendo completo todas as coisas.

Jesus tinha completo todas as profecias que antecipavam o cruel tratamento que sofreria e as demais circunstâncias que rodeariam sua morte.

Tirando-o.

Pablo parece estar dizendo, neste contexto, que os mesmos homens que tinham condenado ao Jesus também o desceram do madeiro. Em realidade, quem o baixaram e sepultaram foram José da Arimatea e Nicodemo, dois destacados judeus, os quais não estiveram implicados na condenação do Jesus (Luc. 23: 50-51; cf. Juan 19: 39). De uma ou outra maneira é claro que os dirigentes judeus sim tinham expresso o desejo de que o corpo do Jesus fora tirado da cruz Juan 19: 3l). Em vista de tudo isto pode entender-se que neste breve resumo Pablo estava apresentando generalizações.

Madeiro.

Ver com. cap. 5: 30.

30.

Deus lhe levantou.

Ver com. Hech. 2: 32; cf. com. Juan 5: 26; 10: 17-18. Pablo apresentou a ressurreição do Jesus como uma prova de que Deus tinha completo a promessa que tinha- feito ao Abraão e ao David, quanto à "semente" em quem seriam benditas todas as nações da terra (Gén. 12: 1-3). Em outra passagem Pablo diz que Jesus "foi declarado Filho de Deus podendo, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição de entre os mortos" (ROM. 1: 4). Como em todas as apresentações dos apóstolos nos primeiros dias da jovem igreja, o tema da ressurreição era -e é- necessário na apresentação do argumento evangélico. A ressurreição era a prova de que Jesus era o Mesías.

31.

Muitos dias.

Pablo fala como quem conversou com as testemunhas e se convenceu de que seu testemunho é verídico. O que diz nesta passagem aparece mais extensamente em 1 Cor. 15: 3-8. Ver Nota Adicional do Mat. 28.

Da Galilea a Jerusalém.

Os apóstolos e a maior parte dos seguidores do Jesus eram da Galilea. Por isso até antes da crucificação o povo chamou a seus seguidores "galileos" (Mar. 14: 70). Pablo confirma este antecedente galileo a pesar do desprezo oficial e popular pelos que eram da Galilea (Juan 7: 52; cf. cap. 1: 46).

Agora são suas testemunhas.

Pablo não mencionou a ascensão do Jesus; mas diz tacitamente que Jesus já não estava na terra para ser visto dos homens. destaca-se, pelo tanto, o testemunho apresentado pelos que tinham estado com Cristo durante seu vida terrestre. Conforme parece, nesta ocasião Pablo não disse que ele tinha visto a seu Senhor ressuscitado (cf. 1 Cor. 15: 8).

O povo.

Quer dizer, os judeus, a quem os apóstolos ainda pregavam preferentemente o Evangelho (cap. 26: 17, 23).

32.

Anunciamo-lhes o evangelho.

Gr. euaggelízomai, "proclamar boas novas", quer dizer, "proclamar o evangelho" (ver com. cap. 5: 42). Pablo afirma que as doze eram testemunhas de Jesus, mas que ele e Bernabé eram seus evangelistas, os portadores das boas novas.

Promessa.

A promessa da profecia se converte nas "boas novas" do Evangelho. A promessa e o Evangelho são uma só coisa.

33.

cumpriu.

Gr. ekpléróÇ, "cumprir", "completar".

Ressuscitando ao Jesus.

Estas palavras parecem referir-se naturalmente à ressurreição do Jesus; mas então surge um problema quanto à aplicação da entrevista do Sal. 2 que dá-se a seguir (ver com. "hoje"). portanto, muitos comentadores entendem que com elas não se alude à ressurreição do Jesus, a não ser à forma em que Deus fez que Cristo viesse a este mundo. Por isso lhes dão o sentido que têm nos cap. 3: 22; 7: 37. Ver com. Deut. 18: 15.

segundo salmo.

A entrevista é de Sal. 2: 7. A evidência textual sugere (cf. P. 10) o texto "segundo"; entretanto, há vários manuscritos que dizem "primeiro". Débito destacar-se que nos tempos antigos muitas vezes se 287 contavam como um os Salmos 1 e 2, pelo qual esta passagem se teria encontrado no "salmo primeiro".

Meu filho.

Ver com. Luc. 1: 35.

Hoje.

A entrevista de Sal. 2: 7 se entendeu que diversas maneiras dentro do contexto de esta passagem. Alguns intérpretes consideram que se refere diretamente à ressurreição do Jesus; para outros, o Sal. 2 foi em seu contexto histórico original um canto de triunfo escrito para celebrar a vitória de um rei de Israel. A vitória desse dia tinha provado que o rei era um "filho" escolhido de Deus, e o dia mesmo foi famoso como dia de um novo engendramiento ou manifestação de que era filho. Pablo aplica por inspiração as palavras deste salmo a Cristo como o Rei do Israel e como Filho de Deus em um sentido especial, e a sua ressurreição (cf. com. Deut. 18: 15). Os crentes cristãos fizeram da ressurreição o fundamento de sua crença de que Cristo era o Filho. Cristo foi "o primogênito dos mortos" (Apoc. 1: 5), e se entende que a ressurreição lhe confirmou o título de "Filho de Deus" Ver com. Luc. 1: 35.

Outra interpretação desta passagem afirma que a "promessa" (Hech. 13: 32) se

refere em seu sentido amplo a todas as promessas do AT que falam de Cristo como Salvador, das quais a ressurreição foi o cumprimento culminante. Segundo esta posição, a entrevista de Sal. 2: 7 não se refere diretamente à ressurreição, a não ser a toda a vida do Jesus, que culminou com sua ressurreição. Tal posição situa esta cita dentro de um contexto similar ao que se encontra no Heb. 1: 5.

Outra interpretação diferente surge de entender que as palavras "ressuscitando a Jesus" (ver com. "ressuscitando ao Jesus") não tratam da ressurreição mas sim de a encarnação. A entrevista de Sal. 2: 7 se referiria então claramente também à encarnação, e estaria dentro do mesmo contexto do Heb. 1: 5. No Hech. 13: 34 se fala especificamente da ressurreição.

34.

Quanto a que lhe levantou.

Pablo se refere diretamente agora à ressurreição, o que poderia indicar que no versículo anterior ainda não a tinha considerado em forma tão específica (ver com. vers. 33).

Corrupção.

Não como Lázaro, quem depois de ser ressuscitado teve que morrer de novo. Embora Cristo é para sempre "Jesucristo homem" (1 Tim. 2: 5; cf. Heb. 2: 9-18), também é eternamente elogiado e glorificado (1 Cor. 15: 20-25; Fil. 2: 9-11).

Misericórdias fiéis do David.

Pablo cita aqui a ISA. 55: 3. A frase grega é idêntica a da LXX, que certamente usavam os judeus da Antioquía. A palavra grega que a RVR traduz como "misericórdias fiéis" é o plural de hósios, que está acostumado a traduzir-se como "santo", mas que como essencial plural se refere aos decretos divinos em contraste com os estatutos humanos. A palavra jésed, que aparece no hebreu na ISA. 55: 3 é uma palavra de significado muito amplo, traduzida perfeitamente aqui como "misericórdia fiel". Refere-se à bondade divina manifestada em diferentes forma (ver Nota Adicional de Sal. 36). Entre as "misericórdias Fiéis" prometidas ao David estava a promessa de um reino eterno (2 Sam. 7: 16), que se cumpriu por meio de Cristo, o Filho do David. Esta interpretação das "misericórdias fiéis do David" é confirmada pela parte da ISA. 55: 3 que não se cita: "Farei com vós pactuo eterno, as misericórdias firmes ao David". A vitória de Cristo, assegurada pela ressurreição, foi um cumprimento deste pacto e um ponto crucial no estabelecimento do reino que se prometeu ao David.

35.

Seu Santo.

A entrevista é de Sal. 16: 10. No grego se relaciona esta cita com a anterior mediante a repetição da palavra hósios, "santo" (ver com. vers. 34). O argumento que Pablo apresenta aqui é muito similar ao do Pedro no dia de Pentecostés (cap. 2: 25-31). Expressa a tese básica da predicación apostólica.

Veja corrupção.

O fato de que Cristo ressuscitou corporalmente ao terceiro dia significa que seu corpo, em contraste com o corpo de outros que morrem, não sofreu decomposição.

36.

Tendo servido a sua própria geração.

Ou "depois de ter servido em seus dias aos intuitos de Deus, morreu". (BJ). sugere-se um contraste entre o serviço limitado que alguém pode emprestar a seus semelhantes, não importa quão grande ou poderoso possa ser, e o serviço infinito, sem limites, do Jesus, Filho do homem, a toda a humanidade.

Segundo a vontade de Deus.

A BJ traduz: "depois de ter servido em seus dias aos intuitos de Deus, morreu". Também poderia unir-se esta frase com o verbo seguinte. Pelo tanto, as três interpretações possíveis seriam: (1) David serve segundo a vontade de Deus; (2) David serve ao propósito de Deus; 288 (3)David morreu segundo a vontade de Deus quando teve terminado a obra de sua vida. A palavra "vontade" deriva do Gr. boul', "vontade", "propósito", "conselho".

Dormiu.

Pablo emprega aqui a acostumada terminologia bíblica para descrever a morte (Hech. 7: 60; Juan 11: 11-14; 1 Lhes. 4: 13-14). Os pagãos acreditavam que o sonho da morte era, eterno, como o indicam numerosos epitáfios gregos e romanos.

37. A quem Deus levantou.

Ver com. vers. 30.

Não viu corrupção.

Cf. vers. 35; cap. 2: 27. Em contraste com o caso do reverenciado David, quem, apesar de sua elevada hierarquia na história hebréia, continuava morto.

38.

Saibam, pois.

A culminação do sermão com uma aplicação direta ao público era uma característica da predicación apostólica (cap. 2: 36; 7: 51).

Varões irmãos.

Ver com. vers. 15.

Lhes anuncia.

O tempo presente destaca o fato de que nesse mesmo momento se estava anunciando o perdão.

Perdão de pecados.

Esta mensagem do perdão dos pecados é a boa nova do Evangelho, que

produz regozijo em todos os corações afligidos pelo pecado (1 Juan 1: 9). Esta foi a nota tónica da predicación do Pablo (Hech. 26: 18), e também a do Pedro (cap. 2: 38; 5: 31; 10: 43). Tinha sido o tema do Juan o Batista (Mar. 1: 4) e o do Jesus (Mat. 9: 2, 6; Luc. 7: 47-48; 24: 47).

39.

A lei do Moisés.

Para os ouvintes do Pablo, a lei do Moisés era a Torah -toda a lei contida no Pentateuco-, tal como era interpretada pelos escribas.

Não puderam ser justificados.

Em relação com a impotência da lei, ver com. ROM. 3: 27-28; Gál. 2: 16-21. Este é o ponto central do ensino do Pablo. A lei apresenta a norma suprema de justiça, e demanda completa obediência; os sacrifícios apresentam quão terrível é o pecado. Entretanto, a lei não tem poder para liberar a consciência nem para repartir justiça. Desde que o homem caiu, o propósito da lei foi o de assinalar o pecado ou condenar (ROM. 7: 7), e não de liberar aos seres humanos do pecado. Pablo tinha descoberto que a liberdade da culpabilidade, e a felicidade que vem a seguir, só podiam obter-se mediante a fé no Jesus. "O justo por sua fé viverá" (Hab. 2: 4; cf. ROM. 1: 17; Gál. 3: 11).

Nele.

A justificação se obtém mediante uma relação vital com Cristo.

É justificado.

O verbo cuja inflexão se traduziu "é justificado", só aparece aqui em o livro de Feitos. Esta é a primeira vez que se registra no NT a doutrina da justificação, tão característica na teologia do Pablo (ROM. 3: 21-26). No contexto do perdão dos pecados, ser justificado significa basicamente ser perdoado, ser declarado inocente, ser posto em correta relação com Deus.

Todo aquele que crie.

Uma declaração de aplicação tão pessoal como o Evangelho mesmo.

40.

Olhem, pois.

Pablo apresenta uma solene advertência, sem a qual a predicación do Evangelho é só uma apresentação retórica.

Venha sobre vós.

Pouco depois de que se pronunciasse a profecia do Habacuc, que está a ponto de ser citada aqui, os caldeos sob as ordens do Nabucodonosor propinaron à terra e ao povo do Judá um terrível castigo que culminou no cativeiro babilônico. Esta cruel situação foi o resultado da desobediência dos hebreus a Deus. Pablo advertiu agora a quão judeus não podiam esperar melhor sorte se rechaçavam ao Jesucristo como o Mesías.

Nos profetas.

Uma referência geral à seção profético do AT, da qual forma parte Habacuc, profeta que Pablo cita a seguir. Ver com. Luc. 24: 44.

41.

Olhem, OH menospreciadores.

Esta é uma entrevista do Hab. 1: 5, segundo a LXX.

Desapareçam.

Assim está na LXX; o texto masorético usa o verbo hebreu tamah, "estar atônito".

Faço uma obra.

Pablo aqui está por terminar seu argumento e fazer uma aplicação severo do que há dito. Se se continuar durante muito tempo fazendo o mal, o resultado é incredulidade e endurecimento do coração contra as advertências. A "obra" da qual falava Habacuc era o surgimento dos caldeos, "nação cruel e pressurosa"(Hab. 1: 6) para executar o castigo de Deus. É possível que Pablo tivesse estado pensando em um castigo similar já predito por Cristo, e que estava por ser executado pelos romanos (Mat. 24: 2-20), e estreitamente relacionado com o rechaço do Jesus pela nação judia. Como aconteceu com o discurso do Esteban (ver com. Hech. 7: 51), o penetrante tom de advertência sugere que 289 Pablo viu sinais de irritação e impaciência entre seus ouvintes.

A IGREJA ANTES DAS VIAGENS MISSIONÁRIAS DO Pablo

42.

Quando saíram eles.

Melhor "estando eles fora". Alguns MSS tardios acrescentam "da sinagoga".

Os gentis lhes rogaram.

Embora alguns MSS especificam que foram os gentis quem "rogavam" (note o tempo verbal que sugere repetição e insistência), a evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo texto mais singelo: "rogavam". Não se diz quem o pediam, assim poderia entender-se que eram tanto judeus como partidários, e não necessariamente só os gentis, como o sugere a RVR apoiando-se no Textus Receptus (ver T. V, P. 143).

O seguinte dia de repouso.

Gr. eis to metaxú sábbaton. Metaxú, como advérbio de tempo, pode traduzir-se "entre" ou "enquanto isso", ou também "depois". Neste caso corresponde a segunda acepção, e o "sábado depois" deve ser o "seguinte dia de repouso".

Coisas.

Gr. rh'arbusto, "palavras", e por extensão "discurso", "declaração". A gente necessitava que apresentasse a doutrina cristã em forma completa.

43.

Despedida a congregação.

Enquanto Bernabé e Pablo se retiravam da sinagoga, eram seguidos por muitos de seus ouvintes judeus e não judeus.

Partidários piedosos.

debateu-se qual seria exatamente a situação religiosa destas pessoas. É provável que fossem gentis de nascimento que se converteram ao judaísmo. Tais pessoas eram sem dúvida comuns nas sinagogas da diáspora (ver T. V, P. 64).

Persuadiam-lhes.

Ou "insistiam-nos". O tempo imperfeito do verbo grego sugere que esta exortação era a continuação da que tinha começado na sinagoga.

Na graça de Deus.

Em circunstâncias similares Bernabé tinha insistido a que fizessem o mesmo os conversos da Antioquía de Síria (cap. 11: 23). Embora Lucas não diz que já se tinham convertido alguns na Antioquía da Pisidia, os apóstolos devem haver compreendido a intenção de quem perguntava, e por isso os insistiam a continuar "na graça de Deus" da qual já tinham começado a participar.

44.

Quase toda a cidade.

A predicación do Evangelho, já fora por Cristo na Palestina ou pelos Apóstolos em qualquer parte, não se fazia em segredo nem só a uns poucos. Numerosas multidões ouviam a predicación e cidades inteiras eram instruídas e admoestadas. O contraste tácito entre "quase toda a cidade" e "os judeus" (vers. 45) dá a entender que havia muitos gentis entre a multidão.

É evidente que a sinagoga judia onde se celebrou a reunião ao "seguinte dia de repouso" não podia conter à multidão, e portanto devemos imaginar aos ouvintes amontoados, junto às portas e as janelas enquanto os apóstolos falavam dentro, ou se não, à multidão reunida ao ar livre perto da sinagoga e escutando o que lhe pregava da porta. Como Lucas não relata este discurso, poderia supor-se que foi similar ao sermão que Pablo tinha apresentado na semana anterior.

A palavra de Deus.

Note a ênfase que te dá à Palavra de Deus nos vers. 44, 46, 48. Pablo e Bernabé apresentaram o Evangelho como a mensagem de Deus para seus ouvintes.

45.

Os Judeus.

O número de judeus aparece em contraste com a grande multidão que tinha vindo a escutar ao Pablo e ao Bernabé, na qual evidentemente havia muitos gentis (ver com. vers. 44).

Ciúmes.

Gr. z'os, "zelo", "inveja". Parece que dois fatores influíam neste sentimento. Sem dúvida os judeus da Antioquía se sentiam ofendidos de que dois recém chegados, como Pablo e Bernabé, pudessem atrair tanto interesse entre os gentis. Também compreendiam que a estes gentis os convidava a ter os mesmos privilégios religiosos de que desfrutavam dos judeus, e isto os resultava intolerável. Fazia muito tempo que tinham pensado que eles eram os únicos Filhos de Deus, e não podiam aceitar agora que os gentis fossem também convidados a receber a salvação sob as mesmas condições que eles. Podiam aceitar uma mensagem como enviado de Deus e tolerar que se fizessem algumas mudanças em seus ensinos e em sua maneira de fazer o culto; mas não podiam suportar que os gentis fossem diante de Deus iguais a seu povo escolhido. Este repúdio, expresso pelo Pablo e Bernabé, dos privilégios exclusivos dos quais os judeus estavam tão orgulhosos, era mais do que podiam tolerar.

Contradizendo e blasfemando.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a omissão da palavra "contradizendo". Os judeus em Corinto se opuseram aos missionários cristãos em forma similar (Hech. 18: 6). 290

46.

Falando com denodo.

Ver cap. 9: 27, 29; cf. cap. 13: 9-11.

Lhes falasse primeiro.

Cristo tinha vindo primeiro ao seu (Juan 1: 11), e seus mensageiros também proclamaram suas boas novas primeiro aos judeus. A ordem que se devia seguir ao pregar o Evangelho era "ao judeu primeiro e também ao grego" (ROM. 2: 10). A predicación aos judeus tinha o propósito de que se convertessem no meio para que pudessem ser "benditas todas as nações de a terra" pelo conhecimento da salvação por meio do Jesucristo (Gén. 22: 18). Rechaçaram este privilégio; mas, de todos os modos, a mensagem foi levado aos gentis.

Não lhes julgam dignos.

Nas palavras do Pablo se nota um sotaque de ironia. Os judeus se acreditavam dignos das maiores bênções de Deus, e os apóstolos lhes tinham apresentado a maior bênção de todas: vida eterna por meio de Cristo Jesus. Mas em seu exclusivismo e ciumento orgulho, rechaçaram a mensagem e demonstraram ser indignos. Com seu rechaço do Evangelho se condenaram a si mesmos.

Aos gentis.

Estas palavras eram um eco do que Pablo tinha ouvido em sua visão no templo em Jerusalém pouco depois de sua conversão (cap. 22: 21). Os gentis crentes as escutariam com gozo; mas os judeus ouviriam com inveja.

47.

Pu-te.

cita-se a ISA. 49: 6. Ali pode entender-se como referência, primeiro, a Israel, e profèticamente a Cristo (ver com. ISA. 41: 8; 49: 6). Parece que os judeus lhe tinham dado uma aplicação messiânica a esta passagem durante o período intertestamentario (os 400 anos que transcorreram entre o Malaquías e Cristo), porque no livro apócrifo do Enoc (cap. 48: 4) afirma-se que o Mesías seria "a luz dos gentis". Pouco depois do nascimento do Jesus, o ancião Simeón aplicou diretamente esta profecia ao menino Jesus, e declarou que seria "luz para revelação aos gentis" (Luc. 2: 32). Neste caso, Pablo e Bernabé tomaram uma profecia que originalmente tinha sido para o Israel, cujo cumprimento tinha iniciado Cristo, e a aplicaram à igreja cristã em geral e a si mesmos em particular. lhes tinha sido encomendada a responsabilidade de levar as boas novas da salvação ao mundo, pois os judeus não a tinham completo.

O último da terra.

Cf. Mat. 28: 19; Couve. 1: 23.

48.

regozijavam-se.

Em contraste com os judeus, que se encheram de ciúmes e de inveja pela predicación do Pablo, os gentis acreditaram com alegria.

Palavra do Senhor.

Quer dizer, o ensino que tinha ao Senhor Jesus como seu tema central. Ver com. vers. 44.

Estavam ordenados.

Gr. tássÇ, "estabelecer", "designar", "ordenar". Os teólogos debateram muitíssimo a interpretação desta passagem. A tradução da RVR parece apoiar o dogma de que os decretos divinos determinam o destino final dos seres humanos. Entretanto, cabe assinalar que nesta passagem o verbo grego aparece em sua voz passiva, cujo significado é "pôr sob o mando de" ou "colocar-se em determinada categoria". portanto, significaria: "acreditaram todos os que se colocaram na categoria dos que tinham vida eterna", ou "e acreditaram os que se decidiram pela vida eterna". Dois papiros egípcios do século III d. C. ilustram esta acepção. A gente diz: "Fiz os acertos com Apolo e ele escolheu com segurança nos dia onze para sua vinda", quer dizer, "ele mesmo escolheu o onze como dia para vir", ou seja, "ele se impôs essa decisão". O outro exemplo diz: "Por todos os meios estou cuidando do cobre segundo o dispus", quer dizer, "segundo eu me impus isso ou o decidi".

Esta interpretação harmoniza com o contexto desta passagem, pois segundo o vers. 46, os judeus se mostraram indignos da vida eterna, e as palavras deste versículo têm o propósito de descrever o oposto disso caso. Os judeus tinham atuado de tal modo que tinham proclamado que eles eram indignos, enquanto que os gentis manifestaram o desejo de ser considerados dignos. Os dois bandos eram como exércitos adversários, que se tinham alinhado em campos opostos, e em certa medida se considerava como se Deus tivesse tido algo que ver com essa disposição. Deste modo os gentis estavam-se pondo de parte da vida eterna. O texto não diz que Deus tivesse ordenado que uma pessoa tomasse determinada decisão ou que mais tarde não pudesse modificá-la se as circunstâncias assim o exigiam. Ver com. Juan 3:

16-18; ROM. 8: 29.

49.

Por toda aquela província.

O Evangelho já se difundiu muito na Antioquía da Pisidia (vers. 44); agora era plantado nas regiões vizinhas, até os limites com a Frigia, Licaonia e Galacia. É provável que 291 em muitos povos e aldeias da região houvesse pelo menos uns poucos homens e mulheres que deixaram de adorar aos deuses de seu país e aceitaram o judaísmo. Muitos deles, junto com os judeus que se converteram ao cristianismo, sem dúvida se tinham reunido agora em grupitos aqui e lá como discípulos de seu novo Professor, Jesus de Nazaret, El Salvador e Mesías.

50.

Mulheres piedosas e distinguidas.

É provável que fossem mulheres gentis de certa hierarquia, que demonstravam interesse no judaísmo. Possivelmente por meio delas os judeus procuraram influir nos principais personagens da Antioquía. Em muitos casos os judeus encontravam de parte de tais mulheres um verdadeiro desejo de alcançar uma vida mais elevada e mais pura que a que oferecia a profunda degradação da sociedade grecorromana, e muitas delas tinham chegado a apreciar a ética superior na vida e na fé do Israel. Essas mulheres com freqüência se convertiam em partidários.

Os principais.

Os judeus da Antioquía procuraram, por meio dos magistrados pagãos, que tomassem-se medidas contra Pablo e Bernabé de modo muito similar ao empregado por os judeus em Jerusalém quanto ao Jesus.

Levantaram perseguição.

É evidente que Pablo e Bernabé não fossem quão únicos sofreram por esta perseguição. Os cristãos da Antioquía da Pisidia tiveram que aprender desde o mesmo começo que o reino de Deus só podia vir "através de muitas tribulações" (cap. 14: 22). Pablo recordou vez detrás vez esses sofrimentos, e finalmente os descreveu nos últimos momentos de sua vida (2 Tim. 3: 11).

51.

Sacudindo contra eles o pó.

Fizeram-no em obediência literal à ordem do Senhor (Mat. 10: 14), o qual mostra que estes missionários sabiam o que Jesus tinha ensinado aos doze. Em este caso não foi um repúdio aos pagãos, a não ser contra os judeus incrédulos e amargurados. O pó de suas ruas era imundo para os apóstolos, pois haviam rechaçado o Evangelho.

Ao Iconio.

Ver com. cap. 14: 1.

52.

Cheios de gozo.

A forma do verbo grego implica que esta foi uma experiência prolongada. Este gozo é o resultado normal da conversão.

Do Espírito Santo.

Estar cheios do Espírito Santo possivelmente se refira aos dons específicos, como o de línguas e o de profecia; mas além disso, a recepção do Espírito produziu um estímulo na vida espiritual, e o resultado natural foi o gozo. A mensagem desta nova fé religiosa lhes resultava tão reconfortante aos conversos gentis, que puderam ter expresso maiores manifestações externas de gozo que as de seus irmãos na fé, os judeus convertidos (ver ROM. 14: 17; com. Hech. 2: 4; 15: 9).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-52 HAp 130-143

1-2 HAp 130

2 HAp 132

2-3 SR 303

3 HAp 130

4-5 HAp 135

5-8 CS 570; HAp 135

9-12 HAp 136

13 HAp 137

14-15 HAp 138

16 HAp 138

22 Ed 44

23-31 HAp 139

32-39 HAp 139

42-48 HAp 140

46-48 PVGM 179

47 CS 361

49 HAp 141

50, 52 HAp 142 292

CAPÍTULO 14

1 Pablo e Bernabé são perseguidos no Iconio. 8 Pablo sã a um coxo na Listra

pelo qual a gente acredita que ele e Bernabé são deuses. 19 Pablo é apedrejado.
21 Ambos retornam às Iglesias para as confirmar na fé e na
perseverança. 26 Retornam a Antioquía, e informam do que Deus fez por
eles.

1 ACONTECIO no Iconio que entraram juntos na sinagoga dos judeus, e
falaram de tal maneira que acreditou uma grande multidão de judeus, e deste modo de
gregos.

2 Mas quão judeus não acreditavam excitaram e corromperam os ânimos dos
gentis contra os irmãos.

3 portanto, detiveram-se ali muito tempo, falando com denodo, confiados
no Senhor, o qual dava testemunho à palavra de sua graça, concedendo que
fizessem-se pelas mãos deles sinais e prodígios.

4 E a gente da cidade estava dividida: uns estavam com os judeus, e outros
com os apóstolos.

5 Mas quando os judeus e os gentis, junto com seus governantes, se
lançaram a confrontá-los e lhes apedrejar,

6 lhe havendo sabido, fugiram a Listra e Derbe, cidades da Licaonia, e a toda
a região circunvizinha,

7 e ali pregavam o evangelho.

8 E certo homem da Listra estava sentado, impossibilitado dos pés, coxo de
nascimento, que jamais tinha andado.

9 Este ouviu falar com o Pablo, o qual, fixando nele seus olhos, e vendo que tinha
fé para ser sanado,

10 disse a grande voz: te levante direito sobre seus pés. E ele saltou, e andou.

11 Então a gente, visto o que Pablo fazia, elevou a voz, dizendo em
língua licaónica: Deuses sob a semelhança de homens descenderam a
nós.

12 E ao Bernabé chamavam Júpiter, e ao Pablo, Mercúrio, porque este era o que
levava a palavra.

13 E o sacerdote do Júpiter, cujo templo estava frente à cidade, trouxe
touros e grinaldas diante das portas, e junto com a multidão
queria oferecer sacrifícios.

14 Quando o ouviram os apóstolos Bernabé e Pablo, rasgaram suas roupas, e se
lançaram entre a multidão, dando vozes

15 e dizendo: Varões, por que fazem isto? Nós também somos homens
semelhantes a vós, que lhes anunciamos que destas vaidades lhes convertam
ao Deus vivo, que fez o céu e a terra, o mar, e tudo o que neles
há.

16 Nas idades passadas ele deixou a todas as gente andar em seus próprios
caminhos;

17 embora não se deixou a si mesmo sem testemunho, fazendo bem, nos dando

chuvas do ciclo e tempos frutíferos, enchendo de sustento e de alegria nossos corações.

18 E dizendo estas coisas, dificilmente conseguiram impedir que a multidão os oferecesse sacrifício.

19 Então vieram uns judeus da Antioquía e do Iconio, que persuadiram a a multidão, e tendo apedrejado ao Pablo, arrastaram-lhe fora da cidade, pensando que estava morto.

20 Mas lhe rodeando os discípulos, levantou-se e entrou na cidade; e ao dia seguinte saiu com o Bernabé para o Derbe.

21 E depois de anunciar o evangelho a aquela cidade e de fazer muitos discípulos, voltaram para a Listra, ao Iconio e a Antioquía,

22 confirmando os ânimos dos discípulos, lhes exortando a que permanecessem na fé, e lhes dizendo: É necessário que através de muitas tribulações entremos no reino de Deus.

23 E constituíram anciões em cada igreja, e tendo orado com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem tinham acreditado.

24 Passando logo pela Pisidia, vieram a Panfilia.

25 E tendo pregado a palavra no Perge, descenderam a Atalia.

26 dali navegaram a Antioquía, de onde tinham sido encomendados à graça de Deus para a obra que tinham completo.

27 E tendo chegado, e reunido à igreja, referiram quão grandes costure havia 293 jogo Deus com eles, e como tinha aberto a porta da fé aos gentis.

28 E ficaram ali muito tempo com os discípulos.

1.

Iconio.

Lucas não diz nada da viagem da Antioquía ao Iconio, do qual poderia deduzir-se que houve pouca oportunidade de fazer obra missionária pelo caminho. Iconio estava a 145 km ao sudeste da Antioquía, na encruzilhada de várias rotas importantes. Alguns escritores antigos se localizavam esta cidade na Frigia; outros, na Licaonia. Iconio era bastante grande, por isso merecia ser chamada a Damasco da Licaonia. Na tradição cristã posterior se conheceu por haver sido o cenário do episódio do Pablo e sua conversa Tecla. Na Idade Média, Iconio foi importante como capital dos sultões selyúcidas. Atualmente se chama Konya, e é uma florescente cidade da Turquia. Ver mapas P. 280 e frente ao P. 33.

Entraram juntos.

Evidentemente não se descreve uma visita especial à sinagoga, a não ser as repetidas vezes que Pablo e Bernabé foram reunir se com os judeus.

Na sinagoga.

Pablo, como de costume, começou seu trabalho entre os judeus e os gentis temerosos de Deus que se reuniam com eles para celebrar o culto. É evidente que estas visitas à sinagoga se fizeram em dia sábado (ver com. cap. 13: 14, 44).

Falaram de tal maneira.

Pregaram n várias ocasiões, em algumas das quais parece que houve gentis, além de judeus (ver com. "Gregos").

Uma grande multidão.

Como aconteceu na Antioquía de Síria (cap. 11: 21, 24), a predicación do Evangelho foi um terminante êxito.

Gregos.

Gr. héll'n, "heleno", palavra que usa Lucas para referir-se a um gentil, em contraposição com hell'nist's, "helenista", que se aplicava a um judeu de fala grega (ver com. cap. 11: 20). Parece que aqui, como na Antioquía, havia na sinagoga gentis crentes (cf. cap. 13: 16). Além disso, os apóstolos passaram muito tempo no Iconio (cap. 14: 3), e sem dúvida pregaram em outros lugares fora da sinagoga.

2.

Quão judeus não acreditavam.

Ou "judeus que não tinham sido persuadidos". A palavra que se traduz "que não acreditavam" refere-se a uma incredulidade que gera rebeldia, e portanto descreve bem o caráter destes, judeus que perseguiram o Pablo e Bernabé.

Excitaram.

As perseguições que se registram no livro dos Fatos foram ocasionadas principalmente pela inimizade dos judeus. O caso do Demetrio (cap. 19: 24) é quase a única exceção, e até então os judeus puderam ter causado a violenta reação do ourives grego. Em uma data muito posterior, na segunda metade do século II, os judeus influíram muitíssimo para que Policarpo fora morto na Esmirna (Eusebio, História eclesiástica iV. 15. 29). A começos do século III Tertuliano disse que as sinagogas judias de seu tempo eram "fontes de perseguição" (Scorpiace 10).

Corromperam.

"Envenenaram-lhes contra os irmãos" (BJ). O verbo grego que se usa aqui não só se refere à má vontade que se criou contra os irmãos, a não ser também ao dano que se fez na mente daqueles em quem se suscitou maus pensamentos.

Contra os irmãos.

Quer dizer, os novos conversos, em contraste com "quão judeus não acreditavam".

3.

Muito tempo.

Possivelmente vários meses. Enquanto não houve perseguição, os apóstolos puderam trabalhar com êxito, ganhando novos conversos e afirmando a fé dos novos crentes.

Falando com denodo.

Seu entusiasmo provinha da completa apresentação do Evangelho da graça divina que pregavam, em agudo contraste com o estreito critério judaico que os gentis convertidos ao judaísmo tinham conhecido até então. Cf. cap. 9: 27-29. Esse denodo estava intimamente relacionado com os milagres e outras sinais e maravilhas que faziam no nome do Jesucristo.

O qual dava testemunho.

O Senhor capacitou ao Pablo e ao Bernabé para que fizessem maravilhas e assim demonstrou que os apóstolos eram seus servidores e falavam sua verdade.

A palavra de sua graça.

Quer dizer, a mensagem a respeito da graça salvadora de Deus, as boas novas do Evangelho. Pablo sempre pregou sobre o favor imerecido de Deus para salvação (F. 2: 5, 8; ROM. 5: 1-2).

Sinais e prodígios.

Não tinham o propósito de servir de apóie para a fé, mas sim de ser uma evidência da fé. Nesta passagem de Feitos 294 não se especifica quais foram as "sinais" feitos.

4.

Estava dividida.

Os cristãos e os que não o eram, formaram bandos opostos na cidade, e entre estes últimos se manifestou um espírito de maldade. Evidentemente Lucas se refere a maior parte da população pagã. Os conversos ao cristianismo sem dúvida eram a minoria, e possivelmente procediam das classes mais pobres da sociedade, como ocorreu com freqüência nos primeiros tempos da igreja (1 Cor. 1: 26-28). Como tinha acontecido na Antioquía, os principais homens e mulheres da cidade estavam contra eles (Hech. 13: 50).

Uns estavam com os judeus.

O mesmo aconteceu quando Pablo pregou na Tesalónica (cap. 17: 4-5). Jesus havia predito que tais divisões resultariam da predicación de sua Palavra (Luc. 12: 51-53).

5.

Governantes.

A construção do grego permite entender que se tratava dos governantes da sinagoga onde Pablo e Bernabé tinham começado a pregar quando chegaram ao Iconio.

lançaram-se.

O grego diz "houve um intento de" (horm', "intento") confrontá-los ou

"lhes ultrajar" (BJ). Os judeus excitaram e açularam a seus amigos pagãos, esperando que se produzira uma situação de violência.

afrontá-los.

"tratá-los com violência", "lhes ultrajar" (BJ), "insultá-los". Parece que o plano era incitar à multidão para que os tratasse desse modo. Em 1 Tim. 1: 13 Pablo usa uma palavra afim, "injuriador", que deriva da mesma raiz, para descrever sua conduta quando era perseguidor.

apedrejá-los.

O apedrejamento era o castigo judeu pela blasfêmia (Lev. 24: 14-16), e os judeus parece que entendiam que o ensino dos apóstolos era dessa categoria. É provável que não se procedeu legalmente para desenvolver esse plano. Simplesmente decidiram maltratá-los (ver com. Hech. 7: 58; cf. Juan 10: 31).

6.

Havendo-o sabido.

Evidentemente havia alguns do lado dos apóstolos que tinham suficientes relacione com o grupo adversário, e conheciam o complô. Lucas não se propõe exagerar os sofrimentos dos evangelistas cristãos. O relato de como puderam salvá-los apóstolos de ser apedrejados, apresenta-se com uma linguagem singelo, sem adornos.

Fugiram.

Os apóstolos obedeceram a ordem do Jesus: fugir da perseguição (ver com. Mat. 10: 23).

Listra.

Até 1885 não se conheceu a situação geográfica exata da Listra. Nesse ano encontrou-se uma inscrição que levava o nome latino Lustra, com a qual pôde identificar-se como Listra o lugar que agora é chamado Zoldera, localizado-se a 35 km ao sudoeste do Iconio, Os apóstolos, viajando pelo caminho desde Iconio, subiram por entre as colinas até a planície onde se encontrava Listra. Embora Licaonia aparece na literatura clássica como um território pouco civilizado, sabe-se por algumas inscrições que Listra foi convertida em colônia romana como Augusto, e portanto sem dúvida foi uma cidade onde havia mais cultura que no território circunvizinho. Como centro comercial romano, Listra pôde ter contado com muitos judeus entre sua população; entretanto, o registro de Feitos não diz que na cidade havia uma sinagoga. As relações que Pablo teve ali parecem ter sido principalmente com gentis. Nem mesmo Timoteo, filho de uma piedosa mulher judia, provavelmente da Listra, tinha sido circuncidado (ver com. cap. 16: 1, 3; mapa P. 280).

Derbe.

A posição geográfica do Derbe não se conheceu a não ser até 1956, quando seu nome encontrou-se no Kerti Hüyük, em uma inscrição a 83 km ao sudeste do Iconio, a moderna Konya. Esta cidade estava quase na fronteira da província romana da Galacia com o reino do Antíoco do Comagene. Isto poderia explicar por que os apóstolos se voltaram do Derbe em vez de entrar em um novo território. Gayo, mais tarde companheiro de viagem do Pablo, era do Derbe (cap. 20: 4; ver mapa

P. 280).

Licaonia.

Licaonia não era uma província romana, a não ser uma região na qual se falava um idioma diferente do do Pablo e Bernabé. A parte ocidental estava na província romana da Galacia, e a parte oriental no reino do Antíoco de Comagene. Parece que Pablo e Bernabé permaneceram dentro dos limites de Galacia. Em tempos do NT se considerava que Iconio pertencia a Frigia; por o tanto, ao viajar a Listra e ao Derbe, os apóstolos entravam em um novo território.

Toda a região circunvizinha.

Isto poderia sugerir que as cidades da Listra e do Derbe eram pequenas, e que Pablo e Bernabé as evangelizaram em curto tempo. Em seu trabalho missionário em as aldeias tiveram que haver 295 encontrado quase unicamente gentis.

7.

Pregavam o evangelho.

Gr. euaggelízomai (ver com. cap. 13: 32).

8.

De nascimento.

Um exemplo do cuidado do Lucas, como médico, de registrar este detalhe (ver com. cap. 3: 7; 9: 33).

9.

Ouviu.

Melhor "escutava" (BJ).

Fixando nele seus olhos.

Gr. atenízÇ (ver com. cap. 13: 9; 23: 1). Sem dúvida a fé do coxo se refletiu em seu rosto, e Pablo reconheceu que era um homem que, uma vez curado, podia ser uma prova vivente para o povo da Listra.

Tinha fé.

A fé era e é um requisito prévio para a cura milagrosa (Mat. 9: 22; Mar. 9: 23).

10.

Grande voz.

Pablo levantou o tom de sua voz por cima de que estava usando ao dirigir-se a a gente.

te levante direito.

Esta ordem teria sido uma brincadeira para qualquer que não tivesse estado

preparado pela fé para ir além dos limites da experiência humana comum. O coxo decidiu atuar em resposta à fé. O mesmo fizeram outros que foram sanados em forma milagrosa: o paralítico (Mat. 9: 6-7), o paralítico da Betesda (Juan 5: 11, 14), o coxo na porta do templo (Hech. 3: 6-8). Em cada um destes casos a restauração espiritual foi seguida pela cura física.

É evidente o paralelo entre a cura do coxo feita pelo Pedro na porta a Formosa do templo (cap. 3: 1-11), e a cura do coxo da Listra que fez Pablo.

Saltou, e andou.

"Deu um salto e ficou a caminhar" (BJ). Ver com. cap. 3: 8.

11.

Língua licaónica.

Pablo afirmou que falava em línguas (1 Cor. 14: 18), mas seu dom parece não ter incluído a compreensão da língua dos da Licaonia. O que se sabe com certeza é que Pablo e Bernabé não sabiam que a gente da Listra estava a ponto de adorá-los. Não é possível pensar que deliberadamente permitiram que o povo seguisse adiante com o plano de adorá-los como a deuses, para poder produzir um efeito dramático ao rechaçar essa adoração. É provável que a gente da Listra fora bilíngüe e entendesse o que Pablo e Bernabé diziam em grego; mas que os missionários não pudessem compreender o que a gente dizia quando riscava seus planos para oferecer o sacrifício pagão. Nada se sabe em quanto à língua licaónica, pois não se encontraram nem textos nem inscrições.

Deuses.

Nos tempos do NT não eram só os singelos licaonios os que acreditavam que os deuses podiam mesclar-se com os homens, pois esta era uma idéia generalizada entre os pagãos. Nas Metamorfose do Ovidio (vIII. 626-724) aparece o mito de que Zeus e Hermes (Júpiter e Mercúrio) apareceram-se uma vez em forma humana, e tinham sido recebidos por um matrimônio de anciões, Filemón e Baucis, a quem tinha dado presentes. A lenda diz que o lugar onde se supõe que viveram os deuses, mais tarde se converteu em um santuário aonde foram os devotos, como peregrinos, para deixar ali seus oferendas.

12.

Júpiter.. Mercúrio.

Gr. Zéus... Herm'S. O Zeus grego, o principal dos deuses, e seu filho Hermes, arauto e mensageiro dos deuses e patrono da eloqüência. No panteão romano os equivalentes destes deuses eram Júpiter e Mercúrio, por isso a RVR emprega estes nomes. O culto do Zeus e do Hermes parece ter sido popular na região da Listra. Perto da Listra se encontrou uma inscrição na qual se registra que certos homens, cujos nomes são licaónicos, tinham dedicado uma estátua ao Zeus. Perto da Listra também se encontrou um altar de pedra dedicado a "que ouça a oração", provavelmente a Zeus e ao Hermes. A gente da Listra acreditava, naturalmente, que se qualquer divindade se aparecia em meio deles com bons propósitos, tinha que ser o deus Júpiter, a quem tinham levantado um templo frente a sua cidade (ver com.

vers. 13), e a quem rendiam seu principal culto. considerava-se que Mercúrio era o primeiro ajudante do Júpiter. É possível que Bernabé tivesse um porte mais impressionante que Pablo, e por isso lhe deu o título do Júpiter Como Pablo era o que mais tinha falado, o identificou como Mercúrio.

13.

Cujo templo estava frente à cidade.

Isto significaria que Zeus era o deus tutelar da cidade da Listra, e seu templo evidentemente estava perto da cidade para protegê-la. Foi o sacerdote do Zeus quem dirigiu os preparativos para o sacrifício, e foi ao lugar onde estavam alojados os apóstolos.

Grinaldas.

Estas grinaldas aparecem freqüentemente nas esculturas antigas, Estavam acostumados a fazer-se de lã branca e às vezes se decoravam com flores e folhas. Freqüentemente se adornavam com grinaldas os sacerdotes, seus ajudantes, as portas, os altares e também os 296 animais que foram ser sacrificados.

As portas.

Gr. pulÇn, "porta" ou "portão", às vezes de uma casa (Hech. 12: 14); mas principalmente de algum edifício maior, ou de uma cidade (Apoc. 22: 14). Neste passagem poderia referir-se às portas da cidade, ou à entrada do templo do Zeus (ver com. "cujo templo...").

Oferecer sacrifícios.

O ato de oferecer sacrifícios possivelmente consistia em degolar os touros e derramar parte de seu sangue sobre um altar.

14.

Os apóstolos.

Complicado-los preparativos para o sacrifício naturalmente despertaram o receio dos apóstolos.

Rasgaram suas roupas.

Entre esta judeus era uma expressão de grande horror. empregava-se especificamente como protesto por uma blasfêmia (ver com. Mat. 26: 65). Os apóstolos entenderam como uma blasfêmia o que por ignorância estava por fazer o povo da Listra. Não se sabe se a gente da Listra entendia o significado da ação do Bernabé e Pablo; certamente devem haver-se admirado e surpreso ao vê-los rasgar suas roupas.

lançaram-se.

Gr. ekp'dáÇ, "lançar-se", "correr ao encontro". Os apóstolos se lançaram ao lugar onde estava reunida a gente, possivelmente na porta da cidade, ou junto ao templo do Zeus (vers. 13) que estava "frente à cidade", onde se estavam preparando para fazer o sacrifício.

15.

Semelhantes a vós.

"De igual condição que vós" (BJ). É notável o parecido entre as palavras do Pablo e Bernabé, e as do Pedro ao Cornelio (Hech. 10: 26).

Anunciamo-lhes.

Literalmente "evangelizamos", "damos boas novas" (ver com. cap. 13: 32). Para os idólatras, uma mensagem que apresenta ao Deus vivo e não aos ídolos mudos, deve ser boas novas, especialmente porque Jesucristo é Deus encarnado, Salvador dos homens.

Estas vaidades.

Quer dizer, cerimônias semelhantes ao sacrifício pagão que estava a ponto de oferecer-se com tudo o que implicava. A "vaidade" simboliza com freqüência o vazio e a carência de valor do culto pagão (F. 4: 17; 1 Ped. 1: 18).

Deus vivo.

O apóstolo aconselha ao povo da Listra a abandonar sua idolatria e a voltar-se para um Deus que vive e atua, quem fez os céus e a terra, o doador de toda boa dádiva e que julgará a todos os homens. Isaías apresenta em forma dramática o contraste entre Deus e os ídolos (ISA. 40: 6-31; 41: 18-29; 44: 6-28).

O ciclo e a terra, o mar.

A afirmação de que Deus é criador de tudo contrasta grandemente com a crença popular pagã, que atribuía diferentes deidades ao céu, a terra e o mar. Pablo proclama que um só Deus fez todas as coisas e as dirige.

Nas Escrituras se destaca com freqüência o fato de que Deus é o Criador. Esta realidade se encontra ao começo da história da relação de Deus com o universo (Gén. 1), e é o fundamento da última mensagem evangélica de advertência para o mundo (Apoc. 14: 7).

16.

As gente.

Gr. plural de éthnos, "povo", palavra que se emprega usualmente para referir-se aos gentis. Aqui aparece a primeira indicação do que poderia chamar-se a filosofia paulina da história. Pablo apresentou uma idéia similar (cap. 17: 30) no discurso em Atenas, quando declarou que Deus havia "passado por cima os tempos desta ignorância". Quem vivesse nesses tempos seriam tratados em forma justa e tribunais conforme a seu conhecimento limitado. Em ROM. 1 e 2 amplia esta filosofia. permitiu-se que seguissem seu curso a ignorância e o pecado do mundo gentil como parte, poderia dizer-se, de um drama divino para induzir aos gentis a que sentissem a necessidade de redenção e prepará-los para receber essa redenção.

17.

Não se deixou a si mesmo sem testemunho.

Deus não ficou sem testemunho entre os pagãos como os da Listra. Aqui aparece novamente um esboço do que Pablo mais tarde ampliou em ROM. 1:19-20,

embora aqui o que argumenta é que apesar de todo os pagãos estão sem desculpa. Nesta oportunidade Pablo recalcou a evidência da bondade divina como podiam ver a de contínuo seus ouvintes na natureza. Mais tarde, ao dirigir-se aos filósofos de Atenas, afirmou que "nele vivemos, e nos movemos, e somos" (Hech. 17: 28; cf. ROM. 2: 14-15).

Fazendo bem.

Isto inclui a contínua manifestação da bondosa vontade divina em favor dos homens (Mat. 5: 45). Pablo assinalou que Deus era quem dava chuva, e não Júpiter, o suposto Deus das chuvas.

Nossos.

A evidência textual estabelece o texto "seus".

18.

Dificilmente conseguiram impedir.

Evidentemente, 297 a gente estava decidida a oferecer sacrifício e render culto. Alguns dos que foram impedidos a oferecer sacrifícios possivelmente se separaram-se de "estas vaidades" ao Deus vivo. Não se sabe quanto tempo mais permaneceu Pablo na Listra antes de ocorrer o que se narra nos vers. 19-20; mas é provável que se estabeleceu ali uma igreja. Conforme parece, a feijão Loida, sua filha Eunice e seu neto Timoteo, contaram-se entre os primeiros conversos (2 Tim. 1: 5; ver com. Hech. 16: 1).

19.

Judeus da Antioquía.

fala-se aqui da Antioquía da Pisidia (ver com. cap. 13: 14). O fato de que os judeus da Antioquía e de Iconio tivessem atuado de comum acordo, e que os da Antioquía tivessem viajado mais de 150 km até a Listra para impedir a obra dos apóstolos, demonstra o ódio dos judeus da Antioquía contra Pablo e sua missão.

Uma inscrição descoberta em uma estátua na Antioquía afirma que o monumento foi ereto em honra dessa cidade pela população da Listra, o que sugere que havia entre as duas cidades uma estreita amizade.

Estes judeus estavam furiosos com o Pablo e Bernabé, seus concidadãos. Para justificar sua conduta podiam apresentar razões religiosas, alegando que os apóstolos estavam pondo a um lado requerimentos legais que eram tão importantes para os judeus; mas tais razões não teriam tido validez para incitar aos pagãos da Listra contra os apóstolos. O milagre da cura do coxo tinha provado que o poder dos apóstolos era real; mas não havia-se dito qual era a fonte desse poder. É possível que os judeus o tivessem atribuído a um poder demoníaco para persuadir aos pagãos a que perseguissem os apóstolos (compare-se com um caso similar do Jesus, Mat. 12: 24-27). Também puderam ter procurado algum outro motivo legal ou supersticioso para acusar aos apóstolos.

Persuadiram à multidão.

A repentina mudança de atitude de parte da gente da Listra recorda o que ocorreu na última semana da vida do Jesus, quando em poucos dias, os

hosannas da multidão de Jerusalém se converteram em gritos de "lhe crucifique!" (Mat. 21: 9; 27: 22). Não é difícil entender tais desigualdades emocionais em gente supersticiosa como eram os licaonios, tradicionalmente descritos como indignos de confiança. Outra mudança de atitude, mas à inversa, registra-se na narração da relação do Pablo com os habitantes de Malte (Hech. 28: 3-6). Os habitantes da Listra possivelmente pensaram que se Pablo e Bernabé possuíam poderes tão misteriosos, mas não eram deuses feitos homens, deviam ser feiticeiros ou talvez demônios. Os judeus bem puderam haver fomentado esta idéia e insistido ao povo a proceder em forma tão cruel.

Tendo apedrejado.

Apedrejar a alguém era um castigo típico dos judeus, e estes, sem dúvida ajudados pelos habitantes pagãos da Listra, evidentemente foram os instigadores do castigo. Esta é a única vez que se registra que o apóstolo tivesse sofrido esta classe de perseguição (cf. 2 Cor. 11: 25). Pablo escapou por muito pouco de ser apedrejado no Iconio (Hech. 14: 5-6). Lucas registra os dois casos; mas o apóstolo só fala da vez quando realmente foi apedrejado. Este episódio ainda estava claro na lembrança do Pablo quando se aproximava o fim de sua vida (2 Tim. 3: 11-12).

Fora da cidade.

A lei hebréia ordenava que o apedrejamento se efetuasse fora do acampamento (Lev. 24: 14) ou da cidade. Mas nesta oportunidade, possivelmente porque Listra era uma cidade pagã e o apedrejamento era o resultado da fúria de uma turfa, parece haver-se feito dentro da cidade, e Pablo foi depois miserável fora dela.

20.

Os discípulos.

Isto é, os novos crentes. Não tinham podido impedir o ataque; mas haviam ido até o lugar onde Pablo tinha sido miserável inconsciente, provavelmente pensando com preocupação como sepultá-lo dignamente. Pode supor-se que Timoteo foi testemunha do apedrejamento; para ele esta amarga experiência do Pablo deve ter sido tanto um desafio para o serviço como um exemplo de consagração (HAp 149-150). Possivelmente Loida e Eunice também estiveram presentes no grupo, primeiro chorando, e mais tarde regozijando-se de que seu amado professor não estivesse morto.

levantou-se.

Deve haver-se considerado um milagre que Pablo recuperasse o conhecimento e imediatamente demonstrasse sua energia e seu valor ao entrar de novo na cidade. O ter sido apedrejado por uma turfa enfurecida, e deixado por morto, e logo recuperar-se e caminhar como se nada tivesse passado, era uma evidência até mais convincente do poder de Deus que a cura do coxo (vers. 8-10).

Ao dia seguinte saiu.

Embora Pablo tinha sido sacado da morte em forma providencial, sem dúvida compreendeu que o sentimento do povo para ele não tinha variado, e que no momento era melhor que se fora da cidade. Em ocasiões posteriores visitou pelo menos duas vezes a cidade da Listra (vers. 21; cap. 16: 1).

Com o Bernabé.

Bernabé não tinha sofrido tanto como Pablo a ira dos judeus. Embora seu poder como "filho de exortação" ou "de consolação" era grande (ver com. cap. 4: 36), evidentemente não tinha sido tão manifesto como o de seu companheiro no apostolado.

Derbe.

Ver com. vers. 6.

21.

De fazer muitos discípulos.

Gayo do Derbe, a quem Lucas nomeia como um dos companheiros do Pablo em um viagem posterior (cap. 20: 4), possivelmente pôde ser um dos que se converteram em esta oportunidade. A obra feita sugere que os apóstolos permaneceram ali durante vários meses.

Voltaram.

Tivesse sido muito mais singelo ir ao este até o Tarso, e retornar de navio a Antioquía de Síria. Entretanto, Pablo e Bernabé escolheram o caminho comprido e difícil de 400 km para chegar até o mar. Mas ao retornar por onde tinham vindo, tiveram a oportunidade de semear até mais ampliamente a semente da palavra que antes tinham semeado com tanto perigo para seus vistas. A hostilidade dos judeus na Antioquía e no Iconio parecia haver-se cometido o suficiente como para que os apóstolos pudessem visitar de novo essas cidades sem maiores dificuldades. Durante o tempo transcorrido, em alguns lugares possivelmente tinham trocado os governantes dessas cidades. Ver mapa P. 280.

22.

Confirmando os ânimos.

Melhor "fortalecendo o ânimo", quer dizer, "afirmando a fé dos irmãos". O que fez Pablo estava em harmonia com o que Jesus lhe tinha ordenado ao Pedro: "E você, uma vez voltado, confirma a seus irmãos" (Luc. 22: 32). Pablo pôde haver feito isto por meio de advertências e exortações tiradas de suas provas e da forma em que foi sacado delas.

A fé.

Provavelmente deva entender-se como a expressão objetiva da fé, quer dizer, o que se acreditava e ensinava. Esta acepção de "fé", que sugere o conteúdo do que se crie, aparece nos escritos apostólicos posteriores (2 Tim. 4: 7; Jud. 3, 20), e provavelmente se emprega aqui nesse sentido.

É necessário que... entremos.

Uma entrevista direta do que disse Pablo nessa ocasião. Alguns pensaram que o uso da primeira pessoa do plural ("entremos"), indica que Lucas estava presente e se incluía entre os ouvintes desses sermões, entretanto, não há nenhuma indicação de que Lucas tivesse sido companheiro do Pablo a não ser até o segunda viagem missionária, no Troas (cap. 16: 10). portanto, é melhor entender que esta é uma entrevista direta aonde Pablo se inclui com seus

ouvintes. Indubitavelmente podia referir-se a suas próprias tribulações como ilustrações da verdade do que dizia.

Muitas tribulações.

Em 2 Tim. 3: 12, epístola escrita ao discípulo amado da Listra (Hech. 16: 1-3), aparece uma comovedora referência à perseguição que se apresentou em Antioquía, Iconio e Listra. Pablo apresenta ali este axioma: "Todos os que querem viver piedosamente em Cristo Jesus padecerão perseguição" (ver também Apoc. 1: 9; 7: 14).

O reino de Deus.

Ver com. cap. 1: 6. Esta frase, freqüente nos Evangelhos, aparece repetidas vezes no ensino do Pablo (ROM. 14: 17; 1 Cor. 4: 20; 6: 9; Couve. 4: 11; 2 Lhes. 1: 5). Para o Pablo era um reino de verdade, e Cristo era o Rei.

23.

Constituíram.

Gr. jeirotonéÇ, literalmente "estender a mão". Este verbo o usavam os gregos para descrever a ação de escolher governantes levantando a mão. Por este uso passou a ter o significado de "escolher", sem tomar em conta o método preciso empregado na eleição (traduz-se como "designado" em 2 Cor. 8: 19 e como "ordenado" no Hech. 10: 41). Apoiando-se no uso deste verbo, alguns pensaram que isto indica que na Listra, Iconio e Antioquía se escolheram os anciões por voto popular. Embora seja provável que na igreja apostólica se praticasse algum sistema de eleição (Hech. 6: 3; 2 Cor. 8: 19), é duvidoso que neste caso se feito uma eleição tal como se entende hoje. Neste passagem se diz que Pablo e Bernabé fizeram a eleição (ou nomeação) dos anciões, e que não foram os membros de igreja quem escolheu a seus dirigentes; portanto, a tradução da RVR é muito apropriada. No Tito 1: 5 Pablo parece recomendar que a nomeação dos anciões fora feito por o missionário e não pela igreja. É possível que se celebrou uma cerimônia de imposição de mãos (cf. 1 Tim. 4: 14; 5: 22; 2 Tim. 1: 6); mas 299 o verbo jeirotonéÇ não o indica.

Em dia posterior os bispos foram escolhidos regularmente mediante o voto do clero e dos membros. Fabián foi escolhido em Roma pela igreja no ano 236 d. C. (Eusebio, História eclesiástica vi. 29. 2-4). Cipriano, de Cartago (M. 258 d. C.), fala do "voto de toda a irmandade" (Epístola lxvii. 5), e as Constituições apostólicas (possivelmente do século IV) indicam que os dirigentes da igreja deviam ser escolhidos por todo o povo (vIII. 2. 4). A partir do século IV se estabeleceu a norma de que o novo bispo fora eleito pelos bispos vizinhos e que seu nome fora aprovado pelo clero e os laicos de sua diocese. Na Idade Média, quão laicos podiam escolher pertenciam à aristocracia e não às pessoas comum.

Anciões.

Ver com. cap. 11: 30. Em virtude da autoridade que lhes tinha sido confiada como missionários (cap. 13: 3), Pablo e Bernabé dirigiram a eleição dos anciões. Deste modo instituíram nas Iglesias gentis a forma de organização que já tinha sido adotada pelos cristãos em Jerusalém. Isto apoiava-se na organização da sinagoga e não na do templo (cf. T. V, P. 59). Pablo organizou estas Iglesias pouco depois de que seus membros se fizessem cristãos, o qual mostra que a organização é essencial para

manter a vida espiritual e o crescimento da igreja.

Tendo orado com jejuns.

Tal foi o procedimento que se seguiu quando os apóstolos foram enviados desde a Antioquía (ver com. cap. 13: 3).

Encomendaram.

Esta palavra sugere que se tem confiança na pessoa a cujo cuidado-se encomendam posses que são preciosas para o que as entrega. Neste caso indica confiança absoluta em Deus.

24.

Pisidia.

Ver com. cap. 13: 14.

Panfilia.

Ver com. cap. 13: 13.

25.

Perge.

A cidade de onde Juan Marcos tinha voltado para Jerusalém (cap. 13: 13). Não se menciona que os apóstolos tivessem pregado antes aqui. Quando retornaram, fizeram o que ao parecer não tinham feito antes.

Atalia.

Parece que quando entraram nessa província, os apóstolos foram diretamente desde Paus até o Perge, à beira do rio Cestro (ver com. cap. 13: 13). Ao retornar passaram pela Atalia, porto que se achava na desembocadura do rio Catarractes. Esta cidade foi construída por Ata-o II Filadelfo, rei do Pérgamo (159-138 A. C.). Não se registra que se feito obra missionária na Atalia. É provável que os apóstolos só foram ali porque era um porto de onde podiam embarcar-se para Síria. Ver mapa P. 280.

26.

Antioquía.

Em Síria, de onde os apóstolos tinham começado sua viagem. Seu navio pôde ter passado entre Cilícia e Chipre e ter atracado na Seleucia ou, se era pequeno, entrado no rio Orontes e navegado até a Antioquía.

Encomendados.

Quando a igreja da Antioquía enviou ao Pablo e ao Bernabé, tinha-os encomendado à graça de Deus para que fossem guiados, protegidos e sustentados em seu trabalho. Essa graça não lhes tinha faltado.

Que tinham completo.

Pablo e Bernabé tinham sido enviados pela igreja da Antioquía para que

fizessem uma tarefa específica: a evangelização dos gentis. Agora podiam voltar para sua igreja de origem com a satisfação de que tinham completo com seu comissão. Embora só tinham começado a lhes pregar aos pagãos, o que faziam estava bem feito.

27.

A igreja.

Quer dizer, a congregação cristã da Antioquía, a qual tinha sido impulsionada pelo Espírito (cap. 13: 2) a enviá-los em sua excursão. Era apropriado que os apóstolos apresentassem a esta igreja os resultados de sua primeira viagem missionário.

Referiram.

É provável que enquanto os apóstolos viajavam, os cristãos da Antioquía não tivessem tido notícias deles. É de imaginar o interesse que demonstraram ao reunir-se para escutar o relato do ocorrido.

Fazia Deus.

As grandes costure que tinham obtido os apóstolos eram em realidade o que Deus fazia.

Tinha aberto a porta.

Esta frase cheia de significado é uma metáfora preferida pelo Pablo (1 Cor. 16: 9; 2 Cor. 2: 12; Couve. 4: 3); aparece aqui possivelmente como um fragmento de seu discurso.

Aos gentis.

Os privilégios do Evangelho tinham sido concedidos a todos os que acreditaram. Esta liberdade foi oferecida pela primeira vez aos gentis da Antioquía, onde Pablo tinha ajudado ao Bernabé e a outros na obra (cap. 11: 20-26). Agora se tinha levado o Evangelho aos gentis em um território muito mais amplo. Pablo estava cumprindo sua comissão de ir aos gentis (cap. 22: 21). 300

28.

Muito tempo.

Literalmente "não pouco tempo" (BJ). Era natural que Pablo se sentisse mais atraído a Antioquía que a Jerusalém, porque na Antioquía se formou a primeira igreja gentil e essa era a igreja que o tinha enviado como missionário aos gentis. Durante este tempo os dois apóstolos sem dúvida seguiram atraindo a muitos conversos gentis, além dos que tinham ganho antes.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-28 HAp 144-153

1-3 HAp 144

4 HAp 145

5-6 HAp 145

8-10 P 203

8-13 HAp 147

13-15 P 203

14-18 HAp 148

17 Ed 63; HAp 478

19 HAp 148

19-20 HAp 149; P 203

21-23 HAp 150

24-26 HAp 152

27 HAp 153

CAPÍTULO 15

1 Há uma grande disputa quanto à circuncisão. 6 Os apóstolos consultam com os dirigentes da igreja a respeito disto, 22 e comunicam por sua carta decisões às Iglesias. 36 Pablo e Bernabé decidem visitar de novo aos irmãos; mas há uma dissensão entre eles, e se separam.

1 ENTÃO alguns que vinham da Judea ensinavam aos irmãos: Se não vos circuncidam conforme ao rito do Moisés, não podem ser salvos.

2 Como Pablo e Bernabé tivessem uma discussão e luta não pequena com eles, dispôs-se que subissem Pablo e Bernabé a Jerusalém, e alguns outros deles, aos apóstolos e os anciões, para tratar esta questão.

3 Eles, pois, tendo sido encaminhados pela igreja, passaram por Fenícia e Sumária, contando a conversão dos gentis; e causavam grande gozo a todos os irmãos.

4 E chegados a Jerusalém, foram recebidos pela igreja e os apóstolos e os anciões, e referiram todas as coisas que Deus tinha feito com eles.

5 Mas alguns da seita dos fariseus, que tinham acreditado, levantaram-se dizendo: É necessário circuncidá-los, e lhes mandar que guardem a lei de Moisés.

6 E se reuniram os apóstolos e os anciões para conhecer deste assunto.

7 E depois de muita discussão, Pedro se levantou e lhes disse: Varões irmãos, vós sabem como já faz algum tempo que Deus escolheu que os gentis ouvissem por minha boca a palavra do evangelho e acreditassem.

8 E Deus, que conhece os corações, deu-lhes testemunho, lhes dando o Espírito Santo o mesmo que a nós;

9 e nenhuma diferença fez entre nós e eles, desencardindo por sua fé corações.

10 Agora, pois, por que tentam a Deus, pondo sobre a nuca dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos levar?

11 Antes acreditam que pela graça do Senhor Jesus seremos salvos, de igual modo que eles.

12 Então toda a multidão calou, e ouviram o Bernabé e ao Pablo, que contavam quão grandes assinale e maravilhas tinha feito Deus por meio deles entre os gentis.

13 E quando eles calaram, Jacobo respondeu dizendo: Varões irmãos, me ouçam.

14 Simón contou como Deus visitou pela primeira vez aos gentis, para tomar deles povo para seu nome.

15 E com isto concordam as palavras dos profetas, como está escrito:

16 depois disto voltarei 301

E reedificaré o tabernáculo do David, que está cansado;

E repararei suas ruínas,

E o voltarei a levantar,

17 Para que o resto dos homens procure o Senhor,

E todos os gentis, sobre os quais é invocado meu nome,

18 Diz o Senhor, que faz conhecer tudo isto desde tempos antigos.

19 Pelo qual eu julgo que não se inquiete aos gentis que se convertem a Deus,

20 mas sim lhes escreva que se separem das contaminações dos ídolos, de fornicação, de afogado e de sangue.

21 Porque Moisés desde tempos antigos tem em cada cidade quem o pregue nas sinagogas, onde é lido cada dia de repouso.*

22 Então pareceu bem aos apóstolos e aos anciões, com toda a igreja, escolher de entre eles varões e enviá-los a Antioquía com o Pablo e Bernabé: a Judas que tinha por apelido Barsabás, e ao Silas, varões principais entre os irmãos;

23 e escrever por conduto deles: Os apóstolos e os anciões e os irmãos, aos irmãos de entre quão gentis estão na Antioquía, em Síria e em Cilícia, saúde.

24 Por quanto ouvimos que alguns que saíram que nós, aos quais

não demos ordem, eles inquietaram com palavras, perturbando suas almas, mandando circuncidasse e guardar a lei,

25 nos pareceu bem, tendo chegado a um acordo, escolher varões e enviá-los a vós com nossos amado Bernabé e Pablo,

26 homens que têm exposto sua vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

27 Assim enviamos ao Judas e ao Silas, os quais também de palavra lhes farão saber o mesmo.

28 Porque pareceu bem ao Espírito Santo, e a nós, não lhes impor nenhuma carga mais que estas coisas necessárias:

29 que lhes abstenham do sacrificado a ídolos, de sangue, de afogado e de fornicação; das quais coisas se lhes guardassem, bem farão. Passem bem.

30 Assim, pois, os que foram enviados descenderam a Antioquía, e reunindo a a congregação, entregaram a carta;

31 tendo lido a qual, regozijaram-se pela consolação.

32 E Judas e Silas, como eles também eram profetas, consolaram e confirmaram aos irmãos com abundância de palavras.

33 E passando algum tempo ali, foram despedidos em paz pelos irmãos, para voltar para aqueles que os tinham enviado.

34 Mas ao Silas pareceu bem o ficar ali.

35 E Pablo e Bernabé continuaram na Antioquía, ensinando a palavra do Senhor e anunciando o evangelho com outros muitos.

36 depois de alguns dias, Pablo disse ao Bernabé: Voltemos a visitar os irmãos em todas as cidades em que anunciamos a palavra do Senhor, para ver como estão.

37 E Bernabé queria que levassem consigo ao Juan, que tinha por apelido Marcos;

38 mas ao Pablo não parecia bem levar consigo ao que se apartou de eles desde a Panfilia, e não tinha ido com eles à obra.

39 E houve tal desacordo entre eles, que se separaram um do outro; Bernabé, tomando ao Marcos, navegou ao Chipre,

40 e Pablo, escolhendo ao Silas, saiu encomendado pelos irmãos à graça do Senhor,

41 e passou por Síria e Cilícia, confirmando às Iglesias.

1.

Alguns.

Não se nomeia aos agentes da dissensão. Possivelmente fossem fariseus convertidos ao cristianismo (cf. vers. 5).

Da Judea.

Estes novos professores tinham vindo a Antioquía desde a Judea, o centro da autoridade apostólica; mas parece que sem a autorização de ensinar o que apresentavam.

Ensinavam aos irmãos.

A igreja da Antioquía era um conjunto cosmopolita, composto de judeus, partidários gentis e membros convertidos diretamente do paganismo (cf. com. cap. 11: 19-20). Além disso, Pablo e Bernabé, principais evangelistas para os gentis, eram importantes ali e tinham sido comissionados por essa igreja. Por estas razões, e posto que a igreja de

O CONCÍLIO DE Jerusalém

303 Antioquía era a mais próxima a Judea que tinha um grande número de gentis, era natural que se levantasse ali a pergunta quanto a como devia tratar-se a os gentis.

Se não lhes circuncidarem.

Ver com. cap. 7: 8. Esta exigência prova o que não se diz claramente em nenhum outra passagem do NT: que Pablo e Bernabé não tinham exigido que seus conversos gentis se circuncidassem. Aqui se inicia o relato da primeira controvérsia importante na igreja cristã, luta que de seguro aumentaria à medida que o cristianismo se estendesse além das fronteiras de Palestina. Os primeiros conversos ao cristianismo foram judeus, quem retiveram muito das práticas e dos prejuízos da religião na qual formaram-se. portanto, incomodou-lhes ver que os gentis entrassem em a igreja cristã antes de haver-se feito plenamente partidários do judaísmo. Era de haver-se esperado que com a conversão do Cornelio, ou até a do etíope, ou a dos samaritanos, tivesse ficado resolvido o problema. Quem agora apresentaram objeções bem puderam ter estado dispostos a aceitar a Cornelio e sua casa na igreja; mas possivelmente argumentavam que no caso do Cornelio o Espírito Santo tinha feito uma exceção, e que a lei da circuncisão ainda estava em vigência. portanto, afirmavam que os que entravam na igreja por meio do batismo e mediante a clara condução do Espírito Santo, deviam ser agora circuncidados.

É possível que estes agitadores tivessem chegado a Antioquía afirmando que falavam em nome do Jacobo, quem presidia a igreja de Jerusalém. Mas Jacobo definidamente negou lhes haver autorizado para que fizessem isso (vers. 24). Entretanto, posto que em sua vida pessoal Jacobo parece ter seguido com perseverança o ritual e os costumes judias (cf. Gál. 2: 12), puderam haver sentido que se justificava o identificar ao Jacobo com o ensino deles. Afirmavam que a circuncisão era parte da lei, e que se não se cumpria com ela se quebrantava toda a lei. Não estavam nem preparados nem dispostos a reconhecer a verdadeira relação entre Cristo e a lei. Os judaizantes destacaram na Antioquía um tema que continuou sendo motivo de dissensão durante todo o ministério do Pablo, e deixou seu rastro em muitos dos escritos do NT e até na literatura cristã posterior aos apóstolos.

Poderia perguntar-se por que Cristo não se antecipou a dar a solução a problemas tais como este enquanto esteve na terra. Não falou da circuncisão em forma específica, mas recalcou que a verdadeira religião era a da alma e não a de ritos externos. Cristo pôs um fundamento amplo e enunciou princípios antes que dogmas detalhados. A igreja seria guiada passo a passo a toda verdade

pelo Espírito Santo (Juan 16: 13). Isto não significava que a igreja devia desenvolver uma tradição que se convertesse em autoridade; mas sim que devia descobrir e conhecer nova luz. O cristianismo teve que resolver muitos problemas devido às novas realidades que se apresentam; mas isto não devia fazer-se trocando os ensinos e os exemplos das Escrituras (ROM. 15: 4). A nova luz, junto com a solução de problemas imprevisíveis, resultaria do estudo cada vez major das verdades das Escrituras e da aplicação de os princípios bíblicos à obra da igreja.

Rito do Moisés.

A circuncisão foi dada ao Abraão Por Deus (Gén. 17: 10-13), e foi confirmada ao Moisés (Lev. 12: 3; cf. Juan 7: 22).

Não podem ser salvos.

Este era o ponto central do problema. Dificilmente se podia exigir aos gentis que se circuncidassem argumentando que era um costume antigo, nem porque fosse uma condição para que entrassem na igreja. Os judaizantes apresentavam a circuncisão como algo necessário para a salvação. Sem embargo, Deus "tinha aberto a porta da fé aos gentis" (cap. 14: 27), abertura que provava que já não se precisavam praticar os ritos cerimoniosos.

2.

Pablo e Bernabé.

Os apóstolos se encontravam no centro da luta, porque as exigências dos judaizantes condenavam diretamente o trabalho que estes dois missionários tinham feito em Cilícia, na Antioquía, e em sua primeira viagem missionário. Não podiam a não ser interpretar que essa obra era o triunfo da graça de Deus. Tinham proclamado a salvação por meio, da fé em Cristo. Agora não podiam permanecer calados quando ouviam que dizia a seus conversos que não bastava aceitar a graça de Deus por meio da fé, mas sim deviam praticar-se ritos externos para obter a salvação.

Discussão.

Gr. stásis, "discórdia", "desunião", "luta"; "rebelião", "levantamento" Mar. 15: 7: "revolta"; Luc. 23: 19: 304 "rebelião"). Aqui descreve uma acalorada disputa.

Luta.

Gr. z't'sis , "o que se busca", "o que se pergunta", quer dizer, um debate.

dispôs-se.

Gr. tássÇ, "dispor", "decidir", "ordenar" (ver com. cap. 13: 48).

Pablo e Bernabé.

Não poderiam haver-se eleito melhores representantes da causa da liberdade em o Evangelho, que estes dois que já tinham trabalhado com tanto êxito entre os gentis.

A Jerusalém.

Quanto ao problema da identificação deste viaje a Jerusalém com o que registra-se no Gál. 2, ver a primeira Nota Adicional ao final deste capítulo.

Alguns outros.

Não se dão os nomes. Possivelmente fossem alguns dos profetas da Antioquía (cap. 13: l), ou alguns dos varões do Chipre e do Cirene (cap. 11: 20) que tinham especial interesse nos gentis. Tito também foi, possivelmente como um notável exemplo do tipo de obra que o Espírito Santo tinha capacitado ao Pablo e ao Bernabé para que fizessem (Gál. 2: 1).

Os apóstolos e os anciões.

Pedro, Juan e Jacobo, irmão do Senhor, estavam em Jerusalém (Gál. 2: 9; cf. cap. 1: 19). Eles, junto com os anciões (ver com. Hech. 11: 30) e possivelmente outros apóstolos cujos nomes não se especificam, aparecem como dirigentes da jovem igreja. A igreja primitiva confiou o irritante assunto da circuncisão a um concílio de apóstolos e anciões em Jerusalém, o qual foi um precedente muito importante para a organização da igreja. Esta resolução contradiz abertamente a teoria de que a decisão final em assuntos eclesiásticos deve fazê-la uma só pessoa em forma autocrática, e também ilustra a necessidade de procurar conselho e autoridade em um nível mais amplo que o de uma congregação local, quando se tratam assuntos que afetam a toda a igreja. Era lógico que os apóstolos e os dirigentes da primeira congregação de Jerusalém constituíram esse tribunal de apelações nos tempos do NT; mas ao mesmo tempo, como se verá posteriormente (cap. 15: 22, 25), a decisão final se apoiou no acordo de todos os pressente, entre os quais estavam os que tinham vindo da Antioquía, e não unicamente na decisão dos anciões de Jerusalém. Quando Pablo e Bernabé e toda a igreja da Antioquía levaram seu problema a Jerusalém, demonstraram sua confiança na condução do Espírito Santo por meio dos dirigentes de Jerusalém. Por isso Pablo declarou que tinha ido a Jerusalém "segundo uma revelação" (Gál. 2: 2; ver Hap 79).

3.

Tendo sido encaminhados.

No livro de Feitos se registra repetidas vezes este costume (cap. 20: 38; 21: 16). Os judeus consideravam que era uma demonstração de hospitalidade acompanhar a um hóspede que se ia, especialmente se era um professor. Abraão acompanhou aos anjos quando empreenderam seu caminho para a Sodoma (Gén. 18: 16). Uma antiga tradição judia afirma: "Um professor [acompanha] a seus alunos até os subúrbios de uma cidade; um colega [acompanha a outro] até o limite sabático; um aluno [acompanha] a seu professor uma distância ilimitada" (Talmud Sotah 46b). Uma declaração atribuída ao Rabino Meir (C. 150 d. C.), diz: "O que não acompanha a outros nem permite ser acompanhado, é como o que derrama sangue" (Ibíd.).

Fenícia.

O caminho que seguiram os apóstolos da Antioquía a Jerusalém ia pela costa, passando pelo Sidón, Tiro e provavelmente pela Cesarea, e depois por Samaria. Em sua rota encontraram "irmãos", o que dá a entender que havia congregações estabelecidas. Algumas delas sem dúvida tinham sido estabelecidas pelo Felipe. Quanto à origem de outras congregações nada se sabe, exceto esta breve alusão, o qual faz supor que uma grande parte da história primitiva da igreja cristã nunca foi registrada.

Conversão dos gentis.

Este era certamente o tema dominante do Pablo. Estas conversões sem dúvida descreveu-as em numerosas ocasiões com abundância de detalhes, destacando, como o tinha feito Pedro ao narrar a conversão do Cornelio, que o Espírito tinha posto o selo de sua aprovação sobre a aceitação dos incircuncisos.

Causavam grande gozo.

A forma do verbo sugere que à medida que Pablo e Bernabé foram para Jerusalém, a notícia da conversão dos gentis era recebida continuamente com gozo. Esta atitude das Iglesias de Fenícia e Samaria contrasta agudamente com a estreiteza e a amargura dos fariseus da igreja de Jerusalém (vers. 5), e da partida judaizante que tentava falar em nome dessa igreja.

Todos os irmãos.

Cf. cap. 11: 2-4, 18. A igreja se alegrava pelas boas novas que traziam Pablo e Bernabé. Os que insistiam 305 em que os gentis deviam circuncidar-se eram só um grupo dos judeus cristãos, descritos como "alguns da seita dos fariseus, que tinham acreditado" (cap. 15: 5). Os fariseus apoiavam decididamente a lei ritual. Foram recebidos pela igreja. Quando os apóstolos chegaram a Jerusalém receberam uma cordial bem-vinda de parte da igreja em geral. O grupo da oposição se fez ouvir depois que os apóstolos apresentaram em público o êxito alcançado entre os gentis.

Os apóstolos.

Ver com. cap. 1: 2.

Referiram.

Se se comparar este versículo com o 6, parece entender-se que se efetuou uma reunião preliminar na qual Pablo e Bernabé relataram seus trabalhos missionários. Esta reunião possivelmente foi a que se levou a cabo em privado com "os que tinham certa reputação", aos quais Pablo mais tarde alude (Gál. 2: 2). Teve que gastar-se algumas horas contando os fatos e os sofrimentos, as sinais e as maravilhas, assim como a pureza e o amor dos conversos gentis. Essa apresentação foi a melhor introdução possível ao tema que mais tarde foi discutido e decidido no concílio.

5.

Seita.

Gr. háiresis (ver com. cap. 5: 17). Alguns dos fariseus se feito cristãos. Aceitaram ao Jesus como professor enviado de Deus (Juan 3: 2), e como Mesías; aceitaram o Evangelho, e sabiam que a salvação era por meio de Cristo; entretanto, não queriam admitir que já não eram necessários os ritos judeus aos quais tinham estado acostumados. Consideravam, além disso, que a igreja cristã era principalmente para os judeus, e que só podiam aceitar-se a aqueles gentis que estivessem dispostos a observar os ritos judeus, sobre tudo a circuncisão (HAp 153-163). Estes foram os que se opuseram ao que tinham feito Pablo e Bernabé. É possível que ficasse a Tito como exemplo da situação geral (Gál. 2: 3): um gentil convertido que

não tinha cheio os requisitos de um partidário. A participação do Tito em esta controvérsia o preparou para lutar mais tarde contra a insistência dos judaizantes, de que deviam praticar-se formas religiosas já em desuso (cf. Tito 1: 10, 14-15).

levantaram-se.

Estes fariseus que "levantaram-se" possivelmente fizeram necessário que se convocasse um concílio mais organizado.

A lei do Moisés.

Ver com. cap. 6: 13. A circuncisão não era o único requisito que os judaizantes propunham como necessário para os cristãos; era só sua cunha de entrada. Desejavam impor a observância de toda a lei ritual. Os apóstolos e os anciões. Ver com. vers. 2; cap. 11: 30. Por isso diz o cap. 15:23, vê-se que além dos dirigentes da igreja, os "irmãos", quer dizer os laicos, participaram de alguma medida no concílio.

7.

Discussão.

Gr. z't'sis (ver. com. vers. 2). As características humanas que se observam ao tratar um assunto tão crucial como o que se decidiu nesta ocasião, demonstra categoricamente que o Espírito de Deus guia e atua através dos seres humanos, e cumpre sua vontade apesar das fraquezas e os desacordos das pessoas.

Pedro se levantou.

Pedro ocupava uma posição de autoridade, mas não de primazia. Não presidiu este concílio, e embora seu discurso deu a nota chave para a última decisão, não propôs a resolução final. O fato de que tivesse sido o instrumento na conversão do Cornelio, um romano, possivelmente o primeiro gentil que se fez cristão, e de que essa conversão tinha sido passada pela igreja (cap. 11: 1-18), colocava-o em uma situação especialmente favorável para aconselhar que aceitasse-se nesta ocasião a outros gentis.

Varões irmãos.

Ver com. cap. 1: 16; 2: 37; 13: 15.

Já faz algum tempo.

"Desde dias antigos". Pedro alude à conversão do Cornelio (cap. 10), ocorrida possivelmente uma década antes. Muito do que se relacionava com o problema do momento tinha ocorrido desde aquela conversão.

Por minha boca.

Pedro não estava exigindo que lhe desse proeminência. Simplesmente disse que Deus tinha falado por meio dele.

8.

Conhece os corações.

Esta expressão só aparece aqui e no Hech. 1: 24. Deus tinha atuado colocando aos incircuncisos no mesmo nível dos circuncidados, e a igreja só podia proceder da mesma forma.

O Espírito Santo.

Ver com. cap. 10: 44.

9.

Nenhuma diferença.

"Não fez distinção" (BJ). Deus tinha dado aos novos conversos gentis, sem que fossem circuncidados, o mesmo derramamento do Espírito, como o havia feito pela primeira vez no Pentecostés, sem fazer distinção entre judeus e gentis. Isto evidentemente representava a aceitação completa dos gentis dentro da igreja. Ver em ROM. 10: 12 a declaração 306 posterior do Pablo quanto ao mesmo princípio.

Desencardindo pela fé seus corações.

Cornelio e sua família não tinham necessitado desencardir-se mediante a observância das cerimônias judias. Deus lhes tinha desencardido o coração por meio da fé. Segundo os fariseus, a purificação se obtinha mediante a observância de ritos e cerimônias, e como os gentis não cumpriam com essas leis, aqueles consideravam-nos impuros. Mas Deus sempre tinha tido outro sistema para desencardir (cf. Sal. 5l) o coração manchado de pecado: o arrependimento e a fé no sacrifício do Jesus. Pedro tinha aprendido que o homem não pode considerar imundo o que Deus desencardiu (Hech. 10: 28). O NT ensina que a verdadeira pureza depende do que há dentro e não do externo (Tito 1: 15; Mat. 23: 25-28).

10.

por que tentam a Deus?

Quer dizer, por que tinham que pedir sinais a Deus, quando ele já havia manifestado sua vontade aceitando aos gentis? Era acaso mais capitalista a vontade do homem para opor-se que a vontade de Deus? Os judeus haviam tentado a Deus no deserto (Heb. 3: 9) quando, apesar das maravilhas que fazia em seu favor, murmuraram contra quão dirigentes ele lhes havia dado. Tinham tentado a Cristo (1 Cor. 10: 9), e sua desobediência lhes havia gasto o castigo das serpentes venenosas. Ananías e Safira tinham tentado ao Espírito de Deus quando tentaram enganar à igreja com suas oferendas (Hech. 5: 9). Pedro advertiu a seus ouvintes que não tentassem outra vez a Deus em este assunto da admissão dos gentis na igreja.

Um jugo.

O jugo do qual fala Pedro é a lei cerimoniosa (ver HAp 158), mais seus elaborações tradicionais, por meio das quais os judeus se esforçavam por ganhar a salvação. Pablo não poderia ter pronunciado palavras mais duras que estas, palavras que recordavam o que Jesus havia dito a respeito das tradições dos fariseus: "cargas pesadas e difíceis de levar" (Mat. 23: 4), em contraste com seu jugo e sua carga: "fácil" e "ligeira" (cap. do Pablo aos gálatas de que não se deixassem sujeitar dê novo pelo "jugo de escravidão" (Gál. 8: 1).

pudemos levar.

Deus não tinha tido originalmente a intenção de que os requisitos da lei do Moisés fossem pesados. converteram-se em um jugo insuportável porque os judeus perderam de vista seu verdadeiro significado e os transformaram em uma rotina cerimoniosa por meio da qual tentavam ganhar a salvação. Além disso, os rabinos tinham procurado levantar uma parede ao redor da lei para defender seus preceitos, acrescentando suas exigências para impedir que pudessem quebrantá-los mandamentos. como resultado disto, a observância cerimonioso feijão se converteu em uma carga opressiva.

11.

A graça do Senhor Jesus.

Pedro afirmou que a salvação não se obtinha por meio da conformidade com a lei, mas sim pela graça do Senhor; e com esta afirmação concluiu seu discurso.

Seremos salvos

A salvação que Deus promete é por meio da graça (ROM. 3: 21-26; 5: 1-2; 11: 5-6; F. 2: 5, 8). As obras aparecem como resultado da recepção do dom da salvação mediante a graça (ROM. 8: 4; F. 2: 9-10; Fil. 2: 12-13).

12.

A multidão.

Quer dizer, o grupo reunido (ver com. vers. 6).

Calou.

Em resposta ao testemunho convincente do Pedro, não se ouviram vozes de dissensão. A oposição foi sossegada, embora todos não ficaram convencidos. Quando se converteu Cornelio, os prejuízos do Pedro tinham sido eliminados; agora seu testemunho devia ajudar a outros a vencer os seus.

Ouviram.

Parece que até este momento Pablo e Bernabé não tinham falado à congregação; mas o discurso do Pedro tinha preparado aos ouvintes para escutar a narração dos notáveis acontecimentos da primeira viagem missionário deles. Então os dois missionários repetiram em público o que já lhe haviam dito aos apóstolos e anciões (vers. 4).

Sinais e maravilhas.

Ver T. V, P. 198. Em vista das dúvidas de alguns dos pressente, é provável que Bernabé e Pablo destacassem o aspecto milagroso de sua obra, como testemunho de que Deus tinha aceito seus resultados. Seu relatório mostrou que se tinham obrado milagres tanto entre os gentis como entre os judeus.

13.

Jacobo.

É provável que este fora irmano do Senhor e dirigente da igreja de

Jerusalém. Ver com. cap. 12: 17.

Varões irmãos.

Ver com. cap. 1: 16; 2: 37; 13: 15.

me ouçam.

O resumo do Jacobo passa por 307 alto a "muita discussão" (vers. 7). A percepção do Pedro (vers. 7-11) concordava com a profecia do AT, e Jacobo apoiou sua decisão neste fato.

14.

Simón.

Era natural que Jacobo, como galileo que era, usasse o nome hebreu ou aramaico do Pedro. Em 2 Ped. 1: 1 o apóstolo se denomina Simón Pedro, usando seus dois nomes.

Como Deus visitou pela primeira vez.

O que Pedro narrasse apoiava a aceitação do primeiro gentil na igreja. O verbo que se traduz como "visitou" é episképtomai, "visitar", "atender", quase sempre com a idéia de fazer algo para bem de outro (cf. Luc. 1: 68; 7: 16; Heb. 2: 6).

Povo.

Os judeus acreditavam que só eles eram o povo de Deus, e que todos outros estavam fora do círculo do amor de Deus. Mas Jacobo proclamou que Deus também estava aceitando como seu a um povo procedente das nações pagãs. Pablo reconheceu este mesmo feito (ROM. 9: 26). Como os cristãos já não deviam considerar que o povo escolhido era unicamente o povo judeu, tinham caducado os requisitos cerimoniosos que tinham distinto aos judeus dos gentis.

15.

Com isto concordam.

Quer dizer, os profetas do AT estavam de acordo com o que Deus tinha feito. Eles tinham previsto a conversão de quão gentis estava ocorrendo agora.

Como está escrito.

A entrevista dos vers. 1617 é do Amós 9: 11-12, segundo a LXX. Pressente-os, que conheciam bem as Escrituras do AT, poderiam recordar outras profecias similares, como o fez Pablo em ROM. 15: 9-12. O fato de que a entrevista de Jacobo seja da LXX e que o texto desta passagem quadre melhor com o argumento do Jacobo que as palavras do texto masorético, suscitou a pergunta quanto a se o concílio deliberou em grego. Em favor desta possibilidade está o fato de que muitos judeus, inclusive os que viviam em Palestina, eram bilíngües, e que a questão que se estava tratando era de interesse para os cristãos de fala grega. Havia pressente cristãos de Antioquía (Hech. 15: 2), que não necessariamente sabiam aramaico. Tito, um gentil incircunciso, também estava ali (Gál. 2: 3), e provavelmente não entendia

aramaico. Em benefício destas pessoas teria sido apropriado falar em grego.

Entretanto, há boas razões para supor que Jacobo apresentou seu discurso em aramaico, e provavelmente citou a passagem do AT em hebreu, muito similar ao aramaico. No NT e na literatura cristã primitiva, Jacobo aparece como dirigente dos cristãos de origem judia. O que se estava tratando era essencialmente um problema judeu que tinha sido apresentado pelos mais judeus dos judeus cristãos: os fariseus. portanto, seria razoável esperar que um debate entre os apóstolos de Jerusalém se feito em aramaico. Isto não significa, entretanto, que Lucas não atuou bem ao citar a LXX, a versão de a Bíblia conhecida por seus leitores gregos. Amós 9: 11-12 em hebreu, depende aparece no texto masorético, não seria inapropriado para seu argumento. Desde não haver-se valido do texto masorético, pôde ter usado um texto hebreu mais parecido a LXX que o masorético. Os achados do Qumrán mostraram que tais textos existiam, pelo menos para certas partes do AT (ver T. V, P. 94).

16.

Voltarei.

Esta frase não concorda com o Amós 9: 11, nem no texto hebreu nem na LXX; mas sim corresponde com uma expressão hebréia muito usada para dizer "farei algo outra vez" (cf. Anexo 9: 11; Ouse. 2: 9; 11: 9). Este hebraísmo poderia ser uma indicação de que Jacobo citou o AT em hebreu.

Tabernáculo.

Gr. sk'n', "loja", palavra que representa a palavra hebréia sukkah, a "ramagem" que se construía para a celebração da festa dos tabernáculos quando os hebreus viviam durante uma semana em umas ramagens frágeis e temporários.

17.

O resto dos homens. Assim traduz a LXX; o texto masorético diz "resto do Edom" (she´erith 'edom). Deve destacar-se que a frase hebréia correspondente a "resto dos homens" seria she`erith 'adam, que as consonantes são as mesmas nas duas frases e que as vocais hebréias não se escreviam em tempos do AT. supõe-se que os tradutores da LXX leram 'dm como "homens" e não como "Edom". O argumento do Jacobo se apóia melhor em a tradução grega. "O resto dos homens", quer dizer, os gentis, deviam procurar o Senhor e sobre eles seria invocado seu nome, Jacobo reconheceu que esta profecia era uma predição da conversão dos gentis, e pelo tanto tinha que ver com o que se estava debatendo nesse momento.

Procure o Senhor.

A diferença que existe 308 na passagem do Amós 9: 12 entre o texto masorético e a LXX, vê-se claramente na diferença que há na RVR entre Amós 9: 12 e Hech. 15: 17-18 P. P. No Amós 9: 12 se descreve a restauração do povo do Israel (mediante a figura do tabernáculo) como possuidor do resto do Edom e de todas as nações. Mas tal como Jacobo emprega esta profecia, é uma declaração da intenção de Deus de que os gentis o procurem. Jacobo explica que quando os gentis procurem o Senhor, reparará-se tanto a casa do David como a de toda a humanidade.

Sobre os quais é invocado meu nome.

Esta expressão é semítica, e pode interpretar-se como "os que são chamados por meu nome". Aparece no Deut. 28: 10, em hebreu, e no Sant. 2: 7, em grego.

18.

Que faz conhecer.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo texto: "Diz o Senhor que faz estas coisas conhecidas do século". A entrevista do Amós 9: 12 termina com a frase "diz o Senhor que faz estas coisas". A última parte da oração parece ter sido acrescentada pelo Jacobo. Pode interpretar-se em duas formas, sem violentar o texto grego: (1) "Diz o Senhor que faz estas coisas, que são conhecidas a muito tempo", ou, (2) "Diz o Senhor que faz que estas coisas sejam conhecidas a muito tempo". Qualquer das duas interpretações indica que a salvação dos gentis não era uma novidade no plano de Deus (ver T. IV, pp. 29-32).

Os judeus estavam assombrados de que Deus aceitasse aos gentis; mas ele tinha revelado isto por meio de seus profetas. Agora levava a cabo o que tinha decidido desde o começo (F. 3: 2-12).

19.

Eu julgo.

"Opino eu" (BJ). As palavras do Jacobo significam que falava com autoridade. Entretanto, o que segue não foi não decreto, porque sua promulgação final dependeu da autoridade dos apóstolos e os anciões (cap. 16: 4).

Não se inquiete.

Gr. parenojléÇ "afligir", "inquietar", "turvar"; "incomodar" (BJ), pondo obstáculos no caminho de outro. Este verbo só aparece aqui no NT.

Que se convertem.

A obra da conversão continuava entre os gentis nesse movimento. O verbo Gr. epistréfo, que se emprega nesta passagem, aparece várias vezes em Feitos para referir-se à conversão (ver com. cap. 3: 19). O relatório de Pablo e Bernabé, e possivelmente a presença do Tito, cristão de origem gentil, demonstrava que os gentis realmente se estavam convertendo a Deus e que o Senhor os estava aceitando (cf. Gál. 2: 1; primeira Nota Adicional ao final de este capítulo). Esta fixe a razão básica para que o concílio tomasse tal decisão. Os gentis se estavam convertendo; Deus os estava aceitando. Como podia a igreja rechaçá-los?

Muitos cristãos de origem judia ainda não compreendiam claramente que as leis cerimoniais que assinalavam a Cristo se cumpriram nele, e que os símbolos étnicos que caracterizavam aos judeus (tais como a circuncisão) também tinham perdido seu valor. Durante décadas muitos cristãos de origem judeu seguiram praticando os rituais do templo, e até Pablo se uniu com eles quando foi a Jerusalém (Hech. 20: 16; 21: 18-26, cf. cap. 18: 19). Mas com o correr do tempo, e em boa medida graças aos escritos do Pablo, ficou claro que os sacrifícios já não eram necessários, pois tinham servido para prefigurar a Cristo, quem já tinha sido sacrificado como cordeiro pascal (1 Cor. 5: 7) de uma vez por todas (Heb. 9: 12, 28). Além disso os irmãos foram

entendendo que a circuncisão, como sinal de que a pessoa era membro do povo especial de Deus, tinha deixado de ter significado, pois em Cristo todos, inclusive os gentis convertidos, podiam ser agora membros da "nação Santa" (1 Ped. 2: 9), e já não havia mais diferencia entre gentil e judeu (ROM. 10: 11-12; Couve. 3: 10-11). Pablo compreendia claramente que o espírito de legalismo, que em grande medida dependia desses ritos, converteu-se em uma barreira entre judeus e gentis, o que não devia existir entre aqueles que eram um em Cristo Jesus (F. 2: 13-16).

20.

Lhes escreva.

Gr. epistéllÇ, "enviar uma mensagem", "escrever uma carta" (cf. Heb. 13: 22). Os mensageiros enviados pelos apóstolos levaram consigo a decisão escrita do concílio (Hech. 15: 23).

Que se apartem.

A decisão era, em essência, prática (ver com. vers. 19). A questão de comer carnes sacrificadas aos ídolos foi considerada mais tarde em forma algo diferente (ver com. "as contaminações dos ídolos"). Nas condições existentes quando se reuniu o concílio de Jerusalém, a igreja não se animou a permitir maiores liberdades. Os gentis não podiam menos que sentir-se satisfeitos porque não lhes tinha imposto 309 nenhuma carga pesada, e os que tinham tendência ao fariseísmo não podiam negar que os gentis seriamente se tinham convertido. Os requisitos estipulados pareciam muito aceitáveis aos judeus cristãos.

As contaminações dos ídolos.

Já que o manifesto escrito oficial do concílio de Jerusalém, manda abster-se "do sacrificado a ídolos" (eidlóthuton, vers. 29), provavelmente deva entender-se que "contaminações dos ídolos" refere-se a mantimentos ou bebidas que se ofereceram aos deuses pagãos. Nas religiões de Roma e da Grécia era comum nos templos oferendar alimento aos deuses. Sem embargo, só se colocava uma pequena porção sobre o altar. O resto era comido por quem vivia do templo, ou era enviado ao mercado para ser vendido. Segundo os judeus ortodoxos, tais mantimentos estavam poluídos. Uma opinião atribuída ao rabino Aquiha (C. 100 d. C.) afirma: "A carne que se traz para um ídolo é permitida; mas a que se tira dali é proibida porque é como sacrifícios para os mortos" (Mishnah Abodah Zarah 2. 3). Em forma similar, outro regulamento da Mishnah (recolhida C. 200 d. C.) diz o seguinte quanto a vinho devotado a um ídolo: "O vinho da libação em qualquer quantidade é proibido, e faz que outro veio seja proibido. Se se mescla o vinho da libação com outro veio ou a água da libação com outra água em qualquer quantidade, faz que seja proibido. Mas se se mescla o vinho da libação com água, ou a água da libação com vinho, o outro se converte em proibido só se for suficiente para deixar sabor. Esta é a regra general: se se mesclar com líquido da mesma classe em qualquer quantidade, faz que o outro seja proibido. Mas se se mescla com um líquido de outra classe, faz que o outro seja proibido só se for suficiente como para deixar sabor" (Mishnah Abodah Zarah 5. 8). portanto, um judeu estrito nunca comprava carne no mercado comum, a não ser só a um açougueiro judeu. Quando viajava o fazia com seu kófinos ou cesta ao ombro; levava consigo seu comida (ver com. Mar. 6: 43).

Em vista deste intenso sentimento judeu, o concílio acreditou apropriado pedir a

os cristãos de origem gentil que se abstiveram de carnes oferecidas aos ídolos. Isto exigia uma grande abnegação. O converso deveria rechaçar convites a muitas festas, e se ia, abster-se de comer. que tivesse uma consciência meticuloso também se negaria a comer em uma casa particular, a menos que estivesse convencido de que o alimento que lhe serviam não tinha sido devotado em um templo. Esta restrição tinha além disso o valor prático de proteger aos cristãos de origem gentil contra a tentação de participar de ritos pagãos, onde era parte essencial do culto provar o alimento e o vinho dos sacrifícios. Se não se devia comer nada devotado a um ídolo, o cristão meticuloso entenderia claramente que até o ritual de provar comida e bebida no altar do imperador, era proibido. Esta situação parece ter sido especialmente problemática no período quando se escreveu o Apocalipse (ver com. Apoc. 2: 14).

Esta restrição foi objeto de certa oposição poucos anos depois do concílio de Jerusalém. Em Corinto alguns pretenderam ter o direito de comer o que parecia-lhes. Pablo concedeu que tinham o direito de comprar alimento nos mercado sem perguntar se tinha sido devotado anteriormente em um templo, posto que "um ídolo nada é" (1 Cor. 8: 4); mas apoiou a restrição devido ao amor fraternal e ao respeito pelos escrúpulos de outros (1 Cor. 8 - 10; ver com. ROM. 14).

De fornicação.

A primeira vista pode surpreender que se encontre uma regra moral entre umas restrições que parecem ser unicamente cerimoniosos. Mas o primeiro assunto que se menciona no decreto era também moral, pois se apoiava no segundo mandamento do Decálogo. Quanto à fornicação, a lei levítica em contra de toda forma de falta de castidade era muito estrita (Lev. 18; 20: 10-21). Em alguns MSS gregos não aparece esta frase; mas a evidência textual favorece (cf. P. 10) sua inclusão.

O pecado de fornicação, que implica falta de verdadeiro respeito pela pureza da mulher, era um mal tão difundido no mundo antigo que quase poderia considerar-se como uma característica da cultura grecorromana. A idolatria e a fornicação muitas vezes estavam relacionadas nos cultos pagãos. Como ocorria no caso das sacerdotisas prostitutas da Afrodita em Corinto e em Pafos, a prostituição com freqüência era parte da idolatria. O homem que tinha relações sexuais com uma das prostitutas do templo expressava assim sua veneração pela deusa que ali se adorava. Para o pagão a 310 fornicação era permitida e até natural. Por esta razão os cristãos de origem judia queriam estar seguros de que os conversos gentis haviam adotado uma vida pura (1 Cor. 6: 15; Apoc. 2: 14). portanto, no concílio de Jerusalém o cristianismo deu o primeiro passo público para manter em alto as normas morais, não só por seu ensino geral mas também mediante uma regra específica que se esperava que respeitassem os membros da igreja.

De afogado.

Esta frase não aparece em vários MSS gregos, entretanto, a evidência textual inclina-se (cf. P. 10) por sua inclusão. No AT não aparece nenhuma proibição clara de comer carnes de animais "estrangulados" (BJ); mas aqui parece estar relacionada com a proibição seguinte: abster-se "de sangue". Um animal estrangulado não podia ser sangrado em forma aceitável, e pelo tanto sua carne não era boa como alimento (Lev 17: 13-14). É possível que a declaração do Jacobo se apoiou nas restrições mosaicas assim que à carne de animais mortos em forma natural, ou mortos por algum outro animal (Lev. 17: 15; Deut. 14: 21). Essas restrições eram obedecidas pela

igreja primitiva, como se vê pelo testemunho do Tertuliano (M. C. 230 d. C.), quem escrevendo aos pagãos, afirmou: "lhes ruborize por seu vil conduta diante dos cristãos, quem nem sequer participa de sangue de animais em suas comidas de alimento singelo e natural; quem se abstém de comer o estrangulado e de animais que morrem de morte natural, sem outra razão que a de não poluir-se, nem sequer pelo sangue das vísceras" (Apologia 9). Uma antiga regra (século IV) da igreja oriental diz: "Se um bispo, ou presbítero, ou diácono, ou qualquer do clero, come carne com a sangue de sua vida, ou o que foi despedaçado por animais, ou que morre em forma natural, seja privado [de seu posto]; porque isto o proibiu a lei. Mas se for um laico, que seja suspenso"* (Cánones apostólicos 63). A antiga tradição judia declarava que quando lhe quebrava o cangote a um animal, a sangue fluía às extremidades de tal modo que não a podia tirar, nem sequer usando sal (Talmud Hullin 113a).

De sangue.

A proibição de comer sangue foi feita imediatamente depois de que se permitiu aos homens que comessem carne (Gén. 9: 4), e na lei mosaica se repete com freqüência (Lev. 3: 17; 7: 26; 17: 10; 19: 26). Nos tempos de Saúl se considerava que comer sangue era pecado contra o Senhor (1 Sam. 14: 33).

O alimento preparado com sangue era comum na mesa de romanos e gregos. Homero descreve a seguinte cena: "Dois ventres de cabras, fartos de sangue e graxa assam-se ao fogo para a comida: aquele de ambos que vença ao outro, escolherá a porção que goste" (Odisséia xVII. 44- 49). Nos sacrifícios pagãos se acostumava beber vinho misturado com sangue.

Josefo, falando do ponto de vista dos judeus do século I d. C., afirmou que "qualquer classe de sangue ele [Moisés] proibiu que se use como alimento, considerando-a como alma e espírito (Antiguidades iII. 11. 2). A atitude dos judeus para esta proibição pode ver-se por uma declaração atribuída ao rabino Simón Ben Azzai (C. 110 d. C.): "Na Torah há 365 proibições, e entre todas as leis não há nenhuma como esta... Se as Escrituras lhes admoestam assim quanto à proibição do sangue [Deut. 12: 23], em comparação com a qual não há mandamento mais fácil entre todos os mandamentos, "quanto mais se aplica isto a todo o resto dos mandamentos!" (Sifre Deuteronomio 12: 23). O fato de que se considerasse que a proibição de comer sangue fora o mais fácil de observar de todos os mandamentos, ajuda a compreender a posição dos cristãos de origem judia, de Jerusalém, no sentido de que os conversos gentis devessem atenerse a ela. Durante séculos, ao menos em certas zonas, a igreja cristã primitiva parece haver seguido esta regra (ver com. "afogado"). Ao mesmo tempo, especialmente no Ocidente, parece haver-se feito um intento de apresentar as restrições do concílio de Jerusalém só como proibições morais. Ireneo (C. 185 d. C.) entrevista esta passagem da seguinte forma: "Que lhes mande que se abstenham de as vaidades dos ídolos, e de fornicação, e de sangue; e que qualquer coisa que não querem que lhes faça , não a façam a outros" (Contra heresias iII. 12. 14). Um pouco muito similar diz o Códice de Lábia inferiora grossa do século VI. Desde este ponto de vista, "abster-se de sangue" era 311 abster-se de derramar sangue humano. Tertuliano (M. C. 230 d. C.) diz-o com claridade: "A proibição de 'sangue' devemo-la entender como proibição principalmente de sangue humano" (Sobre a modéstia 12). Ver com. Gén. 9: 4.

21.

Desde tempos antigos.

Literalmente "das gerações antigas". Conforme parece, Jacobo só podia pensar que os cristãos de origem judia reteriam tudo o que o judaísmo lhes tinha dado, e que não se separariam da sinagoga judia.

Nas sinagogas.

Com referência ao culto na sinagoga, ver T. V, pp. 57-60. Os cristãos de origem judia seguiam assistindo aos serviços na sinagoga. A relação de este versículo com o anterior pode entender-se de diversos modos. Alguns interpretam que significa que os cristãos de origem judia não tinham que temer que a liberdade concedida aos gentis afetaria sua observância das leis mosaicas posto que eles e seus filhos seguiriam recebendo a admoestação da lei cada sábado quando assistissem à sinagoga. Outros interpretam que este versículo é a base das proibições do Jacobo no sentido de que, por quanto Moisés era lido na sinagoga, os gentis deveriam pelo menos, abster-se das coisas que ele enumera. Outros sugerem que isto significa que os cristãos de origem gentil certamente não encontrariam difícil as proibições do Jacobo, pois já as conheciam por seus relacione com a sinagoga, onde se lia regularmente a lei.

22.

Pareceu bem.

Gr. dokéÇ, "parecer apropriado" ou , em um sentido oficial,

"decidiram" (BJ) ou "ordenou-se".

Toda a igreja.

Isto mostra a importância que se dava aos membros da igreja. Estiveram de acordo em enviar aos que levariam a carta. Nos séculos posteriores os laicos foram principalmente excluídos dos concílios regulares da igreja.

Com o Pablo e Bernabé.

Os mensageiros escolhidos foram enviados junto com o Pablo e Bernabé, para que a confirmação dos decretos que se adotaram pudesse ser apresentada por outros lábios que não fossem os destes dois, que estavam pessoalmente implicados na questão. Deste modo, não haveria possibilidade de que algum judaizante fanático acusasse ao Pablo e ao Bernabé de ter falsificado o documento.

Judas que tinha por apelido Barsabás.

José, "que tinha por apelido justo", também se chamava Barsabás (ver com. Hech. 1: 23). Se Barsabás se considerar como um nome de família, é possível que este Judas seja irmão daquele José. Deste José se sabe que havia estado com o Jesus; do Judas se diz que era profeta (cap. 15: 32).

Silas.

Este nome poderia ser aramaico ou possivelmente um apócope do Silvano, nome romano. Silas, como Judas, era profeta (vers. 32). Foi companheiro do Pablo em seu segunda viagem missionária (vers. 40), e é provável que seja o Silvano de 1 Lhes. 1: 1; 2 Lhes. 1: 1; 1 Ped. 5: 12.

Varões principais.

Sua posição pode haver-se devido ao feito de que eram profetas (vers. 32). Se tivessem sido seguidores do Jesus, isto também teria sido motivo para que fossem respeitados pelos irmãos.

23.

Escrever.

O que segue é sem dúvida a transcrição do documento enviado, o primeiro de uma larga série de decretos e cánones dos concílios que aparecem na história da igreja. É provável que esta carta fosse escrita em grego, pois sua forma é grega. Os gentis mais afetados pelas decisões dessa carta eram principalmente de fala grega. Foi indubitavelmente enviada à igreja da Antioquía.

Por conduto deles.

"Por seu meio" (BJ). Judas e Silas foram os portadores da carta.

os apóstolos e os anciões e os irmãos.

A evidência textual favorece (cf.'. P. 10) o texto: "os apóstolos e os anciões irmãos". Deste modo os dirigentes em Jerusalém asseguravam aos cristãos a quem escrevia que todos eram irmãos em Cristo. A BJ traduz: "Os apóstolos e os presbíteros irmãos, saúdam os irmãos vindos da gentilidad que estão na Antioquía, em Síria e em Cilícia".

Gentis.

Como se destacou no vers. 20, a carta do concílio ia dirigida aos gentis e não aos cristãos de origem judia.

Na Antioquía, em Síria e em Cilícia.

A discussão a respeito do que devia requerer-se dos gentis tinha chegado a sua culminação na Antioquía. As Iglesias das regiões circunvizinhas de Síria sem dúvida também estavam inaplicadas. A menção de Cilícia sugere a idéia de que Pablo fazia uma obra importante em sua província natal, antes de trabalhar com o Bernabé na Antioquía (cf. cap. 11: 25).

Saúde.

Gr. jáirein. Esta era uma palavra habitual 312 com a qual se iniciavam as cartas gregas. No NT só aparece esta forma verbal aqui, no Hech. 23: 26, no Sant. 1: 1 e em 2 Juan 10-11.

24.

Alguns que saíram.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pela inclusão desta frase, embora muitas versões não a têm. Por isso diz o vers. 1, deduz-se que eram da Judea. Sua falta de autoridade se destaca em agudo contraste com a autoridade que o concílio deu ao Judas e ao Silas (vers. 27).

Não demos ordem.

desmente-se categoricamente que se deu autoridade a algum judaizante. Esta passagem é importante também na avaliação das pretensões posteriores do mesmo grupo (Gál. 2: 12).

Eles inquietaram.

Gr. anaskeuázÇ, "inquietar", "transtornar". Os judaizantes tinham transtornado a fé dos conversos gentis, já que suas afirmações afetavam profundamente a base da experiência e crença do cristianismo: que a salvação não ganha mediante ritos externos nem identificando-se com um determinado grupo.

Mandando lhes circuncidar.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a omissão desta frase. Provavelmente se acrescentou mais tarde para esclarecer o que era o que pediam os que pretendiam ter autoridade de parte da igreja de Jerusalém.

25.

Pareceu-nos bem.

Gr. dokéÇ (ver com. vers. 22). "decidimos que comum acordo" (BJ).

Escolher varões.

Ou seja, Judas e Silas.

Amados.

Gr. agap'tós, adjetivo que no NT se aplica especialmente aos que estavam unidos em fé e em amor. Toda a carta honra a propósito ao Pablo e ao Bernabé, e a palavra ,"amados" esclarece o que mais tarde dissesse Pablo quanto a que os que eram "colunas" na igreja lhe tinham dado a "mão direita em sinal de companheirismos" (Gál. 2: 9). Pedro usa este mesmo adjetivo ao referir-se ao Pablo (2 Ped. 3: 15).

Bernabé e Pablo.

Provavelmente ficou em primeiro lugar o nome do Bernabé, porque antes havia sido um mensageiro especial enviado da igreja de Jerusalém a Antioquía (cap. 11: 22).

26.

Têm exposto.

Gr. paradídÇmi, "entregar"; "entregaram" (BJ). Esta passagem poderia significar que eram homens que se mostraram dispostos a entregar a vida por amor a Cristo, o que evidentemente era certo (cap. 13: 50; 14: 5, 19), ou de um modo mais geral, que eram homens que tinham entregue sua vida a a causa de Cristo.

Pelo nome.

Aqui, como antes, o "nome" se refere à dignidade messiânica e à

autoridade divina do Jesus. Os missionários tinham estado pregando que Jesus era o Cristo. Ver com. cap. 3: 16.

28.

pareceu bem.

usa-se aqui o mesmo verbo do vers. 25. Jesus tinha prometido que o Espírito de verdade guiaria a seus discípulos a toda verdade (Juan 16: 13), e Lucas muitas vezes diz que eles estavam cheios do Espírito. portanto, os membros do concílio afirmaram sem vacilação que eram guiados pelo Espírito de Deus. Com a direção do Espírito, os cristãos de origem judia estavam deixando a um lado seu velho prejuízo que lhes impedia de ter comunhão com os gentis. Quanto melhor tivesse sido que a igreja pudesse dizer honestamente que sempre era dirigida e conduzida pelo Espírito Santo.

Nenhuma carga mais.

Até os judeus sentiam a carga que lhes impunham os ritos legais (ver com. Hech. 15: 10; Apoc. 2: 24).

29.

Sacrificado-o a ídolos.

Esta maneira de expressar-se define com maior claridade a advertência do Jacobo em contra das "contaminações dos ídolos" (ver com. vers. 20).

De afogado e de fornicação.

Em alguns manuscritos falta uma frase, e em outros, a outra; entretanto, a evidencia textual favorece (cf. P. 10) a inclusão de ambas. Os problemas exegéticos e de crítica textual que apresenta este versículo são os mesmos do vers. 20. Ver com. vers. 20.

Bem farão.

Da expressão grega eu prássÇ, "ir bem a um", ou "fazer o correto". Embora o primeiro significado é mais comum, a literatura cristã a partir do século II apóia o segundo porque parece ser mais adequado neste contexto. De acordo com os papiros, eu prássÇ era uma expressão que se empregava nas epístolas do período do koiné, para manifestar um pedido com cortesia; pelo tanto, esta passagem poderia, inclusive, traduzir-se: "Das quais lhes guarde, por favor".

Passem bem.

Do verbo Gr. rÇnnumi, "ser forte", "prosperar". Era uma forma comum de concluir uma carta em grego. Esta carta segue o estilo grego tanto ao começo como ao final (ver com. vers. 23).

30.

Descenderam a Antioquía.

É natural 313 supor que os enviados pelo concílio retornaram ao norte por o caminho da Samaria e de Fenícia. Sem dúvida houve alegria entre os gentis de as congregações cristãs para ouvir a respeito das gratas notícias que

receberam.

A congregação.

Gr. pl'thos, que às vezes se traduz como "multidão"; mas em Feitos se usa repetidas vezes para referir-se à "assembléia" (BJ) dos cristãos (cap. 4: 32; 5: 14; 6: 2; 15: 12).

Entregaram a carta.

Teve que haver certo nervosismo quando, com toda solenidade, abriu-se a carta e foi lida em voz alta. Possivelmente se ouviu alguma falação em uns e aplausos por parte de outros quando se ouviu claramente que a carta não apoiava a ensino dos judaizantes, e confirmava a posição adotada pelo Pablo e Bernabé. Para os crentes gentis da Antioquía esta epístola foi uma declaração de liberdade, ganha depois de uma intensa luta.

31.

A consolação.

Bernabé, "filho de consolação" (ver com. cap. 4: 36) era um digno membro de essa embaixada. Tanto judeus como gentis sentiriam consolação; aqueles, porque agora sabiam sobre que base apoiar-se para receber aos conversos gentis como irmãos cristãos; estes, porque tinham ficado livres do jugo das cerimônias e dos ritos. Ver segunda Nota Adicional ao final do capítulo.

32.

Judas e Silas... profetas.

Ver com. cap. 13: 1. O término "profeta" se emprega aqui não necessariamente para que prediz o futuro, a não ser para o que, cheio do Espírito, é um porta-voz de Deus. portanto, Judas e Silas estavam qualificados para aconselhar e fortalecer aos discípulos. Os gentis precisavam ser exortados; esta era a obra a qual Pedro tinha sido chamado por seu Senhor (Luc. 22: 32), e agora devia realizar-se tal como Pedro o tinha aprendido em seu trato com o Cornelio.

33.

Em paz.

Tradução da despedida normal entre os hebreus. Não significa que a essas pessoas lhes permitia ir-se tranqüilamente, mas sim as acompanhariam as orações da igreja para que se fossem em paz. Cf. Mar. 5: 34.

A aqueles que os tinham enviado.

A RVA diz "aos apóstolos"; mas a evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto que aparece na RVR.

34.

Mas ao Silas.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a omissão do vers. 34. Sem embargo, posto que Pablo escolheu pouco depois ao Silas como companheiro de viagem

(vers. 40; cf. vers. 36), este deve ter permanecido na Antioquía, ou do contrário teve que ter retornado pouco tempo depois.

35.

Anunciando o evangelho.

Gr. euaggelízomai (ver com. cap. 13: 32). Para apresentar ao Jesus como o Salvador era necessário ensinar e pregar. Também devia instruir-se aos novos conversos quanto à maneira de viver para Deus. Sem dúvida isto era especialmente necessário para os gentis quem, conforme se via cada vez com maior claridade, eram agora participantes do novo pacto pelo Evangelho.

36.

depois de alguns dias.

Ver com. cap. 16: 1.

Voltemos a visitar.

Esta é uma idéia característica no Pablo. Sempre sentia "a preocupação por todas as Iglesias" (2 Cor. 11: 28), às quais constantemente recordava em oração (ROM. 1: 9; F. 1: 16; Fil. 1: 3). A julgar por sua preocupação por Timoteo, a qual se revela nas epístolas que lhe dirigiu, o apóstolo estava tão preocupado pelo crescimento espiritual dos membros das Iglesias, que eram seus filhos na fé, como pela condição geral das congregações que tinha baseado. Pablo propôs a viagem para ter uma oportunidade de visitar de novo as Iglesias fundadas em sua primeira viagem; mas viajou mais longe quando o Espírito o impulsionou a ir a Europa em resposta ao chamada macedónico (cap. 16: 8-10).

37.

Queria.

A relação familiar do Bernabé com o Juan Marcos foi, sem dúvida, o que o induziu a querer levar a jovem em outra viagem missionária, com o fim de lhe dar a oportunidade de demonstrar sua aptidão para o serviço (cf. Couve. 4: 10). Reconheceu, a não duvidá-lo, a diferença do Pablo, que havia circunstâncias que explicavam, pelo menos em parte, o fato de que Juan tivesse desertado ante uma tarefa difícil (ver com. Hech. 13: 13). Possivelmente, para o Pablo, fervoroso e valente guerreiro de Cristo, qualquer que se jogou atrás não parecia ser "apto para o reino de Deus" (Luc. 9: 62), e precisava ser disciplinado, deixado de lado -pelo menos por um tempo-, com o fim de prepará-lo para realizar outros trabalhos.

38.

apartou-se.

Ver com. cap. 13: 13. Juan Marcos tinha retornado do Perge a Jerusalém. 314

SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA DO Pablo

315

Não tinha ido.

Estas palavras sugerem que Pablo se queixava de que Marcos ao retornar a Jerusalém tinha abandonado a parte do trabalho missionário que lhe correspondia fazer.

39.

Desacordo.

Gr. paroxusmós, "irritação", "arranque de ira". "Paroxismo... exaltação extrema dos afetos e paixões" (Dicionário da língua, espanhola). A cálida e antiga amizade entre o Pablo e Bernabé, confirmada pelo apoio que este lhe emprestou ao apóstolo quando mais necessitava de um amigo (ver com. cap. 9: 27), além de seu mútuo esforço em uma grande obra e de seu êxito em assegurar uma importante decisão em Jerusalém, fez que a ruptura entre ambos fora mais dolorosa. Esta é a última vez que se menciona ao Bernabé ou ao Marcos no livro dos Fatos. Este desacordo deu como resultado que se iniciassem dois viagens missionárias, e não um sozinho. Embora os apóstolos não concordavam em quanto a quem era digno de unir-se com eles para fazer essa obra, não havia desacordo quanto a qual era a obra que demandava o Evangelho. O nome do Bernabé aparece nas epístolas paulinas em 1 Cor. 9: 6; Gál. 2: 1, 9, 13; e Couve. 4: 10. Quando escreve aos Corintios (1 Cor. 9: 6), o apóstolo afirma que Bernabé tinha dado o mesmo nobre exemplo de trabalhar com suas próprias mãos, para não ser sustenido pelas Iglesias onde pregava. Em Couve. 4: 10 vê-se que Pablo recebeu de novo ao Juan Marcos como colaborador (cf. File. 24). Pablo reconheceu que Juan Marcos lhe era "útil para o ministério" (2 Tim. 4: 11). depois de ter trabalhado Marcos com o Bernabé no Chipre, parece que retornou onde estava Pedro e esteve com este em Roma (1 Ped. 5: 13). Possivelmente foi durante essa permanência em Roma quando Marcos trabalhou de novo com o Pablo.

Navegou ao Chipre.

Bernabé era oriundo do Chipre e era natural que ele e Juan Marcos começassem ali seu trabalho.

40.

Pablo, escolhendo ao Silas.

Ver com. vers. 34. Isto mostra o interesse que tinha Silas no evangelismo entre os gentis. Sem dúvida estava tão bem preparado como Bernabé, porque tinha o dom de profecia. Desde este momento Silas podia aspirar ao título de apóstolo em seu sentido mais amplo de "missionário", pois tinha sido enviado como tal pela igreja da Antioquía.

Encomendado.

Ver com. cap. 14: 26.

41.

Passou.

O verbo aparece em singular, mas o relato indica que Silas acompanhou ao Pablo, o apóstolo mais experiente.

Síria e Cilícia.

Como Pablo não tinha visitado cilícia, sua província natal, na primeira viagem, é provável que as Iglesias que havia ali fossem fundadas por ele durante os anos que viveu no Tarso depois de sua conversão (cap. 9: 30; 11: 25). Mas os judaizantes tinham estado ativos nas duas províncias mencionadas, e a presença do Pablo com o Silas como um dos enviados do concílio, deve haver ajudado a dissipar dúvidas ou perguntas tanto dos judeus como dos gentis em as Iglesias que visitavam.

Confirmando.

Ver com. cap. 14: 22.

NOTAS ADICIONAIS DO CAPÍTULO 15

Nota 1

Um dos problemas mais difíceis de resolver no livro dos Fatos é o que se apresenta quando se comparam o registro do Lucas das visitas do Pablo a Jerusalém com o relato do apóstolo no Gál. 1 e 2. até agora Lucas há registrado três visitas (Hech. 9: 26-30; 11: 27-30; 12: 25; 15: 1-29), enquanto que Pablo só menciona dois (Gál. 1: 18-19; 2: 1-10). Destas, as visitas mencionadas no Hech. 9: 26-30 e Gál. 1: 18-19 são evidentemente a mesma. Sem embargo, surge a dúvida quanto à relação entre a segunda e a terceira visitas mencionadas em Feitos, com a segunda visita do Gálatas. Qual das visitas registradas pelo Lucas nos Fatos corresponde com a que Pablo menciona no Gálatas?

Pelo general, os eruditos têm proposto três soluções ao problema. Alguns entendem que a visita devida ao "fome", que se registra no Hech. 11: 27-30; 12: 25, é a mesma do Gál. 2: 1-10. Outros aos afirmam que a visita do Gál. 2 corresponde a do Hech. 15, durante a qual Pablo assistiu ao concílio de Jerusalém. Mas outros, que não aceitam estas explicações, consideram que a única forma de poder harmonizar os relatos do Lucas e de Pablo é reconstruir completamente o relato dos Fatos. Alguns dos que são desta opinião sugerem que a visita a Jerusalém por causa do "fome" (Hech. 11 e 12) e a viagem 316 ao concílio (Hech. 15), são uma só viagem, o qual Pablo menciona no Gálatas. Segundo esta interpretação, Lucas tirou de diferentes fontes os dois relatos dos Fatos, e embora ambas relatavam o mesma viagem, equivocadamente entendeu que eram duas visitas separadas. Outra posição, um pouco radical, é a que situa a visita do Pablo a Judea com motivo da "fome" ao final da terceira viagem missionária, antes de seu encarceramento; o qual identifica este viaje com o que se registra no Hech. 21, quando levou uma oferenda das Iglesias da Macedônia e Acaya (ROM. 15: 25-26). O profeta Agabo aparece no Hech. 21 e no Hech. 11, e em ambos os casos pronunciou uma profecia.

Ao avaliar estes pontos de vista deve dizer-se em primeiro lugar, que o terceiro tipo de solução, que requer a reconstrução completa do relato do Lucas, parece não tomar devidamente em conta o conhecimento que ele teve que ter de este período da carreira do Pablo. Uma pessoa que tivesse tanto interesse em a biografia do Pablo como o demonstrou Lucas, e que se relacionasse pessoalmente com ele, dificilmente poderia ter ignorado as relações de Pablo com a igreja de Jerusalém quanto ao problema dos gentis, até o ponto de ignorar em qual momento da obra do Pablo se celebrou o concílio de Jerusalém. Além disso, é pouco razoável pensar que Lucas tivesse confundido tanto os fatos no relato do Agabo. Do ponto de vista deste Comentário, não há razão para pensar na reconstrução completa do relato

do Lucas.

Podem apresentar-se algumas prova em favor da posição que sustenta que a visita do Pablo e Bernabé a Jerusalém para levar socorro aos irmãos (Hech. 11: 27-30; 12: 25), é a mesma que se registra no Gál. 2: 1-10:

1. Pablo afirma que foi a Jerusalém "segundo uma revelação" (Gál. 2: 2). Lucas parece sugerir um pouco parecido ao descrever a visita a Jerusalém, como resultado direto da profecia do Agabo de que haveria "uma grande fome" (Hech. 11: 28).

2. No Gál. 1 e 2 Pablo afirma que não recebeu de nenhum homem o Evangelho, nem muito menos dos judaizantes da igreja de Jerusalém, sítio só de Cristo. Logo fala de sua vida depois de sua conversão, destacando especialmente suas relações dirigentes que estavam em Jerusalém, para mostrar que sua conexão com eles tinha sido relativamente escassa e sempre em contra do espírito judaizante. Se a segunda visita a Jerusalém que Pablo menciona no Gál. 2: 1-10 é a mesma que se registra no Hech. 15, então é evidente que o apóstolo omitiu uma visita (a do Hech. 11) em seu relato de Gálatas, o que o teria feito merecedor da acusação de que a propósito tinha reduzido ao mínimo suas relações com os irmãos de Jerusalém para favorecer seu argumento. Mas é difícil pensar que Pablo fora tão ingênuo para cair nesse engano. Em troca se no Gál. 2 se refere à visita por causa do "fome", e se escrever antes do concílio de Jerusalém, como opinam muitos eruditos (ver P. 107), então registrou todas suas visitas a Jerusalém até o momento de escrever, e não lhe pode acusar de ocultar alguma evidencia para favorecer seu argumento.

3. Pablo afirma que durante os anos entre sua primeira visita a Jerusalém (Gál. 1: 18-19) e a visita que consideramos, "não era conhecido de vista às Iglesias da Judea" (cap. 1: 22). Esta afirmação dificilmente pode concordar com o fato de que tinha ido a Jerusalém a levar "socorro" aos irmãos (Hech. 11: 27-30), se esta viagem se efetuou entre as duas visitas narradas no Gál. 1 e 2.

4. No Gálatas, onde Pablo se preocupa principalmente com a relação entre os cristãos de origem gentil e o judaísmo, não menciona o acordo oficial tomado pelos dirigentes de Jerusalém quanto a este mesmo problema. Isto seria estranho, a menos que a segunda viagem que registra no Gálatas fora o de Hech. 11: 27-30 e o concílio de Jerusalém ainda não se celebrou.

5. Se a viagem do Hech. 11 corresponde com o do Gál. 2, a simulação do Pedro e Bernabé na Antioquía (Gál. 2: 11-13), teria ocorrido antes do concílio de Jerusalém e da primeira viagem missionária. Assim se entenderia melhor que se se aceita que eles cederam ante a pressão judaica depois dos episódios de Bernabé com os gentis na primeira viagem, e depois de que Pedro e Bernabé publicamente tinham tomado a iniciativa na decisão a que se chegou em Jerusalém (Hech. 15: 7-12). Se Pedro e Bernabé foram tão valentes na posição que adotaram em Jerusalém, por que tinham que simular mais tarde em Antioquía?

Argumentos como os que se acabam de apresentar induziram a muitos eruditos a 317 pensar que a visita devido ao "fome" (Hech. 11), e não a que houve por causa do concílio (Hech. 15), é a que Pablo registra no Gál. 2.

Entretanto, muitos dos comentadores mais antigos identificaram a visita do Hech. 15 com a do Gál. 2. A seguir apresentamos os argumentos que apóiam este ponto de vista:

1. No Hech. 11: 27-30 e 12: 25 não há indicação alguma de que o problema de os gentis tivesse surto durante a visita devido à "fome". Por outra parte, este problema se vê claramente no Hech. 15 e Gál. 2. Além disso, o primeiro viagem missionária (Hech. 13 e 14) proporciona um antecedente lógico para o problema apresentado no Gál. 2.

2. Tanto no Hech. 15 como no Gál. 2 o tema discutido foi suscitado por intrusos. Lucas diz que eram "alguns da seita dos fariseus" (Hech. 15: 5); mas Pablo os chama em uma forma mais dura: "falsos irmãos" (Gál. 2: 4). Não há indicação alguma de tais pessoas no relato do Hech. 11 e 12.

3. Em relação ao feito de que se se considerar que a viagem do Gál. 2 é o mesmo que o que se registra no Hech. 15, faltaria uma viagem no relato de Pablo no Gál. 1 e 2, sugeriu-se que durante a visita devido ao "fome" Pablo não se relacionou com nenhum apóstolo. Lucas só diz que Pablo e Bernabé levaram "socorro " e o entregaram aos "anciões" (Hech. 11: 30) que estavam em Jerusalém. Por isso, ao relatar seus encontros com os apóstolos, Pablo possivelmente não considerou que a visita devida à "fome" fora suficientemente importante para que a mencionasse.

4. Não há necessariamente contradição entre a afirmação do Lucas de que desde a Antioquía enviaram "socorro" a "os anciões por mão do Bernabé e de Saulo" (cap. 11: 30), e o que diz Pablo: que "não era conhecido de vista às Iglesias da Judea" (Gál 1: 22). O breve relato do Lucas só indicaria que em essa viagem nada mais se entregou aos anciões o dinheiro compilado, missão que pôde haver-se completo sem demora, e que Pablo e Bernabé retornaram imediatamente para seguir com seu urgente trabalho na Antioquía. (Com referência à identificação dos anciões, ver com. Hech. 11: 30.) De modo que Pablo poderia ter omitido no Gálatas o relato desta viagem, por não havê-lo considerado de suficiente importância para seu tema.

5. Embora seja mais fácil compreender a simulação do Bernabé e do Pedro, se se entende que ocorreu antes do concílio de Jerusalém, não é impossível entender que depois desse concílio tivessem claudicado frente à pressão judia. Pablo indica claramente que atuaram assim apesar da informação que tinham (Gál. 2: 12-13).

6. O relato do Lucas da viagem do Pablo e Bernabé com motivo do "fome", não indica que alguém tivesse acompanhado aos missionários a Jerusalém. Mas Lucas diz especificamente que quando foram a Jerusalém para assistir ao concílio foram também "alguns outros deles" (Hech. 15: 2). Isto poderia corresponder com a afirmação do Pablo de que levou ao Tito consigo na viagem a Jerusalém, registrado no Gál. 2: 1.

devido a razões como as que acabam de apresentar-se, muitos eruditos hão preferido considerar que a visita do Pablo e do Bernabé a Jerusalém registrada no Hech. 15 e a que aparece no Gál. 2, é a mesma. A cronologia provisória que segue este Comentário faz equivaler a viagem do Gál. 2 com o que se relata no Hech. 15, com motivo do concílio. de Jerusalém (ver P. 103).

Nota 2

É difícil dar muita importância às decisões do concílio de Jerusalém. Ali se redigiram quatro proibições específicas mas a disposição geral de não impor "nenhuma carga mais", era a vital. Por decreto oficial da igreja, declarou-se que os gentis estavam livres da obrigação de cumprir os ritos judeus. Esta foi uma proclama de emancipação.

O ingresso na igreja do etíope, dos samaritanos, do Cornelio e sua casa, e, sobre tudo, dos gregos completamente pagãos da Antioquía, foi significativo e teve um efeito que se deixou sentir mais e mais sobre o pensamento do elemento judeu da igreja. Mas em Jerusalém a igreja se reuniu em concílio e chegou a um acordo definitivo. A circuncisão, o oferecimento de sacrifícios, os lavamientos e todo o ritual que eram parte de a religião judia -ou que tinham introduzido por tradição na prática dessa religião-, não deviam exigir-se de quão gentis fossem recebidos na igreja cristã mediante o batismo.

Em vista da importância desta decisão, 318 o fato de que se especificassem certas proibições que se esperava que regessem para os gentis, era possivelmente menos importante; mas, contudo, necessário para completar o quadro doutrinal. O ponto essencial da decisão estava na declaração general quanto ao que não devia exigir-se aos gentis. junto com esta declaração aparecia uma afirmação breve do que realmente devia esperar-se. Os pontos escolhidos evidentemente faziam destacar as coisas nas quais um gentil podia errar, ou em relação com as quais podia ser indiferente.

A vacilação do Pedro na Antioquía (Gál. 2: 11-14), a tenaz oposição dos endurecidos judaizantes da Galacia (cap. 3: 1-2), e mais tarde a aparição de as seitas judaizantes dos nazarenos e dos ebionitas (ver pp. 54-56), tudo em conjunto mostra quão essencial era que a igreja chegasse a uma decisão clara quanto ao assunto dos judaizantes, pois de não ser assim, teria que haver-se preocupado por antigas formas e cerimônias -honrosas mas simbólicas- que tinham caducado com a chegada do bendito Antitipo (ou "realidade simbolizada"), que já tinha completo com sua obra. A igreja haveria sentido sempre a atração de Jerusalém como seu centro, até depois de que esta cidade fora destruída. Pior ainda: teria sido uma igreja de uma nação, de uma raça judia em essência. Sem dúvida, teria se feito sentir cada vez em forma crescente que os gentis eram admitidos, não pela graça de Deus, a não ser pela condescendência dos da raça escolhida. Tal egocentrismo, tal complexo racial e centralização teriam tido um efeito daninho e finalmente fatal para a vida, o programa e o progresso da igreja.

Tal situação teria feito que a igreja se visse obrigada a caracterizar-se por formas externas e ritos. Mas a verdadeira natureza do cristianismo não encontra-se nas formas e as cerimônias. O gênio do cristianismo é seu espiritualidade, sua adoração a Deus em espírito e na verdade. A intenção de Deus era que o cristianismo ficasse livre das antigas formas, ritos e cerimônias. Se se tivesse aplicado na evolução posterior da igreja o significado pleno da decisão do concílio de Jerusalém, teria se evitado uma grande quantidade de engano e também a apostasia.

Poderia perguntar-se por que o concílio de Jerusalém não é edifício que os Dez Mandamentos seguiam vigentes. Deve responder-se que o concílio não estava discutindo a vigência do Decálogo. Adorar a Deus, guardar na sábado, honrar aos pais, permitir que nossos próximos vivam e desfrutem da vida, ser honrados e viver contentes, era uma parte tão vital da moralidade básica do cristianismo, que pelo mesmo nem se mencionaram. Mais ainda: estes pontos não eram os que se estavam debatendo neste concílio. Já se destacou que as proibições tinham que ver com assuntos nos quais os gentis já convertidos deviam cuidar-se, para não cair em pecados indecorosos ou práticas que pudessem causar discórdia na igreja. Comer sangue ou carne da qual não se tivesse eliminado bem o sangue, participar da idolatria e a fornicação eram práticas comuns entre os gentis, quem nem sequer pensavam que pudessem ser daninhas para o corpo, o espírito, ou ambos. Pelo tanto, estas eram as coisas contra as quais se devia advertir aos gentis,

e das quais deviam abster-se.

Quanto aos acordos do concílio, é natural perguntar-se como os considerou a igreja em tempos posteriores. Foi um convênio entre gentis e judeus na igreja, e, portanto, foi em certo modo um acerto ou solução de compromisso, ou ao menos uma base para que pudessem conviver ambos os grupos (ver com. vers. 19). Ainda não tinha chegado o momento de proclamar o pleno significado do ensino do Pablo (Gál. 2: 2), quem tinha aceito a decisão do concílio como um acerto satisfatório do problema, e nunca mais fez referência ao que se decretou. Mesmo que se ocupou de um dos principais pontos tratados -o problema da comida oferecida a ídolos (1 Cor. 8; 10)-, não mencionou a decisão do concílio. Na verdade, dificilmente poderia considerar-se que o que aconselhou ao respeito harmonizava totalmente com a decisão do concílio, embora é certo que não era contrário ao espírito e ao propósito do mesma assina que não necessariamente era incorreto comer o que tinha sido devotado a ídolos, porque os deuses representados pelos ídolos eram nada. O que realmente tivesse estado mal era o não ter em conta os escrúpulos de outros cristãos que não comiam tais coisas, e que tivessem sido perturbados se seus próximos o faziam. Este acordo tendia a evitar toda fricção desnecessária entre cristãos de origem 319 judeu e gentis em seus relações sociais.

Quando Pablo tratou o assunto da impureza no sexual, como o fez vez detrás vez em suas epístolas, não se referiu ao concílio de Jerusalém, a não ser se fundou em os princípios bíblicos básicos, verdadeira raiz da decisão do concílio. Quer dizer, tratou o problema tendo em conta que o cristão pertence a Deus e que toda sua pessoa se converteu em templo do Espírito Santo, em cuja divina presença não pode haver impureza.

Débito, pois, entender-se que a importância do concílio não dependeu em primeiro término do efeito que teve sobre a igreja com suas proibições específicas, mas sim mas bem na liberação da igreja cristã de origem gentil, da obrigação de cumprir com certos ritos religiosos por muito respeitáveis que pudessem parecer.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-41 HAp 153-165, 321; SR 304-309

1-3 HAp 153-154

4-6 HAp 153, 155

7-8 HAp 156, 159

8-10 HAp 157; SR 307

12-13 HAp 158

14 PVGM 57

18 MC 341; St 282

19 HAp 158; SR 307

20 HAp 159

22-23 HAp 160

25-29 HAp 159

32, 35 HAp 160

36-40 HAp 138, 164

37-41 HAp 164

39 1JT 439

CAPÍTULO 16

1 Pablo circuncida ao Timoteo 7 e é guiado pelo Espírito para ir de um País a outro. 14 Luta se converte 16 e uma moça é sacada de um espírito de adivinhação, 19 razão pela qual Pablo e Silas são açoitados e encarcerados. 26 As portas do cárcere se abrem. 31 Conversão do carcereiro, 37 e liberação do Pablo e Silas.

1 DESPUES chegou ao Derbe e a Listra; e hei aqui, havia ali certo discípulo chamado Timoteo, filho de uma mulher judia crente, mas de pai grego;

2 e davam bom testemunho dele os irmãos que estavam na Listra e no Iconio.

3 Quis Pablo que este fosse com ele; e tomando, circuncidou-lhe por causa de quão judeus havia naqueles lugares; porque todos sabiam que seu pai era grego.

4 E ao passar pela cidades, entrega-lhes os regulamentos que tinham acordado os apóstolos e os anciões que estavam em Jerusalém, para que as guardassem.

5 Assim que as Iglesias eram confirmadas em fé, e aumentavam em número cada dia.

6 E atravessando Frigia e a província de, foi proibido pelo Espírito falar a palavra na Ásia;

7 e quando chegaram a Misia, tentaram ir a Bitinia, mas o Espírito não se o permitiu.

8 E passando junto à Misia, descenderam ao Troas.

9 E mostrou ao Pablo uma visão de noite: um varão macedonio estava em pé, lhe rogando e dizendo: Passa a Macedônia e nos ajude.

10 Quando viu a visão, em seguida procuramos partir para a Macedônia, dando por certo que Deus nos chamava para que lhes anunciássemos o evangelho.

11 Zarpando, pois, do Troas, viemos com rumo direto a Samotracia, e o dia seguinte ao Neápolis;

12 e dali ao Filipos, que é a primeira cidade da província da Macedônia, e uma colônia; e estivemos naquela cidade alguns dias.

13 E um dia de repouso* saímos fora da porta, junto ao rio, onde estava acostumado a fazê-la oração; e nos sentando, falamos com as mulheres que se haviam reunido.

14 Então uma mulher chamada Luta, vendedora de púrpura, da cidade de

Tiatira, que adorava a Deus, estava ouvindo; e o Senhor abriu o coração dela para que estivesse atenta ao que Pablo dizia. 320

15 E quando foi batizada, e sua família, rogou-nos dizendo: Se tiverem julgado que eu seja fiel ao Senhor, entrem em minha casa, e posem. E obrigou a ficar.

16 Aconteceu que enquanto íamos à oração, saiu-nos ao encontro uma moça que tinha espírito de adivinhação, a qual dava grande ganho a seus amos, adivinhando.

17 Esta, seguindo ao Pablo e a nós, dava vozes, dizendo: Estes homens são servos do Deus Muito alto, quem lhes anuncia o caminho de salvação.

18 E isto o fazia por muitos dias; mas desagradando ao Pablo, este se voltou e disse ao espírito: Mando-te no nome do Jesucristo, que dela saia. E saiu naquela mesma hora.

19 Mas vendo seus amos que tinha saído a esperança de seu ganho, prenderam ao Pablo e ao Silas, e os trouxeram para o foro, ante as autoridades;

20 e apresentando-os aos magistrados, disseram: Estes homens, sendo judeus, alvoroçam nossa cidade,

21 e ensinam costumes que não nos é lícito receber nem fazer, pois somos romanos.

22 E se amontoou o povo contra eles; e os magistrados, lhes rasgando as roupas, ordenaram lhes açoitar com varas.

23 depois de lhes haver açoitado muito, jogaram-nos no cárcere, mandando ao carcereiro que os guardasse com segurança.

24 O qual, recebido este mandato, meteu-os no calabouço de mais dentro, e assegurou-lhes os pés na armadilha.

25 Mas a meia-noite, orando Pablo e Silas, cantavam hinos a Deus; e os presos os ouviam.

26 Então sobreveio de repente um grande terremoto, de tal maneira que os alicerces do cárcere se sacudiam; e imediatamente se abriram todas as portas, e as cadeias de todos se soltaram.

27 Despertando o carcereiro, e vendo abertas as portas do cárcere, tirou a espada e ia se matar, pensando que os detentos tinham fugido.

28 Mas Pablo clamou a grande voz, dizendo: Não te faça nenhum mal, pois todos estamos aqui.

29 O então, pedindo luz, precipitou-se dentro, e tremendo, prostrou-se a os pés do Pablo e do Silas;

30 e tirando-os, disse-lhes: Senhores, o que devo fazer para ser salvo?

31 Eles disseram: Acredita no Senhor Jesus Cristo, e será salvo, você e sua casa.

32 E falaram a palavra do Senhor a ele e a todos os que estavam em seu casa.

33 E ele, tomando-os naquela mesma hora da noite, lavou-lhes as feridas; e em seguida se batizou ele com todos os seus.

34 E levando-os a sua casa, pô-lhes a mesa; e se regozijou com toda sua casa de ter acreditado em Deus.

35 Quando foi de dia, os magistrados enviaram oficiais a dizer: Solta a aqueles homens.

36 E o carcereiro fez saber estas palavras ao Pablo: Os magistrados hão mandado a dizer que lhes solte; assim agora saiam, e parte em paz.

37 Mas Pablo lhes disse: depois de nos açoitar publicamente sem sentença judicial, sendo cidadãos romanos, jogaram-nos no cárcere, e agora nos jogam encubiertamente? Não, por certo, a não ser eles venham mesmos a nos tirar.

38 E os oficiais fizeram saber estas palavras aos magistrados, os quais tiveram medo para ouvir que eram romanos.

39 E vindo, rogaram-lhes; e tirando-os, pediram-lhes que saíssem da cidade.

40 Então, saindo do cárcere, entraram em casa de Luta, e tendo visto aos irmãos, consolaram-nos e se foram.

1.

Chegou.

Gr. katantáÇ, "chegar", "atracar" a um lugar determinado. Com referência ao uso do singular, ver com. cap. 15: 41. A evidência textual sugere (cf. P. 10) o texto: "Chegou também ao Derbe e Listra" (BJ), o qual sugeriria a continuidade entre o cap. 15: 41 e 16: 1. A divisão de capítulos ficaria melhor entre os vers. 35 e 36 do cap. 15.

Ao Derbe e a Listra.

Assim continua a visita às Iglesias já organizadas (cap. 15: 36). Ver com. cap. 14: 6, onde a ordem está investida de acordo com a geografia. Aqui, naturalmente, Pablo e Silas chegam primeiro ao Derbe (ver mapa P. 314). Para chegar a esta região desde Cilícia, Pablo e seus companheiros tiveram que acontecer pelas Portas de Cilícia, nas montanhas Touro, por onde tinham passado Jerjes, e mais tarde Alejandro Magno, com seus exércitos. 321

Havia ali.

O texto não diz especificamente se Timoteo era da Listra ou do Derbe; sem embargo, está acostumado a favorecê-la idéia de que era da Listra. Por outra parte, alguns, apoiando-se no cap. 20: 4, dizem que era do Derbe (ver com. cap. 14: 6). Pelo menos se sabe que era da região do Derbe e Listra, e que era conhecido pelas Iglesias dessa zona como discípulo de bom testemunho.

Timoteo.

Este nome grego comum significa "honrado de Deus". É provável que se tivesse convertido quando Pablo esteve na Listra e no Derbe durante seu primeiro viagem missionária (ver com. cap. 14: 6). Deste modo Pablo bem pôde chamá-lo

"meu filho amado" (1 Cor. 4: 17) e "verdadeiro filho na fé" (1 Tim. 1: 2). Era jovem (1 Tim. 4: 12; HAp 165), possivelmente não tinha mais de 18 a 20 anos, posto que segue-se falando de sua juventude uns doze anos mais tarde (1 Tim. 4: 12). Mas durante o tempo que tinha transcorrido desde que Pablo partiu da Listra (ver Cronologia em pp. 103-105,Timoteo) tinha dado bom testemunho por seu consagração e seu "fé não fingida" (2 Tim. 1: 5). Desde sua infância lhe havia inculcado o conhecimento das Escrituras do AT (2 Tim. 3: 15). O fato de que tinha boa fama entre os irmãos do Iconio, como também entre os de Listra (Hech. 16: 2), sugere que Timoteo se ocupou de que houvesse boas relacione entre as dois Iglesias. Pablo escreve a ele -e se refere a ele- como se não fora forte fisicamente, e possivelmente como adulto teve maiores problemas físicos devido a seu intenso programa missionário (1 Tim. 5: 23). Pareceria haver sido emotivo (2 Tim. 1: 4), e entretanto esteve disposto a fazer frente a dificuldades e responsabilidades com a força de Cristo (1 Cor. 16: 10). Se diz que Timoteo foi colaborador do Pablo (ROM. 16: 21), e seu companheiro de trabalho na segunda viagem, e no terceiro, pelo menos até o Troas (Hech. 20: 4-5). Por 1 Cor. 4: 17 nos inteiramos de que foi mensageiro do Pablo a Corinto, e em 2 Cor. 1: 1 aviso, junto com o Pablo, à igreja. Também foi mensageiro do Pablo à igreja da Tesalónica (1 Lhes. 3: 2, 6), e deve haver estado em Roma com o Pablo durante seu primeiro encarceramento, porque aparece em a Epístola aos Filipenses (cap. 1: 1; 2:19), no Colosenses (cap. 1: 1) e em Filemón (vers. 1). Aparece como sacado do cárcere (Heb. 13: 23) mas não se sabe nem a data nem o lugar desse encarceramento. Eusebio (História eclesiástica iII. 4. 5) diz que foi o primeiro bispo do Efeso. Segundo a tradição, morreu mártir à mãos do povo do Efeso.

Uma mulher judia crente.

Uns poucos manuscritos tardios acrescentam a palavra "viúva". Se o pai de Timoteo já tinha morrido e a isto se acrescenta a provável diferencia de religião, explicaria-se a importância da mãe no relato do Timoteo. chamava-se Eunice (Gr. Euník', "boa vitória"). Parece que Loida e Eunice eram cristãs piedosas (2 Tim. 1: 5) e tinham dado ao Timoteo uma educação religiosa apoiada em um conhecimento pessoal das Escrituras (2 Tim. 3: 15).

Pai.

Lucas não diz nada quanto à religião do pai do Timoteo. Era "grego", o que poderia indicar que era um gentil pagão, em cujo caso seu casamento com Eunice não teria sido reconhecido pelos judeus. Também poderia ter sido um gentil "temeroso de Deus" (ver com. cap. 10: 2). Mas parece que não era um partidário em todo o sentido da palavra, pois não tinha feito circuncidar a seu filho Timoteo.

2.

Davam bom testemunho dele.

empregam-se expressões similares para referir-se ao Cornelio (cap. 10: 22) e a Ananías (cap. 22: 12). Este relatório influiu no Pablo para que escolhesse ao jovem como companheiro.

Irmãos.

Quer dizer, os membros das Iglesias cristãs da região. Durante os anos que tinham passado da visita anterior do Pablo (cap. 14: 6-7; ver Cronologia pp. 103-105), a nova congregação tinha crescido e o caráter do fervoroso Timoteo era bem conhecido. Era fácil a comunicação entre as

Iglesias da Listra e do Iconio, pois se encontravam a 32 km de distância.

3.

Quis Pablo.

Conforme parece, Pablo quis que Timoteo fora seu "ajudante" (cap. 13: 5), que ocupasse o lugar que tinha deixado Juan Marcos, e que assim começasse seu "obra de evangelista" (2 Tim. 4: 5). O apóstolo viu que Timoteo poderia ser um companheiro muito útil; mas compreendeu que se não era circuncidado seria um motivo de dificuldades em vez de ser de ajuda.

Circuncidou-lhe.

É provável que Pablo mesmo realizasse o rito. A primeira vista, esta ação pareceria estar em desacordo com a atitude do Pablo para com o Tito, a quem não quis circuncidar (ver com. Gál. 2: 3), e com seu ensino geral quanto a a circuncisão (ver com. 1 Cor. 7: 18-19; Gál. 5: 2-6). 322 Mas há uma diferença notável entre o caso do Tito e o do Timoteo. Tito era grego, e o obrigá-lo a circuncidar-se teria sido ceder em um princípio no que Pablo não estava disposto a transigir. Mas Timoteo era considerado como judeu, pois segundo as leis rabínicas o filho de uma mãe judia era considerado judeu (Talmud Yebamoth 45b). Se ambos os pais tivessem sido judeus fiéis, haveria sido circuncidado ao oitavo dia (Lev. 12: 3); mas evidentemente a diferença religiosa entre seus pais impediu que isto se fizesse.

Mas agora o jovem Timoteo estava a ponto de entrar na obra pública, e estaria em íntima relação com os judeus. Se ficava incircunciso, seria um motivo de tropeço para os judeus, que pensavam que um mal judeu não podia ser um bom guia cristão. portanto, Pablo não considerou que era uma sua inconseqüência opor-se ao ensino de que a circuncisão era espiritualmente necessária, essencial para a salvação, mas que ao mesmo tempo circuncidava a este jovem de raça judia para que não fora um tropeço. Este proceder estava em harmonia com sua filosofia explícita (ver com. 1 Cor. 9: 20). Segundo Lucas, fez-o "por causa dos judeus".

4.

Os regulamentos.

Gr. dógma, "opinião", 'julgamento", do verbo dokéÇ, "dar uma opinião". As regulamentos eram as "decisões" (BJ) a que tinha chegado o concílio de Jerusalém (cap. 15: 22-31). Nas Iglesias que Pablo antes tinha baseado possivelmente se entregaram cópias desta "epístola" (cap. 15: 30) ou simplesmente se explicou o conteúdo do pronunciamento do concílio. Os apóstolos redigiram essas "decisões" para os cristãos de origem gentil com o fim de que se guiassem por elas e as observassem. Não continham nada que os cristãos de origem judia se sentissem inclinados a não emprestar atenção, e a liberdade que se concedia era especificamente para os gentis. Estas "decisões" deviam ser para os gentis um estatuto no qual podiam apoiar-se no caso de uma disputa com os judaizantes. Estas mesmas "decisões" também podem ter ajudado a muitos gentis para que se decidissem a entrar na igreja cristã, sabendo que não lhes obrigaria a levar uma pesada carga de cerimônias.

5.

Eram confirmadas.

"Afiançavam-se" (BJ), A igreja, a ponto de sair da infância, está-se preparando para fazer grandes progressos, e os missionários estão fortalecendo seus membros para essa evolução.

Aumentavam em número.

tirou-se uma grande barreira para a admissão dos gentis, e o número de cristãos ia aumento jornal. Entretanto, aqui possivelmente não só se aluda a um aumento do número de crentes, mas também ao aumento do número de congregações. Não se dá nenhuma informação adicional. Três séculos mais tarde, depois de que se legalizou o cristianismo, uma igreja compreendia a todos os crentes de uma cidade, organizados em diversas congregações. As congregações das aldeias vizinhas também estavam incluídas nessa "igreja", seguindo o modelo da ciudad-estado dos gregos. Nesse tempo o principal ancião da congregação central já se converteu em bispo e tinha pesadas responsabilidades na igreja (ver pp. 28, 39-40). Nos dias do Pablo, e durante os séculos posteriores, até que o cristianismo se converteu na religião estatal, os cristãos não tiveram edifícios de igreja.

6.

Atravessando Frigia.

A sintaxe do grego dos vers. 5 e 6 sugere que neste ponto deve fazer uma divisão na narração, o que mostra claramente o subtítulo de a RVR. Frigia é uma zona assim que definida do ocidente da Ásia Menor (ver mapa frente a P. 33). O nome tinha um sentido etnológico mais que político, e não circunscrevia nesta época a nenhuma província romana. É possível que o mensagem evangélica já tivesse sido levado ali por habitantes da região que estiveram em Jerusalém durante o dia do Pentecostés, depois da ascensão do Jesus. Frigia é de especial interesse para os cristãos porque mais tarde estiveram ali as Iglesias do Colosas e Laodicea, no vale do Lico. Ver Nota Adicional ao final do capítulo.

Galacia.

Gr. "a região galatik's", quer dizer, "a região ornamento, ou gálata". Um grande setor do povo galo se instalou na Europa ocidental, no que se chamou Galia, e que corresponde aproximadamente com o que agora é a França. Em o século III A. C., outro ramo do mesmo povo se deslocou para o sul: passou pela Grécia, penetrou no Ásia Menor, assentou-se na zona central, e absorveu a muitos dos frigios. A sua vez, os gálatas mais tarde foram conquistados pelos romanos, e no ano 25 A. C., durante o reinado de Augusto César, seu território foi convertido em província romana (ver T. V, P. 25). Os habitantes falavam um dialeto celta 323 similar ao dos galos em Europa ocidental, e retiveram a vivacidade das emoções e a tendência a mudanças repentinas que caracterizavam o temperamento celta. Adotaram facilmente a religião frigia, com sua adoração orgiástico da grande deusa mãe lhes Ceve, em cujos templos havia sacerdotes eunucos consagrados ao serviço dela (ver com. Gál. 5: 12). O principal centro deste culto se encontrava na cidade do Pesinonte.

No Gál. 4: 13-15 (ver com.) Pablo se refere a sua visita a Galacia, onde parece ter sido detido por uma séria enfermidade, possivelmente alguma afecção ocular. Muitos comentadores entenderam que a "espinho na carne" (2 Cor. 12: 7; cf. com. Hech. 9: 18) que sofria Pablo era uma afecção à vista. É

provável que sua enfermidade o tivesse obrigado a permanecer mais tempo nesta região que o que tinha calculado. Durante esta enfermidade, os gálatas tiveram a oportunidade de lhe mostrar seu grande afeto. Pablo declara que eles, se tivessem podido fazê-lo, tiraram-se os olhos para dar-lhe Gál. 4: 15) com o fim de aliviar seu sofrimento. haviam-se sentido extremamente satisfeitos do ter entre eles e o tinham recebido "como a um anjo de Deus" (vers. 14). A lembrança dessa acolhida fez que a tristeza do apóstolo fora major quando mais tarde soube que os gálatas tinham sido desencaminhados por professores judaizantes, e teve que repreendê-los por ter abandonado seu primeiro amor.

Foi proibido.

A tradução literal deste versículo é a seguinte: "E atravessaram Frigia e a região da Galacia, tendo sido impedidos pelo Santo Espírito de falar a Palavra na Ásia". Conforme parece, a proibição do Espírito foi dada pouco depois de haver partido da região do Iconio e antes de entrar em Frigia. Ver Nota Adicional ao final do capítulo.

Espírito Santo.

Lucas não diz como instruiu o Espírito ao Pablo, se foi por impressões recebidas, por visões noturnas ou por profecias dadas por quem tinha esse

dom (cf. cap. 21: 4; cf. com. cap. 2: 4; 8: 29, 39; 13: 2). Não importa qual foi o método que Deus empregou para comunicar-se com o Pablo; este compreendeu que o Espírito lhe proibia pregar na Ásia e ir a Bitinia (cap. 16: 7), e obedeceu essas proibições. devido a isto não entrou na Ásia, aonde havia cidades populosas como Efeso, Esmirna e Sardis, que albergavam grandes comunidades, feijões e também importantes centros de culto idólatra. Essas cidades deveram exercer uma grande atração sobre o Pablo; mas obedeceu fielmente as ordens do Espírito. Deste modo o grupo missionário foi guiado para a costa noroeste, sem saber exatamente onde seria seu seguinte campo de trabalho.

Na Ásia.

Ver com. cap. 2: 9; ver Nota Adicional ao final do capítulo.

7.

Misia.

Ver Nota Adicional ao final do capítulo.

Bitinia.

Na Bitinia, ao norte da rota do Pablo, havia grandes cidades como Nicomedia e Nicea, e uma numerosa população judia. Era natural que Pablo e seu grupo queriam trabalhar ali; mas o Senhor tinha outros planos para seus servos dóceis e obedientes, e foram conduzidos não para o norte, a não ser para o oeste (ver Nota Adicional ao final do capítulo). Não há registro de que fizessem obra alguma nesta etapa de sua viagem, e é provável que só passaram por algumas aldeias pouco importantes.

O Espírito.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto: "Espírito do Jesus" (BJ).

Isto concorda com o conceito de que o Espírito tem a mesma relação com o Filho que com o Pai, e portanto pode falar-se dele como Espírito de Deus, ou Espírito de Cristo (ou do Jesus). Cf. com. ROM. 8: 9.

Não o permitiu.

É possível que Pedro trabalhasse em "Logo, Galacia, Capadocia, Ásia e Bitinia", pois é aos cristãos dessas regiões a quem dirige sua primeira epístola (1 Ped. 1: 1). É possível que tivesse desempenhado este ministério depois de sua "simulação" na Antioquía (Gál. 2: 11-16). portanto, alguns hão sugerido a possibilidade de que enquanto Pablo estava pregando na Frigia, rumo à Europa, e Bernabé -que tinha atuado como Pedro na Antioquía (Gál. 2: 13)- o fazia no Chipre (Hech. 15: 39), Pedro bem pôde ter estado trabalhando naquelas mesmas regiões, entre as quais estava Galacia do norte, aonde o Espírito disse ao Pablo que não entrasse. Não se sabe se para este momento Pablo e Pedro tinham arrumado suas diferenças; mas é possível que nesta forma se tenha evitado a estes dois grandes homens de Deus a dor de maiores incompreensões, ao não permitir que se encontrassem no campo missionário. Além disso, Pablo pôde dizer depois que tinha evitado construir sobre o fundamento posto 324 por outro (ROM. 15: 20). Entretanto, é muito provável que a razão principal pela qual se proibisse a obra na Bitinia e na Ásia tivesse sido o propósito divino de que nesse momento se levasse o Evangelho a Europa.

8.

Passando junto à Misia.

Não se detiveram ali. Misia era considerada geralmente como parte da Ásia, onde o Espírito lhes tinha proibido pregar (ver Nota Adicional ao final do capítulo).

Descenderam.

Das montanhas do interior da Ásia Menor.

Troas.

Finalmente sua viagem o levou até a costa, e contemplaram para o ocidente as águas do mar Egeu. A cidade da Alexandria Troas, chamada assim em honra de Alejandro Magno, era considerada nesse tempo como colônia romana e cidade livre. O sítio da antiga Troya estava a uns poucos quilômetros ao norte de Troas. Mas é pouco provável que Pablo tivesse tido interesse algum no relato que escreveu Homero do assédio da antiga cidade grega. O que o preocupava era o melhor meio de proclamar a Cristo como Salvador, para que os habitantes do Troas pudessem achar a vida eterna. Tais pensamentos sem dúvida foram expressos nas orações do Pablo, e em resposta a essas orações recebeu a visão registrada no vers. 9. Não se diz que Pablo fizesse alguma obra missionária no Troas nesta ocasião; mas há amplia evidência bíblica de que mais tarde se estabeleceu ali uma igreja (ver com. Hech. 20: 5-12; 2 Cor. 2: 12-13; 2 Tim. 4: 13).

9.

Visão.

Gr. hórama, "o que se vê", "panorama", "visão". Lucas emprega a palavra hórama onze vezes nos Fatos. No resto do NT só aparece no Mat. 17:

9. Com referência a "visões", ver com. Hech. 2: 17. Compare-se com a visão anterior do Pablo registrada no cap. 22: 17-21.

lhe rogando.

Gr. parakaléÇ, "chamar um ao lado", quer dizer, "chamar a alguém", "rogar", "pedir". Este verbo lhe dá certo sentido de urgência à chamada macedónico. Ver com. Mat. 5: 4.

Passa.

Gr. diabáinÇ, "passar", "cruzar a".

Macedônia.

Originalmente era um país ao norte da Grécia clássica. Sob o governo de Filipo (359-336 A. C.) e Alejandro Magno (336-323) obteve grande poder. Sem embargo, no ano 142 A. C. se converteu em província romana e permaneceu em essa condição até depois dos dias do Pablo (ver T. V, pp, 25-30). Muitas de suas cidades importantes tinham grandes comunidades judias, as quais poderiam proporcionar excelentes bases para o evangelismo cristão. Alguns perguntaram-se como sabia Pablo que o homem a quem viu em visão era macedonio. Uma resposta poderia achar-se nas mesmas palavras do homem: quem se identifica com a Macedônia. Outra resposta poderia ser que Lucas não necessariamente dá um relatório completo da visão, mas sim registrou seus pontos principais, omitindo detalhes que só complementam o bosquejo apresentado.

nos ajude.

Gr. bo'théÇ, "ir ao clamor [de que está em perigo]", "socorrer", "ajudar". O varão macedonio usa a primeira pessoa do plural porque fala em nome de seus compatriotas. Do ponto de vista moderno se pode dar a esta chamada uma interpretação mais ampla, pois o homem estava na Europa e chamava o Pablo a que entrasse nesse grande continente para pregar o Evangelho. Este é um dos momentos cruciais da história. O futuro de Europa dependia em grande medida da resposta que Pablo desse a esse pedido. Europa deve agradecer que o valente apóstolo não vacilou em responder ao chamada que se o fazia. Até este momento lhe tinha impedido de cumprir seu grande desejo de pregar o Evangelho na Ásia e na Bitinia (ver com. vers. 6-7); mas agora o chama todo um continente, e sem dúvida teve que ter visto a razão básica da proibição divina que tão fielmente tinha obedecido.

A chamada macedónico, o clamor de quem não conhece a Cristo, há impulsionado a incontáveis milhares a abandonar seus lares para levar o Evangelho a terras estranhas, onde trabalharam em meio de desconfortos, em a solidão, a enfermidade e até a sombra de morte. Este serviço abnegado há fortalecido à igreja. Quando esta fechou seus ouvidos às chamadas macedónicos, começou a fazer-se sentir sua debilidade espiritual. É possível que esta chamada não seja expressa pelos que estão em necessidade, pois pode ser que não se dêem conta de sua miséria espiritual; mas sua necessidade impressiona intensamente ao cristão, e este se apressou, como o fez Pablo, para ir em ajuda de quem não compreende que estão perdidos.

10.

Em seguida.

devido à urgência da chamada, Pablo fez imediatamente os 325 preparativos para viajar a Macedônia. Já que anteriormente se o tinha impedido que pregasse, é provável que estivesse mais desejoso que de costume para apresentar a outros a mensagem de Cristo.

Procuramos.

Nesta passagem (vers. 10-17) o autor escreve pela primeira vez em primeira pessoa de plural, com o qual se inclui no relato. Também se inclui em outras passagens (cap. 20: 5 a 21: 18 e 27: 1 a 28: 16). Estas referências sugerem que Lucas viajou com o Pablo nestas ocasiões (ver T. V, P. 649). Quando se relata algo em terceira pessoa e de repente se troca à primeira, se deduz que o autor começou a participar dos acontecimentos que narra.
A maioria dos comentadores bíblicos chegam à conclusão de que Lucas, autor dos Fatos (ver Introdução), uniu-se ao grupo de missionários em Troas, e que não escreveu como observador direto a não ser apoiando-se na informação que recebeu do Silas ou do Timoteo. Posto que Lucas não menciona seu própria conversão, é razoável supor que tinha ocorrido algum tempo antes deste episódio no Troas. Como se inclui na frase "Deus nos chamava para que lhes anunciássemos o evangelho", também deve entender-se que Lucas era um dos evangelistas.

Procuramos partir.

Os missionários procuraram uma maneira para ir da Ásia até a Macedônia, país desconhecido para eles; entretanto, corresponde assinalar que então não existia a distinção entre a Europa e Ásia que hoje se faz entre a Turquia e Grécia. Nas duas regiões prevalecia a cultura grega a qual produzia um ambiente comum.

Dando por certo.

Gr. sumbibázÇ (ver com. cap. 9: 22). Os missionários ficaram "persuadidos" (BJ). Mediante um raciocínio santificado decidiram qual era a vontade de Deus para com eles.

11.

Zarpando.

A forma em que emprega Lucas os términos náuticos se trata na Nota Adicional do cap. 27.

Viemos com rumo direto.

Gr. euthudroméÇ , "correr em linha reta", e como término náutico, "navegar a barlavento", quer dizer, a favor do vento. O fato de que viajassem com "rumo direto" significa que Pablo e seus companheiros foram ajudados pelo vento. A corrente deve ter estado contra eles, pois corre para o sul do Helesponto e ao este entre a Samotracia e a costa da Grécia. A viagem do Troas ao Filipos, de 200 km, levou-lhes cinco dias (cap. 20: 6).

Samotracia.

Esta ilha fica na parte norte do mar Egeu, frente à costa da Tracia, aproximadamente a metade de caminho entre o Troas e o porto do Neápolis, em Tracia. Possivelmente passaram cada uma das noites da viagem em algum porto, como era o costume da época.

Neápolis.

O nome significa "cidade nova", e era comum em qualquer lugar que se falava grego. perpetuou-se em dois casos conhecidos: Nápoles, na Itália, e Nablús, na Palestina. A cidade do Neápolis estava na Tracia, mas servia como porto do Filipos, a 15 km ao noroeste. identificou-se ao Neápolis com a cidade que hoje se chama Kavalla, onde se encontram um aqueduto romano e colunas e inscrições gregas e latinas que atestam da importância que teve esta cidade agora em ruínas. Era o extremo oriental da Via Egnatia, que unia o Egeu com o Adriático.

12.

dali ao Filipos.

A viagem por mar terminou no Neápolis. Os apóstolos seguiram ao Filipos, cidade que originalmente se chamou Crenides, que significa "pequenas fontes"; mas que tinha sido reconstruída pelo Filipo da Macedônia (359-336 A. C.), pai do Alejandro Magno. Esta cidade tinha recebido o nome do Filipos em honra de seu reconstructor. Entre o Neápolis e Filipos há uma cadeia montanhosa na qual havia minas de ouro e de prata.

A primeira cidade da província da Macedônia.

Esta afirmação produziu algumas dificuldades, pois Filipos não era em tempos do Pablo capital da província da Macedônia, nem tampouco de uma das quatro subdivisões dessa província romana. Entretanto, corresponde assinalar que o texto grego diz que Filipos "era primeira cidade da região de Macedônia", sem o artigo, pelo qual a BJ traduz corretamente: "é uma das principais cidades da demarcação da Macedônia". O adjetivo grego protos, "primeiro", aparece em moedas cunhadas em cidades importantes que não eram capitais de determinado território. Por outra parte, a palavra grega merís se traduz melhor como "região", "distrito" ou "parte". Embora Anfípolis era a capital dessa região, Filipos era um importante centro comercial, onde havia um destacamento militar romano por causa das turbulentas tribos da Tracia.

Colônia.

Filipos foi convertida em colônia 326 romana depois de que Bruto e Casio foram derrotados pelo Octavio e Antonio no ano 42 A. C. depois da batalha de Ação, no 31 A. C., afiançou-se esta condição, e tal como o demonstram moedas encontradas, o nome completo da cidade foi Colônia Augusta Julia Philippensis. Uma "colônia" romana não correspondia com o conceito que temos agora dessa palavra. A colônia era um setor de território conquistado que se atribuía a cidadãos romanos, quem com freqüência eram veteranos de guerra. Estes ex-soldados eram enviados sob a autoridade de Roma, e partiam até seu destino como um exército. Em qualquer lugar que foram, implantavam as características da vida civil e social romana. Estas colônias freqüentemente se estabeleciam nas fronteiras para as proteger, ou tinham a função de vigiar aos magistrados locais das províncias. Os nomes dos colonizadores permaneciam nas listas das tribos de Roma. Eles levavam consigo o latim e as moedas romanas. Muitas suas vezes principais magistrados eram designados de Roma, e eram independentes de os governadores da província onde se encontrava a colônia. Deste modo, a colônia estava estreitamente ligada com Roma. Algumas vezes se descrevia a as colônias como "baluartes do império" (Cicerón, De legue agrária il. 27, 73)

ou "algo assim como miniaturas ou, em certo modo, cópias" da cidade de Roma (Aulo Gelio, Noites apartamentas de cobertura xVI. 13. 9). O espírito de uma colônia era, pois, extremamente romano. Desse modo, nesta cidade macedonio, Pablo, que era cidadão romano, relacionou-se diretamente com um florescente modelo de organização imperial romana.

Alguns dias.

Ver com. cap. 9: 19. Esta frase parece referir-se a menos de uma semana, pois parece que na sábado do cap. 16: 13 foi o primeiro que aconteceram Filipos.

13.

Um dia de repouso.

O grego é mais específico; diz: "na sábado" (BJ). Pablo, Silas, Timoteo e Lucas se achavam em uma cidade estranha de um país estranho. Tinham estado ali alguns dias, mas quando chegou na sábado era natural que queriam estar com outros judeus, com quem pudesse render culto a Deus para poder lhes repartir as boas novas da salvação (ver com. cap. 13: 14).

Fora da porta.

Saíram da cidade procurando possivelmente um lugar onde celebrar um culto, pois em a cidade não havia sinagoga. Além disso, poderiam ter estado inteirados de que os judeus se reuniam fora da cidade, junto ao rio.

Junto ao rio.

Gr. Pará potamón, "junto a um rio". Sem dúvida era o arroio Gangites, que desembocava no rio Strimón.

Onde estava acostumado a fazê-la oração.

Embora o sentido da frase é claro, é impossível determinar como dizia em o original grego já que há um sinnúmero de variantes. A evidência textual (cf. P. 10) sugere o texto: "onde pensávamos oração [lugar de oração] estar [haver]", embora reconheça como possíveis outras variantes.

A oração.

Gr. proseuje, "oração", ou possivelmente neste caso, "lugar de oração" (ver 3 MAC. 7: 20; cf. com. Hech. 1: 14; 16: 16). Se não havia sinagoga no Filipos, os poucos judeus que ali residiam puderam ter estabelecido um lugar de reunião a bordas do rio, onde podiam realizar suas abluções rituais (Cf. Esd. 8: 15, 21; Sal. 137: 1). Juvenal (Sátiras iII. 13-14)assinala como um exemplo da decadência da antiga religião de Roma, o fato de que "a Santa fonte e o bosque e o santuário" fossem alugados aos judeus. A palavra proseuj' aparece como lugar de oração em outra passagem do mesmo autor: "Onde está você posto? Em que lugar de oração [proseuj'] tenho-te que encontrar?" (Vão. 296). Estes lugares de oração, ou oratórias, eram freqüentemente circulares e sem teto.

A prática de ter tais lugares de oração parece haver-se contínuo até os dias do Tertuliano, pois este autor fala das orações "junto ao rio" (orações litorâneas) dos judeus (Ad nationes I. 13).

nos sentando.

Esta era a posição usualmente adotada pelos professores judeus (ver t.V, pp. 59-60).

Falamos.

Também poderia traduzir-se como o faz a BJ: "Começamos a falar". O verbo em plural sugere que não foi um só o que falou.

As mulheres que se reuniram.

Alguém há dito que o "varão macedonio" (vers. 9) converteu-se em um grupo de piedosas mulheres judias. Alguns pregadores tivessem considerado que tal congregação poderia ser atendida descuidadamente, mas Pablo e seus companheiros foram diligentes em sua tarefa. O fato de que se reunissem só mulheres no lugar da oração, sugere que não havia homens judeus na população. Isto poderia explicar por que não havia uma sinagoga, pois para isto tinha que haver um mínimo 327 de dez homens. Algumas das mulheres a quem encontrou os missionários, podem ter sido partidários, como Luta (ver com. vers. 14). Seria natural que tais mulheres dessem a bem-vinda a estrangeiros judeus que vinham a lhes dar instruções. As mulheres na Macedônia parecem ter gozado de maior liberdade da que era habitual para seu sexo nesses tempos.

14.

Luta.

Era um nome feminino comum em tempos dos romanos. Mas também é possível que ela, como o faziam muitos libertos com seus nomes, houvesse-o tirado de seu país de origem, o antigo reino de Luta, que era uma colônia macedónica.

Vendedora de púrpura.

Vendia tecido de cor púrpura (ver com. Luc. 16: 19). Ela, e não seu marido, é apresentada como vendedora. Isto sugere que Luta dirigia seus próprios negócios e possivelmente era bastante rico.

Tiatira.

Cidade luta da província da Ásia. Foi fundada como colônia da Macedônia depois da conquista da monarquia persa pelo Alejandro Magno. Esta cidade aparece entre as sete Iglesias do livro de Apocalipse (cap. 1: 11; 2: 18-29). Tiatira, como muitas outras cidades do Ásia Menor, era famosa por seus tinturarias, que rivalizavam com as de Tiro e do Mileto. encontraram-se inscrições nos arredores da Tiatira, que indicam que ali havia um grêmio de tintureiras que usavam púrpura, ao qual pôde ter pertencido Luta.

Adorava a Deus.

Ver com. cap. 10: 2.

O Senhor abriu o coração dela.

O Senhor tinha chamado aos evangelistas para que pregassem o Evangelho em Macedônia, e não perderam tempo em cumprir com essa missão. Agora o Senhor coopera com seus esforços abrindo o coração de uma importante pessoa que escuta seu predicación. Lucas reconhece a necessidade dessa cooperação divina. Sabe que sem a obra do Espírito no coração da pessoa que escuta, a

predicación deles é vã.

Estivesse atenta.

O verbo grego sugere "emprestar atenção" (BC), e inclusive "aceitar". BJ traduz: "O Senhor lhe abriu o coração para que se aderisse às palavras de Pablo". Pelo contexto pode ver-se que aceitou a mensagem dos apóstolos.

15.

Foi batizada.

Possivelmente no mesmo rio junto ao qual "estava acostumado a fazê-la oração". Ver com. Mat. 3: 6; Hech. 8: 38. Não é necessário saber que o batismo teve lugar esse mesmo sábado. A frase verbal "estava ouvindo" (vers. 14) bem pode sugerir uma ação repetida. Luta foi instruída, e transcorrido algum tempo da primeira reunião entre as mulheres e os apóstolos, foi batizada. que hajam sido batizados membros de "sua família" ("os de sua casa", BJ) não indica que os apóstolos tivessem batizado a meninos pequenos. além de seus Filhos, Luta sem dúvida tinha em sua "casa" escravos e empregados (cf. com. cap. 10: 2; 16: 32-33). Possivelmente eles também eram partidários (ver com. cap. 10: 2). Para estas pessoas o judaísmo tinha sido como um "tutor" que os tinha levado

a Cristo (Gál. 3: 24). É possível que entre as mulheres do vers. 13 se tivessem encontrado Evodia e Síntique e outras mulheres do Filipos, a quem Pablo considerou mais tarde como colaboradoras na proclamação do Evangelho (Fil. 4: 2-3). Este grupo de mulheres constituiu a primeira igreja cristã fundada pelo Pablo na Europa. Por causa de sua amável hospitalidade e seu firme permanência na fé, essa congregação ganhou um lugar especial no afeto de Pablo.

Se tiverem julgado.

A sintaxe do grego sugere que se espera uma resposta afirmativa à convite. Também poderia traduzir-se: "Posto que julgastes que eu sou fiel". Os pregadores tinham reconhecido a qualidade de sua fé, e a batizaram. Se Luta estava preparada para essa bendita cerimônia, não o estaria também para recebê-los em sua casa?

Posem.

Luta, como os dois discípulos que tinham seguido ao Jesus Juan 1: 37-39), desejava reter os professores cujas lições tanto tinham ajudado a seu coração pouco antes aberto ao Evangelho. É provável que os quatro missionários estiveram-se mantendo mediante seu próprio trabalho privado: Pablo como fabricante de lojas (ver com. Hech. 18: 3; 1 Lhes. 2: 9; 2 Lhes. 3: 8; etc.), e Lucas possivelmente como médico. Agora Luta os insiste a ser hóspedes em sua casa.

Obrigou-nos.

Gr. parabiázomai, "obrigar", "insistir". Lucas se inclui entre quem se hospedaram em casa de Luta; isto sugeriria que Filipos não era a cidade de Lucas, como o afirmaram alguns.

16.

À oração.

Quer dizer, ao lugar "onde estava acostumado a fazê-la oração" (ver com. vers. 13). É provável que o episódio que se descreve aqui tivesse ocorrido em um sábado algum tempo depois do que se menciona no 328 vers. 13, depois do batismo dos primeiros conversos (vers. 15) e de que a obra dos missionários se teve conhecido na cidade.

Uma moça.

Gr. paidísk', uma jovem pulseira.

Espírito de adivinhação.

No grego diz "um espírito pitón". Na mitologia grega Pitón era uma serpente que se dizia que tinha guardado o oráculo no Delfos, mas que havia sido morta pelo Apolos, e que, em conseqüência, passou a denominar-se Apolo pítico. No Delfos se adorava ao Pitón como símbolo da sabedoria. Plutarco (M. C. 126 d. C.), que era sacerdote do Apolo pítico, diz que lhe dava o nome de "pitón" aos peritos em ventriloquia, porque eram considerados como possuidores de faculdades extraordinárias (Da cessação dos oráculos 9). O fato de que Lucas empregue aqui este adjetivo pouco comum, sugere que esta era a maneira em que os filipenses designavam à moça, ou que ele reconheceu nas contorções e gritos estridentes dela uma semelhança com os movimentos e as palavras das sacerdotisas do Delfos. É evidente que os habitantes do lugar acreditavam que a pulseira possuía habilidades sobrenaturais, e sem dúvida seus alaridos eram recebidos como oráculos. Seus amos aproveitavam sua suposta inspiração, e obrigavam à moça a responder a os que lhe faziam perguntas.

Grande ganho.

Cf. com vers. 19.

Seus amos.

Seus donos tinham descoberto o estranho poder da moça, e o estavam explorando para seu próprio benefício.

Adivinhando.

Gr. mantéuomai, "adivinhar", "augurar", empregado só aqui no NT. Na LXX este verbo sempre se emprega para referir-se às palavras dos falsos profetas (Deut. 18: 10; 1 Sam. 28: 8; Eze. 13: 6; etc.). Aqui também pode interpretar-se com o mesmo sentido: "pretender predizer o futuro".

17.

Seguindo.

Gr. katakolouthéÇ, "seguir de perto". A moça, gritando fortemente, seguia de perto aos missionários (cf. vers. 18). Compare-se com a publicidade que deram ao Jesus os espíritos imundos ou demônios (Luc. 4: 33-37; 8: 26-36).

E a nós.

Aqui aparece por última vez nesta parte do relato o pronome de primeira pessoa de plural. Não volta a usar-se até o cap. 20: 5, quando Pablo está outra vez no Filipos; portanto, é provável que Lucas tivesse permanecido em

Filipos, possivelmente para pregar o Evangelho nesse distrito. Voltou para unir-se com os apóstolos quando Pablo passou por essa cidade em sua terceira viagem missionário. Isto poderia sugerir que Lucas permaneceu no Filipos uns seis anos (ver P. 105), embora indubitavelmente pôde ter feita outras viagens durante esse período.

Deus Muito alto.

Gr. ho theós ho húpsistos, "o deus o muito alto". Para compreender corretamente este qualificativo é necessário recordar o ambiente dentro do qual foi empregado e o significado da palavra húpsistos. Este vocábulo é um adjetivo superlativo que usualmente se empregava para indicar hierarquias é pagãos (com freqüência ao Zeus, deus supremo do panteão grego), ou para referir-se ao Deus dos judeus (Yahweh). Na LXX húpsistos substitui ao vocábulo hebreu 'elyon, "muito alto", qualificativo que dava a Deus (Gén. 14: 18-22; Núm. 24: 16; Deut. 32: 8; 2 Sam. 22: 14 -etc.; ver T. 1, P. 182). Este qualificativo chegou a ser tão conhecido devido às atividades missionárias de os judeus da diáspora, que foi aplicado à Deidade por povos que haviam assimilado algumas ensinos judias sem aceitar plenamente a religião hebréia. Inscrições do século I d. C. procedentes do reino do Bósforo, ao norte do mar Negro, e, portanto, contemporâneas do Pablo, atestam ampliamente em quanto a este emprego de húpsistos.

O qualificativo húpsistos foi empregado no caso que nos ocupa por uma pulseira de quem se diz que tinha "espírito pitón" (ver com. Hech. 16: 16); pelo tanto, suas palavras devem considerar-se tendo em conta sua origem pagã. Ao falar do "Deus muito alto" podia estar-se refiriendo em primeiro lugar à divindade suprema do panteão grego, geralmente denominada Zeus. Por outra parte, possivelmente tinha ouvido algo sobre o Deus a quem adoravam os judeus. De todos modos, suas palavras expressavam uma grande verdade. Os cristãos a quem ela seguia eram verdadeiramente servos do único e muito alto Deus. Com referência a situações um pouco parecidas, ver com. Mar. 1: 24; 5: 7.

O caminho de salvação.

Ver com. Juan 14: 6; Hech. 4: 12, onde se revela que Jesucristo é o único caminho de salvação. A mente entrevado da moça desejava compartilhar esse "caminho de salvação"; 329 mas o demônio que a possuía estava contradizendo esse "caminho", e suas palavras impediam a obra dos missionários.

18.

Muitos dias.

A pulseira possivelmente lhes saiu ao encontro em sábados sucessivos, enquanto se dirigiam ao lugar da oração, ou, além disso, seguiu-os em outros dias.

Desagradando ao Pablo.

Ver com. cap. 4: 2. O que um cristão pode tolerar passivamente quando se está impedindo que se faça a obra de Deus tem um limite.

Espírito.

identifica-se a origem da faculdade de adivinhação da pulseira. Com referência à posse demoníaca, ver Nota Adicional do Marcos 1.

Mando-te.

Pablo seguiu o exemplo de seu Professor ao expulsar os demônios na Gadara (Luc. 8: 29; ver com. Mar. 5: 7).

No nome.

Ver com. cap. 3: 6, 16.

Saiu.

Em cumprimento da promessa do Professor (Mar. 16: 17). O espírito maligno não pôde resistir a ordem, e obedeceu imediatamente (cf Mar 9: 26; ver com. Mat. 15: 28; Mar 1: 31; Juan 4: 53). Aqui termina o registro relacionado com a moça; entretanto, é difícil pensar que lhe tivesse permitido voltar à ignorância e à incredulidade, ou possivelmente a algo pior. É muito lógico pensar que se tivesse feito cristã (HAp 173) e que encontrasse albergue com as mulheres que colaboravam com o apóstolo (Fil. 4: 3).

19.

Tinha saído.

O emprego do mesmo verbo do versículo anterior, onde se traduz "saiu", indica que tanto o ganho dos donos como o espírito de adivinhação de a moça tinham desaparecido.

Ganho.

Gr. ergasía (ver com. cap. 19: 24-25). Os homens podem tolerar religiões estranhas ou as especulações dos filósofos, mas se alguma costure ameaça a fonte de seus lucros, reagem com violência (ver com. cap. 19: 23-28). Circunstâncias similares devem ter motivado muitas das perseguições contra a igreja primitiva.

Ao Pablo e ao Silas.

Ambos eram os membros mais destacados do conjunto missionário, e os dois eram judeus (cf. vers. 20). Lucas e Timoteo possivelmente se livraram por sua aparência de gentis (ver T. V, P. 650; vers. 1).

Trouxeram-nos.

Gr. hélkÇ , "arrastar" (assim se traduz no Hech. 21: 30; Sant. 2: 6).

Ao foro.

Gr. agourem, "ágora" (ver com. Mat. 11: 16). O agourem, ou foro, era o centro não só da vida social e econômica, mas sim da administração de justiça.

As autoridades.

Gr. árjÇn, "principal", "chefe", "comandante". No plural, como aqui, designa às autoridades em geral. No versículo seguinte se designa especificamente a uma categoria de autoridades.

20.

Magistrados.

Gr. strat'gós "comandante civil" ou "governador". O título romano para este cargo era praetor, "pretor". Estes eram os magistrados supremos, os que tinham autoridade para castigar aos transgressores. No Filipos -colônia romana- não correspondia em rigor empregar a palavra strat'gós para designar a os magistrados, porque seu título oficial em uma colônia, era o de duumvir, "duunviro". Mas se encontraram inscrições no Filipos que mostram que seus habitantes usavam incorretamente o término stratgós (pretor) quando deveriam ter usado o término duumvir, como amostra de respeito por seus magistrados. Este detalhe é outro indício mais da precisão com a qual Lucas emprega os títulos oficiais.

Sendo judeus.

A situação era similar a quão muitas acompanharam às perseguições sofridas pela igreja primitiva. Estavam expostos à hostilidade dos judeus, mas ao mesmo tempo com freqüência eram identificados como judeus por os pagãos. Por isso às vezes sofriam duplamente: por ser judeus e por ser cristãos. Se o imperador Claudio já tinha decretado a expulsão dos judeus da cidade de Roma (ver com. cap. 18: 2; P. 101), seu decreto sem dúvida conhecia-se na colônia romana do Filipos (ver com. cap. 16: 12-13), e haveria servido para tornar mais difícil a acusação contra os apóstolos.

Alvoroçam.

Gn ektarássÇ, forma intensiva do verbo traduzido como "alvoroçar" no cap. 17: 8. No vers. 6 se acusa aos missionários de transtornar o mundo inteiro; "revolucionar" (BJ), "revolvem" (BC).

21.

Ensinam.

Melhor "anunciam", "proclamam".

Costumes.

A acusação dos donos da pulseira alude não só ao que Pablo ensinava, a não ser ao ritual e os costumes sociais dos judeus, o que acreditavam que Pablo pregava (ver com. cap. 15: 1).

Não nos é lícito.

Ou "Não podemos aceitar" (BJ).

Pois somos romanos.

Aqui se destaca o orgulho nacional. Os habitantes do Filipos, como membros de uma colônia, tinham direito à cidadania romana, o que não possuíam automaticamente os habitantes de outras 330 cidades gregas como Tesalónica ou Corinto (ver P. 96; com. vers. 12).

22.

amontoou-se o povo.

Simpatizavam com aqueles cujo ganho perigava pela liberação da pulseira do poder dos demônios.

lhes rasgando as roupas.

Violentamente lhes tiraram a roupa ao Pablo e ao Silas, em preparação para os açoites que lhes dariam.

lhes açoitar com varas.

Gr. rabdízÇ, corretamente traduzido pela RVR e NC. Este castigo era característico dos romanos. Os "magistrados" (ver com. vers. 20) ou pretores tinham ajudantes, chamados leitores, quem levava as fasces, faz de varinhas que simbolizavam a autoridade do pretor. Sortes varas possivelmente empregaram-se para açoitar aos missionários. É possível que Lucas tivesse visto o cruel castigo que receberam. Pablo foi açoitado em outras duas ocasiões (2 Cor. 11: 25). Surge em seguida a pergunta: por que não se livrou de um castigo tão doloroso e degradante alegando que era cidadão romano, como mais tarde o fez em Jerusalém (Hech. 22: 25)? Por isso alguns puseram em dúvida a legitimidade de sua afirmação de ser cidadão romano. Outros sugeriram que só poderia haver-se liberado ele, deixando que Silas sofresse o castigo. Mas é provável que Silas também fora cidadão romano (ver com. cap. 16: 37). Nenhuma das razões parece ter suficiente valor. A violência da turfa fez que possivelmente fora impossível que se ouvisse o que dizia (ver com. vers. 37).

23.

Açoitado muito.

Os judeus se limitavam a dar 39 açoites (ver com. Deut. 25: 3; 2 Cor 11: 24), mas os romanos faziam como lhe parecia com o funcionário do lugar, e não tinham um limite fixo. Pablo diz que no Filipos o ultrajaram (1 Lhes. 2: 2).

Jogaram-nos no cárcere.

Isto impediria que os dois apóstolos cristãos seguissem ensinando. Segundo o que se lê no vers. 35, parece que as autoridades tinham a intenção de encarcerá-los por uma noite e logo despachar os da cidade ao dia seguinte.

Carcereiro.

Gr. desmofúlax, "guarda cárcere". Não era um ajudante do carcereiro, a não ser um funcionário, possivelmente um ex-soldado.

24.

O calabouço de mais dentro.

Os cárceres romanas tinham usualmente uma seção externa e outra interna. Em a primeira se encontrava uma sala de guarda onde entravam luz e ar. Mais dentro estava o cárcere interior, na qual, quando se fechava a porta, não entravam nem luz nem ar. As condições em tais celas eram atrozes e o castigo dos detentos era terrível.

A armadilha.

Gr. xúlon, "madeira", "pau". Esta mesma palavra se emprega no NT para referir-se a um "árvore" (Luc. 23: 31; Apoc. 2: 7; 22: 2, 14; à "cruz" ("madeiro" no Hech. 5: 30; 10: 39; 13: 29; Gál. 3: 13; 1 Ped. 2: 24); e a "paus" (Mat. 26: 47; etc.). No caso do Pablo e Silas a palavra se refere

a uma "armadilha" instrumento de madeira no qual se metiam as extremidades do preso, e se apertavam para evitar sua fuga, e como um meio de tortura. A armadilha aparece já no livro do Job (13: 27; 33: 11), sugiriendo que seu uso era conhecido desde fazia muitos séculos. A posição na qual ficaram os apóstolos, com os pés assegurados na armadilha, sem poder mover-se, teve que ter sido dolorosa, especialmente porque tinham sido cruelmente açoitados.

25.

A meia-noite.

Como lhes era impossível dormir, os apóstolos passaram a noite cantando e orando.

Orando... cantavam hinos.

Os firmes hábitos religiosos dos missionários prevaleceram nas circunstâncias mais desanimadoras. Mesmo que estavam no calabouço, com os pés na armadilha, E não podiam ajoelhar-se para orar, seguiram elogiando a seu Senhor. O hino possivelmente era um dos salmos que de uma vez é uma oração. Mas além do que tenham cantado, as palavras do Tertuliano são acertadas: "Embora o corpo está encarcerado, embora a carne está na prisão, todas as coisas estão abertas ao espírito... A perna não sente a cadeia quando a mente está no céu" (Ad Martyras 2).

A Deus.

Eles eram servos do Deus muito alto; estavam sofrendo por ele, e de tudo coração elogiavam seu santo nome. Deus, a sua vez, brindou-lhes seu consolo e seu fortaleça em uma forma incompreensível para os que não lhe servem.

Ouviam-nos.

Ou "estavam-nos escutando". No calabouço de mais dentro havia outros detentos, criminais e excluídos da sociedade, que nunca antes tinham ouvido tais sons em um lugar onde estavam acostumados a ouvir-se violentas maldições e expressões grosseiras.

26.

Grande terremoto.

O terremoto demonstrou a intervenção divina (cf Mat. 28: 2; Apoc. 16: 18, ver com. Hech. 4: 31), porque os anjos deveram libertar aos fiéis servos de Deus (HAp 175). Os efeitos da 331 sacudida sísmica não se limitaram à cárcere; o sismo se sentiu em toda a cidade, e impressionou tanto aos magistrados como aos habitantes da cidade quando compreenderam a relação entre o terremoto e o encarceramento dos cristãos.

abriram-se todas as portas.

O terremoto foi tão violento que se abriram as portas. Os fundamentos de o cárcere foram sacudidos e as portas ficaram abertas (cf. com. cap. 5: 19; 12: 10).

As cadeias de todos se soltaram.

É provável que os detentos estivessem encadeados à parede. A violência do

terremoto foi tal que se soltaram essas cadeias e os detentos ficaram livres. Esta liberação também poderia ter sido realizada por anjos (HAp 175), embora não os menciona como nos cap. 5: 19; 12: 7.

27.

Despertando o carcereiro.

Despertou sobressaltado pelo terremoto. Ou dormia em um lugar de onde, ao despertar, podia ver imediatamente se as portas estavam bem fechadas, ou por causa do terremoto correu a ver se se tinham escapado os detentos.

ia se matar.

O carcereiro sabia que, segundo a lei romana, teria que responder com sua vida se os detentos escapavam (ver com. cap. 12: 19). Sob tais circunstâncias o suicídio parecia ser o melhor. Alguns dos grandes filósofos do mundo clássico afirmavam que tal suicídio era justificável e até digno de louvor.

28.

Pablo clamou.

Da escuridão do calabouço Pablo viu ou ouviu o carcereiro, e se deu conta da intenção do aterrorizado guardião; compreendeu a conclusão a qual tinha chegado o carcereiro e quis impedir que se suicidara. Até em meio de seu próprio sofrimento, Pablo pensou na salvação de outro. Desejava que nem sequer o que o tinha jogado na terrível prisão perecesse impulsionado por sua angústia.

Não te faça nenhum mal.

O som da voz do Pablo foi suficiente para deter a mão do carcereiro. Pelo menos um de seus detentos não tinha escapado. A mensagem do Pablo era ainda mais reconfortante: nenhum faltava. Parece que os outros detentos ainda não haviam pensado na possibilidade de escapar, e também se tranqüilizaram pelo sereno exemplo do Pablo.

29.

Pedindo luz.

Melhor "pediu luzes". Possivelmente para poder contar os detentos.

Tremendo.

A rápida sucessão dos extraordinários acontecimentos quebrantou seu impassibilidade profissional, e o encheu de espanto.

prostrou-se.

Possivelmente o carcereiro tinha ouvido a moça endemoninhada quando afirmava que eram servos do Deus muito alto (vers. 17). Pelas instruções que havia recebido (vers. 23), sabia que eram detentos pouco comuns, e como não haviam fugido, pensou que possivelmente fossem algo mais que homens.

30.

Tirando-os.

Tirou-os do escuro cárcere interior e da companhia dos outros detentos. Fez isto apesar das instruções que lhe tinham dado (vers. 23), porque os apóstolos tinham demonstrado que não tinham intenções de fugir.

Senhores.

Plural de kúrios, palavra que pode ser simplesmente um título cortês, ou referir-se a Deus ou ao Jesus (vers. 31; ver com. Juan 13: 13; Hech. 9: 5).

O que devo fazer? É pouco provável que o carcereiro tivesse entendido plenamente sua própria pergunta, e devemos tomar cuidado de não lhe atribuir a seus palavras um sentido completamente moderno. Mas sob a influência do Espírito Santo o dominou um sentimento de uma grande necessidade espiritual e, além de seus outros temores, agora tinha medo de estar na presença de um Deus justo. O temor das conseqüências terrestres tinha desaparecido ante a realidade de sua condição frente a Deus. A mente com medo é incapaz de classificar seus temores separando-os em categorias. O terror que exigia a certeza de uma segurança presente também despertou o desejo de receber a salvação final. Compare-a pergunta do carcereiro com a do Saulo no caminho a Damasco (cap. 9: 6). Pouco sabia o carcereiro pagão de quão efetiva seria sua pergunta para ajudar a um incontável número de pessoas a encontrar a vida eterna.

31.

Eles disseram.

O carcereiro tinha dirigido sua pergunta aos dois missionários, e os dois o responderam.

Crie.

As circunstâncias não permitiam uma profunda explicação teológica. O carcereiro atemorizado necessitava instruções concisas para chegar à salvação. Sua situação poderia comparar-se com a do ladrão na cruz (ver com. Luc. 23: 39-43). Os detentos cristãos se ocuparam eficazmente da urgente necessidade do carcereiro. Resumiram o ensino cristão em uma fórmula simples que seu aflito interlocutor podia compreender facilmente. Esta fórmula não representava tudo 332 o ensino apostólico; entretanto, nesse momento quiseram inculcar no suplicante a verdade de que a salvação depende da crença pessoal na obra e vida redentoras do Jesus. Com em relação à importância de acreditar nos ensinos cristãos, ver com. Mat. 9: 28; Juan 1: 7, 12; 3: 18; Hech. 10: 43.

Senhor Jesus Cristo.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto: "Senhor Jesus".

Será salvo.

Note-a certeza da resposta. Não havia dúvida nem vacilação, a não ser confiança e segurança. O apóstolo e seu companheiro tinham encontrado que a fórmula era segura. Gozavam da salvação por ter acreditado no Senhor Jesus e, pelo tanto, estavam qualificados para lhe assegurar a outro pecador que ele também, acreditando, podia encontrar a redenção. A promessa se ampliou até incluir a

todos os de seu "casa", quer dizer seus próximos que estivessem dispostos a acreditar no Jesus.

32.

Falaram.

depois de ter respondido em forma tão breve a urgente pergunta do carcereiro, agora explicam com mais detalhe a mensagem cristã (ver com. cap. 8: 5, 12; 10: 35-38).

Sua casa.

O carcereiro não se conformou assegurando só sua própria salvação; desejava que outros também compartilhassem o presente divino; portanto cooperou com os servos de Deus e reuniu aos membros de sua casa para que todos pudessem aprender o caminho da vida. Esta foi, sem dúvida, uma congregação pouco comum, reunida em um lugar insólito; mas os resultados foram bentos.

33.

Tomando-os.

Assim que o carcereiro reconheceu sua necessidade de ser salvo, demonstrou uma mudança de coração, O endurecido funcionário pagão se converteu em um amável cristão, solícito pelo bem-estar dos machucados evangelistas. Não tinha autoridade para soltar aos detentos, mas fez o que pôde para aliviar seus dores lhes lavando as costas rasgada. Este tenro ministério foi uma prova prática de sua conversão.

Em seguida.

Não se perdeu tempo: o cárcere foi sacudida entre a meia-noite e o amanhecer (vers. 25, 35), os detentos ficaram livres, apresentou-se a pergunta vital, se deu-lhe resposta, produziu-se a conversão, e se celebrou o batismo.

batizou-se.

É claro que as instruções dadas pelo Pablo e Silas foram abarcantes. Foram recebidas de todo coração pelo carcereiro e sua casa e isto provocou em eles o desejo de receber o batismo. que acabava de lavar as feridas de os detentos, junto com os seus foi lavagem das manchas do pecado. Este ministério recíproco é típico da genuína comunhão cristã. É possível pensar que no cárcere houvesse uma fonte ou uma cisterna onde pudesse realizar o batismo por imersão. Ver com. Mat. 3: 6.

34.

A sua casa.

O carcereiro recém convertido manifestou uma amável hospitalidade. Tirou os missionários do temível cárcere e os levou a relativa comodidade de sua casa.

Pô-lhes a mesa.

É provável que Pablo e Silas não tivessem comido da manhã do dia anterior, e que estariam mais que dispostos a servir-se mantimentos depois do que tinham sofrido. Entretanto, seus primeiros pensamentos se enfocaram

nas necessidades espirituais dos inconversos; suas próprias necessidades físicas ocupavam um segundo lugar.

regozijou-se.

Gr. agalliáÇ, indica um regozijo intenso. A frase "com toda sua casa" pode aplicar-se tanto ao gozo como à crença, ou aos dois: toda a casa se regozijou e acreditou.

De ter acreditado em Deus.

O carcereiro acreditou profunda e completamente, de uma vez por todas, e com gozo quase inexpresable antecipava sua nova vida com Cristo.

Este capítulo apresenta um quadro gráfico do começo da obra cristã em Europa. As conversões registradas foram dramáticas e de tipos totalmente diferentes. converteu-se Luta, oriunda da Ásia, ao parecer uma mulher culta e rico. É provável que também se convertesse a moça pulseira, liberada da posse demoníaca (ver com. vers. 18). Aqui se relatou a conversão de um carcereiro pagão, sem dúvida cidadão romano, severo e endurecido, de quem se acreditaria que dificilmente pudesse responder ao Evangelho. Neste grupo tão díspar de conversos estava contida uma promessa dos futuros triunfos do Evangelho no continente europeu.

35.

Magistrados.

Ver com. vers. 20.

Oficiais.

Gr. rabdóujos, "portador de varas", ou seja "leitor" (ver com. vers. 22). Possivelmente fossem quão mesmos tinham açoitado aos apóstolos o dia anterior.

Solta a aqueles homens.

Não se dá nenhuma razão para esta ordem. Os magistrados podem haver considerado que o castigo tinha sido suficiente, ou que tinham atuado 333 apressadamente ao castigar aos acusados sem que se fizesse um julgamento ou se investigasse o ocorrido. É provável que o terremoto os tivesse alarmado. Alguns pensaram que pessoas de influência, possivelmente Luta, pudessem havê-los induzido a liberar os apóstolos. Indubitavelmente o Espírito Santo lhes fez sentir que tinham atuado mau. De todos os modos queriam soltar aos dois presos tão silenciosa e rapidamente como fora possível.

36.

O carcereiro.

Ver com. vers. 23.

Fez saber.

Sem dúvida o carcereiro, cheio de gozo, chegou com a notícia esperando que Pablo e Silas aceitariam imediatamente sua liberação.

Em paz.

É provável que esta fora uma expressão convencional, mas pôde ter tido um significado mais profundo à luz da fé que o carcereiro acabava de achar.

37.

Pablo lhes disse.

Dirigiu suas palavras aos que tinham sido enviados pelos magistrados. Seu resposta é uma concisa condenação da injustiça cometida pelos magistrados, porque cada palavra tinha um significado judicial.

nos açoitar publicamente.

Provavelmente tinham sido atados ao palus, onde se atava aos que foram ser açoitados diante dos habitantes da cidade. Segundo a Lex Valeria de 509 A. C. e a Lex Porcia de 248 A. C., os cidadãos romanos estavam isentos do castigo de ser açoitados. O fato de que Verres, governador da Sicilia, tivesse quebrantado esta lei motivou uma das mais sérias acusações que o fizesse Cicerón: "Atar a um cidadão romano é um crime; açoitá-lo é uma abominação" (Contra Verres V. 66. 170). A declaração de que alguém era cidadão romano sortia, com freqüência, como um encantamento que detinha a injusta violência dos magistrados provinciais.

Sem sentença judicial.

Não se tinha feito um julgamento formal. A multidão tinha miserável aos missionários ante os magistrados, mas não lhes tinha dado oportunidade para que defendessem-se (vers. 22). Castigou-se sumariamente a uns detentos que não tinham sido declarados culpados.

Sendo cidadãos romanos.

Os donos da jovem pulseira tinham apoiado seu raciocínio em um argumento similar (vers. 2 l). Pablo declara agora que também Silas era cidadão romano, e pretender falsamente que se era um cidadão tal, era um delito capital. O tipo de desafio que Pablo lançou às autoridades da cidade pode fazê-lo só um cristão consagrado, guiado pelo Espírito. Este método não aprova uma belicosa autodefesa de parte dos crentes quando são acusados.

eles venham.

Os magistrados tinham cometido um sério engano ao castigar publicamente a uma pessoa que não tinha sido sentenciada, e Pablo insiste agora em que eles mesmos façam a expiação por sua injustiça. Ao fazer isto possivelmente pode haver esperado assegurar que os conversos filipenses fossem bem tratados, porque muitos deles provavelmente eram cidadãos romanos. Estava em jogo o honra do Evangelho; não o do Pablo.

38

Tiveram medo.

Tinham uma boa razão para temer, pois o castigo injusto de um cidadão romano poderia lhes haver causado a perda de seu cargo, sua degradação e a

inabilitação para desempenhar cargos de responsabilidade. Isto explica por que estiveram tão dispostos a encontrar uma solução tranqüila para esta dificuldade. Para explicar sua ação ilegal não bastaria que alegassem que não sabiam que as vítimas eram cidadãos romanos. Só podiam esperar persuadir ao Pablo e ao Silas a que aceitassem uma solução discreta pela injustiça que lhes tinha feito. Pouco conheciam o caráter abnegado dos homens a quem tinha maltratado com tanta violência.

39.

Rogaram-lhes.

Gr. parakaléÇ (ver com. vers. 9). Há vários manuscritos gregos que acrescentam detalhes neste versículo, mas a evidência textual estabelece (cf P. 10) o texto que aparece na RVR. O Códice Alexandrino diz que os magistrados apresentaram suas desculpas. Outros MSS dizem que os magistrados afirmaram haver desconhecido a identidade e a natureza dos apóstolos. Tudo isto não varia o desenvolvimento básico do relato.

Tirando-os.

Os magistrados mesmos os tiraram do cárcere, fazendo um intento por apaziguá-los.

Pediram-lhes.

Gr. erÇtáÇ, "pedir", "rogar". Melhor "pediam-lhes"; o tempo imperfeito do verbo denota uma ação repetida ou contínua. Os magistrados tinham muito desejo de que os apóstolos abandonassem a cidade sem que surgissem novos problemas.

40.

Saindo.

Quando os missionários obtiveram o que se proposto -mostrar aos magistrados o sério engano cometido e vindicar publicamente o Evangelho-, manifestaram uma magnanimidade exemplar. Não 334 apresentaram exigências embaraçosas que os fizessem aparecer como pessoas importantes, mas sim silenciosamente acessaram ao pedido dos magistrados.

Em casa de Luta.

Parece que a casa de Luta não era só o lugar onde se alojavam os missionários, mas também onde se reuniam os irmãos. É provável que os missionários se tenham hospedado em casa de Luta até estar em condições de continuar sua viagem.

Os irmãos.

os da casa de Luta e a do carcereiro.

Consolaram-nos.

Também poderia traduzir-se "animaram-nos" (BJ). Apesar de seus sofrimentos e de que estavam convalescendo, a principal preocupação dos missionários era o bem-estar dos cristãos a quem tinha guiado ao cristianismo.

foram-se.

A narração conclui em terceira pessoa, pelo qual é evidente que Lucas permaneceu no Filipos. Não se diz especificamente o que fez Timoteo. Pôde haver ficado com o Lucas, pois não reaparece a não ser até o cap. 17: 14, quando fica na Berea com o Silas. Por outra parte, pôde ter acompanhado ao Silas em suas viagens posteriores.

Lucas aparece de novo na narração no cap. 20: 5, onde começa a segunda seção do livro de Feitos, na qual se emprega a primeira pessoa de plural (ver com. cap. 16: 10). É provável que tivesse ficado nos arredores do Filipos (cap. 20: 6) até que Pablo passou de novo pela Macedônia durante sua terceira viagem missionária. Nesta forma os dois operários cristãos teriam estado separados durante uns seis anos (ver P. 105). Podemos pensar que Lucas empregou esses anos em pulverizar o Evangelho na necessitada a Macedônia, e que foi um sólido dirigente da igreja do Filipos. A qualidade da igreja do Filipos era tal que não merecia recriminação, a julgar pela carta que Pablo escreveu a seus membros. A igreja estava agradecida pelo ministério do Pablo e fez todo o possível por pagar sua dívida com o apóstolo por meio de atos de hospitalidade (Fil. 4: 14-18, e possivelmente 2 Cor. 11: 9).

NOTA ADICIONAL DO CAPÍTULO 16

A narração do Lucas registrada no Hech. 16: 6-8 suscita dois problemas estreitamente relacionados entre si. O primeiro tem que ver com a rota que Pablo tomou ao viajar pelo centro do Ásia Menor; o segundo se refere à situação geográfica das Iglesias da Galacia. O estudo destes dois assuntos resultou na formação da teoria da Galacia do Norte e a da Galacia do sul. Segundo a teoria da Galacia do sul, a Epístola de Pablo aos Gálatas foi escrita às Iglesias que tinham sido fundadas na Galacia meridional durante a primeira viagem missionária. Quem aceita a teoria da Galacia do norte, dizem que a epístola foi escrita às Iglesias que surgiram como resultado do ministério do Pablo na Galacia do norte durante sua segunda viagem missionária, conforme se registra nos vers. 6-8. É possível que nunca possa achar uma explicação satisfatória para estes problemas; mas a consideração das frases chaves da passagem poderia levar a um entendimento mais claro dos problemas implicados.

L."Atravessando Frigia e a província da Galacia" (vers. 6).

Gr. Frugía kái galatik' jÇra, "Frigia e a região gálata". Discutiu-se muito o verdadeiro significado desta frase, e os eruditos seguem sustentando posições divergentes. Entretanto, a evidência gramatical e contextual parece sugerir que Lucas se estava refiriendo aqui a dois distritos estreitamente relacionados: Frigia, e uma região menos definida, habitada por galos ou gálatas. A história da Frigia pode rastrear-se até o segundo milênio A. C., quando os invasores frigios provenientes dos Bálcãs, venceram a uma parte do povo hitita do ocidente do Ásia Menor, e estabeleceram seu próprio distrito étnico. Uns mil anos depois, no ano 278 A. C., os galos chegaram à a Ásia Menor do norte, tomaram o que ficava da Frigia e puseram o fundamento do que mais tarde se conheceu como Galacia (ver com. vers. 6). Nos dias do Lucas a província romana da Galacia abrangia uma franja do Ásia Menor, do norte ao sul, na qual estavam incluídas zonas que não formavam parte da Galacia.

O fato de que Lucas usasse a palavra jÇra, que significa "região", "distrito", país" ou "terra", e que não se empregava para designar a uma divisão política específica, indica que Lucas não se estava refiriendo à província de

Galacia, divisão política do Império Romano. portanto, é provável que depois de visitar as cidades do Derbe, Listra, 335 Iconio e outras localidades da Licaonia (cap. 16: 1-4; cf. cap. 14: 6; ver mapa P. 314), Pablo e seus companheiros viajassem ao oeste da Frigia, e ao norte para uma região que designava-se localmente como Galacia. Em ambas as regiões teriam pregado o Evangelho aos habitantes pagãos e estabelecido grupos de crentes que se converteram mais tarde nas Iglesias da Galacia (HAp 169-170; ver mapa frente ao P. 33).

2."Ásia".

Este término pode interpretar-se de diversas maneiras, mas neste contexto as que interessam se reduzem a dois: (1) a província romana da Ásia, que compreendia a parte ocidental da península do Ásia Menor; (2) a região costeira de essa província, que bordeaba a borda oriental do mar Egeu, onde se encontravam certas cidades gregas como Efeso, Esmirna, Pérgamo e Laodicea (cf. Apoc. 1-3). Ao tentar decidir qual destas possibilidades é a que indica Lucas, encontra-se um problema gramatical na narração que necessita ser esclarecido. A construção grega do Hech. 16: 6 pode entender-se como que Pablo e seus companheiros foram a Frigia e à região gálata porque o Espírito tinha-lhes proibido pregar na Ásia (ver com. vers. 6). Isto localizaria a proibição antes de que abandonassem a região das cidades nas quais já tinham estabelecido Iglesias, e indicaria que "Galacia", tal como se emprega aqui, é uma zona diferente. Segundo esta interpretação, teriam pensado passar a Ásia saindo da zona onde estavam trabalhando. Em tal caso "a Ásia" poderia referir-se à província, posto que sua fronteira estava perto das cidades que acabavam de visitar (vers. 1-2, 4). À objeção de que mais tarde passaram pela província da Ásia ao ir ao Troas (vers. 8), pode responder-se que o Espírito lhes proibiu pregar a palavra na Ásia (vers. 6), mas não que passassem pela região. Por outra parte, Laodisea, a mais oriental das cidades gregas, também estava perto dos viajantes (ver mapa frente P. 33), e Pablo pôde ter tido a intenção de visitar essa zona. Pelas limitações causadas pelo idioma, o plano habitual do Pablo parece haver sido o de pregar nas zonas de fala grega antes que tentar a tarefa de pregar o Evangelho, por meio de tradutores, em idiomas que ele mesmo não falava. Além disso, qualquer que tivesse sido a rota precisa que mais tarde tomou, é evidente que nesta ocasião não passou por essas cidades gregas, pelo qual a segunda alternativa permite uma explicação aceitável. Isto o sugere também o cap. 2: 9-10 onde se diz que a Ásia e Frigia eram regiões separadas, enquanto que a província romana da Ásia sem dúvida incluía parte de Frigia. portanto, pode supor-se que os evangelistas cumpriram com o mandato divino passando pelas fronteiras orientais da província romana de Ásia sem deter-se pregar, ou não indo à região urbana grega densamente povoada, que se estendia terra adentro partindo da costa do mar Egeu.

3."Misia" (vers. 7).

Misia estava situada no extremo noroeste do Ásia Menor, com o Helesponto e o mar da Mármara pelo norte e o mar Egeu pelo oeste. Estava dentro de os limites da província da Ásia. Lucas emprega a frase katá t'n Musían, "frente a Misia", para mostrar que estava perto da Misia, mas não necessariamente nesse território. Isto concorda com a declaração do Pablo no sentido de que queria ir a Bitinia, limítrofe com a Misia pelo este. Parece, pois, que o grupo de cristãos se dirigiu ao oeste desde Frigia e a região gálata, perto do lugar onde se juntam Bitinia e Misia, com a intenção de evangelizar primeiro Bitinia. Mas o Espírito interveio uma vez mais e lhes proibiu a entrada na Bitinia. O grupo viajou então para o oeste, passando perto da fronteira sul da Misia, e finalmente entrou nesse

distrito em caminho ao Troas, porto principal da região.

Agora é necessário fixar a atenção no problema gálata. Quem sustenta a teoria da Galacia do sul, acreditam que durante a primeira viagem missionária, quando Pablo trabalhou nas cidades da Antioquía da Pisidia, Iconio, Listra e Derbe e em seus arredores, estabeleceu Iglesias que legitimamente poderiam chamar-se Iglesias "gálatas", pois todas elas estavam dentro das fronteiras da província romana da Galacia. Mas essa teoria não concorda com a acostumada precisão do Lucas. Fala da Antioquía da Pisidia (ver com. cap. 13: 14), mas não se localiza ao Iconio em nenhuma divisão política (cap. 13: 5 l; 14: l), e diz especificamente que Listra e Derbe eram cidades da Licaonia (cap. 14: 6). Em nenhum momento relaciona estas cidades com a Galacia. Por outra parte, introduz o término "Galacia" no relato da segunda viagem missionária, e ao parecer distingue a região de todas as zonas mencionadas antes. Como já destacasse-se, 336 Pablo partiu da Licaonia e foi a Frigia, distrito que se diferença da Galacia (cap. 16: 6; 18: 23), embora possam relacionar-se estreitamente os dois lugares. portanto, parece provável que as "Iglesias da Galacia" (Gál. 1: 2) foram as que estabeleceu o apóstolo depois de partir da Frigia e antes de chegar às fronteiras da Bitinia e Misia. Alguns dos que propõem a teoria da Galacia do norte pretendem estender as viagens de Pablo até os distritos do norte da província da Galacia, nos arredores da Ancira (hoje Ankara), a capital. Tal extensão é possível, embora não necessária. É razoável limitar a obra do Pablo a uma região imediatamente ao sul da Bitinia. Isto induz a aceitar uma forma modificada da teoria da Galacia do norte. A divergência de opinião quanto a este problema não afeta a integridade do livro de Feitos. Entretanto, é proveitoso ter uma idéia tão clara como é possível quanto à localização das Iglesias às quais Pablo escreveu sua comovedora Epístola aos Gálatas.

depois do Troas não há duvida quanto à rota que seguiu o apóstolo. A maior e mais frutífera parte de sua segunda viagem missionária está por diante, e Europa está a ponto de receber o Evangelho.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-40 HAp 164-179

1-3 HAp 150, 165-166

4-5 HAp 168, 322

6 HAp 169

9 CMC 60; 1JT 384; 2JT 329; 3JT 207, 308; OE 481; SC 45; 3T 39; 6T 27; TM 40; 5TS 164

9-18 HAp 172

14 ECFP 17

16-17 CS 570; P 203

17 HAp 176

18-28 P 203

19-25 HAp 173; 1JT 387

24-34 Hap 340

25 DMJ 33; HAp 174

25-26 MeM 20

26-27 HAp 175

28 Ed 63; SR 312

28-30 HAp 175

30 COES 127; CS 418, 572; DTG 79; Ev 184; HAp 170, 265; 1JT 533; 3JT 159; MC 83; MM 31, 19 l; P 204, 234; PR 321; PVGM 83, 183; SR 359; IT 450, 705; 2T 289; 3T 32; 4T 178; 6T 88; 7T 72

31-40 HAp 175-177; P 204

CAPÍTULO 17

1 Pablo prega na Tesalónica: 4 alguns acreditam; outros o perseguem. 10 É enviado a Berea e prega ali; 13 é açoitado na Tesalónica, 15 viaja a Atenas, onde disputa e prega ao Deus vivo, "não conhecido" pelos atenienses. 34 Muitos acreditam em Cristo.

1PASANDO pelo Anfípolis e Apolonia, chegaram a Tesalónica, onde havia uma sinagoga dos judeus.

2 E Pablo, como acostumava, foi a eles, e por três dias de repouso* discutiu com eles,

3 declarando e expondo por meio das Escrituras, que era necessário que o Cristo padecesse, e ressuscitasse dos mortos; que Jesus, a quem eu vos anúncio, dizia ele, o Cristo.

4 E alguns deles acreditaram, e se juntaram com o Pablo e com o Silas; e dos gregos piedosos grande número, e mulheres nobres não poucas.

5 Então quão judeus não acreditavam, tendo ciúmes, tomaram consigo a alguns ociosos, homens maus, e juntando uma turfa, alvoroçaram a cidade; e assaltando a casa do Jasón, procuravam tirá-los o povo.

6 Mas não achando-os, trouxeram para o Jasón e a alguns irmãos ante as autoridades da cidade, gritando: Estes que transtornam o mundo inteiro também vieram para cá;

7 aos quais jasón recebeu e todos estes transgridem os decretos de César, dizendo que há outro rei, Jesus.

8 E alvoroçaram ao povo e às autoridades da cidade, ouvindo estas coisas.

9 Mas obtida fiança do Jasón e de outros, soltaram-nos. 337

10 Imediatamente, os irmãos enviaram de noite ao Pablo e ao Silas até Berea. E eles, tendo chegado, entraram na sinagoga dos judeus.

11 E estes eram mais nobres que os que estavam na Tesalónica, pois receberam a palavra com toda solicitude, esquadrinhando cada dia as Escrituras para ver se estas coisas eram assim.

12 Assim acreditaram muitos deles, e mulheres gregas de distinção, e não poucos homens.

13 Quando os judeus da Tesalónica souberam que também na Berea era anunciada a palavra de Deus pelo Pablo, foram lá, e também alvoroçaram às multidões.

14 Mas imediatamente os irmãos enviaram ao Pablo que fosse por volta do mar; e Silas e Timoteo ficaram ali.

15 E os que se encarregaram de conduzir ao Pablo levaram a Atenas; e tendo recebida ordem para o Silas e Timoteo, de que viessem o mais logo que pudessem, saíram.

16 Enquanto Pablo os esperava em Atenas, seu espírito se avivava vendo a cidade entregue à idolatria.

17 Assim discutia na sinagoga com os judeus e piedosos, e na praça cada dia com os que concorriam.

18 E alguns filósofos dos epicúreos e dos estóicos disputavam com ele; e uns diziam: O que quererá dizer este falador?. E outros: Parece que é pregador de novos deuses; porque lhes pregava o evangelho do Jesus, e de a ressurreição.

19 E tomando, trouxeram-lhe para o Areópago, dizendo: Poderemos saber o que é esta novo ensino de que falas?

20 Pois traz para nossos ouvidos costure estranhas. Queremos, pois, saber o que quer dizer isto.

21 (Porque todos os atenienses e os estrangeiros residentes ali, em nenhuma outra coisa se interessavam a não ser em dizer ou em ouvir algo novo.)

22 Então Pablo, posto em pé no meio do Areópago, disse: Varões atenienses, em tudo observo que são muito religiosos;

23 porque passando e olhando seus santuários, achei também um altar no qual estava esta inscrição: AO DEUS NÃO CONHECIDO. Ao que vós adoram, pois, sem lhe conhecer, é a quem eu vos anúncio.

24 O Deus que fez o mundo e todas as coisas que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos humanas,

25 nem é honrado por mãos de homens, como se necessitasse de algo; pois ele é quem dá a todos vida e fôlego e todas as coisas.

26 E de um sangue tem feito toda a linhagem dos homens, para que habitem sobre toda a face da terra; e lhes prefixou a ordem dos tempos, e os limites de sua habitação;

27 para que procurem deus, se em alguma maneira, apalpando, possam lhe achar, embora certamente não está longe de cada um de nós.

28 Porque nele vivemos, e nos movemos, e somos; como alguns de seus próprios poetas também hão dito. Porque sua linhagem somos.

29 Sendo, pois, linhagem de Deus, não devemos pensar que a Divindade seja semelhante a ouro, ou prata, ou pedra, escultura de arte e de imaginação de homens.

30 Mas Deus, tendo passado por cima os tempos desta ignorância, agora manda a todos os homens em todo lugar, que se arrependam;

31 por quanto estabeleceu um dia no qual julgará ao mundo com justiça, por aquele varão a quem designou, dando fé a todos lhe havendo levantado dos mortos.

32 Mas quando ouviram o da ressurreição dos mortos, uns se burlavam, e outros diziam: Já lhe ouviremos a respeito disto outra vez.

33 E assim Pablo saiu de em meio deles.

34 Mas alguns acreditaram, juntando-se com ele; entre os quais estava Dionisio o areopagita, uma mulher chamada Dámaris, e outros com eles.

1.

Passando por.

Gr. diodéuÇ, "avançar", "dirigir-se", de diá, "através" e hodós, "caminho". Em o NT este verbo grego só aparece aqui e no Luc. 8: 1. Seu uso proporciona uma evidência adicional para a paternidade literária comum de ambos os livros.

Anfípolis.

A tinos 53 km ao sudoeste do Filipos. Antigamente esta cidade era conhecida como Ennéa Hodói (Nove Caminhos), em reconhecimento de sua posição estratégica. Sob os romanos Anfípolis foi a capital do 338 primeiro dos quatro distritos nos quais estava dividida a província romana da Macedônia.

Apolonia.

A 50 km ao sudoeste do Anfípolis. Não se conhece o lugar exato da cidade. Estas duas cidades poderiam ter sido lugares onde pernoitavam os que viajavam procedentes do Filipos, embora viajar distâncias de quase 50 km por dia poderia ter sido um esforço exaustivo para quem pouco antes tinham sido açoitados. Os missionários não se atrasaram nas duas cidades, possivelmente porque ali havia poucos judeus, se é que os havia.

Tesalónica.

Situada a 60 km ao noroeste da Apolonia. Esta cidade tinha sido conhecida antigamente como Termas, mas logo tinha sido aumentada pelo Filipo de Macedônia, e Casandro a chamou Tesalónica em honra de sua esposa, filha do Filipo da Macedônia. Estava muito bem situada para o comércio no golfo de Salónica, e tinha chegado a ser um porto de importância. Salónica é agora uma cidade importante.

Sinagoga dos judeus.

Tesalónica, um ativo centro comercial, atraiu a um grande número de judeus. Estes membros da diáspora (vêem T. V, pp. 61-62) gozavam de liberdade religiosa, e puderam construir seu próprio lugar de culto. É possível que a sinagoga da Tesalónica também tivesse servido para as cidades próximas, cuja população judia não era suficientemente numerosa para sustentar uma sinagoga própria.

2.

Como acostumava.

Ver com. cap. 13: 5,14; cf. com. Luc. 4: 16.

Foi a eles.

Tinha direito por ser judeu. Pôde ter sido convidado a falar, como em Antioquía da Pisidia (ver com. cap. 13: 14).

Por três dias de repouso.

Gr. epí sábbata triagem. Literalmente "em (sobre) três sábados". Alguns hão sugerido que deve entender-se como "durante três semanas". Entretanto, não há nada no grego, o contexto ou as circunstâncias descritas, que exija a tradução "semanas". De 68 versões consultadas sobre esta passagem em 13 idiomas, só dois traduzem "semanas". Muitas versões usam a expressão "três sábados" (BJ, BC, NC, VM) ou "sábados sucessivos", o qual exclui qualquer pensamento de "semanas". portanto, podemos concluir que a tradução "por três sábados" é válida, e neste caso preferível. Quanto à relação do Pablo com a observância do sábado, ver com. cap. 13: 14;16: 13. Durante os intervalos entre os sábados, o apóstolo sem dúvida trabalhava em seu oficio de fazer lojas (ver com. cap. 18: 3; 1 Lhes. 2: 9; 2 Lhes. 3: 8). O feito de que ao Pablo lhe permitisse pregar três sábados consecutivos, mostra o respeito que lhe tinha como rabino, e sua fervorosa eloqüência.

Discutiu.

Gr. dialégomai, "conversar", "dissertar", "tratar", mas bem que "disputar", como se traduz este mesmo verbo no vers. 17. O testemunho do Pablo foi tão intrépido como sempre. Pregava o Evangelho de Deus não "em palavras somente, mas também em poder, no Espírito Santo e em plena certeza" (1 Lhes. 1: 5); mas ao mesmo tempo estava suave "como a nodriza que cuida com ternura a seus próprios filhos" (1 Lhes. 2: 7), e como resultado não só se salvaram judeus e partidários, mas sim muitos gentis se voltaram "dos ídolos a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro" (1 Lhes. 1: 9).

3.

Declarando.

Gr. dianóigÇ, "abrir". Lucas usa este verbo em outras três circunstâncias: (1)quando Cristo abriu ou explicou as Escrituras aos discípulos que foram a Emaús (Luc. 24: 32); (2) quando Cristo abriu o entendimento dos onze para que compreendessem as Escrituras (Luc. 24: 43), e (3) quando o Senhor abriu o coração de Luta para que estivesse atenta ao que Pablo ensinava (Hech. 16: 14). Pablo segue o exemplo de seu Professor, e abre as Escrituras para que a mente de seus ouvintes pudesse receber a mensagem.

Expondo.

Gr. paratíth'meu, "demonstrar", "assinalar", verbo usado para indicar a colocação de mantimentos sobre a mesa, "pôr a mesa" (ver com. cap. 16: 34), ou em forma figurada, para expor argumentos. "Expor" em seu significado mais antigo quer dizer "citar". Pablo apresentou provas das Escrituras para seu ensino, e em forma persuasiva as expôs ante seus ouvintes na sinagoga.

Por meio das Escrituras.

Mas bem, "das Escrituras". Pablo tirou suas razões das Escrituras como Jesus (ver com. Luc. 24: 25-27, 44) e Esteban (ver com. Hech. 7), e como ele mesmo o tinha feito na Antioquía da Pisidia (ver com. cap. 13: 16-4 l).

Que era necessário.

Pablo mostrou como o Mesías não podia triunfar sobre o pecado a menos que padecesse. O sofrimento era essencial para triunfar (ver com. Luc. 24: 26-27). 339

Que o Cristo.

No texto grego está o artigo: "o Cristo" ou "o Mesías". O apóstolo se propõe corrigir as idéias errôneas dos judeus sobre o Mesías (ver com. Luc. 4: 19).

Padecesse e ressuscitasse dos mortos.

Pablo trata especificamente dois aspectos do ensino cristão que os judeus encontravam difícil de aceitar: os padecimentos do Mesías e seu ressurreição. O cap. 53 do Isaías teve certamente um lugar proeminente nesse estudo (ver com. Luc. 24: 26-27; cf. com. Hech. 8: 32-35; 13: 26-33).

E que Jesus, a quem eu vos anúncio.

A construção do grego justifica a inserção de "dizendo" antes da preposição "que". Poderia dizer: "dizendo que este é o Mesías, Jesus, a quem eu publicamente lhes proclamo" (cf. com. 9: 22).

4.

E alguns deles.

Quer dizer, alguns de quão judeus estavam na sinagoga (ver com. 13: 43). Provavelmente eram uma minoria em comparação com os judeus incrédulos (cap. 17: 5).

Acreditaram.

Melhor "foram persuadidos" pelo raciocínio do Pablo.

E se juntaram com o Pablo.

Literalmente "foram atribuídos ao Pablo [Por Deus]" para ser discípulos. Rotherdam traduz: "jogaram sua sorte com o Pablo".

Dos gregos piedosos.

Alguns destes eram partidários (ver com. cap. 10: 2); mas a igreja de

Tesalónica parece ter sido predominantemente gentil, e alguns de seus membros foram ganhos diretamente da idolatria sem passar pelo judaísmo (1 Lhes. 1: 9; 2: 14).

Grande número.

Estes gentis não estavam dominados pelos prejuízos a que estavam submetidos aqueles que tinham nascido judeus.

Mulheres nobres.

Podem ter sido independentes econômica e socialmente como Luta (cap. 16: 14), ou as esposas dos principais da cidade. Não é possível afirmar se eram judias ou gentis. Na Macedônia, as mulheres gozavam de muita liberdade. É provável que este vers. (cap. 17: 4) abranja mais que os três sábados mencionados no vers. 2. O tenor da narração, com a descrição de uma florescente obra na Tesalónica e a epístola do Pablo (1 Tesalonicenses), sugere uma permanência de mais de três semanas.

5.

Que não acreditavam.

A evidência textual estabelece (cf P. 10) a omissão destas palavras. Isto é de pouca importância porque neste versículo se declara que alguns judeus acreditaram, e é óbvio que quão judeus juntaram uma turfa contra Pablo e Silas, não acreditavam. A predicación do Evangelho na sinagoga quase sempre produzia uma decidida divisão entre aqueles que a escutavam (cap. 13: 14, 43-45; 14: 1-2; 19: 8-9).

Tendo ciúmes.

Gr. z'lóÇ, "estar cheio de inveja", quer dizer "estar ciumento" (cf. com. 13: 45).

Tomaram consigo a alguns ociosos.

Literalmente "tendo tirado dos mercados certos varões malvados". Se refere a aqueles homens que sem ter emprego fixo, perambulavam ao redor do mercado procurando ganhar algo, preparados para algo boa ou má que se apresentasse. Os ciumentos judeus estavam dispostos a empregar a esses safados, organizá-los como turfa, e usá-los para promover dificuldades contra os missionários e seus conversos.

Alvoroçaram.

Gr. thorubéÇ, "alvoroçar", "criar confusão". A técnica da rebelião usada pelos judeus foi imitada pelos inimigos do cristianismo através de os séculos. Os inimigos da igreja levantaram rebeliões, e depois a miúdo acusaram aos cristãos de ser os causadores dos distúrbios.

A cidade.

Em grego não aparece a palavra "toda", mas sua omissão não debilita a força da narração.

E assaltando.

Gr. efist'meu, "encontrar-se com [algum, alguém] repentinamente" (cf. Luc. 20:

I; Hech. 22: 13; 23: 27). Este ataque sem motivo foi um ato de desordem público que deveria ter induzido às autoridades a castigar aos judeus, e não ao Jasón ou ao Pablo.

Jasón.

Um nome grego freqüentemente adotado por judeus, cujo equivalente hebreu era Josué (2 MAC. 4: 7; ver Josefo, Antiguidades xII. 5. I). Também se encontra este nomeie em uma lista dos parentes do Pablo (ROM. 16: 21); mas não há evidência que sugira que se refira a seu amigo tesalonicense. O fato de que Pablo aceitasse hospedar-se na casa do Jasón, pode indicar que era judeu. Seu hospitalar ato lhe conduziu a ira fanática de seus incrédulos compatriotas.

tirá-los.

Ao Pablo e ao Silas.

Ao povo.

Gr. d'mos, possivelmente "assembléia popular" em contraste com laós, que geralmente representa um povo como tribo ou nação. Tesalónica era uma cidade livre grega, portanto os judeus puderam ter esboçado o plano de levar o assunto ante o 340 d'mos, ou tribunal do povo. Como uma alternativa puderam ter tido a esperança de que a avivada turfa linchasse aos missionários sem lhes dar a oportunidade de um julgamento.

6.

Mas não achando-os.

Provavelmente, amigos que estavam alerta tiraram secretamente ao Pablo e ao Silas fora da casa, e os esconderam até que puderam tirá-los sem perigo de Tesalónica (vers. 10). Quando foram frustrados seus desejos de apoderar-se de eles, os sediciosos capturaram a outras vítimas da localidade, mas as trataram em forma mais legal.

Trouxeram.

Gr. súrÇ, "arrastar" ou "tirar". Outra passagem (cap. 8: 3) usa-se esta palavra para dizer que Pablo, "arrastava" a homens e mulheres e os entregava ao cárcere.

Alguns irmãos.

Embora não se dá o nome destes irmãos, não passaram inadvertidos.

Autoridades da cidade.

Gr. politárj's, de pólis, "cidade", e árjÇn, "governante". Nos registros literários conhecidos, só Lucas usa a palavra. Entretanto, a arqueologia demonstrou que a usou com exatidão. descoberto-se 19 inscrições em as quais aparece a palavra politárj's, e na maioria dos casos se refere a magistrados de cidades da Macedônia. Cinco inscrições se referem aos da Tesalónica, com o qual se confirma a minuciosa exatidão do narrador. Lucas descreveu corretamente aos magistrados no Filipos, uma colônia romana, como strat'gós (ver com. cap. 16: 20); mas Tesalónica era uma cidade macedónica livre, e seus magistrados não romanos, que eram cinco ou seis em aquele tempo, eram oficialmente conhecidos como politárg'S. Ante estes

funcionários foram arrastados Jasón e seus amigos.

Estes que transtornam o mundo.

No Hech. 21: 38 e Gál. 5: 12 há declarações semelhantes, pois derivam do mesmo verbo. Para o comentário da palavra "mundo" (Gr. oikoumén') ver com. Mat. 24: 14; Luc. 2: L. Acusações similares de causar alvoroço se apresentaram contra Elías (1 Rei. 18: 17) e os cristãos do século 111 (Tertuliano, Apologia 40; Ad Nationes 9); e acusações semelhantes se apresentarão contra o povo de Deus nos últimos dias (CS 672-673).

No caso que comentamos os cargos foram sem dúvida exagerados pela excitação do momento, mas seu significado era sério.

Os romanos estavam orgulhosos de seu Pax Romana (Paz Romana), e estavam decididos a tratar severamente aos que a perturbavam. Mas não importa quão exagerada pôde ter sido esta acusação, mostra que a reputação dos missionários por ganhar conversos era anterior a sua obra na Tesalónica, e é um testemunho da rápida propagação do cristianismo.

7.

recebeu.

Gr. hupodéjomai, como no Luc. 10: 38; 19: 6; Sant. 2: 25. Os apóstolos eram hóspedes do Jasón, e por isso foi considerado como simpatizante de seus ensinos.

Todos estes.

Isto é, Jasón e alguns irmãos. Se tivessem encontrado ao Pablo e ao Silas também os tivessem incluído na acusação. Em um sentido mais amplo, o cargo pôde ter sido contra toda a igreja cristã.

Decretos.

Gr. dógma (ver com. cap. 16: 4). refere-se provavelmente às leis romanas contra os ensinos sediciosos; entretanto, é possível que os "decretos" também pudessem referir-se aos términos do decreto decretado pelo imperador Claudio ordenando que os judeus deviam ser expulsos de Roma, se é que dito decreto teve sua origem no crescimento do cristianismo (ver T. V, P. 72; com. cap. 18: 2). Esse decreto era válido realmente só em Roma e em suas colônias (como Filipos), mas podia influir em todas as partes do Império Romano. Embora Tesalónica era uma cidade livre estava sob o governo imperial, e seu legislação harmonizava com a índole da política imperial romana.

Outro rei.

Gr. basiléus héteros, quer dizer uma classe diferente de rei (ver com. Mat. 6: 24). Sobre esta frase apoiaram os acusadores sua principal acusação: sustentavam que os cristãos estavam proclamando um rei ou imperador rival. Dificilmente poderia apresentar uma acusação mais grave contra qualquer grupo (ver Mar. 12: 14; com . Luc. 23: 2), E mesmo que não era certa tinha suficiente base para que parecesse razoável. Os cristãos ensinavam por em qualquer lugar a superioridade do reino de Cristo (ver com. Mat. 3: 2-3; Juan 18: 36), e os críticos hostis facilmente podiam tergiversar suas palavras as convertendo em ditos sediciosos. Segundo as epístolas aos Tesalonicenses é claro que Pablo destacava o reino em seu predicación, e 341 punha ênfase na segunda vinda

de Cristo como Rei (1 Lhes. 1: 9-10; 2: 12; 4: 14-17; 5: 2, 23; 2 Lhes. 1: 5-8; 2: 8). Para um funcionário romano tal ensino era suficiente para provar o cargo que apresentavam os irados judeus e os que pensavam como eles.

8.

Alvoroçaram.

Gr. tarássC, "agitar" "excitar". As novas dadas pelos judeus sacudiram a os habitantes da Tesalónica. O público temeu uma insurreição e seus conseqüentes horrores, enquanto que os magistrados enfrentavam a responsabilidade de ter fracassado em conservar a ordem e ter permitido atividades subversivas.

Povo.

Gr. ójlos, "multidão", "multidão", "povo comum", uma palavra diferente da que se traduz povo (d'mos) no vers. 5.

9.

Fiança.

Gr. hikanós, literalmente "suficiente", mas que aqui se usa como um término técnico equivalente a "fiança". Jasón teve possivelmente que entregar uma quantidade de dinheiro em vez de apresentar ao Pablo e ao Silas em pessoa, ou como uma promessa de que os evangelistas não voltariam a perturbar a cidade, ou como garantia da boa conduta dele. Os cristãos da cidade correram grandes riscos devido aos missionários, mas voluntariamente fizeram frente ao perigo por causa do Evangelho (cf. 1 Lhes. 1: 6; 2: 14). É evidente que os magistrados se opunham a ser lançados a uma ação imprudente, e são dignos de louvor por sua razoável decisão. Possivelmente julgaram que as evidências eram insuficientes para pronunciar uma falha de culpabilidade.

10.

Imediatamente, os irmãos enviaram.

Ou por causa de uma ordem dos magistrados, ou por causa do iminente perigo (cf cap. 9: 25). Pablo e Silas tinham sido os benfeitores dos novos crentes, mas agora a situação tinha trocado e os cristãos de Tesalónica solícitamente cuidaram dos missionários. Pablo nunca esqueceu as cuidados desses irmãos, e freqüentemente desejou vê-los de novo. Pelo menos em duas ocasiões tentou visitar a igreja da Tesalónica, Mas teve que contentar-se enviando ao Timoteo (ver com. 1 Lhes. 2: 18; 3: 1-2).

Berea.

Pequena cidade macedónica a 80 km ao sudoeste da Tesalónica, Berea era muito menos importante comercialmente que Tesalónica. A cidade ainda retém seu nomeie na moderna Veroia. A forma bíblica do nome seria mais exatamente Beroea (ver mapa P. 314).

Na sinagoga.

A população judia era suficientemente grande para sustentar seu próprio lugar de culto. Pablo estava acostumado a começar seu trabalho evangelístico na sinagoga (cf. com. vers. 1-2), mas neste caso, imediatamente depois dos distúrbios em

Tesalónica, uma ação tal exigia um valor extraordinário.

11.

Nobres.

Literalmente "bem nascidos" (cf. 1 Cor. 1: 26), término que aqui representa a lealdade e generosidade que idealmente se supunha que caracterizava aos que eram de berço aristocrático. Esta qualidade de benevolência e amplitude de critério foi a que o apóstolo e Lucas admiraram nos judeus bereanos, quem, em contraste com os judeus da sinagoga da Tesalónica, não eram escravos dos prejuízos, mas sim com mentes bem dispostas estavam preparados para estudar as verdades que Pablo apresentava.

Receberam a palavra.

Isto é, a Palavra de Deus. Pablo lhes repartiu o mesmo ensino bíblico que tinha dado aos judeus na Tesalónica.

Solicitude.

Ou "desejo". Desejavam intensamente mais conhecimento.

Esquadrinhando.

Gr. anakrínÇ, "investigar", "examinar", "escolher [evidências]", especialmente no sentido legal como em cap. 4: 9; 12: 19. No Juan 5: 39 se usa um verbo diferente, eraunáÇ ("esquadrinhar", "examinar"). Os bereanos usaram uma inteligência santificada ao estudar as Escrituras, e encontraram que as palavras inspiradas falavam de um Mesías que sofreria e ressuscitaria. Uma vez que examinaram a evidência e a encontraram verdadeira, demonstraram seu sinceridade aceitando o novo ensino. Os conversos bereanos sempre hão sido considerados -especialmente por aqueles que destacam o direito a utilizar o julgamento privado- como representantes dos que mantêm a relação correta entre a razão e a fé, evitando por uma parte a credulidade, e pela outra, o cepticismo. Os bereanos constituem um bom exemplo para imitar, por sua disposição para examinar o que foi apresentado como verdade, verificá-lo comparando-o com a venerada autoridade das Escrituras e, finalmente, para seguir a verdade tal como a encontraram.

Cada dia.

Estas palavras sugerem que a permanência do Pablo com os bereanos foi pelo menos suficientemente larga para dirigir aos investigadores em um estudo extenso das Escrituras. 342

12.

Assim.

como resultado de tina busca diligente e diária das Escrituras, muitos acreditaram a mensagem do Evangelho. A Bíblia ainda continua produzindo convicção e conversão naqueles que com sinceridade procuram a verdade em seus páginas.

Acreditaram muitos deles.

Em contraste com "alguns deles acreditaram" (vers. 4).

Mulheres gregas de distinção.

Quer dizer, mulheres de boa categoria ou posição, distinguidas por seu influência e riqueza (cf com. cap. 13: 50). Embora a frase se refere especialmente às mulheres, é provável que também se incluíram homens (ver com. vers. 4).

13.

Judeus da Tesalónica.

Não estavam satisfeitos tendo expulso aos missionários de sua própria cidade; seu ódio perseguiu os cristãos a Berea (cf. com. cap. 14: 19).

A palavra de Deus.

Este é o término que usa Lucas. Os judeus da Tesalónica que não aceitaram o mensagem do Pablo não a houvessem descrito como a "palavra de Deus". O prejuízo e uma prolongada instrução nas tradições judias tinham cegado seus olhos (cf. com. 2 Cor. 3: 14-15).

Alvoroçaram.

Gr. saléuÇ "agitar", "sacudir". Esta figura sugere uma tormenta no mar onde tudo está revolto. É uma descrição muito apta da confusão que os judeus da Tesalónica queriam criar. A evidência textual favorece (cf. P. 10) o texto: "chegaram ali agitando e perturbando às gente" (ver com. "multidões"). Os judeus provavelmente apresentaram cargos similares aos que tinham sido levantados contra os cristãos na Tesalónica, acusando aos crentes de fomentar distúrbios políticos.

Multidões.

Ou "multidões" (ver com. vers. 8). Os judeus da Tesalónica aparentemente tentaram promover a mesma ação das turfas contra os apóstolos em Berea, com a qual tinham tido tanto êxito em sua própria cidade (ver com. vers. 5-10).

14.

Imediatamente.

Tanto na Tesalónica (vers. 10) como na Berea, a partida dos apóstolos foi muito apressada; mas os cristãos da Berea, novos na fé e com risco pessoal fizeram, como os da Tesalónica, os acertos necessários para a segurança de seus professores.

Que fosse por volta do mar.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) o texto "até o mar". Esta ação repentina foi preparação para embarcar-se para um lugar que talvez ainda não tinha sido determinado. devido a que não se mencionam lugares onde se deteve entre a Berea e Atenas (como o foram Anfípolis e Apolonia entre o Filipos e Tesalónica, vers. l), supõe-se que Pablo viajou por mar, rodeando o cabo de união para entrar em Atenas pelo porto do Pireo (ver com. vers. 16). O acompanharam alguns que tinham vindo desde a Berea (vers. 15); mas retornaram e Pablo ficou sozinho. Seu desejo de ter companheiros e de receber conselhos se

expressa na mensagem que enviou com os bereanos que retornavam, para que Silas e Timoteo viessem a ele "o mais logo que pudessem" (vers. 15). Segundo 1 Lhes. 3: 1-3 parece que Timoteo chegou a Atenas possivelmente depois do episódio do Areópago, e foi enviado muito pouco depois com palavras de conselho e consolo para os que estavam passando por muitas tribulações na Tesalónica.

Silas e Timoteo.

Timoteo não tinha sido mencionado desde que fora introduzido na narração de os sucessos na Listra (ver com. cap. 16: 1); mas desde sua circuncisão (vers. 3) parece que tinha estado constantemente com o Pablo. Agora está com o Silas; se acha separado do evangelista maior. Os perseguidores judeus estavam sedentos do sangue do Pablo, e não era muito provável que incomodassem a estes operários menos destacados se permaneciam na Berea. Deste modo Silas e Timoteo estariam livres para fortalecer aos novos crentes na Berea e Tesalónica.

15.

Conduzir.

Parece que todo o cuidado e a direção da viagem do Pablo esteve a cargo de os bereanos, e não do Pablo. Eles o acompanharam pessoalmente na viagem para assegurar seu amparo.

A Atenas.

O apóstolo tinha planejado com toda probabilidade ir a pé através da Macedônia até chegar a Grécia; mas a inesperada crise fez que o plano fora trocado e viajasse por mar diretamente a Atenas (ver mapa P. 314; com. vers. 16). Ali podia sem perigo esperar a seus companheiros no ministério. Tal vez tinha o plano de esperar, Sem pregar, mas seu espírito ardente de evangelista se turvava com o que via em Atenas.

O mais logo que pudessem.

Ou "tão rapidamente como os fora possível". Os que tinham levado ao Pablo a Atenas, retornaram a Berea com instruções para que Timoteo e Silas se unissem com o apóstolo imediatamente. Há razões para supor que Pablo não podia viajar ou trabalhar sozinho por causa de suas 343 debilidades corporais (cf. com. cap. 9: 18). O desejava a presença de seus fiéis companheiros para ficar imediatamente a trabalhar. Desde 1 Lhes. 3: 1-2 se pode deduzir que por o menos Timoteo foi a Atenas. Parece que imediatamente depois Pablo o enviou de volta para que cuidasse dos conversos na Tesalónica. De Atenas Pablo viajou a Corinto (Hech. 18: l), onde mais tarde se reuniu com o Silas e Timoteo (vers. 5).

Saíram.

refere-se aos bereanos que tinham levado ao Pablo até Atenas. Por primeira vez em suas grandes viagens missionárias o apóstolo fica sem a companhia de seus colaboradores.

16.

Atenas.

A capital da antiga Ática e da Grécia moderna, situada no extremo sudeste da província romana da Acaya (ver mapa frente a P. 33). Está a uns

7 km do mar, e estava unida com o porto do Pireo por um caminho amplo e amuralhado. A tradição remonta sua história ao ano 1581 A. C., mas a cidade não começou a destacar-se a não ser até perto do ano 600 A. C. Nos dois séculos seguintes Atenas chegou à cúspide de seu poder, e alcançou sua idade de ouro em os dias do Pericles (461-430 A. C.). Seus ilustres filhos, incluem o Sófocles, Sócrates, Platón, Aristóteles e Demóstenes. Mas no ano 338 A. C. a cidade foi vencida pelo crescente poder da Macedônia, e no século II A. C. foi incluída na província romana da Acaya. Atenas já não possuía nos dias de Pablo um poder político efetivo, mas ainda era reconhecida como o centro intelectual do mundo e considerada como a cidade universitária do Império Romano. Sua população naquele tempo era de 250.000 habitantes. Ver mapa P. 314.

O lugar mais importante de Atenas era a Acrópoles (cidade "alta" ou "superior"). É uma Colina de 160 m de altura aonde havia vários templos famosos dos quais os principais e mais formosos eram o Partenón, o Erectión e o da Vitória sem asas (ver ilustração frente a P. 352). Em uma colina mais baixa, ao oeste da Acrópoles, levantava-se o Areópago ("a Colina de Marte", Ver com. vers. 19), uma proeminência rochosa sem vegetação, que vai de noroeste a sudeste. Este era o ambiente no qual Pablo se encontrava enquanto esperava que Silas e Timoteo chegassem da Berea.

Seu espírito.

Isto é, sua mente, o íntimo de Seu ser.

avivava-se.

Gr. paroxúnÇ, "irritar", "provocar", "causar ira" (cf. com. cap. 15: 39). Parece que Pablo não tinha tentado pregar em Atenas, mas as cenas que contemplou o moveram à ação, e se sentiu impulsionado a falar até antes de a chegada do Silas e Timoteo.

Entregue à idolatria.

Melhor "cheia de ídolos". Josefo descreve aos atenienses como "os mais pios de os gregos" (Contra Apión iI. 12). Segundo um antigo registro, havia mais de 3.000 estátuas em Atenas nos dias do Pablo.

Uma de suas ruas estava adornada com um busto do deus mensageiro Hermes diante de cada casa. Templos, pórticos, peristilos e pátios estavam repletos com obras de arte esculpidas primorosamente, que em forma eloqüente proclamavam o amor dos gregos pela beleza. Pablo, com seus antecedentes helenísticos, dificilmente podia ser indiferente à atração estética de tal riqueza artística, mas qualquer prazer que pudesse haver sentido foi totalmente superado pelas implicações espirituais do que via. A maior parte das esculturas estavam ligadas ao culto pagão, e podiam, com justiça, ser descritas como "ídolos". Para um judeu, tal ostentação era evidentemente um insulto aos dois primeiros mandamentos; para um cristão, este panorama podia provocar uma tristeza maior, pois mostrava o abismo que havia entre ao paganismo grego e a revelação do Evangelho de Deus em Cristo. Pablo compartilhava tão completamente o desejo do Salvador de redimir a os homens de suas loucuras, que, apesar de tudo, sua reação final o induziu a evangelizá-los. Não podia descuidar a oportunidade de proclamar o Evangelho a os atenienses.

17.

Assim.

Sua justa ira contra a desenfreada idolatria não se expressou mediante duras condenações, mas sim o induziu a tentar a evangelização da cidade pagã.

Discutia.

Ver com. vers. 2.

Sinagoga.

Não há evidência de que em Atenas existisse uma grande colônia judia, mas se hão encontrado antigas inscrições judias na cidade. Pablo, como era seu costume (ver com. cap. 9: 15; 13: 5, 14; dC com. Luc. 4: 16), foi primeiro a os judeus, pois esperava naturalmente seu apoio para lutar contra a idolatria. A narração não insinúa como foi entre seus compatriotas, e não há nenhum registro de resultados concretos de sua obra com eles. 344

Piedosos.

Ver com. cap. 10: 2.

Plaza.

Gr. agourem (ver com. Mat. 11: 16; Hech. 16: 19). Em Atenas havia dois lugares (ou ágoras): alguém era a comercial, e a outra, a qual se faz referência aqui, era o centro social da cidade. No tempo do Pablo estava adornada com uma multidão de estátuas, imagens de heróis nacionais, assim como da maioria dos deuses do panteão grego. Esta praça era o lugar onde se levavam a cabo a maioria das discussões políticas e filosóficas em Atenas. Pablo podia ouvir aqui a filósofos aficionados e profissionais, que discutiam uns com outros e com seus ouvintes. O apóstolo estava em liberdade para participar das discussões e expor sua própria filosofia da vida.

Com os que concorriam.

Mas bem, "os que chegavam" ou "apareciam" ou seja os transeuntes: um terreno difícil para semear a semente do Evangelho.

18.

Filósofos.

Literalmente aldravas da sabedoria", término usado para chamar a aqueles que procuravam constantemente a sabedoria ou a instrução.

Epicúreos.

Duas escolas filosóficas eram nesse tempo os grande representantes do pensamento grego: a dos epicúreos e a dos estóicos. O epicureísmo levava o nome de seu fundador, Epicuro, que viveu uma vida larga e tranqüila em Atenas, C. 342 até o 270 A. C. Em harmonia com a vontade de seu fundador, as reuniões se efetuavam em um jardim, e por isso os epicúreos foram conhecidos algumas vezes como a "escola do jardim". As especulações de Epicuro incluíam uma solução física e ética para os problemas do universo. Em união com a maioria dos pensadores de seu tempo, rechaçava o politeísmo popular, ao qual, entretanto, não tentou renunciar abertamente, e ensinava

que os deuses em sua calma estavam muito afastados dos homens para incomodar-se pelas tristezas ou os pecados humanos. Não necessitavam sacrifícios, nem respondiam as orações. O grande mal do mundo era a superstição que escravizava a mente da maioria dos homens, e era a fonte da maior parte dos crímenes e a desgraça. O fim do homem era alcançar a felicidade, e o primeiro passo para ela era livrar-se da idéia de um castigo futuro. O seguinte passo era reconhecer que a felicidade consistia em emoções prazenteiras, A experiência ensinava que o que alguns chamam prazer é freqüentemente neutralizado com acréscimo pela dor que segue. Por o tanto ensinava que alguém deveria evitar os excessos sensuais. Sua mesma vida parece haver-se destacado pelo domínio próprio, a bondade, a generosidade, a piedade e o patriotismo (Diógenes, Lucrecio X. 10). Mas Epicuro considerava as leis humanas como simples acertos convencionais, e não encontrava lugar para uma lei moral mais elevada. portanto, cada homem podia decidir sobre a legitimidade de seus próprios prazeres, e a maioria escolhia uma vida de ócio e desenfreio. Algumas vezes, mas muito poucas, um pensamento prudente equilibrava uma tendência dos epicúreos a afundar-se na sensualidade; mas mais freqüentemente, aqueles que se dedicavam à complacência do sentido do gosto, por um lado, e da liberdade sexual, pelo outro, proporcionavam tristes mostra da profundidade da degradação na qual tal filosofia permitia que se afundassem os homens.

atribuiu-se ao Epicuro o predizer com antecipação alguns dos assim chamados descobrimentos da ciência moderna no campo da física. O excluía a idéia de uma criação e de um controle. Ensinava que a matéria existiu da eternidade e que os infinitos átomos dos quais a matéria está composta, por um processo de repulsão e atração, tinham produzido múltiplos combinações, das quais tinha surto o mundo da natureza tal como os homens o vêem. O poema do Lucrecio Do Rerum Natura é possivelmente a mais lhe sobressaiam expressão deste sistema negativo e virtualmente ateu, porque possui uma certa nobreza de indignado protesto contra a superstição que se tinha aprofundado tão firmemente no mundo pagão.

A poesia dos epicúreos dá exemplos característicos do ensino ética de seu sistema. "Deixa de perguntar o que é o que trará o manhã, e te ponha a ganhar cada dia o que a fortuna te outorga" (Horacio, Odes I. 9).

"Mostra sabedoria". Penetra o vinho deixando-o claro, e como a vida é curta, interrompe as esperanças transcendentes! Ainda enquanto falamos, o invejoso Tempo se apressou. Ceifa a colheita de hoje colocando tão pouca confiança como pode no manhã! (Vão. 1 l).

Pablo se encontrou frente a frente com esta filosofia; e pelos vers. 22-31 sabemos como a enfrentou. O afirmou a personalidade do 345 Deus vivente como Criador, Soberano e Pai; a força obrigatória da lei divina escrita no coração; a nobreza de uma vida elevada por cima de uma frenética busca dos prazeres, e vivida não para a gente mesmo, a não ser para outros e para Deus. Finalmente assinalou a responsabilidade moral do homem à luz da ressurreição e do julgamento. Este ensino colocou ao apóstolo longe dos professores pagãos da mais elevada filosofia.

Estóicos.

Esta escola filosófica não tomou seu nome do Zenón, seu fundador (C. 340 -C. 260 A. C.), natural do Chipre, mas sim de stoá poikíl, o pórtico pintado na praça de Atenas onde Zenón acostumava ensinar. Josefo (Vida 2) declara que há pontos de similitude entre os estóicos e os fariseus. Na verdade pode dizer-se que sua atitude para a vida moral do paganismo nesse tempo apresentava

muitos rasgos similares aos dos fariseus. Os estóicos ensinavam que a verdadeira sabedoria consistia em ser donos e não escravos das circunstâncias. As coisas que não estão em nosso poder não devem ser nem cobiçadas, nem evitadas, a não ser aceitas com equanimidade. Ao que procurava a sabedoria lhe ensinava a ser indiferente tanto ao prazer como à dor, e a manter uma neutralidade intelectual.

A teologia estóica era mais nobre que a dos epicúreos. Aqueles concebiam uma mente divina que enchia o universo e ordenava seus assuntos. Reconheciam seu autoridade nos assuntos das nações e nas vidas dos indivíduos, embora na prática acreditavam na liberdade da vontade humana. O Manual de ética, uma crônica da filosofia do Epicteto, um ex-escravo, e as Meditações de Marco Aurelio, o imperador, mostram como o escravo e o imperador eram em um sentido considerados iguais de acordo com este sistema de filosofia. Os escritos da Séneca mostram que a ética dos estóicos era parecida com a dos cristãos. Muitos dos estóicos chegaram a ser tutores dos filhos de famílias nobres, e exerceram uma influência comparável a de os confessores jesuítas na Europa nos séculos XVII e XVIII.

Várias desvantagens impediam a eficácia ética de sua filosofia: (1) Ao procurar ser indiferentes consigo mesmos, perdiam a simpatia por outros; (2) ao aspirar a uma perfeição ética por meio da operação de sua própria vontade, falsamente supunham que os homens são capazes de ganhar sua própria salvação; (3) ao destacar a vida perfeita convertiam, como os fariseus, o alto ideal em uma máscara para suas vidas egoístas e corruptas, e como os fariseus, a miúdo eram "hipócritas" (ou "atores de cenário"); apareciam ante o mundo em uma forma que não correspondia com seu caráter íntimo. Um escritor satírico se referiu aos estóicos nestes términos: "Gente que imita aos da cúria [curii, da cúria; os advogados e gente de governo] mas vive como os que participam das bacanais, atreve-se a falar sobre moral" (juvenal, Sátiras iI. 2-3).

Naturalmente havia numerosos pontos de semelhança entre o Pablo e os melhores representantes desta escola de pensamento; entretanto, até para eles os princípios básicos que ele representava lhes pareciam um sonho inútil. Quando Pablo falou do Jesus, da ressurreição e do julgamento vindouro, os estóicos rechaçaram de plano o pensamento de que eles também necessitavam perdão e redenção.

Disputavam.

Gn sumbállõ, "encontrar-se", "travar conversação" (BJ); não necessariamente com maus propósitos mas sim como um encontro casual.

Falador.

Gr. spermológos, literalmente "recolhedor de sementes", término freqüentemente usado para referir-se aos pássaros que recolhiam sementes perdidas. Os filósofos aplicam aqui o término ao Pablo, como a um que logo depois de recolher migalhas perdidas de conhecimento está muito preparado para instruir aos que estão melhor informados.

Novos deuses.

Ou deidades estrangeiras. A palavra grega que se traduz "deuses" (daimónion) usam-na os escritores do NT para referir-se a "demônios" (ver com. Mar. 1: 23), seres malignos sobrenaturais, indignos da adoração do homem. Mas os escritores pagãos usavam daimónion para uma ordem inferior, de seres

divinos, não necessariamente maus, que pretendiam a adoração dos homens. Uma das acusações apresentadas contra Sócrates, e pela qual foi condenado, foi ter introduzido novos daimónia (Jenofonte, Memorabilia I. 1. 1-2); entretanto, a atmosfera intelectual de Atenas tinha trocado do processamento do Sócrates, porque não foi a ira a não ser a curiosidade o que impulsionou aos desafiadores do Pablo. Não estavam atacando ao Pablo por seu ensino, pois em meio de tanta abundância de ídolos 346 provavelmente não tinham dificuldade em dar um lugar ao Jesus, sempre que não procurasse destronar suas próprias divindades.

Alguns pensaram que os atenienses, ao usar em plural a palavra "deuses", entenderam que Jesus era uma nova divindade, e anástasis (término grego que significa "ressurreição"), outro. Os atenienses tinham dedicado templos e altares à Concórdia e Epiménides lhes tinha mandado erigir altares à Insolência e à Desgraça (Cicerón, Do Legibus iI, 11), os dois demônios que eram acusados de ter levado a cidade à ruína. Era natural que os gregos pensassem que um pregador cristão proclamasse novas divindades. Também se deram conta de que ele tinha mais para lhes dizer que o que eles tinham ouvido antes.

Jesus.

El Salvador era o constante tema da predicación apostólica (cf. cap. 2: 22; 3: 13; 5: 30, 42; 8: 5, 35; 9: 20; 11: 20; 13: 23; etc.). Pablo intrépidamente proclamou o mesmo Jesus aos intelectuais céticos de Atenas.

Ressurreição.

Este também era um tema central na predicación da igreja primitiva (cf. cap. 2: 24; 3: 15; 4: 2, 10; 10: 40; etc.). Pablo tinha uma experiência pessoal para provar a ressurreição de Cristo, porque tinha conversado com o Cristo ressuscitado (cap. 9: 4-6). Mas o apóstolo também estava ensinando a ressurreição final de todos os homens (cf. com. Hech. 17: 32; 1 Cor. 15: 51; 1 Lhes. 4: 14-16), e isto foi o que alarmou aos filósofos de Atenas. Eles acreditavam na imortalidade da alma, mas ficaram assombrados para ouvir que alguém pregasse a ressurreição do corpo. Em 1 Cor. 15: 35-44 se vê a natureza das objeções contra esta doutrina e a maneira em que Pablo as respondeu.

19.

E tomando.

Gr. epilambánõ, "agarrar". Não se supõe que se usou ou tentado usar alguma violência. Pablo estava sozinho, e se for certo que sua vista era deficiente (ver com. cap. 9:18), pôde muito bem ter necessitado um pouco a ajuda de outros ao ir de um lugar a outro. Epilambánõ se usa freqüentemente com o significado de tomar pela mão para ajudar ou proteger (ver com . Mar. 8: 23; Hech. 23: 19), e Lucas o emprega para descrever a ação do Bernabé quando tomou ao Pablo e "trouxe-o para os apóstolos" (cap. 9: 27). Mais ainda; todo o contexto mostra que a ação da multidão não foi em nenhum sentido um arresto porque, depois de ter falado, "Pablo saiu de em meio deles" (cap. 17: 33), evidentemente sem que tivesse estado detido.

Areópago.

Gr. Áreios Pagamentos, "Colina de Are"; Are é o equivalente grego de Marte, o deus romano da guerra. Por isso se conhece também a Áreios Pagamentos como a

"Colina de Marte". Com referência a sua localização, ver coro. vers. 16. O sítio era famoso como o lugar de reuniões do conselho ateniense do Areópago, que tomou seu nome da colina onde se reunia. Este conselho, que assegurava que devia sua existência a Ateneu, a deusa patrã da cidade, era o tribunal mais antigo e venerado de Atenas. Contava entre seus membros a pessoas da mais alta fila oficial. Compunham-no só aqueles que haviam servido no alto posto de arconte e tinham completo 60 anos de idade. Pericles em certa medida limitou sua ampla autoridade (século V A. C.), e Tosquio, como porta-voz da partida que se opunha às idéias de progresso de Pericles, escreveu a tragédia As Euménides, para destacar a autoridade divina do conselho. Não se sabe com exatidão que autoridade exercia este conselho em os dias do Pablo.

As opiniões estão divididas quanto a se Pablo foi levado a colina ou ante o conselho. O texto grego tem o artigo definido diante de Áreios Pagamentos, o qual se traduz "o Areópago", que pode referir-se à colina ou ao conselho do Areópago que desde fazia muito tempo tinha sido chamado simplesmente "o Areópago". A colina era comparativamente pequena e estava cheia de altares, de maneira que o conselho geralmente se reunia na stoá basílicos "o pórtico real", e o fazia na Colina de Marte só para comunicar suas falhas. Se Pablo foi levado ante o conselho, é muito improvável que tivesse havido algum procedimento judicial. Seu comparecimento foi mas bem com o propósito de apresentar seu ensino ante o supremo corpo intelectual da cidade universitária. Por outro lado, ainda se só foi levado a colina, poderia ter sido escutado pelo grupo seleto dos filósofos epicúreos e estóicos que desejavam decidir sobre o valor de sua estranha ensino. Ali, longe do bulício da paz (ver com. vers. 17), o apóstolo estaria livre para expor sua doutrina. Alguns supõem que o tribunal estava fazendo a sessão quando trouxeram para o Pablo, particularmente porque um membro do tribunal se converteu por seu predicación (ver coro. vers. 34). Mas não há evidências disto. 347

Poderemos saber?

Uma expressão idiomática que pode traduzir-se por "seria possível que nós conhecêssemos?", pergunta que pôde ter sido cortês, sarcástica ou irônica. Os epicúreos e os estóicos não tinham dúvidas a respeito de sua própria habilidade para compreender tudo o que Pablo podia lhes dizer, mas é óbvio que estavam ansiosos de ouvir a respeito deste estranho ensino.

Novo ensino.

Gr. kainós, "novo" em qualidade, daqui que por implicação fora alguma coisa diferente das filosofias atenienses, apreciadas por eles.

20.

Coisas estranhas.

Esta oração pode traduzir-se: "Porque você está trazendo coisas surpreendentes a nossos ouvidos". Seus ouvintes nunca tinham escutado um ensino como a que Pablo lhes estava trazendo. Sua mensagem despertou a atenção deles por ser tão novidadeiro.

Queremos, pois, saber.

Sua paixão dominante era "saber", adquirir conhecimento (cf. com. vers. 19).

O que quer dizer isto.

Pablo só tinha podido esboçar o bosquejo de sua mensagem (vers. 18). Seus ouvintes agora desejavam que lhes explicasse seu significado e aplicação.

21.

Todos os atenienses.

Este versículo é um parêntese para explicar tudo o que precede. Era proverbial a inquieta curiosidade da mente ateniense. Em palavras quase idênticas a estas do Lucas, Demóstenes anteriormente tinha reprovado a seus concidadãos por perder ociosamente seu tempo na praça, perguntando por notícias dos movimentos do Filipo da Macedônia ou pela ação dos enviados deles, quando deviam ter estado dedicando seus esforços a preparar-se para a guerra (Primeiro sermão 10-13).

Estrangeiros.

Residentes que provinham de outros lugares, dos quais havia uma grande quantidade em Atenas. A vida intelectual da cidade atraía a um grupo heterogêneo: jovens romanos enviados para terminar sua educação, artistas, turistas, filósofos e buscadores de novidades de cada província do império, e até de além de suas fronteiras.

interessavam-se.

A frase completa diz literalmente "em nenhuma outra coisa passavam o tempo". O tempo do verbo grego indica que sua mente constantemente estava investigando. Se todo o tempo de que alguém dispõe se usa em uma determinada ocupação, não há lugar para, nada mais. Os atenienses podiam encontrar tempo para procurar coisas novas, mas muito pouco para outras atividades.

Algo novo.

Literalmente "um pouco mais novo", ou como nós diríamos, "a última novidade". Esta afeição dos atenienses está confirmada pelas declarações dos autores clássicos. Tucídides apresenta ao Cleón queixando de seus compatriotas que tinham o costume de representar o papel de " espectadores de palavras e ouvintes de feitos " (História iII. 38. 4). Já se fez referência a uma acusação similar feita pelo Demóstenes.

22.

Areópago.

Se o apóstolo estava em cima da rochosa colina, olhando para baixo, ao noroeste, contemplou o templo do Hefestos, e olhando para cima, ao Partenón, que se elevava sobre a Acrópoles. No topo daquela colina maior estava a colossal estatua de bronze de Ateneu, que era considerada como a deusa tutelar de seu querida Atenas. Debaixo do apóstolo estava a cidade, que verdadeiramente estava "cheia de ídolos". Ver ilustração frente a P. 352.

Varões atenienses.

Embora este foi um começo muito respeitoso, o discurso que segue não é o de um que está sendo julgado (cf. com. vers. 19), a não ser o de um ardente defensor de crenças peculiares mas muito amadas. Pablo adotou a linguagem de

os oradores atenienses, o qual concordava com seu costume de adaptar-se a seu público (ver com. 1 Cor. 9: 19-22). O fato de que Pablo fora capaz de fazer isto é um elogio de sua habilidade. Lucas condensa o discurso do apóstolo em dez versículos (Hech. 17: 22 -31), mas é provável que Pablo falasse muito mais, especialmente ante tão distinto auditório.

Observo.

Gr. theõréõ, "contemplar", "olhar a"; isto sugere que Pablo apoiava seus palavras no que tinha visto.

Muito religiosos.

Gr. deisidaimonésteros, adjetivo comparativo formado por déidõ (temer) e dáimõn (deidade), que pode traduzir-se como "extremamente religiosos". Esta palavra grega se usava em bom e em mau sentido. Um deisidáimõn era alguém que consultava a adivinhos e que acreditava em agouros; por exemplo, evitava fazer um viagem se via uma doninha no caminho. Um claro exemplo desta classe de religiosidade entre a gente culta é o do Nicias, geral ateniense, que sempre estava arrasado pelo temor do ciúmes 348 dos deuses, por isso anulou importantes movimentos estratégicos devido a um eclipse de lua (Tucídides, História, vII. 50. 4). O imperador Marco Aurelio, que era estóico (Meditações I. 16), se autofelicita não por ser um deisidáímõn, a não ser um theosebês, um homem piedoso, devido à devoção de sua mãe (Vão. I. 3). Pablo não teria usado um término em sentido ofensivo ao começo de seu discurso. Mas bem teria comentado a maneira meticulosa como os atenienses procuravam reconhecer todas as formas de deidade. Tal começo ganharia a atenção dos filósofos e dos atenienses em geral.

23.

Porque passando.

Melhor "passando por", quer dizer, através da cidade, já fora passeando por ela ou simplesmente chegando até seu centro.

Olhando.

Gr. anatheõréõ,"olhar com atenção", "observar com exatidão".

Santuários.

Gr. sébasma, "objeto de culto". Pablo tinha visto e estudado muitas das numerosas estátuas e suas inscrições. Cortesmente identifica essas esculturas como as deidades atenienses, os objetos da adoração deles. Assim tratou de criar boa vontade desde o começo para que pudessem seguir escutando-o atentamente. Queria ganhar em seus ouvintes sem que se inimizassem com ele.

Achei também um altar.

além da grande quantidade de objetos de culto já indicados, Pablo havia encontrado algo mais. A palavra grega para "altar" (bõmós) só se usa aqui no NT, mas aparece na LXX, onde algumas vezes se refere aos altares pagãos (Exo. 34: 13; Núm. 23: l; Deut. 7: 5).

Esta inscrição.

Literalmente "sobre o qual se escrito".

Ao Deus não conhecido.

Gr. agnôstõ theô, "a um Deus desconhecido". Esta estranha inscrição foi objeto de muitas discussões. Alguns duvidaram que a existência de um altar com tal inscrição; outros pensaram que Pablo ou Lucas se referiram em singular a uma inscrição que geralmente se encontrava em plural: "aos deuses não conhecidos". Uma solução razoável do problema pode achar-se em um estudo de antigas referências a altares nos que havia inscrições semelhantes. Podemos mencionar quatro. (1) Pausanias (C. 150 d. C.) diz que em o caminho que vai do porto chamado Falerón até Atenas, havia altares a deuses que recebiam o nome de "não conhecidos" (I. 1. 4); (2) o mesmo escritor registra que na Olimpia havia também um altar a deuses "não conhecidos" (I. 14. 8); (3) Diógenes Lucrecio (I. 110), escritor de princípios do século III A. C., conta que Epiménides de Giz foi convidado para socorrer a Atenas açoitada por uma grande pestilência. O cretense levou algumas ovelhas negras e brancas ao Areópago, e as soltou para que vagassem pela cidade. Em cada lugar onde se deitava uma ovelha, oferecia-se um sacrifício e se erigia um altar. Os monumentos comemorativos desta expiação não levavam nome. (4) Filostrato (C. 200 d. C.) na Vida do Apolonio da Tiana (vi. 3) faz uma menção especial de Atenas, onde diz que havia altares dedicados até a deidades não conhecidas. Tais referências são suficientes para estabelecer o fato de que os gregos erigiam altares a deuses cujos nomes não conheciam. Fora do NT não se conhece nenhum registro de um altar que levasse a inscrição em singular "a um deus não conhecido", mas as evidências citadas demonstram a possibilidade de que nos dias do Pablo existisse um altar semelhante. A presença de um altar dessa classe estava em harmonia com o que se conhece a respeito da filosofia religiosa ateniense. Os habitantes da cidade desejavam aplacar a todas as deidades, e erigiam altares a um deus não conhecido ou a deuses não conhecidos para não passar por cima a nenhum. Esta prática representa a confissão final -similar ao que algumas vezes se escutou de lábios de homens de ciência modernos-, da impotência humana para solucionar os problemas do universo. Uma equivalência latina das inscrições gregas encontrou-se em um altar descoberto na Ostia, o porto de Roma, e que agora está no Museu Vaticano. Este altar apresenta a um grupo que oferece um sacrifício mitraísta, e tem a inscrição: "O símbolo do Deus que não se pode descobrir". Também se encontrou um altar no Pérgamo com uma inscrição em grego muito deteriorada, aparentemente dedicado a deuses não conhecidos.

Ao que.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto: "o que" e "isto". Sem duvida Pablo usou pronomes neutros, embora se estava refiriendo à Deidade,, porque os atenienses ainda eram ignorantes da personalidade do Deus vivente. Também pode ter estado pensando na Divindade, como no vers. 29, onde a palavra grega para "divindade" (théion) está em gênero neutro. 349

Sem lhe conhecer.

Gr. agnoóuntes, particípio que significa "não conhecendo" ou "sem conhecer". Pablo declara com um trocadilho que o "não conhecido (ágnõstos) deus" é Aquele, "a quem vós desconhecendo ou sem conhecer (agnoóuntes), adoram".

Anúncio.

Gr. kataggéllõ, "anunciar", "proclamar". No vers. 18 os filósofos usaram virtualmente a mesma palavra (kataggeléus, "um anunciador", "um proclamador"),

para descrever ao Pablo como um "pregador de novos deuses". Pablo não se incomoda nem nega o nome que lhe dão, mas sim toma a palavra (kataggellô) e usa-a para justificar seu próprio procedimento. Desta maneira, pôde apresentar ao verdadeiro Deus, a quem ele amava e servia.

24.

Deus.

Agora que Pablo está falando do verdadeiro Deus, deixa o gênero neutro do vers. 23 e emprega o masculino. Alguns entenderam que isto coloca a Aquele a quem ele adorava em um plano mais elevado que todos os deuses de Atenas.

Fez o mundo.

O apóstolo faz agora a suprema identificação do Deus a quem se está refiriendo: ele é o Criador. Isto o distingue de todos os falsos deuses (ver com. Jer. 10: 10-12). A criação feita por um Deus pessoal era um ensino oposta à filosofia epicúrea e à estóica; mas Pablo a apresenta em tal forma, que despertou a admiração e o interesse de seus ouvintes, e lhe permitiu continuar. A palavra traduzida "mundo" (kósmos) usavam-na os gregos para referir-se ao universo e à ordem que há nele, e podia implicar ambos: "céu e terra" (cf. com. Mat. 4: 8).

Todas as coisas.

O intrépido orador não deixou lugar para que se tergiversassem suas palavras ou se introduziram idéias de cepticismo. Deus não só fez o universo, mas também criou todas as coisas. Este ensino dá o golpe de graça à mitologia pagã.

Sendo Senhor.

Melhor "O, sendo Senhor". Isto coloca ao Deus do Pablo imensamente por em cima de todos os outros supostos deuses, e o constitui no possuidor e soberano de todo o universo.

Não habita em templos.

Ver com. Hech. 7: 48; cf. Juan 4: 21-24. Enquanto Pablo fala de "templos" provavelmente estaria assinalando aos magníficos monumentos da habilidade arquitetônica dos gregos, com os quais estava rodeado em Atenas. Seu ensino da onipresença e trascendencia de Deus fez que o culto pagão parecesse inútil, e divorciado das elevadas qualidades espirituais que ele estava proclamando.

25.

Honrado.

Gr. Therapéuõ, "tratar", "curar" na linguagem médica; mas aqui se usa com um significado religioso, e significa "servir". Pablo está enfatizando a natureza espiritual do serviço que Deus espera dos homens, em contraste com a adoração materialista que os ímpios apresentam.

Como se necessitasse de algo.

Literalmente "[como] necessitando alguma coisa além disso". As religiões pagãs

apresentavam a seus deuses como dependentes dos homens e como se ambicionassem as dádivas humanas. Pablo explica que o Deus verdadeiro é diferente. Os homens deveriam pensar em Deus como o supremo doador, não como que exige algo deles, exceto justiça, misericórdia e humildade (Miq. 6: 8). Outros escritores judeus e pagãos tinham dado testemunho da mesma verdade. David disse: "Porque não quer sacrifício, que eu o daria" (Sal. 51: 16); e o poeta epicúreo latino, Lucrecio (Do Rerum Natura iI. 649-65l) escreveu aproxima da natureza divina dizendo que era "sem perigo, capitalista em si mesmo por seus próprios recursos, não necessita em nada de nós, e não a aplaca com serviço nem se irrita pela ira".

Dá a todos.

Por meio destas palavras Pablo incluiu a seus ouvintes, e declara que eles também dependiam do Deus de quem ele está falando.

Vida e fôlego.

Estes dois essenciais podem tomar-se no sentido que incluem a existência mortal do ser humano. Deus lhe dá ao homem vida original, e a mantém lhe garantindo fôlego físico. Pablo põe a ênfase na dependência total do homem do verdadeiro Deus.

26.

Um sangue.

A evidência textual sugere (cf. P. 10) a omissão de "sangue", palavra que pôde ter sido acrescentada mais tarde para ajudar a esclarecer o pensamento. Pablo está apresentando a verdade histórica de que todos os homens e, em conseqüência, todas as nações, emanaram de um antepassado comum: Adão. Esta crença, nenhum grego, e menos ateniense, estaria disposto a aceitar. Para os atenienses a distinção entre gregos e bárbaros era radical e essencial. acreditava-se que por natureza um era escravo do outro (Aristóteles, Política I. 2. 6). Mas na teologia do Pablo não havia lugar para uma raça superior Acreditava no relato da criação do 350 homem, que se apresenta no Gênese. Via a unidade da estrutura física, do potencial, do verdadeiro desenvolvimento, o que proíbe que uma raça ou nação -hebréia, grega, latina ou teutónica- pretenda ser a flor e nata da humanidade. Cf. Gál. 3: 28 e Couve. 3: 11, onde Pablo destaca a unidade que se alcançou por meio da fé em Cristo. O cristão está duplamente obrigado a reconhecer a unidade do homem: por criação e por redenção.

Toda a face da terra.

Um elo adicional no raciocínio do Pablo. O Criador determinou que os homens povoassem todas as partes da terra, sem atribuir superioridade aos habitantes de uma determinada região.

prefixou.

Gr. horízõ, "assinalar os limites", "assinalar", "determinar". A forma do verbo que se usa aqui é um particípio, e pode traduzir-se "tendo determinado".

A ordem dos tempos.

Gr. prostelagménoi kairói "tempos assinalados" (ou "estações"). Captará-se melhor o significado se se inserida a palavra "seus": "tendo determinado seus

tempos assinalados". A palavra "tempos" (kairói) refere-se a épocas históricas mas bem que a estações anuais. A referência é ao conhecimento que Deus tem dos assuntos humanos.

Limites.

Deus, por meio de sua providência, fixou os limites naturais para as nações (ver com. Dão. 4: 17; cf. Deut. 32: 8).

27.

Procurem deus.

Deus organizou a criação de tal maneira que todos, se assim o desejarem, possam buscá-lo e encontrá-lo.

Alguma maneira.

Gr. ei ára g, "se verdadeiramente então", ou "que então verdadeiramente". Deus espera que os homens o busquem. A única dúvida implícita aqui se deve a que freqüentemente os homens não desejam buscá-lo.

Apalpando.

Gr. psêlafáõ, "tocar", "sentir", "apalpar". Usa-se na LXX para descrever o ato de apalpar como um cego, ou na escuridão (Deut. 28: 29; Job 5: 14; etc.). Descreve-se adequadamente a cega investigação do homem que apalpa tratando de encontrar ao Ser Supremo.

Possam lhe achar.

O altar ao Deus não conhecido era uma prova de que ainda não o tinham encontrado. "O mundo não conheceu deus mediante a sabedoria" (1 Cor. 1: 21). Mas Pablo apresentou a segurança de que o verdadeiro que o encontrem; é "galardonador dos que lhe buscam" (Heb. 11: 6).

Não está longe.

Toda a oração é enfática, e literalmente diz: "Verdadeiramente, não está longe de cada um de nós". Pablo faz uma declaração positiva de um feito: não expressa dúvida alguma em suas palavras. O Senhor está perto dos homens, mesmo que eles não o reconheçam. Isto faz que seja comparativamente singelo que eles encontrem a Deus, porque ele está a seu lado esperando que o procurem e lhes ajudando em seus esforços para descobri-lo. Deus pode revelar-se, e o faz de acordo com a medida de zelo e ardor que demonstrem os que o procuram. Neste ponto os estóicos podiam encontrar paralelos entre seu ensino e o pensamento do Pablo; mas os epicúreos tinham que afastar-se porque as palavras do apóstolo constituíam um ataque contra o ateísmo básico de seu sistema.

28.

Nele vivemos.

Literalmente "Em [ou por] ele estamos vivendo e estamos sendo movidos e estamos existindo". As palavras do Pablo expressam o pensamento de que não só nossa confiança inicial depende do Criador, mas sim todas nossas atividades -físicas, mentais e espirituais derivam dele. No ensino

do apóstolo, a personalidade do Deus onipotente e onisciente não se funde na alma impessoal do mundo, como é o caso no deus dos panteístas, mas sim se apresenta com majestosa distinção no caráter de Criador e Sustentador da vida. "Por meio dos agentes naturais, Deus obra dia depois de dia, hora detrás hora, e em todo momento, para nos conservar a vida, nos fortalecer e nos restaurar . . . O que obra por meio destes agentes é o poder de Deus" (MC 75-76).

Seus próprios poetas.

É possível que esta frase se refira à primeira declaração deste versículo, assim como à entrevista que segue. As palavras, "porque nele vivemos, e nos movemos e somos" são uma entrevista quase exata de uma estrofe provavelmente escrita pelo Epiménides de Giz (século VI A. C.), a qual aparece nos escritos do Isodad, comentarista siríaco nestoriano do século IX:

"Eles idearam uma tumba para ti, OH santo e alto.

Os cretenses, sempre mentirosos, más bestas, glutões ociosos.

Mas você não está morto; você vive e permanece para sempre. 351

Porque em ti vivemos, e nos movemos e temos nosso ser" (chamado no F. F. Bruce, The Book of the Acts, serie New International Commentary em the New Testament, P. 359).

Esta passagem é interessante não só devido à possível relação do Epiménides com o altar dedicado "Ao Deus Desconhecido" (ver com. vers. 23), a não ser particularmente porque contém a entrevista que Pablo usa para descrever aos cretenses no Tito l: 12. O fato de que Pablo citasse ao Epiménides na carta ao Tito, aumenta a probabilidade de que tivesse pensado também nestes versos em ocasião de sua dissertação no areópago.

A segunda frase, "porque sua linhagem somos", é evidentemente uma entrevista de um poeta grego, como Pablo o reconhece. É do Arato (C. 270 A. C.), amigo de Zenón, fundador da escola dos estóicos. Arato, como Pablo, era de Cilícia. Seu poema didático, Fenômenos, tráfico dos principais feitos da ciência astronômico e meteorológica como então se conheciam. Começa com uma invocação ao Zeus, e contém as palavras que Pablo cita:

"Do Zeus começamos; os mortais nunca o deixamos de nomear; cheias de Zeus estão todas as ruas e todas as praças de homens; cheios estão o mar e os céus.

Sempre temos necessidade do Zeus, porque sua linhagem somos" (Fenômenos 1-5).

Esta entrevista poderia, sem dúvida, atrair imediatamente a atenção de seus ouvintes. Pablo, ao lhes citar sua própria literatura, demonstrou seu costume: "a todos hei feito de tudo" (1 Com 9: 22). Eles poderiam reconhecer que não estavam tratando com um judeu indocto, como os comerciantes e exorcistas tão comuns nas cidades gregas, a não ser com um homem que Possuía uma cultura como a deles, e que estava familiarizado com os escritos de seus poetas. Não deve exagerá-la erudição clássica do Pablo; mas é claro pelas referências mencionadas aqui e pela entrevista de 1 Cor. 15: 32, que conhecia os autores gregos e que era capaz de introduzir entrevistas apropriadas de suas obras quando a situação assim o exigia. Com isto Pablo não necessariamente apoiava os conceitos contidos nos contextos das Palavras que utilizava; simplesmente citava autores gregos para ilustrar o ensino mais elevado que ele estava apresentando.

O enfoque psicológico do Pablo nesta ocasião é instrutivo. O apóstolo não diz a seus ouvintes de entrada que têm uma opinião muito elevada de si mesmos, que são só seres de barro, Filhos do diabo; pelo contrário: destaca que têm uma estima muito baixa de sua posição, que haviam esquecido que eram linhagem de Deus, e que, como o tinham feito os judeus incrédulos, consideraram-se indignos "da vida eterna" (Hech. 13: 46).

29.

Linhagem de Deus.

O apóstolo usa imediatamente as palavras do poeta grego (ver coro. vers. 28) para combater a idolatria. Se na verdade somos "linhagem" de Deus, nossa concepção dele deveria elevar-se e não descender aos ídolos, os quais estão por debaixo dos homens porque são feitos por estes. Pablo aprova a mesma verdade que foi expressa pelos profetas do AT (1 Rei 18: 27; Sal. 135: 15-18; ISA. 44: 9-20), mas seu tom ao referir-se à idolatria é muito diferente ao dos profetas. Menciona o começo ou desenvolvimento da idolatria, mas em vez de falar dela com desprezo, ódio e mofa, fala com compaixão para aqueles que a praticam.

Não devemos pensar.

O homem é mais digno de honra que as coisas materiais, quanto mais digna de honra deve ser a Divindade, o Criador!

Divindade.

Gn théion "divindade", "deidade". Théion é um vocábulo usado pelo Josefo (Antiguidades vIII. 4.2) e por Filão (A imutabilidade de Deus xXIII), para referir-se ao Deus verdadeiro; e Pablo o emprega aqui como um término aceitável para seus ouvintes gregos.

Ouro, ou prata, ou pedra.

A primeira palavra recorda aos atenienses o abundante uso de ouro na colossal estatua de Ateneu, esculpida pelo Fidias e colocada no Partenón. Os gregos não usavam usualmente a prata. Entretanto, os templecillos de Artemisa (Diana) no Efeso (ver com. cap. 19: 24) são exemplos de seu uso. "Pedra" era o término que geralmente lhe dava ao mármore do monte Pentélico, material que se utilizava muito na arquitetura do Aterias e em suas belas esculturas.

Escultura de arte.

Melhor "obra de arte esculpida" ["cinzelada"].

Imaginação de homens.

Melhor "de engenho de homem". Esta frase e a precedente revelam o conhecimento que Pablo tinha da 352 arte com que estava rodeado em Atenas.

30.

Passado por cima.

Gr. huperoráõ, "passar por cima". A frase, como está em espanhol, sugere não

só tolerância, a não ser dissimulação e perdão do mal. Em realidade, Pablo se consolava com o pensamento de que a ignorância do mundo pagão diminuía seu culpabilidade e portanto, o castigo. Nas idades passadas do mundo havia havido um "passar por cima" (páresis) dos pecados dos homens, no sentido de que não se castigou plenamente aos pecadores. Isto se devia à paciência de Deus (ver com. ROM. 3: 25). O Senhor em seu grande misericórdia estava perdoando aos homens devido ao sacrifício expiatório de Cristo, mas este perdão só era válido se se arrependiam.

Tempos desta ignorância.

Literalmente "portanto, os tempos da ignorância tendo passado por alto Deus". Agnóia, palavra que se usa aqui e significa ignorância, e as palavras para "não conhecido" e "sem lhe conhecer" do vers. 23, derivam da mesma raiz, e ilustram a estreita coerência do pensamento do Pablo, quem caracteriza e parcialmente desculpa todo o período precristiano por haver estado apoiado em uma falta de conhecimento, especialmente do divino.

Agora.

A frase grega assinala o contraste entre os tempos passados de ignorância e o presente de esclarecimiento anunciado por uma predicación como a do Pablo.

Manda.

Ou "proclama", "anuncia". "declara".

A todos os homens em todo lugar.

Frase muito ampla que inclui a cada ser humano, e harmoniza com a natureza mundial da comissão evangélica (cf. Mat. 24: 14; Mar. 16: 15).

Arrependam.

Deus destaca a pecaminosidad do homem, mas a rica misericórdia divina faz possível que o homem encontre perdão, com a condição de que se arrependa.

Os estóicos e os epicúreos tinham seguido atentamente o pensamento de Pablo, mas agora, neste ponto, sua atenção começa a sofrer uma mudança. Os epicúreos poderiam ter lamentado os enganos que tinham cometido ao procurar o prazer; mas uma mudança como o que implica o arrependimento -uma mudança de mente, aversão pelo passado de um e uma resolução de viver em um plano mais elevado no futuro- era completamente estranho a seus pensamentos. Por outro lado, os estóicos aceitavam as conseqüências de suas ações com serena indiferença. Davam obrigado porque não eram como os outros homens, porque tinham sido capazes de alcançar por seus próprios esforços a perfeição ética; mas a idéia de arrepender-se ainda não tinha começado nem a aparecer em seus pensamentos (cf. Marco Aurelio, Meditações I. 1-16).

31.

Por quanto.

Pablo deduz o convite ao arrependimento do fato do julgamento vindouro.

Um dia.

Isto é, certo tempo, e não necessariamente um dia de 24 horas.

julgará.

Gr. méllõ krínein, "estar por julgar", ou simplesmente como futuro: "julgará", "vai julgar". Pablo, que está citando o Sal. 9: 8, recalca a certeza e possivelmente a proximidade do julgamento (cf. Hech. 24: 25; ROM. 2: 5-6, 16). A proclamação de um julgamento vindouro é uma parte integral da doutrina paulina e cristã (ver com. Apoc. 14: 6-7). O cristianismo não deixa aos homens na ignorância do que os espera, mas sim lhes dá uma lhe abranjam, embora necessariamente breve, vista panorâmica dos acontecimentos do futuro. Mas a humanidade raramente dá a bem-vinda à idéia de um julgamento. Aos homens não gostam de enfrentar a perspectiva de apresentar-se ante o tribunal de Deus, e os gregos não eram uma exceção neste respeito. É provável que a partir deste momento, os epicúreos e os estóicos se opor fortemente à exposição do Pablo.

Mundo.

Gr. oikouméne, "a terra habitada" (ver com. Mat. 24: 14; Luc. 2: l). Esta palavra também se usava usualmente para designar o mundo romano, ou o mundo civilizado em contraste com as regiões dos bárbaros.

Com justiça.

Isto é, em uma atmosfera justa (cf. Sal. 9: 8; 96: 13; 2 Tim. 4: 8).

Por aquele varão.

Literalmente "por um varão". Por isso segue é evidente para os cristãos que Pablo se está refiriendo ao Jesus; mas o registro do discurso não mostra que o apóstolo teve uma oportunidade para identificar publicamente dito "varão" (ver com. vers. 32).

A quem designou.

Isto é, destinou-o para a obra do julgamento. Cf. Hech. 10: 42; ROM. 2: 16

Dando fé.

Em outras palavras, Deus há provido as bases para a confiança.

A todos.

Pablo destaca outra vez a natureza universal da chamada do Evangelho.

ATENAS, DAMASCO, Tarso

CORINTO: O TRIBUNAL DO GALIÓN NO ÁGORA

EFESO: O GRANDE TEATRO

lhe havendo levantado.

Aqui apresenta 353 a ressurreição do Jesus como a garantia das intenções de Deus para a humanidade quanto ao julgamento e, por dedução, a a vida eterna que ele dá por meio do Jesucristo. Ao Pablo lhe negou a oportunidade de desenvolver este tema, porque quando mencionou a ressurreição se despertou o desprezo de seus ouvintes, o qual levou seu discurso a um repentino

fim. Se Pablo tivesse podido terminar o discurso, provavelmente haveria falado em uma linguagem mais definida a respeito da vida e a obra do Jesus, e de sua posição chave no plano de Deus para a humanidade. Note-se como se desenvolve seu argumento. Primeira fala de Deus como o Criador do mundo e do homem, e das normas que deu para que o homem habitasse a terra; depois raciocina que tudo isto devesse inspirar aos homens a conhecer que Deus está muito por cima dos homens, o qual, a sua vez, deveria induzi-los para buscá-lo, sabendo que um Criador tal nunca está longe, a não ser esperando que lhe aproximem os homens. concluíram os dias quando os homens ignorantes tinham que depender da revelação de Deus na natureza. Agora está falando por médio do Filho do homem, quem por sua ressurreição provou que era o Filho de Deus. O Muito alto julgará ao mundo por meio de seu Filho, e os homens deveriam preparar-se para este julgamento, mediante o arrependimento.

32.

Quando ouviram.

Ao apóstolo lhe emprestou uma atenção respeitosa até que mencionou por primeira vez o tema da ressurreição dos mortos. Esta ressurreição lhes parecia algo incrível aos epicúreos e aos estóicos, e em geral aos gregos e também aos saduceos (cf. Hech. 23:8; 26:8; 1 Cor. 15:35). O mundo de então, como o de agora, estava preparado para acreditar na imortalidade do alma, mas não estava disposto a aceitar a doutrina da ressurreição do corpo.

Uns se burlavam.

A inflexão do verbo grego implica que começaram a burlar-se neste ponto do discurso do Pablo. A palavra "uns" pode incluir os epicúreos e aos estóicos.

Ouviremo-lhe... outra vez.

Alguns poderiam ter tido o desejo genuíno de escutar mais sobre este tema tão vital; mas não parece que o tivessem escutado outra vez do apóstolo dos gentis. Compare-se com a atitude do Félix (cap. 24:25).

34.

Mas.

Isto é, "mas", "por outra parte", em feliz contraste com aqueles que rechaçassem a mensagem do Pablo.

Juntando-se.

Gr. kolláÇ (ver com. cap. 5:13; 9:26). Nas palavras e no caráter do apóstolo havia um poder de atração que fazia que os homens se unissem a ele. Alguns consideraram que o discurso do Pablo em Atenas foi um fracasso, mas tal julgamento não é justo em vista dos conversos que ganhou.

Dionisio o areopagita.

Um membro do conselho do Areópago (ver com. vers. 19). Pelo menos em tempos antigos a constituição do conselho requeria que seus membros houvessem desempenhado uma alta função na magistratura, como a de arconte, e que tivessem mais de 60 anos de idade. portanto, é possível que Dionisio fora

um homem de certa importância. Segundo a tradição, atribuída pelo Eusebio (História eclesiástica iII. 4. 9-10; iV. 4. 23) a um bispo de Corinto, este Dionisio chegou a ser o primeiro bispo de Atenas. Há um escrito detalhado sobre A hierarquia celestial que se atribui ao Dionisio, mas que é de uma data muito posterior a ele, possivelmente do século IV ou V. A lenda dos sete paladines do cristianismo transformou ao Dionisio no São Denis de França.

Dámaris.

Possivelmente dámalis, "vitela", nome grego bastante comum. Não há identificação desta conversa. Crisóstomo e outros acreditavam que era a esposa do Dionisio, mas isto não tem fundamento em nenhum feito conhecido.

Outros com eles.

É significativo o contraste entre estes e o "grande número" da Tesalónica (vers. 4) e os "muitos" da Berea (vers. 12). Não menos surpreendente é que Pablo não menciona a Atenas em nenhuma de suas epístolas paulinas. O que mais se aproxima de uma referência é a provável inclusão dos cristãos atenienses entre "os Santos que estão em toda Acaya" (2 Cor. 1:1). Quando Pablo chegou a Corinto encontrou ouvintes de um nível intelectual inferior, e lhes pregou conforme a esse nível. O se propôs não saber "coisa alguma" entre eles, "a não ser ao Jesucristo, e a este crucificado" (1 Cor. 2:2). Concentrou sua mensagem na cruz de Cristo, e o Espírito de Deus lhe deu um êxito notável. Mas Pablo foi dirigido em Atenas pelo Espírito Santo ao falar com os filósofos, e adaptou seu discurso à forma de pensar deles. Não ganhou grande quantidade de conversos, como já se fez notar, mas se fundou uma igreja que permaneceu como um 354 lembrança constante e honorável do poder do Evangelho para resgatar aos homens da escravidão do pecado e a tentação, para fazê-los livres em Cristo Jesus (cf. HAp pp. 195-196).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-34 HAp 180-197

1-5 2T 695

2-5 HAp 185

3 CS 456; SR 373 6-7, 10 HAp 186

11 COES 92; 1T 49; 2T 343

11-12 HAp 188; 2T 696

13 HAP 189

14-15 HAp 189

16 HAp 190

16-31 MC 164

17-18 HAp 191

19-20 HAp 192

21 6T 70

22-23 HAp 192

23 Ed 63; 8T 257

23-26 SR 312

24-28 HAp 193; PR 35

25 MeM 141; PP 564; SR 312

26-27 DTG 370; Ed 63, 169; HAp 17; SR 313

27 DTG 50; FÉ 440; TM 468

28 CMC 19; 3JT 260; MC 325; MM 9; PP 107

29-32 HAp 194

30 FÉ 111

31 CS 604; DTG 587; 1T 54

32-34 2JT 420

34 HAp 195

CAPÍTULO 18

3 Pablo trabalha fazendo lojas, e prega aos gentis em Corinto. 9 O Senhor o anima em uma visão; 12 é acusado diante do procónsul Galión, mas é absolvido. 18 Despues passa por diferentes cidades fortalecendo aos discípulos. 24 Priscila e Aquila instruíra melhor ao Apolos, 28 e este prega a Cristo com grande eficácia.

1 depois destas coisas, Pablo saiu de Atenas e foi a Corinto.

2 E achou a um judeu chamado Aquila, natural do Ponto, recém vindo da Itália com a Priscila sua mulher, por quanto Claudio tinha mandado que todos os judeus saíssem de Roma. Foi a eles,

3 e como era do mesmo ofício, ficou com eles, e trabalhavam juntos, pois o ofício deles era fazer lojas.

4 E discutia na sinagoga todos os dias de repouso,* e persuadia a judeus e a gregos.

5 E quando Silas e Timoteo vieram da Macedônia, Pablo estava entregue por inteiro a predicación da palavra, atestando a quão judeus Jesus era o Cristo.

6 Mas opondo-se e blasfemando estes, disse-lhes, sacudindo-os vestidos: Seu sangue seja sobre sua própria cabeça; eu, limpo; a partir de agora irei aos gentis.

7 E saindo dali, foi à casa de um chamado justo, temeroso de Deus, a qual estava junto à sinagoga.

8 E Crispo, o principal da sinagoga, acreditou no Senhor com toda sua casa; e muitos dos corintios, ouvindo, acreditavam e eram batizados.

9 Então o Senhor disse ao Pablo em visão de noite: Não tema, a não ser fala, e não ruas;

10 porque eu estou contigo, e nenhum porá sobre ti a mão para te fazer mau porque eu tenho muito povo nesta cidade.

11 E se deteve ali um ano e seis meses e lhes ensinando a palavra de Deus.

12 Mas sendo Galión procónsul da Acaya, os judeus se levantaram de comum acordo contra Pablo, e lhe levaram a tribunal

13 dizendo: Este persuade aos homens a honrar a Deus contra a lei.

14 E ao começar Pablo a falar, Galión disse aos judeus: Se fosse algum ofensa ou algum crime enorme, OH judeus, conforme a direito eu lhes toleraria.

15 Mas se forem questões de palavras e de nomes, e de sua lei, vejam vós; 355 porque eu não quero ser juiz destas coisas.

16 E os jogou do tribunal.

17 Então todos os gregos, apoderando-se do Sóstenes, principal da sinagoga, golpeavam-lhe diante do tribunal; mas ao Galión nada lhe dava de isso.

18 Mais Pablo, havendo-se detido ainda muitos dias ali, depois se despediu de os irmãos e navegou a Síria, e com ele Priscila e Aquila, havendo-se rapado a cabeça na Cencrea, porque tinha voto feito.

19 E chegou ao Efeso, e os deixou ali; e entrando na sinagoga, discutia com os judeus,

20 os quais lhe rogavam que ficasse com eles por mais tempo; mas não acessou,

21 mas sim se despediu deles, dizendo: É necessário que em tudo caso eu guarde em Jerusalém a festa que vem; mas outra vez voltarei para vós, se Deus quer. E zarpou do Efeso.

22 Tendo atracado a Cesarea, subiu para saudar a igreja, e logo descendeu a Antioquía.

23 E depois de estar ali algum tempo, saiu, percorrendo por ordem a região da Galacia e da Frigia, confirmando a todos os discípulos.

24 Chegou então ao Efeso um judeu chamado Apolos, natural da Alejandría, varão eloqüente, capitalista nas Escrituras.

25 Este tinha sido instruído no caminho do Senhor; e sendo de espírito fervoroso, falava e ensinava diligentemente o concernente ao Senhor, embora somente conhecia o batismo do Juan.

26 E começou a falar com denodo na sinagoga; mas quando lhe ouviram Priscila e Aquila, tomaram à parte e lhe expuseram mais exatamente o caminho

de Deus.

27 E querendo ele passar a Acaya, os irmãos lhe animaram, e escreveram aos discípulos que lhe recebessem; e chegado ele lá, foi de grande proveito aos que pela graça tinham acreditado;

28 porque com grande veemência refutava Publicamente aos judeus, demonstrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo.

1.

Pablo saiu.

A evidência textual (cf. p.10) favorece a omissão do nome "Pablo".

A Corinto.

A 65 km ao oeste de Atenas. Pablo pôde ter viajado por terra através do istmo de Corinto, ou por mar do Pireo até a Cencrea. A cidade de Corinto estava situada perto do istmo, e tinha dois portos: um no Licaón, ao oeste; outro na Cencrea, ao este. Corinto tinha tido grande importância comercial dos dias mais antigos da Grécia. Como resultado do comércio a vida se desenvolvia em meio da luxúria e os vícios. Pablo começou aqui sua missão com resultados muito mais frutíferos que em Atenas.

2.

Aquila.

Nome latino que significa "águia". Seu equivalente grego é Akúlas. Onkelos, nome tradicional do autor de um dos tárgumes, judeus, provavelmente seja outra variante deste nome (ver T. V, P. 97). Uma tendência comum entre quão judeus viviam em países pagãos era a de usar nomes derivados de animais.

Natural do Ponto.

Literalmente "póntico de raça". Nas províncias da Ásia Menor havia um grande número de famílias judias da diáspora como se pode ver pelo livro de Feitos (ver com. Hech. 2:9-10-, cf. 1 Ped. 1:1). Alguns judeus do Ponto tinham estado em Jerusalém no primeiro Pentecostés depois da crucificação (Hech. 2:9). O Ponto ficou sob o domínio romano quando seu rei Mitrídates foi vencido pelo Pompeyo, mais ou menos um século antes dos dias do Pablo.

Recém vindo da Itália.

Ver com. "Claudio tinha mandado".

Priscila.

O nome aparece em outros lugares (2 Tim. 4:19; cf. o texto grego mais fidedigno de ROM. 16: 3 e 1 Cor. 16:19) como Prisca (BJ, BC, NC), do qual Priscila é diminutivo. O nome Prisca possivelmente reflita uma relação com o gens ou clã dos Prisci, o qual dos tempos mais antigos de Roma proporcionou a ciudad-estado uma larga série de pretores e cônsuis; pelo tanto, o matrimônio da Aquila e Priscila poderia ser um exemplo da influência dos judeus instruídos entre as mulheres da classe elevada de Roma. O nome da Priscila aparece primeiro (Hech. 18:18; ROM. 16:3; 2 Tim.

4:19), ordem que se explicaria se ela tivesse sido da nobreza romana. O feito de que ela participasse da instrução do Apolos (Hech. 18:26) sugere que era uma mulher culta. Não se pode estabelecer com segurança se 356 esta casal foi convertida pelo Pablo, mas certos feitos sugerem que não foi assim: (1) O registro guarda silêncio quanto a que tivessem escutado ao Pablo, como o fez Luta (cap. 16:14), um fato que Lucas dificilmente houvesse omitido se assim tivesse ocorrido. (2) O fato de que Pablo se uniu com eles sem vacilação (cap. 18:3) até antes de que tivesse começado a pregar na sinagoga, poderia implicar uma atitude de simpatia de parte deles.

Claudio tinha mandado.

O relato da expulsão dos judeus da cidade de Roma (ver P. 82) é apresentado pelo Suetonio com estas palavras: "Posto que os judeus constantemente criavam distúrbios por instigação do Crestus, ele [Claudio] os expulsou de Roma" (Vida dos Cessar V. 25. 4). Uma numerosa coletividade de judeus estava estabelecida naquele tempo na cidade de Roma, ao pé da colina chamada Janículo (ver mapa P. 458). Eles exerciam uma influência considerável sobre a classe alta ou aristocrática de Roma; tinham suas próprias sinagogas e lugares de oração (ver com. cap. 16:13); eram tolerados como religio licita (religião legalmente reconhecida), e mantinham seus próprios cemitérios ao longo da Via Apeia. A ordem pela que foram expulsos de Roma parece ter sido dada em forma repentina. Suetonio opinava que a ordem estava relacionada com um homem chamado em latim Chrestus (seu pronúncia aproximada é Jrestus). Nada mais nos informa Suetonio a respeito de este homem. Mas naquele tempo os sons das letras gregas "i" e "e" dificilmente se distinguiam, e Tertuliano (Apologia iII. 5) diz que o nome grego Jristós freqüentemente era pronunciado como Jr'stós, "bom", "util" ou "amável". Uma possível explicação para o decreto do Claudio é que os cristãos chegaram a Roma, e logo se produziram tumultos como os de Antioquía da Pisidia (cap. 13:50), Listra (cap. 14:19), Tesalónica (cap. 17:5-8) e Berea (cap. 17:13). O nome de Cristo o pronunciavam os que o aceitavam como Mesías e também os que o rechaçavam. Por conseguinte, os magistrados romanos, quem ao igual a Galión, pareciam dar pouca importância às questões concernentes em nomes e palavras (cap. 18:15), facilmente poderiam ter chegado à conclusão de que Cristo era o caudilho de uma das partidas e ter pensado (como na Tesalónica, cap. 17:7) que aspirava a um trono terrestre. Esta explicação esclareceria o motivo dos tumultos, da confusão de nomes e do decreto de expulsão (ver T. V, P. 72).

Aquila e sua esposa tinham estado em Roma antes de dita expulsão, e como muitos dos judeus de Roma eram libertos (ver com. cap. 6:9), é provável que Aquila ou seus pais pertencessem a essa classe. Mais tarde se sugere que Aquila e Priscila tinham retornado a Roma (ROM. 16:3). Se retornaram foi depois de ter estado com o Pablo no Efeso, porque estiveram com ele ali quando escreveu a primeira carta aos Corintios (1 Cor. 16:19), e a casa na qual viveram estava ao serviço dos cristãos do Efeso. Se Timoteo estava no Efeso quando Pablo lhe escreveu a segunda carta, Priscila e Aquila até estavam nessa cidade (2 Tim. 4:19). Não se conhece nada mais a respeito de suas vicissitudes.

De acordo com os seguintes dados, pode formar uma idéia quanto a quem foi os primeiros pregadores da nova fé em Roma: (1) Não puderam ter acontecido 25 anos do nascimento do cristianismo sem que os judeus de Roma recebessem alguma notícia definida a respeito do que acontecia em Palestina, aonde o Evangelho estava sendo pregado com notável êxito. (2) Entre os presentes no dia do Pentecostés havia "romanos aqui residentes, tanto judeus como partidários" (Hech. 2:10). (3) Entre os judeus de origem

grego que discutiram com o Esteban havia libertos de Roma, e Esteban mesmo pôde ter pertencido a essa classe (ver com. cap. 6:5-9). (4) Andrónico e Junias, a quem Pablo envia saudações, tinham estado "em Cristo" antes que ele (ROM. 16:7). portanto, terei que procurar entre estes aos fundadores da igreja de Roma, e não ao apóstolo Pedro a quem a tradição lhe atribui esse honra. Tudo indica que a teologia dos cristãos de Roma era parecida com os grandes princípios estabelecidos pelo Esteban, cuja compreensão do Evangelho influiu no Pablo. Isto explicaria por que foi tão fácil para a Aquila e Priscila receber ao apóstolo Pablo em Corinto. É possível que muitos dos mencionados pelo Pablo em ROM. 16:3-15 fossem expulsos de Roma em tempo do Claudio, mas que mais tarde retornaram.

3.

ficou com eles.

De acordo com o Talmud (Sukkah 51b), ao menos na Alejandría, todos os que tinham o mesmo ofício se sentavam juntos nos serviços da sinagoga. Se chegava um estrangeiro facilmente podia 357 encontrar a seus companheiros de oficio na sinagoga e conseguir alojamento com eles. Se esta era também a prática em Corinto, como é provável, Pablo logo encontrou alojamento e emprego com a Aquila e Priscila.

Lojas.

Pablo pôde ter aprendido e praticado o ofício de fazer lojas no Tarso, sua cidade natal. Esta cidade era famosa nesse tempo, e também mais tarde, pela grande demanda dos ásperos tecidos de cabelo de cabra, que se usavam para as velas dos navios e para as lojas. Os romanos as conheciam como cilicium (cilício) devido no nome da província de onde procediam. A província do Ponto, de onde era oriundo Aquila, era famosa pela mesma classe de tecidos. A hipótese de que Pablo descendesse de uma família rica e tivesse recebido uma educação superior, não contradiz em nada o fato de que lhe tivesse exigido aprender um ofício, porque o provérbio rabínico, "que não ensina a seu filho um ofício, ensina-lhe a ser ladrão", fez que tal aprendizagem fora quase universal nas famílias hebréias. Por exemplo, o grande Hillel foi carpinteiro. Por essa razão Pablo estava bem preparado para sustentar-se com seu trabalho em Corinto, como o tinha feito na Tesalónica, evitando assim qualquer acusação de que o movia algum interesse material ao pregar o Evangelho entre os gregos (1 Cor. 9:15-19; 2 Cor. 11:7-13; 1 Lhes. 2:9). Possivelmente começou a trabalhar em Corinto como jornaleiro, ou talvez como sócio, na oficina de algum judeu, posto que Pablo era conhecido na cidade de Corinto só como judeu.

4.

Discutia.

Pablo sempre se dirigia primeiro aos judeus (ver com. cap. 13:5, 14). Mas em Corinto, como mais tarde no Efeso (cap. 19:8-9), não lhe permitiu continuar pregando na sinagoga todo o período de sua permanência na cidade (cf. cap. 18:7).

Todos os dias de repouso.

Pablo esteve em Corinto pelo menos um ano e meio (vers. 11).

Persuadia.

Ou "tratava de persuadir".

Gregos.

Gr. héll'n, "heleno". Provavelmente não se está refiriendo aos judeus que falavam grego, nem a partidários no sentido literal do término, como o fez em outros lugares (ver com. cap. 11:20), a não ser aos pagãos. Pablo pôde haver-se encontrado na sinagoga com alguns destes que eram temerosos "de Deus" (ver com. cap. 10:2), mas a muitos deles sem dúvida os encontrou em seu trabalho e em outras partes.

5.

Quando Silas e Timoteo vieram.

Ou "quando Silas e Timoteo descenderam", isto é, "da Macedônia". Segundo 1 Lhes. 3:2, Timoteo aparentemente foi a Atenas para estar com o Pablo, e foi enviado quase imediatamente outra vez a Tesalónica para procurar mais notícias de a igreja dessa cidade. Retornou com um bom relatório da fé e o amor de os tesalonicenses (1 Lhes. 3:6). Foi possivelmente nesse tempo quando "os irmãos que vieram da Macedônia" (2 Cor. 11:9) com suas dádivas, demonstraram novamente sua consideração e amor para o Pablo.

Predicación da palavra.

Pablo conhecia a Palavra de Deus, e se sentiu impulsionado a apresentá-la (cf. Sal. 39:3). Não é seguro se houve alguma relação entre a chegada do Silas e Timoteo e este impulsiono a pregar. Não há indicação de que os obséquios que puderam-lhe ter trazido para o Pablo fizeram que se ocupasse menos em seu ofício, e segundo 1 Cor. 9 se pode desprezar esta idéia. Entretanto, é possível que estes presentes lhe tivessem permitido que por um tempo se dedicasse completamente a predicación. sentia-se impulsionado a pregar, e sem dúvida algumas palavras animadoras do Silas e Timoteo fortaleceram esse desejo.

Atestando... que Jesus era o Cristo.

Assim destacava que Jesus era o Mesías sufriente, El Salvador, uma verdade que os judeus muito precisavam aprender.

6.

Opondo-se.

O verbo implica uma grande oposição, como uma força que se coloca em ordem de batalha. A oposição contra Pablo estava bem organizada e era firme.

Blasfemando.

Gr. blasfeméÇ, "falar mau [de algum]", "reprovar", "blasfemar". A palavra deriva de blax, "estúpido" e femí, "falar". Uma recriminação sem fundamento é algo estúpido, e a blasfêmia o é em maior grau. A blasfêmia dos judeus neste caso implicava maledicência não só contra Pablo, mas também também contra Cristo, o qual era blasfêmia no sentido mais pleno do término. Compare-se com o uso deste verbo blasfeméo em 2 Ped. 2:2: "O caminho da verdade será blasfemado". A mesma conduta, embora se usa uma palavra diferente, descreve-se no Hech. 19:9: "amaldiçoando o Caminho diante da multidão". Estes distúrbios reproduziam o que sem dúvida tinha passado em

Roma (ver com. cap. 18:2) e o que tinha ocorrido em muitos outros lugares (cap. 13; 14; etc.). Um 358 eco das blasfêmias pode encontrar-se na expressão "chama anátema ao Jesus" (1 Cor. 12:3).

Sacudindo-os vestidos.

Quanto ao significado deste ato, ver com. Neh. 5:13; Mat. 10:14; Hech. 13:51. Este ato do Pablo -um judeu-, frente a judeus, expressava sua indignação melhor que qualquer outra ação dela. Esse foi o último recurso do Pablo. Seus exortações à razão e à consciência encontraram unicamente uma violência brutal.

Sangue.

Pablo usa a palavra "sangre" em sentido figurado, para significar "destruição" (cf. Jos. 2:19). O pensamento e a forma em que se o expressa são essencialmente hebreus (ver com. Mat. 27:25). Compare-se com a linguagem de Ezequiel que define sua responsabilidade como atalaia (Eze. 3:18-19).

Aos gentis.

Ver com. cap. 13:46. O que Pablo disse a respeito de deixar aos judeus tinha, naturalmente, só uma aplicação limitada e local. O apóstolo não abandonou totalmente seu trabalho entre eles, mas sim simplesmente se negou a lhes seguir pregando em Corinto (cf. cap. 9:15; 19:8).

7

À casa de um.

Pablo utilizou esta casa para ensinar e como lugar de culto. Provavelmente ainda vivia com a Aquila e Priscila.

Justo.

Um sobrenome romano (cf. com. cap. 1:23). A evidência textual sugere (cf. P. 10) o texto: "Tito Justo"; entretanto, não há razão para deduzir que este seja o mesmo Tito do Gál. 2:3, a quem Pablo deixou mais tarde em Giz. O nome Tito era muito comum entre os romanos; mas o Tito que foi enviado a Giz estava intimamente relacionado com a igreja de Corinto, como se deduz de 2 Cor. 7:14; 8:16, 23. O Justo que aqui se menciona era um gentil incircunciso, como Tito, que assistia à sinagoga e era varão "temeroso de Deus".

Temeroso.

Do verbo Gr. sébomai, "reverenciar", "adorar". A forma da palavra que aqui se usa se aplica a "partidários piedosos" (cap. 13:43) e a "gregos piedosos" (cap. 17:4; ver com. cap. 10:2). portanto, sua casa era um lugar apropriado no qual podiam reunir-se judeus e gentis e ao que sem dúvida os gentis estavam mais dispostos a ir que à casa de um judeu.

Estava junto.

Ou "contigüa". Evidentemente depois da oposição contra Pablo na sinagoga de Corinto, escolheu um lugar próximo para as reuniões, de maneira que fora fácil que assistisse qualquer judeu que estivesse disposto a receber o Evangelho. Mas esta proximidade também ia ser uma causa adicional para despertar ódio, especialmente quando o número dos que simpatizaram com

Pablo começou a aumentar, e mais ainda depois de que um dirigente da sinagoga aceitou o Evangelho (vers. 8).

8.

Crispo, o principal da sinagoga.

Era o chefe da sinagoga. O menciona em 1 Cor. 1:14 como um dos poucos a quem Pablo batizou. Sua destacada posição entre os judeus antes de sua conversão, e o fato de que toda sua família aceitasse o Evangelho, o fizeram notável entre os cristãos.

Acreditavam e eram batizados.

A inflexão destes dois verbos em grego sugere um processo contínuo durante um período não especificado. Entre os conversos estava Gayo (1 Cor. 1:14), que certamente era um homem de posição social mais elevada que outros; se distinguia entre os cristãos por sua hospitalidade e hospedou ao Pablo em seu segunda visita (ROM. 16:23). Os membros da família do Estéfanas, as "primicias da Acaya" estavam aparentemente ali entre os primeiros conversos (1 Cor. 16:15). A estes os batizou Pablo (1 Cor. 1:16). Também podem contar-se como convertidos então, ou muito pouco depois, aos seguintes: Fortunato e Aconteço (1 Cor. 16:17); Cloé, uma distinguida conversa (1 Cor. 1:11); o irmão Quarto e Erasto, o tesoureiro da cidade (ROM. 16:23); e Epeneto, também entre as "primicias da Acaya" (ROM. 16:5). Silas e Timoteo estavam com o Pablo nesse tempo, e sem dúvida batizaram à maioria dos conversos (1 Cor. 1: 14-16).

9.

Então o Senhor disse.

Ou "E disse o Senhor". Aqui se registra outra visão dada ao Pablo. A julgar por as palavras do Senhor, parece que por alguma razão o ânimo do apóstolo estava diminuindo, e estava em perigo de sofrer dano físico. Pablo recebeu este mensagem da mesma forma como recebeu a chamada macedónico (cap. 16:9, 19); mas agora o Senhor se apareceu pessoalmente a seu servo. Ao Pablo se o deram visões de Deus nas grandes e diferentes crises de sua vida. Havia visto primeiro ao Senhor Jesus no momento de sua conversão (cap. 9:4-6; cf. HAp 94). Mais tarde escutou a mesma voz, e viu a mesma forma em sua visão em o templo de Jerusalém (cap. 22:17-21). Agora vê e escuta de novo a seu Senhor.

Não tema.

"Não tema mais". Estas palavras implicam que nesse momento Pablo experimentava 359 algum temor e depressão, e sentia muito pesada a carga da tarefa que estava tentando fazer para seu Senhor. O maior número de seus conversos era de a classe dos escravos e libertos. Aqueles que possuíam uma cultura semelhante a do apóstolo -já fossem judeus ou gregos- eram lentos para aceitar seu predicación (cf. 1 Cor. 1:26-27). Sem dúvida Pablo corria o perigo de sofrer dano físico. O já tinha visto como as palavras ofensivas dos judeus se transformavam em violência física, e isto facilmente poderia voltar para ocorrer. O Senhor se dirigiu meigamente ao Pablo com as palavras: "Não tema".

Fala.

Ou "segue falando".

E não cale.

Ou "não comece a guardar silêncio". Em um momento de debilidade esteve tentado a proteger-se com o silêncio quando parecia que as palavras eram estéreis. Mas esta visão foi um conselho ao apóstolo para que pregasse até com mais perseverança que antes. Nada devia deter o testemunho do Pablo. Elías também tinha passado por uma crise similar de desânimo (1 Rei 19:4-14), e Jeremías também em mais de uma ocasião (Jer. 1:6-8; 15:15-21).

10.

Eu estou contigo.

No grego o pronome "eu" é enfático. A ordem que Jesus lhe tinha dado estava acompanhada de uma promessa que satisfazia a necessidade do Pablo nesse momento. Embora os homens estavam contra ele, Cristo estava com ele. A promessa que se deu a toda a igreja, "Hei aqui eu estou com vós todos os dias" (Mat. 28:20), foi agora repetida pessoalmente ao Pablo: "Eu estou contigo". Embora obedecer esta nova ordem significava uma vida de sofrimento, estava a segurança de que os maus intuitos dos homens seriam refreados, e que a obra do Pablo não seria permanentemente obstaculizada.

te fazer mau.

Ou "te machucar", "te fazer danifico". Cristo não prometeu ao Pablo que o liberaria dos ataques, mas sim não lhe permitiria ao inimigo que o maltratasse corporal Mente. Esta segurança significava para o apóstolo o que Eliseo havia aprendido e proclamado séculos antes: "Mais são os que estão conosco que os que estão com eles" (2 Rei. 6:16).

Muito povo.

Estas palavras nos recordam aquelas que foram dirigidas ao Elías em seu momento de debilidade. "Eu farei que fiquem no Israel sete mil" (1 Rei. 19:18). Em Corinto, até entre aqueles mais profundamente sumidos nos vícios (1 Cor. 5:10-11), havia almas honestas que desejavam ser liberadas e esperavam a exortação ao arrependimento. Pablo e seus companheiros deviam proclamar essa exortação.

Como nessa época Corinto era um dos importantes centros de atividade comercial, humanamente falando era vital que do começo a igreja estabelecesse ali uma posição firme. A importância e a extensão da comunidade cristã de Corinto pode ver-se nas epístolas que Pablo escreveu depois a essa igreja. O Senhor em sua misericórdia deu ao Pablo, por meio de uma visão, a segurança de que seu predicación seria benta abundantemente. O se reanimou, confortado e preparado para qualquer tarefa.

11.

deteve-se.

Gr. kathízÇ, "sentar-se", "estabelecer-se em um lugar". O verbo sugere permanência e continuidade.

Um ano e seis meses.

O tempo que Pablo esteve em Corinto não só lhe deu a oportunidade de fundar e organizar uma igreja, mas também de trabalhar nos distritos vizinhos, como o porto da Cencrea (ROM. 16:1). além de pregar e ensinar aos corintios, Pablo provavelmente escreveu nesse tempo as duas epístolas aos Tesalonicenses, consideradas como as primeiras de suas epístolas, e possivelmente os primeiros escritos do NT, a menos que à Epístola do Santiago lhe dê uma data anterior. A saudação de 2 Corintios: "à igreja de Deus que está em Corinto, com todos os Santos que estão em toda Acaya" (2 Cor. 1:1) claramente indica a disseminação do Evangelho além dos limites da cidade.
Pablo reconheceu este abundante fruto como o cumprimento da promessa que o Senhor lhe deu em visão, o qual o preparou para a chegada da próxima perseguição.

12.

Galión.

Seu nome completo originalmente era Marco Aneo Novato, mas como foi adotado por um romano rico chamado Lucio Junho Galión, foi conhecido após como Junho Aneo Galión. Era irmão do filósofo estóico Séneca, tutor do Nerón. Séneca, oriundo da Espanha, dedicou a seu irmão, o procónsul, um ensaio sobre a "Ira" e outro sobre a "Vida bem-aventurada". Galión foi provavelmente procónsul da Acaya em algum momento entre os anos 51-53 (ver P. 101). Depois que se retirou da Acaya como conseqüência de um ataque de febre (Séneca, Epístolas civ. 1) Galión retorno a Roma. Ao princípio gozou do favor do Nerón,
360 mas com o tempo caiu sob o desagrado do tirano e, segundo uma tradição, foi executado por esse imperador. Outra tradição diz que preferiu suicidarse antes que ser executado. Mas Tácito afirma que Galión só estava "apavorado pela morte [suicídio] de seu irmão Séneca", e implorava ao Nerón que lhe concedesse a vida (Anais xV. 73).

Procónsul.

Lucas demonstra outra vez sua exatidão característica no uso de títulos oficiais. Acaya, que incluía toda a Grécia ao sul da província da Macedônia, tinha sido no tempo do Tiberio uma província imperial, e portanto estava governada por um procurador. Mas ao redor do ano 44 d. C. uma vez mais tinha sido constituída em província senatorial pelo Claudio, como se já não necessitasse mais controle militar direto (Tácito, Anais I. 76; Suctonio, Vida de os Césares V. 25. 3). Por isso no tempo da visita do Pablo estava outra vez governada por um procónsul.

Os judeus se levantaram de comum acordo.

Os judeus evidentemente esperavam que ao apresentar-se em massa ante um tribunal para acusar ao Pablo, poderiam obter que o apóstolo fora expulso da cidade.

Tribunal.

Era costume dos governadores romanos das províncias presidir o tribunal na praça ou no foro, em certos dias fixos (ver com. cap. 19:38), de maneira que qualquer pudesse apelar a eles para que atendessem seus queixa. Aparentemente os judeus aproveitaram uma ocasião tal. Mas ao Galión o pareceu que não era mais que um grupo de judeus que acusava a um de sua própria raça de alguma ensino errôneo. Se o procónsul tinha chegado pouco antes de Roma, ali certamente teria escutado dos problemas devidos ao Chrestus (ver com. cap. 18:2), e consideraria que esta era uma disputa a respeito de um

assunto similar. Ver ilustrações frente a pp. 448-449.

13.

Este.

Gr. hóutos, pronome demonstrativo que expressa muito bem o desprezo que desejavam inculcar no Galión.

A lei.

Parece evidente que nesta apelação ao procónsul, os judeus se referiam não a a lei do Moisés, a não ser à lei de Roma. Seu raciocínio era que embora os judeus tinham sido desterrados de Roma devido a uma medida política, o judaísmo ainda era religio licita (religião lícita), tolerada e reconhecida pelo Estado romano. portanto, sua acusação não era a respeito de algum tema da religião judia, mas sim Pablo estava pregando uma nova religião, não reconhecida (cf. com. cap. 17:7).

14.

Ao começar Pablo a falar.

"Ia Pablo a abrir a boca". Uma expressão comum que se usava para introduzir formalmente um discurso (cf. Mat. 5:2; 13:35; Hech. 10:34). Pablo estava a ponto de empreender uma metódica defesa, mas isto resultou desnecessário.

Galión disse.

É muito difícil que Galión pudesse ter residido algum tempo na Acaya sem escutar da nova religião cristã. Sem dúvida estava informado das dificuldades dos judeus. Provavelmente também conhecia algo a respeito de Pablo. Mas desde seu ponto de vista, como homem de Estado e filósofo, este não era um assunto que lhe competia. Não tentou riscar uma linha definida entre as religiões reconhecidas e as não reconhecidas por Roma.

Alguma ofensa ou algum crime enorme.

Melhor "algum crime ou vilania". As duas coisas que um magistrado houvesse tomado em conta, teriam sido: (1) algum delito (cf. cap. 24:20) ou ato de injustiça, ou (2) uma conduta falta de escrúpulos que implicasse um mal moral. Ao julgar tais assuntos teria estado desempenhando seu dever como administrador da lei romana e sua eqüidade. Os dois delitos mencionados aqui se referem a atos de maldade manifesta, como um roubo ou assalto; a segunda aqueles tipifica feitos cuja principal característica é algum ardil fraudulento ou um costume ilícita.

Conforme a direito.

"Conforme a razão".

Eu lhes toleraria.

Quer dizer "escutaria seu caso". O verbo se usa também como término judicial, como sinônimo de admitir uma queixa. Galión mostrou com sua linguagem que os romanos se consideravam superiores aos tolerados judeus. Mas se seu caso tivesse sido justificado, os judeus tivessem gozado do benefício de tal tolerância, e ele teria investigado todos os pormenores que se relacionassem

com seu cargo e com a lei romana.

15.

De palavras, de nomes.

Ou "palavrório e nomes". Se os judeus tivessem tido a oportunidade, sem dúvida tivessem apresentado muitos detalhes concernentes aos ensinos de Pablo. Mas se Jesus era ou não o Cristo, devia, segundo a autoridade romana determiná-lo-a teologia, pois era um assunto que não competia à lei civil. Se Galión havia 361 ouvido o nome Chrestus em Roma (ver com. vers. 2), haveria estado ainda mais disposto a imitar a conduta do imperador livrando-se dos lutadores judeus logo que lhe tivesse sido possível (cf. cap. 23:29).

Sua lei.

Literalmente "a lei [que é] segundo vós". Galión insinuou com sua ênfase que compreendia o que queriam conseguir apelando à lei. Este caso incumbia mais à lei judia que à romana, e ele se negou ficar comprometido.

Juiz.

A forma cortante em que Galión deu por terminado o caso diz literalmente: "Juiz eu destas coisas não estou disposto a ser". A construção sintática é enfática em grego. Galión rechaçou exercer jurisdição neste caso, porque não competia à lei romana.

Quanto a como os romanos consideravam a vida e costumes judias (cf. vers. 14), ver T. V, pp. 62-64; T. VI, pp. 61-62.

16.

E os jogou.

Galión sem dúvida estava sentado na praça ou no foro, com seus leitores e outros funcionários a seu redor, e ordenou que o lugar ficasse espaçoso de esses fastidiosos lutadores a respeito de "palavras e de nomes". Tinha muito que fazer em assuntos que lhe incumbiam na atarefada vida comercial de Corinto.

17.

Os gregos.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pela omissão da frase "os gregos".

Apoderando-se.

Este mesmo verbo se usa no cap. 21:30 para expressar a ação violenta da turva em Jerusalém, e imediatamente mais tarde (vers. 33) para indicar a conduta do tribuno da companhia ao resgatar ao Pablo.

Sóstenes.

Este nome era comum. Não é necessário que o identifique com o Sóstenes que aparece em 1 Cor. 1:1, embora seja possível que o caudilho da perseguição converteu-se posteriormente, como no caso do Pablo.

Principal.

Aparentemente Sóstenes foi constituído em principal da sinagoga depois de a conversão de Crispo (vers. 8). O pôde ter estado ansioso de mostrar seu zelo contra os cristãos apresentando imediatamente acusações contra Pablo ante o procónsul. Como porta-voz atraiu a atenção da multidão que o rodeava. Muitos dos que a formavam sem dúvida eram gregos. Evidentemente, captaram o tom de desprezo do Galión, e imitaram sua decisão adversa castigando duramente, por sua conta, ao Sóstenes. Ou também pode ser que os judeus houvessem se tornado contra sua novo líder depois de seu fracasso neste assunto (ver com. "os gregos"). Pablo sem dúvida tinha não poucos simpatizantes entre os gentis. Como quero que fosse, a multidão enfocou sua atenção em Sóstenes.

Golpeavam-lhe.

Ou "começaram a golpeá-lo".

Ao Galión nada lhe dava disso.

A declaração do Galión reflete a indiferença de muitos homens do mundo para a verdade revelada. Mas suas palavras não necessariamente significam que ele fora indiferente ante a religião. Reconheceu os limites de sua própria jurisdição. Sua decisão deveu ter sentado um proveitoso precedente para a extensão do cristianismo.

18.

Detido... muitos dias.

Literalmente "tendo ficado dias muitos". Pablo tinha vivido e trabalhado em Corinto em forma regular durante um ano e seis meses (vers. 11). depois deste tempo, ou possivelmente durante a última parte foi levado violentamente ante o Galión. depois desta crise, o apóstolo desfrutou de outro período de paz para trabalhar.

A Síria.

Os motivos de sua viagem podem ter sido os seguintes: (1) Assim como o fez posteriormente (ver com. cap. 20:3-4), sem dúvida desejava entregar em pessoa os donativos recolhidos para os discípulos de Jerusalém (cf. ROM. 15:25-26; Gál. 2:10). É evidente que quando Pablo resolveu retornar, quis estar em Jerusalém logo que o fora possível, já que recusou permanecer no Efeso, mesmo que seu predicación era muito melhor recebida pelos judeus dali que em muitos outros lugares. (2) Seu recente voto lhe impunha uma visita ao templo. (3) Quereria informar os resultados de seu trabalho entre os gentis, especialmente nas distantes regiões da Macedônia e Acaya (cf. Hech. 15:4).

Priscila Aquila.

Ver com. vers. 2.

Cencrea.

O porto oriental de Corinto, sobre o golfo Sarónico. Segundo ROM. 16:1 ali havia uma igreja organizada. A gratidão com a qual Pablo se refere ao Febe e a seu serviço cristão (ROM. 16:2) indica que o apóstolo se havia

relacionado intimamente com essa igreja que, provavelmente, ele tinha baseado.

Voto.

Não há dúvida de que se trata de um "voto" privado, uma forma modificada do voto nazareo temporário descrito no Núm. 6:1-21. 362 Este voto exigia a separação do mundo e da vida comum ("nazareo" significa uma pessoa "separada" ou "consagrada"). Durante o tempo deste voto, a pessoa não bebia vinho, nem bebida forte, nem se barbeava a cabeça nem o rosto. Ao concluir o período de seu voto devia barbeá-la cabeça no templo e queimar o cabelo no fogo do altar, debaixo de seu sacrifício. Os nazareos que se mencionam em Hech. 21:24 se raparam a cabeça depois de ter completo seu voto. Aos que viviam a certa distância de Jerusalém parece que lhes era permitido cortar o cabelo, e levar a templo o cabelo que se cortaram para oferecê-lo quando os fora rapado o resto do cabelo. Isto foi o que fez Pablo em Cencrea antes de empreender sua viagem a Síria. Como se deduz de 1 Com 11:14, é óbvio que Pablo considerava que o cabelo comprido nos varões era uma amostra de afeminamiento, mas o voto do nazareo necessariamente fazia que o cabelo estivesse largo. Assim embora ele estava cumprindo o voto, o fazia em forma modificada, rapando-a cabeça antes da viagem devido à aparência e ao costume, a menos que o período de seu voto tivesse terminado na Cencrea.

A causa principal pela qual se faziam os votos era freqüentemente um profundo agradecimento por ter sido salvado de um perigo. Esse perigo com freqüência causava temor. O temor, a promessa e a salvação se advertem em o registro do trabalho do Pablo em Corinto, e um voto de consagração ao programa de pregar o Evangelho tivesse sido um resultado natural. A diferença de outras práticas do judaísmo, Pablo não desprezava nem condenava as expressões de sentimentos de consagração porque não as considerava como formas de legalismo.

Também é possível que Pablo estivesse aplicando seu princípio de fazer-se "a todos... de tudo" (1 Cor. 9:22), e portanto, como judeu, estava atuando de acordo com os judeus (vers. 20). Um voto de nazareo demonstraria a todos seus irmãos judeus que ele não desprezava a lei, nem ensinava a outros judeus a desprezá-la (ver com. Hech. 21:21-24).

19.

E chegou ao Efeso.

A evidência textual favorece (cL P. 10) o texto "chegaram ao Efeso". A inflexão verbal grega que se traduz "chegou" é um término náutico que significa "atracar". Efeso era uma cidade famosa, capital do distrito grego da Jonia e mais tarde que a província romana da Ásia. Foi o cenário dos últimos trabalhos do apóstolo, Juan. A cidade estava perto do mar, sobre uma colina que se elevava na desembocadura do Cayster, entre os rios Hermos e Meandro. Efeso tinha sido uma antiga colônia grega na costa ocidental do Ásia Menor, mas no século VI A. C. caiu em poder dos reis de Luta. Desde o começo foi um centro de adoração da Artemisa (a Diana romana; ver com. cap. 19:24), cujo templo era visitado por peregrinos de todas as partes do mundo conhecido. O Oriente e o Ocidente tinham estabelecido durante séculos um estreito contato no Efeso. Ali a religião dos gregos adquiriu um caráter mais oriental, que continha magia, mistérios e feitiçarias. Nos dias do Pablo, Efeso era, com muita vantagem, a cidade mais ativa e popular do Ásia proconsular. Ali viviam suficientes judeus para que houvesse pelo menos uma sinagoga.

Deixou-os ali.

Provavelmente Aquila e Priscila ficaram por algum tempo no Efeso. Para conhecer suas diversas viagens, ver com. vers. 2.

Na sinagoga.

Este era o costume do Pablo. Não podia abandonar aos seus e, embora constantemente se expor a que o tratassem com dureza, de novo os buscou aqui logo que chegou. Entretanto, o que Pablo pregou esta vez parece haver provocado menos hostilidade, pois os judeus do Efeso lhe rogaram que ficasse por mais tempo (vers. 20). Talvez o caráter cosmopolita da população tivesse algo que ver com esta diferente atitude.

Discutia.

Gr. dialégomai (ver com. cap. 20:7).

20.

Rogavam-lhe.

Seu desejo era um sinal promissor de uma boa colheita posterior. Em nenhum lugar, exceto na Berea, encontrou Pablo uma atitude mais receptiva para a verdade que apresentava. Considerava os corintios como a meninos que precisavam ser alimentados com leite (1 Cor. 3:2), mas mais tarde pôde declarar aos efesios "todo o conselho de Deus" (Hech. 20:27), porque eram capazes de compartilhar o conhecimento do mistério do Evangelho que ele os pregava (F. 3:4).

Com eles.

A evidência textual (cf P. 10) estabelece a omissão destas palavras.

Não acessou.

Literalmente "não fez nenhum gesto afirmativa com a cabeça" isto isso não consentiu.

21.

despediu-se deles.

A evidência 363 textual favorece (cf. P. 10) a omissão das palavras: "É necessário que em tudo caso eu guarde em Jerusalém a festa que vem; mas..." As palavras omitidas se consideram uma inserção sugerida por uma passagem anterior (cap. 20:16). A aceitação da validez desta omissão faz desnecessário dissentir a respeito de qual pôde ter sido esta Festa judia.

Voltarei.

logo que Pablo teve a oportunidade, cumpriu sua promessa (cap. 19:1).

Se Deus quiser.

Tanto Pablo como Santiago concordam em apoiar-se na vontade do Pai que rege todas as coisas, até o ponto de que quase usam a mesma expressão (cf. Sant. 4: 15). Para eles significava muito mais que a expressão Deo lhe voem,

"se Deus quiser", que em tempos passados foi tão freqüente em lábios dos cristãos. Como uma demonstração da vontade de Deus por meio da intervenção restritiva do Espírito quanto ao que Pablo esperava fazer, ver Hech. 16:6-7.

22.

Cesarea.

Evidentemente este versículo abrange muito. Sem dúvida na Cesarea se relacionou de novo com o Felipe o evangelista. Foi hóspede no lar do Felipe na Cesarea em uma ocasião posterior (cap. 21:8).

Subiu.

Ou seja, desde esta cidade da costa a Jerusalém.

Saudar a igreja.

Uma breve noticia de sua visita ao que então era o centro da vida e ação do cristianismo. Esta é a quarta visita do Pablo a Jerusalém depois de sua conversão (cf. cap. 9:26; 11:30; 15:4; 21:17). Não se menciona que se tivesse celebrado uma reunião da igreja como no cap. 14:27, ou que Pablo e seus companheiros tivessem apresentado um relatório do que tinham estado fazendo. Nem sequer se dá o nome da cidade, nem tampouco se diz nada sobre o cumprimento do voto do apóstolo. Alguns sugerem que Pablo encontrou uma fria bem-vinda, e que sua posição quanto à lei respeito a os cristãos de origem gentil lhe tinha feito perder a simpatia dos cristãos de Jerusalém, quem naturalmente era ciumentos da lei Mas isto é só especulação. Qualquer que tivesse sido a razão, logo que ao apóstolo foi possível, apressou-se a participar do que deve ter sido o agradável companheirismo dos cristãos da Antioquía.

A Antioquía.

A volta do Pablo a Antioquía assinala o fim de sua segunda viagem missionária. Foi ao redor do ano 52 (cf. P. 105).

23.

Estar ali algum tempo.

A visita teve que ter durado vários meses. Alguns referem a esta ocasião, a dissensão que Pablo relata no Gál. 2:11-14, raciocinando que Pablo tinha estado ausente da Antioquía durante muito tempo, e que enquanto isso a partida judaizante tinha tido tempo de organizar um novo ataque contra a liberdade dos gentis. Exerceram pressão vez detrás vez sobre o Pedro, e um fator de instabilidade que persistia ainda em seu caráter foi a causa de que este cedesse a suas exigências. Entretanto, outros sustentam que este episódio ocorreu antes de que Pablo e Silas saíssem da Antioquía depois do Concílio de Jerusalém (ver com. cap. 15:39-40).

Saiu.

Antioquía é o ponto de partida da terceira viagem missionária, como também de os dois anteriores (cap. 13:1-3; 15:36-40).

Galacia Y.. Frigia.

Sem dúvida Pablo viajou na mesma direção que antes visitando de passagem a Listra e Derbe antes de chegar ao extremo norte do Ásia Menor (ver Nota Adicional do cap. 16).

Confirmando.

Pablo não só era um evangelista que fundava novas Iglesias; também era um pastor que mantinha um ativo interesse pelo contínuo bem-estar de seus Iglesias. Esta foi a quarta visita do Pablo a algumas destas Iglesias que organizou em sua primeira viagem missionária (cap. 13:51; 14:6, 21; 16:1, 6).

24.

Apolos.

Provavelmente um apócope do Apolonio ou Apolodoro. Os versículos seguintes, que constituem um parêntese, proporcionam o antecedente do que ocorreu mais tarde. Quão feitos o NT apresenta a respeito do Apolos sugerem que ocupou um lugar destacado na igreja primitiva. Sua influência como professor cristão se fez sentir muito em Corinto. Pablo menciona que seus seguidores formavam ali não partido (1 Cor. 1:12; 3:5; 4:6).

Natural da Alejandría.

Literalmente "alexandrino de raça". Foi na Alejandría onde eruditos judeus traduziram o AT ao grego, o que resultou na chamada Versão dos Setenta (LXX). Alejandría era um grande centro cultura; possuía uma das bibliotecas maiores do mundo antigo. O filósofo Filão, da Alejandría, foi um sobressalente líder intelectual entre os judeus. Filão viveu até perto do

ano 50 d. C., portanto, é possível que Apolos tivesse estado sob seu influência. 364

TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DO Pablo

365

Eloqüente.

Gr. lógios,erudito" ", "eloqüente". Qualquer destas traduções dá só parte da idéia da palavra. Era instruído e podia usar sua erudição em forma efetiva.

Poderoso.

Gr. dunatós, "capaz", "forte".

25.

Tinha sido instruído

Gr. kat'jeÇ "proclamar de acima", e por extensão, "ensinar verbalmente". Esta palavra, da qual deriva "catequizar", implica que Apolo tinha sido ensinado por alguém além de ter estudado por si mesmo o AT. Depende Josefo (Anigüedades xVIII. 5. 2) o ensino e o batismo do Juan produziram um grande efeito entre os judeus. portanto, não é surpreendente que em Jerusalém e no Efeso houvesse judeus que tinham aceito o ensino do Juan o

Batista a respeito do Jesus. Mas essa instrução sem dúvida era reduzida. Eles sabiam que Juan batizava em preparação para o reino vindouro; tinham ouvido que assinalava ao Jesus como o Cordeiro de Deus; e sabiam da voz que veio do céu quando Jesus foi batizado. Mas Juan tinha sido decapitado pouco tempo depois disto e Jesus tinha sido morto no Calvário. Muitos dos discípulos do Juan talvez não sabiam o que tinha acontecido mais tarde com o mensagem de Cristo: a fundação de sua igreja, os ritos do batismo e da Jantar do Senhor, o derramamento do Espírito Santo, o ensino concernente à conversão depois do arrependimento e a recepção do dom da salvação pela graça mediante a fé. O mesmo Juan o Batista havia compreendido oscuramente o que Jesus apresentava sobre esses assuntos, porque um dia enviou mensageiros para lhe perguntar ao Senhor: "É você aquele que tinha que vir, ou esperaremos a outro?" (Mat. 11:3).

Caminho.

Todo aquele que andasse no caminho" do Juan precisava conhecer muitas coisas concernentes ao "caminho" do Senhor. A frase se usa em um sentido semiliteral como na frase "homens ou mulheres deste Caminho" (ver com. cap. 9:2); um equivalente ao que hoje em dia se chamaria a religião cristã.

Espírito fervoroso.

Ou "fervente em espírito" (cf. ROM. 12:11, onde a palavra "espírito" também refere-se ao espírito do homem, não ao Espírito Santo de Deus).

Falava e ensinava diligentemente.

Ou com precisão", "com esmero".

O concernente ao Senhor.

A expressão o caminho do Senhor" é uma tradução de palavras do AT (ISA. 40:3), citadas pelos escritores evangélicos a respeito da predicación do Juan (Mat. 3:3; Mar. 1:3; Luc. 3:4; Juan 1:23). Apolos pôde ter proclamado com muita precisão o que Juan tinha pregado sobre o vindouro reino dos céus, guiado por seu próprio estudo do AT. Pôde ter demonstrado como Juan tinha famoso ao Jesus, e ter relatado muitas das obras e as palavras de Cristo como evidência de que Deus estava enviando profetas superiores aos que os judeus tinham tido por muito tempo, e que portanto a vida de Cristo era um testemunho de que a redenção estava perto. Mas quem quer que tivesse sido o professor do Apolos, não tinha levado a seu aluno mais à frente do mensagem do Batista, quem reconheceu ao Jesus como o Cristo. Não há dúvida de que ao Apolos tinha parecido que Cristo era o caudilho de um judaísmo supremo que retinha os rasgos distintivos da antiga religião. Sem dúvida ainda não tinha aprendido que "a circuncisão nada é" (1 Cor 7:19; cf. Gál. 5:6) e não compreendia que o sistema de sacrifícios tinha desaparecido (Heb. 8:13).

Conhecia.

Gr. epístamai, "estar versado em", "conhecer bem".

O batismo do Juan.

Na palavra "batismo" deve inclui-la idéia do conhecimento religioso e as experiências que o acompanham, do qual o batismo é uma introdução. As palavras estão cheias de significado pois mostram que a obra do Juan o

Batista, como precursor de Cristo, tinha ido além do que o relato evangélico indica. Certamente tinha chegado até a Alejandría. Quanto a as limitações deste batismo, ver com. "tinha sido instruído".

26.

Falar com denodo.

necessitava-se denodo porque todos os judeus não estavam dispostos de nenhum modo a escutar as declarações concernentes à vinda do Mesías. O expositor devia estar preparado com erudição e eloqüência, e ser valente para tratar este tema, respeito ao qual os judeus tinham sido enganados vez detrás vez por impostores.

Priscila e Aquila

Evidentemente Priscila teve uma parte ativa na instrução do Apolos, o que indica que era uma mulher que se destacava por seu poder e ardor entre os cristãos. Aquila e Priscila aparentemente continuavam assistindo aos serviços da sinagoga. Quando Apolos apareceu ali como professor e comunicou sua mensagem (cf Hech. 366 13: 14-15), escutaram-no e se sentiram atraídos para ele.

Tomaram.

Posto que Apolos tinha progredido tanto no conhecimento da mensagem de Juan, teve que ter simpatizado muito mais com a Aquila e Priscila em sua posição respeito a Cristo, que judeus que não tinham chegado até esse ponto. Estava preparado para aceitar ao Mesías, mas não compreendia em que forma Jesus tinha completo tudo o que implicava esse qualificativo.

Expuseram.

Ou "manifestaram", "explicaram".

Mais exatamente.

Melhor "com mais exatidão".

O caminho de Deus.

O que eles expuseram ao Apolos foi o que tinham aprendido do Pablo, e possivelmente também mediante sua relação prévia com os cristãos de Roma (ver com. vers. 2). Sem dúvida isto incluía as doutrinas da salvação pela graça, a justificação pela fé, o dom do Espírito Santo depois da conversão e o batismo, e o significado e a necessidade do Jantar do Senhor. Isto indubitavelmente significou que Apolos, que antes só conhecia o batismo de Juan, fora rebatizado em "o nome do Senhor Jesus" como aconteceu com os doze discípulos que figuram em outra passagem (cap. 19: 1-7).

27.

A Acaya.

Provavelmente a Corinto, a principal cidade da Acaya. O que diz Lucas mais adiante (cap. 19: l) e a referência ao Apolos em 1 Cor. l: 12, confirmam que foi a Corinto. A preparação do Apolos, sua capacidade natural, sua instrução e sua experiência o qualificavam para levar adiante ali uma obra similar à

que Pablo fazia em Atenas. Não há registro de que Apolos fora enviado como apóstolo, mas alguns dos irmãos de Corinto chegaram a considerá-lo como igual ao Pablo (1 Cor. l: 12). Por isso naquela igreja surgiu um forte sentimento partidista que Pablo censurou (1 Cor. 3: 3-17). Não há apóie para supor que Apolos criou essa situação, pois Pablo fala do Apolos como que tivesse regado o que ele tinha plantado (1 Cor. 3: 6). Pode ser que o conhecimento que Apolos tinha do espírito de partidismo na igreja, fizesse que não estivesse disposto a retornar a Corinto (1 Cor. 16: 12).

Escreveram.

Este é o primeiro registro do que chegou a conhecer-se como "carta de recomendação" (ver com. 2 Cor. 3: l; cf. ROM. 16: 1-2; Couve. 4: 10 escrita por uma igreja a outra em favor do portador da recomendação. Eram as "créditos" daquele tempo. O fato de que a igreja do Efeso esteve disposta a lhe dar ao Apolos uma carta tal, mostra a excelente impressão que tinha causado enquanto esteve ali.

Foi de grande proveito... pela graça.

Também poderia traduzir-se: "Pela graça ajudou muito aos que tinham acreditado". Esta tradução sugeriria que por meio da graça de Deus, que atuou nos dons de sabedoria e eloqüência, Apolos foi capaz de conduzir aos homens a uma experiência mais profunda em Cristo. Isto corresponde exatamente com o que Pablo disse da relação do Apolos com sua obra: "Eu plantei, Apolos regou;... eu como perito arquiteto pus o fundamento, e outro edifica em cima" (1 Cor. 3: 6, 10).

28.

Com grande veemência refutava.

Gr. diakatelegjomai, "refutar dialogando", "convencer a fundo". Apolos submeteu as objeções dos judeus à luz das Escrituras, e as refutou. Conduziu aos judeus à mesma conclusão a que Pablo os tinha insistido a chegar. Seu método não era possivelmente como o do Pablo devido à diferença de seu personalidade. Seus trabalhos naturalmente atraíam adeptos que seguiam ao novo pregador, e possivelmente ganhou mais conversos que os que Pablo fazia mediante suas tarefas de evangelização. Apolos não volta a aparecer no livro dos Feitos, portanto deveria indicar-se aqui o que se conhece de sua história posterior. Embora seu nome foi usado em Corinto como o lema de uma partida, Pablo não assinala diferenças doutrinais entre ele e Apolos; e posto que ambos tinham desfrutado estreitamente da simpatia da Aquila e Priscila, talvez não houve nenhum desacordo. Segundo 1 Cor. 16: 12 parece que Apolos finalmente retornou ao Efeso, possivelmente com cartas de recomendação da igreja de Corinto (2 Cor. 3: l). Pablo confiava nele, como o demonstra seu desejo de que pudesse voltar de novo para Corinto com o Estéfanas, Fortunato e Aconteço (1 Com 16: 12, 17). Apolos desaparece depois da cena até quase o final da carreira de Pablo. Podemos acreditar que todos esses anos estiveram plenos de um trabalho evangelizadora ativa como a que tinha levado a cabo no Efeso e em Corinto. Pablo o menciona (Tito 3: 13) quase ao concluir seu ministério (C. 67 d. C.). Estava em companhia do Zenas, intérprete da lei de um que como Apolos, tinha 367 uma sólida reputação como profundo conhecedor da lei, já fora judia ou romana (ver com. Mat. 22: 35; T. V, P. 57). O afeto do Pablo pelo Apolos evidentemente continuou, pois pediu ao Tito que lhe desse toda a ajuda possível. Apolos tinha estado trabalhando em Giz e, aparentemente, havia congregado em volto dele um seleto grupo de discípulos a quem Pablo

distingue entre os que colaboravam com o apóstolo (Tito 3: 13-14).

Jesus era o Cristo.

Ver com. vers. 5; cap. 17: 3.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-3 HAp 198, 281

1-18 HÁ 198-206

3 CM 214; FÉ 97; HAp 279; PP 644; 4T 409

4-5 HAp 282

5 HAp 201

5-7 HAp 202

8 HAp 202

9-10 HAp 203; PR 207

11 Ev 241; HAp 219, 241; 7 T 268

12-13. HAp 205

14-17 HAp 206

18 HAp 206

18-19 HAp 283

18-21 HAp 218-227

19-21 HAp 218

23 HAp 228

24 HAp 218

25-28 HÁ 218

CAPÍTULO 19

6 O Espírito Santo descende pela imposição das mãos do Pablo. 9 Os judeus blasfemam contra a doutrina, a qual é confiada com milagres. 13 judeus exorcistas 16 são golpeados pelo maligno. 19 Os livros de magia são queimados no Efeso. 24 Demetrio, Por sua cobiça, levanta um tumulto contra Pablo, 35 Mas o apaziguado pelo Picribano da cidade.

1 ACONTECIO que enquanto isso que Apolos estava em Corinto, Pablo, depois de percorrer as regiões superiores, veio ao Efeso, e achando a certos discípulos,

2 lhes disse: Receberam o Espírito Santo quando creísteis? E eles o disseram: Nem sequer ouvimos se houver Espírito Santo.

3 Então disse: No que, pois, foram batizados? Eles disseram: No batismo do Juan.

4 Disse Pablo: Juan batizou com batismo de arrependimento, dizendo ao povo que acreditassem naquele que viria depois dele, isto é, no Jesus o Cristo.

5 Quando ouviram isto, foram batizados no nome do Senhor Jesus.

6 E lhes havendo imposto Pablo as mãos e vinho sobre eles o Espírito Santo; e falavam em línguas, e profetizavam.

7 Eram por todos uns doze homens.

8 E entrando Pablo na sinagoga, falou com denodo Por espaço de três meses, discutindo e persuadindo sobre o reino de Deus.

9 Mas endurecendo-se alguns e não acreditando, amaldiçoando o Caminho diante de a multidão, apartou-se Pablo deles e separou aos discípulos, discutindo cada dia na escola de um chamado Tirano.

10 Assim continuou por espaço de dois anos, de maneira que todos os que habitavam na Ásia, judeus e gregos, ouviram a palavra do Senhor Jesus.

11 E fazia Deus milagres extraordinários por mão do Pablo,

12 de tal maneira que até se levavam aos doentes os panos ou aventais de seu corpo, e as enfermidades se foram deles, e os espíritos maus saíam.

13 Mas alguns dos judeus, exorcistas ambulantes, tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre os que tinham espíritos maus, dizendo: Vos conjuro pelo Jesus, que prega Pablo.

14 Havia sete filhos de um tal Esceva, judeu, chefe dos sacerdotes, que faziam isto.

15 Mas respondendo o espírito mau, 368 disse: Ao Jesus conheço, e sei quem é Pablo; mas vós, quais são?

16 E o homem em quem estava o espírito mau, saltando sobre eles e dominando-os, pôde mais que eles, de tal maneira que fugiram daquela casa nus e feridos.

17 E isto foi notório a todos os que habitavam no Efeso, assim judeus como gregos; e tiveram temor todos eles, e era magnificado o nome do Senhor Jesus.

18 E muitos dos que tinham acreditado vinham, confessando e dando conta de seus feitos.

19 Deste modo muitos dos que tinham praticado a magia trouxeram os livros e queimaram-nos diante de todos; e feita a conta de seu preço, acharam que era cinqüenta mil peças de prata.

20 Assim crescia e prevalecia poderosamente a palavra do Senhor.

21 Passadas estas coisas, Pablo se propôs em espírito ir a Jerusalém, depois de percorrer a Macedônia e Acaya, dizendo: Depois que tenha estado ali, será-me

necessário ver também a Roma.

22 E enviando a Macedônia a dois dos que lhe ajudavam, Timoteo e Erasto, ele se ficou por algum tempo na Ásia.

23 Houve por aquele tempo um distúrbio não pequeno sobre o Caminho.

24 Porque um ourives chamado Demetrio, que fazia de prata templecillos de Diana, dava não pouco ganho aos artífices;

25 aos quais, reunidos com os operários do mesmo ofício, disse: Varões, sabem que deste ofício obtemos nossa riqueza;

26 mas vêem e ouvem que este Pablo, não somente no Efeso, a não ser em quase toda Ásia, apartou a muitas gente com persuasão, dizendo que não são deuses os que se fazem com as mãos.

27 E não somente há perigo de que este nosso negócio venha desacreditar-se, mas também que o templo da grande deusa Diana seja estimado em nada, e comece a ser destruída a majestade daquela a quem concha toda a Ásia, e o mundo inteiro.

28 Quando ouviram estas coisas, encheram-se de ira, e gritaram, dizendo: Grande é Diana dos efesios!

29 E a cidade se encheu de confusão, e a uma se lançaram ao teatro, arrebatando ao Gayo e ao Aristarco, macedonios, companheiros do Pablo.

30 E querendo Pablo sair ao povo, os discípulos não lhe deixaram.

31 Também algumas das autoridades da Ásia, que eram seus amigos, enviaram-lhe recado, lhe rogando que não se apresentasse no teatro.

32 Uns, pois, gritavam uma coisa, e outros outra; porque a concorrência estava confusa, e os mais não sabiam por que se reuniram.

33 E tiraram de entre a multidão ao Alejandro, lhe empunhando os judeus. Então Alejandro, pedido silêncio com a mão, queria falar em sua defesa ante o povo.

34 Mas quando lhe conheceram que era judeu, todos a uma voz gritaram quase por duas horas: Grande é Diana dos efesios!

35 Então o tabelião, quando tinha apaziguado à multidão, disse: Varões efesios, e quem é o homem que não sabe que a cidade dos efesios é guardiana do templo da grande deusa Diana, e da imagem vinda do Júpiter?

36 Posto que isto não pode contradizer-se, é necessário que lhes apazigúem, e que nada façam precipitadamente.

37 Porque trouxestes para estes homens, sem ser sacrílegos nem blasfemadores de sua deusa.

38 Que se Demetrio e os artífices que estão com ele têm pleito contra algum, audiências se concedem, e procónsules há; acusem-nos uns aos outros.

39 E se demandarem alguma outra coisa, em legítima assembléia se pode decidir.

40 Porque perigo tem que sejamos acusados de rebelião por isso de hoje, não havendo nenhuma causa pela qual possamos dar razão deste concurso.

41 E havendo dito isto, despediu a assembléia.

1.

Enquanto isso que Apolos estava em Corinto.

depois de terminar o parêntese concernente ao Apolos, a narração continua agora com o Pablo. Apolos encontrou que Corinto era um centro muito fvorable para sua obra na Acaya, e parece que estabeleceu ali sua base de operações por um tempo. Enquanto isso Pablo viajou para o oeste (cap. 18: 23) cruzando a Ásia Menor rumo ao Efeso.

Regiões superiores.

Eram parte de uma zona grande (ver com. cap . 13: 50, e estavam 369 mais para o interior. O apóstolo viajou através da Licaonia, Galacia e Frigia, lugares que tinha visitado antes.

Veio ao Efeso.

Esta visita foi em cumprimento a sua promessa quando saiu da cidade em seu viagem anterior (cap. 18: 21).

Certos discípulos.

Os chama "discípulos" porque, como Apolos, tinham aprendido algumas costure relativas ao Jesus, e devido a isto se sentaram atraídos a escutar a Pablo, quem podia lhes ensinar mais.

2.

Quando creísteis.

Ou "tendo acreditado". Quer dizer, quando creísteis ou por quanto creísteis. Pablo dirigiu-se a eles como a crentes. Como acabava de chegar, não conhecia os antecedentes de todos os que estavam na congregação. Mas é possível que Pablo tivesse descoberto nestes crentes a falta de dons espirituais, e possivelmente carência da paz, gozo e alegria que se manifestam nos que hão recebido plenamente a mensagem do Evangelho.

Se houver Espírito Santo.

A posição destes discípulos é tão semelhante a do Apolos quando chegou a Efeso, que é razoável pensar que se converteram pela predicación dele. É obvio, deveram ter conhecido ao Espírito Santo como um nome no AT e no ensino do Juan o Batista (Mat. 3: 11); mas fora disto ignoravam a natureza do Espírito. Tinham recebido o batismo como sinal de arrependimento, e sem dúvida viviam corretamente, mas não estavam arraigados na experiência de "justiça, paz e gozo" que lhes pertencia "no Espírito Santo" (ROM. 14: 17) É evidente que esses discípulos eram judeus e não gentis.

3.

No que?

Ver com. cap. 2: 41; 8: 38,. A frase do NT é "batizar em" para expressar a íntima união dos homens com Deus, união a qual são conduzidos pelo ato simbólico da imersão no batismo. As respostas destes crentes demonstravam uma instrução incompleta que não satisfazia a norma de o que os candidatos ao batismo geralmente recebiam, e também uma experiência espiritual deficiente devido a sua falta de conhecimento. Certamente não se davam conta do que lhes faltava, e é provável que se consideravam completamente qualificados para pertencer à congregação dos crentes.

No batismo do Juan.

Possivelmente Apolos os batizou antes de que ele fora completamente ensinado pela Aquila e Priscila, ou talvez foram batizados por algum que tinha o mesmo conhecimento do Apolos. Esta referência e a que aparece no versículo seguinte, são as últimas que há respeito ao Juan o Batista no NT.

4.

Batismo de arrependimento.

Pablo resumiu o que Juan tinha ensinado: o batismo de arrependimento e fé naquele que viria atrás dele, mas estes discípulos do Efeso não sabiam nada do batismo do Espírito Santo, nem dos dons do Espírito e muito pouco das doutrinas da fé em Cristo.

5.

Quando ouviram isto.

A evidência textual estabelece a omissão disto palavra". O que escutaram estes conversos sem dúvida não foram as singelas declarações de que Jesus era o Mesías, a não ser os argumentos com entrevistas do AT com os quais Pablo demonstrou que isso era verdade, comprovando que no Jesus se cumpriu o AT Embora a descrição é breve no relato, a convicção deles não foi necessariamente repentina ou sem uma completa instrução.

No nome.

Quanto ao significado de "nome", ver com. Hech. 3: 16; 4: 12. Aqui temos um exemplo de pessoas rebatizadas depois de receber uma verdade vital, mas nova para eles; entretanto, isto não autoriza para rebatizar com freqüência. O rebautismo deveria ser administrado poucas vezes. A purificação de quão pecados comete o cristão, em seu jornal caminhar em um mundo de pecado, origina-se na perdonadora graça de Deus por meio de Cristo (1 Juan 1: 9; 2: 1-2), e se expressa mediante o rito do lavamiento de os pés que simboliza a purificação do pecado (Juan 13: 4-10). Quando um foi batizado em Cristo só deve rebatizar-se se tiver havido uma apostasia definida das crenças e normas que acompanham à comunhão com Cristo. As exceções a esta regra general deveriam ser casos como o que aqui se descreve. O batismo no nome de Cristo é a manifestação de haver entrado no pacto de salvação, e se espera que seja uma experiência permanente.

6.

Imposto Pablo as mãos.

Ver com. cap. 6: 6.

Veio sobre eles o Espírito Santo.

Esta foi uma experiência que compartilharam vários cujo batismo está registrado no livro dos Fatos. Nesta ocasião descendeu o Espírito a fim de que realizasse-se a grande obra que faria do Efeso -uma cidade totalmente consagrada ao culto da deusa Artemisa 370 (Diana)- um lugar conquistado para Cristo. Desse modo se transformou em um centro do cristianismo em todo esse território durante vários séculos.

Falavam em línguas.

Ou "começaram a falar em línguas". Este foi um derramamento pentecostal. Assim como em Jerusalém o dom cumpriu seu propósito em quão judeus de todas partes do império se reuniram para a festa, assim também neste momento o Espírito derramado no Efeso, centro do mundo gentil, teria um resultado semelhante, pois o assombro das pessoas ante tal poder chamaria a atenção à mensagem e ganharia conversos para Cristo. "Assim ficaram capacitados para trabalhar no Efeso e em seus arredores, e para sair a proclamar o Evangelho na Ásia Menor" (EGW RH 31-8-1911).

Profetizavam.

Ou "começaram a profetizar". A "profecia" não é só predição de acontecimentos futuros, coisa que poderia ter sido de pouca ajuda à causa de Cristo nesse tempo. "Profetizar" é também proclamar uma mensagem de origem divino, por meio do qual os ouvintes ficariam convencidos da verdade a respeito de Cristo.

7.

Eram por todos uns doze homens.

A narração sugere que estes 12 formavam um grupo que talvez assistia às reuniões da igreja, mas sem compartilhar plenamente a vida dela até este momento.

8.

Sinagoga.

De acordo com o costume do apóstolo (ver com. cap. 9: 20). Estas visitas sem dúvida eram principalmente em dia sábado; em primeiro lugar porque Pablo guardava na sábado (cap. 13: 14; 16: 13), além disso porque Pablo trabalhava durante a semana (Hech. 18: 3; 20: 34; 1 Lhes. 2: 9; 2 Lhes. 3: 8), e porque os sábados davam-lhe uma oportunidade inmejorable para relacionar-se com os ' judeus.

Falou com denodo.

Ver com. cap. 9: 27.

Por espaço de três meses.

Estas breves palavras compreendem a história de um intenso período de trabalho. Sem dúvida Pablo continuou trabalhando diariamente em fazer lojas (cf. cap. 20:

34), enquanto que os sábados, pelo menos, estava na sinagoga pregando que Jesus era o Cristo, e manifestando a natureza de sua obra e as eternas leis de seu reino.

Discutindo.

Ver cap. 17: 2; 18: 4, 19; com. cap. 20: 7.

Persuadindo.

Ou "tentando persuadir".

Reino de Deus.

Ver com. cap. 1: 6.

9.

Endurecendo-se alguns e não acreditando.

Ou "mas alguns se endureciam e resistiam a acreditar". Ver coro. cap. 14: 2.

Amaldiçoando o Caminho.

Quer dizer, aos cristãos e ao cristianismo. Os judeus incrédulos atuaram no Efeso como seus compatriotas na Tesalónica. Provavelmente mostraram seu ódio ao Pablo tentando que os gentis se voltassem contra ele.

apartou-se.

Pablo deixou de tomar parte nos serviços públicos da sinagoga.

Separou aos discípulos.

Todos os cristãos que formavam parte da congregação na sinagoga se retiraram, assim como quão judeus estavam interessados nos ensinos de Pablo. Este é o primeiro registro que temos de que um grupo completo de crentes cristãos se separou da sinagoga judia. Este processo de separação deve haver-se acelerado durante o período das guerras judias entre os anos 68 a 135 d. C., quando não só não convinha, mas também era realmente perigoso em alguns lugares, relacionar-se com os judeus (ver T. Vg P. 81).

Cada dia.

Não se pode saber quão freqüentemente ensinou Pablo na sinagoga durante seus primeiros três meses no Efeso, embora sem dúvida o fazia cada sábado e talvez com mais freqüência. Finalmente Pablo se ocupou agora de um programa intenso de evangelismo público, ao qual dedicou, pelo menos, uma parte de cada dia. É possível que ao mesmo tempo continuasse trabalhando para sustentar-se (ver coro. vers. 8).

A escola.

Gr. sjolê, palavra que tem uma história interessante. Originalmente significou "folga"; mais tarde, aplicou-se ao tempo livre empregado em debates que implicavam erudição e estudo; depois, como aqui, ao lugar no qual se estudava. Finalmente chegou a ser um término comum para os seguidores de um

professor particular, como "a escola do Zenón". Neste versículo provavelmente significa uma sala de classes, a qual, como propriedade privada, era emprestada ou alugada ao apóstolo por seu dono.

A gente Chamado Tirano.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) o texto: "a escola de Tirano", o qual sugere que Tirano pôde ter sido uma pessoa bem conhecida. Nada mais se sabe com certeza a respeito dele. Pôde ter sido um professor de filosofia ou de retórica; mas dificilmente teria sido completamente pagão, pois é provável que não tivesse permitido que sua sala-de-aula de classes fora usada pelo professor de uma nova fé que 371 era ridicularizada em certos círculos (cap. 17: 32).

portanto, alguns pensam que era uma escola judia, uma beth-hammidrash, na qual teria sido mais factível que se reunissem os ouvintes judeus. Evidentemente a audiência era em parte gentil e em parte feijão. Não há dúvida de que no Efeso havia suficientes judeus, o que fazia necessária a existência de tais "escolas" para sua educação; e é possível que o dirigente de uma escola tal poderia ter adotado um nome gentil além disso do judeu. Assim este Tirano possivelmente era judeu.

10.

Por espaço de dois anos.

Quando Pablo falou mais tarde aos anciões da igreja do Efeso, no Mileto, declarou que tinha admoestado por "três anos" à igreja do Efeso (cap. 20: 3l). Não há conflito entre estas duas declarações. Aos dois anos que aqui mencionam-se devem acrescentá-los três meses do vers. 8 e o tempo que pôde ter precedido a seu ensino na sinagoga (ver HAp 236).

Todos... na Ásia.

Para uma explicação do término "Ásia", ver com. cap. 2: 9. Evidentemente Efeso chegou a ser o centro do trabalho do Pablo, e sem dúvida de ali visitava as cidades vizinhas. Por isso é possível que as Iglesias mencionadas no Apocalipse (cap. 2; 3) devam sua origem ao Pablo, embora sorte possibilidade se debilita devido à afirmação de que alguns não tinham visto o rosto do Pablo (Couve. 2: l; cf. com. Hech. 18: 23). O crescimento da nova comunidade cristã no Efeso, cujos membros eram judeus e gregos, chegou a ser um fato muito conhecido. O número de oferendas para a Artemisa (Diana) e a venda de lembranças dela diminuíram em forma notável. As declarações de Lucas implicam que os ouvintes que Pablo atraiu não provinham só de quem se radicavam no Efeso, mas também dos que visitavam a cidade e levavam as novas do pregador e de sua mensagem por todos os rincões desse território. Filemón, do Colosas, pôde ter sido um dos conversos do Pablo durante este período (ver com. File. 19).

11.

Fazia.

A inflexão do verbo grego sugere que essas manifestações do poder de Deus continuaram durante a permanência do apóstolo no Efeso. Não foi uma manifestação fugaz como resultado de algum capitalista sermão isolado.

Milagres extraordinários.

Literalmente "maravilhas não as [que] aconteciam por acaso", quer dizer "milagres não dos correntes". Eram de tal natureza que foram além de o rotineiro (cf. coro. cap. 28: 2). O substantivo grego que se traduz "milagre" é dúnamis (ver T. V, P. 198). Deus fez a obra; Pablo foi o instrumento.

Por mão.

Reprodução literal de uma frase idiomática hebréia que expressa a presença de um instrumento (ver com. cap. 5: 12).

12.

De seu corpo.

As palavras gregas traduzidas "panos" e "aventais" são transliteraciones do latim. Os "panos" (soudárion) usavam-se para enxugar o suor do rosto; os "aventais" (simikínthion) eram aventais curtos que usavam os artesãos. Parece algo estranho que Lucas, depois de resumir dois anos de ministério em umas poucas palavras, detenha-se nestes detalhes. Pode ser que como médico naturalmente lhe chamaram muito a atenção as curas sobrenaturais. Parece que pessoas sinceras foram até onde trabalhava o apóstolo e recebiam os panos ou aventais que ele usava. A eficácia destes meios de cura se pode comparar com a do bordo do vestido do Senhor (ver com. Mar 5: 27-28) e o barro que ele usou na cura do cego (ver com. Juan 9: 6). Não há a não ser duas condições indispensáveis em todo lugar para que haja atos sobrenaturais de cura divina: o poder de Deus e a fé do indivíduo. As coisas materiais que possam vincular o poder divino e a fé humana não são mais que veículos para o exercício da fé.

As enfermidades se foram.

Na cidade do Efeso, onde se fazia ornamento de exorcismo e de estranhas artes de magia e encantamentos ante os olhos do povo, como se vê neste capítulo, parece que Deus fez essas curas milagrosas para que ficassem como demonstrações especiais do poder da fé.

13.

Alguns.

Melhor "também alguns".

judeus, exorcistas ambulantes.

Ou "judeus, exorcistas itinerantes". Os impostores estavam tratando de beneficiar-se usando os nomes do Pablo e Jesus. Estes judeus se gabavam de curar enfermidades mediante magia e curas (ver com. cap. 8: 9; 13: 6). Josefo, o historiador judeu, escrevendo a respeito da suposta arte do Salomón contra os demônios e do uso de exorcismos, acrescenta: "Esta classe de cura é de grande poder entre nós até este dia" (Antiguidades vIII. 2. 5).372

Invocar o nome.

A literatura tradicional dos judeus desde data muito antiga atribuía grandes resultados à pronúncia do inexprimível nome da Deidade. Afirmavam que nessa forma Moisés matou ao egípcio, e que Eliseo "no nome do Jehová" causou a destruição dos meninos que se burlavam dele. É fácil

entender que estes "judeus ambulantes", depois de ver os resultados do uso do nome do Jesus quando o pronunciava Pablo, tentassem efetuar curas usando o mesmo nome (ver com. cap. 3: 16).

14.

Judeu, chefe dos sacerdotes.

sugere-se que pode ter sido chefe de um dos 24 turnos nos quais estavam divididos os sacerdotes (ver com. Mat. 2: 4; Luc. 3: 2). Se assim foi, é possível que este homem, por alguma razão, tivesse perdido seu lugar, mas que ao chegar ao Efeso ainda se autodenominara principal sacerdote, e assim o descreve Lucas.

Faziam isto.

Os sete Filhos da Sceva empregavam para seu exorcismo a forma das palavras citadas, como uma fórmula que lhes dava uma aparência de respeitabilidade.

15.

Respondendo.

Os exorcistas se enfrentaram com um diabólico tão louco e forte como o que enfrentou-se com o Jesus na Gadara (Mar. 5: 3-4; cf. Mat. 8: 28).

Ao Jesus conheço.

Gr. tom Iêsóun ginôskõ, conheço ou reconheço ao Jesus". Ginóskô implica aqui não só conhecimento pessoal a não ser reconhecimento de autoridade.

Se quem é Pablo.

Gr. tom Páulo epístamai, "estou familiarizado com o Pablo". Epístamai pode implicar uma relação familiar ou o conhecimento de um fato.

Quais são?

Literalmente "mas vós, quais são?" O diabólico se identificou com o demônio (cf. Mar. 5: 7-12). Tinha temor no nome do Jesus quando o pronunciava um homem como Pablo, mas não se sentiu aterrorizado ante estes fingidores.

16.

Saltando sobre eles.

A posse demoníaca como esta e a dos gadarenos dava a suas vítimas uma força sobrenatural. Os impostores fugiram espantados ante a fúria demoníaca do homem.

Dominando-os.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece o texto "dominando a ambos", o qual dá a entender que neste caso estavam implicados unicamente dois dos sete Filhos da Sceva; entretanto, pelos papiros é evidente que a palavra grega traduzida geralmente como "ambos" pode também significar "todos" (mais de dois).

Nus.

Isto poderia significar que só seu vestido exterior ou capa foi destroçada, lhes deixando unicamente as curtas túnicas interiores (ver coro. Mat. 5: 40). O relato termina aqui. Se o autor estivesse inventando coisas extraordinárias, poderia ter contínuo a narração até o clímax da cura do homem pelo Pablo depois do fracasso dos Filhos da Sceva. Mas o relato do Lucas é autêntico.

17.

Foi notório a todos.

Literalmente "chegou a conhecer-se". O relato sem dúvida se propagou rapidamente. Os Filhos da Sceva provavelmente tinham pouco que dizer sobre o episódio.

Era magnificado o nome do Senhor Jesus.

A flexão do verbo implica uma contínua magnificación. A narração mostra que o nome do Jesus se destacou muito por cima de qualquer dos nomes que os exorcistas tinham usado em seus curas. Também foi notório que era perigoso usar o Nome imprudentemente, sem fé no que este implicava. Os habitantes do Efeso respeitaram o Nome como nunca antes, quando foram testemunhas do castigo que caiu sobre os que o tinham profanado.

18.

Muitos dos que tinham acreditado vinham, confessando.

Como no vers. 2, o verbo "acreditar" provavelmente se usa para referir-se a tudo o processo de conversão, incluindo o batismo (cf. vers. 3). Estes crentes tinham feito profissão de fé, mas é claro que ainda tinham uma experiência imperfeita. Agora houve confissões de feitos maus, em alguns casos possivelmente com respeito a práticas de ocultismo em que tinham cansado depois de ter sido batizados.

A igreja, movida pelo Espírito, passou por uma experiência de um completo escudriñamiento do coração. Não é claro se as confissões foram feitas em privado ao Pablo e aos outros pregadores, ou publicamente em presença da congregação. Isto último é o mais provável, assim como ocorreu no caso de as confissões feitas ao Juan o Batista (ver com. Mat. 3: 6). Eles haviam visto o que o diabo podia fazer com o que abusava do nome do Jesus, e se perguntaram se não estavam também abusando deste nomeie ao autodenominarse cristãos. Compreenderam que deviam enfrentar a Cristo como o juiz supremo. Suas consciências foram fortemente sacudidas. Confessaram seus pecados, ficando 373 assim amparados pelo generoso perdão e a intercessão de Cristo (1 Juan 1: 9; 2: l; ver HAp 233).

19.

Muitos.

A oração literalmente diz: "Muitos dos que tinham praticado coisas supérfluas", quer dizer as artes mágicas, superstições. Estas artes eram em Efeso quase uma especialidade. Havia muitos magos e astrólogos que se ocupavam de um ativo comércio em encantamentos, livros de adivinhação e regras para interpretar os sonhos. Chamado-los, "feitiços do Efeso" ou "escritos efesios"

(efesía grámmata) eram tiritam de pergaminho guardadas em bolsas de seda, sobre as quais estavam escritas palavras antigas ou de escuro significado. Clemente da Alejandría (Stromata V. 8) enumera essas palavras, e apesar de ser escuras até para sua análise lingüística, interpreta-as lhes dando o significado de trevas e luz, terra e ano, sol e verdade. Sem dúvida representavam uma relíquia do antigo culto frigio à natureza, que era anterior à deusa grega Artemisa. Este culto mais tarde se combinou com superstições provenientes de outras religiões.

Trouxeram os livros.

Deve referir-se à coleta das tiras em que estavam escritos os curas e encantamentos, os "escritos efesios" e os livros publicados como tratados destas "artes" ocultas. afirmava-se que alguns destes "escritos" eram muito antigos. Provavelmente também trouxeram talismãs ou amuletos.

Queimaram-nos.

Provavelmente haja uma relação entre esta incineração de livros e as curas por meio do Pablo, as quais foram seguidas pelo triunfo do demônio sobre os falsos exorcistas (vers. 12, 16). Aqueles que "haviam acreditado" compreenderam claramente que o poder do cristianismo era superior a a "magia". Foi evidente que os encantamentos, os nomes simbólicos, as fórmulas e as cartas eram vões pretensões. portanto, foram queimados os encantamentos e os livros onde os explicava. O tempo imperfeito do verbo grego Pode significar ou que houve uma queimação contínua por algumas horas, enquanto libero detrás livro ia sendo arrojado ao fogo, ou repetidos atos de incineração. Uma demonstração tal teve que ter chamado muito a atenção da gente.

Feita a conta de seu preço.

O sacrifício feito pelos crentes não só significava o custo dos livros que Lucas menciona, mas também a perda de possíveis lucros devidas à prática da magia e a adivinhação.

Cinqüenta mil peças de prata.

Como esta extraordinária incineração de livros que muitos estimavam muito valiosos teve lugar no centro de uma cidade grega, é provável que Lucas com as "peças de prata" referiu-se a dracmas gregas. Se assim foi, 50.000 destas moedas equivaleriam a 190 kg de prata. No século 1 d. C. a dracma equivalia ao salário de um dia. Alguns dos livros sem dúvida se tivessem podido vender a um alto preço (ver T. V, P. 51).

20.

Assim crescia... poderosamente a palavra do Senhor.

Literalmente "poderosamente continuava crescendo a palavra do Senhor". "Poderosamente" pode entender-se como com força e fortaleza irresistíveis, a as que nada podia fazer frente.

Prevalecia.

Ou "continuava fortalecendo-se".

21.

Passadas estas coisas.

No Efeso devem haver-se incorporado muitas pessoas à igreja. Por meio de estes episódios resaltantes Deus se manifestou nas atividades da igreja e da cidade. Aqueles que "tinham acreditado" experimentaram uma reforma. produziu-se uma destruição espetacular dos instrumentos do mal. Isto atraiu a atenção de toda a cidade. Agora a obra estava bem estabelecida, e Pablo pensou que podia deixar a cidade.

propôs-se em espírito.

A expressão é ambígua no texto grego. Pode significar o espírito de Pablo, ou que Pablo foi inspirado pelo Espírito Santo para fazer o que decidiu (ver com. cap. 17: 16).

Ir a Jerusalém.

Para levar a contribuição mencionada anteriormente. Pablo se tinha referido às "feras" do Efeso (1 Cor. 15: 32) e à "porta grande e eficaz" que se tinha-lhe "aberto" no Efeso (1 Cor. 16: 9). Os sérios problemas pelos que tinha passado naquela cidade sem dúvida eram para o Pablo leva de oportunidade e também ameaça mortais. Mas o apóstolo podia agora sair do Efeso, visitar as Iglesias da Grécia, e depois ir a Jerusalém.

Macedônia e Acaya.

A Primeira Epístola aos Corintios dá os antecedentes do propósito de Pablo. Houve uma comunicação mais ou menos freqüente com as Iglesias de Macedônia e Acaya durante os anos que Pablo passou no Efeso, e ele tinha razões para sentir-se 374 preocupado. Foi necessário que escrevesse uma carta aos Corintios -que não se conservaram- admoestando-os quanto ao grave pecado de fornicação que havia entre eles (1 Cor. 5: 9-11). Membros da família do Cloé lhe tinham levado notícias de divisões, e também lhe informaram de graves desórdenes, de que não havia disciplina na igreja e até de um adultério incestuoso (1 Cor. 1: 11; 5: 1; 11: 18-22). Estes assuntos deviam ser atendidos pessoalmente pelo Pablo. Também desejava visitar de novo a Jerusalém para levar a contribuição das Iglesias gentis aos necessitados crentes de origem judia na Palestina (1 Cor. 16: 1-2; 2 Cor. 8: 1-4).

Ver também a Roma.

Esta é a primeira expressão que se registra do desejo do Pablo de ir a Roma. Seu desejo de visitar Roma (ROM. 1: 13; 15: 23) demonstra que havia sentido este desejo durante muitos anos, possivelmente do momento que lhe disse que seria o apóstolo aos gentis (Hech. 22: 21). seu desejo de chegar à capital do império foi sem dúvida fortalecido pelo fato de que tinha um grande número de amigos em Roma, a quem tinha conhecido em outras partes (ROM. 16: 1-15). Sua obra não lhe parecia completa até que tivesse dado testemunha no grande centro do império. Mas até esse momento estas esperanças se havia frustrado. Por isso, quando estava a ponto de partir do Efeso, declarou que tinha o firme plano de ir a Roma e também a Espanha (ROM. 15: 28).

22.

Enviado a Macedônia.

Sem dúvida para que as contribuições que foram se recolher nas Iglesias

fossem feitas com boa vontade, e para que não houvesse necessidade de coletas quando ele chegasse, como escreveu aos Corintios (1 Cor. 16: 2).

Ajudavam.

Gr. diakonéo, "ministrar", "servir". Deste verbo se deriva o substantivo "diácono". Ver P. 27.

Timoteo.

Em 1 Cor. 4: 17 se informa quanto à missão do Timoteo. Foi enviado antes de admoestar e aconselhar aos crentes, e nessa forma lhe economizar ao Pablo a necessidade de ser excessivamente severo quando visitasse Corinto. Pablo exortou a os crentes de Corinto para que recebessem ao Timoteo com respeito (1 Cor. 16: 10); logo recebeu a instrução de que retornasse junto ao Pablo (vers. 11), por isso esteve com o apóstolo quando este escreveu a Segunda Epístola aos Corintios (2 Cor. 1: 1).

Erasto.

Em Corinto se encontrou uma parte de pavimento que data da metade do século 1 d. C., com esta inscrição: "Erasto em recompensa por seu edilidad, pôs o pavimento em seus próprios gastos". Os eruditos geralmente identificavam a este Erasto com o que se menciona aqui (ver com. ROM. 16: 23; cf. 2 Tim. 4: 20).

23.

Distúrbio não pequeno.

Frase pequena para dar ênfase.

Caminho.

Ver com. cap. 9: 2.

24.

Demetrio.

Seu nome, que era comum entre os gregos, só aparecem neste capítulo.

Templecillos.

Gr. naós (ver com. Mat. 4: 5). Esta palavra que usualmente se traduz "templo", sempre se refere ao santuário interior onde se supunha que estava a presença divina, e, portanto, aqui deve significar o santuário interior onde estava a estátua da deusa. A pequena apresentação de prata (ou de terracota) do templo possivelmente tinha em seu interior uma estatueta da deusa. Estas figuras podiam colocar-se na casa ou usar-se como amuleto.

Diana.

Gr. Artemis. "Artemisa" (BJ, NC), "Artemis" (BC). Na RVR se traduz Diana, nome da deusa romana que aproximadamente se identificava com a deusa de Efeso. A adoração da Artemisa, originalmente um culto asiático, havia-se centrado desde tempos antigos na cidade do Efeso. Quando os gregos fundaram colônias no Ásia Menor encontraram ali esta forma de religião e

por alguma semelhança que descobriram nesse culto lhe deram à divindade asiática o nome da deusa grega Artemisa.

A magnificiencia do quarto templo ereto em honra da Artemisa se deveu em grande parte para o Creso. diz-se que incendiado a noite de seu nascimento de Alejandro Magno em 356 A. C. pelo Herostrato, quem cometeu este ato impulsionado pelo desatinado desejo de obter renome imortal, ou talvez notoriedade. O templo foi reconstruído mais imponente que antes nos tempos do Alejandro Magno, chego-se a considerar como uma das sete maravilhas do mundo. Seus pórticos estavam adornados com pinturas e esculturas dos grandes professores da arte grega. Tinha seu pessoal de sacerdotes, sacerdotisas e de coroinhas. Os meninos empregados nos serviços do templo recebem educação, e os sacerdotes e sacerdotisas desfrutavam de uma 375 pensão depois de 60 anos (cf. 1 Tim. 5: 9). Uma classe de sacerdotes, conhecida como a dos Theologoi, tinha a missão de interpretar os mistérios do culto que lhe rendia à deusa Diana.

fizeram-se grandes contribuições para o sustento do templo, e aos benfeitores lhes outorgavam as maiores honras que a cidade podia conferir. de todas partes do mundo chegavam peregrinos para render culto, e compravam lembranças feitas de prata, bronze, mármore ou argila. Estas lembranças representavam o santuário e a imagem de Diana que estava dentro.

A parte superior da imagem de Diana era uma figura feminina com muitos peitos. Da cintura para abaixo era simplesmente uma coluna quadrada adornada com símbolos misteriosos, que incluíam abelhas, espigas de milho e flores extrañamente misturadas. Estava esculpida em madeira, mas se havia enegrecido com os anos. No Museu Vaticano há uma reprodução desta figura. no museu do Efeso há duas notáveis esculturas de Diana em marfim.

O primeiro golpe efetivo que a idolatria recebeu no Efeso durante século foi o que Pablo lhe atirou quando pregou nessa cidade. Embora pareça estranho, o seguinte golpe se o propinó o demente Nerón, quem saqueou o templo de Artemisa como tinha saqueado outros na Grécia e Ásia (Tácito, Anais XV. 45), para adornar sua casa dourada em Roma com esses tesouros de arte. Trajano enviou mais tarde as portas do templo artisticamente esculpidas como um obséquio para um tempero no Bizancio, que mais tarde seria a cidade de Constantinopla.

Ao estender o cristianismo, o culto da Artemisa naturalmente declinou, e antes de muito tempo seus altares ficaram quase abandonados. Quando os godos desvastaron o Ásia menor ao redor do ano 262 d. C., saquearam o templo de Diana e séculos mais tarde os truques completaram sua destruição. No século VI, quando o imperador Justiniano reconstruía em Constantinopla a Basílica da Santa sabedoria fez levar desde o Efeso 8 colunas do templo de Diana, junto com colunas e esculturas e outros templos pagãos, para embelezar esta igreja cristã. destaca-se nestas colunas no que é hoje o museu da Santa Sofía no Estambul. A cidade do Efeso recife em um estado tal de decadência que o lugar onde esteve o templo foi esquecido, e não foi se não até o século passado teve sabor se de ciência certa onde tinha estado. Após as escavaciones puseram ao descoberto o lugar do templo e tiraram luz muitas das descrições ocasiona com ele.

Ganho.

Gr. ergasía, "trabalho", "negócio"; também, "ganho produzido por trabalhos", ou seja utilidades. Esta palavra se usa duas vezes no cap. 16: 16, e 19, aplicando-a ao "ganho" que faziam no Filipos os amos da moça que tênia espírito de adivinhação. Os artífices do Efeso produziram o alvoroço

porque suas utilidades estavam desaparecendo. Demetrio, o mas frenético de todos os bagunceiros, possivelmente não para nenhum trabalho; mas ao empregar a muitos operários recebia grande parte das lucros. Todo o simbolismo e a fantasia da Artemisa proporcionava uma excelente oportunidade para que os ourives e artífices desdobrassem sua arte.

25.

Reunidos.

A arte do Demetrio possivelmente consistia em esculpir e gravar os templecillos, como se deduz pela palavra que se traduz "ourives". Mas antes de que o trabalho fora terminado, o material tinha que acontecer muitas mãos no processo de preparação , até que chegava ao perito artífice que lhe dava os toques finais de adorno e brunido. É obvio, todos estavam preocupados com a ameaça da perdida de seu negócio.

Deste ofício.

A palavra que se traduz "ofício" é a mesma que se traduz "ganho" no vers. 24; e em ambos os lugares pode significar "ocupação". As palavras de Demetrio revelam com uma simplicidade quase ingênua, que a religião freqüentemente ameaça interesses econômicos arraigados, o que às vezes pode conduzir à perseguição. Esta situação aumentou; muito as dificuldades com as quais tinham que ver-se os evangelistas. Cada cidade tinha seus templos e sacerdotes, seus oráculos e santuários. Os sacrifícios ou as festas criavam um mercado para uma indústria que de outra maneira tivesse faltado. Por isso nos primeiros tempos do cristianismo, a interferência econômica que isto representava a miúdo despertava a ira daqueles que sentiam que seus ganhos estavam ameaçados.

26.

Vêem e ouvem.

O ourives lhes recordava que eles eram testemunhas do que estava acontecendo 376 no Efeso: a diminuição da venda dos produtos relacionados com o culto à medida que a predicación e os pregadores do cristianismo se estendiam mais e mais.

Este Pablo.

Se a presença corporal do Pablo era tão "fraco" como ele a descreve (2 Cor. 10: 10; Gál. 4: 13-15), facilmente podemos imaginar quanto desprezo pôs Demetrio em suas palavras quando se referiu a "este Pablo".

Em quase toda a Ásia.

O discurso do Demetrio, exagerado sem dúvida por seus próprios temores, confirma a declaração do vers. 10 quanto ao êxito dos trabalhos do Pablo. Como destacou-se anteriormente, é possível que os escritos do Pablo, se não seu mesma presença, tivessem chegado até o Colosas, Laodicea e Hierápolis. No Apocalipse se mencionam as Iglesias do Pérgamo, Esmirna, Tiatira, Sardis, Filadelfia e Laodicea, que correspondem a cidades não muito distantes do Efeso. O Evangelho se estendeu ampliamente em diferentes forma através da região agora chamada a Ásia Menor. Plinio, em sua carta ao imperador Trajano (Cartas X. 96) quase meio século mais tarde, usa uma linguagem similar ao de Demetrio. Fala de templos "quase abandonados" e "só poucos compradores" de

vítimas para sacrificar na região do Ponto, precisamente ao nordeste de Efeso.

apartou a muitas gente.

apartaram-se de sua devoção a Artemisa, e portanto da compra de os templecillos e de outros materiais relacionados com o templo.

Não são deuses.

Ver com. Hech. 14: 14-15, 1 Cor. 8: 4. Demetrio, cheio de ira, virtualmente entregou-se à idéia oposta: que o ídolo era um deus. Os filósofos pagãos sempre insistiam em que as imagens eram só representações ideais e simbólicas.

27.

Negócio.

Gr. méros, "parte", "porção" ou seja um ramo do negócio ou ocupação. A palavra que se traduz "ofício" no vers. 25 não é méros.

Grande deusa.

O adjetivo "grande" (mégas) usava-se especialmente para a deusa Artemisa de Efeso. Aparece em muitas das moedas e medalhas da cidade.

Seja estimado em nada.

Literalmente "seja contado por nada". Isto é o que ia acontecer se os homens começavam a pensar que os deuses representados pela obra das mãos do homem não eram verdadeiros deuses. Demetrio se esqueceu, em seu veemência, de apresentar o que o tabelião da cidade mencionou mais tarde (vers. 35): que se supunha que a imagem tinha descendido do ciclo. O só estava interessado nas lucros que obtinha com o culto da deusa. O ourives do Efeso inconscientemente tinha chegado a ser profeta da futura ruína do paganismo.

Ser destruída a majestade.

Melhor "estar a ponto de ser derrubada a grandeza dela". A grande deusa estava a ponto de ser despojada de sua grandeza. A palavra grega traduzida "majestade" se usa freqüentemente para expressar a majestade de Deus.

Toda a Ásia, e o mundo inteiro.

Ásia era uma das províncias proconsulares, e a palavra "mundo" se usa em sentido figurado como no Luc. 2: 1 para designar ao Império Romano. A riqueza do Próximo Oriente assim como a da Grécia e até a dos habitantes de Roma, dedicava-se a este suntuoso templo.

28.

Encheram de ira.

Demetrio tinha instigado aos presentes em tal forma que os excitava mais e mais com cada argumento adicional. As arengas foram habilmente dirigidas, primeiro ao interesse deles, e depois a seu orgulho e superstição.

Gritaram.

Literalmente "gritavam". Esta inflexão verbal também poderia traduzir-se, "começaram a gritar em forma contínua".

Grande é Diana!

A turfa, incitada pelo discurso do Demetrio, aparentemente usou esta exclamação como uma ordem para reunir-se, e gritava vez detrás vez a medida que crescia sua excitação e se alienava sua mente arrastada por uma psicose coletiva.

29.

E a cidade.

Aparentemente a cidade não estava tão interessada nas lucros dos ourives como na glória e magnificência de que gozava Efeso como sede do culto da Artemisa. portanto, o alvoroço que começou na reunião convocada pelo Demetrio se estendeu a todos os habitantes do Efeso.

Ao teatro.

Sem dúvida se refere ao anfiteatro do Efeso. Suas ruínas ainda permanecem e demonstram que podiam entrar nele até 24.500 pessoas. Não se registra que a Gayo e ao Aristarco tivessem feito algo mais, exceto levá-los a teatro. Talvez se pensou que diriam o lugar onde se escondia Pablo. Ver ilustração frente a P. 353.

Ao Gayo e ao Aristarco.

Pode ser que a multidão tratou de encontrar ao Pablo, e como não puderam achá-lo, jogaram mão destes dois homens. A inclusão destes conversos 377 macedonios no grupo dos crentes demonstra o efeito permanente de os trabalhos do Pablo naquele país durante sua viagem anterior. A brevidade do relato dos Fatos dá mais significado a estas indicações incidentais, intercaladas como de passagem. "Gayo", representa o nome romano "Recife", um nome latino muito comum (Hech. 20: 4; ROM. 16: 23; 1 Cor. I: 14; 3 Juan I). Aristarco era da Tesalónica (Hech. 20: 4; 27: 2), e pôde ter sofrido antes atos de violência semelhantes ao que agora estava suportando (cf. 1 Lhes. 2: 14). Aparece como um dos companheiros do Pablo na viagem a Jerusalém (Hech. 20: 4), provavelmente como delegado das Iglesias da Macedônia. Tal vez compartilhou a prisão do Pablo em Roma (Couve. 4: 10), como companheiro de cela ou, o que é mais provável, para atender ao Pablo no que fora mister.

Companheiros do Pablo.

Não se sabe quando Gayo e Aristarco foram "companheiros do Pablo" em suas viagens. Possivelmente tinham sido os que o levaram desde a Berea até Atenas (cap. 17: 15). Provavelmente sua viagem com ele foi em relação com alguma trabalho missionário não registrada, fora do Efeso, durante o período da permanência do apóstolo ali.

30.

E querendo Pablo sair.

Pablo, movido por seu zelo, não podia suportar que seus companheiros sofressem sozinhos o ímpeto do ataque. Sempre estava preparado para ir à frente de batalha.

Não lhe deixaram.

O temor e a angústia pela segurança do apóstolo induziram aos irmãos a impedir que Pablo desse um passo que poria em perigo sua própria vida sem poder ajudar a seus dois amigos. É difícil dizer até que extremos de ferocidade pode chegar uma turfa quando se excita.

31.

Autoridades da Ásia.

Ou "asiarcas", título oficial que se dava aos que eram escolhidos anualmente em as principais cidades da província da Ásia para presidir os festivais religiosos e os jogos públicos. escolhiam-se dez asiarcas de entre o grande número dos representantes das cidades; e o procónsul nomeava a um de eles como presidente. Seus deveres os obrigavam a ir às cidades onde se estavam celebrando jogos ou festivais. Como os asiarcas estavam relacionados com o teatro e com o culto a Artemisa, assim como com o culto ao imperador, provavelmente foram informados do alvoroço e de suas causas. pensou-se que as referências ao serviço da páscoa em 1 Cor. 5: 6-8 sugerem que Pablo escreveu a epístola perto do tempo dessa festa. Como provavelmente foi de Corinto poucas semanas depois (2 Corintios foi escrita desde Macedônia) e sua partida foi pouco depois do alvoroço (Hech. 20: l), pode ser que o tumulto ocorreu muito pouco depois da páscoa, na primavera. Neste caso o povo estava guardando ou antecipando o grande festival em honra de Artemisa no mês chamado Artemistón (abril-maio), em honra da deusa: Por o tanto estavam mais inclinados a responder ao desafio do Demetrio. Nessa estação do ano os asiarcas também teriam podido estar no Efeso.

Seus amigos.

O tato e a cortesia, unidos ao ardor e à intrepidez do Pablo, aparentemente ganharam a atenção e o respeito das autoridades. Isto ocorreu no caso dos asiarcas e em outro tempo frente a Sergio Paulo (cap. 13: 7-12), Galión (cap. 18: 14-17), Festo (cap. 25: 9-12), Agripa (cap. 26: 28, 32) e o centurião Julho (cap. 27: 3, 43). Os asiarcas lhe aconselharam o mesmo que os discípulos, embora por motivos diferentes. Compreenderam que a presença do apóstolo só serviria para excitar ainda mais as paixões da multidão.

Não se apresentasse.

Estes funcionários amigáveis se interessaram pessoalmente na segurança de Pablo.

32.

Gritavam.

Ou "continuavam gritando". A vivacidade do relato sugere que o narrador foi testemunha ocular. Aristarco e Gayo, companheiros do Pablo em uma parte do trajeto de sua viagem a Jerusalém (cap. 20: 4), puderam ter relatado a historia ao Lucas.

Concorrência.

Gr. ekklêsía, um grupo "chamado", "escolhido". A turfa que se reuniu em o anfiteatro não era uma ekklêsía no sentido de uma assembléia legal ou governamental, segundo o significado que tinha em seu uso clássico (ver com. Mat. 18: 17; cf. com. Hech. 19: 39). Ekklêsía se usa aqui em um sentido não tão definido, para referir-se a uma multidão.

Confusa.

Literalmente "arrojada junta", "mesclada". Uma turfa que não raciocina, segue cegamente a seus caudilhos.

Não sabiam por que.

Isto não teria sido tão trágico se o êxito do Evangelho não tivesse estado em jogo. A descrição que faz Lucas de uma grande multidão gritando e formando redemoinhos-se no anfiteatro sem que a maioria 378 soubesse com segurança por que estava ali, destaca o ridículo da situação.

33.

E tiraram.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) o texto: "e alguns da multidão instruíram ao Alejandro". O verbo também pode traduzir-se "aconselharam" ou "convenceram".

Alejandro.

Este Alejandro foi possivelmente o "caldeireiro" (2 Tim. 4: 14) que lhe fez "muito mal" ao apóstolo no Efeso.

Falar em sua defesa.

Gr. apolegéomai, "justificar-se". O alvoroço era de origem nitidamente pagã. Demetrio era um pagão fabricante de ídolos, e sua acusação contra Pablo só podia ter significado para os pagãos. Sem dúvida se sabia que Pablo era judeu, e os judeus do Efeso, que também se negavam a adorar a Artemisa, indubitavelmente temiam que o motim se convertesse em uma matança de judeus. portanto, a "defesa" que Alejandro sem dúvida tratou de apresentar consistiu em fazer que os pagãos não relacionassem aos judeus do Efeso com o Pablo e os deles.

34.

Conheceram.

Ou "perceberam-no". Seus rasgos judeus e seu vestido só pareceram irritar mais à turfa, pois recordavam quanto aborreciam os judeus a idolatria. Se acusava aos judeus de comercializar com bens roubados dos templos (ver com. ROM. 2: 22). A linguagem do tabelião (Hech. 19: 37) sugere o mesmo pensamento, pois assinalando ao Aristarco e ao Gayo, declarou enfaticamente: "Estes homens" não são "sacrílegos".

Todos a uma voz.

A multidão tinha agora no que centrar seu alvoroço, e durante duas horas repetiram seu clamor. Isto demonstra que os judeus não eram populares. A ira

que o discurso do Demetrio tinha produzido contra o judeu Pablo, estava agora a ponto de derrubar-se contra todos os judeus do Efeso.

35.

Tabelião.

Gr. grammatéus, que se traduz "escriba" nos Evangelhos. Era o que custodiava os arquivos da cidade, e tinha muita influência no Efeso. Por meio dele se faziam todas as comunicações públicas à cidade e se davam as respostas. Este título grego aparece em muitas inscrições do Efeso, a miúdo junto com as dos asiarcas e o procónsul. Os escribas e os asiarcas eram todos cidadãos do Efeso (ver com. vers. I). A linguagem de este funcionário estava cheio de meditada prudência; mas o do Demetrio havia sido impetuoso. Como os asiarcas, tratou ao Pablo e a seus companheiros com evidente respeito. Não era fanático, nem tampouco tinha a intenção de converter-se em perseguidor. Não se opôs à multidão, mas sim procurou apaziguá-la demonstrando afeto por sua religião.

Guardiana.

Gr. neõkóros, "guardador de templo", e por extensão o devoto de um deus e seu santuário. apresenta-se a toda a cidade como consagrada ao serviço da deusa. A palavra neõkóros se encontra em moedas da Ásia Menor, e expressa a devoção de certas cidades a um deus ou a um imperador. O povo do Efeso considerava a Artemisa como sua protetora e guardiana. Em uma inscrição, a cidade reclama a honra de seu ser "nodriza" '

Grande deusa Diana.

No grego diz simplesmente "a grande Artemisa". Em algumas inscrições do Efeso a descreve como "a máxima", "a muito alto".

Imagem vinda do Júpiter.

Gr. diopetês, "queda do Zeus [ou do céu]", nome que se dava freqüentemente a imagens antigas, como por exemplo a de Pás Ateneu, de Atenas, e a de Saboreio, dos troyanos (Virgilio, Eneida iI. 183). Neste caso a palavra pode ter tido um significado mais literal, refiriéndose a um aerólito que foi adorado em sua forma original ou usado para esculpir a antiga escultura. Por o tanto, não necessariamente se refere à imagem da Artemisa (ver com. vers. 24), a qual, segundo vários autores antigos, não foi feita de pedra mas sim de madeira de olivo, de ébano, de cedro ou de videira, ou talvez de ouro.

36.

Contradizer-se.

O tabelião alegou que ninguém podia disputar o que ele acabava de dizer. Seu discurso tinha o tom de uma declaração oficial concernente a um culto estabelecido antes que o de sua própria devoção a dito culto.

Apazigúem-lhes.

Ou "estejam tranqüilos".

Nada façam precipitadamente.

Ou"nada precipitado faça". O adjetivo grego que se usa descreve bem o obstinado e violento alvoroço para o que não havia uma razão e do qual nada bom podia resultar, assim como a conduta impulsivo da multidão ao jogar mão de duas pessoas que não eram delinqüentes e contra as quais era óbvio que não podia iniciar um processo.

37.

Sem ser sacrílegos.

Ou "robadores de templos". O fabuloso templo do Efeso tinha uma câmara grande de tesouros, portanto, o delito não podia ser desconhecido pelo 379 povo. Algo que se colocava no templo ficava sob a tutela da deusa; por conseguinte durante esse tempo era propriedade do templo, e roubar algo que lhe pertencesse seria um sacrilégio (ver com. vers. 34).

Sua deusa.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) o texto: "a deusa de nós". Em um discurso popular o natural seria que o orador se identificasse com seus concidadãos. Por este versículo podemos entender que a linguagem do Pablo e seus companheiros tinha sido cuidadosamente eleito quando falaram sobre o culto especial do Efeso. Tinham apresentado os grandes princípios de que os deuses feitos com mãos não eram deuses, e deixado que esta declaração fizesse sua obra (vers. 26). Pablo exerceu em Atenas a mesma prudência, embora se comoveu muito quando viu "a cidade entregue à idolatria" (cap. 17: 16).

38.

Têm pleito.

Ou seja, se tiverem acusações específicas, que as pressentem. Se os cargos eram como se alegava, podia haver apóie para uma ação legal; mas não havia desculpa para o alvoroço levantado pelo ourives e seus amigos.

Audiências se concedem.

Esta tradução dá o sentido geral. As palavras gregas estão em plural, e podem significar "dias assinalados de audiência", "dias de foro se celebram", ou seja ocasiões específicas já fixadas para tratar-se tais assuntos; ou talvez melhor, "as audiências continuam agora", posto que o tempo do verbo implica que estava aberta a oportunidade para uma ação legal imediata.

Procónsules.

Gr. anthúpatos, "procónsul" (cf. cap. 13: 7-8, 12; 18: 12, onde também se traduz "procónsul"). Ásia era uma província proconsular (ver com. cap. 6: 9). A dificuldade estriba aqui no uso do plural, porque a uma província correspondia um só procónsul, e portanto, quando o tabelião estava falando, no Efeso havia só um. Há várias explicações: (1) Os assessores (consiliarii) do procónsul corretamente podiam ter sido considerados como representantes do procónsul. (2) O tabelião podia estar recordando ao povo a disposição existente nas instituições do império para obter justiça no caso de ser prejudicado; é como se dissesse: "Há procónsules na instituição imperial. Em cada província como a nossa existe um magistrado supremo, e portanto não há temor quanto a obter uma indenização se houve prejuízos". (3) Pouco antes tinha sido envenenado o procónsul Silano (Tácito, Anais xIII. l), e Celer e Helius, que estavam a cargo da

administração imperial na Ásia, poderiam ter sido aludidos nesse título em plural. (4) Podia ter estado presente no Efeso algum outro procónsul de uma província vizinha como Cilícia, Chipre, Bitinia ou outra. A explicação mais possível parece ser a segunda.

Acusem-se.

Gr. egkaléõ, "trazer uma acusação". Demetrio e seus seguidores deveriam apresentar uma declaração formal do cargo que tinham contra os acusados. Estes apresentariam uma resposta e, com o assunto assim encarado, cada parte poderia apresentar suas testemunhas.

39.

E se demandarem alguma outra coisa.

Ou "se tiverem algum outro assunto".

Em legítima assembléia.

Nas cidades gregas havia tradicionalmente assembléias populares dos cidadãos nas quais se discutiam os transações dos assuntos públicos. O tabelião dá a entender aqui que a multidão a que se está dirigindo não é essa "legítima" assembléia, legalmente constituída. Depende Crisóstomo (Homilia xIII, com. Hech. 19:21, 23), tais assembléias se reuniam três vezes por mês.

40.

Concurso.

Gr. sustrofê, "conspiração", "comoção", "alvoroço".

41.

Despediu a assembléia.

Isto o pôde fazer devido a seu cargo oficial. O último argumento que provavelmente usou foi o de mais peso ante seus ouvintes. Se se informava a Roma de uma conduta sediciosa como a que tinha havido, podia resultar em uma redução dos privilégios de sua cidade. O tabelião tinha serenado à multidão até o ponto de que tranqüilamente se dispersaram.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-41 HAp 228-240

1 HAp 228

2-3 HAp 229

5 HAp 231

5-6 HAp 229

7 HAp 228 380

8-9 HAp 231

11-12 HAp 232

13-16 HAp 233

17-20 HAp 233; MJ 273-276

21-22 HAp 236

23-27 HAp 237

27 HAp 239

28 HAp 232

28-31 HAp 237

32-41 HAp 238

CAPÍTULO 20

1 Pablo vai a Macedônia, 7 celebra o Jantar do Senhor, e, prega. 9 Eutico se cai, e morre; 10 mas Pablo o ressuscita. 17 Pablo congrega aos anciões de Mileto, e lhes prediz o que lhe sobrevirá; 28 os encomenda o rebanho do Senhor, 29 os admoesta contra os falsos professores, 32 os encomenda a Deus, 36 ora com eles, e parte.

1 DESPUES que cessou o alvoroço, chamou Pablo aos discípulos, e lhes havendo exortado e abraçado, despediu-se e saiu para ir a Macedônia.

2 E depois de percorrer aquelas regiões, e de lhes exortar com abundância de palavras, chegou a Grécia.

3 depois de ter estado ali três meses, e lhe sendo postas armadilhas por os judeus para quando se embarcasse para Síria, tomou a decisão de voltar por Macedônia.

4 E lhe acompanharam até a Ásia, Sópater da Berea, Aristarco e Segundo de Tesalónica, Gayo do Derbe, e Timoteo; e da Ásia, Tíquico e Trófimo.

5 Estes, havendo-se adiantado, esperaram-nos no Troas.

6 E nós, passados os dias dos pães sem levedura, navegamos do Filipos, e em cinco dias nos reunimos com eles no Troas, onde ficamos sete dias.

7 O primeiro dia da semana, reunidos os discípulos para partir o pão, Pablo ensinava-lhes, tendo que sair ao dia seguinte; e alargou o discurso até a meia-noite.

8 E havia muitos abajures no aposento alto onde estavam reunidos;

9 e um jovem chamado Eutico, que estava sentado na janela, rendido de um sonho profundo, por quanto Pablo dissertava longamente, vencido do sonho caiu do terceiro piso abaixo, e foi levantado morto.

10 Então descendeu Pablo e se tornou sobre ele, e lhe abraçando, disse; Não vos alarmem, pois está vivo.

11 depois de ter subido, e partido o pão e comido, falou longamente até
o alvorada; e assim saiu.

12 E levaram a jovem vivo, e foram grandemente consolados.

13 Nós, nos adiantando a nos embarcar, navegamos ao Asón para recolher ali a
Pablo, já que assim o tinha determinado, querendo ele ir por terra.

14 Quando se reuniu conosco no Asón, tomando a bordo, viemos a
Mitilene.

15 Navegando dali, ao dia seguinte chegamos diante do Quío, e ao outro dia
tomamos porto em Sejamos; e tendo feito escala no Trogilio, ao dia seguinte
chegamos ao Mileto.

16 Porque Pablo se proposto passar de comprimento ao Efeso, para não deter-se em
Ásia, pois se apressava por estar o dia do Pentecostés, se fosse possível,
em Jerusalém.

17 Enviando, pois, desde o Mileto ao Efeso, fez chamar os anciões da
igreja.

18 Quando vieram a ele, disse-lhes: Vós sabem como me comportei entre
vós todo o tempo, do primeiro dia que entrei na Ásia,

19 servindo ao Senhor com toda humildade, e com muitas lágrimas, e provas que
vieram-me pelas armadilhas dos judeus; 20 e como nada que fosse útil
fugi que anunciamos e lhes ensinar, publicamente e pelas casas,

21 atestando a judeus e a gentis sobre o arrependimento para com Deus,
e da fé em nosso Senhor Jesus Cristo.

22 Agora, hei aqui, ligado eu em espírito, vou a Jerusalém, sem sal>er o que
lá me tem que acontecer;

23 salvo que o Espírito Santo por todas as cidades me dá testemunho,
dizendo que me esperam prisões e tribulações. 381

24 Mas de nada faço conta, nem estimo preciosa minha vida para mim mesmo,
contanto que acabe minha carreira com gozo, e o ministério que recebi do Seiíor
Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus.

25 E agora, hei aqui, eu sei que nenhum de todos vós, entre quem hei
passado pregando o reino de Deus, verá mais meu rosto.

26 portanto, eu lhes protesto no dia de hoje, que estou limpo do sangue de
todos;

27 porque não fugi anunciamos todo o conselho de Deus.

28 portanto, olhem por vós, e por todo o rebanho em que o Espírito Santo
pô-lhes por bispos, para apascentar a igreja do Senhor, a qual ele ganhou
por seu próprio sangue.

29 Porque eu sei que depois de minha partida entrarão em meio de vós lobos
rapazes, que não perdoarão ao rebanho.

30 E de vós mesmos se levantarão homens que falem coisas perversas para

arrastar atrás de si aos discípulos.

31 portanto, velem, lhes lembrando que por três anos, de noite e de dia, não hei cessado de admoestar com lágrimas a cada um.

32 E agora, irmãos, encomendo-lhes a Deus, e à palavra de sua graça, que tem poder para sobreedificaros e lhes dar herança com todos os santificados.

33 Nem prata nem ouro nem vestido de ninguém cobicei.

34 Antes vós sabem que para o que me foi necessário e aos que estão comigo, estas mãos me serviram.

35 Em todo lhes ensinei que, trabalhando assim, deve-se ajudar aos necessitados, e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurado é dar que receber.

36 Quando houve dito estas coisas, ficou de joelhos, e orou com todos eles.

37 Então houve grande pranto de todos; e tornando-se ao pescoço do Pablo, o beijavam,

38 doendo-se em grande maneira pela palavra que disse, de que não veriam mais seu rosto. E lhe acompanharam ao navio.

1.

Alvoroço.

Gr. thórubos, "ruído", "tumulto". Usa-se esta mesma palavra em relação com o julgamento do Jesus (Mat. 26: 5; 27: 24; Mar. 14: 2), com motivo da ressurreição da filha do Jairo (Mar. 5: 38) e quando se apoderaram do Pablo em Jerusalém (Hech. 21: 34; 24: 18).

Chamou... aos discípulos.

Pablo pediu que houvesse uma reunião dos membros de igreja para despedir-se deles.

E abraçado.

No texto grego se omitem estas palavras. Só diz que se despediu e saiu. Evidentemente Pablo permaneceu no Efeso até que viu que a igreja estava outra vez tranqüila. Provavelmente esteve perto de três anos no Efeso (C. 54 aos 57 d. C.; ver P. 105).

A Macedônia.

Nesta narração do livro de Feitos há uma lacuna que pode ser coberta com informações das epístolas aos corintios. Durante esta gira por Macedônia Pablo escreveu 2 Corintios (ver 2 Cor. 2: 12-13; 7: 5; 9: 2).

2.

Aquelas regiões.

Sem dúvida Pablo desejava visitar outra vez as Iglesias que tinha baseado em Tesalónica e Berea, e também no Filipos. É muito possível que seguisse o

caminho romano que, rumo ao oeste, cruzava a Macedônia, até as praias do Adriático, e que proclamasse pela primeira vez o Evangelho no Ilírico (ver ROM. 15: 19; cf. mapa P. 364).

Grécia.

Gr. Hellás. Lucas usa o término Hellás como sinônimo da Acaya, a província do sul. A viagem levou ao Pablo a Corinto onde tinha que arrumar muitos assuntos na igreja. Os crentes de Corinto já tinham recebido seus dois cartas. Na primeira, enviada desde o Efeso, tinha acreditado que era necessário lhes admoestar pelo espírito partidista que fomentavam na igreja. Também tinha censurado os desórdenes relacionados com o Jantar do Senhor e condenado a um incestuoso. As tarefas pastorais que esperavam ao Pablo foram dar pouco repouso durante os três meses que passasse ali, mesmo que estivesse todo o tempo em Corinto.

Pablo possivelmente não pôde ver em Corinto a alguns de seus amigos. O decreto do Claudio ou tinha sido revogado, ou já não estava em vigência, e Aquila e Priscila possivelmente tinham retornado do Efeso a Roma (cf. Hech. 18: 18-19; ROM. 16: 3). Sem dúvida tinham feito o mesmo outros a quem tinha conhecido em Corinto (ver ROM. 16). Tudo isto fortalecia seu fervoroso desejo de ir a Roma (Hech. 19: 21; ROM. 1: 10-11). A obra do Pablo na Grécia parecia, e sentiu que um impulso mais que humano o atraía para o oeste. Pelo 382 tanto, contemplou a possibilidade de fazer uma rápida viagem a Jerusalém, para deixar ali os donativos das Iglesias gentis. Logo empreenderia imediatamente uma viagem a Roma e a Espanha (ROM. 15: 24-28). O resto do livro dos Fatos revela quão diferente era em realidade o caminho que lhe aguardava.

3.

lhe sendo postas armadilhas pelos judeus.

Ou "os judeus tramaram uma conjuración contra ele" (BJ). Os judeus haviam tratado de comprometer ao Galión em seus ataques contra Pablo durante a última visita de este a Corinto, e agora secretamente procuravam descarregar sua ira sobre ele. Sem dúvida sua intenção foi matá-lo. Quando Pablo soube do complô, trocou seus planos e para frustarlo retornou com seus companheiros pela Macedônia.

4.

E lhe acompanharam.

Timoteo e provavelmente também Sópater (possivelmente uma forma abreviada de Sosípater) tinham estado com o Pablo em Corinto (ver ROM. 16: 21). Pode explicá-la numerosa delegação pelo fato de que Pablo levava uma grande soma dedicada às Iglesias da Judea. Acompanhado de várias testemunhas das regiões que tinham contribuído a esta coleta, poderia evitar qualquer acusação que os caluniadores levantassem contra ele (2 Cor. 8: 19-21). Pelo tanto se escolheram representantes das Iglesias principais. Eles poderiam atestar de que a conduta do apóstolo estava fora do alcance de tudo recriminação. Incluindo o Lucas, havia oito o grupo do Pablo (ver com. vers. 5).

Até a Ásia.

A evidência textual (cf. P. 10) inclina-se pela omissão destas palavras.

5.

Esperaram-nos.

A mudança repentina à primeira pessoa do plural recorda que Loucas, quem nunca se nomeia a si mesmo, devia acrescentar-se à lista dos que agora acompanhavam ao Pablo. Pôde ter sido incluído como delegado da igreja de Filipos, ou como amigo e médico do Pablo. A espera permitiu que Pablo celebrasse a páscoa no Filipos, de onde partiu "passados os dias dos pães sem levedura" (vers. 6). Os discípulos que foram adiante deviam anunciar a chegada do Paulo à igreja do Troas, e assim haveria uma reunião plenária para recebê-lo quando chegasse.

6.

Dias dos pães sem levedura.

Parece que o apóstolo se deteve intencionalmente no Filipos por causa da festa judia. Para o Pablo, judeu e fariseu, a época da páscoa deve haver tido um profundo significado religioso (cap. 23: 6). Os cristãos possivelmente também já começavam a pensar no tempo da páscoa como o aniversário de a morte e ressurreição de Cristo (cf. 1 Cor. 5: 7-8).

Em cinco dias nos reunimos com eles no Troas.

Na viagem para o ocidente, desde o Troas até o Filipos (ver com. cap. 16: 11-12) tinham gasto só três dias; mas o navio, navegando agora para o este, enfrentava-se com a corrente sudoeste que começa nos Dardanelos, e provavelmente também com os ventos do nordeste, muito freqüentes no arquipélago na primavera (ver mapa P. 364). Pablo, Lucas e Timoteo haviam estado juntos no Troas quando Pablo recebeu a visão da chamada macedónico para que viajasse a Europa. Sópater, Aristarco e Segundo representavam parte da colheita que Deus lhes tinha concedido em seu trabalho em Macedônia.

Sete dias.

Pablo e Lucas ficaram uma semana no Troas. Os sete dias que passaram em Troas terminaram com na sábado. Ao seguinte dia, o primeiro da semana, Pablo resolveu viajar a pé ao Asón (vers. 13), enquanto o resto de sua comitiva continuava de navio à mesma cidade. Entre o fim do sábado e sua partida cedo pela manhã os missionários passaram a parte escura do primeiro dia de a semana -quer dizer, a noite do sábado conforme se diz hoje- em uma reunião memorável e prolongada com a igreja no Troas.

7.

O primeiro dia da semana.

Em grego esta expressão é igual a que aparece no Mat. 28: 1 (ver este comentário). Não há dúvida de que, em términos gerais, isto corresponde por o menos com o dia domingo atual; entretanto, os comentadores estiveram divididos quanto a se esta reunião se levou a cabo na noite do domingo, ou na noite anterior, a do sábado. Os que favorecem a idéia de que a reunião foi em domingo de noite, destacam que Lucas, quem muito provavelmente era gentil, possivelmente usava o cômputo romano do tempo, que fazia começar o dia à meia-noite. Com este cômputo a reunião noturna no primeiro dia da semana só poderia ter sido em domingo de noite. Fazem notar também que a seqüência do versículo -"o primeiro dia da semana... ao dia seguinte" - denota que a partida do Pablo teve lugar no segundo dia de

a semana, ou segunda-feira. Se assim fora, então a reunião se celebrou um domingo 383 de noite. Pode notar-se também que Juan se refere ao domingo pela noite como "o primeiro dia da semana" (Juan 20: 19), embora de acordo com o cômputo judeu já era o segundo dia da semana (ver T. II, P. 104). É possível que Lucas usasse aqui a expressão no mesmo sentido que Juan.

Outros comentadores, incluindo o Ellicott, Conybeare e Howson, e A. T. Robertson, preferiram entender que a reunião se celebrou a noite anterior ao domingo, "... quer dizer, na noite do sábado, segundo a maneira judia de contar l dia" (BJ, nota sobre este versículo). O cômputo judeu fazia começar o dia à posta do sol; por isso, de acordo com este sistema, a parte escura do primeiro dia da semana era a noite que precede ao domingo, ou seja sábado de noite. Dito sistema de cômputo continuou durante séculos entre os cristãos, por isso é razoável pensar que Lucas, fora ou não gentil, o pôde ter usado em sua narração. De acordo com isto, a reunião do Pablo em Troas começou depois do pôr-do-sol do sábado e continuou durante essa noite; e ao seguinte dia, atual domingo, seguiu sua viagem ao Asón.

Alguns escritores viram nesta passagem uma indicação da antiga observância cristã do domingo. É um assunto de relativamente pouca importância que Lucas tenha usado neste caso o sistema de cômputo romano ou o judeu, porque ele diz claramente que a reunião foi em "o primeiro dia da semana". Se estava usando o sistema judeu de cômputo, a noite anterior ao domingo era considerada o primeiro dia, e se estava usando o sistema romano, a noite que seguia ao domingo se considerava ainda parte do primeiro dia. O fator significativo aqui, quanto ao assunto da observância do domingo pelos cristãos primitivos, é se esta reunião do primeiro dia da semana representa uma prática cristã regular, ou se se celebrou devido à visita do Pablo.

Um exame de toda a narração não apóia o ponto de vista de que Pablo celebrou esta reunião especificamente porque era o primeiro dia da semana. Havia estado no Troas sete dias, e não há dúvida de que ali se reuniu com os crentes mais de uma vez. Agora estava a ponto de partir, e o mais lógico era que celebrasse uma reunião final de despedida e participasse do Jantar do Senhor com os irmãos. A declaração de Loucas de que isto ocorreu o primeiro dia de a semana antes que apoiar de maneira específica a observância do domingo, está em plena harmonia com toda a série de notas cronológicas que emprega na narração desta viagem (cap. 20: 3, 6-7, 15-16; 21: 1, 4-5, 7-8, 10, 15). Por o tanto, a forma mais singela de considerar esta passagem parece ser que a reunião se efetuou não porque era domingo, mas sim porque Pablo estava altar para "sair ao dia seguinte" (cap. 20: 7); que Lucas incluiu o relato da reunião devido ao episódio do Eutico, e que sua menção de que foi em "o primeiro dia da semana" é só uma parte da seqüência cronológica da viagem de Pablo. Ao avaliar esta passagem como uma evidência de que desde seus começos os cristãos observavam no domingo, o eminente historiador eclesiástico Augusto Neander observa:

"A passagem não é inteiramente convincente, porque a iminente partida do apóstolo pôde ter determinado que a pequena igreja se reunisse para uma comida fraternal, em cuja ocasião o apóstolo pronunciou seu último sermão embora neste caso não houvesse uma celebração especial do domingo" (The History of the Christian Religion and Church, T. I, P. 337).

Ensinava-lhes.

Gr. dialegomai, "dialogar", "discutir". De acordo ao sentido do verbo grego, o ensino do Pablo neste versículo e a dissertação do vers. 9

devem ter tido mas bem a forma de um diálogo ou conversação. Evidentemente não foi uma reunião regular da igreja, acompanhada de um sermão, a não ser uma reunião mais familiar, na qual se dialogou e conversou para responder perguntas e eliminar dificuldades entre os cristãos do Troas, e para repartir instruções.

Até meia-noite.

Estavam congregados para uma reunião noturna de despedida, mas o gozo do companheirismo cristão e o fato de que o apóstolo estivesse a ponto de deixá-los, fizeram que as perguntas e as respostas continuassem muito mais lá dos limites normais. Sem dúvida os irmãos estavam gozando muitíssimo da improvisada festa espiritual que Pablo lhes proporcionava antes de despedir-se deles.

8.

Muitos abajures.

Sem dúvida se mencionam os "abajures" ou tochas alimentadas com azeite por dois razões (ver com. Mat. 25: 1, 3): (1) para explicar a sonolência do Eutico sugiriendo que fazia calor e faltava ar no salão; (2) para dar uma resposta 384 indireta à acusação de que nas reuniões noturnas os cristãos se entregavam a uma libertinagem vergonhosa (Tertuliano, Apologia 8). Seria natural que dois ou mais abajures estivessem colocados perto do pregador.

Aposento alto.

Nessa zona, em tempos antigos, o piso superior de uma casa era usualmente usado para propósitos religiosos ou sociais. Lucas escreve com a agilidade e os detalhes de uma testemunha ocular.

9.

Jovem.

Gr. neanías, falando estritamente, um homem entre 24 e 40 anos de idade; sem embargo, esta palavra podia usar-se com maior amplitude, como possivelmente neste caso (ver com. vers. 12).

Eutico.

Significa "afortunado". Este nome, como outros de significado parecido -Félix, Felicia, Felicísimo, Fortunato, Fausto, Felicita e Síntique-, aparece repetidas vezes em inscrições, e aparentemente era comum, em especial entre os libertos.

Janela.

Na maior parte das casas antigas as janelas eram só aberturas na parede, às vezes sem marco e sem barras, exceto um frágil ralo, para acautelar acidentes como o que aqui se descreve.

Rendido de um sonho profundo.

Ou "vencido por um sonho profundo". Sem dúvida o ar começou a rarefazer-se com o calor e a fumaça dos abajures de azeite, e o jovem não pôde resistir mais o sonho.

Terceiro piso.

Gr. trístegon, "terceiro teto". Não se sabe como se contavam os pisos de um edifício.

Foi levantado morto.

Se havia na janela alguma ralo possivelmente estava bem aberto para que entrasse ar fresco no atestado salão. O moço caiu ao chão, para fora, possivelmente no pátio. discutiu-se muito quanto a se o restabelecimento do Eutico descreve algo milagroso, ou se "morto" pode entender-se como desacordado ou inconsciente. Mas as expressões do Lucas o médico, aqui e no vers. 12 ("levaram a jovem vivo"), parecem não deixar lugar para tal discussão. O que se diz neste relato é que a vida de Eutico se extinguiu por causa da queda, e foi ressuscitado devido à oração do apóstolo.

10.

Descendeu.

Nas casas da área do Mediterrâneo freqüentemente se entrava por uma escada situada na parte exterior. A ação do Pablo nos recorda as de Elías (1 Rei. 17: 21) e Eliseo (2 Rei. 4: 34). Sem dúvida o apóstolo, como os profetas do AT, acompanhou sua ação com um rogo ao Senhor.

Não lhes alarmem.

Quer dizer "deixem de estar turvados", "deixem de lhes afligir".

11.

Subido.

A calma do apóstolo e também suas palavras, devem ter tido seu efeito sobre perturbada-a congregação. Pablo retornou ao aposento alto, e continuou com a reunião.

Partido o pão.

"Participaram da comunhão" (HAp 314)- Ver Mat. 26: 26-30; Hech. 2: 46; 1 Cor. 11: 23-30; com. Hech. 2: 42. Este rito foi preparado previamente, não assim o resto da reunião que, aparentemente, foi improvisada (ver com. vers. 7).

Falou.

Ou "conversando". A expressão grega dá a entender que foi mais uma amigável conversação que um discurso formal.

Alvorada.

O sol aparece naquela latitude, muito pouco depois do tempo da páscoa, entre as 5 e as 6 da manhã.

12.

Jovem.

Gr. páis, que usualmente significa "menino", mas que também pode referir-se a uma pessoa jovem ou a um escravo de qualquer idade. Neste caso o 'jovem" provavelmente era adolescente ou algo major (ver com. vers. 9).

Vivo.

Não haveria razão para usar esta palavra se "levantado morto" (vers. 9) não significasse uma morte real. É óbvio que o médico Lucas está narrando o milagre da ressurreição de um morto.

Grandemente consolados.

Ou "grandemente confortados". Em outras versões como a BJ diz "consolaram-se não pouco".

13.

nos adiantando.

Os companheiros do Pablo (vers. 4), incluindo o Lucas, seguiram sua viagem por mar antes de que Pablo saísse do Troas a pé. Não é claro se estes companheiros estiveram presentes na reunião noturna.

Querendo ele.

Isto é, propondo-se ele mesmo. Exceto o que se diz no cap. 23: 24, não há registro de que Pablo viajasse em outra forma que não fora de navio ou a pé. Pablo caminhou 55 km, sem dúvida por um caminho romano pavimentado, da cidade do Troas até o Asón.

14.

Viemos ao Mitilene.

Esta cidade, chamada em um tempo Castro, era a capital da ilha do Lesbos; naquele tempo muito formosa por sua situação geográfica e por seus esplêndidos edifícios. Lesbos é uma das ilhas maiores do mar Egeu e a sétima em tamanho na concha do Mediterrâneo. Tem uma circunferência de 270 km.
385

15.

diante do Quío.

Ou "frente a". Quío (ou Chios) é uma ilha que está entre o Lesbos e Sejamos. Para ir desde o Mitilene até o Quío era necessário viajar um dia (ver mapa P. 364).

Sejamos.

Ilha que está na costa de Luta, a um dia de navegação desde o Quío (ver mapa P. 364).

Trogilio.

A evidência textual (cf. P. 10) inclina-se pela omissão das palavras "fazendo escala no Trogilio". Trogilio era uma cidade que estava na costa continental de Luta, entre o Efeso e o tortuoso rio Meandro (ver mapa P.

364).

Mileto.

Porto de mar (ver mapas P. 364 e frente a P. 33). Foi baseado muito tempo antes por colonos de Giz, e se converteu em um ativo centro colonizador e uma cidade importante política e comercialmente. Distava 65 km do Efeso. A comitiva do Pablo chegou ali três dias depois de sair do Asón.

16.

Passar de comprimento ao Efeso.

O haver-se detido ali sem dúvida tivesse significado empregar mais tempo do que Pablo tinha disponível, em vista de sua intenção de chegar a Jerusalém para Pentecostés.

Pentecostés.

Ver com. cap. 2: L. Não se diz por que Pablo desejava tanto estar em Jerusalém para o Pentecostés. A reunião de todos os cristãos de origem judia de toda Palestina que estavam ali nessa ocasião talvez teria feito possível uma distribuição mais eficiente das oferendas de socorro que estava levando a Jerusalém. Ou talvez esta festa tinha um significado especial para ele devido ao derramamento do Espírito no dia do Pentecostés. De todas maneiras ele não tinha completado sua viagem antes da páscoa (cap. 20: 6), e como ia para Jerusalém era natural que desejasse estar ali para a próxima festa.

17.

Enviando.

Pablo não podia sair da região sem relacionar-se com a igreja do Efeso, onde tinha sofrido tanto (1 Cor. 15: 32), mas onde tinha obtido uma colheita tão rica para o Senhor. portanto, pediu que os anciões da igreja fossem ao Mileto para encontrar-se com ele e tratar os problemas da igreja.

Anciões.

Ver com. vers. 28; cap. 11: 30; 14: 23.

18.

Disse-lhes.

Agora segue o discurso mais tenro que Pablo pronunciou e que se haja registrado. Não foi um sermão evangelizador, mas sim de exortação, Recordou a seus ouvintes a abnegação e integridade de sua carreira, e os exortou a aceitar de cheio o cumprimento Fiel das responsabilidades de sua investidura. Estas admoestações se aplicam a qualquer igreja em qualquer idade, e são um eco das que há em F. 5 e 6, especialmente no cap. 6: 10-18.

Vós sabem.

Como uma coisa certa, pois o conheciam pessoalmente. No grego a construção destaca o pronome "vós". Pablo tinha estado com eles três anos (vers. 31) cumprindo com seu "ministério", tal como admoestou a um

líder posterior da igreja do Efeso a que o cumprisse (2 Tim. 4: 5). O feito de que recorresse ao que eles sabiam dele, deve entender-se tendo em conta as calúnias que alguns lançavam contra sua obra.

Como me comportei.

Pablo apela a sua conduta entre eles como prova de sua autoridade espiritual e apostólica, e como evidência de que sua chamado e nomeação procediam de Deus.

Todo o tempo.

Ou seja durante todo o tempo de seu trabalho ali.

Do primeiro dia.

O comportamento do Pablo foi conseqüente com seus princípios durante toda seu permanência no Efeso.

Ásia.

Ver com. cap. 2:9.

19.

Servindo.

Gr. douléuo, "ser escravo", "servir como escravo". Pablo freqüentemente se aplica esta palavra e o essencial dóulos, "escravo", em sua relação com Cristo, para indicar a absoluta submissão de sua mente e vontade a seu Senhor. Todo o fazia em sujeição a Cristo, seu único Senhor. Nem seu próprio interesse nem os interesses do mundo podiam impedir sua consagração a Cristo.

Humildade.

Pablo, que só se glorificava na cruz de Cristo, pelo qual ele estava crucificado para o mundo (Gál. 6: 14), não sentia orgulho de sua chamada ou investidura, nem auto-suficiência alguma. Podia confiar na carne, mas não o fazia (Fil. 3: 4-7). Podia haver-se glorificado em suas vicissitudes por seu apostolado e seus sofrimentos, mas não o fez (2 Cor. 11: 18-30). Sua humildade era a de um nobre cristão que compara sua pequenez e debilidade com a grandeza e o poder de Cristo.

Muitas lágrimas.

Pablo também chorou como Jesus (2 Cor. 2: 4; cf. Juan 11: 35). Entristeceu-se por seus irmãos judeus que perdiam a salvação (ROM. 9: 1-5; cf. Luc. 19: 41-42). Afligia-se pelos obstáculos que colocavam no caminho da verdade. 386 Sentia dor porque as almas se perdiam. Experimentava tristeza pela dureza dos corações humanos. O ministro cristão também chorará pelos perdidos que o rodeiam, e experimentará um santo zelo porque se opõem à verdade.

Provas.

Gr. peirasmós, "prova" Cf. 1 Ped. 4: 12, onde este substantivo se traduz "prova" No Hech. 19 há uma contagem de algumas destas provas que surgiram pela oposição dos inimigos do Pablo.

Que me vieram.

Ver com. cap. 9: 24.

20.

Util.

Ou "conveniente", "proveitoso". A semelhança do Pablo, o ministro evangélico dará a sua grei o que necessite, já seja de bom gosto ou mau sabor, se espiritualmente é nutritivo.

fugi.

Gr. hupostélló, "colocar baixo", aqui "ocultar", "suprimir". Antigamente esta palavra descrevia a ação de recolher as velas das embarcações. Pablo não economizava nenhum esforço ou trabalho, não perdia nenhuma oportunidade, não suprimia nenhuma doutrina ou admoestação, não ocultava nenhuma verdade (cf. vers. 27).

lhes anunciar.

Gr. anaggéllo, "anunciar", "declarar". Geralmente se aplica a predicación do Evangelho.

Pelas casas.

Um método mais privado e pessoal do ministério evangélico. Para o Pablo a obra pessoal não ocupava o lugar do evangelismo público, mas sim era sua companheira indispensável (2Jt 540-542; HAp 203, 240). Quanto à obra de casa em casa por parte do povo de Deus nos últimos dias, ver CS 670. Nenhum ministro pode cuidar adequadamente de sua grei sem esta visitação de casa em casa.

21.

Atestando.

Atestando mediante o ensino e a exortação a uma vida melhor. Esta mesma palavra se traduz "encareço" e "lhes exortando" em 1 Tim. 5: 21 e 2 Tim. 2: 14, respectivamente. Quer dizer, insistindo com firmeza e suplicando com solenidade.

Judeus Y.. gentis.

Pablo sempre ia primeiro com o Evangelho a seus irmãos judeus (Hech. 13: 5, 14; 14: l; 17: 1-2; 18: 4; 19: 8; cf. ROM. l: 16; 2: 9 -10 ; 3: 1-2).

Arrependimento.

Gr. metánoia (ver com. Mat. 3: 2 para a definição do verbo do qual deriva este essencial).

Para com Deus.

Melhor "ante Deus". O arrependimento é "ante Deus" porque (1) o pecado sempre é uma ofensa contra Deus, e (2) embora o ser humano pode manifestar um espírito perdonador, só Deus pode perdoar por meio de Cristo Jesus, a

vítima propiciatorio (2 Cor. 5: 21; 1 Ped. 2: 24), com a condição de que haja um sincero reconhecimento da culpa.

Fé.

A aceitação da graça expiatório do Jesucristo, "a quem amam sem lhe haver visto" (1 Ped. 1: 8), só pode ser pela fé (ver com. ROM. 4: 3). Não há dúvida de que "tudo o que não provém de fé, é pecado" (ROM. 14: 23). A paz que o pecador tem com Deus por meio do Jesucristo provém da fé (ROM. 5: 1-2). "Sem fé é impossível agradar a Deus" (Heb. 11: 6).

22.

Ligado eu em espírito.

Isto pode significar que neste caso Pablo estava apressado em seu espírito pela influência das circunstâncias, ou que era forçado por sua própria vontade, ou também que estava constrangido pelo Espírito de Deus. Alguns sustentam, apoiados no vers. 23, a primeira possibilidade, argumentando que a palavra "Santo" em dito versículo sugere um contraste com o versículo que comentamos, onde não aparece "Santo". Outros se inclinam pela última possibilidade, acreditando que a presença de "Santo" no vers. 23 identifica ao Espírito em ambos os versículos. Ver com. cap. 16: 6-7, onde o Espírito Santo impede ao Pablo tomar certo curso de ação. O verbo (que aqui é enfático pela construção sintática) geralmente se aplica a atar com laços ou cadeias (Mat. 13: 30; 21: 2), ou, em forma figurada, à pressão de um dever, de uma obrigação (ROM. 7: 2), ou a qualquer impulso imperativo ou tendência premente (compare-se com o essencial "prisões" usado no File. 13, "cadeias" [BJ, que tem a mesma raiz de "ligado"). Pablo era um homem firmemente submetido a sua convicção do dever. Quando se acrescenta o impulso de a direção do Espírito, a "ligadura" é verdadeiramente firme, como no caso do apóstolo. Deve cumprir-se com o dever, e deixá-los resultados com Deus.

Tem-me que acontecer.

Pablo sabia que lhe esperavam perigos em sua visita a ' Jerusalém (Hech. 20: 23; cf. ROM. 15: 30-31), mas desconhecia a natureza assim como a gravidade dos sucessos que o ameaçavam. Mas tinha encomendado seus caminhos ao Senhor, e quaisquer fossem os perigos iria aonde o Espírito o conduzisse.

23.

O Espírito Santo... dá-me testemunho.

O registro não declara se foi por revelação 387 direta (ver com. cap. 16: 6-7), por predições de profetas -como no cap. 21: 4, 11-, ou por uma impressão profunda e constante na mente do Pablo.

Prisões e tribulações.

Pablo sentia uma profunda convicção de que lhe sobreviriam calamidades, embora não conhecia os detalhes.

24.

De nada.

A evidência textual (cf P. 10) estabelece o seguinte texto na primeira parte do vers. 24: "Mas eu não faço nenhuma estima de minha vida" (NC).

Preciosa minha vida.

Para o Pablo os assuntos pessoais não tinham valor algum (Fil. 3: 7-8). Esta foi a atitude de Cristo quando condescendeu a tomar nossa natureza (Fil. 2: 7-8). Nenhuma preferência ou desejo pessoal distraiu ao Pablo dos elevados privilégios de seu ministério. Não vivia para si mesmo; era um escravo de Cristo (ROM. l: l). Nada era de suficiente importância para induzi-lo a descuidar seu dever. Este foi o espírito do Salvador e o dos primeiros cristãos.

Carreira.

Gr. drómos, "carreira", "pista de carreiras", "duração de vida", "término do cargo". Pablo fazia de si mesmo uma oferenda viva (ROM. 12: l), para que a carreira que tinha começado pudesse terminar com êxito. Em sua epístola de despedida, sustentou que tinha acabado sua carreira com êxito (2 Tiro. 4: 7). Por isso exortou aos hebreus a correr "com paciência [perseverança] a carreira' que tinham por diante (Heb. 12: l). Pablo desejava correr a carreira de seu vida de tal maneira que ao final não tivesse que lamentar nenhum descuido ou fracasso por negligência ou apatia. Desejava terminar sua carreira com a satisfação de uma poda conscientiza.

Com gozo.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece a omissão destas palavras.

Ministério.

Gr. diakonía, "serviço", de onde deriva "diaconado". Aqui não significa um cargo eclesiástico, a não ser um serviço emprestado a Deus. Cumprir um serviço fiel era o princípio guiador do Pablo. Por isso admoestou a seu "filho" Timoteo para que alcançasse uma consagração igual (2 Tim. 4: 5).

Do Senhor Jesus.

A firme convicção que Pablo tênia da realidade de sua chamada ao ministério evangélico era uma conseqüência de sua singular conversão, quando Cristo 10 Comissionou e lhe disse, por meio do Ananías, a obra que ele ia fazer (Hech. 9: 15-17; 22: 14-15; 26: 16-18). Pablo nunca duvidou de ter sido chamado, embora aparentemente outros sim o duvidaram (2 Cor. 3: 1-6; Gál. l: 10-24).

Do evangelho.

Ver com. Mar. 1: L. O Evangelho é as boas novas da misericórdia de

Deus para os pecadores por meio do sacrifício expiatório do Jesucristo na cruz. Este testemunho pode ser dado só por aqueles que reconhecem que são pecadores afastados de Deus, mas que pela fé experimentaram pessoalmente a graça salvadora e o poder do Jesucristo.

25.

Reino.

Ver com. Hech. 1: 6; Mat. 4: 17. Este era o reino no qual Pablo centrava

todas suas esperanças, e que proclamava com grande perigo para si mesmo frente ao absolutismo do Império Romano.

De Deus.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece a omissão destas palavras.

Nenhum... verá mais meu rosto. Pablo acreditava, por razões que aqui não revela, que estes anciões do Efeso e, sem dúvida, as Iglesias do Mileto e do Efeso, nunca mais o voltariam a ver. Isto poderia dever-se aos perigos que sabia que esperavam-lhe (Hech. 20: 22-23; ROM. 15: 30-3l), e também por causa de seu firme intenção de visitar Roma e Espanha (Hech. 19: 21; ROM. 15: 23-28). Sem embargo, é provável que Pablo retornasse a Macedônia e Ásia, embora possivelmente não a Mileto nem ao Efeso, entre seu primeiro e seu segundo encarceramento em Roma (Fil. 1: 25-27; File. 22). Mas nesse momento Pablo não tinha sido informado disto pelo Espírito de Deus.

26.

Eu vos protesto.

Atesto-lhes, faço-lhes uma declaração solene.

Estou limpo.

Gr. katharós, "limpo". Pablo não afirma que possui a perfeição completa do caráter cristão (Fil. 3: 12-14), mas sim está limpo respeito ao cumprimento de seu dever de levar aos homens a Cristo para que fossem salvos.

O sangue.

Uma clara referência à responsabilidade do vigia expressa no Eze. 33: 6. Pablo tinha completo com seu dever em relação aos efesios. Seu pensamento é claramente uma repetição do que tinha expresso quando saiu da sinagoga dos judeus em Corinto. Fazia por eles tudo o que podia se fazem A sangue deles quer dizer, a morte que deveriam sofrer se rechaçavam o mensagem salvadora do Evangelho cairia sobre eles (Hech. 18: 6; cf. Mat. 27: 25).

De todos.

Pablo tinha pregado a judeus e a gentis. Fazia o máximo que podia 388 sob o poder de Espírito Santo. Ninguém poderia acusar o de descuido. Este é um exemplo inspirador e uma exortação para cada ministro evangélico.

27.

Fugido.

Ver com. vers. 20. Nenhum temor ou indigno desejo de popularidade induziu ao Pablo a suprimir verdades impopulares, nem a desfigurar seu ministério. Não ocultou a verdade, nem se separou dela.

Conselho de Deus.

Ou seja, o plano de Deus para salvar ao homem. Pablo provavelmente havia escutado este plano pela primeira vez por meio da predicación do Esteban

(cap. 7: 54-58), e mais tarde o tinha aprendido pessoalmente de Cristo (Hech. 9: 4-6; Gál. l: 15-20). Expor ante a gente o propósito da morte de Cristo na cruz, sua ressurreição e ascensão, sua obra como nosso Supremo Sacerdote no santuário celestial, e sua promessa de retornar ao concluir seu obra de intercessão para tomar consigo aos seus. Este é o plano que Pablo esboçou claramente na Epístola aos Romanos.

28.

Olhem.

Em vista da partida do Pablo e do que ele está por lhes dizer, os anciões devem velar com cuidado: em primeiro lugar sobre si mesmos (vers. 30), logo por a grei. Os líderes religiosos são acossados por perigos e tentações especiais em sua conduta pessoal, em sua estabilidade religiosa e perseverança em a doutrina, e também em perigos com os de fora (cf. 2 Cor. 11:23-28), os quais aumentarão à medida que o tempo chegue a seu fim.

Rebanho.

A igreja é o corpo de Cristo (1 Cor. 12: 12-27; F. 4: 12), o templo de Deus (1 Cor. 3: 16-17) e a noiva de seu Senhor (F. 5: 23-32). Mas também é, e muito intimamente, o "rebanho" de Deus (Juan 10: 11-16; cf. 1 Ped. 5: 4; Heb. 13: 20); portanto, deve ser dirigida, não forçada (Juan 10: 26-30); deve ser alimentada, não explorada (Sal. 23; Juan 10: 7-14; 1 Ped. 5: 2).

A palavra "pastor" deriva do verbo latino pasco, "alimentar". A atraente figura do Bom Pastor, tão claramente apresentada nas Escrituras, é um exemplo para o ministro do Evangelho. "Tudo" abrange o rebanho inteiro e cada parte dele, pois não deve haver acepção de pessoas (Sant. 2: 1-9).

Espírito Santo.

A terceira pessoa da Divindade. Os anciões do Efeso eram pessoas nomeadas, sem dúvida, sob a supervisão do Pablo (ver com. cap. 14: 23); mas o apóstolo os considerava escolhidos pelo Espírito Santo mediante o processo designado, e cheios do Espírito (cf. cap. 6: 3). Aqui se revela de novo a firme crença na era apostólica: que o Espírito de Deus estava na igreja e operava por meio dela (Hech. 2: 2-4; 4: 3l; 5: 3-4; 6: 3, 5; 8: 39; 10: 45; 13: 2; 15: 28; 16: 6-7).

Bispos.

Gr. epískopos, literalmente "superintendente", "veedor". Uma comparação com o vers. 17 mostra que nos dias do Pablo, os "anciões" (presbúleros) e bispos (epískopos) tinham o mesmo cargo (Hech. 11: 30; cf. Hech. 1: 20; Tito 1: 5-7). Estes oficiais, conhecidos como anciões, atuavam como "veedores" em a igreja.

Apascentar.

Gr. poimáino, "cuidar um rebanho", "ser pastor". O dever do pastor é cuidar de seu rebanho e levá-lo a bons pastos. Por isso o pastor deve alimentar à igreja, a seu rebanho, com os pastos da Palavra de Deus. O Senhor lhe ordenou ao Pedro três vezes que o fizesse (Juan 21: 15-17). Mais tarde Pedro transmitiu este mandato a seus conversos (1 Ped. 5: 2). O dever pastoral é quíntuplo: (1) Pregar à grei a Palavra de Deus para que entenda o Evangelho (1 Cor. 2: 4-7; F. 3: 8-1l), para que experimente o poder da verdade (Juan 3:

11; 2 Cor. 4: 13) ao apresentar corretamente a Palavra de verdade (2 Tim. 2: 15) e para melhorar a condição espiritual dos paroquianos; (2) orar pela grei (Juan 17: 9-17; ROM. 1: 9; F. l: 16; 1 Lhes. 1: 2; 2 Tim. 1: 3); (3) administrar os ritos à congregação do Senhor com seu profundo significado espiritual: o batismo (ROM. 6: 3-6), o lavamiento dos pés (Juan 13: 3-17) e o Jantar do Senhor (Mat. 26: 26 -30; 1 Cor. 11: 23-30); (4) manter em a igreja a verdade do Evangelho (Jud. 3; 1 Tim. 1: 3-4; 4: 6 -7, 16; 6: 20; 2 Tim. l: 14; 2: 25; 3: 14-17); (5) esforçar-se pela conversão de almas, as atraindo à grei (Hech. 2: 47; 11: 24; cf. Luc. 14: 23).

A igreja do Senhor.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo texto: "igreja de Deus" (BC, BJ, NC), mas admite a possibilidade de que o original dissesse "igreja do Senhor". Pablo freqüentemente se refere ao Jesucristo como Deus (ROM. 9: 5; Tito 2: 13; cf. Couve 1: 15-20; 2: 9; Fil. 2: 5-1 l). Sobre este problema textual, ver também o livro Problem in Bible Translation, pp. 205-208.

Ganhou.

Cristo comprou com seu próprio sangue a quão redimidos constituem a igreja(1 Ped. 1: 18-19). Quem não conheceu pecado foi 389 fato pecado por nós (2 Cor. 5: 21). O nos resgatou quando estávamos mortos em pecados e delitos, e fez-nos sentar nos lugares celestiales (F. 2: 1-6). Fomos "comprados por preço" (1 Cor. 6: 20; 7: 23; cf. 2 Ped. 2: 1).

Por seu próprio sangue.

A frase grega é ambígua. Pode traduzir-se: "mediante o sangue do próprio (ou dele)", quer dizer de seu Filho; ou "mediante seu próprio sangue". A primeira interpretação corresponde com a frase "igreja de Deus" que aparece antes em o versículo, enquanto que "por seu próprio sangue" atribui a deidade a Cristo (conceito que apresentam claramente outras referências), ou concorda com o texto "igreja do Senhor". "O sangue é a vida" (Deut. 12: 23). Quando o sangue derramava-se, cessava a vida. O animal sacrificado morria, e o sangue, que se derramava, prefigurava a morte de Cristo pelos pecadores. A morte de Cristo na cruz do Calvário, quando sangrar e água emanaram de seu coração quebrantado ao sentir a separação de seu Pai (Mat. 27: 46; Juan 19: 34-35), também é apresentada como o sangue que salva (1 Cor. 1: 17 -1 8), o sangue que compra (Hech. 20: 28) e o sangue que poda (1 Juan 1: 7). A morte de Cristo foi o sacrifício expiatório que fez possível a salvação; pelo tanto, a igreja deve ser cuidada por seus pastores com uma devoção e um empenho particulares. Como Cristo amou à igreja e se sacrificou por ela, o pastor da igreja deve também amá-la e sacrificar-se no serviço dela.

29.

Eu sei.

Por seu conhecimento da natureza humana, por experiência, e também pela iluminação que lhe dava o Espírito de Deus.

depois de minha partida.

Pablo tinha sido tutor para as Iglesias que ele tinha baseado. devido a seu ausência aumentaria o perigo para elas. Israel foi fiel durante os dias de Josué e dos anciões que lhe sobreviveram (Juec. 2: 7), mas mais tarde caiu na apostasia.

Lobos rapaces.

Pablo estabelece aqui um paralelo com a parábola que apresentou Cristo do bom pastor. O assalariado não faz frente ao lobo (Juan 10: 12), mas o verdadeiro pastor do rebanho defende a suas necessitadas ovelhas. Como Cristo conhecia o agudo perigo de tais ataques, admoestou-nos a respeito deles (Mat. 7: 15). Os anciões do Efeso deviam Proteger as ovelhas dos lobos que Pablo prediz que entrariam em redil da igreja. Sua advertência a estes anciões não é a única. Já tinha escrito aos Tesalonicenses a respeito da grande apostasia futura (2 Lhes. 2: 1-12), e escreveu mais tarde ao Timoteo alertando-o aproxima de iguais perigos no futuro (1 Tim. 4: 1-3; 2 Tim. 3: 1-15). Nos últimos anos do primeiro século, o apóstolo Juan viu a apostasia como um perigo característico de seus dias (1 Juan 4: 1), e no Apocalipse narra as visões que lhe foram dadas a respeito da espantosa decadência e paganización da igreja (Apoc. 2: 12-24; 6: 3-11; 17; 18). Ver pp. 65-68.

30.

E de vós mesmos.

Os lobos mencionados, que atacariam à igreja de fora, representam as influencia judaizantes e paganizantes que alterariam radicalmente o cristianismo nos próximos séculos. Pablo adverte agora quanto às influências da apostasia dentro da igreja, como nos casos do Demas (2 Tim. 4: 10), Himeneo e Fileto (2 Tim. 2: 17), cujas palavras carcomeriam "como gangrena" e transtornariam "a fé de alguns".

Arrastar atrás de si.

Gr. apospáb, "tirar", "arrancar". Os membros da igreja cristã que apostatassem, arrastariam a outros para que participassem de sua apostasia.

31.

Velem.

Estas palavras parecem ser uma significativa repetição da admoestação do Senhor (Mat. 24: 42; 25: 13), as quais Pablo deve ter tido em conta. Foram especificamente dirigidas aos anciões do Efeso, a quem Pablo acabava de chamar "bispos" (ver com. Hech. 20: 28). O apóstolo enfatiza a vigilância que deve caracterizar a aqueles que guiam e pastoreiam a igreja.

Três anos.

Durante três anos Pablo tinha sido um exemplo de vigilância para a igreja de Efeso. O relato dos Fatos apresenta três meses de predicación na sinagoga (cap. 19: 8), dois anos na escola de Tirano (vers. 10) e um período não especificado que começou imediatamente antes do alvoroço do Demetrio e que continuou depois desse distúrbio. Isto e o bem conhecido método judeu de cômputo inclusivo (ver T. 1, P. 191) é suficiente base para a declaração general do Pablo dos "três anos". Ver pp. 104-105.

Admoestar.

Gr. nouthetéó, literalmente "pôr na mente", "exortar", "admoestar". Pablo colocou claramente ante eles o perigo e o dever.

Com lágrimas.

A profunda simpatia de 390 Pablo, no sentido literal de "compartilhar os sentimentos", é evidente em muitos de seus escritos (Hech. 20: 19; 2 Cor. 11: 29). Pablo exige aqui muita solicitude e grande eficiência pastoral, e sem embargo nenhum dos anciões apresenta objeções a sua declaração.

32.

Encomendo.

Gr. paratíthe'meu, "colocar ao lado", "encarregar", usado aqui no sentido de "confiar" (C 1 Ped. 4: 19). Entende-se que estes professores do Pablo deviam transmitir a outros a verdade que eles tinham recebido (cf. 2 Tim. 1: 14), a que chega A. ser um "compromisso", ou "depósito" (paratheké) de fé (2 Tim. 1: 12) para o dia de Cristo.

A palavra de sua graça.

Uma expressão paralela é "a palavra de seu poder" (Heb. 1: 3), ou "sua poderosa palavra": a palavra que tem poder para sustentar o universo. "A palavra de sua graça" também pode levar a cabo a salvação daqueles que acreditam nele (Jud. 24). A palavra graça (járis) freqüentemente está intimamente unida com a palavra "poder" (dúnamis) como em 2 Cor. 19: 9. A "palavra" (lógos) não está personificada aqui significando ao Jesucristo; mas quando ele fala, sua palavra está cheia de graça e também cheia de poder (cf. Sant. 1: 21; Heb. 4: 12; Jer 23: 29). Quanto a jáús, ver com. ROM. 3: 24.

Sobreedificaros.

Deus é o Arquiteto supremo, e o fundamento é Jesucristo (1 Com 3: 11). Os dons do Espírito Santo, atuando por meio de homens espiritualmente dotados, conferem-se para esta "edificação" ou sobreedificación (F. 2: 20; 4: 11-13). O resultado é o aperfeiçoamento da igreja ou a assembléia de os Santos (1 Ped. 2: 5, 9-1O; Heb. 12: 22-24; F. 5: 27) e a imitação do caráter de Cristo em cada um dos que acreditam nele (Fil. 3: 8-14; F. 3: 14-21; 2 Ped. 1: 3-8).

Herança.

Melhor "a herança" (BC, BJ, NC). A expressão se relaciona com o distribuição de terra entre os israelitas (Jos. 14-19). Mas o povo de Deus, devido a sua falta de fé, não chegou a ocupar a terra (Juec. 1-2; Heb. 3-4). A herança dos filhos de Deus deve considerar uma posse em forma tão concreta como a que se ofereceu aos hebreus, e deve ser reclamada com toda certeza em Cristo. Compare-se com a apresentação que faz Pablo da herança em sua Epístola aos Efesios: "os penhor de nossa herança" (F. 1: 14), que é o objeto de nossa salvação proporcionada pelo Espírito Santo; "sua herança nos Santos" (F. 1: 18), a posse presente e espiritual do cristianismo; a "herança no reino" (F. 5: 5), que começará com a segunda vinda de Cristo (Mat. 25: 34; Luc. 12: 32). Quando Cristo venha por segunda vez, os Santos de Deus entrarão no céu e reinarão durante mil anos (1 Lhes. 4: 16-17; Apoc. 20: 4-5), e depois habitarão na terra renovada (Apoc. 21: 1-4).

Santificado-los.

A santificação dos filhos de Deus deve completar-se em Cristo antes de que

entrem em possuir a herança celestial. Ser santificado é ser santo (ROM. 1: 7; 1 Cor. 1: 2; 2 Cor. 1: 1), e esta frase se aplica a todo o conjunto de crentes. "A santificação é a obra de toda a vida" (PVGM 46), mas como nenhum conhece quanto durará sua vida, a obra da santificação deveria ser na experiência do crente uma obra que se efectúa constantemente e sem obstáculos. A santificação é de Deus (Exo. 31: 13; Eze. 37: 28; 1 Lhes. 5: 23; Jud. 1), de acordo com sua vontade (Heb. 10: 10), em Cristo (1 Cor. 1: 2; 6: 11; F. 5: 26; Heb. 13: 12), pelo Espírito Santo (1 Cor. 6: 11; ROM. 15: 16), por meio da Palavra de Deus (Juan 17: 17).

33.

Nem prata nem ouro nem vestido.

Na antigüidade, a riqueza freqüentemente se calculava em términos das posses mencionadas. Assim aconteceu no caso do Naamán (2 Rei. 5: 5) e de outros mais (Gén. 24: 53; 45: 22; 2 Rei. 7: 8; cf. Mat. 6: 19; Sant. 5: 2-3).

cobicei.

Melhor "cobicei" (BC, BJ). Compare-se com a exortação do Samuel a seu povo (1 Sam. 12: 3-5). Em ambos os casos havia razões especiais para que apresentassem o que pode aparecer como uma defesa desnecessária. Os filhos do Samuel haviam perdido sua integridade e eram corruptos (1 Sam. 8: 3); Pablo foi acusado de encobrir "avareza" (1 Lhes. 2: 5; cf. 2 Cor. 7: 2; 12: 17-18). Pablo tinha direito de pedir compensação por seus trabalhos evangélicos (1 Cor. 9: 13-14), mas não o fez para que não o acusassem de avareza (1 Cor. 9: 12, 15). Pablo, com seu notável influencia sobre a gente (cf. Gál. 4: 13-15), poderia haver granjeado benefícios materiais para seu próprio enriquecimento; mas não o fez. Sabia "viver humildemente" e "ter abundância" (Fil. 4: 12). Havia aprendido a contentar-se, "qualquer" fora seu "situação" (Fil. 4: 11). Nunca tinha obtido nenhum ganho dos corintios (2 Cor. 12: 17, BJ). Não desejava "dádivas" dos filipenses (Fil. 4: 17). Trabalhava com suas mãos 391 antes que Permitir que o sustentaram; e apresenta este fato no versículo seguinte como sua defesa contra a acusação de que seus esforços para estender o Evangelho estavam realmente motivados pela cobiça das riquezas de outros.

34.

Vós sabem.

A relação do Pablo com os crentes do Efeso tinha sido tão estreita e prolongada, que eles sabiam que o que dizia de si mesmo era verdade.

O que me foi necessário.

Gr. jreía, "necessidade". À medida que Pablo e seus companheiros foram de um lugar a outro se conformavam com o sustento material indispensável, ao mesmo tempo que subministravam as riquezas da graça divina a outros. Não desejavam os luxos que este mundo podia oferecer.

Estas mãos me serviram.

Esta expressão demonstra o costume do Pablo de trabalhar para sustentar-se, e apresenta-se como parte de sua defesa contra a acusação de cobiça. Pablo tinha trabalhado em Corinto com a Aquila e Priscila em seu ofício de fazer lojas (cap. 18: 1-3). Previamente tinha trabalhado no Efeso (1 Cor. 4: 12) e em

Tesalónica (1 Lhes. 2:9; 2 Lhes. 3: 8). Este versículo demonstra que também trabalhou no Efeso. Pablo trabalhava não só para sustentar-se ele mas também também para ajudar a alguns de seus companheiros que o necessitavam. Timoteo, com seus "freqüentes enfermidades" (1 Tim. 5: 23), possivelmente foi um deles. Pablo não acreditava que se desonrava no mais mínimo porque tinha que trabalhar para fazer frente a seus gastos enquanto pregava o Evangelho, quando a igreja ainda não tinha aprendido a sustentar a seus ministros.

35.

Em tudo.

A instrução do Pablo aos crentes do Efeso não tinha sido só em doutrina mas também em assuntos de piedade prática: sustento próprio com fé em Deus e amor cristão.

Ensinei-lhes.

Gr. hupodéiknumi , "mostrar", "apresentar como modelo".

Ajudar.

Gr. antilambánô, "tomar pelo lado oposto", uma expressão gráfica da idéia de "ajudar". Este conselho está exemplificado com o trabalho manual do Pablo a favor de outros.

Necessitados.

Ou "doentes", "débeis", palavra que pode aplicar-se a um que está "fraco em a fé" (ROM. 14: 1); mas como Pablo se acaba de referir ao trabalho físico (Hech. 20: 34-35), a única conclusão é que "necessitado-los" são os que em verdade estão pobres e doentes. O resto do versículo leva a mesma conclusão. Os membros da igreja apostólica estiveram mais dispostos a cumprir com esta responsabilidade que os de tempos posteriores (ver com. cap. 6: 1-2).

Recordar.

Pablo reforçou sua admoestação aos anciões da igreja para que cuidassem de necessitado-los, citando um dito do Senhor que não está registrado. A entrevista provém dos lábios do Pablo com inspirada autoridade apostólica, o qual não pode dizer-se de várias declarações que a tradição atribuiu a Cristo.
Não se registra se Pablo escutou esta afirmação de alguém que a ouviu do Jesus, ou se a ouviu pessoalmente do Jesus durante uma de suas revelações diretas ao apóstolo. Recordar" implica um prévio conhecimento geral do ensino.
Esta declaração é uma das "outras muitas coisas" (Juan 21: 25) que Jesus disse e fez, que não se registram nos Evangelhos.

Que disse.

Literalmente "que O mesmo disse" (NC). Em grego esta expressão é enfática.

Bem-aventurado.

A bem-aventurança é uma bênção recíproca. que recebe é bem-aventurado, ou feliz, já seja sua necessidade espiritual ou física; mas a bênção maior é para o doador. Há gozo em compartilhar. que dê-se desprende de seus próprios interesses; dá preeminencia a seus mais nobres impulsos,

e recebe a aprovação de Deus (Mat. 25: 34-40). Como Deus é o Doador sem limites (Gén. 22: 8-13; Sal. 23; Juan 6: 16, 34), o dar é um ato que se origina em Deus.

36.

De joelhos.

Uma posição normal para orar (Sal. 95: 6; Dão. 6: 10), apropriada como sinal de humildade ante a Majestade Divina a quem se dirige a oração, e adotada especialmente em momentos solenes (2 Crón. 6: 13; 1 Rei. 8: 54; Luc. 22: 41). Também se registra que Pablo se ajoelhou quando se despediu dos irmãos em Tiro (Hech. 21: 5; cf. F. 3: 14).

Orou com todos eles.

Embora Lucas dá resúmenes completos dos discursos do Pablo e até dá seus conversações, não registra as palavras da oração do Pablo com os anciões do Efeso. O tema da oração pode deduzir-se de F. 3: 14-2 L. O motivo principal das orações do Pablo por seus companheiros e conversos aparece no Hech. 28: S; ROM. 1: 9 -10; F. 1: 16-19; Fil. 1: 4-5; 1 Lhes. 1: 2; 2 Tim. 1: 3; File. 4-6.

37.

Pranto de todos.

Não podiam demonstrar 392 em forma mais impressionante a alta estima que sentiam pelo Pablo e seu tenro afeto por ele.

Tornando-se ao pescoço do Pablo.

Uma forma normal naquelas terras, de abraçar-se ao encontrar-se ou ao despedir-se (Gén. 33: 4; 45: 14; 46: 29; Luc. 15: 20). Os amigos do Pablo o amavam.

38.

Doendo-se.

Ou "afligidos" (BJ, NC), "em angústia", "doloridos", "angustiando-se a si mesmos".

Não veriam mais seu rosto.

Ver com. vers. 25.

Acompanharam-lhe.

Literalmente "despediram-no". As mesmas palavras gregas se traduzem em outro passagem "encaminhados" (cap. 15: 3). Os anciões do Efeso permaneceram com Pablo tanto tempo como foi possível, e o acompanharam até o navio no qual viajava. Ver com. cap. 15: 3.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

4 HAp 239

7-13 HAp 313

16 HAp 313

16-21 HAp 314

18-20 MB 66

18-21 2jT 540; TM 322

18-35 MC 112

20 Ev 119

20-21 HAp 293; MB 68; OE 196; SC 146

21 1JT 527

22-23 P 207

22-27 HAp 315

24 HAp 475; PR 108; 1T 372, 58 1; 3T 27

26 OE 61

26-27 1JT 600

26-28 FÉ 223

27 HAp 293-9 OE 196; 1T 247

28 CM 215; FÉ 220; HAp 316; P 99

28-29 PP 190

28-30 P 27

29 HAp 421

29-34 HAp 316

30 CW 152; Ev 431; 2JT 103; MM 98

31 Ev 318; MB 82

32 MeM 270

33 CH 410; 4T 574

33-35 HAp 284

34 Ed 62

35 HAp 276; 1JT 381; 4T 57

35-38 HAp 317

36 OE 187

CAPÍTULO 21

1 Pablo insiste, a toda costa, em ir a Jerusalém. 9 As quatro profetisas filhas do Felipe. 17 Pablo chega a Jerusalém, 27 é feito detento e está em grande Perigo; 31 mas o tribuna ou capitão o resgata e lhe permite falar com a multidão.

1 depois de nos separar deles, zarpamos e fomos com rumo direto ao Cos, e ao dia seguinte a Roda, e dali a Pátara.

2 E achando um navio que passava a Fenícia, embarcamo-nos, e zarpamos.

3 Ao avistar o Chipre, deixando-a a emano esquerda, navegamos a Síria, e atracamos a Tiro, porque o navio tinha que descarregar ali.

4 E achados os discípulos, ficamos ali sete dias; e eles diziam a Pablo pelo Espírito, que não subisse a Jerusalém.

5 Cumpridos aqueles dias, saímos, nos acompanhando todos, com suas mulheres e filhos, até fora da cidade; e postos de joelhos na praia, oramos.

6 E nos abraçando os uns aos outros, subimos ao navio, e eles se voltaram para suas casas.

7 E nós completamos a navegação, saindo de Tiro e atracando a Tolemaida; e tendo saudado os irmãos, ficamos com eles um dia.

8 Ao outro dia, saindo Pablo e os que com ele estávamos, fomos a Cesarea; e entrando em casa do Felipe o evangelista, que era um de 393 os sete, posamos com ele.

9 Este tinha quatro filhas donzelas que profetizavam.

10 E permanecendo nós ali alguns dias, descendeu da Judea um profeta chamado Agabo,

11 quem vindo a nos ver, tomou o cinto do Pablo, e atando-os pés e as mãos, disse: Isto diz o Espírito Santo: Assim atarão os judeus em Jerusalém ao varão de quem é este cinto, e lhe entregarão em mãos dos gentis.

12 Para ouvir isto, rogamo-lhe nós e os daquele lugar, que não subisse a Jerusalém.

13 Então Pablo respondeu: O que fazem chorando e me quebrantando o coração? Porque eu estou disposto não só a ser pacote, mas até a morrer em Jerusalém por o nome do Senhor Jesus.

14 E como não lhe pudemos persuadir, desistimos, dizendo: Faça-a vontade do Senhor.

15 depois desses dias, feitos já os preparativos, subimos a Jerusalém.

16 E vieram também conosco da Cesarea alguns dos discípulos, trazendo consigo a um chamado Mnasón, do Chipre, discípulo antigo, com quem hospedaríamo-nos.

17 Quando chegamos a Jerusalém, os irmãos nos receberam com gozo.

18 E ao dia seguinte Pablo entrou conosco a ver o Jacobo, e se achavam
reunidos todos os anciões;

19 aos quais, depois de lhes haver saudado, contou-lhes uma por una as coisas
que Deus tinha feito entre os gentis por seu ministério.

20 Quando eles o ouviram, glorificaram a Deus, e lhe disseram: Já vê, irmão,
quantos milhares de judeus terá que acreditaram; e todos são ciumentos pela lei.

21 Mas lhes informou quanto a ti, que ensina a todos os judeus que
estão entre os gentis a apostatar do Moisés, lhes dizendo que não circuncidem
a seus Filhos, nem observem os costumes.

22 O que há, pois? A multidão se reunirá de certo, porque ouvirão que há
vindo.

23 Faz, pois, isto que lhe dizemos: Há entre nós quatro homens que têm
obrigação de cumprir voto.

24 Toma-os contigo, te desencarda com eles, E Pagamento seus gastos para que se raspem
a cabeça; e todos compreenderão que não há nada do que lhes informou aproxima
de ti, mas sim você também anda ordenadamente, guardando a lei.

25 Mas quanto a quão gentis acreditaram, nós lhes temos escrito
determinando que não guardem nada disto; somente que se abstenham do
sacrificado aos ídolos, de sangue, de afogado e de fornicação.

26 Então Pablo tomou consigo a aqueles homens, e ao dia seguinte,
havendo-se desencardido com eles, entrou no templo, para anunciar o
cumprimento dos dias da purificação, quando tinha que apresentá-la
oferenda por cada um deles.

27 Mas quando estavam para cumpri-los sete dias, uns judeus da Ásia, ao
lhe ver no templo, alvoroçaram a toda a multidão e lhe jogaram mão,

28 dando vozes: Varões israelitas, ajudem! Este é o homem que por todas
parte insígnia a todos contra o povo, a lei e este lugar; e além disto,
colocou a gregos no templo, e profanou este santo lugar.

29 Porque antes tinham visto com ele na cidade ao Trófimo, do Efeso, a quem
pensavam que Pablo tinha metido no templo.

30 Assim que toda a cidade se comoveu, e se amontoou o povo; e apoderando-se de
Pablo, arrastaram-lhe fora do templo, e imediatamente fecharam as portas.

31 E procurando eles lhe matar, lhe avisou ao tribuno da companhia, que toda
a cidade de Jerusalém estava alvoroçada.

32 Este, tomando logo soldados e centuriões, correu a eles. E quando eles
viram o tribuno e aos soldados, deixaram de golpear ao Pablo.

33 Então, chegando o tribuno, prendeu-lhe e lhe mandou atar com duas cadeias, e
perguntou quem era e o que tinha feito.

34 Mas entre a multidão, uns gritavam uma coisa, e outros outra; e como não
podia entender nada de certo a causa do alvoroço, mandou-lhe levar a

fortaleza.

35 Ao chegar aos degraus, aconteceu que era levado em peso pelos soldados a causa da violência da multidão;

36 porque a multidão do povo vinha detrás, gritando: Mora!

37 Quando começaram a colocar ao Pablo na fortaleza, disse ao tribuno: Se me permite te dizer algo? E ele disse: Sabe grego?

38 Não é você aquele egípcio que levantou 394 a rebelião antes destes dias, e tirou o deserto os quatro mil vigários?

39 Então disse Pablo: Eu de certo sou homem judeu do Tarso, cidadão de uma cidade não insignificante de Cilícia; mas te rogo que me permita falar ao povo.

40 E quando ele o permitiu, Pablo, estando em pé nos degraus, fez sinal com a mão ao povo. E feito grande silêncio, falou em língua hebréia, dizendo:

1

depois de nos separar deles.

O verbo grego contém a idéia de uma separação dolorosa, e a frase poderia traduzir-se "uma vez arrancados deles" (BC).

Rumo direto.

Evidentemente com vento e maré favoráveis.

Cos.

Islita perto da costa do Ásia Menor, à entrada do arquipélago grego (ver, mapa P. 364). Na antigüidade houve nesta ilha um templo dedicado a Esculapio e também uma escola de medicina. Além disso, era famosa por seu vinho, e mais tarde, por sua produção de seda e por suas malhas.

Ao dia seguinte.

Lucas, evidentemente interessado nas viagens marítimas, é cuidadoso em levar o registro dos dias que necessitavam para fazer a viagem (cf. cap. 20: 6-7, 15).

Roda.

Ilha célebre situada no ângulo sudoeste da costa do Ásia Menor (ver mapa P. 364), que adquiriu fama durante as guerras do Peloponeso. Deve seu nome a grande quantidade de rosas que cresciam na ilha. Sua madeira, útil para construções navais, permitiu que seus cidadãos tivessem uma grande flutua naval. Sua posição geográfica em uma encruzilhada marítima lhe dava uma grande importância comercial e militar. Tinha um grande templo dedicado ao sol, e em seu moeda estava gravada a cabeça do Apolo, o deus sol. Em seu porto se levantava uma enorme estatua do Apolo, de metal, de mais de 30 m de altura, chamada o Colosso de Roda. Esta estátua, considerada como uma das sete maravilhas do mundo, foi construída pelo Cares ao redor do ano 280 A. C., e derruba por um terremoto no ano 224 A. C. Assim ficou durante 900 anos.

No século VII, os conquistadores sarracenos a venderam a um judeu, de quem se diz que usou 900 camelos para levar-lhe em pedaços.

Pátara.

Embora alguns manuscritos acrescentam "e Olhe", a evidência textual (cf. P. 10) se inclina pela omissão destas palavras. Pátara, cidade situada na costa da província da Licia (ver mapa P. 364), era célebre pelo culto ao Apolo. Estava perto da boca do rio Janto, e era o porto da cidade do mesmo nome. Pablo e seus companheiros fizeram aqui o transbordo a outro navio que ia com rumo a Fenícia. Olhe se menciona como um porto no qual Pablo fez escala em sua viagem a Roma (Hech. 27: 5).

2.

Fenícia.

Região marítima ao norte da Palestina (ver T. V, mapa frente P. 353). Tiro e Sidón eram suas cidades principais.

3.

Chipre.

Ver com. cap. 13: 4-6.

Síria.

Antigo território que estava ao norte da Palestina, ao oeste do rio Eufrates. Lucas inclui tiro, de Fenícia, no que se denominava a grande Síria.

Tiro.

Um muito antigo porto marítimo de Fenícia, a uns cinco dias de navegação desde a Pátara. Tiro era uma cidade solidamente fortificada nos dias do Josué Jos. 19: 29). Foi famosa em relação com a edificação do templo do Salomón (1 Rei. 7: 13-45; 2 Crón. 2: 11-16). A cidade foi sitiada pelos assírios e pelos babilonios, e foi conquistada mais tarde pelo Alejandro Magno.

4.

Achados os discípulos.

O verbo grego sugere a idéia de procurar até achar. É difícil que se refira a discípulos que estavam ali por acaso. Isto significa que havia um conjunto de cristãos tirios. portanto, é a primeira menção específica de que houvesse uma igreja em Tiro, embora provavelmente existia desde muitos anos atrás (cap. 1 l: 19; 15: 3).

Sete dias.

Pablo desejava estar em Jerusalém para o Pentecostés (cap. 20: 16); mas tinha suficiente tempo e, sem dúvida por pedido da igreja de Tiro, ficou ali uma semana.

Diziam.

Estas admoestações proféticas talvez foram apresentadas em sábado, ou em

outras reuniões da igreja de Tiro, e evidentemente as pronunciaram homens que possuíam os dons do Espírito (Gál. 6: 1; cf. pp. 28, 41-42).

Pelo Espírito.

"Iluminados pelo Espírito" (BJ); "movidos do Espírito" (BC, NC). Não pode significar o espírito "humano" a não ser o Espírito Santo de Deus, personagem tão destacado no livro dos Fatos (cap. 2: 2-4; 5: 3; 8: 39; 10: 44-45; 13: 2; 15: 28; 16: 6-7).

Que não subisse.

Evidentemente não deve entender-se como uma proibição do Espírito Santo de que continuasse sua viagem para Jerusalém, como quando lhe impediu de entrar na Ásia e Bitinia (cap. 16: 6-7), porque de ser assim Pablo tivesse obedecido a direta proibição do Espírito Santo. Deve ver-se como uma advertência semelhante à que forma mais definida lhe deu Agabo Cesarea um pouco mais tarde (cap. 21: 10-11).

5.

Cumpridos aqueles dias.

Ou "completados". Se refere aos "sete dias" do vers. 4. O verbo grego que se traduz "cumpridos" e "preparado" em 2 Tim. 3: 17, tem o significado primário de preparar-se, alistar-se, equipar (por exemplo, um navio). Por isso alguns deduzem que se necessitou uma semana para reacondicionar o casco de navio em Tiro. Entretanto, em uma frase que se refere a tempo, como aqui, é melhor traduzi-la "completar", 'terminar".

Saímos.

"Tendo partido, seguimos nosso caminho".

nos acompanhando todos.

Toda a igreja de Tiro, incluindo as algemas e os meninos, acompanharam a Pablo e a seus companheiros da cidade até a praia (ver com. cap. 15: 3; 20: 38).

Postos de joelhos . . . oramos.

Ver com. cap. 20: 36.

6.

nos abraçando.

Literalmente "despedimo-nos uns de outros" (BC, BJ).

A suas casas.

Gn, eis lha ídia "ao seu", ou seja, "a suas respectivas casas" (ver com. Juan 1: 11).

7.

Navegação.

Gr. plóos, "viagem". Refere-se à viagem desde Tiro ou à viagem da Macedônia. Pablo e seus companheiros aparentemente efetuaram o resto de sua viagem por terra, desde a Tolemaida até Jerusalém.

Tolemaida.

Era o nome que os governantes gregos e romanos davam à antiga cidade conhecida como Aco (Juec. 1: 31). Os cruzados mais tarde a chamaram San Juan de Acre, ou só Acre. Nos tempos do AT era uma cidade importante, mas foi superada quando Herodes o Grande construiu Cesarea.

Os irmãos.

Na Tolemaida também havia uma igreja. Esta localidade está situada na rota que une as cidades da costa. Por 10 tanto os crentes dispersados durante a perseguição que seguiu à morte do Esteban, sem dúvida visitaram a cidade e ganharam conversos (cap. 11: 19).

Pablo e os que com ele estávamos.

A evidência textual tende a confirmar (cf. P. 10) a omissão desta frase.

A Cesarea.

Ver com. cap. 10: 1. deduz-se que a viagem foi por terra (ver com. vers. 7). Naquele tempo havia já uma estrada excelente entre a Tolemaida e Cesarea. Em quanto a aparente preferência do Pablo de viajar por terra, cf. cap. 20: 13.

Felipe o evangelista.

Felipe foi um dos primeiros "servidores das mesas", ou diáconos, e na lista de diáconos seu nome aparece depois do do Esteban (cap. 6: 5). Para Felipe esta obra se fundiu com a de "evangelista", ou possivelmente só se ocupava deste último ministério (cap. 8: 5-13, 26-40). Este título não deve considerar-se como uma descrição geral de sua obra, resultado direto de ter recebido esse dom particular do Espírito Santo (F. 4: 11; ver com. Hech. 13: 1). A importância deste dom se destaca na exortação do Pablo ao Timoteo para que fizesse "obra de evangelista" (2 Tim. 4: 5) e avivasse "o fogo do dom de Deus que" estava nele (2 Tim. 1: 6).

Sem dúvida os trabalhos do Felipe como evangelista o levaram além dos limites da Cesarea, cidade onde o encontramos antes (Hech. 8: 40). Pôde muito bem ter pregado por todos os lugares das costas da Palestina e Fenícia, junto com outros que foram pulverizados durante a perseguição que seguiu à morte do Esteban (cap. 11: 19). Esta é provavelmente a primeira vez que Lucas e Felipe se encontraram, e também a primeira vez que Felipe e Pablo estiveram juntos.

Um dos sete.

Ainda se considerava os sete do cap. 6 como grupo especial. Já seja que Lucas tivesse querido referir-se à organização destes servidores da igreja, ou que simplesmente os recordava, o fato é que após em o cristianismo se manteve o diaconado.

Posamos com ele.

Evidentemente a residência do Felipe estava na Cesarea. Lucas, o historiador da igreja primitiva, sem dúvida aproveitou ao máximo esta oportunidade para conseguir do Felipe e sua família uma valiosa informação concernente ao estado da igreja.

9.

Quatro filhas.

Essas jovens possuíam o dom de profecia (ver com. Hech. 13: 1; cf. 1 Cor. 14: 1, 3 -4; F. 2: 20; 4: 11). O verbo "profetizar" significa "proclamar", "ser porta-voz"; aqui, falar em nome de Deus, ver com. Gén. 20: 7; Mat. 11: 9. Um profeta pode 396 de predizer ou não o futuro. A Bíblia apresenta uma quantidade de casos nos quais se confiou a mulheres este dom, o mais desejável dos dons do Espírito (1 Cor. 14: 1). María, a irmã do Moisés, era profetisa (Exo. 15: 20) como Débora, com cuja alentadora ajuda Barac derrotou aos cananeos (Juec. 4: 4). A esposa do Isaías era profetisa (ISA. 8: 3), e também Fuga, que ajudou ao sacerdote Hilcías nas reformas do Josías, rei de Judá (2 Rei. 22: 14; 2 Crón. 34: 22). Ana a profetisa saudou seu Senhor quando era bebê (Luc. 2: 36-38). Também se mencionam falsas profetisas (Neh. 6: 14; Apoc. 2: 20). Joel predisse o derramamento do dom de profecia nos últimos dias sobre as "sirva" (Joel 2: 28-29).

10.

Alguns dias.

Ou "mais dias", o qual indica uma permanência mais prolongada que a que se havia proposto ao princípio.

Judea.

No sentido limitado do término, o antigo território do Judá, não a província romana da Judea, que incluía a Cesarea.

Agabo.

Sem dúvida é o mesmo que tinha profetizado a fome (cf. cap. 11: 28). A coincidência deste nome pouco comum e seu extraordinário dom, dificilmente permitem supor que se trate de duas pessoas diferentes.

11

Cinto.

Banda ou bandagem de linho, lã ou couro, que se colocava ao redor da cintura para juntar as amplas dobras do vestido da época, especialmente se se ia trabalhar ou a caminhar. Era suficientemente largo para lhe fazer bolsos onde levar dinheiro, tabuletas e punção para escrever, etc.

Atando-se

Uma profecia que se ilustrou com gestos, método que por indicação divina usaram Isaías (ISA. 20), jeremías (Jer. 13: 1-11; 18: 1-10; 19: 1-3; 27: 2-3; 28) e Ezequiel (Eze. 4: 1-13; 5: 1-4).

Espírito Santo.

Os membros da igreja apostólica eram conscientes da presença direta, pessoal e dinâmica do Espírito Santo no pensar, dizer e fazer deles. Essa presença era tão real então como a do Jesus o tinha sido para seus discípulos. Cf. Juan 16:7; Hech. 2: 2-4; 5: 3; 13: 2.

Os judeus.

Tudo isto se cumpriu (vers. 33; cap. 24).

Gentis.

Quando se cumprisse a profecia do Agabo, Pablo seria entregue aos romanos que exerciam governo civil e militar na Palestina. Pablo permaneceu tranqüilo ante a advertência; não se acovardou ante o perigo.

12.

Rogamos.

Melhor "rogávamos", quer dizer rogamos repetidas vezes".

Nós e os daquele lugar.

Pablo e seus acompanhantes, incluindo o Lucas e também à igreja da Cesarea, escutaram a profecia, a qual, sem dúvida, foi apresentada publicamente, talvez em uma reunião sabática.

13.

O que fazem?

"Me quebrantando o coração" não significa tanto quebrantar o espírito do Pablo devido à tristeza, como debilitar seu propósito de cumprir sua missão em Jerusalém.

Estou disposto.

Em grego o pronome "eu" é enfático. Indica a inflexível determinação de Pablo de fazer o que considerava correto e pensava que valia a pena o custo do sofrimento (cf. Hech. 20: 24; Luc. 9: 51).

A morrer.

Se expressa o verdadeiro espírito do mártir.

Pelo nome.

Cf. Fil. 3: 7-8. O apóstolo e seus companheiros fizeram proezas no nome de Jesus. Cf. Hech. 4: 12; 5: 41; ver com. cap. 3: 16.

14.

Faça-a vontade.

A igreja compreendeu que não serviria de nada nenhuma súplica, pois Pablo estava decidido a ir a Jerusalém. A vontade divina se fez clara na resolução do Pablo: seguir viagem a Jerusalém apesar dos perigos que o

ameaçavam. O fazer a vontade de Deus proporciona paz interior, embora possa resultar em sofrimento e distúrbio externo (cf. Luc. 22: 42).

15.

Subimos.

No grego diz "subíamos"; quer dizer, "estávamos subindo", continuando o viaje a Jerusalém.

16.

Trazendo consigo a um chamado Mnasón.

Melhor "nos levando ao Mnasón". "Levaram-nos a casa de certo Mnasón" (BJ). Este discípulo de quem não se sabe nada mais, tinha saído do Chipre e formado seu lar em Jerusalém, ou em uma aldeia no caminho a Jerusalém. O nome era comum entre os gregos, e pode ter sido um dos primeiros conversos helenísticos.

Hospedaríamo-nos.

Este versículo mostra que alguns dos crentes da Cesarea acompanharam a Pablo e a seus amigos durante todo o caminho a Jerusalém (103 km.) para apresentar ao apóstolo ao Mnasón, amigo deles, um discípulo a quem Pablo nunca tinha visto, e que seria seu anfitrião. Esta não era a primeira visita do Pablo a Jerusalém; não era desconhecido para a igreja dali, e não necessitava que o apresentassem a um desconhecido para ter onde alojar-se em Jerusalém.

Esta aparente discrepância no relato, deve entender-se e harmonizar-se tendo em conta fatores geográficos e os costumes sociais daqueles tempos.

O trajeto de quase 103 km. desde a Cesarea até Jerusalém era muito comprido para um dia de viagem; mas podia cobrir-se em dois ou três dias. As demonstrações de hospitalidade não faziam necessário que os crentes da Cesarea acompanhassem ao Pablo e a seu grupo até Jerusalém só para apresentá-lo a um amigo que o ia hospedar. É mais provável que o acompanharam durante um dia de viaje até a casa de seu amigo Mnasón, em uma população que estava no caminho, onde Pablo e seus companheiros se hospedaram uma noite.

O problema da localização da casa do Mnasón é antigo. O Códice de Lábia inferiora grossa (século V ou VI) resolve ampliando o texto: "E estes [os discípulos de Cesarea] trouxeram-nos até aqueles com quem tinha de nos alojar; e quando chegamos a certa aldeia alojamos com o Mnasón do Chipre, um antigo discípulo. E quando partimos dali, chegamos a Jerusalém". Embora esta é uma seqüência lógica, a evidência textual estabelece (cf. P. 10) o seguinte texto: "Acompanharam-nos também alguns dos discípulos da Cesarea, nos levando até certo Mnasón do Chipre, antigo discípulo, com o qual tínhamos que nos alojar. Tendo chegado nós a Jerusalém . . ." No vers. 17 se narra o final da viagem e a recepção de parte dos irmãos de Jerusalém.

17.

Receberam-nos com gozo.

Os membros da igreja de Jerusalém, a quem Pablo tinha conhecido em seus visitas anteriores, alegraram-se muito de lhe dar a bem-vinda.

18.

Jacobo, e . . . todos os anciões.

logo que foi possível Pablo chamou o Jacobo, indubitavelmente o ancião que presidia, e aos outros dirigentes da igreja de Jerusalém. Estes poderiam ter sido os apóstolos que ainda residiam ali e não os anciões escolhidos pela igreja local (cf. cap. 14: 23). Mas no cap. 15: 2, 4, 6, especificamente se mencionam tanto anciões como apóstolos. Este Jacobo, sem dúvida "o irmão do Senhor", tinha presidido o concílio de Jerusalém (ver com. Hech. 12: 17; cf. Hech. 15: 13; Gál. 1: 19).

19.

Contou-lhes uma por uma.

Melhor "relatava" uma por uma. Cf. Hech. 15: 3; Prov. 15: 30. O relatório de Pablo punha à corrente aos anciões das vicissitudes do apóstolo desde seu última visita a Jerusalém que se registra no Hech. 18: 22, e incluía uma referência às oferendas que o apóstolo trazia dos cristãos de origem gentil para os cristãos necessitados da Palestina, que eram de origem judia.

20.

Glorificaram.

Melhor "glorificavam" (BC, BJ, NC). Parece que o fizeram quando Pablo terminou, por meio de uma expressão geral de agradecimento. Como é correto, não se menciona nenhum louvor para o Pablo.

Quantos milhares de judeus.

Literalmente "quantas miríades". Isto dá uma idéia do notável progresso que o Evangelho tinha feito entre os judeus. Mas esta quantidade pode incluir não só aos judeus conversos que viviam em Jerusalém, porque milhares de judeus, como Pablo, poderiam ter vindo para o Pentecostés. Com referência a "multidões" de crentes ou "grande número" deles, ver cap. 6: 1, 7; 9: 31; 11: 21, 24; 14: 1; 17: 4.

Ciumentos pela lei.

Os cristãos de origem judia não tinham aceito as decisões do concílio de Jerusalém como o tinham feito os de origem gentil; não se tinham liberado das cerimônias da religião judia (ver com. cap. 15: 19-21). Ainda seguiam praticando, em uma forma ou outra, o ritual do AT, e sem dúvida também respeitavam muitas das leis tradicionais dos fariseus. Quanto aos fariseus, ver T. V, pp. 53-54, 57. Pablo se descreve a si mesmo como havendo vivido "conforme a mais rigorosa seita de nossa religião" (cap. 26: 5). De esta classe evidentemente provinham a maioria dos conversos primitivos embora, a diferença do Pablo, continuavam sendo legalistas.

21.

Lhes informou.

Os oponentes judaizantes do Pablo não só tinham sido "ciumentos da lei", mas sim indubitavelmente também o tinham sido em difundir informe exagerados

e prejudiciais quanto aos ensinos teológicos do Pablo. Não é de se surpreender que o apóstolo admoeste tão seriamente contra julgar uns a outros quanto ao cumprimento de cerimônias religiosas. (ROM. 14: 1-10; Couve. 2: 16). O mesmo sofreu muito por causa dos ciumentos críticos legalistas. Afirmavam que eram cristãos, mas se haviam autoerigido como Juizes porque não tinham experiente o Evangelho de Cristo e lhes faltava fé. Cumprir sem fé com as obras da religião é pecado (ROM. 14: 23). 398

Que ensina . . . a apostatar do Moisés.

Literalmente "que insígnias a apostasia do Moisés" (BC). Este foi o cargo que circulou contra Pablo; ante os judeus, ciumentos de sua religião, não podia apresentar uma acusação mais grave que esta. Isto despertou um ressentimento apoiado no patriotismo, o partidarismo e a tradição histórica, nas relações sociais e na lei pública, assim como nos mais profundos sentimentos religiosos. O mesmo feito de que estas multidões de judeus (vers. 20) tivessem aceito ao Jesus como o Mesías, quem restauraria todas as coisas, evidentemente fez que estivessem mais dispostos a manter os requisitos e ritos do judaísmo, e que temessem e repudiassem ao Pablo mais intensamente como apóstata de sua raça e de sua religião.

Que não circuncidem.

Uma acusação específica para apoiar a generalização anterior. Segundo este cargo, Pablo não só quebrantava uma tradição, mas também o sinal do pacto dos judeus, compreendida na mesma lei.

Nem observem os costumes.

Cf. com. cap. 6: 14. acusa-se ao Pablo de ter atacado as detalhadas observâncias compreendidas na lei e as práticas tradicionais que, como algo inevitável, foram-se acumulando. Eram acusações graves que a multidão acreditava que eram certas. No que se refere ao ensino do Pablo relacionada com os judeus e a sua conduta pessoal no pertinente à religião, estas acusações foram facilmente refutadas (cap. 22: 3; 23: 1, 6; 24: 11-16; 25: 10-11; 26: 4-7, 22); mas a refutação foi infrutífera pois produziu violência devido aos prejuízos. A atitude do Pablo de manter os requerimentos judaicos cerimoniais era a mesma do concílio de Jerusalém (cap. 15), ou seja: permitir que os cristãos de origem judia continuassem praticando os ritos que lhes exigisse sua consciência; mas insistia em que os conversos gentis deviam ficar livres desses ritos. As práticas legalistas em nenhuma forma ajudariam em sua salvação ao homem que tinha sido justificado pela fé (ROM. 2: 24-29; Gál. 4: 1-11; 5: 1-6; Couve. 2: 16-22).

Sua regra de adaptação pessoal (1 Cor. 9: 19-23) conduziu-o a continuar vivendo como judeu, particularmente entre os judeus. Concedeu aos judeus da igreja cristã a liberdade de continuar suas práticas cerimoniosas até que vissem sua ineficácia à luz do Evangelho da fé (ROM. 14: 1-10; 1 Cor. 7: 17-24). Pablo fazia um voto de nazareo (Hech. 18: 18) e circuncidado ao Timoteo (cap. 16: 3). Não havia, portanto, nenhuma apóie para o cargo de que ensinava aos cristãos de origem judia que não circuncidassem a seus filhos. Esta acusação era uma calúnia de seus inimigos.

Não há dúvida de que seu ensino do Evangelho finalmente faria que os judeus cristãos também renunciassem aos ritos e cerimônias como algo que havia perdido seu significado. O ensino de Cristo era o fundamento da do apóstolo. Nosso Senhor instruiu a seus seguidores que sua justiça devia ser "maior" que a dos escribas e fariseus (Mat. 5: 20). O condenou a prática

ex-terna da religião como um fim em si mesmo (Mat. 6: 1-7); também insistiu em que Deus deve ser adorado "em espírito e na verdade" (Juan 4: 23). Pablo condenou uma religião que ordena: "não dirija, nem goste, nem mesmo toque", como um pouco produzido e posto em prática pelos homens (Couve. 2: 20-22), assim como regras e escrúpulos concernentes a coisas que não tinham um significado realmente moral e espiritual (ROM. 14: 1-10; Gál. 4: 9-11; Heb. 9: 9-10), as quais tinham deixado de ter validez por causa da vida e o sacrifício de Cristo (Couve. 2: 8-17).

Os sacrifícios e a circuncisão tinham sido instituídos por ordem divina. Mas esses sacrifícios perderam seu significado quando Aquele a quem assinalavam morreu, e se converteu no que leva os pecados dos homens. Também tinham perdido seu significado o templo como o lugar das oferendas, e os sacerdotes como oferentes (Dão. 9: 24-27; Mat. 27: 51; Heb. 8: 13; 9: 11-15). A circuncisão era um sinal na carne da relação do pacto entre uma nação ou povo e seu Deus (ROM. 4: 11). A circuncisão se aplicava individualmente, mas não exigia fé de parte do garotinho que a recebia, pois só era um sinal nacional ou tribal. Por isso perdeu seu significado quando o culto e os serviços religiosos dedicados a Deus deixaram de ser algo peculiar de uma tribo ou nação (Gál. 3: 28-29; Couve. 3: 11) e se converteram na aceitação individual do Jesucristo El Salvador por meio da fé (ROM. 3: 22-24; Gál. 3: 26-27; F. 2: 8). Por outra parte, com a revelação em Cristo do novo pacto de salvação, ou seja a revelação do caminho da fé (Jer. 31: 31-34; 2 Cor. 3: 6-9; Heb. 8: 6-13), a circuncisão -o sinal do velho pacto- já carecia de significado. 399 O judeu que queria continuar "em conhecer Jehová" (Ouse. 6: 3) pela fé, indevidamente devia considerar que a circuncisão tinha perdido todo significado na vida espiritual.

Por essa razão Pablo ensinou que "a circuncisão nada é" no que se refere a a relação do homem com Deus (1 Cor. 7: 19; cf. ROM. 3: 31; 8: 4; 1 Juan 2: 3). Frente ao Evangelho de Cristo a circuncisão (e neste respeito qualquer rito em si mesmo) não tem razão de ser (Gál. 5: 6; 6: 12-17). judeus e gentis som um em Cristo (Gál. 3: 16, 27-29; Couve. 2: 9-14), quem derrubou a "parede intermédia de separação" que os apartava (F. 2: 11-17). Todos devem ser salvos só por Cristo, "por graça . . . por meio da fé" (F. 2: 4-10; cf. ROM. 3: 26-30). Pablo não disse a quão judeus não praticassem a circuncisão; mas se o cristão de origem judia, com fé e discernimento espiritual, perguntasse: "por que devo circuncidar a meu filho, sendo um homem de fé, salvo por Cristo por meio da graça?", a resposta teria que ser; 'Por nenhuma razão em Cristo, a não ser só por causa de seus irmãos que ainda não querem compreender". Tal foi a crença e a prática do Pablo. Pode dizer-se então que as acusações dos judaizantes contra Pablo eram falsas, mas que seus temores quanto ao futuro de todos os ritos judeus, eram justificados.

22.

A multidão.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo texto: "Certamente ouvirão que vieste", eliminando as demais palavras. O contexto não parece sugerir nenhuma reunião, nem da igreja, nem da multidão.

Ouvirão.

A notícia da chegada do Pablo se pulverizaria não necessariamente por meio de uma reunião dos Santos, a não ser mediante os comentários transmitidos pelos numerosos crentes de origem judia (cf. vers. 20).

23.

Faz, pois, isto.

Os dirigentes de Jerusalém acreditaram que o conselho que lhe estavam dando era o melhor. Não houve a intenção de comprometer ao Pablo pondo-o em dificuldades, mas sim mas bem de neutralizar o prejuízo que havia contra ele, pois parece que pensavam que Pablo era responsável em uma ou outra forma pelos prejuízos que existiam (HAp 323). Mas deveriam ter reconhecido que Deus tinha obrado poderosamente por meio do apóstolo, e haver-se esforçado por rebater a oposição contra ele.

Quatro homens.

Estes quatro homens evidentemente eram membros da comunidade cristã de origem judia; outra ilustração da influência que as cerimônias judias ainda exerciam sobre os conversos na Judea. Os quatro irmãos judeus já estavam cumprindo seus votos, mas em tais circunstâncias se permitia que outro se unisse a eles, especialmente se pagava os gastos dos que já estavam cumprindo seus votos.

24.

te desencarda com eles.

Conforme o entendemos hoje, esta parte do conselho, uma vez cumprida, seria uma tácita admissão do Pablo que necessitava uma purificação ante Deus. Isto pareceria ser um obstáculo para ele, não uma ajuda para ganhar a aceitação de os judeus. Significaria que entrava na abstinência do nazareato e teria que rapá-la cabeça ao terminar o voto (ver com. cap. 18: 18).

Paga seus gastos.

Pablo devia fazer-se carrego dos gastos dos que estavam cumprindo seus votos. Isso incluía o custo do rapado cerimonial pelo qual o cabeleireiro levita cobrava uma soma, e o custo dos sacrifícios que, segundo Núm. 6: 9-21, era duas pombas ou filhotes de pomba, um cordeiro, uma corderita, um carneiro, um canastillo de pães sem levedura, a oferenda de flor de farinha e seus libações.

Raspem a cabeça.

Ao terminar o voto a cabeça era raspada, e quando se apresentavam as oferendas o cabelo se queimava no fogo aceso debaixo do carneiro do sacrifício de paz.

Todos compreenderão.

Esta participação do Pablo nas cerimônias dos votos devia convencer a os judeus de que Pablo não era um "apóstata" do Moisés (ver com. vers. 21) e que as coisas sortes contra ele eram falsas.

Guardando a lei.

A "lei", ou Torah, era o centro do pensamento, a vida e a religião dos judeus. A Torah, ou ensino, compreendia toda a instrução dada nos escritos do Moisés. dizia-se que Pablo se havia oposto à lei, e então

os dirigentes de Jerusalém pensaram que a única forma em que poderia ganhar a aprovação dos judeus seria lhes mostrando que era fiel à lei

25.

Quanto aos gentis.

Jacobo, o irmão do Senhor, quem foi porta-voz dos anciões ao lhe sugerir a Pablo que se desencardisse, era quem tinha presidido o concílio de Jerusalém (cap. 15: 13). Assegurou ao Pablo que não haveria problema agora quanto à liberdade dos gentis, que estes não precisavam seguir as observâncias feijões, e recordou 401 ao Pablo os términos da decisão do concílio (ver com. vers. 20).

ARRESTO DO Pablo E AUDIÊNCIAS EM Jerusalém E CESAREA

26.

Pablo tomou consigo a aqueles homens.

Pablo pensou que estava procedendo com sabedoria ao ser judeu entre os judeus (1 Cor. 9: 19-23); mas, em realidade, aqui foi inconseqüente porque participou não para mostrar sua própria crença a não ser para satisfazer a outros que eram "ciumentos pela lei" (Hech. 21: 20). Cf. HAp 324-326.

Anunciar o cumprimento.

Ou para lhe dizer aos sacerdotes que oficiavam no templo quando se cumpririam os votos. necessitavam-se sete dias para o cumprimento do período dos quatro homens (vers. 27). Segundo Josefo (Guerra iI. 15. 1), o período total para tais votos era de 30 dias; só faltavam sete para terminar.

27.

Judeus da Ásia.

A predicación do Evangelho feita pelo Pablo no Efeso e em seus arredores, tinha mortificado aos judeus (cf. cap. 19: 22-23). Alguns destes que tinham chegado a Jerusalém para a festa, reconheceram ao Pablo no templo, e alvoroçaram ao povo contra ele. apoderaram-se do apóstolo, apesar de que era evidente que estava em processo de purificação, enquanto esperava tranqüilamente que terminassem os sete dias do cumprimento do voto (cap. 24: 18).

Alvoroçaram.

Ou "começaram a alvoroçar".

Toda a multidão.

Não os milhares de judeus que tinham acreditado (vers. 20), a não ser as multidões que enchiam os recintos do templo à medida que se aproximava o dia de Pentecostés.

28.

Dando vozes.

levantou-se um clamor como se Pablo tivesse sido culpado de algum grave crime ou desordem.

Contra o povo, a lei e este lugar.

A mesma acusação que se apresentou contra Esteban (cap. 6: 13-14) e sem duvida contra Pablo em muitas ocasiões anteriores (cf. cap. 13: 45; 14: 2; 17: 5-6; 18: 6, 12-15; 19: 9). Saulo, quem uma vez tinha apresentado acusações contra Esteban e mimado em sua morte (cap. 26: 10 ; HAp 81, 84-95), é agora Pablo, e se enfrenta valorosamente a uma acusação parecida e sob a ameaça de uma morte similar.

colocou a gregos.

pensou-se que tinha metido a gentis incircuncisos dentro do recinto sagrado, dentro da parede que dividia o átrio dos gentis da zona onde só lhes permitia entrar nos judeus (Josefo, Antiguidades xV. 11. 5). Nessa parede havia inscrições em grego e em hebreu que advertiam aos que não eram, judeus que não passassem (ver ilustração frente a P. 449; T. V, pp. 68-69).

29.

Trófimo, do Efeso.

Era um Companheiro do Pablo, que tinha viajado com ele da Macedônia (cap. 20: 4). Alguns dos judeus acusadores provavelmente tinham conhecido ao Trófimo em sua cidade natal, e o viam agora com o Pablo em Jerusalém; mas não há razão para acreditar que Pablo o tivesse metido dentro do templo nos lugares proibidos para os gentis. Sua liberdade no Evangelho nunca o induziu a ignorar os escrúpulos de outros (ROM. 14: 3-10; 1 Cor. 9: 19-23; 10: 27-31), nem seu valor degenerou em temeridade. A acusação contra ele era falsa.

30.

A cidade se comoveu.

Lucas explica que o tumulto que se produziu foi de grandes proporcione quando correu como relâmpago a notícia de que o templo tinha sido profanado, e que os judeus atuaram de acordo com o que consideravam como uma genuína provocação. Isto aconteceu ao redor do ano 58. Uns oito anos mais tarde começaria a sublevação contra Roma. A cidade já estava em plena o efervescência.

Arrastaram-lhe.

Ou "arrastavam-no". Os que se apoderaram do Pablo imediatamente o tiraram da zona sagrada que supunham que tinha profanado.

Fecharam as portas.

Levita-os porteiros fecharam imediatamente as portas para impedir outra profanação e para acautelar outro tumulto dentro do templo, como tinha acontecido antes.

31.

lhe matar.

Os homens que se deram procuração do Pablo tentaram matá-lo, assim como tinham dado morte ao Esteban (cap. 7: 54-60). Enquanto isso o golpearam (cap. 21: 32).

Avisou.

Gr. anébê fásis "subiu notícia". Fásis é um término técnico para referir-se ao relatório de um crime. A notícia "subiu" porque o tribuno estaria na Torre Antonia.

Tribuno.

Gr. jilíarJos, "o chefe de mil homens", término que correspondia ao tribuno militar romano, comandante de uma coorte.

Companhia.

Gr. spéira, "coorte" (ver com. cap. 10: 1). Esta guarnição romana, considerada então suficiente por seu armamento e sua disciplina estrita para reprimir até aos turbulentos judeus, estava acantonada na torre construída sobre uma rocha na parte noroeste do lugar onde se encontrava o templo. Esta torre tinha sido construída por 402 Herodes o Grande, e denominada Antonia em honra de Marco Antonio, um membro do triunvirato, notório por seu amor da Cleopatra e sua derrota na batalha do Accio. A fortaleza Antonia tinha uma torrecilla em cada esquina e dois lances de escada que conduziam às galerias do lado norte e oeste do templo. A guarnição estava em estado de alerta, especialmente em época do Pentecostés, quando na cidade havia milhares de estrangeiros. Ver T. V, mapa frente a P. 513.

Alvoroçada.

Embora o tumulto ainda não se converteu em motim, estava-se estendendo a toda a cidade e facilmente poderia adquirir grandes proporcione.

32.

Soldados e centuriões.

O tribuna desdobrou ante a alvoroçada multidão vários centenares de soldados dirigidos por um centurião, um pouco parecido a um sargento comandando cada pelotão.

Deixaram de golpear ao Pablo.

Ou "imediatamente deixaram de golpear ao Pablo". Ver com. vers. 31. A presença de os soldados romanos intimidou a quão judeus tinham capturado ao Pablo. O incidente não valia uma sublevação, e assim o entenderam os exaltados judeus.

33.

Prendeu.

Ou "prendeu-o", "tomou preso". A idéia não tinha sido de liberar ao Pablo, a não ser saber qual era o problema e acautelar que seu protagonista fora morto antes de que o assunto pudesse ser investigado na devida forma. Mas esta intervenção, como em Corinto (cap. 18: 14-17), salvou ao Pablo.

Atar.

De acordo com a prática romana, sem dúvida foi sujeito com uma cadeia em cada braço, e os soldados que o levavam tomaram as duas pontas (cf. cap. 12: 4, 6). E Pablo, pacote, foi levado diante do tribuno Aleija (cf. cap. 23: 26; 24: 7, 22) para uma indagação preliminar.

Perguntou.

Melhor "começou a inquirir", comentou a investigar judicialmente".

34.

Uns gritavam.

Tal confusão de pareceres e acusações é algo próprio de uma turfa alvoroçada, como já tinha acontecido no Efeso (cap. 19: 32).

Fortaleza.

Gr. parembolé, "acampamento fortificado", "paliçada", quer dizer, um acampamento (Heb. 13: 11, 13; Apoc. 20: 9), ou "o exército acampado" (Heb. 11: 34). Esta transição de significados -de acampamentos militares a "fortaleza"- é similar a que há entre as palavras latinas castrum: "campo", e castellum, "lugar fortificado", "castelo". Pablo estava prisioneiro, mas pelo menos seguro em o refúgio da fortaleza. O resgate foi oportuno.

35.

Os degraus.

Os soldados o levaram até uma das escalinatas que conduziam do tempero até a fortaleza Antonia (ver com. vers. 31).

Levado. . . pelos soldados.

O guarda teve que levantar o Pablo para salvar o das mãos dos enfurecidos judeus, que evidentemente agora estavam dispostos a matá-lo.

Violência da multidão.

A agitação da multidão e o desejo dos cabeças de dar morte a Pablo, intensificaram-se ao ver que sua vítima escapava de suas mãos.

36.

Mora!.

Assim expressava a multidão seu propósito com o Pablo e sua esperança de que os soldados o matassem. Os dirigentes judeus de uma geração anterior haviam pedido na mesma forma a morte do Jesus (Luc. 23: 18; Juan 19: 15).

37.

Me permite te dizer algo?

Pablo desejava que Aleija, o capitão principal ou tribuno, soubesse quem era ele, e sem dúvida queria lhe fazer saber que era cidadão romano (cf. vers. 39; cap. 22: 26).

Sabe grego?

O tribuna pensou que Pablo só podia falar em hebreu (aramaico), e ficou surpreso ao escutá-lo falar em grego. O povo mais tarde ficou aparentemente surpreso ao escutá-lo falar em seu próprio idioma, o aramaico (cap. 22: 2). Pablo falava o koiné, o idioma grego comum ou popular que se escutava em toda a área do Mediterrâneo. O NT foi escrito em koiné (ver T. V, pp. 104-106).

38.

Aquele egípcio.

Esta pergunta tal como está em grego, pede uma resposta positiva: "sim". O homem que se menciona, de má fama para as autoridades romanas, era um egípcio de origem judia, um suposto profeta que, pouco depois de que Félix chegasse a ser procurador, tinha conduzido a 30.000 homens (se a cifra tradicional é correta) ao monte dos Olivos para que vissem como caíam as muralhas de Jerusalém a fim de que eles pudessem entrar triunfalmente nela (Josefo, Antiguidades xX. 8. 6; Guerra iI. 13. 5). Os soldados do Félix o tinham derrotado, lhe infligindo grandes perdas; mas o caudilho escapou.

Quatro mil.

Este número deve substituir aos 30.000 do Josefo, ou entender-se que se refere ao número dos que escaparam, e se reuniram de novo com seu chefe. 403

Sicários.

Gr. sikários, literalmente "homem da adaga", quer dizer, assassino. Compare-se com o latim sicarius. Os vigários eram membros de uma organização judia extremista, os assassinos entre os zelotes (T. V, P. 56), quem, mediante ataques por surpresa, dizimavam pequenas guarnições romanas onde podiam, e assassinavam aos judeus que se negavam a apoiá-los (Josefo, Guerra iI. 13. 3). Também cometiam muitos assassinatos a plena luz do dia entre as multidões que celebravam alguma festividade. No último assédio de Jerusalém agravaram muito os horrores daquela terrível situação por seus atrozes e sangrentos feitos.

39.

Judeu do Tarso.

Ver com. cap. 9: 11. Ver na P. 96 um comentário sobre o Pablo como cidadão romano.

Cidade não insignificante.

Ou "não desprezível". Uma jactância legítima tanto do ponto de vista cultural como comercial. encontraram-se moedas do Tarso que têm esta lenda: metrópoles autônomos, "cidade autônoma".

Falar com povo.

Sem dúvida Pablo ainda tinha a esperança de que os judeus entendessem quais eram suas verdadeiras atitudes e atividades, mais por causa do Evangelho e da igreja que por ele mesmo.

40.

O permitiu.

Gr. epitrépó, "permitir", "conceder", "dar permissão". Esta palavra se usa nos papiros neste sentido.

Nos degraus.

Assim estaria mais acima que a multidão e relativamente a salvo em caso de que reagissem desfavorablemente, o qual fizeram (cap. 22: 22-25).

Fez sinal com a mão.

Um gesto com o fim de impor silêncio à turfa, para dar a entender que ele desejava falar.

Em língua hebréia.

Ou seja em aramaico, literalmente "dialeto hebreu". Pablo apresenta agora uma breve defesa, da qual pode depender sua liberdade para pregar o Evangelho e também sua própria vida. Que tranqüilo se acha em contraste com a alvoroçada multidão! Ver T. I, P. 34.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-40 HAp 317-327

1-5 HAp 317

5 OE 187

8, 10-16 HAp 318

13 MeM 199

17-18 HAp 320

19-20 HAp 322

20-25 HAp 323

26-28 HAp 325

29-32 HAp 326

33-40 HAp 327

CAPÍTULO 22

1 Pablo explica ampliamente como se converteu à fé 17 e foi chamado ao apostolado; 22 mas, ao mencionar aos gentis, a gente levanta uma gritaria contra ele. 24 Se livra de ser açoitado porque é cidadão romano.

1 VARÕES irmãos e pais, ouçam agora minha defesa ante vós.

2 E para ouvir que lhes falava em língua hebréia, guardaram mais silêncio. E ele os

disse:

3 Eu de certo sou judeu, nascido no Tarso de Cilícia, mas criado nesta cidade, instruído aos pés do Gamaliel, estritamente conforme à lei de nossos pais, ciumento de Deus, como hoje o são todos vós.

4 Perseguia eu este Caminho até a morte, prendendo e entregando em cárceres a homens e mulheres;

5 como o supremo sacerdote também me é testemunha, e todos os anciões, de quem também recebi cartas para os irmãos, e fui a Damasco para trazer presos a Jerusalém também aos que estivessem ali, para que fossem castigados.

6 Mas aconteceu que indo eu, ao chegar perto de Damasco, como a meio-dia, de repente me rodeou muita luz do céu;

7 e caí ao chão, e ouvi uma voz que me dizia: 404 Saulo, Saulo, por que me persegue?

8 Eu então respondi: Quem é, Senhor? E me disse: Eu sou Jesus do Nazaret, a quem você persegue.

9 E os que estavam comigo viram a verdade a luz, e se espantaram; mas não entenderam a voz de que falava comigo.

10 E pinjente: O que farei, Senhor? E o Senhor me disse: te levante, e vá a Damasco, e ali te dirá tudo o que está ordenado que faça.

11 E como eu não via por causa da glória da luz, levado da mão pelos que estavam comigo, cheguei a Damasco.

12 Então a gente chamado Ananías, varão piedoso segundo a lei, que tênia bom

testemunho de todos quão judeus ali moravam,

13 veio para mim, e aproximando-se, disse-me: Irmano Saulo, recebe a vista. E eu em aquela mesma hora recuperei a vista e o olhei.'

14 E ele disse: O Deus de nossos pais te escolheu para que conheça seu vontade, e veja o justo, e ouça a voz de sua boca.

15 Porque será sua testemunha a todos os homens, pelo que viu e ouvido.

16 Agora, pois, por que te detém? te levante e te batize, e lava vocês pecados, invocando seu nome.

17 E me aconteceu, voltado para Jerusalém, que orando no templo me sobreveio um êxtase.

18 E lhe vi que me dizia: Date pressa, e sal prontamente de Jerusalém; porque não receberão seu testemunho a respeito de mim.

19 Eu disse: Senhor, eles sabem que eu encarcerava e açoitava em todas as sinagogas aos que acreditavam em ti;

20 e quando se derramava o sangue do Esteban sua testemunha, eu mesmo também estava presente, e consentia em sua morte, e guardava as roupas dos que o

matavam.

21 Mas me disse: Vê, porque eu te enviarei longe aos gentis.

22 E lhe ouviram até esta palavra; então elevaram a voz, dizendo: Estorva de
a terra a tal homem, porque não convém que viva.

23 E como eles gritavam e arrojavam suas roupas e lançavam pó ao ar,

24 mandou o tribuno que lhe metessem na fortaleza, e ordenou que fosse
examinado com açoites, para saber por que causa clamavam assim contra ele.

25 Mas quando lhe ataram com correias, Pablo disse ao centurião que estava
presente: É-lhes lícito açoitar a um cidadão romano sem ter sido condenado?

26 Quando o centurião ouviu isto, foi e deu aviso ao tribuno, dizendo: O que vai
a fazer? Porque este homem é cidadão romano.

27 Veio o tribuno e lhe disse: me diga, é você cidadão romano? O disse: Sim.

28 Respondeu o tribuno: Eu com uma grande soma adquiri esta cidadania. Então
Pablo disse: Mas eu o sou de nascimento.

29 Assim, logo se separaram dele os que foram dar tortura; e até o
tribuno, ao saber que era cidadão romano, também teve temor por lhe haver
pacote.

30 Ao dia seguinte, querendo saber de certo a causa pela qual lhe acusavam
os judeus, soltou-lhe das cadeias, e mandou vir aos principais sacerdotes
e a todo o concílio, e tirando o Pablo, apresentou-lhe ante eles.

1.

Irmãos e pais.

Uma forma cortês de dirigir a palavra (ver com. cap. 1: 16; 7: 2), Pablo se
propunha ganhar na turbulenta multidão.

Defesa.

Gr. apologia, um discurso feito para defender-se de uma acusação.

2.

Língua hebréia.

Quer dizer, aramaico, a língua que falavam os judeus desse tempo (ver com.
cap. 21: 40).

Mais silencio.

Seu sinal com a mão (ver com. cap. 21: 40), seu discurso em aramaico e seu cortês
linguagem, asseguraram-lhe a total atenção da revoltosa multidão. O mar de
as emoções humanas desapareceu repentinamente e sobreveio uma calma
espectador.

3.

Eu de certo.

O pronome "eu" é enfático por sua posição na frase. Ver com. cap. 21: 39.

Tarso.

Ver com. cap. 6: 9; 9: 11; 21: 39.

Criado.

Provavelmente não como menino mas sim como jovem. Pablo tinha nascido no estrangeiro, mas alcançou a maturidade na atmosfera conservadora da cidadela do judaísmo.

Aos pés.

Nos dias do Pablo o professor e os alunos se sentavam, mas o professor o fazia em um lugar mais alto que os alunos.

Gamaliel.

Ver com. cap. 5: 34.

Estritamente.

Gr. akríbeia, "exatidão", "precisão". Pablo assegura à multidão que 405 seus antecedentes são plenamente judeus. Compreende perfeitamente o ponto de vista deles. Ver com. cap. 23: 6; 24: 14; 26: 3-5.

A lei.

Ou seja o sistema judeu de práticas e crenças religiosas.

Ciumento.

Ver com. cap. 21: 20. Pablo conhecia por experiência pessoal o que significa ser "ciumento" da "lei".

Como hoje o são. . . vós.

Pablo assegura a seus ouvintes judeus que eles e ele tinham uma base comum para chegar a entender-se. Elogia-os por seu desejo de conservar o templo sagrado e inviolável.

4.

Perseguia eu.

Ver com. cap. 7: 58; 8: 1-4; 9: 1-2, 13-14; 26: 10.

Este Caminho.

Ver com. cap. 9: 2.

Até a morte.

Pablo tinha sido uma vez "ciumento" como eles demonstravam sê-lo agora.

Em cárceres.

O plural dá a entender que as atividades persecutorias do Pablo se levaram a cabo em várias cidades (cf. cap. 26: 11).

5.

O supremo sacerdote.

Ou seja Ananías (cap. 23: 2). De acordo com a cronologia da vida do Pablo adotada por este Comentário, Caifás (ver com. Luc. 3: 2) ainda era supremo sacerdote quando se converteu Pablo (35 d. C.). Ananías foi supremo sacerdote desde 48 d. C. até que os judeus o mataram no 66.

Todos os anciões.

Gr. presbutérion, "presbitério", que aqui se refere provavelmente ao sanedrín. Embora possivelmente tinham acontecido 23 anos da conversão do Pablo, alguns dos "anciões" que ainda viviam provavelmente tinham autorizado a perseguição dos cristãos por parte do Pablo (cap. 8: 3; 9: 1-2).

Cartas.

Ver com. Hech. 9: 2; cf. 2 Cor. 3: 1-3.

Irmãos.

Pablo, com muito tato, refere-se a seus connacionales (ver com. Hech. 22: 1; cf. Deut. 18: 15).

Fui.

Literalmente "ia', quer dizer, estava no caminho (ver com. cap. 9: 3).

Damasco.

O zelo religioso do Pablo o tinha levado a terras estrangeiras, primeiro para perseguir os cristãos, e mais tarde para proclamar o cristianismo.

Presos.

Ou "encadeados".

6.

Como a meio-dia.

O resplendor da presença divina obscureceu o brilho do sol naquele meio-dia perto de Damasco (cap. 26: 13).

7.

Ouvi uma voz.

Ver com. cap. 9: 4-6; cf. cap. 22: 9.

por que me persegue?

Ver com. cap. 9: 4. Em relação aos diferentes relatos da conversão de Saulo, ver com. cap. 9: 3.

8.

Quem é?

Ver com. cap. 9: 5.

9.

espantaram-se.

A evidência textual (cf. P. 10) inclina-se pela omissão da frase "e se espantaram". Entretanto, não há dúvida de que os homens tiveram temor.

Não entenderam a voz.

Ver com. cap. 9: 7.

10.

O que farei?.

Ver com. cap. 9: 6.

11.

Eu não via.

Ver com. cap. 9: 8.

12.

Varão piedoso.

Ananías parece ter sido fiel em sua observância da religião judia. Não se o descreve assim no cap. 9: 10, onde o chama só "discípulo". Pablo parece aqui tentar congraçar-se com seus ouvintes (ver com. cap. 22: 1-4). Era de supor que um judeu piedoso não teria recebido ao Pablo se este era profano, culpado de blasfêmia, como agora o acusava.

Bom testemunho.

A integridade do Ananías como um piedoso judeu estava fora de dúvida. Era ampliamente conhecido como leal à fé. O fato de ter recebido ao Pablo comprovava a legitimidade do episódio do Saulo no caminho a Damasco.

13.

Veio para mim.

Ver com. cap. 9: 11-17.

14.

O Deus de nossos pais.

Ver com. cap. 7: 32. Nem Esteban nem Ananías pensavam que por ser cristãos tinham que abandonar ao Deus de seus pais. Aparentemente os cristãos de origem judia não pensavam abandonar o judaísmo; de fato se consideravam os mais piedosos de todos os irmãos. Desejavam ardentemente, como Pablo, que seus cegos connacionales vissem o Jesus do Nazaret como o Mesías (cf. ROM. 9: 1-3; 10: 1-3).

Escolheu-te.

Ou "assinalou-te" (ver com. cap. 9: 15).

Conheça sua vontade.

Pablo tinha sido ignorante da vontade de Deus antes de sua conversão. Como fariseu tinha pensado que a conhecia bem e que a cumpria fielmente (cap. 23: 1; 24: 14). Há uma relação íntima entre conhecer a vontade de Deus e fazê-la (ver com. Mat. 7: 21-27; Juan 7: 17; 13: 17). Pablo se refere vez detrás vez a a vontade de Deus (1 Cor. 1: 1; 2 Cor. 1: 1; F. 1: 1; Couve. 1: 1).

Justo.

Quer dizer, ao Jesus (cf Hech. 3: 14; 7: 52; 1 Juan 2: 1). Os doze tinham visto ao Senhor e se relacionaram com ele cada dia (1 Juan 1: 1, 3). Pablo, que tinha sido chamado de um modo especial ao apostolado, também teve o privilegio de ver seu Senhor (Hech. 406 22: 17-21; 1 Cor. 15: 3-9; 2 Cor. 12: 1-5).

A voz.

Com toda probabilidade uma referência à visão perto de Damasco e também, possivelmente, à instrução especial que ele recebeu do Senhor posteriormente (2 Cor. 12: 1-5; Gál. 1: 11-12).

15.

Testemunha dele.

Pablo, como os doze, tinha visto o Senhor, escutado sua voz e conhecido seu vontade (vers. 14). Também, como aqueles, foi comissionado para proclamar o Evangelho (cf. cap. 1: 8). Seus créditos e sua autoridade não eram inferiores a as dos apóstolos (1 Cor. 15: 10; 2 Cor. 11: 5; Gál. 2: 8, 11).

Todos os homens.

Até este momento Pablo evitou, com muita prudência, mencionar sua missão especial entre os gentis (cf. vers. 21).

Visto e ouvido.

O poder para atestar vem da experiência pessoal (cf. 1 Juan 1: 1-3; 2 Ped. 1: 16-18). Pablo se tinha encontrado com El Salvador vivente, e havia recebido dele um conhecimento claro, íntimo e sistemático da verdade, assim como o tinham recebido os doze.

16.

por que te detém?.

A evidência era suficiente, por que, devido a algumas formalidades, tinha que adiar sua decisão de ser cristão? (cf. cap. 8: 36).

te batize.

Ver com. Mat. 3: 6; Hech. 2: 38; 9: 18; ROM. 6: 1-6; cf. Hech. 8: 36.

Lava seus pecados.

O batismo é um regulamento divinamente assinalado (Mat. 3: 15; Mar. 16: 15-16; Juan 3: 3, 5; Tito 3: 5), mas por si mesmo não é suficiente para "lavar" o pecado. A crença, o arrependimento e a recepção do Espírito Santo devem acompanhar ao ato exterior para fazê-lo eficaz (Mat. 28: 19; Hech. 2: 38; 3: 19; 8: 36-37). A morte de Cristo foi a que fez possível a eliminação da culpabilidade do pecado (2 Cor 5: 20-21; 1 Ped. 2: 24; 3: 21; 1 Juan 1: 7, 9).

Invocando.

Ou seja aceitando a salvação por meio de Cristo e entrando em seu serviço.

Seu nome.

Quer dizer, o nome do "Justo" (vers. 14), do Senhor Jesus.

17.

A Jerusalém.

A esta visita se refere o cap. 9: 26 (ver com. respectivo).

No templo.

Provavelmente no momento da hora da oração matutina ou vespertina (ver com. Luc. 1: 9; Hech. 3: 1). devido a que Deus tinha honrado ao Pablo com uma visão no mesmo lugar que agora o acusava de profanar, os judeus fariam bem em investigar os fatos antes de decidir sua morte.

Extasis.

A mensagem que recebeu nesta visão se relata nos vers. 18-21. Isto ocorreu na visita a Jerusalém que se registra no cap. 9: 26-30.

18.

Date pressa.

Na passagem paralelo (cap. 9: 29-30) só se diz que os discípulos "o enviaram ao Tarso". O complô contra a vida do Pablo (vers. 29) convenceu-os de que ele devia sair da cidade sem demora. Pablo, preocupado pelos judeus incrédulos (cf. ROM. 9: 1-3; 10: 1), e com sua característica indiferença por sua segurança pessoal (cf. Hech. 19: 30; 20: 22-24; 2 Cor. 4: 7-9; 11: 24-27), aparentemente sentiu que era seu dever permanecer na cidade (HAp 106). Há momentos quando o mensageiro do Evangelho não deve emprestar atenção às circunstâncias ameaçadoras; mas há outras vezes quando deve fugir a outro lugar se é açoitado (ver com. Mat. 10: 23). Em momentos difíceis, deve elevar a vista a Deus para obter uma clara compreensão do dever. Assim aconteceu a Pablo nesta ocasião porque, além disso do conselho dos irmãos, Deus acrescentou

instruções diretas e específicas. Pablo não tinha sido chamado para trabalhar principalmente para os judeus, a não ser para os gentis (Hech. 22: 21; Gál. 2: 7-9), e com sua partida cumpriria melhor os propósitos de Deus. Para casos similares de direção divina mais o conselho dos irmãos, compare-se Exo. 18: 17-25 com o Núm. 11: 16; Hech. 15: 2 com o Gál. 2: 2. Cf. Hech. 13: 2-4; 15: 28.

Prontamente.

Pablo tinha estado então em Jerusalém só 15 dias (Gál. 1: 18).

19.

Eles.

A construção sintática do grego destaca o pronome "eles". Os mesmos que naquela ocasião anterior tinham procurado matá-lo, conheciam bem o antigo zelo do Pablo como perseguidor dos cristãos.

Encarcerava e açoitava.

Provavelmente Pablo não aplicava pessoalmente o castigo. A flexão dos verbos indica uma ação que se prolonga por um tempo. Pablo se tinha dedicado a perseguir; mas agora, frente a essa turfa irada e sedenta de seu sangue, seu propósito era achar um ponto de afinidade, lhes fazendo conhecer claramente que ele sabia bem como se sentiam. Assim possivelmente estariam mais dispostos a escutar todo o resto que tinha que lhes dizer.

Em todas as sinagogas.

Quanto à sinagoga como o lugar onde se apresentavam 407 as acusações contra os hereges e bagunceiros e se administravam castigos, ver Mat. 10: 17; 23: 24; Mar. 13: 9; Luc. 12: 11. Tertuliano escreveu, C. 225 d. C., que em seus dias as sinagogas judias eram ainda "fontes de perseguições" contra os cristãos (Scorpiace x).

Acreditavam em ti.

Ver com. cap. 15: 21.

20.

Testemunha.

Gr. mártus, "testemunha". Nos tempos do NT mártus ainda não tinha adquirido o significado que agora tem a palavra "mártir", derivada de mártus; mas a medida que os cristãos foram com mais freqüência chamados a dar o testemunho supremo de entregar suas vidas, começaram a ser conhecidos como mártires.

Em sua morte.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece a omissão destas palavras; sem embargo, é evidente que este é o significado que Pablo expressa (ver com. cap. 7: 58; 8: 1).

21.

Eu te enviarei.

A saída do Pablo de Jerusalém (vers. 18) não foi o cumprimento desta declaração do propósito divino para o apóstolo. Transcorreriam uns sete anos antes de que ele e Bernabé saíssem em sua primeira viagem missionária (ver pp. 31, 103, 105).

Gentis.

A obra do Pablo seria principalmente para os não judeus (ver com. cap. 9: 15).

22.

Até esta palavra.

Ou "até esta declaração". A multidão, até agora em silêncio e dominada por uma irada espera, já não pôde conter-se mais. A idéia de que a salvação pudesse ser também para os gentis, enfureceu-os (cf. Luc. 4: 25-29; Hech. 7: 51-54). Por isso clamaram pedindo a imediata morte do Pablo, sem seguir a formalidade de um processo legal. Segundo sua fanática opinião, Pablo era, sem dúvida, um apóstata do judaísmo.

23.

Arrojavam suas roupas.

Arrojar a folgada vestimenta exterior (Gr. himátion; ver com. Mat. 5: 40; T. V, P. 49) refletia grande comoção. A turfa estava lista para atuar. Cf. 2 Rei. 9: 13.

Lançavam pó.

Um gesto de ódio e repúdio.

24.

O tribuno.

Gr. jilíarJos, "comandante de mil" (ver com. Juan 18: 12). Este funcionário, Claudio Aleija (Hech. 23: 26), que sem dúvida não conhecia o aramaico, possivelmente não entendeu nada do que Pablo estava dizendo, e só pôde deduzir pelo tumulto que o apóstolo era culpado de algum grave delito.

Fortaleza.

Quer dizer, o castelo ou fortaleza Antonia , ao norte da área do templo (ver t, V, mapa frente P. 513; com. cap. 21: 31).

Examinado com açoites.

Não com o propósito de lhe infligir um castigo, a não ser para lhe arrancar uma confissão.

Clamavam assim.

Ou "gritavam" (cf. cap. 12: 22).

25.

Ataram-lhe com correias.

Literalmente "estiraram-no", o qual dá a entender que o estiraram com correias em uma posição para flagelá-lo.

Centurião.

Gr. hekatóntarJos (ver com. Hech. 10: 1; Luc. 7: 2). Era o oficial que estava a cargo do pelotão de soldados encarregados da flagelação.

É-lhes lícito?.

A lei romana proibia que um cidadão romano fora flagelado (Tito Livio, Historia romana X. 9. 4-5).

Romano.

Teria sido um grave delito que Pablo afirmasse que era cidadão romano se em realidade não o tivesse sido. O centurião pensou imediatamente que o que tinha em suas mãos não era mais que um judeu bagunceiro. A cidadania romana era tida em muito alta estima (vers. 28; P. 96; cf. T. V, P. 38) porque dava a seu possuidor muitos privilégios. A cidadania romana protegeu ao Pablo em várias ocasiões (ver com. cap. 16: 37-39).

27.

É você?.

De acordo ao grego, a ênfase na pergunta do oficial romano está no pronome "você": "é você romano?" É óbvio que o oficial ficou surpreso ao pensar que fora cidadão romano o homem que fazia apenas um momento havia alvoroçado ao povo judeu com um discurso em aramaico, levando-o a um frenesi de loucura.

28.

Cidadania.

Gr. politéia, que aqui significa "cidadania". Compare-se com o Fil. 3: 20.

De nascimento.

Literalmente "nasci assim"; quer dizer, nasci sendo cidadão romano.

29.

Que foram dar.

Quer dizer, estavam a ponto de castigá-lo.

Teve temor.

O temor do tribuno não era por ter encadeado ao Pablo. Freqüentemente o apóstolo tinha sido tratado assim (Hech. 28: 20; Fil. 1: 7, 13-14, 16; Couve. 4: 18; File. 10, 13), porque os cidadãos romanos podiam ser encadeados. Pablo permaneceu encadeado (Hech. 22: 30). O temor do tribuno foi porque o tinham pacote com correias para açoitá-lo.

30.

Querendo saber.

Ou "desejando conhecer". O tribuno, como prudente funcionário romano, estava determinado a chegar à raiz 408 do problema para descobrir por que os judeus desejavam tanto matar ao Pablo.

Das cadeias.

A evidência textual (cf P. 10) estabelece a omissão destas palavras.

Todo o concílio.

Quer dizer, o sanedrín. Aleija se deu conta que era um assunto pertinente à religião judia. Em relação à sala do concílio onde se reunia o sanedrín, ver com. Mat. 27: 2; T. V, mapa frente P. 513.

Tirando o Pablo.

Ou seja da fortaleza Antonia (ver com. vers. 24; cap. 21: 34). A presença de o guarda romana garantia a segurança pessoal do Pablo.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-30 HAp 327-329

1-2 HAp 327

3 Ed 61

3-15 HAp 327

14-16 HAp 103

17 HAp 129

17-21 HAp 106; P 206; SR 279, 303

20 P 198

21 CS 376; HAp 129, 189, 328; OE 117; PVGM 19

22-30 HAp 328

CAPÍTULO 23

1 Pablo apresenta sua causa, e 2 Ananías, o supremo sacerdote, ordena que o golpeiem. 7 Disputa entre seus acusadores. 11 Deus fortalece ao Pablo. 14 Os judeus preparam uma armadilha contra Pablo, 20 o tribuno é informado, 27 e o enviam ao Félix, o governador.

1 ENTÃO Pablo, olhando fixamente ao concílio, disse: Varões irmãos, eu com toda boa consciência vivi diante de Deus até o dia de hoje.

2 O supremo sacerdote Ananías ordenou então aos que estavam junto a ele, que golpeassem-lhe na boca.

3 Então Pablo lhe disse: Deus golpeará a ti, parede branqueada! Está você sentado para me julgar conforme à lei, e que brantando a lei me manda golpear?.

4 Os que estavam pressentem disseram: Ao supremo sacerdote de Deus injuria?

5 Pablo disse: Não sabia, irmãos, que era o supremo sacerdote; pois escrito está. Não amaldiçoará a um príncipe de seu povo.

6 Então Pablo, notando que uma parte era de saduceos e outra de fariseus, elevou a voz no concílio: Varões irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu; a respeito da esperança e da ressurreição dos mortos me julga.

7 Quando disse isto, produziu-se dissensão entre os fariseus e os saduceos, e a assembléia se dividiu.

8 Porque os saduceos dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito; mas os fariseus afirmam estas coisas.

9 E houve um grande vocerío; e levantando-os escribas da parte dos fariseus, disputavam, dizendo: Nenhum mal achamos neste homem; que se um espírito lhe falou, ou um anjo, não resistamos a Deus.

10 E havendo grande dissensão, o tribuno, tendo temor de que Pablo fosse despedaçado por eles, mandou que baixassem soldados e lhe arrebatassem de no meio deles, e lhe levassem a fortaleza.

11 De noite seguinte lhe apresentou o Senhor e lhe disse: Tenha ânimo, Pablo, pois como atestaste que mim em Jerusalém, assim é necessário que ateste também em Roma.

12 Vindo o dia, alguns dos judeus tramaram um complô e se juramentaram sob maldição, dizendo que não comeriam nem beberiam até que tivessem dado morte ao Pablo.

13 Eram mais de quarenta os que tinham feito esta conjuración,

14 os quais foram aos principais sacerdotes e aos anciões e disseram: Nos juramentamos sob maldição, a não gostar de nada até que tenhamos dado morte ao Pablo.

15 Agora pois, vós, com o concílio, requeiram ao tribuno que lhe traga amanhã ante vós, como que querem indagar alguma coisa mais certa a respeito de ele; e nós estaremos preparados para lhe matar antes que chegue. 409

16 Mas o filho da irmã do Pablo, ouvindo falar da cilada, foi e entrou na fortaleza, e deu aviso ao Pablo.

17 Pablo, chamando um dos centuriões, disse: Leva a este jovem ante o tribuno, porque tem certo aviso que lhe dar.

18 O então tomando, levou-lhe a tribuno, e disse: O detento Pablo me chamou e me rogou que trouxesse ante ti a este jovem, que tem algo que te falar.

19 O tribuno, tomando da mão e retirando-se à parte, perguntou-lhe: O que é o que tem que me dizer?

20 O lhe disse: Os judeus convieram em te rogar que manhã leve ao Pablo ante o concílio, como que vão inquirir alguma coisa mais certa a respeito dele.

21 Mas você não lhes cria; porque mais de quarenta homens deles lhe espreitam, os quais se juramentaram sob maldição, a não comer nem beber até que o tenham dado morte; e agora estão preparados esperando sua promessa.

22 Então o tribuno se despediu do jovem, lhe mandando que a ninguém dissesse que o tinha dado aviso disto.

23 E chamando dois centuriões, mandou que preparassem para a terceira hora de a noite duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentos lançadores, para que fossem até a Cesarea;

24 e que preparassem cavalgaduras em que pondo ao Pablo, levassem-lhe em salvo ao Félix o governador.

25 E escreveu uma carta nestes términos:

26 Claudio Aleija ao excelentíssimo governador Félix: Saúde.

27 A este homem, apreendido pelos judeus, e que foram eles a matar, o liberei eu indo com a tropa, tendo sabido que era cidadão romano.

28 E querendo saber a causa por que lhe acusavam, levei-lhe a concílio de eles;

29 e achei que lhe acusavam por questões da lei deles, mas que nenhum delito tinha digno de morte ou da prisão.

30 Mas ao ser avisado de armadilhas que os judeus tinham tendido contra este homem, ao ponto enviei a ti, intimando também aos acusadores que tratem diante de ti o que tenham contra ele. Passa-o bem.

31 E os soldados, tomando ao Pablo como lhes ordenou, levaram-lhe de noite a Antípatris.

32 E ao dia seguinte, deixando aos cavaleiros que fossem com ele, voltaram para a fortaleza.

33 Quando aqueles chegaram a Cesarea, e deram a carta ao governador, apresentaram também ao Pablo diante dele.

34 E o governador, lida a carta, perguntou de que província era; e havendo entendido que era de Cilícia,

35 lhe disse: Ouvirei-te quando vierem seus acusadores. E mandou que lhe custodiassem no pretorio do Herodes.

1.

Olhando fixamente.

Gr. atenízÇ, "fixar os olhos em", "olhar com resolução", "contemplar com seriedade" (cf. Hech. 1: 10; 7: 55; Luc. 4: 20; 22: 56; ver com. Hech. 13: 9). Freqüentemente Lucas usa esta palavra para descrever a expressão no rosto de alguém que está a ponto de falar seriamente. Aqui a usa em forma muito apropriada para denotar a expressão do apóstolo ao fixar seu olhar no

supremo concílio judeu, pela primeira vez depois de um quarto de século. Não havia dúvida de que embora durante esses anos aconteceram muitas mudanças nos integrantes do concílio, Pablo pôde ter reconhecido alguns rostos (ver com. cap. 23: 5).

Varões irmãos.

Ver com. cap. 1: 16.

Com toda boa consciência.

Esta era uma afirmação muito lhe abranjam em lábios de qualquer pessoa. Esta afirmação do Pablo, depois de vários anos de luta com os judaizantes e seus vítimas, demonstra as convicções do apóstolo respeito a sua própria conduta. Seu proceder tinha estado inteiramente em harmonia com a vontade de Deus e com a lei e os profetas (cap. 24: 14; 28: 17). Se Pablo estava no correto, era óbvio que seus acusadores estavam equivocados. O apóstolo freqüentemente se refere à consciência (Hech. 24: 16; ROM. 2: 15; 13: 5; 1 Cor. 10: 25; 1 Tim. 1: 5; 2 Tim. 1: 3).

2.

Ananías.

Filho do Nebedeo, renomado como supremo sacerdote pelo Herodes, rei do Calcis (Josefo, Antiguidades xX. 5. 2).

Golpeassem-lhe.

A declaração do Pablo equivalia a acusar ao sanedrín de hipocrisia. Se a conduta do Pablo era meticulosa, a deles evidentemente não o era. Cf. 1 Rei 22: 24; Mat. 26: 67; Luc. 22: 63-64.

3.

Deus chá golpeará!

Alguns pensaram que Pablo falou precipitadamente, e que o vers. 5 seria uma desculpa. Cristo permaneceu 410 em silencio frente à perseguição (Mat. 26: 63; 1 Ped. 2: 23). Entretanto, é possível que Pablo falasse assim por inspiração, e que sem dar-se conta que se dirigia ao supremo sacerdote (vers. 5), predisse sua sorte. Ananías foi assassinado no ano 66 d. C. (Josefo, Guerra iI. 17. 6, 9), sete ou oito anos mais tarde, provavelmente pelos sicários (ver T. V, pp. 71, 73; com. cap. 21: 38). Cf. Jer. 28: 15-17.

A ti, parede branqueada!.

Quer dizer, hipócrita (cf. Mat. 23: 27). Este dignatario, que ocupava um cargo tão alto, era como uma parede branqueada porque embora podia usar os adornos exteriores de sua hierarquia, não era a pessoa justa ou sensata que deveria ser um funcionário tão importante.

Está você sentado?.

Em grego o pronome é enfático; "e se você sinta?"; quer dizer, como pode você, parede branqueada de hipocrisia, te sentar a julgar a outros?

Conforme à lei.

Ou seja de acordo com a lei; refere-se à lei judia.

Quebrantando a lei.

A lei judia permitia golpear, mas só depois de um procedimento judicial justo que comprovasse a culpabilidade do acusado (Deut. 25: 1-2; cf. Juan 7: 51). Pablo, um ex-membro do sanedrín (HAp 92, 329), conhecia a lei e o procedimento judicial correto, e manteve seu direito para que o julgasse de acordo com a lei Cf. T. V, P. 527.

4.

Ao supremo sacerdote de Deus?.

Como máxima autoridade religiosa e civil dos judeus, supunha-se que o supremo sacerdote era o representante de Deus. No AT às vezes se chamava os Juizes 'elohim, literalmente "deuses" (ver T. I, P. 180; com. Sal. 82: 1).

5.

Não sabia.

Quer dizer, "fiz-o por ignorância" (cf cap. 3: 17). A declaração do Pablo há sido interpretada de diversas maneiras: (1) que devido ao defeito de sua vista (ver com. cap. 9: 8, 18) não reconheceu ao Ananías como o supremo sacerdote; (2) que não se deu conta de que quem tinha dado a ordem para feri-lo era o supremo sacerdote; (3) que estava falando ironicamente, como se não acreditasse que o supremo sacerdote pudesse ter dado tal ordem, e nessa forma estava desafiando indiretamente o direito do Ananías ao cargo que ocupava; (4) que ele não pensou antes de falar, embora se deu conta de que o que tinha falado era Ananías, o supremo sacerdote. De todas estas explicações, a primeira parece ser a mais provável; mas também parece possível a segunda, que insinúa uma limitação em a vista do Pablo. As duas últimas não parecem estar em harmonia com o caráter do apóstolo nem com a seriedade da situação que estava enfrentando.

Não amaldiçoará.

Pablo cita Exo. 22: 28, onde 'elohim, "deuses", usa-se para referir-se a Juizes humanos (ver com. Hech. 23:4) Sem dúvida Pablo citou a passagem em hebreu, em tanto que Lucas o reproduz da LXX. Não pode ficar em tecido de julgamento a sinceridade do Pablo neste assunto. Os arautos do Evangelho devem reconhecer e dar a devido honra aos que estão em um cargo de autoridade, mesmo que abusem desta.

6.

Pablo, notando.

Pablo, um ex-membro do sanedrín, é obvio sabia que alguns eram saduceos e outros fariseus. Talvez pôde, ter reconhecido também a pessoas específicas como membros de uma partida ou outro.

Eu sou fariseu.

Com respeito aos fariseus, ver T. V, pp. 53-54; com. cap. 5: 34. No texto grego o pronome "eu" é enfático. Pablo, embora cristão, ainda afirma que é fariseu. Nicodemo, outro fariseu, foi seguidor do Senhor(Juan 3: 1; HAp

85-86). Muitos fariseus se converteram pela predicación dos apóstolos (Hech. 15: 5). Alguns estudiosos da Bíblia sugeriram que a maior parte dos conversos do judaísmo ao cristianismo eram fariseus. Devido a algumas semelhanças entre os ensinos do Jesus e as dos fariseus, alguns até consideraram que Jesus era fariseu. Cristãos e fariseus reconheciam a autoridade da Palavra inspirada; ambos realçavam a retidão e a separação do mundo, e acreditavam na ressurreição e na vida futura. No que os cristãos diferiam dos fariseus principalmente era quanto ao método para alcançar a justiça (ver com. Mat. 5: 20; Mar. 7: 5-13; Luc. 18: 9-14; Gál. 2: 16-21). Por isso Pablo honestamente podia dizer: "sou fariseu", sem dar a entender que necessariamente estava de acordo com todas as crenças e práticas dos fariseus.

7.

Dissensão.

É significativo que Pablo fizesse esta declaração no mesmo começo da audiência. Não tinha a esperança de ser julgado imparcialmente pelo sanedrín, e sem dúvida tentou mostrar a incapacidade desse organismo para pronunciar sentencia contra ele. portanto, apressou a terminação do julgamento pondo a seus Juizes uns contra outros (vers. 7). A ressurreição o tema que Pablo esgrimiu -era vital para o cristianismo (1 Cor. 15: 12-23), e com toda 411 segurança produziria o resultado que ele desejava (ver com. Mat. 22: 23-33).

Dividiu.

Gr. sjízÇ, "desunir", "separar", "dividir". A palavra "cisma" deriva de sjísma, substantivo afim de sjízÇ.

8.

Saduceos.

Quanto aos saduceos, ver T. V, pp. 54-55; com. cap. 4:1. Estes reconheciam a autoridade dos escritos do Moisés, mas tinham suas dúvidas quanto aos profetas, e rechaçavam totalmente as tradições e as partes literárias do AT. Consideravam os anjos como meras manifestações da glória celestial, e negavam a realidade de uma vida futura. há-se dito que os fariseus eram o equivalente judeu dos estóicos; e os saduceos, dos epicúreos, o qual em linhas gerais é certo (ver com. cap. 17: 18).

9.

Vocerío.

Gr. kraug', "gritaria", "clamor". Os aprazíveis e eruditos membros do sanedrín demonstraram ser tão excitáveis e irracionais como os volúveis e ignorantes que compunham o povo (cap. 22: 22-23).

Escribas.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece o texto: "alguns dos escribas". Não participaram todos os escribas dos fariseus.

Disputavam.

Gr. diamájomai, "disputar ferozmente".

Nenhum mal.

Compare-se com a decisão do Pilato quanto a Cristo (Juan 18: 38; 19: 4, 6). Nos casos do Jesus e do Pablo, o supremo tribunal do judaísmo cegamente procurou aniquilar a um homem justo.

Um espírito. . . ou um anjo.

Os saduceos não acreditavam nem em espíritos nem em anjos. Aqui talvez se faz referência à visão no caminho a Damasco (cap. 22: 6-10), ou ao êxtase em o templo (vers. 17-21). O testemunho do Pablo não tinha sido em vão. A atitude dos fariseus neste caso faz recordar a do Gamaliel em uma ocasião anterior (cap. 5: 33-40).

Não resistamos a Deus.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece a omissão destas palavras. Podem ter sido copiadas de uma passagem similar do cap. 5: 39.

10.

O tribuno.

Parece que Aleija, quem cuidava tanto da ordem pública como do amparo de um cidadão romano, estava presente (cap. 22: 30).

Despedaçado.

É evidente que imediatamente começou uma verdadeira luta entre os saduceos e os fariseus. Os primeiros queriam apoderar-se do Pablo, e os últimos, protegê-lo.

Mandou que baixassem soldados.

A julgar pela fila de Aleija, um jilíarJos (ver com. cap. 22: 24; cf. com. Juan 18: 12; Hech. 21: 31-32), a guarnição pôde ter sido de 1.000 homens, que era a força máxima de uma coorte militar de auxiliares. Tal tropa era comandada por um jilíarJos. Ver com. cap. 21:31; 27:1. Para sua própria segurança Pablo foi escoltado até a fortaleza Antonia (ver com. cap. 22: 24).

11.

Lhe apresentou o Senhor.

Este Ser indubitavelmente foi Cristo (cf cap. 9: 5-6; 22: 17-21). Na verdade, a perspectiva era escura, e sem dúvida Pablo recordou a servil submissão do Pilato a os desejos dos judeus no caso de Cristo. A manifestação divina significou muito para o Pablo nesta difícil situação, e lhe deu ânimo para as provas dos anos vindouros.

Tenha ânimo.

Ao refletir sobre os acontecimentos dos dois dias anteriores, Pablo sem dúvida deveu ter começado a pôr em tecido de julgamento o bom critério de seu decidido propósito de visitar Jerusalém (cap. 20: 24) apesar das repetidas admoestações do que lhe ia acontecer ali (vers. 22-23), de seu

consentimento para participar com outros judeus cristãos no ritual de purificação (cap. 21: 20-28), e de sua conduta ante o sanedrín (cap. 23: 1-10). Seus pensamentos também devem haver-se projetado para o futuro. Estava terminada sua obra para Cristo? ia ficar frustrado seu desejo de atestar pelo Evangelho em Roma? (Hech. 19: 21; ROM. 1: 13). Ao orar com todo ardor, o Senhor lhe apareceu pessoalmente para lhe dar consolo e segurança.

Também em Roma.

Pablo já tinha decidido ir a Roma (cap. 19: 21).

12.

Alguns dos judeus.

A evidência textual (cf. P. 10) favorece a omissão das palavras "alguns de". Segundo o vers. 13, eram 40. Evidentemente estavam decididos a pagar qualquer aprecio para estar seguros de que seu complô tivesse êxito. Compare-se com o assassinato cometido pelo Matatías, o ancião sacerdote da aldeia de Modín, no tempo da insurreição dos Macabeos (1 MAC. 2: 24; Josefo, Antiguidades xII. 6. 2), e com o intento de assassinar ao Herodes o Grande quando construiu o anfiteatro e introduziu em Jerusalém os jogos de gladiadores (Josefo, Antiguidades xV. 8. 3).

juramentaram-se sob maldição.

Gr. anathematízÇ, "anatematizar", "amaldiçoar", "atar-se 412 sob uma maldição [se não se cumprir o juramento]". Estes homens invocaram contra si mesmos os mais severos castigos divinos se não alcançavam seu objetivo. Compare-se com o verbo hebreu jaram (ver com. 1 Sam. 15: 3).

Não comeriam nem beberiam.

Os que estavam dispostos a assassinar demonstraram com este voto seu fanatismo e determinação de eliminar quanto antes ao Pablo.

13.

mais de quarenta.

O número dos componentes desse grupo de fanáticos significava que a vida do Pablo realmente estava em grave perigo.

14.

Principais sacerdotes.

Parece que nem os conspiradores, nem os "principais sacerdotes" pudessem haver sido fariseus (ver com. vers. 6-9); mas todos eram fanáticos. Os dirigentes da nação estavam preparados para cooperar com qualquer, por inescrupuloso que fora, para alcançar seus objetivos.

15.

O concílio.

Quer dizer, o sanedrín. Parece que foi necessário recorrer a um complô como este

pelas seguintes raciocine: (1) O sanedrín não podia impor a pena de morte (ver com. Juan 18: 31; Hech. 7: 58); (2) até no caso de que pudesse impô-la, não tinha autoridade sobre o Pablo como cidadão romano; (3) mesmo que tivesse podido fazê-lo, provavelmente a influência dos fariseus houvesse feito impossível obter um veredicto contra Pablo.

Amanhã.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece a omissão desta palavra.

Como que.

Esta declaração literalmente diz: "como que ides averiguar com mais exatidão o concernente a ele".

Nós.

Este pronome é enfático no texto grego.

Preparados para lhe matar.

Procurariam que Pablo nunca chegasse à sala do concílio e, portanto, nenhum dos membros do concílio seria suspeito de cumplicidade. O assassinato do apóstolo se atribuiria aos fanáticos. Estes 40 completados tal vez eram fanáticos "sicários" (ver com. cap. 21: 38). Tão aqui como em seu Evangelho, Lucas esclarece que os judeus, e não os romanos, foram os principais responsáveis pelas dificuldades que surgiram pela predicación do Evangelho (Luc. 23: 2, 4, 14, 22). Josefo registra um complô similar de os judeus contra Herodes (Antiguidades xV. 8. 1-4); também houve dois complôs contra Cristo (Juan 7: 19; 8: 40; 10: 39).

Filão, filósofo e escritor judeu (ver T. V, pp. 94-95), justifica o assassinato dos apóstatas:

"É bom que a todos os que são ciumentos pela virtude lhes permita impor os castigos sem deliberação, sem demora, sem trazer para o culpado ante o tribunal, ou concílio, ou magistrado de nenhuma classe; e dar completa liberdade de ação aos sentimentos que os embargam: esse odeio ao mal e o amor a Deus que os inca a descarregar o castigo sem misericórdia sobre os ímpios. Deveriam pensar que a ocasião os tem feito vereadores, jurados, oficiais, membros da assembléia, acusadores, testemunhas, leis, povo; em uma palavra, tudo, de tal maneira que sem temor ou impedimento possam defender a religião sem nenhum perigo (As leis especiais I. 9. 55).

16.

O filho da irmã do Pablo.

Esta é a única referência aos parentes do Pablo em Jerusalém. Ele tinha parentes em Roma (ROM. 16: 7, 11) e parece que em Corinto (vers. 21). Há-se sugerido que o sobrinho do Pablo estava estudando em Jerusalém como Pablo o fazia antes que ele (ver com. Hech. 22: 3). Não há evidência de que a irmã ou o sobrinho fossem cristãos.

Foi.

Literalmente "havendo-se apresentado" ou "tendo estado presente". Este verbo poderia referir-se à presença do sobrinho em algum lugar onde pôde ouvir os

que faziam o complô; também poderia referir-se a sua presença ou apresentação na fortaleza.

Entrou na fortaleza.

Como o apóstolo estava detido tanto por seu próprio amparo como por outras razões, aparentemente tinha o privilégio de receber a seus amigos. A lei romana estipulava três classes de encarceramento: (1) a prisão do homem comum no cárcere público; (2) entrega-a de homens de alta hierarquia à custódia pessoal de um magistrado ou senador, quem se fazia responsável por que comparecessem o dia quando tinha lugar o julgamento; e (3) a custódia militar. Neste caso o acusado estava a cargo de um soldado que devia responder com seu vida pela custódia do prisioneiro, e cuja emano esquerda geralmente estava unida por uma cadeia à mão direita do detento. Pablo estava agora baixo custódia militar (ver com. vers. 18).

17.

Pablo, chamando.

Sua fé em Deus e na condução divina (ver com. vers. 11) não lhe impunham que permanecesse ocioso. Na mensagem que lhe levou seu sobrinho reconheceu a Divina Providência, e viu que era conseqüente com sua fé dar os passos necessários para impedir o ameaçador perigo. 413

Jovem.

Gr. neanías (ver com. cap. 20: 9).

18.

O detento.

Gr. désmios, "encadeado", "cativo", "preso". A palavra não significa necessariamente que Pablo estivesse pacote com cadeias, embora geralmente um preso sob custódia militar estava pacote ao soldado que o cuidava (ver com. cap. 21: 33; 23: 16).

Rogou.

Quer dizer, pediu.

19.

Tomando da mão.

Fez-o assim para ouvir a mensagem do sobrinho do Pablo em forma privada, e para animá-lo a que falasse sem reservas. O jovem se dirigiu a Aleija como se fora o enviado de um cidadão romano que estava acusado. O tribuno evidentemente considerava o Pablo melhor que a seus acusadores (cf. vers. 26-33). Pelo general os romanos trataram ao Pablo com mais justiça e consideração que os judeus.

20.

Os judeus.

Como seus dirigentes formavam parte do complô, toda a nação estava

implicada.

21.

Sob maldição.

Ver com. vers. 12-14.

Esperando sua promessa.

Esperavam que Aleija desse a permissão para enviar ao Pablo ao lugar onde os judeus se propunham examiná-lo (cf. vers. 15).

22.

Então o tribuno.

O tribuno estava cada vez mais resolvido a proteger ao Pablo por quatro razões: (1) porque o apóstolo era cidadão romano; (2) porque parecia que os judeus tinham-no acusado injustamente; (3) porque os dirigentes judeus estavam divididos entre eles, e (4) porque aparentemente esses dirigentes estavam procurando anular os intentos de Aleija de lhe garantir ao Pablo um julgamento imparcial.

Que a ninguém dissesse.

Se os judeus chegavam a inteirar-se de que Aleija conhecia o complô deles, os esforços do tribuno para proteger ao Pablo poderiam ser frustrados. Além disso, por seu próprio bem, o denunciante não devia dizer nada.

23.

terceira hora.

ao redor das nove ou dez da noite (ver com. cap. 2: 15; 3: 1).

Da noite.

Para que não fora possível que os circunstantes pudessem identificar ao Pablo entre eles.

Duzentos soldados.

Estes soldados de infantaria foram atribuídos para proteger ao Pablo, 100 baixo o mando de cada um dos centuriões que tinham sido convocados.

Lançadores.

Gr. dexiolábos, literalmente "quem sustenta na direita". A Vulgata traduz esta palavra grega como lancearium, de onde deriva "lançador". O significado de "lançador" se deduz do fato de que uma lança geralmente se leva na mão direita. Uma tropa tão numerosa -470 homens- destinada para proteger da violência a um solo preso, demonstra quão turbulenta era a situação na Judea, quão forte era a guarnição de Jerusalém e, certamente, quanta importância tinha para Aleija a segurança do apóstolo. Aleija compreendeu que os judeus fariam algo para cumprir seu objetivo. Sem dúvida também houve muitos anjos perto, enviados pelo Senhor dos exércitos (cf. 2 Rei. 6: 17; Dão. 6: 22; Mat. 26: 53).

Até a Cesarea.

Ali estava a sede do governo romano na Palestina e a residência do procurador ou governador (ver cap. 8: 40; 10: 1). A distância por terra era de 100 km.

24.

E que preparassem cavalgaduras.

As cavalgaduras não eram para toda a companhia, a não ser só para o Pablo e possivelmente para os oficiais. Sua posição como cidadão romano e de detento protegido-lhe dava privilégios que não se concediam a um judeu comum, nem a um detento qualquer. Sem dúvida, semelhante acompanhamento foi um luxo que Pablo teve muito poucas vezes em suas viagens.

Levassem-lhe em salvo.

A segurança de um detento que afirmava que era cidadão romano, vista-las de os centuriões e dos soldados, e a capacidade do exército romano para conservar a ordem, tudo isto estava em jogo no traslado do Pablo desde Jerusalém até a Cesarea.

Félix.

Ver T. V, pp. 71, 224. O período do mandato do Félix foi aproximadamente desde ano 52 até o 60. Tácito (Anais xII. 54) diz que Félix, "sustenido com tão poderosas influências, considerava que todos os delitos seriam perdoáveis" porque seu irmão era um dos favoritos do imperador Claudio. Suetonio (Vistas dos Cessar V. 28) descreve ao Félix como marido de três mulheres com quem se casou sucessivamente. Uma delas foi Drusila, filha de Herodes Agripa I, e portanto descendente do Herodes o Grande e dos Macabeos (ver diagrama, T. V, P. 40; Hech. 24: 24). Apesar das incipientes revoltas dos judeus contra Roma, Félix pôde conservar em certa medida o ordem na Judea (cf. cap. 24:1), e isto apesar de sua má administração (Tácito, Anais xII. 54).

Governador.

Gr. h'gemÇn, "procurador" (ver com. Mat. 27: 2). 414

25.

Uma carta.

Em outra passagem (cap. 21: 15,18) Lucas se inclui entre os companheiros do Pablo em Jerusalém (ver T. V, P. 649). A carta foi escrita provavelmente em latim, o idioma da correspondência oficial; em tal caso, a versão que Lucas apresenta é uma tradução ao grego.

Estes términos.

Literalmente "tendo esta forma", ou seja "aos efeitos de". A reprodução que Lucas faz da carta com toda probabilidade não é uma cópia exata, a não ser muito parecida com o original. Lucas apresenta a essência da carta.

26.

Excelentíssimo.

Esta expressão e a palavra "saúde" refletem o bom uso do grego literário daqueles dias (ver com. Luc. 1: 3; cf. Hech. 1: 1; 15: 23; Sant. 1: 1).

27.

Homem.

Gr. an'r, "varão", distinto de mulher, o qual pode assinalar um grau de respeito, talvez pelo fato de que Pablo tinha demonstrado que era cidadão romano.

Apreendido.

Gr. sullambánÇ, "tomar", "apoderar-se de" (cf. Mat. 26: 55; Hech. 12: 3).

Que foram eles a matar.

Literalmente "esteve a ponto de ser morto". A carta omite os detalhes da controvérsia religiosa que desencadeou o ataque contra Pablo, possivelmente devido a a ignorância de Aleija em tais assuntos e porque sabia que isto se apresentaria ante o Félix (vers. 30).

Liberei-o.

refere-se ao momento quando Pablo foi atacado (cap. 21: 32).

Tendo sabido.

Ou "tendo sido informado". Aleija apresentou seu relato de tal maneira que desse a idéia ao Félix de que tinha resgatado ao Pablo porque já sabia que era cidadão romano; declaração que era, é obvio, contrária aos fatos (cap. 22: 25-29).

28.

Querendo saber.

Aleija tinha tratado de conseguir a informação desejada por meio de açoites (cap. 22: 24), do qual se salvou Pablo ao declarar que era cidadão romano (vers. 25).

29.

Questões da lei.

Isto incluía os regulamentos do templo (ver com. cap. 21: 28) e questões teológicas (cap. 23: 6). Estes assuntos tinham pouca importância para Aleija (cf. cap. 18: 15), exceto na medida em que pudessem alterar a ordem pública.

Delito.

A lei romana não legislava em tais assuntos. A suavidade com que Pablo foi tratado na Cesarea, e mais tarde em Roma, sem dúvida se deveu, em parte, ao relatório favorável de Aleija.

30.

Os judeus.

A evidência textual (cf. p.10) inclina-se pela omissão destas palavras. A declaração seria então assim: "Havendo me revelado que havia um complô contra este homem".

Ao ponto.

Ou "em seguida". Aleija, enviando ao detento rapidamente ao Félix, lisonjeia ao governador tanto por seu cargo superior como por seu amplo conhecimento das costumes judias.

Passa-o bem.

A evidência textual (cf. P. 10) inclina-se pela omissão destas palavras.

31.

Levaram-lhe de noite.

Ou seja, partiram de Jerusalém de noite, e quando amanheceu já haviam percorrido uma grande parte do caminho até a Cesarea (ver com. vers. 23).

Antípatris.

A identifica com o Rosh HaAyin na fértil planície da Caparsaba (Josefo, Antiguidades xVI. 5. 2). Esta cidade foi construída pelo Herodes o Grande, quem lhe pôs o nome de seu pai Antípatro (ver T. V, P. 41). Antípatris significa "que pertence ao Antípatro". A cidade, muito bem situada no bordo da planície do Sarón, estava mastreada e tinha abundante provisão de água. Estava no caminho romano de Jerusalém a Cesarea (ver T. V, mapa frente P. 353). Antípatris estava construída no lugar que no AT se denomina Afec (1 Sam. 4:1-11). Josefo também menciona este lugar, usando tanto o nome hebreu como o grego (Guerra iI. 19. 1). No mapa que se encontra frente a a P. 961 do T. I, aparecem os três nomes: Afec, Pegae e Antípatris.

32.

Ao dia seguinte.

Antípatris distava 46 km de Jerusalém. Pablo e seus acompanhantes, soldados de infantaria, partiram na noite (ver com. vers. 23), e portanto devem ter chegado ao Antípatris ao dia seguinte.

Deixando.

Considerando que Pablo já estava fora de perigo, os soldados de infantaria retornaram a Jerusalém.

A fortaleza.

A fortaleza Antonia de Jerusalém (cap. 21: 34), onde estava aquartelada a guarnição. Essa guarnição teve que ter sido numerosa para poder dispor de um destacamento tão grande de soldados em momentos tão turbulentos (ver T. V, pp. 71-72).

33.

Deram a carta.

O comandante do destacamento entregou a carta ao governador e deixou ao detento sob o cuidado de este. Sua missão tinha sido cumprida sem incidentes.

34.

Cilícia.

Ver com. cap. 6: 9; 15: 41. Nesse tempo Cilícia e Palestina provavelmente 415 estavam unidas a Síria, província romana.

35.

Ouvirei-te.

O verbo empregado sugere uma audiência cabal. Félix aceitou que lhe correspondia ocupar-se deste caso. Os acusadores chegaram a Cesarea cinco dias mais tarde (cap. 24: 1).

Pretorio.

Gr. praitÇrion (ver com. Mat. 27: 27), do latim praetorium, palavra que se referia à loja de um comandante militar, ao quartel do guarda imperial em Roma e, como aqui, ao palácio do governador provincial do Império Romano.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-35 HAp 329-334

1-9 HAp 329

10 HAp 330

11-15 HAp 330

16-22 HAp 331

23-31 HAp 332

35 HAp 333

CAPÍTULO 24

1 Pablo, acusado pelo orador Tértulo, 10 dá razão de sua vida e sua doutrina, 24 e prega a Cristo ao governador e a sua senhora. 26 O governador espera, em vão, que Pablo o suborne. 27 Deixa detento ao Pablo quando é substituído por Porcio Festo.

1 E CINCO dias depois, descendeu o supremo sacerdote Ananías com alguns dos anciões e um certo orador chamado Tértulo, e compareceram ante o governador contra Pablo.

2 E quando este foi chamado, Tértulo começou a lhe acusar, dizendo: Como devido a ti gozamos de grande paz, e muitas coisas são bem governadas no povo por sua prudência,

3 OH Excelentíssimo Félix, recebemo-lo em todo tempo e em todo lugar com toda gratidão.

4 Mas por não lhe incomodar mais longamente, rogo-te que nos ouça brevemente conforme a sua eqüidade.

5 Porque achamos que este homem é uma praga, e promotor de rebeliões entre todos os judeus por todo mundo, e cabeça da seita dos nazarenos.

6 Tentou também profanar o templo; e lhe prendendo, quisemos lhe julgar conforme a nossa lei.

7 Mas intervindo o tribuno Aleija, com grande violência lhe tirou de nossas mãos,

8 mandando a seus acusadores que viessem a ti. Você mesmo, pois, ao lhe julgar, poderá te informar de todas estas coisas de que lhe acusamos.

9 Os judeus também confirmavam, dizendo ser assim tudo.

10 Lhe havendo feito seja o governador ao Pablo para que falasse, este respondeu: Porque sei que há muitos anos é juiz desta nação, com bom ânimo farei minha defesa.

11 Como você pode te certificar, não faz mais de doze dias que subi a adorar a Jerusalém;

12 e não me acharam disputando com nenhum, nem amotinando à multidão; nem em o templo, nem nas sinagogas nem na cidade;

13 nem lhe podem provar as coisas de que agora me acusam.

14 Mas isto te confesso, que segundo o Caminho que eles chamam heresia, assim sirvo ao Deus de meus pais, acreditando todas as coisas que na lei e nos profetas estão escritas;

15 tendo esperança em Deus, a qual eles também abrigam, de que tem que haver ressurreição dos mortos, assim de justos como de injustos.

16 E por isso procuro ter sempre uma consciência sem ofensa ante Deus e ante os homens.

17 Mas passados alguns anos, devi fazer esmolas a minha nação e apresentar oferendas.

18 Estava nisso, quando uns judeus da Ásia me acharam desencardido no templo, não com multidão nem com alvoroço.

19 Eles devessem comparecer ante ti e me acusar, se contra mim têm algo. 416

20 Ou digam estes mesmos se acharam em mim alguma coisa mau feita, quando compareci ante o concílio,

21 a não ser que estando entre eles prorrompi em alta voz: A respeito da ressurreição dos mortos sou julgado hoje por vós.

22 Então Félix, ouvidas estas coisas, estando bem informado deste Caminho, postergou-lhes, dizendo: Quando descendesse o tribuno Aleija, acabarei de conhecer de seu assunto.

23 E mandou ao centurião que se custodiasse ao Pablo, mas que lhe concedesse alguma liberdade, e que não impedisse a nenhum dos seus lhe servir ou vir a ele.

24 Alguns dias depois, vindo Félix com a Drusila sua mulher, que era judia, chamou o Pablo, e lhe ouviu a respeito da fé no Jesucristo.

25 Mas ao dissertar Pablo a respeito da justiça, do domínio próprio e do julgamento vindouro, Félix se espantou, e disse: Agora vete; mas quando tiver oportunidade te chamarei.

26 Esperava também com isto, que Pablo lhe desse dinheiro para que lhe soltasse; pelo qual muitas vezes o fazia vir e falava com ele.

27 Mas ao cabo de dois anos recebeu Félix por sucessor ao Porcio Festo; e querendo Félix congraçar-se com os judeus, deixou detento ao Pablo.

1.

Cinco dias depois.

Isto é, depois da chegada do Pablo a Cesarea (ver com. vers. 11). Cinco dias não era muito tempo para ordenar as acusações e para que um profissional preparasse o alegação por escrito antes de apresentar o caso (cf. cap. 21: 17-18, 27; 24: 11).

Descendeu.

Ou "baixou" de Jerusalém, situada nas montanhas, até a Cesarea, a capital romana à borda do mar.

Ananías.

Ver com. cap. 23: 2. O supremo sacerdote não devia sentir muito afeto pelo Pablo, pois este o tinha chamado "parede branqueada" (cap. 23: 3).

Anciões.

Ver com. cap. 23: 14. A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto: "certos anciões". Não é provável que Ananías, um saduceo, tivesse convocado a muitos fariseus do sanedrín, porque estes tinham defendido ao Pablo (ver com. cap. 23: 9).

Orador.

Gr. r'tor, "conferencista", "orador". O r'tor era um advogado, um defensor profissional. No NT nunca se usa este título para um "pregador", ou "arauto" (Gr. k'rux, 1 Tim. 1: 7) da mensagem evangélica, nem para Cristo nosso "advogado" (Gr. parákl'tosse, 1 Juan 2: 1; ver com. Mat. 5: 4).

Tértulo.

Nome latino, diminutivo do Tertius que significa "terceiro". Compare-se com "Segundo" (cap. 20: 4). Em cada corte provincial havia profissionais versados

nas leis romanas, que podiam falar em favor dos habitantes não romanos das províncias. Tértulo pode ter sido um judeu versado nos procedimentos legais romanos, ou um romano familiarizado com os conhecimentos judeus. Se era romano, seu uso dos verbos em primeira pessoa do plural pode dar a entender que era um partidário do judaísmo, ou pode havê-los usado assim simplesmente para enfatizar que estava falando em favor de seus clientes.

Compareceram.

inclui-se ao Ananías, aos anciões e ao Tértulo. Toda a delegação se uniu para apresentar a acusação contra Pablo. Como no cap. 25: 2, 15, o verbo grego emfanízÇ, "informar" usa-se para acusar de maneira formal.

2.

Chamado.

Provavelmente seja uma referência para indicar que Pablo foi gasto de seu prisão para que se apresentasse ante a audiência.

Começou a lhe acusar.

O discurso do Tértulo começou com excessiva adulação, mas seu objetivo era acusar. acostumava-se começar os discursos, como este, com adulações (Cicerón, De Oratória iI. 80). O relatório que Lucas dá do discurso (vers. 2-8) é sem dúvida um breve resumo, no qual só se conservam os pontos principais.

Grande paz.

Durante este agonizante período da história judia, Palestina desfrutou de algo, menos de paz. Sob a superfície ferviam as revoltas que uns sete ou oito anos mais tarde estalariam em aberta insurreição (ver T. V, pp. 71-74). A paz que gozava a terra era a paz romana, imposta pela força das armas. Félix tinha suprimido repetidas vezes aos mesías políticos e extirpado as incipientes revoltas contra a autoridade romana (Josefo, Antiguidades xX. 8. 6-7; Guerra iI. 13. 2).

Muitas coisas.

Melhor "as melhoras realizadas por sua providência em benefício desta nação" (BJ). Segundo Tácito (Anais xII. 54), 417 Félix obtinha consideráveis ganhos que os bandidos da Palestina lhe davam em troca de que tolerasse seus atropelos. diz-se que quando Félix suprimiu a rapina, fez-o só para aumentar seu própria riqueza. devido a sua péssima administração foi chamado a Roma durante o tempo da prisão do Pablo.

Povo.

Gr. 'thnos, término comum com que os judeus se referiam aos gentis. Os escritores do NT geralmente chamam os judeus "povo", Gr. laós (cap. 10: 2; 26: 17, 23). Quando os judeus usam 'thnos para referir-se a sua nação, geralmente o fazem em presença de gentis ou com respeito a gentis (Luc. 7: 5; 23: 2).

Prudência.

Gr. prónoia, "previsão", "cuidado providente".

3.

Excelentíssimo.

Gr. krátistos, "nobilísimo", "muito ilustre", palavra que também usou Aleija em sua carta ao Félix (cap. 23: 26), e que se traduz "excelentíssimo". A palavra não denota caráter, a não ser posição. Pablo a aplicou ao Festo (cap. 26: 25).

4.

Por não lhe incomodar.

Gr. egkóptÇ, "estorvar", "deter". Tértulo atribui ao Félix o estar muito ocupado mantendo a paz e promovendo melhoras (ver vers. 2); portanto tem pouco tempo para assuntos tão insignificantes como o problema que o trazem. Nessa forma insinúa o desejo de uma decisão rápida em favor de seus clientes.

Eqüidade.

Gr. epiéikeia, "lenidad", "imparcialidade", "clemência" (cf. 2 Cor. 10: 1). "Consideração" ou "clemência" é uma boa tradução. Tértulo se propõe cegar os olhos do Félix ante os fatos, saturando com adulações o ambiente da sala de audiências.

5.

achamos.

A declaração dá a entender que se feito uma investigação cuidadosa, de a qual resultou evidente que Pablo era o indivíduo depravado que eles acusavam.

É uma praga.

Gr. loimós, "peste", "praga", "pestilência". Em 1 MAC. 10: 61 se usa esta palavra para referir-se a criminais.

Promotor de rebeliões.

Ou "agitador", uma grave acusação que, de ser certa, tivesse posto ao Pablo em conflito direto com a lei romana, como o esperavam seus acusadores. Pablo era "uma praga" segundo os judeus, mas não para os romanos. Entretanto, Félix era conhecido por tratar duramente aos insurretos (ver com. vers. 2), e se Tértulo podia convencê-lo com este argumento, a sorte do Pablo estaria arremesso. Compare-se com as acusações que se apresentaram ante o Pilato contra nosso Senhor (ver com. Luc. 23: 2).

Entre todos os judeus.

Milhares de judeus procedentes do estrangeiro se reuniram em Jerusalém para as festas anuais, e não há dúvida de que os dirigentes judeus tinham ouvido os informe dos tumultos produzidos pelo trabalho do Pablo no Filipos (cap. 16: 16-24), Tesalónica (cap. 17: 5-9), Corinto (cap. 18: 12 -17) e Efeso (cap. 19: 8-10, 13 a 20: 2). Esses distúrbios podiam ser considerados como resultado da conduta sediciosa do Pablo, e dessa maneira podiam dar força à acusação apresentada contra o apóstolo. Tértulo pôde ter chamado episódios

específicos, tirando o melhor partido deles e lhes dando a pior interpretação possível (cf. cap. 24: 18).

Mundo.

Gr. oikoumén', "mundo habitado", que aqui significa o Império Romano (ver com. Luc. 2: 1).

Cabeça.

Gr. prÇtostát's, "que está à frente", "homem de primeira fila", e pelo tanto, "cabeça". Na obra do Tucídides, Historia V. 71, o prÇtostát's em a asa direita é o responsável pela direção que se segue ao avançar ou ao atacar. Esta palavra se usa aqui metaforicamente.

Seita.

Ver com. cap. 5: 17.

Nazarenos.

É a única vez que no NT se aplica este nomeie aos cristãos; evidentemente se refere aos seguidores do Jesus do Nazaret. Durante os séculos II e III houve uma seita de judeus cristãos chamada nazarenos, mas a referência que comentamos denomina simplesmente aos primeiros cristãos, já fossem judeus ou gentis (ver T. V, P. 57). Cf. Mat. 2: 23, onde o término "nazareno" se aplica ao Jesus como residente do Nazaret. Esta palavra não tem nenhuma afinidade conhecida com o término nazareo (ver com. Núm. 6: 2; Mat. 2: 23), nem pode demonstrar-se que esteja relacionada com a palavra hebréia natsar "guardar", "velar", "observar".

6.

Tentou.

Os inimigos do Pablo o acusam agora do suposto crime que conduziu a seu arresto (cap. 21: 21, 28).

Profanar.

Gr. beb'lÇ, "profanar", "violar". Está relacionado com uma palavra que significa "soleira", pelo qual o verbo significa "atravessar a soleira". Se acusou ao Pablo de introduzir a gentis mais à frente do limite que havia no pátio do templo, e ao que só se 418 permitia que passassem os judeus (ver T. V, pp. 68-69), e, portanto, de que o tinha profanado. A acusação que se fez contra Pablo era muito grave ante a lei romana e a lei judia. Ver ilustração frente a P. 449, com uma advertência para os não judeus.

lhe prendendo.

Gr. kratéÇ, "tomar", "apoderar-se", por meio da força. Apresentaram ao Pablo como a um criminoso perigoso, detido pela força.

Quisemos lhe julgar.

A evidência textual (cf. P. 10) sugere a omissão desta frase, do vers. 7, e da primeira parte do vers. 8, incluindo as palavras: "viessem a ti". Entretanto, esta passagem recapitula, do ponto de vista do Tértulo, os

sucessos que já Lucas tinha registrado (cap. 21: 32 a 23: 30). Os vers. 6-8 apresentam ao Tértulo empregado em explicar por que tinha sido necessário incomodar ao Félix com este caso. Seus clientes -o supremo sacerdote e os anciões- haviam tentado haver-lhe pessoalmente com o Pablo, mas Aleija se havia interposto.

Conforme a nossa lei.

Na lei judia não havia nenhuma disposição que autorizasse executar a um homem por ser uma "praga", quer dizer uma moléstia pública. As leis do AT são justas, nobres, explícitas. Mas até a melhor lei, assim como a melhor doutrina, podem chegar a ser instrumentos de perseguição em mãos de homens caprichosos e intolerantes. Entretanto, no caso de profanação do templo, a lei romana permitia a quão judeus executassem ao violador mesmo que fora romano (ver T. V, pp. 68-69).

7.

Tribuno.

Ver com. cap. 22: 24.

Com grande violência.

O fato era que os judeus tinham sido os culpados de violência; sem embargo, eles naturalmente interpretariam como "violência" qualquer interferência com seus planos.

8.

Mandando a seus acusadores.

Aleija não deu esta ordem mas sim até que chegou a ser evidente que os judeus estavam tramando o assassinato do Pablo (ver com. cap. 23: 30).

Ao lhe julgar.

refere-se ao Pablo. O antecedente não pode ser Aleija (vers. 7), quem já se tinha pronunciado em favor de pôr em liberdade ao Pablo (cap. 23: 29) e previamente tinha demonstrado seu propósito de protegê-lo contra qualquer dano (cap. 21: 31-40; 22: 24; 23: 23-31). Em troca, o antecedente é o essencial "homem" ou Pablo (vers. 5). Um exame cuidadoso dos pronomes dos vers. 6-8 tende a apoiar a conclusão de que parte destes versículos não estava no texto original de Feitos (ver com. vers. 6).

9.

Confirmavam.

Ou se uniam na acusação. Tértulo era o porta-voz dos judeus, e estes confirmavam a suposta verdade do que ele tinha declarado.

10.

Pablo.

A defesa do Pablo é uma negação categórica da acusação apresentada contra ele (vers. 12-13). Apresenta quatro argumentos: (1) Tinha subido a adorar a Jerusalém e a trazer "esmolas" e "oferendas" (vers. 11, 17); (2) não havia

causado nenhum motim (vers. 12, 18); (3) desafia a seus acusadores a que, mediante testemunhas, provem as coisas de que o acusam (vers. 13, 19); (4) insiste em que seu único delito é obedecer a Deus e sua lei e acreditar na ressurreição (vers. 14-15, 21). A primeira parte de sua defesa é uma declaração geral (vers. 11-16) e a última parte é uma repetição detalhada dos pontos apresentados naquela declaração (vers. 16-21). O processo provavelmente se levou a cabo em grego. Se Pablo tivesse falado em latim, sem duvida Lucas o teria indicado, como quando Pablo recorreu ao hebreu (cap. 21: 40).

Muitos anos é juiz.

Até este momento Félix tinha estado possivelmente seis ou oito anos no cargo de procurador, mais tempo que a maioria dos procuradores da Judea (ver T. V, pp. 71-72). além de desempenhar seu cargo como governador durante um período, com toda probabilidade Félix tinha sido por algum tempo procurador conjuntamente com o Cumano (Tácito, Anais xII. 54).

Farei minha defesa.

Gr. apologéomai, "fazer a própria defesa". Pablo "com bom ânimo", dá por sentado que Félix é digno de sua confiança; também sabia que Félix conhecia as costumes judias. Mas seu ânimo se apoiava na permanente promessa da amparo divino (cap. 23: 11).

11.

Você pode te certificar.

Félix facilmente podia verificar esta afirmação. Não tinha havido tempo para promover uma insurreição. Na verdade, o propósito do Pablo ao ir a Jerusalém tinha sido totalmente diferente (vers. 11, 17), e Félix sabia que os judeus de todo mundo foram a Jerusalém para adorar e levar oferendas.

Doze dias.

Usando o método inclusivo de cômputo, todo o período desde que Pablo chegou a Jerusalém parece ter sido de 14 dias, os quais podem enumerar-se da seguinte maneira: primeiro dia, chegada a Jerusalém 419 e a recepção que o deram os irmãos (cap. 21: 17); segundo dia, reunião com os apóstolos em Jerusalém (vers. 18-25); terceiro dia até o sétimo (aproximadamente, cf. HAp 325-326), cinco dos sete dias da purificação (vers. 26-27); sétimo dia (aproximadamente), ataque dos judeus e o resgate efetuado por Aleija (vers. 27-33); oitavo dia, a defesa do Pablo ante o sanedrín (cap. 22: 30 a 23: 11); nono dia, trama-se o complô para matá-lo, o qual é descoberto (vers. 12-22) e Pablo viaja a Cesarea passando pelo Antípatris (vers. 31); décimo dia, chegada a Cesarea e seu comparecimento ante o Félix (vers. 32-33); décimo a décimo quarto dias, os cinco dias do cap. 24: 1. É provável que Pablo não haja contado o dia de sua chegada a Jerusalém nem o dia de sua audiência ante o Félix, mas sim se refere aos 12 dias intermédios.

A adorar.

Esta foi a mesma razão fundamental de sua viagem a Jerusalém. É absurdo pensar que um homem entrasse no templo para adorar a Deus, e imediatamente trocasse de conduta e o profanasse.

12.

E não me acharam.

Aqui começa Pablo a apresentar uma categórica negação, assim como uma completa refutação dos cargos; primeiro em forma general, e depois detalladamente (ver com. vers. 10). Ninguém poderia dizer que Pablo tinha sido visto fazendo alguma das coisas das quais o acusavam seus inimigos. As afirmações do apóstolo podiam comprovar-se. Não havia testemunhas que pudessem provar que Pablo tinha falado em forma ofensiva ou se conduziu em forma imprudente.

Amotinando à multidão.

Ou "provocando um tumulto em uma turfa". Foram os judeus os que reuniram ao povo para atacar ao Pablo (cap. 21: 27-28).

13.

Provar

Gr. paríst'meu, que significa enunciar formalmente as evidências, ponto por ponto. Josefo usa o mesmo verbo para descrever suas provas de que os judeus tinham sido incitados à insurreição pelo mau governo dos romanos (Vida 6).

14.

Confesso.

Gr. homologéÇ, "declarar", "Professar,". Pablo não "confessou" no sentido de admitir algum aspecto das acusações apresentadas contra ele.

O Caminho.

É um término específico que se aplica ao cristianismo (ver com. cap. 9: 2).

Heresia.

Gr. háiresis. Aqui significa "seita" (ver com. cap. 5: 17; cf. cap. 24: 5).

Assim sirvo.

Pablo reconhece que serve a Deus no "Caminho" dos "nazarenos" (vers. 5). Mas nesse tempo não havia lei nem feijão nem romana contra ser nazareno ou cristão. Os judeus não tinham pedido uma falha argumentando que Pablo era cristão.

Deus de meus pais.

Pablo insiste que não se desviou da fé do Israel ao converter-se em nazareno. Segue adorando ao mesmo Deus; nega que seja um heterodoxo.

Acreditando todas as coisas.

Pablo não só segue adorando ao mesmo Deus, mas também também tem plena fé e confiança no AT, as Escrituras hebréias. Pablo desmente nesta forma o argumento de que o AT perdeu seu valor para os cristãos. Todos os que como Pablo fixam seus Olhos em Cristo para a salvação, fariam bem em imitar seu exemplo de acreditar "todas as coisas que na lei e nos profetas estão

escritas" (ver com. Luc. 24: 27).

Na lei.

Literalmente "segundo a lei" (ver com. Luc. 24: 44). "A lei", como se usa aqui, em combinação com "os profetas", é um término específico que se refere ao Pentateuco, os cinco livros do Moisés. A lei e os profetas são dois das três divisões do AT hebreu; e quando esta frase se usa como aqui, em forma genérica, equivale ao AT. A lei assinalava o verdadeiro caminho, e os profetas ilustravam e ampliavam a lei. Pablo acredita em tudo isto. Não é herege. Dá a entender que o AT -a autoridade suprema do judaísmo- faz plenamente válidas suas crenças e práticas como cristão.

15.

Esperança.

Ver com. ROM. 5: 4-5. Sem ter esperança na ressurreição e na vida futura, tanto o cristianismo como o judaísmo perderiam seu significado (1 Cor. 15: 14, 32; Tito 2: 13; 1 Juan 3: 3). A esperança é uma das grandes virtudes cristãs (Sal. 146: 5; Zac. 9: 12; 1 Cor. 13: 13; Gál. 5: 5; Heb. 6: 19; 1 Ped. 1: 3). Para os que não têm esperança e estão "sem Deus no mundo" (F. 2: 12) a vida é, no melhor dos casos, nada mais que uma experiência vã, sombria.

Abrigam.

Gr. prosdéjomai, "aceitar", "receber". Pablo aparentemente se está refiriendo a seus acusadores. Entre estes alude pelo menos aos fariseus, presentes na sala do concílio (cap. 23: 6). Em geral os judeus acreditavam na ressurreição (ISA. 26: 20; Dão. 12: 2, 13; cf. 2 MAC. 7: 9; Enoc 91: 10; Salmos do Salomón 3: 16 [ver T. V, pp. 87-88, 91]).

Dos mortos.

A evidência textual (cf. P. 10) 420 tende a confirmar a omissão destas palavras. Os judeus eram algo singular entre os povos antigos pela certeza com que ensinavam a ressurreição corporal. A idéia de uma vida futura era menos precisa em certa forma entre os egípcios, os babilonios, os persas e os gregos (cap. 17: 32). Os platônicos e até os estóicos romanos não tinham um ensino claro concernente à vida depois da morte; e os cínicos e os epicúreos rechaçavam a idéia da ressurreição.

Injustos.

A doutrina do Pablo não é que só os justos ressuscitarão (1 Cor. 15: 51-54; 1 Lhes. 4: 16), mas também os injustos (cf. Dão. 12: 2). A ressurreição será um acontecimento geral, para todos, mas as recompensas serão muito diferentes (ROM. 2: 5-10). Juan destaca que as duas ressurreições estão separadas por um período de 1.000 anos (Apoc. 20: 3-10). O que menciona Pablo a respeito da ressurreição dos injustos teve que ter sido uma provocação para a consciência do Félix (ver com. Hech. 23: 24; 24: 2).

16.

E por isso.

Ou seja, em vista da fé, a esperança e o piedoso serviço do qual já havia

falado (vers. 14-15).

Procuro.

Gr. askéÇ, "exercitar-se", "esforçar-se", "empregar-se". Pablo toma muito a sério suas crenças e práticas religiosas. Para ele a religião é mais que um sistema filosófico: é um modo de vida. esforça-se seriamente para alcançar o êxito nos assuntos espirituais, que considera vitais para sua felicidade (cf. Mat. 7: 24-27; Fil. 2: 12-13; 3: 7-15).

Consciência.

A consciência -a faculdade de distinguir entre o bem e o mal- era para o Pablo de importância suprema (1 Tim. 1: 5; 3: 9; Heb. 9: 14). Repete que até esse momento tinha uma boa consciência diante de Deus (Hech. 23: 1; cf. ROM. 9: 1; 2 Tim. 1: 3; Heb. 13: 18).

Sem ofensa.

Gr. apróskopos, "sem nada contra o qual golpear". Tudo o que Pablo havia feito através de sua vida o tinha dedicado como serviço para Deus; inclusive quando era perseguidor, sinceramente acreditava que estava servindo ao Senhor (Hech. 26: 9-10; cf. Juan 16: 2). A vida do Pablo ilustra portanto o fato de que não é menos importante ter uma consciência iluminada Por Deus que o ser consciencioso. Não importa quão "boa" possa ser nossa consciência, sempre deve estar atenta à voz de Deus (ISA. 30: 21) e a sua Palavra (ISA. 8: 19-20; 2 Tim. 3: 15-17; cf. Mat. 24: 21-27).

17.

Passados alguns anos.

A última visita do Pablo a Jerusalém tinha tido lugar ao redor do ano 52 ao concluir sua segunda viagem missionária (cap. 18: 21-22). Tinham passado, pois, uns seis anos (ver P. 105).

A fazer esmolas.

Pablo explica agora em forma específica seu propósito ao retornar a Jerusalém. Sua chegada tinha estado em harmonia com sua determinação de servir a Deus e a seus semelhantes (ver com. vers. 16). Não tinha vindo para prejudicar a seu povo, a não ser para beneficiá-lo (cf. Hech. 11: 29-30; 20: 35; ROM. 15: 25-27; 1 Cor. 16: 1-4; 2 Cor. 8: 1-4).

Minha nação.

Pablo, romano por cidadania, ainda era judeu de coração, e sem vacilar-se identifica aqui com seu povo (cf. cap. 22: 3). Seu propósito, sem mencionar as "esmolas" e "oferendas", demonstrava que não tinha tido intenção de profanar o templo ou de perturbar seus serviços.

18.

Estava nisso.

Ou seja, enquanto estava ocupado apresentando as "esmolas" e "oferendas". No preciso momento em que os judeus da Ásia o viram talvez não estava em realidade entregando as dádivas, mas sim ocupado nesse assunto.

Judeus da Ásia.

Provavelmente no Efeso, a cidade principal da província romana da Ásia (ver mapa frente a P. 33), onde Pablo tinha passado por muitas dificuldades, em parte devido aos judeus (cf. Hech. 19: 13-16; 21: 27; 1 Cor. 15: 32).

Acharam-me desencardido.

Quando Pablo foi capturado não estava provocando um tumulto, a não ser fazendo os acertos para o sacrifício que ofereceria (cf. HAp 325).

Não com multidão.

Os únicos companheiros do Pablo eram os quatro homens com quem se havia unido para completar seus votos (cap. 18: 18; 21: 23-24). Não havia nenhuma base real para acusar o de um ato sedicioso (cap. 24: 5).

19.

Eles devessem.

Ou seja os judeus da Ásia (vers. 18).

me acusar.

A acusação que apresentaram aparentemente consistiu em que instigava à multidão no átrio do templo (cap. 21: 27-30). Este suposto alvoroço (cap. 21: 30-32) e as descabeladas acusações apresentadas posteriormente contra Pablo, só dependiam do testemunho daqueles homens; mas indubitavelmente os tais não estavam agora pressente, e sem testemunhas oculares para o único cargo específico pelo qual Pablo tinha sido denunciado (ver com. cap. 24: 5-6), 421 a acusação deveria ser deixada sem efeito.

20.

Estes.

Ao não apresentá-los acusadores da Ásia (vers. 19), Pablo desafiou aos judeus que ali estavam a que apresentassem acusações específicas das quais fossem testemunhas pessoais, ou para as quais pudessem apresentar provas aceitáveis.

Em mim.

A evidência textual (cf. P. 10) favorece a omissão destas palavras.

Ante o concílio.

O supremo concílio dos judeus não tinha podido ficar de acordo assim que aos cargos contra Pablo. Em realidade, muitos membros do concílio se haviam declarado em favor dele, com o qual quase ocasionaram um tumulto (cap. 23: 1-10). Se muitos dos dirigentes judeus tinham pensado que Pablo era inocente e estavam preparados para protegê-lo usando a força, que argumento poderiam aduzir ante o Félix seus acusadores?

21.

A não ser que.

Alguns pensaram que nesta declaração Pablo admite ou expressa a idéia de que não se levou bem; mas não é assim. Se tivesse havido algo censurável em suas declarações ante o concílio (cap. 23: 6), com toda sua segurança acusadores lhe teriam dado importância; em troca, de uma maneira bem calculada evitaram mencionar o episódio que em realidade os podia pôr em apuros. Mais ainda, a narração do caso provaria que eles mesmos estavam divididos em quanto à culpabilidade ou inocência do Pablo, e que o verdadeiro ponto em disputa era um assunto de teologia judia. Se Pablo referiu todo o fato, como é de supor, com isso demonstrou que a causa que eles levantaram contra ele nem sequer seria tomada em conta por um tribunal romano. Quanto à reação do Félix, ver com. vers. 22.

22.

Então.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece a omissão desta palavra e da frase "ouvidas estas coisas"; entretanto, o contexto mostra que este é o significado da passagem. O testemunho do Pablo (vers. 10-21) demonstrou que seus acusadores não tinham um argumento convincente contra ele, e portanto Félix despediu-se da audiência; entretanto, quis saber que mais podia ter Aleija que dizer a respeito do Pablo.

Estando bem informado.

Félix tinha servido na Palestina durante vários anos (ver com. vers. 10), e teve que ter aprendido muito quanto ao judaísmo e ao cristianismo durante esse tempo. Sua esposa Drusila, irmã do Herodes Agripa II (ver com. vers. 24) também era judia (ver com. cap. 23: 24).

Este Caminho.

Quer dizer, a fé. cristã (ver com. cap. 9: 2; 24: 14).

Postergou-lhes.

Sem mais informação Félix não podia tomar uma decisão inteligente, e pelo tanto postergou o caso.

23.

Centurião.

Possivelmente um dos dois que tinha escoltado ao Pablo de Jerusalém.

Custodiasse.

Gr. t'réÇ, "cuidar", "guardar". O verbo não implica necessariamente uma detenção rigoroso, a não ser uma custódia. Parece que Félix tinha boa vontade ao Pablo devido, em parte, a que sua consciência tinha sido comovida (cf. vers. 14-16, 24-25), e também porque esperava receber suborno (vers. 26).

Concedesse alguma liberdade.

Privilégios dos que um detento comum não podia gozar (cf. com. cap. 23: 16-17). Estaria sob arresto, mas sem sofrer os desconfortos do cárcere comum.

Dos seus.

Gr. ídios, "dele"; o plural inclui parentes ou amigos íntimos (ver com. Juan 1: 11). Entre estes talvez estavam incluídos Felipe (Hech. 21: 8) e outros cristãos que viviam nas cercanias da Cesarea, e possivelmente Lucas, que tinha acompanhado ao Pablo a Jerusalém (vers. 17).

lhe servir.

Gr. hup'retéÇ, "servir", "estar sob as ordens de outro" (ver com. Hech. 13: 5). Isto incluía poder desfrutar de entrevistas, receber roupa, alimento e também mensagens. Possivelmente Félix tinha também a intenção de lhe facilitar ao Pablo a forma de que fizesse acertos com seus amigos para que o proporcionassem dinheiro para o resgate (cf. cap. 24: 26).

Ou vir.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece a omissão destas palavras.

24.

Alguns dias.

Ver com. cap. 9: 19.

Vindo Félix.

Possivelmente Félix esteve ausente da Cesarea por um tempo, e quando retornou-se dispôs a interrogar de novo ao Pablo.

Drusila.

A segunda esposa do Félix. Era filha do Herodes Agripa I, o qual era neto de Herodes o Grande e da Mariamna, da antiga casa real feijão dos asmoneos (ver T. V, P. 40). portanto, Herodes Agripa II era irmão dela, e Berenice, sua irmã. Drusila tinha abandonado a seu primeiro marido, o rei Aziz da Emesa, partidário do judaísmo, para casar-se com o Félix (Josefo, Antiguidades xX. 7.1-2). 422 Nesse momento teria 22 anos de idade. Tinha seis anos quando seu pai mandou matar ao Jacobo (cap. 12: 1-2), e pôde ter sabido de aquele trágico acontecimento. Possivelmente também tinha ouvido da liberação do Pedro da prisão (vers. 3: 19) e, sem dúvida, da horrível morte de seu pai (vers. 21-23). Sua borrascosa vida conjugal dá a entender que não tomou em sério os escrúpulos judeus, e talvez sentia curiosidade de ouvir este homem a quem procuravam matar os dirigentes judeus.

Chamou o Pablo.

Possivelmente Félix se propôs conseguir mais informação para satisfazer a curiosidade da Drusila, e impressionar ao Pablo com o fato de que estava disposto a soltá-lo se lhe pagava um suborno (ver com. vers. 26).

Jesucristo.

Sem dúvida Pablo apresentou sua crença no Mesías e no Jesus do Nazaret como o Mesías (ver com. Mat. 1: 1), em sua morte pelos pecadores e sua graça salvadora, em sua ressurreição, na certeza de sua volta e no julgamento de todos os homens. "A fé no Jesucristo" denota aqui as coisas "muito certos" (Luc. 1: 1) respeito a ele.

25.

Ao dissertar Pablo.

A instrução do Pablo, particularmente aos pés do Gamaliel em Jerusalém, sem dúvida tinha desenvolvido as faculdades naturais de sua mente e sua habilidade para falar em público. Seu trato pessoal em visão com o Senhor perto de Damasco e no templo em Jerusalém (cap. 9: 4-6; 22: 17 -18), e o poder vigorizador do Espírito Santo, tinham-lhe proporcionado um claro conceito da verdade, que fez possível uma apresentação lógica das verdades vitais do Evangelho que eram tão apreciadas pelo apóstolo. Os anos de experiência que tinha como pregador tinham feito de sua apresentação do Evangelho uma força poderosa para ganhar em outros para Deus.

Justiça.

Gr. dikaiosún' (ver com. ROM. 1: 17). Sem dúvida aqui Pablo se está refiriendo a uma atitude correta e a uma reta conduta para Deus e o próximo. Nesta palavra Lucas sintetiza a exposição que Pablo fez das grandes verdades de a lei e o Evangelho (ver com. Miq. 6: 8; Mat. 22: 36-40). A consciência de Félix deve haver-se perturbado muito ao refletir sobre sua própria conduta (ver com. Hech. 24: 2). Não deve sentir saudades que tremesse à medida que Pablo falava e se visse si mesmo ajuizado ante o tribunal de Deus.

Domínio próprio.

Gr. egkráteia, "domínio próprio", ou domínio dos apetites e as paixões (ver com. Gál. 5: 23). Este rasgo de caráter é muito importante em um dirigente, e sem dúvida Pablo explicou ao Félix como podia alcançá-lo.

Julgamento.

Gr. kríma, a sentença que resulta do julgamento (ver com. Juan 9: 39); aqui, do julgamento final. Nesse momento Félix estava em qualidade de juiz; depois, estaria como acusado ante o tribunal de Deus. A cobiça, crueldade e libertinagem de Félix (Tácito, Anais xII. 54; Historia V. 9) determinaram que a mensagem de Pablo fora particularmente apropriado. Ou Pablo conhecia o caráter do homem a quem se estava dirigindo, ou foi dirigido pelo Espírito Santo para que pusesse de relevo as coisas que Félix necessitava. Pablo não era simplesmente um professor de ética. Não se limitou a argumentos abstratos sobre a beleza e utilidade da justiça e a temperança. Suas palavras foram extremamente práticas e constituíram o convite que o céu estendia ao Félix e a seu esposa para que se convertessem ao verdadeiro Deus.

espantou-se.

Gr. émfobos, "aterrorizado". Esta palavra não denota agitação física a não ser mental. O Espírito Santo estava obrando na perturbada consciência do procurador convencendo-o "de pecado, de justiça e de julgamento" (Juan 16: 8). Como os demônios, Félix acreditou e tremeu (Sant. 2: 19) em espírito. O governador que lhe estava negando justiça ao Pablo com a esperança de obter um suborno por sua liberdade, tremeu ao pensar que tinha que dar conta de seus obra ante o juiz do universo.

Quando tiver oportunidade.

Félix sossegou sua consciência pospondo sua decisão pessoal. Não rechaçou

abertamente a chamada do Espírito Santo, mas sim, vacilando frente a uma decisão em favor da justiça, determinou postergar a penosa tarefa de pôr em ordem seus assuntos pessoais. A "oportunidade" para tomar esta decisão -agora- freqüentemente é desagradável; para o que tem uma consciência culpado, o presente é sempre um momento inapropriado e molesto.

Chamarei-te.

Félix chamou muitas vezes ao Pablo (vers. 26), mas nunca chegou a tomar seu decisão; nunca encontrou a "oportunidade" que havia posposto.

26.

Desse-lhe.

Félix pensou que se Pablo era tão importante para produzir tanta oposição de parte dos dirigentes judeus, 423 então sua liberdade devia merecer um elevado suborno. Como Pablo tinha sido o portador das oferendas para os judeus de Jerusalém (vers. 17), Félix pôde muito bem ter deduzido que tinha amigos ricos que pagariam por sua liberdade. Possivelmente pensou que entre os amigos que permitiu que visitassem o Pablo (vers. 23) poderia haver alguns que estivessem dispostos a pagar.

Para que lhe soltasse.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece a omissão destas palavras; sem embargo, o contexto esclarece que esta foi sua intenção.

Muitas vezes.

Félix continuou falando com o Pablo devido a sua mente ainda estava perturbada quanto a Injustiça, o domínio próprio e o "julgamento vindouro" (vers. 25), e porque esperava um suborno. Em realidade, uma estranha combinação de motivos. Mas não conseguiu nem o suborno que esperava nem a paz mental.

Falava.

No grego se dá a entender que houve uma discussão amigável. O contraste entre o Pablo e Félix é dramático. Quando era Saulo do Tarso, Pablo havia tratado de agradar a aqueles que o estavam promovendo a um cargo elevado em sua própria nação; mas voltou suas costas a tudo o que um jovem hebreu podia desejar (cf. Fil. 3: 8, 10), e se uniu a uma seita odiada, experimentando a vergonha e o sofrimento que afligiam aos cristãos por toda parte.
Félix esperava beneficiar-se mediante métodos proibidos entre seu povo, mas encontrou-se tratando com eqüidade ao desprezado Pablo e invejando a valente honradez com que este defendia suas convicções. Félix deve ter refletido intimamente quanto a tomar a sério os ensinos do Pablo, porque, em certo sentido, parece que desfrutava ao falar com um homem tão hábil, franco e honrado como o apóstolo.

27.

Ao cabo de dois anos.

Ou "quando dois anos foram cumpridos". Deduz-se que foram dois anos completos, e não parte de dois anos pelo método de cômputo inclusivo (ver pp. 102, 104-105; T. I, pp. 191-192).

Sucessor.

Isto ocorreu ao redor do ano 60 (ver P. 105).

Porcio Festo.

Ver T. V, pp. 72-73. Josefo descreve o caráter deste procurador como menos perverso que o do Félix (Guerra xI. 14. 1), mas o apresenta, como a seu predecessor, acossado pelas dificuldades da rebelião e os assassinos (Antiguidades xX. 8. 9-10).

Congraçar-se com os judeus.

Félix deixou detento ao Pablo, liberado a um destino incerto, pois assim esperava que diminuíram as queixa que os judeus apresentavam contra ele em Roma. A pesar de que estava desacreditado, jogou com o destino do Pablo para seu próprio proveito.

Preso.

Quer dizer, em cadeias; expressão que sugere que o tratamento benévolo que Pablo tinha recebido estando preso (vers. 23) pôde ter terminado com uma ordem do governador antes de sua partida. Não se dá informação de como empregou Pablo seu tempo durante os dois anos que esteve detido sob a jurisdição do Félix.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-27 HAp 335-341

1-3 HAp 335

5-10 HAp 335

12-21 HAp 336

14 IT 43

15 CS 599

16 CM 256; 1JT 279; MeM 222; 2T 327; TM 117

22-24 HAp 337

25 CM 272, 301; CS 175; FÉ 434; HAp 338; PVGM 177; 4T 108

25-26 HAp 340

25, 27 HAp 341 424

CAPÍTULO 25

2 Os judeus acusam ao Pablo diante do Festo. 8 Pablo se defende, 11 e apela a César. 14 Logo Festo apresenta seu caso ao rei Agripa, 23 e Pablo comparece de novo. 25 Festo não encontra nele nada digno de morte.

1 CHEGADO, pois, Festo à província, subiu da Cesarea a Jerusalém três dias depois.

2 E os principais sacerdotes e os mais influentes dos judeus se apresentaram ante ele contra Pablo, e lhe rogaram,

3 pedindo contra ele, como graça, que lhe fizesse trazer para Jerusalém; preparando eles uma cilada para lhe matar no caminho.

4 Mas Festo respondeu que Pablo estava custodiado na Cesarea, aonde ele mesmo partiria breve.

5 Os que de vós possam, disse, descendam comigo, e se houver algum crime neste homem, lhe acusem.

6 E detendo-se entre eles não mais de oito ou dez dias, vindo a Cesarea, ao seguinte dia se sentou no tribunal, e mandou que fosse gasto Pablo.

7 Quando este chegou, rodearam-no quão judeus tinham vindo de Jerusalém, apresentando contra ele muitas e graves acusações, as quais não podiam provar;

8 alegando Pablo em sua defesa: Nem contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César pequei em nada.

9 Mas Festo, querendo congraçar-se com os judeus, respondendo ao Pablo disse:Quer subir a Jerusalém, e lá ser tribunal destas coisas diante de mim?

10 Pablo disse: Ante o tribunal do César estou, onde devo ser julgado. Aos judeus não lhes tenho feita nenhuma ofensa, como você sabe muito bem.

11 Porque se alguma ofensa, ou coisa alguma digna de morte tenho feito, não recusou morrer; mas se nada tem que as coisas de que estes me acusam, ninguém pode me entregar a eles. Ao César apelo.

12 Então Festo, tendo falado com o conselho, respondeu: Ao César há apelado; ao César irá.

13 Passados alguns dias, o rei Agripa e Berenice vieram a Cesarea para saudar o Festo.

14 E como estiveram ali muitos dias, Festo expôs ao rei a causa do Pablo, dizendo: Um homem foi deixado detento pelo Félix,

15 respeito ao qual, quando fui a Jerusalém, me apresentaram os principais sacerdotes e os anciões dos judeus, pedindo condenação contra ele.

16 A estes respondi que não é costume dos romanos entregar algum à morte antes que o acusado tenha diante a seus acusadores, e possa defender-se da acusação.

17 Assim, que, tendo vindo eles juntos para cá, sem nenhuma demora, ao dia seguinte, sentado no tribunal, mandei trazer para o homem.

18 E estando pressente os acusadores, nenhum cargo apresentaram dos que eu suspeitava,

19 mas sim tinham contra ele certas questões a respeito de sua religião, e de um certo Jesus, já morto, que Pablo afirmava estar vivo.

20 Eu, duvidando em questão semelhante, perguntei-lhe se queria ir a Jerusalém e lá ser tribunal destas coisas.

21 Mas como Pablo apelou para que lhe reservasse para o conhecimento de Augusto, mandei que lhe custodiassem até que enviasse eu ao César.

22 Então Agripa disse ao Festo: Eu também queria ouvir esse homem. E o disse: Amanhã lhe ouvirá.

23 Ao outro dia, vindo Agripa e Berenice com muita pompa, e entrando na audiência com os tribunos e principais homens da cidade, por mandato de Festo foi gasto Pablo.

24 Então Festo disse: Rei Agripa, e todos os varões que estão aqui juntos conosco, aqui têm a este homem, em relação ao qual toda a multidão de os judeus me demandou em Jerusalém e aqui, dando vozes que não deve viver mais.

25 Mas eu, achando que nada digna de morte tem feito, e como ele mesmo apelou a Augusto, determinei lhe enviar a ele. 425

26 Como não tenho coisa certa que escrever a meu Senhor, trouxe-lhe ante vós, e principalmente ante ti, OH rei Agripa, para que depois de lhe examinar, eu tenha o que escrever.

27 Porque me parece fora de razão enviar um detento, e não informar dos cargos que haja em seu contrário.

1.

Chegado.

Ou ao distrito que ia governar, ou a seu escritório, para dedicar-se a seus responsabilidades. Ver Josefo, Antiguidades xX.. 8; Guerra iI. 14. 1.

Festo.

Ver com. cap. 24: 27.

Cesarea.

A sede da administração romana na Palestina (ver com. cap. 8: 40).

A Jerusalém.

Jerusalém era a metrópole do distrito da Judea. Sem dúvida Festo estava inspecionando o território que lhe correspondia como procurador, tratando de conhecer seus problemas. O fato de que deixasse passar só três dias antes de empreender sua viagem, fala muita bem dele como administrador. Sua capacidade e integridade parecem ter superado em muito às do Félix (ver T . V, pp. 72-73).

2.

Principais sacerdotes.

Nesse momento o supremo sacerdote era Ismael, renomado pouco antes pela Agripa II (Josefo, Antiguidades xX. 8. 8). Os acusadores do Pablo tentaram tirar

vantagem do Festo antes de que tivesse tempo de inteirar-se dos assuntos dos judeus em sua verdadeira perspectiva.

Influentes.

Ou "líderes", "os principais". Os judeus mais ricos e destacados eram membros do concílio, e a maioria eram saduceos. Parece que os saduceos, devido a que negavam a ressurreição, eram os principais acusadores do Pablo (ver com. Hech. 23: 6-9; cf. com. Juan 11: 46).

3.

Como graça.

Procuraram que se tratassem em primeiro lugar as acusações contra Pablo. Pertenciam à classe dos grandes homens da nação, e Pablo não. Seu honra e integridade como dirigentes do povo estavam em jogo nesse assunto. Por sua animosidade contra Pablo eles mesmos se colocaram em uma posição difícil. sugeriu-se que a "graça" (Járis) que os judeus solicitavam, poderia ter sido uma ordem oficial para transferir ao Pablo à jurisdição deles.

Preparando eles uma cilada.

Não tinha sido descartada a primeira conjuración contra Pablo (ver com. cap. 23: 12-15). Tanto a opinião pública feijão como a lei comum aprovavam medidas diretas para tratar com pessoas a quem se considerava culpados de violar certas disposições religiosas (cf. Mishnah Sanhedrin 9. 6). Talvez alguns dos membros do concílio tinham feito um voto tal como certos fanáticos o faziam dois anos antes.

4.

Custodiado.

Pablo estava sob custódia. Ali tinha sido posto pelo Félix, ali estava seguro em mãos romanas, e ali permaneceria porque não havia nenhuma razão para transladá-lo a outro lugar.

Breve.

Quer dizer, uns dez dias mais tarde.

5.

Os que. . . possam.

Gr. dunatós, literalmente, "poderoso", "forte". Quer dizer, homens de autoridade ou capazes, qualificados para representar à nação judia. Esta mesma palavra se traduz "capitalista" no Luc. 24: 19; Hech. 7: 22; e "poderosos" em 1 Cor. 1: 26; Apoc. 6: 15. Tinham que ser líderes, provavelmente membros do sanedrín.

Descendam comigo.

Os delegados judeus deviam ser homens dignos de viajar com o governador romano. Festo estava honrando a estes dirigentes judeus e reconhecendo ao mesmo tempo a importância do caso do Pablo. O zelo dos dirigentes

judeus contra Pablo não tinha minguado em forma perceptível nos dois anos transcorridos desde a primeira audiência (cap. 24: 1, 27).

Algum crime.

Em grego se fala de: "algo impróprio", "alguma impropriedade", "alguma ofensa". Não aparece uma palavra grega equivalente a "crime", a qual parece ter sido tirada da Vulgata, onde se lê crime.

6.

Não mais de oito ou dez dias.

destaca-se mais a brevidade da permanência do Festo em Jerusalém (vers. 4), que sua duração. Sem dúvida os muitos problemas que deixou a administração de Félix reclamavam atenção, e Festo não podia estar ausente da sede do governo (ver com. vers. 1).

Ao seguinte dia.

Ou "pela manhã". Os judeus possivelmente tinham convencido ao Festo de que a devida solução do caso do Pablo era de soma importância para as boas relacione entre a administração romana 426 na Palestina e o povo judeu.

No tribunal.

O procedimento foi o de um julgamento formal.

7.

Quão judeus tinham vindo.

satisfeito-se o pedido do Festo: que uma delegação de homens capazes e de influência o acompanhassem (vers. 5), e os dirigentes judeus estiveram pressente quando Pablo foi convocado para a audiência.

Alguns dos que apresentaram seus queixa contra Pablo sem dúvida o haviam conhecido vinte e cinco anos antes como um grande perseguidor dos cristãos, mas agora o odiavam como a um traidor à nação judia.

Contra ele.

A evidência textual (cf, P. 10) estabelece a omissão destas palavras.

Muitas e graves acusações.

Durante os dois anos transcorridos (cap. 24: 27) os judeus aparentemente tinham estado ocupados acumulando toda classe de informe e rumores. Possivelmente dispunham de cargos muito mais graves contra Pablo. É estranho que uma cópia de esta declaração dos judeus não fora enviada mais tarde aos judeus de Roma (cap. 28: 21).

Não podiam provar.

Deve ter sido claro para o Festo que as acusações contra Pablo não teriam muito peso na audiência (cf. cap. 24: 13, 19; cf. com. cap. 25: 1). Festo não era noviço em tais assuntos.

8.

Alegando Pablo.

Ou "Pablo se defendia". Provavelmente não respondeu um por um os corriqueiros cargos apresentados contra ele (vers. 7), a não ser só aqueles que de não rebater-se seriam utilizados contra ele até por um tribunal romano. Estes cargos eram a suposta profanação do templo e o desprezo da lei judia, e seu presunta participação em tumultos sediciosos. Roma tinha em conta estas coisas, e Festo poderia ser induzido a pensar que Pablo era culpado de insurreição contra a autoridade romana. Lucas registra a defesa do Pablo nos três seguintes aspectos.

Contra a lei.

É possível que os dirigentes judeus conhecessem o ensino do Pablo de que a circuncisão era só um ato simbólico (ROM. 2: 23-29), e interpretaram que este era seu intento para invalidar a lei. Este mesmo cargo tinha sido apresentado contra Jesus (ver com. Mat. 5: 17; Mar. 2: 16; 7: 1-5). Os judeus nunca acusaram ao Pablo de quebrantar na sábado, como o tinham feito anteriormente com o Jesus (1 Juan 5: 16-18).

Contra o templo.

Possivelmente durante o curso da audiência se voltou a mencionar a acusação inicial de que tinha introduzido gentis no templo (cap. 21: 27-28).

Contra César.

Se Pablo não tinha feito nada "contra César", nenhum tribunal romano podia condená-lo. A superficialidade das acusações e a sinceridade da defesa do Pablo devem ter impressionado ao Festo, administrador hábil e honrado (ver T. V, pp. 72-73).

9.

Congraçar-se.

Ou "lhes fazer um favor" (ver com. cap. 24: 27). Ao princípio Festo tinha negado o pedido dos judeus de que Pablo fora levado a Jerusalém (cap. 25: 3-4). Já fora que as acusações apresentadas tivessem influenciado em seu parecer ou não, pelo menos se deu conta agora, mais que antes, da profundidade do sentimento judeu contra Pablo. Era óbvio que tudo o que Festo pudesse razoavelmente fazer para agradar aos judeus, contribuiria ao êxito de seu governo.

Quer subir?

É evidente que as acusações contra Pablo estavam relacionadas com assuntos da lei judia e não da romana, e portanto ao Festo pareceu razoável investigar o assunto em Jerusalém a capital dos judeus.

diante de mim.

A presença do Festo na audiência era uma garantia de que Pablo ainda estaria sob a custódia e o amparo dos romanos; entretanto, o procedimento judicial estaria em mãos dos dirigentes judeus, e Festo só desempenharia

o papel de um observador interessado no caso. Não estava transferindo a Pablo à jurisdição dos judeus, embora a proposta implicava a inclinação de fazer uma transferência tal. Esta proposta virtualmente declarava ao Pablo inocente de qualquer falta "contra César". As acusações possivelmente dignas de consideração tinham que ver com as leis e costumes judias. Embora Festo, um representante de Roma, não tinha interesse direto neste caso, seu desejo de ganhar o favor dos dirigentes de seu novo distrito administrativo o inclinou a acessar aos desejos deles até onde o fora possível. Evidentemente a proposta não estava apoiada sobre a suspeita de que Pablo era em realidade culpado de algum delito premeditado ou de sua intenção de cometer um ato tal, a não ser só um recurso político.

10.

Ante o tribunal. . . estou.

Desde o começo Pablo tinha sido detido pelos romanos. salvou-se de um brutal castigo 427 pelo fato de que era cidadão romano. Possivelmente recordava a promessa divina já registrada (cap. 23: 11), embora aqui não o insinúa. Tinha estado detento durante dois anos em poder dos romanos que obedeciam a autoridade do César. O apóstolo recorda isto ao governador romano, e se nega a comparecer em julgamento ante uns homens cuja cumplicidade em um complô para lhe assassinar já era coisa conhecida (cap. 23: 12-15, 30; 25: 2-3). Pablo preferia a comparativa imparcialidade da lei romana, antes que a caprichosa inimizade de seus turbulentos compatriotas, que não conheciam outra lei que a de seus prejuízos egoístas e irresponsáveis.

Devo ser julgado.

Ou seja, como cidadão romano.

Aos judeus.

Pablo negou em forma breve todas as acusações apresentadas contra ele. Por culpa dele não se prejudicou nenhum judeu, nem a propriedade deles nem a religião do Israel.

Como você sabe muito bem.

Pablo sabia que o motivo da proposição do Festo (vers. 9) era o de congraçar-se com os judeus.

11.

Porque se.

Ou também, "Se acaso, então". Pablo já tinha negado qualquer ofensa contra os judeus, e Festo, ao propor que se submetesse a um tribunal judeu, havia admitido que o apóstolo era inocente ante a lei romana. Mas se apesar de isto ficava uma suspeita de que Pablo era culpado de algum crime, ele preferia exercer sua prerrogativa como cidadão romano de ser julgado pela lei romana.

Não rehúso morrer.

Quer dizer, "não tento escapar da morte". Compare-se isto com o Josefo, Vida 29. Pablo declara sua vontade de enfrentar os resultados de um julgamento justo, qualquer que seja o veredicto.

me entregar.

Gr. jarízomai, "conceder", "dar como favor". Pablo não desejava que o entregassem a seus acusadores só para lhes fazer um favor. Sabia que Festo estava tratando de congraçar-se com os judeus; mas se negava a renunciar a seus direitos como cidadão romano unicamente para agradar a seus acusadores e lhes facilitar que levassem a cabo seus maus intuitos contra ele. Bem sabia que o sanedrín não o concederia nem misericórdia nem justiça.

Ao César apelo.

Pablo termina sua súplica com outra asseveração de seus direitos (ver com. cap. 22: 25-29). Está disposto a arriscar-se para fazer frente às acusações que possam fazer-se o em Roma, e prefere depender da imparcialidade do César para que haja uma decisão apoiada em provas. Fazia muito tempo que se havia proposto visitar Roma, mas não encadeado (ROM. 1: 9-12; 15: 23-24). O imperador era a corte final de apelação de todos os tribunais subordinados em todo o império.

Pablo sofria desde que foi chamado como o apóstolo dos gentis, e seu ministério tinha sido embaraçado por judeus e gentis (2 Cor. 11: 24-27). Suportava com gosto esta oposição se assim podia progredir a causa de Cristo (Hech. 20: 22-25; 2 Cor. 4: 5-18; Gál. 6: 14; Fil. 1: 12). Entretanto, havia estado encerrado na Cesarea durante dois anos, sem ser condenado e sem a perspectiva de um novo julgamento. Aleija (Hech. 22: 29), Félix (ver com. cap. 24: 23-27) e Festo (ver com. cap. 25: 8-9, 25) tinham chegado à conclusão de que era inocente de qualquer violação da lei romana. Entretanto, Félix tinha-o deixado detido por razões pessoais e para agradar aos judeus, e agora Festo aparentemente se propunha continuar com a política de congraçar-se com os judeus a gastos do Pablo. Por isso, enquanto Pablo permanecesse sob a jurisdição do procurador romano da Judea, parecia não haver perspectiva de absolvição e liberação, e pouco importava que estivesse detido como detento culpado, ou como um detido por motivos políticos. De qualquer maneira, não estava livre para pregar o Evangelho, e para o Pablo, cuja vida não tinha outra ambição ou interesse, tal perspectiva deveu lhe haver parecido insuportável. Outros embaixadores da cruz sem dúvida foram também estorvados em seu ministério por fatores similares.

Nos dias do NT o cristianismo não era uma religião legalmente reconhecida ante a lei romana, e a prática e proclamação de religiões não reconhecidas estava proibida. Roma tolerou o cristianismo só porque ao princípio se o considerou como uma seita do judaísmo, o qual estava reconhecido. Ao insistir os judeus em sua acusação contra Pablo e o cristianismo, finalmente poderiam privar aos cristãos até deste benefício e obter que sua posição fora legalmente insustentável sob a lei romana. Ver pp. 48, 95.

sugeriu-se que quando Pablo apelou ao César, propôs-se não só obter uma decisão sobre sua própria causa -que estava detida-, mas também possivelmente conseguir, pelo 428 menos, certa medida de reconhecimento para o cristianismo como religião legal, com seus direitos inerentes. Muito bem poderia supor-se que isto proporcionaria grande liberdade aos embaixadores da cruz por em qualquer lugar que fossem, e venceria a oposição local mais facilmente. Enquanto Pablo estava prisioneiro em Roma, o fato de que não tivesse obstáculos para pregar o Evangelho na corte imperial e de que até alguns de "a casa do César" (Fil. 4: 22) chegassem a converter-se, teve o efeito de que outros pregadores cristãos se atrevessem muito mais a "falar a palavra sem temor" (Fil. 1: 12-14). E quando chegasse a conhecer-se que o imperador tinha decretado

a absolvição do mais importante dos evangelistas cristãos, haveria maior liberdade em todo o império para a proclamação do Evangelho. Se Pablo era absolvido pelo imperador, esse fato equivaleria a uma permissão oficial para pregar o Evangelho, ou pelo menos prepararia o caminho para que assim acontecesse.

12.

Conselho.

Gr. sumbóulion, o grupo de conselheiros do procurador. Lucas usa a palavra sunédrion sempre com o mesmo sentido quando fala do "concílio" judeu, o sanedrín (Hech. 5: 21; 6: 12; 22: 30; 23 :1; 24: 20; etc.). A apelação a César não foi concedida imediatamente, mas a consulta confirmou o fato de que sua apelação não devia ser negada, pois Pablo era cidadão romano.

13.

Alguns dias.

Quer dizer, um breve período (ver com. cap. 9: 19).

O rei Agripa.

Ou seja Herodes Agripa II, filho do Herodes Agripa I (cuja morte se descreve em o cap. 12: 20-23), e portanto bisneto do Herodes o Grande (ver T. V, pp. 41-42, 70, 224). Agripa, como sua irmã Drusila (ver com. cap. 24: 24), era judeu por descender da Mariamna, esposa do Herodes o Grande. Quando seu pai morreu, Agripa II foi considerado muito jovem para exercer o reinado em Palestina (ano 44 d. C.; Josefo, Antiguidades xIX. 9. 2), mas pouco depois, quando morreu um tio, consolou-se ao dar-se o governo do Calcis (Vão. xX. 5. 2); e mais tarde recebeu as províncias do norte, antes governadas pelo Felipe e Lisanias (Vão. 7. 1), com o título de rei. Posteriormente Nerón lhe deu algumas outras cidades. Na guerra judia do 68-73 d. C. Agripa se uniu com os romanos contra os judeus, a quem tratou de convencer de que abandonassem a rebelião (Josefo, Guerra iI. 16. 4). retirou-se a Roma onde faleceu no ano 100 d. C. Naturalmente Festo recorreria ao conselho da Agripa II no concernente à forma de tratar o caso do Pablo. Agripa tinha sob seu custódia o tesouro do templo e o privilégio de nomear ao supremo sacerdote; por o tanto, em um sentido era um colega religioso do governador romano, e se achava em posição apropriada para dar um bom conselho respeito a este caso.

Berenice.

A filha maior da Agripa I, e irmã da Agripa II e da Drusila, a esposa de Félix. Berenice se tinha casado primeiro com seu tio Herodes, rei do Calcis (ver T. V, P. 40), a quem tinha acontecido Agripa II (ver T. V, P. 224). Escritores judeus e romanos afirmam que suas relações com seu irmão Agripa II eram pecaminosas. Mais tarde se casou com o Polemón, rei de Cilícia, mas logo o abandonou e se foi a Roma para viver com seu irmão. Foi mais tarde concubina do imperador Tito, quem se entristeceu profundamente quando o senado romano o obrigou a separar-se dela (Suetonio, Tito vII. 2; Tácito, História iI. 81; Josefo, Antiguidades xX. 7. 3).

Saudar o Festo.

Esta foi a primeira visita de cortesia da Agripa II ao novo procurador, com o propósito de lhe dar a bem-vinda. É obvio, Agripa II era um rei vassalo de

Roma.

14.

Muitos dias.

Pablo foi gasto ante a Agripa e Berenice quando se apresentou a oportunidade durante a larga permanência destes. Festo mencionou o caso do Pablo nem tanto como um assunto que era de interesse mútuo, a não ser de passagem, durante sua conversação.

15.

Principais sacerdotes.

Ver com. do vers. 2.

Pedindo condenação contra ele.

Ver com. vers. 1-3.

16.

Entregar.

Gr. jarízomai (ver com. vers. 11). Não se concebia que um funcionário romano entregasse a um acusado a outros só como um favor, para que o castigassem; sem embargo, isto é o que Pilato fez com Cristo. A folha de serviços do Festo era mais honorável (ver T. V, pp. 72-73).

À morte.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a omissão destas palavras; mas sua ausência não altera absolutamente o sentido do versículo.

Possa defender-se.

Quer dizer, "tenha oportunidade para defender-se". Festo estava determinado a lhe dar ao Pablo a possibilidade de 429 apresentar sua defesa.

17.

Vindo.

Ver com. vers. 6-7.

18.

Dos que eu suspeitava.

Melhor "das maldades que eu suspeitava". "Crímenes" (BJ).

19.

Certas questões.

Quer dizer, pontos de disputa. Ver com. vers. 7-8.

Seu.

Pode também traduzir-se "sua própria"; neste caso se referiria ao Pablo.

Religião.

Gr. deisidaimonía, "reverencia pelos deuses", "religião", e algumas vezes, embora não provavelmente aqui, "superstição", a menos que se fizesse referência à religião do Pablo. Festo dificilmente poderia haver descrito ao judaísmo como uma "superstição" sem ofender a Agripa, que nominalmente era judeu.

Jesus.

Esta é a primeira referência direta ao Jesus registrada nas entrevistas com Félix e Festo, mas é difícil pensar que seu nome não tivesse sido mencionado antes. Pablo tinha falado da ressurreição da qual Cristo era o máximo exemplo triunfante, e tinha dissertado aproxima "da justiça, do domínio próprio e do julgamento vindouro" (cap. 24: 25). Não poderia ter falado assim sem apresentar a Cristo. Ao nomear ao Jesus, Festo reflete o testemunho que Pablo deu do Salvador.

20.

Eu, duvidando.

Festo confessa sua ignorância dos costumes e da religião dos judeus. Provavelmente seria mais fácil determinar o concernente a questões religiosas em Jerusalém, centro do judaísmo (ver com. vers. 9). Mas Pablo se tinha negado a ir a Jerusalém (ver com. vers. 10), e quando viajasse a Roma seria necessário que Festo enviasse com ele um relatório do caso. Agripa, um judeu bem informado, podia ajudar ao procurador a decidir o que devia dizer. Além disso, para a Agripa este pedido era tacitamente uma lisonja que seria de valor para o Festo em suas futuras relações com este rei.

21.

Reservasse.

Gr. t'réÇ (ver com. cap. 24: 23).

Conhecimento.

Gr. diágnÇsis, literalmente, "conhecimento pleno", ou "exame cabal". Provavelmente era um término específico legal. Ver com. cap. 23: 35.

Augusto.

Gr. sebastós, "reverendo", "venerável"; equivalente ao vocábulo latino augustus, "majestoso", "augusto", "digno de honra" (ver P. 74; T. V, P. 39). Este não era o nome do imperador, como no caso do César Augusto, quem reinou do ano 27 A. C. até o 14 d. C. (ver T. V, P. 224), a não ser um título equivalente a César. Os romanos falavam de seus governantes como Augustos, não como imperadores.

César.

O imperador nesse tempo era Nerón (54-68 d. C.). Ver pp. 83-86.

22.

Queria ouvir.

Agripa sem dúvida tinha ouvido a respeito do Pablo, e sentia curiosidade por ele e por seus ensinos. Compare-se com o desejo do tio avô da Agripa, Herodes Antipas, de ver o Jesus (Luc. 23: 8).

23.

Com muita pompa.

Possivelmente para impressionar ao Festo e intimidar ao Pablo. Esta foi a primeira oportunidade que o apóstolo teve de dar testemunho de sua fé diante de reis (cf. cap. 9: 15).

A audiência.

Gr. akroat'rion, "câmara de audiências". Certamente era uma grande sala dedicada para audiências especiais de natureza mais ou menos pública.

Tribunos.

Ver com. cap. 22: 24. Como Aleija, que tinha detido ao Pablo. Para esta audiência especial, Festo reuniu aos oficiais de alta hierarquia da guarnição, possivelmente para lhe dar mais realce e importância à ocasião em honra de Agripa.

Principais homens.

Ou seja, os homens destacados da Cesarea.

24.

Multidão dos judeus.

refere-se ao povo judeu como nação, representada, é obvio, pelos principais sacerdotes e os membros do sanedrín.

Demandou-me.

Ou "solicitou-me", "dirigiu-me um memorial", "intercedeu comigo" (cf. ROM. 8: 27, 34; 11: 2; Heb. 7: 25).

E aqui.

É óbvio que os dirigentes de Jerusalém tinham agitado a um grupo de pessoas contra Pablo na Cesarea. Essa mesma gente se uniu para pedir ao novo governador que desse morte ao Pablo.

Dando vozes.

O pedido dos judeus para que Pablo fora morto sem dúvida era veemente e clamoroso (cf. cap. 22: 22-23).

25.

Nada digna de morte.

Ver com. vers. 11. Um romano considerava como uma vergonha que se condenasse a um homem a morte por uma falta contra a religião judia. Mas Pablo havia apelado ao César, e Festo receberia com agrado sugestões com o propósito de preparar seu relatório para o imperador.

Augusto.

Ver com. vers. 21.

26.

Não tenho coisa certa.

Festo conhecia tão pouco da religião judia, que se sentia incapaz de apresentar uma acusação documentada contra Pablo, acusação que concernia exclusivamente 430 a assuntos da religião judia.

Escrever.

Festo devia enviar uma exposição detalhada ao trono imperial.

Meu senhor.

Literalmente "ao senhor". Refere-se ao imperador Nerón. Este título tem conotação de divindade quando se aplica aos imperadores ou quando se refere a Cristo. Augusto tinha proibido que o chamassem "senhor", o qual fez também seu sucessor Tiberio (Suetonio, Augusto iII. 53. l; Tiberio xxvii); mas seus sucessores, menos humildes, aceitavam o título quando o empregavam amigos e aduladores. Calígula se titulou a si mesmo dominus, o equivalente latino de kúrios, a palavra grega que se usa nesta passagem; e Domiciano adotou o título dominus deus, "senhor deus". Plinio o jovem freqüentemente se dirigia a seu protetor, o imperador Trajano, como dominus. Ver pp. 62-64.

Principalmente ante ti.

Festo estava esperando a ajuda especial da Agripa para resolver este difícil caso; e Agripa ficaria, ao mesmo tempo, agradado se se tomava em sua conta conselho.

27.

Fora de razão.

Em princípio, a justiça romana era imparcial, embora os Juizes que a administravam freqüentemente se deixavam comprar. Festo era um homem relativamente íntegro (ver com. vers. 1).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-27 HAp 342-347

1-5 HAp 342

6-9 HAp 342

10-12 HAp 343

13-15 HAp 346

16 HAp 342

18 -9, 22 -23 HAp 346

24 -27 HAp 347

CAPÍTULO 26

1 Pablo, ante a Agripa, fala de sua vida desde sua juventude, 12 e como milagrosamente se converteu e foi chamado ao apostolado. 24 Festo o acusa de estar louco, mas lhe responde com muita prudência. 28 Agripa quase é persuadido a ser cristão. 31 Todos os pressente o declaram inocente.

1 ENTÃO Agripa disse ao Pablo: Te permite falar por ti mesmo. Pablo então, estendendo a mão, começou assim sua defesa:

2 Me tenho por ditoso, OH rei Agripa, de que tenha que me defender hoje diante de ti de todas as coisas de que sou acusado pelos judeus.

3 Principalmente porque você conhece tudo os costumes e questões que há entre os judeus; pelo qual te rogo que me ouça com paciência.

4 Minha vida, pois, desde minha juventude, a qual desde o começo passei em meu nação, em Jerusalém, conhecem-na todos os judeus;

5 os quais também sabem que eu desde o começo, se querem atestá-lo, conforme a mais rigorosa seita de nossa religião, vivi fariseu.

6 E agora, pela esperança da promessa que fez Deus a nossos pais sou chamado a julgamento;

7 promessa cujo cumprimento esperam que têm que alcançar nossas doze tribos, servindo constantemente a Deus de dia e de noite. Por esta esperança, OH rei Agripa, sou acusado pelos judeus.

8 O que! julga-se entre vós costure incrível que Deus ressuscite aos mortos?

9 Eu certamente tinha acreditado meu dever fazer muitas coisas contra o nome de Jesus do Nazaret;

10 o qual também fiz em Jerusalém. Eu encerrei em cárceres a muitos dos Santos, tendo recebido poderes dos principais sacerdotes; e quando os mataram, eu dava meu voto.

11 E muitas vezes, castigando-os em todas as sinagogas, forcei-os a blasfemar; e enfurecido sobremaneira contra eles, persegui-os até nas cidades estrangeiras.

12 Ocupado nisto, ia eu a Damasco com poderes e em comissão dos principais sacerdotes, 431

13 quando a meio-dia, OH rei, indo pelo caminho, vi uma luz do céu que ultrapassava o resplendor do sol, a qual me rodeou e aos que foram comigo.

14 E tendo cansado todos nós em terra, ouvi uma voz que me falava, e

dizia em língua hebréia: Saulo, Saulo, por que me persegue? Dura coisa te é dar coices contra o aguilhão.

15 Eu então disse: Quem é, Senhor? E o Senhor disse: Eu sou Jesus, a quem você persegue.

16 Mas te levante, e te ponha sobre seus pés; porque para isto apareci a ti, para te pôr por ministro e testemunha das coisas que viu, e daquelas em que aparecerei a ti,

17 te liberando de seu povo, e dos gentis, a quem agora lhe envio,

18 para que abra seus Olhos, para que se convertam das trevas à luz, e da potestad de Satanás a Deus; para que recebam, pela fé que é em mim, perdão de pecados e herança entre os santificados.

19 Pelo qual, OH rei Agripa, não fui rebelde à visão celestial,

20 mas sim anunciei primeiro aos que estão em Damasco, e Jerusalém, e por toda a terra da Judea, e aos gentis, que se arrependessem e se convertessem a Deus, fazendo obras dignas de arrependimento.

21 Por causa disto os judeus, me prendendo no templo, tentaram me matar.

22 Mas tendo obtido auxílio de Deus, persevero até o dia de hoje, dando testemunho a pequenos e a grandes, não dizendo nada fora das coisas que os profetas e Moisés disseram que tinham que acontecer:

23 Que o Cristo tinha que padecer, e ser o primeiro da ressurreição dos mortos, para anunciar luz ao povo e aos gentis.

24 Dizendo ele estas coisas em sua defesa, Festo a grande voz disse: Está louco, Pablo; as muitas letras lhe voltam louco.

25 Mas ele disse: Não estou louco, excelentíssimo Festo, mas sim falo palavras de verdade e de prudência.

26 Pois o rei sabe estas coisas, diante de quem também falo com toda confiança. Porque não penso que ignora nada disto; pois não se feito isto em algum rincão.

27 Crie, OH rei Agripa, aos profetas? Eu sei que crie.

28 Então Agripa disse ao Pablo: Por pouco me persuade a ser cristão.

29 E Pablo disse: Queria Deus que por pouco ou por muito, não somente você, a não ser também todos os que hoje me ouvem, fossem feitos tais qual eu sou, exceto estas cadeias!

30 Quando havia dito estas coisas, levantou-se o rei, e o governador, e Berenice, e os que se sentaram com eles;

31 e quando se retiraram à parte, falavam entre si, dizendo: Nada digna nem de morte nem da prisão tem feito este homem.

32 E Agripa disse ao Festo: Podia este homem ser posto em liberdade, se não tivesse apelado ao César.

1.

Agripa.

Ver com. cap. 25: 13. observa-se um marcado contraste entre o Pablo e o jovem rei. Agripa, o último descendente de uma linha decadente de reis judeus -a dos Macabeos e da linhagem do Herodes-, professava ser judeu, mas era romano de coração. Seu reinado marcou o fim de uma dinastia e de uma era. Do começo a dinastia herodiana tinha estado submetida a Roma, e sua história não era nada brilhante. Pablo, agora já entrado em anos mas firme em seus convicções e crédulo apesar das circunstâncias, está ante a Agripa. O rei é cínico e indiferente aos valores reais; Pablo é veemente em favor da verdade, sem lhe importar o que lhe custe.

Estendendo a mão.

A menção deste gesto espontâneo sugere que Lucas muito bem pôde ter sido testemunha ocular deste acontecimento (cf. cap. 21: 40).

Começou.

Ou apresentou sua defesa (ver com. cap. 25: 8). Quando Pablo expõe sua defesa ante a Agripa, dirige-se a um que é um judeu nominal, mas que apesar de tudo aparentemente não é hostil. O prisioneiro, crédulo em que será melhor compreendido, não vacila em falar com maior liberdade e possivelmente apresentando mais detalhes que em suas anteriores audiências ante o Félix e Festo.

2.

Ditoso.

Gr. makários, "feliz", "afortunado", "ditoso" (ver com. Mat. 5: 3). Pablo se sentia mais cômodo com a Agripa que frente a qualquer outro ante quem houvesse comparecido desde sua detenção. Agripa podia apreciar muito mais exata rapidamente que 432 qualquer magistrado pagão as emoções que sentiam tanto os acusadores como o acusado. Pablo indubitavelmente esperava influir sobre a memore romana do Festo por intermédio da Agripa. Embora Pablo falou em sua própria defesa, sem dúvida em primeiro lugar se propunha proclamar a Cristo ante os que estavam reunidos frente a ele. A conversão dos ali pressente e seu liberação das ataduras do pecado, significavam mais para o Pablo que seu própria liberação das cadeias que o aprisionavam (cf. Hech. 26: 29). Pablo era completamente sincero em sua declaração inicial: "Tenho-me por ditoso".

3.

Principalmente.

Provavelmente esta palavra se refira à felicidade que sentia Pablo (vers. 2) ao poder dizer tudo a Agripa, e nem tanto ao feito de que este pudesse compreender o melhor que outros judeus destacados e bem informados (cf. cap. 25: 26).

Costumes e questões.

Ver com. cap. 6: 14; 21: 21.

4.

Minha vida.

refere-se a sua conduta, seus princípios e sua filosofia da vida.

Desde o começo.

Pablo tinha chegado a Jerusalém sendo jovem. Mas enquanto vivia no Tarso tinha sido ensinado esmeradamente nos princípios do judaísmo desde seu infância. Em Jerusalém tinha vivido os anos em que se modelo o caráter, e todos os que o conheciam desde esse tempo podiam dar testemunho de sua forma de viver entre eles.

Em Jerusalém.

Sua vinculação com os de seu povo em Jerusalém podia sugerir que desde o Tarso primeiro Pablo se relacionou com sua própria gente, que sem dúvida formava uma colônia independente naquela cidade pagã (ver com. cap. 9: 11). Pablo conhecia perfeitamente os costumes e prejuízos dos judeus, e dificilmente podia opor-se a eles. Seus estudos posteriores na juventude, em Jerusalém, sem dúvida aprofundaram as experiências de sua infância que o inclinavam a ser leal aos judeus.

Conhecem-na todos os judeus.

Muitos líderes judeus tinham conhecido ao Pablo, e não poucos o conheceram especialmente quando ainda jovem foi admitido no sanedrín (cap. 8: 1, 3; HAp 83-84) e pela reputação que tinha ganho como fanático perseguidor da odiada seita nazarena. E devido à confiança que os dirigentes haviam depositado nele, foi confiada uma missão especial em Damasco (cap. 9: 1-2).

5.

Desde o começo.

Ou "desde antigo", "desde sua origem", expressão que Lucas usa em forma similar ao referir-se a seu conhecimento da história do Evangelho (Luc. 1: 3).

Se querem atestá-lo.

Mas não queriam dizer em favor do Pablo as coisas que pessoalmente sabiam que eram verdadeiras.

Mais rigorosa.

Ou "a mais estrita". Cf. Fil. 3: 4-6.

Seita.

Esta palavra pode significa "heresia" ou "seita" (ver com. cap. 5: 17; 15: 5; 24: 14). Aqui se refere aos fariseus como uma seita do judaísmo.

Fariseu.

Ver T. V, pp. 53-54.

6.

A promessa.

Quer dizer, a promessa de um Mesías que viria, na qual se centravam todas as outras promessas para o Israel; a promessa que sempre tinham estado esperando as doze tribos, e que Pablo declara que se cumpriu no Jesus. Na promessa do Mesías está implícita sua ressurreição (ver com. ISA. 53: 10-12), porque que ajuda poderia ser para o Israel um Mesías morto? Para o Pablo a ressurreição do Jesus era o grande acontecimento central que justificava todas suas esperanças para o futuro (1 Cor. 15: 12-23; Fil. 3: 10-11; 1 Lhes. 4: 13-18; Tito 2: 13). A dificuldade principal no conceito judeu respeito ao Mesías era que os judeus se concentraram tanto nas promessas do AT referentes a sua grandeza como nação e à vinda do Mesías destinada a derrotar a seus inimigos -todas elas apresentadas pelos profetas (ver T. IV, pp. 29-34), que perderam de vista o fato de que o primeiro Mesías devia sofrer e morrer pelos pecados deles (ver com. Luc. 4: 19). Pablo sabia que as promessas da glória futura se cumpririam no segundo advento de Cristo (1 Cor, 15: 51-54; Heb. 9: 28).

Nossos pais.

Particularmente Abraão, Isaac e Jacob.

Sou chamado a julgamento.

Ou "sou julgado", apesar de sua lealdade aos princípios fundamentais do judaísmo (vers. 4-5). Como cristão, Pablo não acreditava nada "fora das coisas que os profetas e Moisés disseram que tinham que acontecer" (vers. 22).

7.

Promessa.

Quer dizer, a bênção prometida ao Abraão (Gén. 12: 1-3) e repetida a seus descendentes de geração em geração. Para o Pablo, Jesus era a personificação, o meio e o cumprimento desta bênção (ROM. 4: 12-13; 1 Cor. 1: 30).

Doze tribos.

Embora dez das doze tribos 433 tinham sido totalmente pulverizadas entre as nações às quais tinham sido levadas cativas, ainda as considerava como herdeiras das promessas. Uns poucos destas tribos sem dúvida haviam permanecido fiéis a Deus (cf. 1 Rei. 19: 18). Santiago dirige sua epístola "a as doze tribos que estão na dispersão" (Sant. 1: 1). Ana a profetisa era da tribo do Aser (Luc. 2: 36). Nos anos que transcorreram depois da restauração, muitos dos exilados tinham retornado a sua terra natal. Em o Talmud (Berakoth 20a), diz-se que o Rabino Johanán era da "semente de José".

Constantemente.

Gr. em ektenéia, "com zelo", "assiduamente", "constantemente".

De dia e de noite.

Esta frase intensifica a idéia do zelo e ardor com que os fiéis judeus praticavam a religião.

Agripa.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece a omissão desta palavra.

Sou acusado.

Dois aspectos básicos da esperança messiânica do Pablo tinham sido postos em tecido de julgamento: (1) que Jesus era o Mesías, e (2) que o Mesías havia ressuscitado (ver com. vers. 6). Pablo, judeu de judeus e fariseu de fariseus, é acusado por seus compatriotas devido à esperança que é o centro do judaísmo. Pablo, o estrito por excelência, pontuado de apóstata; o mais fervente patriota, declarado traidor.

Pelos judeus.

Estes, de entre todos os povos, deveriam ter sido os defensores da causa do apóstolo ante os gentis, e não seus acusadores.

8.

Vós.

Pronome que inclui a todos os ouvintes.

Coisa incrível.

Pablo, fariseu e de uma vez cristão, indevidamente acreditava na ressurreição dos mortos, e sobre tudo na do Jesus. Sem a esperança da ressurreição todo o sistema da fé judia (cap. 24: 15), por não dizer também do cristianismo (1 Cor. 15: 12-22), desintegraria-se. Sem a esperança da ressurreição, a fé em Deus perde seu significado (ver com. Mat. 22: 32; 1 Com 15: 14, 17, 19).

9.

Contra.

Pablo tinha combatido o cristianismo "com toda boa consciência" (cap. 23: 1), mas era uma consciência insensibilizada pela instrução que tinha recebido.

O nome.

Uma expressão comum no livro de Feitos para referir-se ao Ressuscitado (ver com. cap. 2: 38), quem verdadeiramente era a encarnação de todas as esperanças do Israel (ver com. Juan 1: 14).

10.

Também fiz.

Parece incrível que Pablo, o grande herói da igreja primitiva, o apóstolo a os gentis e autor de quase uma terceira parte do NT, tivesse sido uma estrela brilhante no firmamento do judaísmo e de boa reputação entre os judeus (cap. 7: 58; 8: 1; 9: 1-2; 22: 4-5). Como tal tinha recebido grandes honras (cf. HAp 83-84), e os homens que agora tão veementemente o acusavam lhe tinham crédulo importantes responsabilidades (cap. 9: 1-2). O mesmo tinham feito os sucessores imediatos deles. O trabalho do Pablo como perseguidor não tinha sido o resultado de uma explosão de ira, a não ser o plano esboçado por um homem consagrado, resolvido a servir a sua nação e a seu

religião, e muito cruel em sua atuação para alcançar seus fins. Além disso, essas atividades se tinham centralizado em Jerusalém, onde seus inimigos, mais acérrimos ainda porque antes tinham sido seus amigos, agora projetavam matá-lo (cap. 25: 1-3).

Mataram-nos.

Lucas só menciona especificamente a morte do Esteban; mas evidentemente houve outros de cuja morte Pablo tinha sido responsável.

11.

Em todas as sinagogas.

Aparentemente os primeiros cristãos não se separaram das sinagogas, a não ser que continuaram rendendo culto com seus irmãos judeus nas sinagogas e em o templo (cap. 2: 46). Com referência à sinagoga como lugar de castigo, ver Mat. 10: 17; 23: 34; Mar. 13: 9; Luc. 12: 11; T. V, pp. 57-58. Ao redor do ano 205 d. C. Tertuliano chamou as sinagogas judias "fontes de perseguição" (Scorpiace 10).

Forcei.

A forma verbal se traduz melhor "forçava-lhes", o qual indica continuidade, mais de uma vez.

A blasfemar.

A renunciar a sua fé em Cristo como o Mesías (cf. Lev. 24: 11-16). Plinio (C. 108 d. C.) descobriu que alguns cristãos preferiam a morte antes que renunciar a Cristo (Cartas X. 96).

Enfurecido.

Pablo tinha sido um fanático religioso, em parte devido possivelmente a um intento de sossegar as súplicas do Espírito Santo (cf. 1 Tim. 1: 13).

Cidades estrangeiras.

Em cidades fora dos limites da Palestina.

12.

Com poderes.

Pablo foi um comissionado itinerante do sanedrín contra a heresia. Foi o inquisidor geral do judaísmo de sua época. 434

13.

A meio-dia.

A deslumbrante luz não era a do sol, porque Pablo tinha estado viajando sem dificuldades durante horas sob seu crescente brilhantismo. Sob a plena luz solar o cegou uma luz sobrenatural até mais brilhante que a do sol. Nos vers. 13-18 só se tratam os pontos que não se comentaram no cap. 9: 1-22, aonde se narra a conversão do Pablo (ver P. 228).

14.

Uma voz que me falava.

Todos ouviram a voz, mas só Pablo entendeu as palavras (ver com. Hech. 9: 4-5; cf. Dão. 10: 7; Juan 12: 28-29).

Coze contra o aguilhão.

Parece que era um provérbio bem conhecido, que podia entender-se perfeitamente em qualquer povo dedicado à agricultura, como o estavam os judeus. A figura de linguagem está tirada do costume dos lavradores de usar um aguilhão de ferro para acelerar o lento passo de seus bois. É possível que esta cena ou costume se praticasse com o passar do caminho a Damasco, e que o Senhor tomou para ilustrar em forma concreta sua mensagem ao perseguidor. (Em quanto à forma em que Jesus usava os provérbios populares, ver com. Luc. 4: 23.) A forma verbal que se traduz "dar coices" pode também traduzir-se "seguir dando coices"; e a palavra que se traduz "aguilhão" (kéntron) é a que emprega-se para referir-se ao instrumento para apressar aos bois (esta mesma palavra aparece em sentido figurado em 1 Cor. 15: 55). A mensagem divina dá a entender que a consciência do Saulo tinha estado resistindo decididamente os chamadas do Espírito Santo (cf. com. hech. 8: 1). O espírito de Gamaliel, seu professor (cap. 22: 3), era mais tolerante que o espírito que Pablo estava demonstrando com seu proceder. Este antecedente da educação do apóstolo e também a possibilidade de que antes de sua conversão Pablo já tivesse parentes que eram cristãos (ROM. 16: 7), sem dúvida foram fatores em seu crise espiritual.

15.

Eu sou Jesus.

Gr. egÇ eimi I'sóus (ver com. cap. 9: 5).

16.

te pôr por ministro.

Ver com. cap. 9: 10, 15, onde Deus instrui ao Pablo por meio do Ananías, seu representante em Damasco.

Que viu.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo seguinte texto: "que [me] viu". Pablo viu realmente a seu Senhor (Hech. 22: 17-18; 1 Cor. 9: 1; 15: 8), e sobre esta comissão direta que recebeu, apoiou seu direito como apóstolo. Conhecia por experiência pessoal que Cristo sem dúvida alguma tinha ressuscitado (cf. Gál. 1: 15-18; 1 Tim. 2: 7). Para que uma testemunha seja genuína deve ter conhecimento direto de todo aquilo sobre o qual atesta.

Aparecerei-me.

Em repetidas ocasiões Cristo apareceu ao Pablo para guiá-lo e intervir em sua vida (Hech. 18: 9-10; 22: 17-21; 23: 11; 1 Cor. 11: 23; 2 Cor. 12: 1-5). Pablo era uma testemunha que tinha visto o Senhor ressuscitado, e por sua experiência pessoal conhecia a verdade da ressurreição.

17.

te liberando.

Este detalhe e outros desse episódio não se mencionam nos relatos anteriores (cap. 9: 22). Esta promessa não significava que o Senhor liberaria ao Pablo de tudo perigo, mas sim estaria com ele no meio do perigo.

Povo.

Quer dizer, os judeus, em contraste com os gentis (cf. vers. 23).

Você envio.

No texto grego a construção é enfática: "eu mesmo lhe envio". Jesus investiu ao Pablo com o apostolado.

18.

Abra seus Olhos.

Ver com. Luc. 4: 18. Esta é uma promessa de que o êxito acompanharia sua missão. Pablo sabia que o diabo tinha cegado os olhos espirituais dos homens (ROM. 1: 20-32; 2 Cor. 4: 4). Até enquanto Jesus lhe falava com o Pablo, este já sofria de cegueira física. Quão bem podia apreciar o apóstolo a necessidade de que os olhos fossem abertos!

convertam-se.

Uma vez abertos os olhos, poderiam ver com certeza a morte ao fim do caminho pelo que andavam. Isto devia induzi-los a trocar o rumo.

Das trevas à luz.

Ver com. Juan 1: 4-9.

Potestad de Satanás.

Satanás induziu a todos os homens ao pecado. É o autor do pecado. Só o poder supremo de Cristo pode liberar o homem das garras de Satanás.

Perdão de pecados.

Tanto para os judeus como para os gentis é impossível livrar-se por si mesmos do pecado. Mas o Evangelho levou até eles as boas novas do perdão (1 Juan 1: 7-9; 1 Ped. 2: 24).

Herança.

Em vez das vaidades deste mundo transitivo, envelhecido na maldade, Pablo ofereceria aos gentis "uma herança incorruptível, descontaminado e inmarcesible" (1 Ped. 1: 4). 435

Santificados.

Pablo freqüentemente menciona a santificação, o processo de transformação através do qual devem acontecer os Santos. À liberdade foto instantânea da culpabilidade do pecado por meio da justificação (ver com. ROM. 4: 8), a santificação acrescenta uma contínua e repetida dedicação da mente e da vida à meta de

a perfeição em Cristo. "A santificação não é obra de um momento, uma hora, ou um dia, mas sim de toda a vida" (HAp 447; ver também pp. 447-449). Ver com. Mat. 5: 48. Pablo estava experimentando uma consagração contínua, avançando de vitória em vitória em Cristo. O mesmo deve acontecer no caso de todos os cristãos(Fil. 3: 12-14; ver com. ROM. 8: 1-4).

19.

Não fui rebelde.

Pablo não deu "coze contra o aguilhão" (ver com. vers. 14). Entregou-se completamente a Cristo em resposta à visão que o Senhor lhe concedeu. Tão completa foi sua dedicação que desde esse momento quando o caminho do dever o ficou clara, nunca vacilou uma só vez. Só perguntou o que seu Senhor queria, e depois cumpriu a vontade divina (cap. 16: 6-12). Através de toda sua sua vida única pergunta foi: "O que farei, Senhor?" (cap. 22: 10). Podia ainda ter escolhido a desobediência, mas o "amor de Cristo" constrangia-o (2 Cor. 5: 14).

A visão celestial.

Ver com. cap. 9: 3-7. Não foi um sonho. Saulo se encontrou pessoalmente com seu Senhor no caminho a Damasco, e chegou a conhecê-lo intimamente; em certo sentido em forma mais pessoal que aqueles que o tinham conhecido enquanto estava na terra. Esta visão permaneceu no Pablo como uma realidade vivente. Sabia em quem tinha acreditado (2 Tim. l: 12).

20.

Anunciei.

Pablo era o evangelista de Deus, seu arauto das boas novas.

Os que estão em Damasco.

Pablo começou imediatamente a trabalhar, onde estava no momento de seu conversão, no mesmo lugar onde tinha tentado infligir graves danos à igreja (ver com. cap. 9: 19-22).

E Jerusalém.

Uns três anos mais tarde retornou a Jerusalém (Gál. 1: 18); e ali, até a risco de sua vida, atestou com tal audácia que os judeus se enfureceram (cap. 9: 29), especialmente os helenistas (ver com. Hech. 6: 1; 14: 1).

Toda a terra.

Por toda a região. Não se conhece o momento exato quando Pablo levou a seu cabo evangelização na Judea, embora talvez foi durante os intervalos de seus diversas viagens a Jerusalém (Hech. 11: 29-30; 12: 25; 15: 3-4; 18: 22; 21: 8-15; cf. Gál. 1: 22).

Os gentis.

A missão do Pablo para os gentis começou uns nove ou dez anos mais tarde, na Antioquía de Síria (cap. 11: 25-26; 13: 1-4).

Arrependessem.

Gr. metanoé, "trocar de pensamento" (ver com. Mat. 3: 2; Hech. 3: 19-21).

Fazendo obras.

Ver com. Mat. 3: 8. Pablo não advoga aqui por uma justificação mediante as obras, mas sim pela classe de "obras" que caracterizam uma vida que alcançou a justiça pela fé em Cristo. O apóstolo não quer dizer que é possível obter justiça fazendo certas obras, mas sim a verdadeira justiça automaticamente produz as obras inerentes à graça divina, obras que demonstram a presença da graça de Deus na vida. Nenhum evangelista jamais enfatizou melhor que Pablo o glorioso feito da justificação por a fé mediante a graça salvadora de Deus (ROM. 3: 21-22, 27; F. 2: 5-8). Mas sempre que Pablo menciona a dádiva gratuita da salvação, também se ocupa, como aqui, das boas obras que demonstram a fé (ROM. 8: 1-4). A pessoa de fé confirma, afiança a lei (ROM. 3: 31), porque é criada "em Cristo Jesus para boas obras" (F. 2: 10). Em qualquer lugar que haja verdadeira justificação pela fé, essa justiça se demonstrará em boas obras, porque "a fé sem obras é morta" (Sant. 2: 14-24).

21.

me prendendo.

Ver com. cap. 21: 27-31.

22.

Auxílio de Deus.

Ver com. cap. 21: 31, 32; 23: 11-12, 30. Para os Olhos humanos, Aleija e seus soldados foram os que resgataram ao Pablo; mas ele sabia que Deus havia enviado a ajuda (cap. 23: 11).

Dando testemunho.

Ver com. cap. 9: 15; 26: 1.

Os profetas e Moisés.

Quer dizer, o AT (ver com. Luc. 24: 44). Pablo afirma repetidas suas vezes confiança nas Escrituras e sua lealdade a elas (ver com. Hech. 24: 14). As profecias sobre o Mesías, cumpridas no Jesus, estão distribuídas em todas as páginas do AT.

23.

O Cristo.

Ver com. Mat. 1: 1.

Tinha que padecer.

Os sofrimentos, a morte e a ressurreição de Cristo eram os pontos essenciais de controvérsia entre os judeus e Pablo. No conceito messiânico judeu não havia lugar para um Mesías sufriente nem morto, e portanto não havia razão para 436 que o Mesías ressuscitasse dos mortos (ver com. vers. 6). A declaração que aqui apresenta Pablo é quase idêntica a do Jesus no caminho ao Emaús (ver com. Luc. 24: 25-27). O "Cristo crucificado" sempre há

sido um "tropezadero" para os judeus (1 Cor. 1: 23). Ver com. Hech. 13: 27-37.

Ser o primeiro da ressurreição.

Cristo é "primicias dos que dormiram" (1 Cor. 15: 20), o "primogênito de entre os mortos" (Couve. 1: 18). Também foi o primeiro em proclamar que os mortos viverão por meio da fé nele (Juan 5: 21-29; 11: 23-26). No que a tempo se refere, Cristo não foi o primeiro em ressuscitar dos mortos, a não ser Moisés (Luc. 9: 28-30; Jud. 9). Cristo foi o "primeiro" em preeminencia e como o Autor da vida (Couve. 1: 15-16; 3: 4). Como ele venceu à morte (Hech. 2: 24; Apoc. I: 18), garante a vida a todos os que confiam nele e em seu poder. Sua ressurreição assegurou a ressurreição geral dos justos (1 Cor. 15: 12-22). Foi ele quem "tirou a luz a vida e a imortalidade" (2 Tim. 1: 10).

Anunciar luz.

O Evangelho, tão antigo como a necessidade que tem o homem de um Redentor, proclama-se com nova força devido à morte e ressurreição do Salvador. Ver com. Juan 1: 4- 9.

Ao povo.

Quer dizer, aos judeus. Simeón chamou o menino Jesus "luz para revelação aos gentis e glória de" seu "povo o Israel" (Luc. 2: 32).

Os gentis.

Para quem Pablo foi o mensageiro eleito do céu, com o propósito de lhes proclamar a luz da verdade (ver com. cap. 9: 15).

24.

Festo. . . disse.

Este tinha escutado mais do que era capaz de entender ou possivelmente do que tinha interesse em ouvir. Sua exclamação foi a grande voz". A predicación da cruz é "loucura" para quão ouvidos estão atados a esta terra (1 Cor. 1: 23).

Está louco.

Provavelmente Festo era sincero ao acreditar que a obsessão do Pablo ao ocupar-se de temas tão elevados lhe tinha transtornado a mente. O que Agripa podia entender, se queria, estava muito mais à frente do alcance do romano Festo.

25.

Excelentíssimo.

Um título honorífico de uso comum e apropriado para o elevado cargo oficial de Festo (ver com. Luc. 1: 3; Hech. 23: 26; 24: 3).

Prudência.

Isto era o oposto à loucura que lhe tinha atribuído.

26.

O rei sabe.

Pablo apela a Agripa a que reconheça a exatidão histórica de seus declarações concernentes a Cristo.

Falo com toda confiança.

O relato da conversão do Pablo registrado neste capítulo está apresentado com mais detalhe que nas versões desta mesma narração que aparecem em os cap. 9 e 22. Pablo falava com toda confiança, em parte porque no rei Agripa tinha um ouvinte informado, e em parte possivelmente porque se dava conta que esta era sua audiência final na Palestina, da qual dependia muito, tanto para ele como para seus ouvintes.

Nada disto.

Quer dizer, a vida, o ministério, a morte e a ressurreição do Jesus; o episódio do Pentecostés, os milagres feitos pelo Pedro, Juan e os outros apóstolos, a assombrosa conversão do Pablo e os notáveis resultados que seguiam a predicación do Evangelho.

Não se tem feito isto em algum rincão.

Os fariseus se queixaram que "o mundo se vai atrás dele" (Juan 12: 19), é dizer detrás o Jesus; e os judeus disseram aos magistrados da Tesalónica que os apóstolos "transtornam o mundo inteiro" (Hech. 17: 6). O interesse e a agitação, assim como a controvérsia que acompanhavam à proclamação do Evangelho, confirmam o que Pablo disse.

27.

Crie, OH rei Agripa?.

Como judeu, possivelmente acreditava. Os profetas haviam predito tudo o que Pablo relatou a respeito do Jesus. Ver com. vers. 22.

Eu sei.

Não desejando colocar descortésmente a Agripa em uma posição difícil, Pablo antecipou a resposta do rei. Agripa se dava conta de que tudo o que Pablo havia dito era verdade, mas nem o conhecimento nem a convicção puderam induzi-lo a viver o que acreditava (ver com. Mat. 7: 21-27).

28.

Por pouco.

Gr. em olígo, literalmente "em pouco", possivelmente "em pouco" ou "por pouco". A ambigüidade do texto grego neste versículo deu lugar a vários intentos de tradução e de exegese. Os comentadores em geral concluíram que Agripa falou em forma irônica, para burlar-se da séria exortação de Pablo registrada nos vers. 26 e 27. Se assim foi, sua ironia era uma máscara para ocultar seus verdadeiros sentimentos (ver HAp 349-350). Como Agripa, muitos que estão profundamente convencidos do Evangelho com freqüência falam e atuam em uma forma indiferente, em particular ante a 437 presença de seus amigos incrédulos. Embora sentia uma profunda convicção, possivelmente Agripa desejava dar a impressão ante os que estavam reunidos na sala de audiências do

procurador de que considerava que Pablo era um ingênuo, se pensava que um detento podia converter a um rei em um tempo tão curto, ou com uma explicação tão breve.

29.

Por pouco ou por muito.

Uma referência à exclamação da Agripa: "por pouco" (vers. 28). Não importa se era pouco ou muito o que Pablo tinha apresentado como evidência, era suficiente para exortar a um judeu informado como o era o rei.

Não somente você.

Pablo, sem acovardar-se, seguiu insistindo em sua exortação.

Fossem.

Literalmente "chegassem a ser".

Exceto estas cadeias.

Quando Pablo faz o gesto com suas mãos, mostra as cadeias com que está pacote.

30.

Quando havia dito estas coisas.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece a omissão destas palavras.

levantou-se o rei.

A entrevista concluiu sem resultados visíveis da breve mas hábil apresentação do Pablo e de sua fervente exortação. Só é possível conjeturar quão profunda pôde ter sido a desilusão do Pablo.

31.

Falavam entre si.

Intercambiavam seus pontos de vista sobre o caso do Pablo.

Nada digna... de morte.

Pablo podia ser "louco" (vers. 24-25), mas não perigoso. Festo e Agripa aparentemente estavam dispostos a admitir que Pablo era sincero, que estava bem informado e era fervente em seu zelo Por Deus.

32.

Posto em liberdade.

Ver com. cap. 25: 11.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-32 HAp 347-350

1-3 HAp 347

5 CS 226

8-19 HAp 348

9-11 HAp 85

10-11 DC 40; 5T641

12 HAp 101

12-14 HAp 93

16-18 HAp 104

18 DMJ 93; HAp 129

20 HAp 102

20-27 HAp 349

28 CS 175; P 207

28-29 Ed 64; SR 313

28-32 HAp 349

CAPÍTULO 27

1 Pablo, em caminho a Roma, 10 prediz os perigos da viagem; 11 mas não o acreditam. 14 O navio é sacudido de um lado a outro pela tempestade, 41 e naufragasse; 22, 34, 44 entretanto, todos desembarcam sãs e salvos.

1 QUANDO se decidiu que tínhamos que navegar para a Itália, entregaram ao Pablo e a alguns outros detentos a um centurião chamado julho, da companhia Augusta.

2 E nos embarcando em uma nave adramitena que ia tocar os portos da Ásia, zarpamos, estando conosco Aristarco, macedonio da Tesalónica.

3 Ao outro dia chegamos ao Sidón; e julho, tratando humanamente ao Pablo, o permitiu que fosse aos amigos, para ser atendido por eles.

4 E nos fazendo à vela de ali, navegamos a sotavento do Chipre, porque os ventos eram contrários.

5 Tendo atravessado o mar frente a Cilícia e Panfilia, atracamos a Olhe, cidade da Licia.

6 E achando ali o centurião uma nave alexandrina que voava para a Itália, nos embarcou nela.

7 Navegando muitos dias devagar, e chegando com muita dificuldade frente a Gnido, porque nos impedia o vento, navegamos a sotavento de Giz frente a Salmão.
438

8 E costeando-a com dificuldade, chegamos a um lugar que chamam Bons Portos,

perto do qual estava a cidade da Lasea.

9 E tendo acontecido muito tempo, e sendo já perigosa a navegação, por
ter passado já o jejum, Pablo lhes admoestava,

10 lhes dizendo: Varões, vejo que a navegação vai ser com prejuízo e muita
perda, não só do carregamento e da nave, mas também de nossas
pessoas.

11 Mas o centurião dava mais crédito ao piloto e ao patrão da nave, que a
o que Pablo dizia.

12 E sendo incômodo o porto para governar, a maioria acordou zarpar também
dali, se por acaso pudessem atracar a Fenece, porto de Giz que olhe ao nordeste
e sudeste, e hibernar ali.

13 E soprando uma brisa do sul, lhes parecendo que já tinham o que desejavam,
llevaram âncoras e foram costeando Giz.

14 Mas não muito depois deu contra a nave um vento impetuoso chamado
Euroclidón.

15 E sendo arrebatada a nave, e não podendo pôr proa ao vento, nos
abandonamos a ele e nos deixamos levar.

16 E tendo deslocado a sotavento de uma pequena ilha chamada Clauda, com
dificuldade pudemos recolher o esquife.

17 E uma vez subido a bordo, usaram de reforços para rodear a nave; e tendo
temor de dar na Sirte, arriaram as velas e ficaram à deriva.

18 Mas sendo combatidos por uma furiosa tempestade, ao seguinte dia começaram
a descarregar,

19 e ao terceiro dia com nossas próprias mãos arrojamos os arranjos da
nave.

20 E não aparecendo nem sol nem estrelas por muitos dias, e acossados por uma
tempestade não pequena, já tínhamos perdido toda esperança de nos salvar.

21 Então Pablo, como fazia já muito que não comíamos, posto em pé no meio
deles, disse: Teria sido por certo conveniente, OH varões, me haver ouvido, e
não zarpar de Giz tão somente para receber este prejuízo e perda.

22 Mas agora vos precatório a ter bom ânimo, pois não haverá nenhuma perda de
vida entre nós, a não ser somente da nave.

23 Porque esta noite esteve comigo o anjo do Deus de quem sou e a quem
sirvo

24 dizendo: Pablo, não tema; é necessário que compareça ante o César; e hei
aqui, Deus te concedeu todos os que navegam contigo.

25 portanto, OH varões, tenham bom ânimo; porque eu confio em Deus que será
assim como me há dito.

26 Contudo, é necessário que demos em alguma ilha.

27 Vinda a decimacuarta noite, e sendo levados através do mar Adriático,
à meia-noite os marinheiros suspeitaram que estavam perto de terra;

28 e jogando a sonda, acharam vinte braças; e passando um pouco mais adiante,
voltando a jogar a sonda, acharam quinze braças.

29 E temendo dar em escolhos, jogaram quatro âncoras pela popa, e ansiavam
que se fizesse de dia.

30 Então os marinheiros procuraram fugir da nave, e jogando o esquife ao
mar, aparentavam como que queriam largar as âncoras de proa.

31 Mas Pablo disse ao centurião e aos soldados: Se estes não permanecerem na
nave, vós não podem lhes salvar.

32 Então os soldados cortaram as amarras do esquife e o deixaram
perder-se.

33 Quando começou a amanhecer, Pablo exortava a todos que comessem, dizendo:
Este é o décimo quarto dia que velam e permanecem em jejumas, sem comer nada.

34 portanto, vos rogo que comam por sua saúde; pois nem mesmo um cabelo de
a cabeça de nenhum de vós perecerá.

35 E havendo dito isto, tomou o pão e deu graças a Deus em presença de
todos, e partindo-o, começou a comer.

36 Então todos, tendo já melhor ânimo, comeram também.

37 E fomos todas as pessoas na nave duzentas e setenta e seis.

38 E já satisfeitos, aliviaram a nave, jogando o trigo ao mar.

39 Quando se fez de dia, não reconheciam a terra, mas viam uma enseada que
tinha praia, na qual acordaram estar parado, se pudessem, a nave.

40 Cortando, pois, as âncoras, deixaram-nas no mar, largando também as
amarras do leme; e içada ao vento a vela de proa, enfiaram para a praia.
439

41 Mas dando em um lugar de duas águas, fizeram encalhar a nave; e a proa,
fincada, ficou imóvel, e a popa se abria com a violência do mar.

42 Então os soldados acordaram matar aos detentos, para que nenhum se
fugisse nadando.

43 Mas o centurião, querendo salvar ao Pablo, impediu-lhes este intento, e
mandou que os que pudessem nadar se jogassem os primeiros, e saíssem a terra;

44 e outros, parte em pranchas, parte em coisas da nave. E assim aconteceu
que todos se salvaram saindo a terra.

1.

Navegar para a Itália.

Finalmente, embora em circunstâncias muito diferentes às que ele se havia
proposto, o desejo que Pablo tinha albergado por tão comprido tempo se ia a

concretizar: "ver também a Roma" (Hech. 19: 21; ROM. 1: 15; 15: 22-24; ver mapas P. 442 e frente a P. 33).

Entregaram ao Pablo.

Quão soldados custodiaram ao Pablo durante sua permanência na Cesarea o entregaram a um oficial para a viagem a Roma.

Outros.

Gr. héteros, dando a entender uma classe de detentos diferentes em algo ao Pablo.

Centurião.

Oficial romano a cujo cargo estavam 100 homens (ver com. cap. 10: 1).

Julho.

Um nome tipicamente romano.

Companhia

Gr. spéira, "coorte". Uma coorte auxiliar romana como esta, provavelmente consistia de 1.000 homens (ver com. cap. 21: 31; 23: 10). Apresentaram-se várias explicações quanto à identidade desta "companhia" Estreita. Por as inscrições se comprovou que uma coorte denominada Augusta estava acantonada em Síria no século I d. C.; a "companhia" que aqui se menciona tal vez poderia identificar-se com esta última.

2.

nos embarcando.

Gr. epibáhinÇ término específico que significa "embarcar-se", "subir a bordo"

Adramitena.

Ou seja do Adramitio, porto marítimo na costa noroeste da Misia, na Ásia Menor, a 80 km ao leste do Troas. Era um centro comercial de certa importância. Seu nome moderno é Edremit. Parece que este era o porto do qual procedia o navio e também seu porto de destino na viagem que aqui se narra.

ia tocar.

Literalmente "ia zarpar para", "ia navegar para". O centurião propôs que entrassem em vários portos durante a viagem, até que achassem um navio que navegasse a Roma.

Estando conosco.

Estas palavras implicam que ambos, Aristarco e Lucas, o autor do relato, acompanhavam ao Pablo. A lei romana estipulava que os cidadãos romanos que viajavam de qualidade de detentos podiam ser acompanhados por um escravo e por um médico pessoal. Talvez Aristarco era o servo do Pablo, e Lucas, seu médico.

Aristarco.

Um companheiro de viagem do Pablo. Tinha estado com o apóstolo no Efeso (cap. 19: 29), e também na Macedônia e Grécia (cap. 20: 4). Permaneceu com o Pablo durante seu primeiro encarceramento em Roma (Couve. 4: 10; File. 24).

3.

Sidón.

Porto marítimo muito conhecido, situado na costa de Fenícia; freqüentemente se menciona com Tiro (ver T. II, pp. 69-7 1; com. cap. 12: 20).

Tratando.

Gr. Jráomai, "usar", "tratar" (C cap. 7: 19). Pablo tinha causado uma favorável impressão em todos os que se relacionavam estreitamente com ele.

Humanamente.

Gr. filanthrÇpÇs, "bondosamente".

Para ser atendido.

Ou "para receber hospitalidade".

4.

nos fazendo à vela.

Quer dizer, llevando âncoras, navegando (cf. Luc. 5: 4).

Sotavento do Chipre.

Para a terra ou sotavento, entre a ilha e o continente. Com tempo favorável, o curso sem dúvida tivesse sido não pouco ao sul do Chipre (ver com. cap. 21: 1-3).

5.

Olhe.

Uma cidade a 3 km da costa, à beira do rio Andríaco, que os turcos chamam agora Dembre. Este não era um porto no que estavam acostumados a fazer escala os navios que navegavam da Palestina a Roma. Uma antiga inscrição identifica a Olhe como um lugar onde se depositavam cereais, e o navio procedente de Alejandría bem pôde, como parte de seu itinerário, ter ido ali para descarregar cereais (vers. 38). Egito era o celeiro do Império Romano.

6.

Nave alexandrina.

Olhe estava muito afastada da rota direta da viagem entre a Alejandría e Roma.

7.

Navegando. . . devagar.

Evidentemente 440 devido aos fortes ventos de proa.

Com muita dificuldade.

Gr. mólis, "com dificuldade" (cf. vers. 8).

Gnido.

Nnaquele tempo naquele tempo um ativo porto de mar no extremo sudoeste do Ásia Menor. Agora está em ruínas. Era famoso como um centro de adoração de Afrodita. Ali tinha existido uma colônia judia, pelo menos do tempo dos Macabeos (1 MAC. 15: 15-24). Aparentemente os ventos forçaram ao casco de navio a navegar perto da costa. Agora, já no mar Egeu, a nave foi açoitada com toda a força do ventania, e se dirigiu para Giz.

Impedia-nos.

Ou "não nos permitindo". Durante esta estação os ventos geralmente sopravam do noroeste e eram conhecidos como os ventos etesios (cf. vers. 14).

Sotavento de Giz.

Assim estavam protegidos do vento (cf. vers. 4). Aqui o mar estaria menos agitado.

Salmão.

Provavelmente o cabo Sidero, um promontório no extremo oriental da ilha de Giz, que se interna no mar. Ali o navio estava protegido do vento.

8.

Com dificuldade.

Ver com. vers. 7.

Bons Portos.

Esta localidade não se menciona em nenhuma passagem dos escritos da época, mas ainda tem o mesmo nome. Está na costa sul de Giz, a 8 km ao leste do cabo Mata-a, o principal promontório da costa sul da ilha. Agora é chamado Limenes Kali.

Lasea.

identificaram-se as ruínas desta cidade a uns poucos quilômetros ao este de Bons Portos.

9.

Tendo passado muito tempo.

Enquanto esperavam um vento favorável e deliberavam sobre o que deveriam fazer.

Sendo já perigosa a navegação.

estava-se aproximando o inverno, e no Mediterrâneo não se acostumava navegar nessa época do ano.

O jejum.

Evidentemente o dia de expiação, em nos décimo dia do sétimo mês (Tisri) do calendário eclesiástico (ver T. II, P. 112; Josefo, Antiguidades iII. 10. 3). Provavelmente estavam na última parte do mês de outubro, e se podiam esperar fortes tormentas.

10.

Vejo.

Gr. théoreo, "discernir" (cf. Juan 4: 19). A percepção que Pablo tinha do perigo que os ameaçava não era necessariamente por discernimento de origem sobrenatural, mas sim por sua própria observação e julgamento como viajante experiente. Não parece que tivesse falado como profeta. Note-se que o "prejuízo" ou dano que ele temia que ocorresse aos que estavam a bordo, não significou a perda da vida (Hech. 27: 44).

Prejuízo e muita perda.

Ou "com dano e muita perda". Evidentemente Pablo se ganhou o respeito de os que conduziam a nave, pois se sentia livre de dar um conselho tal. Havia viajado várias vezes pelo Mediterrâneo e pelo Egeu, e alguns anos antes de esta viagem escreveu: "Três vezes padeci naufrágio; uma noite e um dia hei estado como náufrago em alta mar" (2 Cor. 11: 25). Na Nota Adicional ao final do capítulo há uma explicação da viagem do Pablo e do naufrágio perto da ilha de Malte.

11.

Dava mais crédito.

Literalmente "estava persuadido". Quando se tratava destes assuntos, o centurião tinha mais confiança no capitão e no patrão da nave que em Pablo. O centurião, como oficial do guarda imperial, influía nos homens que dirigiam o casco de navio.

Piloto.

Gr. kubernétis, "timoneiro", que estava a cargo da navegação do casco de navio. O centurião preferiu naturalmente o julgamento de um perito navegante ao de um rabino judeu itinerante.

Patrão.

O dono ou capitão de um navio. Possivelmente aqui, o dono do casco de navio e da carga, que era trigo do Egito (vers. 38) com destino a Roma. Este produto comercial gerava um intenso e lucrativo comércio entre a Alejandría e Roma (ver com. vers. 5).

12.

Incômodo.

Ou "não adequado". O porto possivelmente não parecia proporcionar amparo suficiente para o navio durante o inverno, ou Bons Portos talvez era muito pequeno para que ali se conseguissem as provisões adequadas.

Zarpar.

Gr. anagó, "fazer-se ao mar".

Fenece.

Ou Fênix, geralmente identificado com o atual porto cretense do Lutero, o melhor porto durante todo o ano na costa sul de Giz. Estrabón, o geógrafo grego, menciona-o (Geografia X. 4. 3). Em seus arredores se encontrou uma tabuleta dedicada ao Serapis e ao Júpiter, como uma oferenda de agradecimento por ter sido salvos no mar. Essa tabuleta foi oferendada pelo encarregado de um casco de navio que fazia a travessia desde a Alejandría.

Nordeste e sudeste.

Literalmente "que olhe para o sudoeste e para o noroeste". O porto de Lutro dá frente ao este, e a pessoa 441 a bordo de um casco de navio que entra no porto, olhe para o oeste. Ao outro lado do promontório que forma o porto do Lutro, está o porto menos protegido da Fineka, que olhe para o oeste.

13.

Brisa do sul.

Isto representaria uma mudança completa do tempo, porque o piloto havia dirigido o curso do casco de navio para o sul de Giz para escapar ao vento norte (vers. 7-8).

Tinham o que desejavam.

Ou seja que esperaram o necessário até que trocasse o tempo.

Foram.

Literalmente "estavam navegando".

Costeando.

Gr. ásson, "mais perto". Acreditou-se antes que era o nome de um lugar, mas agora geralmente se traduz como "mais perto". Não se identificou nenhum lugar com este nome. O propósito do capitão era manter-se perto da costa até que pudesse chegar a Fenece, a 65 km ao oeste.

14.

Deu contra a nave.

Ou "investiu contra ela um vento", isto é procedente da montanhosa ilha de Giz. Houve outra súbita mudança: o suave vento sul se transformou em um forte vento norte, e isto impulsionou o navio para o sul em direção da ilha de Clauda (vers. 16; ver mapas P. 442 e frente a P. 33).

Impetuoso.

Gr. tufonikós, adjetivo derivado do nome do deus Tufão que personifica as forças tempestuosas da natureza, e em forma especial os fortes ventos. As rápidas mudanças do vento indicam que era uma grande tormenta ciclónica.

Euroelidón.

Gr. euroklúdón. Desde duas palavras que significam "este vento" e "[grande] onda" ou "águas agitadas". Refere-se a um forte vento que levantava grandes cheire. Sem embargo, a evidência textual (cf. P. 10) favorece a grafia eurakúlon. Esta palavra híbrida, cuja primeira parte é grega e a segunda latina, indica um vento esteja-noreste. "Vento impetuoso do nordeste" (VP), "curoaquilón" (BC, BJ, NC).

15.

Sendo arrebatada a nave.

Enquanto a nave esteve costeando perto da costa ao leste do cabo Mata-a, esteve protegida da mudança de vento; mas logo que começou a cruzar a baía aberta em sua rota até Fenece, o violento vento nordeste deu contra ela com toda sua fúria, e a jogou para o sudoeste em direção a Clauda.

Não podendo pôr proa ao vento.

Quer dizer, "não podendo fazer frente ao vento" (BC, BJ).

Deixamo-nos levar.

Melhor, "fomos levados a deriva". Era impossível timonear a nave. O único que se podia fazer era navegar a mercê do vento, rumo ao sudoeste.

16.

E tendo deslocado.

Quer dizer, tendo navegado a sotavento da Clauda (ver com. vers. 4).

Clauda.

A evidência textual (cf. P. 10) favorece a grafia "Cauda" (BJ, NC). O nome moderno da ilha é Gozzo ou Gaudo. Tolomco (Geografia iII. 15. 8) chamou-a Claudos. A ilha está a 72 km ao sudoeste do cabo Mata-a, perto do qual desatou-se a tempestade que vinha do nordeste e açoitou a nave em que viajava Pablo.

Pudemos recolher o esquife.

Ou "com muita dificuldade pudemos nos fazer donos do bote salva-vidas". Este bote usualmente era levado a um lado para usá-lo em uma emergência. Em meio das tempestades sem dúvida se enchia de água e era muito difícil utilizá-lo. A tripulação estava tratando de subi-lo a bordo para que não se perdesse.

17.

Reforços.

Ataram a nave com fortes cordas para impedir que o casco de madeira se despedaçasse pela força do vento e das ondas. Este procedimento de rodear uma nave de madeira se chama atortoramiento. É óbvio que a nave dificilmente estava em condições de continuar viagem, e deve ter estado alagando-se tanto que as junturas da madeira ameaçavam abrindo-se. A nave estava em perigo

de naufragar. Compare-se com o Tucídides (Historia I. 29. 3) e Horacio (Odes I. 14).

Dar.

Gr. ekpíptó, que significa "cair fora", ser jogado a terra".

Sirte.

Gr. súrtis, nome do braço oriental do grande golfo que penetra na costa norte do continente africano, e que hoje em dia se conhece como a Grande Sirte [atual golfo de Cidra, [Líbia], para distinguir o da Pequena Sirte [atual golfo do Gabes, Tunísia], o braço ocidental do mesmo golfo. As águas de ambos golfos são de pouca profundidade e ocultam bancos de areia que se converteram na tumba de inumerável; navios dos começos da navegação. A nave do Pablo era levada em direção da Grande Sirte pelo vento. Ver Lucano, A guerra civil. ix.303-310; cf. Milton, O paraíso perdido iI. 939.

Arriaram.

Gr. jaláÇ "desatar", "baixar", "fazer descender".

As velas.

Gr. skéuos, "equipe", "arranjo";

VIAGEM DO Pablo A Roma

443 ou seja os "arranjos" do navio. A tripulação desceu da arboladura da nave todo aquilo do qual podiam prescindir, especialmente a pesada vela maior e seu arranjo. Sem dúvida deixaram suficientes vela e arranjos para manter o domínio da nave e evitar a Sirte com seus tão temidos bancos de areia.

Todas estas precauções se tomaram (vers. 16-17) e se completaram enquanto a nave estava em uma calma transitiva a sotavento da Clauda. Há uma descrição desta parte da viagem na Nota Adicional ao fim do capítulo.

Y.

Quer dizer, com o bote a bordo e o casco do casco de navio apertado com cordas, depois de desfazer-se dos arranjos que não eram essenciais.

À deriva.

Ao cabo de um ou dois dias a tempestade do nordeste levaria a nave ao oeste-sudoeste impulsionando-a dentro da Sirte. Para evitá-lo, os marinheiros prepararam a nave para tempo tormentoso, viraram e tomaram rumo a estribor, pois com a proa da nave dirigida aproximadamente ao norte e a tempestade do nordeste dando contra a nave em sua parte de estribor, seriam levados principalmente em forma lateral em uma direção oeste-noroeste. A distância de Clauda a Malte é de 750 km.

18.

Sendo combatidos.

A tormenta aumentou sua fúria.

Ao seguinte dia.

Quer dizer, o segundo dia de tormenta. A nave estava mais à frente do momentâneo refúgio da ilha da Clauda.

Começaram a descarregar.

Começaram a arrojar a carga de trigo (vers. 38) ao mar. A nave se alagava perigosamente apesar das cordas com que estava apertado o casco para impedir que se abrisse (ver com. vers. 17).

19.

Com nossas próprias mãos arrojamos.

No grego diz "com suas próprias mãos", ou seja as mãos da tripulação (ver o comentário prévio). O arranjo não foi arrojado ao mar por um golpe de as ondas, nem varrido pelo vento, mas sim a propósito foi arrojado ao mar.

Os arranjos.

Ver com. vers. 17. Todos os implementos que podiam ser eliminados do navio, particularmente os que estavam sobre coberta, foram jogados no mar.

20.

Nem sol nem estrelas.

antes da invenção da bússola, os que navegavam em alta mar dependiam de a observação do sol durante o dia e das estrelas durante a noite para orientar-se e conhecer sua posição. Segundo o vers. 27 é evidente que os pilotos da nave não conheciam sua posição náutica. Estavam perdidos.

Muitos dias.

Quase duas semanas, de acordo com os acontecimentos narrados (vers. 27).

Já.

Gr. loipós, "ao fim", "finalmente". A tormenta continuou, fazendo impossível as observações quanto à posição da nave. Correndo o iminente perigo de naufragar ou ser lançados contra a Sirte ou contra uma costa rochosa, a tripulação abandonou toda esperança.

21.

Fazia já muito que não comíamos.

supõe-se que tanto a tripulação como os passageiros tinham estado sem comer. A agitação e a dificuldade para manobrar a nave durante a tormenta haviam impedido a preparação do alimento e sua distribuição. Sem dúvida, muitos estavam enjoados.

Posto em pé.

Parece que do momento em que o conselho do Pablo foi rechaçado quando estavam em Bons Portos, o apóstolo e seus companheiros tinham deixado ao capitão e à tripulação que seguissem suas próprias decisões.

me haver ouvido.

que Pablo lhes fizesse recordar o que lhes havia dito não era uma censura ou um repreensão, mas sim tinha o propósito de persuadir aos pilotos da nave a que emprestassem atenção ao que agora lhes ia dizer. Se se tivesse seguido seu conselho (vers. 10), poderiam-se ter evitado os perigos e o temor dos últimos dias. Fariam bem em escutar o novo conselho que tinha que lhes dar.

Receber.

Ou "sofrer".

Prejuízo e perda.

Tinham perdido o carregamento e os arranjos da nave (vers. 18-19), e parecia que perderiam a nave e até suas vidas (vers. 20).

22.

Ter bom ânimo.

Ou "ter valor", "não desalentar-se". Ao seu devido tempo tudo terminaria bem. Contrastem-nas palavras de ânimo do Pablo com a perda de "toda esperança" (vers. 20). Cf. Juan 16: 33; Hech. 23: 11. A atitude do Pablo e o tom de seu voz devem ter estado em consonância com sua alentadora admoestação. Assim deveria proceder o cristão quando leva as boas novas da salvação por meio de Cristo Jesus a um mundo perturbado.

Nenhuma perda de vida.

Anteriormente Pablo tinha antecipado que poderiam perder-se algumas vidas (vers. 10), mas Deus lhe revelou que não haveria perda de vidas. 444

Da nave.

Quer dizer, só se perderia a nave.

23.

esteve comigo.

Sem dúvida Pablo recordava a visita do anjo enquanto estava detento em Jerusalém, quando lhe disse que se apresentaria ante o César (cap. 23: 11).

O anjo.

No grego diz "um anjo". A respeito da intervenção dos anjos em favor dos filhos de Deus, ver Hech. 5: 19; 8: 26; 12: 7; cf. Heb. 1: 13-14.

De quem sou.

A religião é algo pessoal: é consagração, adoração e serviço pessoal que se rendem a um Deus pessoal. Pablo apresentou um eloqüente testemunho aos temerosos pagãos que estavam com ele na nave condenada a naufragar. Conhecia ao Deus que estava a ponto de intervir em favor de todos os que estavam a bordo, porque o Senhor pertencia ao Pablo e Pablo pertencia a ele em uma íntima comunhão de serviço. Pablo tinha aceito levar o jugo do serviço e estava

intimamente relacionado com seu divino Companheiro de jugo (ver Mat. 11: 28-30; cf. ROM. 1: 9; 2 Tim. 1: 3, 12).

24.

Não tema.

Os visitantes celestiales saudaram muito freqüentemente aos seres humanos com estas palavras (Luc. 1: 13, 30; 2: 10; Apoc. 1: 17).

Compareça ante o César.

Renovação de uma promessa anterior (cap. 23: 11), que após havia sustenido o apóstolo. Pablo passaria são e salvo através da prova e finalmente chegaria a Roma.

Concedeu-te.

Provavelmente como uma resposta à oração. Pablo deve ter estado freqüentemente em oração durante este tempo de perigo. Agora todos os que estavam a bordo da nave tiveram que saber que o apóstolo não era um detento comum. Pablo e seus companheiros cristãos estavam demonstrando que eram "aroma de vida para vida" (2 Cor. 2: 16; cf. Gén. 18: 23-32; Mat. 5: 13).

25.

Eu confio em Deus.

A fé do Pablo se fortalecia à medida que aumentavam o perigo e a angústia, embora desde fazia muitos dias se perdeu toda razão para ter confiança na solidez da nave ou na habilidade do capitão e a tripulação (cf. vers. 20).

26.

Em alguma ilha.

A ilha de Malte (cap. 28: 1).

27.

Decimacuarta noite.

O ato final do tormentoso drama se produziu depois de duas semanas (cf. vers. 18-19, 33). Durante esses dias tinham sido irremediavelmente levados a deriva sem conhecer sua posição no mar. Tinham viajado 750 km, ou seja perto de 60 km por dia (ver Nota Adicional ao final deste capítulo).

Adriático.

A parte do mediterrâneo que está ao sul do que agora se conhece como o mar Adriático (cf. Estrabón, Geografia iI. 5. 20; Josefo, Vida 3).

Os marinheiros suspeitaram.

Talvez viram a espuma produzida pelas ondas que se estrelavam contra os escolhos de Ponta Koura, no extremo oriental da baía de São Pablo na costa nororiental da ilha de Malte (cap. 28: 1). Ver mapa P. 442.

28.

Jogando a sonda.

jogava-se a sonda possivelmente com um chumbo pacote no extremo de uma corda. Nos tempos antigos, de noite ou em meio da névoa este era o único método para determinar a posição de um casco de navio com relação à costa.

Vinte braças.

A "braça" grega media a distância entre os dedos polegares de um homem com os braços estendidos; equivalia aproximadamente à "braça" inglesa de 1, 86 m (ver T. V, P. 52). portanto, a profundidade era de 36 M. A profundidade do mar à distância de 400 m de Ponta Koura (ver com. vers. 27) foi medida em tempos recentes e é de 36 m (ver Nota Adicional ao final do capítulo).

Passando um pouco mais adiante.

Ou "e havendo-se afastado um pouco".

Quinze braças.

27 M. Uma diminuição tão marcada em profundidade em tão curta distância e em tão breve lapso, indicava que a nave se estava aproximando rapidamente à borda.

29.

Escolhos.

Ou "lugares ásperos" (ver com. vers. 27).

Jogaram quatro âncoras.

A escuridão da noite fazia impossível que escolhessem a melhor parte da costa para encalhar a nave. As âncoras se jogaram da popa para manter a proa da nave para a costa.

Ansiavam.

Literalmente "estavam rogando" (cf. Job. 1: 4-5).

30.

Procuraram fugir.

Para salvar suas vidas a tripulação tinha decidido abandonar a nave com seus passageiros. É um testemunho eloqüente da situação desesperador em que se encontravam.

31.

Pablo disse.

Pablo tinha ampla experiência nas viagens por mar (ver com. vers. 10), e por isso sabia que a operação proposta era desnecessária. Supôs, pois, que a 445

intenção dos marinheiros era abandonar a nave.

Se estes não permanecerem.

Só os marinheiros tinham a destreza necessária para ancorar a embarcação e salvar aos passageiros.

32.

Esquife.

O bote que tinham elevado a bordo da nave perto da ilha da Clauda dois semanas antes (ver com. vers. 16).

33.

Quando começou a amanhecer.

Tinham transcorrido até este momento umas seis horas do momento quando os marinheiros descobriram que estavam próximos à borda (vers. 27-29). Nada podia fazer-se na escuridão.

Comessem.

Não se especifica que alimento deviam tomar. A alimentação era essencial devido ao esforço e a exposição à intempérie que todos experimentariam quando abandonassem a nave.

Décimo quarto dia.

Ver com. vers. 27.

Sem comer nada.

Provavelmente seja uma referência às comidas regulares. A rotina da vida a bordo da nave se transtornou completamente, e só tinha sido possível comer uns bocados de vez em quando. Sem dúvida, muitos também tinham estado enjoados.

34.

Saúde.

Gr. sotería, "salvação", aqui em sentido físico (cf. vers. 31).

Nem mesmo um cabelo. . . perecerá.

Figura de linguagem bíblica; uma expressão familiar para designar uma liberação completa (Luc. 21: 18; cf. 1 Sam. 14: 45; 2 Sam. 14:11; 1 Rei 1: 52).

35.

Deu obrigado.

Pablo reconheceu a Deus como o doador do alimento e o sustentador da vida. Deu um exemplo conseqüente com sua exortação a todos seus companheiros de viagem.

36.

Melhor ânimo.

A esperança, a fé e o valor do Pablo foram contagiosos. Todos cobraram fôlego apesar de dar-se conta do perigo que espreitava nas rochas ao comprido da costa.

Comeram.

Ver com. vers. 33.

37.

Na nave.

A nave teve que ter sido bastante grande. sabe-se que nos dias do Pablo viajavam pelo Mediterrâneo navios de mais de 60 m de comprimento. estimou-se que esta nave tinha um deslocamento de 1.200 toneladas (ver Nota Adicional ao fim do capítulo). O fato de que a nave tivesse quatro âncoras na popa (vers. 29) e outras na proa (vers. 30), sugere que era grande. Neste momento se diz pela primeira vez o número dos que estavam a bordo; é possível que fossem contados antecipando-se assim ao abandono da nave.

38.

Aliviaram a nave.

A maior parte da carga possivelmente tinha sido jogada no mar (vers. 18) e os Arranjos reduzidos ao mínimo (ver com. vers. 17); também se tinha eliminado tudo o que estava sobre coberta e nos depósitos da nave (vers. 19). Agora se fez o mesmo com o que tinha ficado da carga e com o alimento restante.

Jogando o trigo.

Aparentemente este era um navio triguero egípcio que ia a Roma. A população da Itália, e especialmente a de Roma, dependia dos carregamentos de trigo egípcio (Juvenal, Sátiras V. 118-119; ver com. vers. 5).

39.

Não reconheciam a terra.

Quando chegaram asa costa souberam em que ilha estavam (cap.28: 1). Malte era bem conhecida; mas a baía de São Pablo, que provavelmente foi o sítio do desembarque, estava Longe do acostumado porto de chegada, e por isso não era bem conhecida.

Enseada.

Gr. kólpos, "golfo", "baía", literalmente "seio". Na costa rochosa havia uma abertura que tinham muito, mas que era a propósito para estar parado a nave com relativa segurança. Ver ilustração frente P. 448.

40.

Cortando, pois, as âncoras.

Ou "tendo tirado". Possivelmente aqui signifique "llevar âncoras".

As amarras do leme.

Quer dizer, as cordas que levantavam os lemes fora da água, assegurando-os aos flancos da nave. Naquele tempo os navios freqüentemente tinham dois lemes -remos ou paletas-, um em cada lado da popa. Nesse momento, para conduzir o navio até a praia, deixaram cair os lemes na água.

Vela de proa.

Gr. artémÇn, "te trinque", "artimón". Parece que a vela principal, junto com seu arranjo, tinha sido arremesso ao mar (ver com. vers. 17, 19).

41.

Lugar de duas águas.

Literalmente "entre dois mares", ou seja entre dois correntes. Estas dois correntes encontradas provavelmente forçaram à nave a encalhar apesar de a ação dos lemes.

A popa se abria.

Ou "ia rompendo". Com a proa da nave encalhada na costa, as violentas correntes mencionadas pouco a pouco foram desfazendo a popa.

Do mar.

A evidência textual (cf. P. 10) inclina-se pelo texto "das ondas". Em algumas 446 antigas versões se traduziu "dos ventos"; outras omitem estas palavras.

42.

Matar aos detentos.

Ver com. cap. 12: 19; 16: 27.

43.

Querendo salvar.

O centurião respeitava muito ao Pablo e a seus companheiros de viagem; e também sabia que todos os que estavam a bordo deviam sua vida ao Pablo (vers. 9-10, 21-26, 31, 34 -36).

Os que pudessem nadar.

Aparentemente a nave encalhou muito perto da borda. Aos que podiam nadar-se permitiu-lhes que o fizessem primeiro, de ando as pranchas da nave para os que não podiam nadar.

44.

Parte em. . . coisas da nave.

Uma vívida descrição de pessoas que fogem de um navio que se afunda, quando os sobreviventes se aferram aos restos da nave que se desfaz pela

força das ondas, ou que é despedaçada por mãos humanas.

Todos se salvaram.

Nenhum pereceu de acordo com a promessa que Deus tinha feito ao Pablo, e que o apóstolo tinha declarado aos que estavam na nave (vers. 24).

NOTA ADICIONAL DO CAPÍTULO 27

Vários detalhes da narração da tormenta e o naufrágio do cap. 27 não são claros devido aos seguintes fatores: (1) o exato significado técnico de alguns términos náuticos é ainda incerto, e (2) poucos comentadores da Bíblia -se é que há algum- tiveram um conhecimento pessoal adequado de os assuntos náuticos. É óbvio que uma pessoa que combine certo conhecimento do NT grego com uma experiência pessoal em navegação, particularmente em aquela região do Mediterrâneo aonde se desenvolveu a narração, poderia explicar melhor o naufrágio que outra que não está nessas condições.

Esse é o caso do tenente Edwin Smith, ministro da igreja presbiteriano Avondale, do Tillsoriburg, Ontario, Canadá, que serve como oficial naval no Mediterrâneo em 1918 e 1919.

Na Homiletic Review de agosto de 1919 (T. 78, N.º 2, pp. 101-110), o tenente Smith explicou o relato do naufrágio do Hech. 27 apoiado em seu experiência e observações como oficial da marinha em serviço no Mediterrâneo. Esse artigo, titulado "A última viagem e o naufrágio de São Pablo", foi escrito a bordo de um casco de navio no porto de La Valetta, na ilha de Malte, aproximadamente a 13 km do lugar tradicional do naufrágio, a baía de São Pablo.

Este Comentário reproduz em forma parcial dito artigo, sem respaldar necessariamente cada declaração. Entretanto, os fatos citados e as conclusões apoiadas nele confirmam o relato bíblico e dão testemunho de que Lucas foi um historiador informado, exato e fidedigno.

Do começo o autor faz notar a necessidade de ter um conhecimento de as naves antigas, a náutica, as águas, os portos e as terras dessa região, como também da relação que Pablo e Lucas tiveram com a história do naufrágio. Prossegue com uma declaração geral sobre o conhecimento de os antigos quanto a "fazer-se ao mar". O autor faz notar logo que a descrição de Loucas quanto ao que fizeram o capitão e a tripulação para enfrentar-se às diversas emergências que surgiram, "é quase, palavra por palavra, o que a maioria das obras modernas sobre náutica nos dizem que deveríamos fazer se nos encontrássemos em circunstâncias similares".

depois de mencionar a descrição de um navio triguero alexandrino escrita pelo autor grego Luciano, do tempo do imperador Cômodo (180-192), o autor continua: "Quem, por ventura, pensaria em ir a Pompeya para averiguar ali costure alguma em relação aos navios dos antigos, ou referente aos navios não tão antigos dos dias de São Pablo? E, entretanto, é ali onde podemos obter a ajuda mais efetiva, porque os mármores e os afrescos de Pompeya nos proporcionam detalhes valiosos e têm a vantagem adicional de que são precisamente do tempo da viagem de São Pablo. A catástrofe a qual devem sua conservação aconteceu algo menos de vinte anos depois do naufrágio.

"A seguir tratarei de reconstruir um destes antigos navios, e confio em dar uma idéia medianamente correta de um casco de navio mercante do primeiro século de era-a cristã.

"Em linhas gerais, não diferiam muito dos navios de vela de faz 50 anos,
447 especialmente nas partes que foram debaixo da linha de flutuação, com
a exceção de que a proa e a popa eram muito similares. A curvatura superior
(arrufo) ou contorno dos flancos de coberta era quase reta no centro,
mas curva nos extremos, e tanto a proa como a popa se elevavam a
considerável altura e terminavam em algum adorno, geralmente a cabeça e o
pescoço de um ave aquática inclinada para trás.

"Na descrição que apresenta Luciano do casco de navio alexandrino, menciona que a
popa se levantava em forma gradual em uma curva coroada por um "cheniscos"
dourado [projeção em forma de pescoço de ganso], e a proa se elevava em forma
similar. No afresco da nave que está na tumba da Naevolia Tyche, em
Pompeya, vê-se um navio de construção similar. Sua alta proa termina em uma
cabeça da Minerva.

"As amuradas eram corrimões abertos, e a ambos os extremos havia fogões ou
galerias. No navio do Tesco, representado em um dos quadros encontrados
no Herculano, vê-se um cabrestante enrolado por um cabo; e em uma figura do
navio do Ulises (diz-se que foi tirada de um mármore antigo) de uma edição de
Virgilio (3 tomos, Roma, 1765) vê-se o cabo enroscado ao redor de um
cabrestante pequeno [molinete].

"A diferença maior entre estes navios antigos e todas as classes de
navios modernos possivelmente esteja no que corresponde ao leme. Os navios antigos não se
governavam com um só leme giratório na popa como os navios modernos,
mas sim por dois grandes remos paletas (padalía), um a cada lado da popa; de
aqui a menção em plural que deles faz São Lucas. manobravam-se através
de dois escovões [buracos por onde passam cabos], um em cada lado, que
também se usavam para os cabos quando os navios estavam ancorados pela
popa. Não foi a não ser até fins do século XIII quando começou a usar o moderno
leme giratório.

"Mas o ponto de maior interesse em relação com estes antigos navios é seu
tamanho. Muitos dos navios trigueros que faziam a travessia entre o Egito e
Itália nos dias de São Pablo devem ter tido mais de mil toneladas de
deslocamento. Raciocinamos que devem ter sido de suficiente tamanho para que seu
uso deixasse ganho. As naves pequenas só deixam utilidades quando se usam
para viagens curtas. Mas podemos supor seu tamanho pois sabemos, por exemplo,
que o navio no que viajavam São Lucas e São Pablo nesta ocasião levava
um carregamento de trigo e 276 pessoas em total. Se a tripulação tivesse sido
de 26 marinheiros, o número de passageiros tivesse subido a 250 pessoas. Para
acomodar a tanta gente a bordo durante várias semanas, além disso do carregamento e
da tripulação, a nave necessariamente devia ser maior que um navio
pesqueiro comum. O navio no qual naufragou Josefo em sua viagem a Itália
levava a bordo 600 pessoas, uma quantidade de passageiros suficiente para um
transatlântico atual de cinco ou seis mil toneladas. Mas o melhor relatório que
temos do tamanho de algumas destas naves é o que deu o carpinteiro
(naupegós) do Isis, o triguero alexandrino que foi levado a Atenas por
ventos contrários.

"De acordo com os dados proporcionados, e depois de ter plenamente em
conta a diferença em construção, esta nave deve ter sido de 1.100 a
1.200 toneladas de deslocamento. Tenho lido que alguns escritores, usando os
mesmos dados, adjudicam-lhe algo mais de 1.300 toneladas.

"Os arranjos destas antigas naves eram muito singelos. Acima de tudo tinham um
mastro principal que sustentava uma verga muito larga, possivelmente tão larga como o

mesmo navio, aonde se desdobrava uma grande vela quadrada que pendurava da arboladura superior da verga. Além disso, estes grandes navios cerealeros levavam gavias, ou velas que desdobravam no mastelero maior. Geralmente tinham outro mastro mais pequeno perto da proa, sobre o qual desdobravam uma pequena vela quadrada chamada o artémÇn. além disto tinham velas triangulares com o propósito de facilitar o deslocamento da nave em diferentes circunstâncias e de fazer girar ou trocar de rumo a embarcação. Também as usavam em casos de tormenta, quando as grandes vela tinham que ser recolhidas.

"Não devemos esquecer que o navio no qual viajou São Pablo também estava equipado para emergências. O fracasso em compreender a construção e os arranjos destas naves foi a causa pela qual muitos comentadores hão cometido lamentáveis equívocos ao ocupar-se dos episódios registrados em o capítulo 27 do livro dos Fatos.

"O que é o que sabemos a respeito da experiência náutica prévia de São Lucas ou São Pablo, ou de ambos? Não é necessária outra evidência 448 fora do que se registra nos cap. 27 e 28 de Feitos para provar em forma concludente que São Lucas, o autor do Evangelho que leva seu nome, assim como de Los Fatos, tinha um conhecimento cabal das naves e de seu manejo, o qual somente pôde adquirir em uma forma: por experiência. Sem esta, não importa quanto houvesse lido a respeito de naves ou as tivesse observado da costa, não tivesse estado capacitado para escrever o relato de seu naufrágio e de São Pablo. Tal conhecimento e compreensão, como se manifestam aqui, só se obtêm por experiência. Não quero dizer que tem que ter sido marinho, pois a mesma evidência demonstra que não foi assim, e que, não obstante, viajou por mar e fez mais de duas ou três curtas viagens. . .

"E quanto a São Pablo, minha própria opinião é que ele também teve uma considerável experiência em viagens marítimas. Como poderão dar-se conta, São Pablo não é tão reservado a respeito de si mesmo e de seu passado como São Lucas. . .

"Vamos a 2 Cor. 11: 25: "Três vezes padeci naufrágio". É obvio, um homem não naufraga em cada viagem, e a menção de três naufrágios parece indicar que não só era muito experiente em viagens marítimas, mas também também sua experiência não tinha sido muito agradável...

"Passaremos por cima os detalhes da viagem até que o navio atracou a Bons Portos, ao sul da costa de Giz. Foi deste porto de onde saiu a nave no que resultou ser sua última viagem, relato que me proponho examinar agora.

"Embora São Lucas não menciona a condição do navio, omissão que não faria um autêntico marinheiro, estou convencido de que sua condição era deficiente, por as razões que apresentarei a seguir. Pelo relato sabemos que depois de uma viagem tediosa e comprido a sotavento da costa, tiveram que permanecer em Bons Portos por um tempo considerável devido aos ventos contrários. A estação tinha avançado muito, e as noites eram mais oscitras e nubladas, de modo que não era fácil que o casco de navio navegasse sem bússola uma distância de quase 600 milhas inglesas [965 km se forem milhas inglesas comuns, ou 1.112 se se tráfico de milhas náuticas] até o estreito da Mesina. portanto, o capitão decidiu abandonar a idéia de continuar a viagem e acordaram acontecer o inverno na ilha de Giz. Parece que São Pablo favoreceu esta decisão; mas quando pouco depois o capitão anunciou sua intenção de prosseguir a viagem até Fenece, seguindo a costa 38 ou 40 milhas [60 ou 64 km], porque disse que era um porto melhor para hibernar, quer dizer, mais seguro para o navio, São Pablo pôs objeções e lhes recomendou permanecer onde estavam. Afirmou-lhes que esse percurso estava cheio de perigos não só do carregamento e da nave,

mas também de nossas pessoas'. Nos diz que foi então quando soprou 'uma brisa do sul', de maneira que o perigo não se manifestou na ameaçadora condição do tempo. Entretanto, podemos estar seguros que o percurso sugerido pelo capitão prometia maior segurança e bem-estar em todo sentido, e portanto São Pablo não se houvesse oposto a ele sem boas razões; mas não dão-se essas razões, o que é outra característica do relato de São Lucas, e uma segunda prova de que, depois de tudo, não era um autêntico marinheiro,

porque um verdadeiro homem de mar nunca deixa de dar suas razões; em realidade, um marinho está propenso a ser tedioso nesse respeito. Não obstante, ninguém que tenha experiência náutica pode ler este relato e deixar de descobrir quais foram aquelas razões. Em resumo, acredito que foram estas: a nave não era muito segura nem sequer contando com bom tempo, e pelo menos o apóstolo não queria correr o risco de ser surpreso por um ventania nesta estação do ano, se podia evitar-se. São Pablo já tinha estado algumas semanas nessa nave, Tinham sido fortemente sacudidos a barlavento rumo a Giz, e nessas semanas São Pablo fazia algumas observações e meditado sobre certos assuntos. Por exemplo, deu-se conta de que o casco de navio fazia água e que quando as borrascas sopravam mais fortemente a nave rangia e as pranchas se moviam em forma inquietante... portanto, o argumento de São Pablo foi simplesmente este: 'Embora admita que Fenece (hoje Lutro) é um porto melhor que Bons Portos para passar o inverno, contudo sustento que o risco que corremos em nos fazer ao mar neste tempo do ano, neste navio, é muito grande para que valha a pena fazê-lo. Além disso, não vejo com bons este olhos tranqüilo vento sul nesta estação, porque geralmente gira ao esteja-noreste e sopra como um ventania, e se nos surpreende enquanto estamos cruzando a baía da Mesara, nos

MALTE: A BAÍA DE SÃO Pablo

A VIA APEIA FORA DE Roma

INSCRIÇÃO DO GALIÓN

INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS DO PRIMEIRO SÉCULO

TEMPLO DO HERODES: INSCRIÇÃO DE ADVERTÊNCIA

449 levará muito longe da costa, e então ... !'

"Mas o centurião emprestava mais atenção ao piloto e ao patrão da nave 'que ao que Pablo dizia', e dessa maneira continuaram a viagem e aconteceu precisamente o que São Pablo temia.

"Depois que o porto desapareceu no horizonte e até que passaram o cabo Mata-a, a nave navegava perto da costa. Do fondeadero em Bons Portos até o cabo Mata-a há uma distância de umas três ou quatro milhas [5 a 7 km], e como a direção é oeste-noroeste, o vento sul era favorável, pois soprava obliquamente em um ângulo de duas quartas pela popa do casco de navio. portanto, tinham uma boa probabilidade de chegar a seu destino em umas poucas horas. Entretanto, não tinham ido muito longe quando ocorreu um repentino troco no tempo. . .

"A nave foi surpreendida por uma violenta tempestade que soprou com tal força que não puderam lhe fazer frente, e foram obrigados a deixar-se arrastar. Sabemos que os desviou de sua rota, para a ilha da Clauda, 23 milhas [42 km] ao oeste-sudoeste de Giz. portanto, se conhecermos em que lugar estava a nave quando o ventania deu contra ela, podemos nos formar uma estimativa bastante

aproximada da direção do vento que os levou a esse lugar.

"Segundo o relato, não foi muito depois (ou polú) de que tiveram saído de Bons Portos quando a tempestade açoitou a nave. Os gramáticos nos dizem que o término ou polú é uma expressão relativa e significa menos da metade. De aí que a nave deve ter estado em algum lugar entre o cabo Mata-a e um ponto no oceano a 17 milhas [27 km] em direção oeste- noroeste. . .

"O primeiro que deviam fazer era assegurar bem a nave para que suportasse a tormenta. Deviam baixar a grande vela quadrada da arboladura superior e içar as velas caranguejo para tormentas [pequenas velas de popa a proa hasteadas quando se baixa o outro velamen para manter a proa de um navio de cara ao vento em uma tormenta], e além se devia atortorar a nave. O que? Já estavam atortorando o navio? Ah, então se estavam confirmando os sombrios temores de São Pablo! O navio era débil e mostrava sinais de estar suportando uma tremenda pressão, embora possamos nos dar conta de que tinham estado correndo só três horas com o vento. Havia, pois, que reforçar logo a nave. É bem conhecido o fato de que os ventos impetuosos submetem o casco de um navio a uma grande pressão. Por exemplo, Plinio os denomina 'a principal peste da gente do mar, destruidor não só dos mastros mas também do mesmo casco'. portanto, como assombrar-se de que São Pablo tivesse temor de fazer-se à mar na estação invernal, em um navio que sabia que não estava em boas condições? São Lucas nos diz que atortoraron a nave quando tinham navegado só 25 milhas [40 km], uma clara indicação de que o navio estava submetido a uma grande pressão e que estava entrando muita água. Não seria difícil multiplicar os casos em que esta forma de dar mais consistência às naves há sido posta em prática em tempos comparativamente modernos, mas em cada caso fez-se quando o navio era velho e débil, ou como conseqüência de que houvesse sofrido algum dano.

"Desejo destacar aqui o que quase todos os comentadores deixaram que reconhecer, e que entretanto é muito importante, ou seja: que o verdadeiro perigo que ameaçava à nave na qual viajavam São Lucas e São Pablo era o de naufragar no meio do mar devido a que o casco de navio se alagava, e que se providencialmente não tivessem chegado à costa para poder salvar suas vidas ao encalhar a nave na borda, teriam naufragado no mar e todos os que foram a bordo tivessem perecido.

"Nos diz depois que tendo temor de ser impulsionados para a Sirte, 'arriaram as velas' (vers. 17; ver RV). Não é fácil imaginar uma tradução mais errônea que a que se dá em nossa versão autorizada (KJV): 'Tendo temor de dar nas areias movediças, arriaram as velas e ficaram à deriva'. Isso verdadeiramente teria sido fatal. Equivale a dizer que temendo certo perigo se privaram do único meio possível de evitá-lo. Não é arriando o mastro ou as velas como se evitam tais perigos. Arriar as velas e navegar com apenas a arboladura os tivesse levado na direção na qual soprava o vento. Mas, como vimos quando consideramos a direção do vento e o curso que a nave tomou quando passou ante a Clauda, isso tivesse sido ir diretamente em direção da Sirte; precisamente o que São Lucas diz que tanto desejavam evitar. . . De ter feito tal coisa tivessem cansado nesses bancos de areia aproximadamente dentro de um 450 dia, e possivelmente esta história nunca se tivesse escrito, porque a Sirte está ao oeste-sudoeste, quer dizer em a direção que tinham exatamente à frente e a uma distância de umas duzentas milhas [360 km].

"Como agora sabemos que não caíram nos bancos de areia, estamos seguros de que não arriaram as velas e se deixaram levar pelo ventania, mas sim adotaram algum outro plano. Até meus leitores que não sabem nada de náutica haverão

seguido minha lógica aqui. . .

"Para uma nave nas circunstâncias nas quais estava esta, sei que o capitão só podia fazer duas coisas: a primeira, ancorá-la ali onde estava; e a outra, pô-la ao pairo [pôr a nave quieta, mas com as velas tendidas e largas as decota] enjarciando as velas e os arranjos para trocar a direção do deslocamento à deriva da nave, a fim de sair do perigo em vez de dirigir-se diretamente a ele. Pelo relato sabemos que não se adotou o primeiro recurso, e o fato de que a nave evitasse o perigo é prova suficiente, não obstante o atormentador silêncio de São Lucas, de que foi o segundo plano o que se adotou. Ante a proximidade de um perigo, quando uma nave é posta ao pairo [quer dizer, é colocada com as velas e o leme como para enfrentar a tormenta] tem a tendência de avançar devagar, mas em forma constante na direção a qual está apontando os marinhos a denominam ir de proa-; mas seu principal movimento será o lateral. Isto implica que, comparativamente falando, avançará lentamente à deriva e em direção lateral. Quando a nave está sendo posta ao pairo ante algum perigo, o melhor é fazê-la girar, de modo que o vento a afaste do perigo e não a aproxime dele. Neste caso a nave deve ter sido colocada em direção a estribor; quer dizer, seu lado direito deve ter enfrentado o vento. Assim a nave apontaria para o norte afastando-se da costa africana e da Sirte, e qualquer avanço que pudesse fazer enquanto estava posta ao pairo a levaria em direção a Itália, enquanto que, em términos gerais, seu movimento de flanco seria para o poente.

"Quase todos os comentadores têm cansado no engano de acreditar que a expressão 'arriaram as velas' (cap. 27: 17) é a forma em que São Lucas expressa o ajuste das velas naquela ocasião; mas a expressão que São Lucas usou não tem nenhuma referência às velas, como o mostrarei um pouco mais adiante. O só feito de colocar um casco de navio ao pairo em circunstâncias tais era algo tão necessário e que tão usualmente se devia fazer, que São Lucas, com seu acostumado hábito de mencionar só os rasgos mais importantes, omite-o por completo e prossegue relatando os passos posteriores que se deram para que a nave pudesse estar colocada na devida forma e proteger a de ser abatida em o mar, e para aliviar a pressão de seu casco até onde fora possível. O primeiro passo é o que se menciona na versão autorizada (KJV): "arriaram as velas", e na RV, 'baixaram os arranjos'. Esta última tradução é melhor. Dando-se conta de que enquanto a nave permanecesse ao pairo estaria suportando muito impulso do mar, e que o peso da verga maior com a vela enrolada em ela, mais o peso adicional de todas as cordas, os motones [roldanas ou polias], etc., que estavam conectados com a verga, ocasionavam uma tensão muito grande, decidiram que devia baixar-se e ser acomodada sobre a coberta. . .

"Entendemos porque quando São Lucas nos informa que eram assim levados (hóutos eféronto), não se trata só de que a nave estivesse convenientemente rodeada e bem aparelhada, mas sim estava corretamente ao pairo sobre o curso de estribor, que era a única direção na qual poderia evitar cair na Sirte. Com esta notícia conclui o primeiro dia cheio de percalços.

"Ao dia seguinte o ventania seguiu sem amainar e 'começaram a descarregar'. Cada passo dado até aqui indica verdadeiro conhecimento de náutica, e também o feito de descarregar [jogar pela amurada tudo o que se pode atirar de uma nave] era necessário porque todas as obras de náutica recomendam esta medida como uma das coisas que devem fazer-se. O carregamento da coberta devia ser arrojado à água junto com alguns arranjos desnecessários então para o funcionamento da nave. Ao terceiro dia jogaram na água 'os arranjos da nave' (vers. 19), e pela expressão 'com nossas próprias mãos' podemos

deduzir que isto quer dizer 'os arranjos' que tinham sido baixados: a verga maior com velas, os motones, etc., que estavam unidos a ela, o que provavelmente requereu o esforço mistura dos passageiros e da tripulação para lançá-los ao mar. O alívio que isto causaria em uma nave seria igual ao que haveria em um navio de guerra quando 451 arroja seus canhões ao mar, quer dizer, sulcaria as ondas mais rapidamente e faria menos água.

"Segue um penoso intervalo de onze dias; o ventania continua com uma fúria que não amaina, não se podem observar nem o sol nem as estrelas, e ao fim se diz-nos que haviam 'perdido toda esperança' de salvar-se. Mas por que haviam perdido toda esperança? Um casco de navio antigo, sem bússola e sem poder fazer observações na abóbada celeste não tinha forma de saber que rumo levava. Esta era, sem dúvida, uma situação perigosa, mas não necessariamente desesperada-se, porque a nave poderia estar sendo levada a deriva a um lugar seguro. A verdadeira explicação, como já indiquei, é esta: os esforços deles para evitar a entrada de água tinham sido infrutíferos, e não podiam saber que direção deviam seguir para chegar à costa mais próxima a fim de encalhar sua nave nela, que era o único recurso para uma embarcação a ponto de naufragar, pois a menos que chegassem a terra iriam se pique no mar. Em conseqüência, não era tanto a fúria da tempestade a causa de seus temores, a não ser a condição em que estava a nave. . .

"Finalmente na decimacuarta noite de ser levados a deriva através do mar da Adria [Adriático], perto da meia-noite os marinheiros suspeitaram que estavam perto da costa. São Lucas não nos diz quais foram os indícios, mas com toda probabilidade viram as ondas que se rompiam sobre a costa, porque com um forte vento que soprava para terra e como a borda era rochosa, tais escolhos podiam ser visíveis no mar de uma larga distância, até em uma noite sem estrelas.

"Se admitirmos que a baía de São Pablo, em Malte, foi o lugar da verdadeira cena do naufrágio, não temos dificuldade em enumerar quais puderam ser esses indícios. Nenhum navio pode entrar nessa baía do este sem passar a um quarto de milha [400 m] da ponta da Koura, mas antes de chegar a essa ponta, a terra é muito baixa e está muito longe da direção dos navios que vêm do este para poder vê-la em uma noite escura. Quando a nave está dentro dessa distância é impossível não observar as escolhos, porque com ventanias que sopram do nordeste o mar rompe sobre a costa com tal violência que alguém se lembra do verso do Campbell: 'A branca onda espumando até o distante céu'.

"que isto escreve visitou recentemente esse lugar, e ali permaneceu toda a noite. Soprava um euroaquilo [euroclidón], e a branca espuma se elevava pelo ire até quarenta ou cinqüenta pés [12 a 15 m], e na costa o ruído era ensurdecedor. Nenhum navio poderia ter entrado na baía de São Pablo aquela noite escura sem que os marinheiros tivessem visto essas escolhos da costa.

"Durante uma segunda visita, o autor destes parágrafos tomou um bote e entrou em a baía. Ali no mar fez observações e uma série de sondagens, com o resultado de que não ficou a menor duvida de que a ponta da Koura é a terra que estava perto dos náufragos aquela noite memorável.

"Mas poderiam ver os marinheiros as escolhos em uma noite escura estando a um quarto de milha? depois do que eu vi com meus próprios olhos no lugar de os acontecimentos, diria que sim, e que possivelmente durante os momentos de calma em a tormenta também puderam escutar o ruído que causavam.

"Temos algumas evidencia nos registros do almirantado que confirmam meu opinião. Em uma noite escura de 10 de agosto de 1810, a fragata Lively naufragou nesta mesma ponta da Koura. Em seu testemunho baixo juramento durante a corte marcial a que foram submetidos seus oficiais, o delegado da bordo que estava de guarda, o qual deu o alarme de que havia rochas a sotavento, disse que ele não viu terra, a não ser 'as cristas das ondas' sobre as rochas à distância aproximada de um quarto de milha. E eu posso acrescentar que naquele momento soprava só uma brisa qualquer e não um ventania semelhante ao que se tinha desatado quando São Lucas e São Pablo passaram por aquele roteiro. . .

"São Lucas diz que naufragaram em Malte (Melita), e eu mostrei que a nave foi levada a deriva nessa direção.

"O próximo passo é interessante. Quanto se tinha afastado a nave da ilha de Clauda à meia-noite do décimo quarto dia? A resposta a essa pergunta depende da velocidade do movimento à deriva e do tempo transcorrido. Desde que vim a Malte entrevistei a muitos capitães que navegaram por o Mediterrâneo durante muitos anos, e durante a guerra estiveram navegando em forma regular entre Malte e Giz, quanto a qual pôde ter sido a velocidade 452 por hora de um navio como o que tinha levado a São Pablo à deriva. O consenso geral de opinião foi que a velocidade seria de uma a dois milhas por hora, provavelmente uma milha e meia ou seja 36 milhas em 24 horas [58 km].

"Ocuparei-me agora do tempo transcorrido. São Lucas conta o tempo do dia que a nave deixou Bons Portos. No vers. 19 ouvimos falar do terceiro dia, o dia que o precede se denomina o 'seguinte dia', o qual nos leva a 'primeiro' dia, tanto para a tempestade como para a viagem. Parece como se os acontecimentos aqui descritos no primeiro dia devem ter ocupado uma considerável parte dele. portanto, o tempo empregado em navegar através do mar da Adria do momento que deixaram a ilha da Clauda até que se deram conta da cercania da terra, na meia-noite do décimo quarto dia, dá um total de 13 dias completos e uma fração de dia. Tomando a velocidade calculada do movimento à deriva da nave como de 36 milhas por dia, e sendo o tempo transcorrido 13 l/4 dias, tudo o que temos que fazer é multiplicar 36 por 13 l/4 para encontrar a distância calculada que é de 477 milhas (768 km) e o roteiro como Norte 82 Oeste.

"Como se compara isto com o verdadeiro curso e a verdadeira distância entre a ilha da Clauda e a entrada à baía de São Pablo em Malte, como o determinaria um navegante de hoje em dia? Tomando uma recente carta de navegação do almirantado, correspondente ao Mediterrâneo, encontramos que a direção de um ponto a sotavento da Clauda até a baía de São Pablo em Malte, é Norte 82, 17 Oeste, e a distância é 476.6 milhas. daqui que, de acordo com estes cálculos, um navio que começasse a navegar tarde de noite desde Clauda, até a meia-noite do décimo quarto dia estaria em algum lugar entre um quarto de milha e uma milha de distância da entrada da baía de São Pablo em Malte. Admito que uma coincidência tão exata como esta pode ser até certo ponto casual; mas é uma casualidade que não poderia ter acontecido se tivesse havido alguma inexatidão do autor do relato em relação às numerosas circunstâncias das quais dependem estes cálculos, ou se a nave tivesse naufragado em qualquer outro sítio e não em Malte, porque não existe outro lugar que concorde, já seja em nome ou na descrição, dentro dos limites aos quais devemos nos rodear pelos cálculos que correspondem com o relato.

"A nave se aproxima agora à terminação de sua desastrosa viagem. Ainda não se divisa terra, mas para os vigilantes sentidos dos "marinheiros", o som

ou a aparição de escolhos lhes diz que a costa está próxima, ou no linguagem náutica de São Lucas, que 'estavam perto de terra'. Tais indícios eram os precursores comuns da destruição. Aqui se exige um desdobramento de presença de ânimo, presteza e habilidade náutica, que não poderiam ser superados hoje em dia, e por isso, com o amparo da Providência, salvaram-se as vistas de todos os que estavam a bordo. A esperança que tinham perdido foi recuperada. Já podiam jogar mão do último recurso de uma nave que se afunda: fazê-la encalhar. Mas tentar isso antes de que amanhecesse tivesse sido precipitar-se a uma destruição segura. De ser possível deviam tratar de ancorar a nave e mantê-la até o amanhecer, quando possivelmente poderiam descobrir alguma enseada na qual pudessem encalhar a nave. . .

"Quando amanheceu não reconheceram o lugar, mas ao ver uma enseada decidiram, se era possível, encalhar a embarcação nela. Cortaram os cabos, abandonaram as âncoras no mar, e soltando as amarração dos lemes e levantando o artémón (te trinque), prepararam-se para encalhar a nave. Escolheram um lugar onde se encontravam 'duas águas' e enfiaram a embarcação de proa para

encalhá-la, o que explica que a ancoraram pela popa, pois assim se manteve a nave na posição devida para a estar parado. . .

"Uma vez que todos desembarcaram sem novidade, só fica por ver se o lugar corresponde com a descrição que São Lucas faz dele. O primeiro detalhe que menciona-se é que a meia-noite os marinheiros suspeitaram a proximidade de terra, evidentemente sem havê-la visto. Agora bem, qualquer nave que viesse nessa mesma direção ao entrar na baía de São Pablo passaria a um quarto de milha de uma ponta rochosa que se destaca e forma sua entrada oriental, na qual a essa distância podem ver-se as escolhos, assim como foram vistas pelo delegado do Lively, embora não podia ver terra.

"Temendo estelar se nas rochas que nesse momento estavam próximas a sotavento, ancoraram pela popa e esperaram a que amanhecesse. Nisto, como em as outras ocasiões, 453 manifestaram perícia náutica e sábia previsão, porque quando amanheceu tudo o que tinham que fazer era içar o te trinque, cortar os cabos das âncoras, e o navio estava em condições de ser dirigido à praia facilmente. O lugar onde as duas águas ou correntes se encontravam foi sem dúvida a abertura entre a ilha Salmoneta e a costa; e até o dia de hoje juntam-se ali as duas águas.

"O segundo detalhe mencionado por São Lucas é a profundidade da água no momento quando lhes pareceu que estavam perto de alguma costa. Jogaram a sonda e encontraram 20 braças, e um pouco mais tarde jogaram de novo a sonda e acharam 15 braças. que isto escreve descobriu que havia 20 braças frente a a ponta da Koura, no lugar onde se supôs que esteve a nave, e 15 braças na rota que seguiu, a um quarto de milha da costa no lugar onde eles ancoraram a nave pela popa. . .

"Em nossa investigação vimos que cada declaração referente aos movimentos desta nave do momento quando saiu de Bons Portos até que se encalhou em Malte, como o narra São Lucas, foi verificada mediante evidências externas e independentes com um grau de muita exatidão e satisfatoriamente; que as declarações de São Lucas quanto ao tempo que a nave permaneceu no mar correspondem com a distância percorrida, e, finalmente, que sua descrição do lugar ao qual chegaram concorda com o lugar tal como é. Tudo isto prova que São Lucas fez realmente a viagem como descreve-o, e mais ainda: demonstrou ser um homem cujas observações e declarações podem tomar-se como extremamente fidedignas e precisas. O capítulo

27 do livro dos Fatos é uma singela contagem de realidades. Pelo tanto, concluo com o Bres: `O não há certeza moral nos fatos históricos, ou deve admitir-se que São Pablo naufragou em Malte"'.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-44 HAp 351-356

1-2 HAp 351

3-9 HAp 351

10-17 HAp 352

18-20 HAp 353

21-30 HAp 354

22-24 CN 41; Ed 250

22-26 MeM 344

31-41 HAp 354

34 CN 41; Ed 250

43-44 HAp 355

44 CN 41; Ed 250

1 Os nativos de Malte recebem bondosamente aos náufragos. 5 Uma víbora remói ao Pablo, mas não lhe causa dano. 8 Este sã a muitos doentes na ilha. 11 Continuam sua viagem a Roma. 17 Pablo declara aos judeus a causa de sua viagem a Roma. 24 Prega; alguns acreditam; outros, não. 30 Permanece ali pregando durante dois anos.

1 ESTANDO já a salvo, soubemos que a ilha se chamava Malte.

2 E os naturais nos trataram com não pouca humanidade; porque acendendo um fogo, receberam a todos, por causa da chuva que caía, e do frio.

3 Então, tendo recolhido Pablo algumas ramos seca, jogou-as ao fogo; e uma víbora, fugindo do calor, lhe prendeu na mão.

4 Quando os naturais viram a víbora pendurando de sua mão, diziam-se uns a outros: Certamente este homem é homicida, a quem, escapado do mar, a justiça não deixa viver.

5 Mas ele, sacudindo a víbora no fogo, nenhum dano padeceu.

6 Eles estavam esperando que ele se inchasse, ou caísse morto de repente; mas tendo esperado muito, e vendo que nenhum mal lhe vinha, trocaram de parecer e disseram que era um deus. 454

7 Naqueles lugares havia propriedades do homem principal da ilha, chamado Publio, quem nos recebeu e hospedou solícitamente três dias.

8 E aconteceu que o pai do Publio estava em cama, doente de febre e de

disenteria; e entrou Pablo a lhe ver, e depois de ter orado, impô-lhe as mãos, e lhe sanou.

9 Isto fato, também os outros que na ilha tinham enfermidades, vinham, e eram sanados;

10 os quais também nos honraram com muitas cuidados; e quando zarpamos, carregaram-nos das coisas necessárias.

11 Passados três meses, fizemo-nos à vela em uma nave alexandrina que havia hibernado na ilha, a qual tinha por ensina ao Cástor e Pólux.

12 E chegados a Siracusa, estivemos ali três dias.

13 dali, costeando ao redor, chegamos a Régio; e outro dia depois, soprando o vento sul, chegamos ao segundo dia ao Puteoli

14 onde tendo achado irmãos, rogaram-nos que ficássemos com eles sete dias; e logo fomos a Roma,

15 de onde, ouvindo de nós os irmãos, saíram a nos receber até o Foro de Aipo e os Três Botequins; e ao vê-los, Pablo deu graças a Deus e cobrou fôlego.

16 Quando chegamos a Roma, o centurião entregou os detentos ao prefeito militar, mas ao Pablo lhe permitiu viver à parte, com um soldado que o custodiasse.

17 Aconteceu que três dias depois, Pablo convocou aos principais dos judeus, aos quais, logo que estiveram reunidos, disse-lhes: Eu, varões irmãos, não tendo feito nada contra o povo, nem contra os costumes de nossos pais, fui entregue detento de Jerusalém em mãos dos romanos;

18 os quais, me havendo examinado, queriam-me soltar, por não haver em mim nenhuma causa de morte.

19 Mas opondo-os judeus, vi-me obrigado a apelar ao César; não porque tenha do que acusar a minha nação.

20 Assim por esta causa lhes chamei para lhes ver e lhes falar; porque pela esperança do Israel estou sujeito com esta cadeia.

21 Então eles lhe disseram: Nós nem recebemos que a Judea cartas a respeito de ti, nem veio algum dos irmãos que tenha denunciado ou falado algum mal de ti.

22 Mas quereríamos ouvir de ti o que pensa; porque desta seita nos é notório que em todas partes se fala contra ela.

23 E lhe havendo famoso um dia, vieram a ele muitos à estalagem, aos quais lhes declarava e lhes atestava o reino de Deus da manhã até a tarde, lhes persuadindo a respeito do Jesus, tanto pela lei do Moisés como por os profetas.

24 E alguns assentiam ao que se dizia, mas outros não acreditavam,

25 E como não estivessem de acordo entre si, ao retirar-se, disse-lhes esta Pablo

palavra: Bem falou o Espírito Santo por meio do profeta Isaías a nossos pais, dizendo:

26 Vá a este povo, e lhes diga: De ouvido ouvirá, e não entenderão; E vendo verão, e não perceberão;

27 Porque o coração deste povo se engrossou, E com os ouvidos ouviram pesadamente, E seus olhos fecharam para que não vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e entendam de coração, e se convertam, e eu os sane.

28 Saibam, pois, que aos gentis é enviada esta salvação de Deus; e eles ouvirão.

29 E quando houve dito isto, os judeus se foram, tendo grande discussão entre si.

30 E Pablo permaneceu dois anos inteiros em uma casa alugada, e recebia a todos os que a ele vinham,

31 pregando o reino de Deus e ensinando sobre o Senhor Jesus Cristo, abertamente e sem impedimento.

1.

Malte.

Malte é uma pequena ilha ao sul da Sicilia. Alguns sugeriram que o naufrágio ocorreu na ilha da Meleda, no Adriático, perto da costa yugoslavia (Síria). Sustentam que a menção do Adriático (cap. 27: 27) indica que a nave tinha saído do Mediterrâneo e estava no que hoje se conhece como o mar Adriático. Também fazem notar que os habitantes da Meleda nesse tempo não eram nem romanos nem gregos, e por isso eram "bárbaros" (cf. cap. 28: 2), e que hoje não existem víboras em Malte. Possivelmente seja suficiente 455 observar que esta explicação é extremamente improvável e não é tomada em conta por nenhum erudito da atualidade. Ver com. cap. 27: 27;

2.

E os naturais.

Literalmente "bárbaros". Palavra de origem onomatopéica, aplicado a povos cuja língua aos ouvidos dos gregos e dos romanos soava como um incompreensível balbuceio (ver com. ROM. 1: 14). Os naturais de Malte podem ter sido descendentes de fenícios, ou como resultado de sua relação com eles, possivelmente falavam um dialeto do idioma fenício, que a sua vez estava relacionado com o hebreu. Desde a segunda guerra púnica (218-201 A. C.) Malte foi governada pelos romanos (ver T. V, P. 29; Livio, Anais xXI. 51), quando estes arrebataram a ilha aos cartagineses.

Não pouca.

Ou bondade "não comum" ou "ordinária". Cf. cap. 19: 11 onde a mesma expressão grega se traduz como "extraordinários".

Receberam-nos.

Osea, deram-nos a bem-vinda. Evidentemente o tempo continuou chuvoso e com vento.

3.

Tendo recolhido Pablo.

Pablo procurou outra vez ajudar a seus companheiros.

Ramos seca.

Talvez ramos ou também madeiras jogadas na praia pela água.

Víbora.

argumenta-se que agora não há víboras em Malte, mas isto não prova que não existissem nos dias do Pablo. Há anos, para citar um só exemplo, as serpentes foram eliminadas das ilhas do Hawai.

Fugindo do calor.

A serpente, intumescida pelo frio e possivelmente já hibernando nesse momento, entrou em atividade e se deu conta do perigo.

4.

Víbora.

Literalmente "besta", "animal" (BJ).

Pendurando de sua mão

a víbora não só mordeu a mão do Pablo, mas também permanecia pendurada de ela.

Justiça.

Gr. díü, "justiça", "castigo". Para os malteses Pablo era um malfeitor a quem os deuses agora castigavam mediante a mortal agressão da víbora.

5.

Sacudindo.

Pablo permaneceu sereno e tranqüilo em presença deste novo perigo. Acaso não lhe tinha prometido Deus que compareceria ante o César?

Nenhum dano.

Não sofreu nem física, nem psiquicamente. Cf. Mar. 16: 18; Luc. 10: 19.

6.

Estavam esperando.

Os ilhéus esperavam o momento em que o corpo envenenado do Pablo começasse a inchar-se; mas nada aconteceu.

Era um deus.

Ver com. cap. 14: 11.

7.

Naqueles lugares.

Nas proximidades.

Homem principal.

Gr. prútos, "primeiro". Confirma-se este título em uma inscrição que se refere ao governador romano da ilha, embora o título em si parece não ser de origem romana.

Publio.

Nome completamente romano.

Recebeu-nos.

Este personagem provavelmente recebeu ao centurião em consideração a sua fila, e com ele ao Pablo.

Hospedou solícitamente três dias

A hospitalidade do "principal" continuou até que puderam fazer-se acertos mais permanentes.

8.

E aconteceu.

Quer dizer, possivelmente posteriormente durante o inverno.

Orado.

Ver com. Sant. 5: 14-15. Entretanto, isto parece ser uma manifestação do dom de sanidades (1 Cor. 12: 9).

Sanou-lhe.

Na Listra (Hech. 14: 8-10), no Filipos (cap. 16: 18), no Efeso (cap. 19: 11-12) e no Troas (cap. 20: 9-10), manifestou-se no Pablo o mesmo poder do Espírito.

9.

Os outros.

Quer dizer, outros ilhéus.

10.

Muitas cuidados.

Não como honorários mas sim como presentes; talvez dinheiro, alimento e vestidos apropriados para as necessidades de quem tinha perdido toda sua bagagem.

Zarpamos.

Gr. anágó, que aqui significa "embarcar-se" (cf. cap. 27: 12).

Carregaram-nos.

"Supriram-nos". Possivelmente Publio deu começo a esse ato de generosidade, e outros seguiram seu exemplo.

11.

Passados três meses.

Quer dizer, depois de que a estação de tormentas teve acontecido e era seguro reatar a viagem.

Nave alexandrina.

Provavelmente outro navio cerealero egípcio (ver com. cap. 27: 6, 38).

Hibernado na ilha.

Talvez no porto de La Valetta, a 13 km ao sudeste da baía de São Pablo.

Insígnia.

Provavelmente uma referência ao mascarón de proa da nave, debaixo do mastro de proa.

Cástor e Pólux.

Gr. diskouroi, literalmente os "gêmeos", os filhos legendários do Júpiter, nascidos da Leda. Seus nomes latinos eram Cástor e Pólux, que foram chamados os Gêmeos. 456

12.

Chegados.

O navio navegou para o norte, rumo à Sicilia, sendo seu próximo porto a antiga cidade grega da Siracusa.

Siracusa.

A cidade principal da Sicilia situada na costa sudeste da ilha. Havia sido uma colônia grega e o cenário do maior desastre naval ateniense durante a guerra do Peloponeso. Provavelmente passaram os três dias esperando ventos favoráveis.

13.

Costeando ao redor.

Gr. perikijomai "ir ao redor", "fazer um circuito", que talvez signifique aqui uma manobra de viraje para avançar contra ventos desfavoráveis.

Régio.

Hoje Reggio, na ponta meridional da Itália, no estreito da Mesina. Uma vez o imperador Claudio fez planos de construir aqui instalações portuárias para a descarga dos navios cerealeros egípcios, mas o projeto nunca se concretizou.

Vento sul.

A ocasião era propícia para navegar diretamente ao norte em vez de ir ziguezagueando para enfrentar o vento, como tinha sido necessário fazê-lo entre Siracusa e Régio.

Puteoli.

Hoje Pozzuoli, perto de Nápoles, na Itália. Embora estava a 225 km ao sul da capital, nesse então era um porto importante para Roma, especialmente para os navios trigueros do Egito. Mais tarde foi substituído pela Ostia, na desembocadura do Tíber (cf. P. 82).

14.

Tendo achado irmãos.

É animador saber que só 30 anos depois da crucificação já havia um grupo de crentes cristãos na longínqua Puteoli, porto importante da cidade de Roma. Ali havia uma grande coletividade judia, e é provável que por o menos alguns destes cristãos fossem conversos do judaísmo. Como não dispomos de informação específica, podemos razoavelmente supor que esta igreja, como a de Roma, surgiu como resultado dos trabalhos dos judeus italianos convertidos, possivelmente em alguma peregrinação a Jerusalém ou graças à trabalho de algum missionário desconhecido.

Rogaram-nos.

Isto é, urgiram-nos. Pablo ficou com a igreja do Puteoli uma semana e, por o tanto, passou ali pelo menos um sábado.

Fomos a Roma.

Melhor "chegamos a Roma".

15.

Ouvindo de nós.

A semana de descanso no Puteoli tinha dado tempo para que a notícia da chegada do Pablo se difundisse entre os crentes de Roma. A metrópole estava em constante comunicação com o Puteoli, seu porto de mar. A chegada dos navios sem dúvida se informava rapidamente, assim como a carga e os passageiros que traziam.

Saíram a nos receber.

Segundo ROM. 16: 3-15, entre os crentes de Roma Pablo tinha parentes e amigos. Sem dúvida alguns cujos nomes aparecem registrados na epístola estavam pressentem para saudar o Pablo a sua chegada.

Foro de Aipo.

"A praça do mercado de Aipo". Da família deste nome recebeu o seu a famosa Via Apeia, que vai de Roma até Brinde.

A palavra latina fórum, "praça pública", "mercado público", refere-se também a uma cidade. Tanto o nome da cidade como o da estrada provavelmente se referem a Aipo Claudio, o notável censor romano. O Foro de Aipo estava à beira da Via Apeia, a 65 km ao sul de Roma. Horacio se refere com desprezo ao lugar dizendo que abundavam ali os taberneiros de má reputação e era freqüentado por marinheiros (Sátiras I. 5. 34). Aqui esperava ao Pablo uma delegação de Roma.

Três Botequins.

No latim botequim não significa só uma cantina, mas também se aplica a qualquer loja ou negócio. Não é muito segura a localização desta vila, mas diz-se que estava aproximadamente a 50 km ao sul de Roma. Outro grupo de cristãos se encontrou aqui com o Pablo. Possivelmente estes saíram de Roma depois de os que se encontraram com ele no Foro de Aipo. Cicerón menciona este pueblecito (Cartas a Apartamento de cobertura iI. 10).

Deu graças a Deus.

A gratidão do Pablo por ter feita sua viagem a salva, pode ser apreciada facilmente por todos quão cristãos passaram por angustiosas vicissitudes.

Cobrou fôlego.

Durante anos Pablo tinha desejado visitar Roma e pregar ali o Evangelho (ROM. 1: 11-13). Deve ter refletido no grande contraste entre esse desejo e as realidades que rodearam sua chegada. Mas além deste contraste, Pablo encontrou razões para cobrar fôlego assim para experimentar uma nova segurança da condução de Deus. Pablo sabia encontrar razões que lhe dessem uma grande esperança em meio das circunstâncias aparentemente mais desanimadoras (ver 2 Cor. 4: 7-10; HAp 358-359). O cristianismo do Pablo fazia dele um decidido e permanente otimista. 457

16.

Chegamos a Roma.

O leitor do último capítulo do livro dos Fatos desejaria intensamente que registrou-se um relato mais completo dos episódios da vida de Pablo em Roma. Talvez Loucas tinha o propósito de acrescentar alguns detalhes adicionais, ou começar outro livro a partir da chegada do Pablo a Roma.

O centurião entregou.

A evidência textual (cf. P. 10) favorece a omissão da cláusula que começa com estas palavras; entretanto, o fato expresso certamente é verdadeiro.

Prefeito militar.

Provavelmente o praefectus praetorii, chefe do guarda imperial ou pretoriana. Esse militar tinha o dever de tomar sob sua custódia a todos os que eram gastos das províncias para comparecer ante o imperador (ver Plinio, Cartas X. 57). Nesse tempo o prefeito militar era Burro, homem de

boa reputação. No ano 62 d. C., enquanto Pablo sem dúvida estava ainda preso, o cargo de Burro foi ocupado pelo Tigelino, um infame favorito do Nerón.

Viver à parte.

A consideração demonstrada ao alojar ao Pablo, sem dúvida se deveu em parte para centurião Julho, quem possivelmente ainda tinha ao Pablo sob seu cargo quando chegou o apóstolo a Roma. Julho tinha dependido muito do Pablo para o êxito do desembarque de emergência em Malte, e isto, mais outras evidência de seu elevado caráter, sua notável sabedoria e seu poder espiritual, tinham-lhe granjeado o favor e a gratidão do centurião. Tudo isto se incluiu sem dúvida no relatório correspondente ao Pablo, junto com a declaração de seu caso redigida por Festo.

Custodiasse.

O soldado estava provavelmente encadeado ao Pablo (cf. vers. 20), e os extremos da cadeia atavam as bonecas do soldado e do apóstolo. Pablo faz freqüentes alusões a esta cadeia nas epístolas que escreveu durante seu encarceramento em Roma: F. 6: 20; Fil. 1: 7, 13-14, 16; Couve. 4: 3, 18; cf. Hech. 28: 20. Qual deveu ser a impressão causada sobre um soldado pagão ao estar encadeado hora detrás hora com o apóstolo? Qual seria a impressão sobre um pagão que estivesse encadeado assim a nós? Como o guarda se trocava com freqüência, qualquer impressão produzida pela vida do Pablo durante os dois anos de seu encarceramento deve haver-se divulgado ampliamente entre todo o corpo de soldados (ver com. Fil. 1: 13).

17.

Três dias depois.

Sem dúvida primeiro Pablo renovou as velhas amizades com cristãos com quem encontrou-se em outras partes, e ganhou novos amigos entre a irmandade de os crentes de Roma Depois, teve o desejo de que o visitassem os judeus romanos não cristãos.

Principais dos judeus.

A regra do Pablo sempre tinha sido: "ao judeu primeiro" (ROM. 1: 16; 2: 9; cf. Hech. 13: 5, 14, 46; 14: 1; 17: 1-2, 10; 18: 4, etc.). Nesta ocasião convidou aos anciões dos judeus para que escutassem um relato de primeira fonte de por que ele estava em Roma. Aparentemente o decreto do Claudio para desterrar a todos os judeus de Roma (cap. 18: 2) tinha sido derrogado, ou por alguma outra causa tinha chegado a ficar sem efeito.

Varões irmãos.

Ver com. cap. 1: 16.

Feito nada.

Pablo repetiu a defesa de sua inocência que já tinha apresentado n Jerusalém e Cesarea (cap. 23: 1; 24: 12-13; 25: 8, 11; 26: 4-7).

Contra o povo.

As dificuldades que Pablo encontrou geralmente foram causadas pelos mesmos judeus, como na Antioquía da Pisidia (cap. 13: 50), na Listra (cap. 14: 19), em

Tesalónica (cap. 17: 5-8), na Berea (cap. 17: 13-14) e em Corinto (cap. 18: 12-17).

Costumes de nossos pais.

Pablo acreditava com toda sinceridade que o que ele ensinava como o Evangelho de Jesucristo era uma correta interpretação das verdades do judaísmo (ver com. cap. 23: 1, 6; 24: 14-16; 26: 5-7). Compare-se com as acusações contra Esteban (cap. 6: 13-14).

fui entregue preso.

Sem dar os detalhes de tudo o que tinha acontecido a partir do tumulto de Jerusalém (cap. 21: 27-36), Pablo destacou o humilhante e desalentador resultado. Por algo mais de dois anos tinha estado detento em poder dos romanos, e além disso encadeado. Os judeus tinham causado sua detenção e suas contínuas atuações o mantinham na prisão.

18.

Queriam-me soltar.

Ou "me pôr em liberdade". Cf. cap. 25: 25 e 26: 32. Se Félix, como o esperava, tivesse recebido um suborno, sem dúvida esse corrupto governante tivesse deixado a Pablo em liberdade (cap. 24: 26). Todos os funcionários ante quem Pablo tinha comparecido, e sem dúvida também os tribunos do guarda, estavam convencidos de sua inocência.

19.

Tenha do que acusar.

Pablo amava ao

Pablo EM Roma

459 povo judeu (ver ROM. 9: 1-3; 10: 1), e o afeto que sentia pelos seus não tinha diminuído por ter sofrido à mãos deles. Apesar das injustiças que tinha experiente, não os censurou nem levantou nunca acusação alguma contra seu povo. Tinha apelado ao César não com o propósito de causar dificuldades para os judeus de Roma ou de outras partes, a não ser unicamente porque não lhe tinha ficado outro recurso.

20.

Chamei-lhes.

Não podia ir ver os judeus em suas sinagogas ou em privado, mas segundo seu costume procurou estabelecer primeiro uma base de entendimento com eles. Por o tanto, convidou-os a que o visitassem (ver com. vers. 17).

A esperança do Israel.

Quer dizer, a esperança do Mesías. Pablo acreditava que Jesus era o cumprimento pleno desta esperança. Sua fé era a fé que albergavam todos os judeus. O único e grande problema era o da aplicação dessa o ao Jesus do Nazaret.

Sujeito com esta cadeia.

Em realidade, sua firme crença no judaísmo lhe tinha ocasionado sua detenção. Antes que renunciar à esperança do Israel sofreria cadeias e morte.

21.

Nem recebemos que a Judea cartas.

Isto não era estranho. Nenhum navio que tivesse saído da Cesarea depois de que Pablo apelou ao César, tivesse tido a possibilidade de chegar a Roma antes que Pablo. Por isso não tinham prejuízos contra ele. Lucas não dá a entender em nenhuma forma que tivessem chegado cartas de Jerusalém contra Pablo durante os dois anos (vers. 30) que esteve em Roma, nem que os dirigentes judeus pudessem ter tomado outras possíveis medidas contra Pablo (cf. HAp 361-362).

22.

Quereríamos ouvir.

Esta manifestação de imparcialidade possivelmente era completamente sincera. Sem dúvida os judeus de Roma tinham ouvido um pouco a respeito do Pablo e de sua mensagem, e desejavam ouvir mais.

Esta seita.

Ver com. cap. 8: 17; 24: 5, 14.

É-nos notório.

Já havia uns poucos cristãos em Roma (ver com. vers. 15) e sem dúvida por meio deles os dirigentes judeus conheciam algo do cristianismo. Evidentemente também havia informe, ou ao menos rumores da Judea, gastos pelos peregrinos que retornavam dali.

Fala contra ela.

Entre os judeus devem ter circulado muitos relatórios desfavoráveis a respeito de os cristãos. Tácito escreveu em forma extremamente desdenhosa da nova seita (Anais xV. 44), e Suetonio (Nerón xVI. 2) é igualmente condenatório. Justino mártir (morreu C. 165 d. C.) fala das calúnias contra os cristãos, evidentemente de origem judia (Diálogo contra Trifón 17). Estes judeus de Roma possivelmente não só tinham ouvido de vários episódios nos quais tinham estado implicados os cristãos, mas também conheciam rumores muito desfavoráveis em quanto a eles; mas também sabiam do surpreendente crescimento do número de os seguidores do Jesus. Mas pelo menos até esse momento estes judeus de Roma não tinham ouvido nada que os indispor completamente com os cristãos, e estavam desejosos de escutar mais.

23.

Muitos.

Literalmente "mais".

A estalagem.

Ver com. vers. 16, cf. vers. 30.

Declarava.

Embora encadeado, Pablo ainda podia pregar o Evangelho a seus ouvintes judeus. Esta deve ter sido uma exposição teológico bem estruturado, comparável com a que tinha apresentado Esteban (cap. 7: 2-53) e com o sermão do mesmo Pablo na Antioquía da Pisidia (cap. 13: 14-41).

Atestava.

O apóstolo deu testemunho da esperança messiânica já feita carne no Jesus, e da segurança do advento de Cristo.

Reino de Deus.

Ver com. Mat. 3: 2; 4: 17; 5: 2; Luc. 4: 19; Hech. 8: 12.

Amanhã até a tarde.

É evidente que alguns judeus estavam resistindo firmemente ao Evangelho, e outros estavam famintos por saber mais da Palavra de verdade. De modo que por diversas razões os judeus permaneceram todo o dia.

Moisés.

Ver com. Luc. 24: 27, 44.

24.

Alguns assentiam.

Esta era a resposta usual ante a predicación do Pablo (cap. 14: 4; 17: 4; 19: 9). Isto é verdadeiramente o que acontece no caso de cada evangelista cristão. Reconhecendo que todo homem tem livre-arbítrio, o evangelista deve agradecer a Deus por aqueles que acreditaram e nunca deve desanimar-se por o fato de que "outros" não criam.

25.

Não estivessem de acordo.

Possivelmente alguns estavam de parte dos saduceos e outros dos fariseus (cf. cap. 23: 6-10).

Nossos pais.

A evidência textual (cf. P. 10) favorece o texto: "seus pais". Sem dúvida os incrédulos judeus afirmavam seu apego aos "pais". Neste caso Pablo os precatória a que reconheçam que esses mesmos "pais" censuraram a incredulidade que 460 eles manifestavam agora (ver com. Luc. 16: 31; Juan 8: 39, 56).

Dizendo.

Pablo cita a ISA. 6: 9, passagem que Jesus mesmo tinha usado contra os judeus (Mat. 13: 14; Mar. 4: 12; Luc. 8: 10; Juan 12: 40).

26.

Ouvirão.

Esta passagem do AT se considera em com. ISA. 6: 9-10; cf. Mat. 7: 21-27.

27.

E se convertam.

Literalmente "dêem-se volta" (ver com. Mat. 3: 2; Hech. 2: 38; 3: 19-20).

28.

Salvação de Deus.

Quer dizer, tal como tinha sido revelada por meio do Jesucristo (ver com. Mat. 1: 21).

Eles ouvirão.

Pablo se dirigia em particular a aqueles judeus que se negavam a escutar (ver com. vers. 24-26). De modo que quando os judeus o rechaçaram, Pablo se voltou aos gentis.

29.

E quando houve.

A evidência textual (cf. P. 10) favorece a omissão do vers. 29. Entretanto, o fato expresso é incontestável.

30.

Dois anos inteiros.

Parece que Lucas não foi instruído pelo Espírito nem movido por sua própria iniciativa para consignar os sucessos desses dois anos. Possivelmente se propunha escrever um terceiro tomo como suplemento do Lucas e Feitos. Nossa única informação quanto a esses dois anos é a que dão as quatro epístolas chamadas "da prisão", e que em geral se pensa que foram escritas em Roma durante esse período: Efesios, Filipenses, Colosenses e Filemón. Sabemos que Pablo sentiu o peso do encarceramento, tanto em forma psíquica como física (F. 3: 1; 4: 1; Fil. 1: 16; Couve. 4: 18; File. 1, 9-10). Preocupava-se pelo resultado do julgamento do que estava submetido (Fil. 2: 23-24). Sabemos que Lucas e Aristarco (Hech. 27: 2) estavam com ele, assim como Tíquico (F. 6: 21), quem levou a Epístola aos Efesios, e Timoteo cujo nome aparece junto ao do apóstolo nas cartas aos irmãos do Filipos (Fil. 1: 1), aos de Colosas (Couve. 1: 1) e ao Filemón, o converso proprietário de escravos (File. 1). Epafrodito trouxe ajuda material para o Pablo desde o Filipos (Fil. 4: 18). Onésimo, que tinha fugido de seu amo Filemón, esteve com o Pablo enquanto se achava em Roma (Couve. 4: 9; File. 10). Marcos, o parente do Bernabé, um converso de nome Jesus, chamado o justo, e Epafras do Colosas, também estavam com o Pablo (Couve. 4: 10-12). Também se encontrava ali Demas (Couve. 4: 14; cf. 2 Tim. 4: 10). Embora estava preso, o testemunho que Pablo dava do Evangelho foi tão efetivo durante esses anos, que provavelmente para o fim de seu encarceramento pôde declarar que "as coisas que me aconteceram, hão redundado mas bem para o progresso do evangelho" (Fil. 1: 12).

Uma casa alugada.

A ajuda monetária deve ter provindo dos amigos de Roma e de outras partes, possivelmente especialmente do Filipos (Fil. 4: 18), porque Pablo já não podia trabalhar com suas mãos para ajudar seus gastos pessoais.

Todos os que a ele vinham.

Pablo gozava de liberdade de comunicação.

31.

O reino de Deus.

Do começo, a mensagem cristã tinha sido concernente ao "reino" (Mat. 3: 2; Mar 1: 14).

Sobre o Senhor Jesus Cristo.

Este era o centro e a circunferência de toda conversação do Pablo.

Abertamente.

Literalmente "com toda liberdade", "com toda valentia".

Sem impedimento.

Nem o imperador, nem o tribuno, nem os soldados, nem os judeus impediram que Pablo proclamasse o Evangelho. O evangelista estava pacote, mas não a mensagem evangélico.

Assim conclui a história bíblica da igreja apostólica. Se Lucas escreveu um relato posterior, este não existe hoje. A respeito dos anos que seguiram à liberação do Pablo e quanto a seu segundo encarceramento e morte, só temos indícios nas chamadas epístolas pastorais: 1 Timoteo, 2 Timoteo e Tito, e na tradição cristã primitiva. Ver também pp. 104-105, 110.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-31 HAp 356-362

2-3 HAp 356

2-5 MeM 344

4-10 HAp 356

11-14 HAp 357

15 HAp 357-358

16 HAp 387

16-20 HAp 359

22-23 HAp 360

30-31 CS 220; HAp 362 461

EPISTOLA DO Pablo Aos ROMANOS